

XX

XX

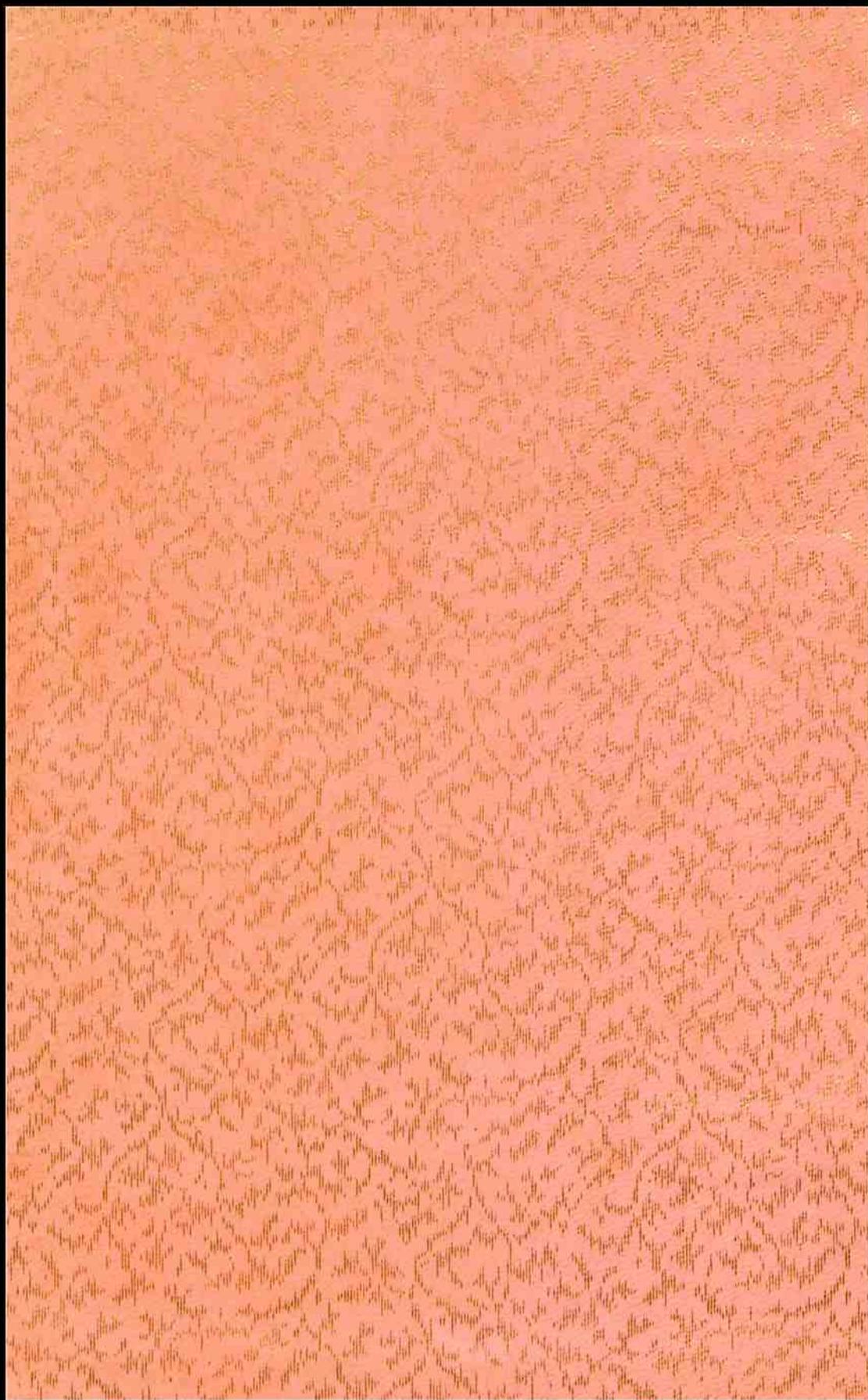
XX

XX

EÇA DE QUEIRÓS • REVISTA DE PORTUGAL

XX

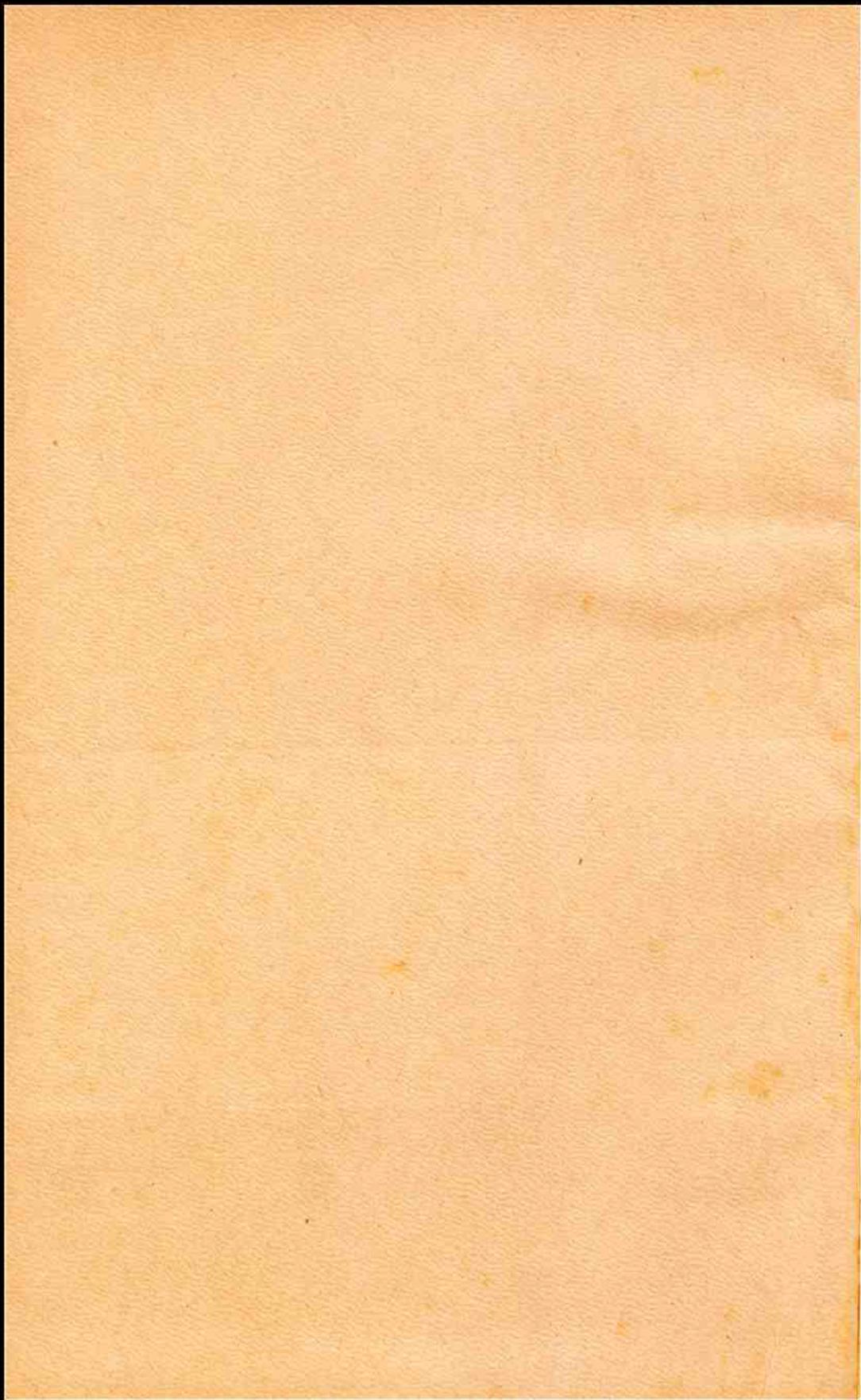






1501021963





REVISTA
DE
PORTUGAL *LW445*
—
VOLUME IV

Exemplar com a variante de reimpressão
de diversas páginas.



Porto—Typographia de A. J. da Silva Teixeira
Cancellia Velha, 70



REVISTA
DE
PORTUGAL

—
EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR
—

VOLUME IV



PORTO
EDITORES, LUGAN & GENELIOUX
Successores do Ernesto Chardron

1892

Todos os direitos reservados

21963 X X
e



N.º CLASS. OR. 869. 3
6.41V
1.4
TOMBO 21963 •



ANTHERO DE QUENTAL

As nossas primeiras palavras serão, hoje, para a memoria imperecível e saudosissima do Mestre.

Coube á REVISTA — e commoivamente o relembramos! — a alta e ao mesmo tempo dolorosissima gloria de recolher em suas paginas os derradeiros lampejos d'aquelle grande cerebro, com a publicação do trabalho em que mais plenamente se revelou toda a amplitude do seu genio philosophico e que, já agora, ficará sendo, por mais de um motivo, como que o testamento do seu espirito. Referimo-nos ao magistral ensaio sobre as *Tendencias geraes da Philosophia na segunda metade do seculo XIX*.

No momento em que mais trabalhavamos para a reorganisação da REVISTA, contando já, entre outros elementos, com o auxilio insubstituivel de tão grande



nome, fulminou-nos a noticia do seu tragico fim. Uma inconsolavel orphandade para o nosso espirito e para o nosso coração! Um golpe que não cicatrizará nunca e que, reaberto a cada momento pela memoria, gotejará sempre esse sangue da alma — as lagrimas! Perdiamos (muitos de nós) um Amigo unico, irmão para uns, pae para outros, cujo coração se abriu sempre, benevolo e amavel, a todas as confidencias dos nossos corações. Perdia a nossa geração um verdadeiro mestre, mestre pela vastidão incommensuravel do pensamento e por esse conjuncto de dotes e attributos do espirito que os antigos chamavam Sabedoria. Perdia, enfim, o nosso tempo um dos mais raros, dos mais perfectos, dos mais completos exemplares humanos — mixto de heroismo e santidade, alma sedenta de Justiça e apaixonada pelo Bem, razão atribulada na vehemente ambição da Verdade, character de estoico, cuja vida fôra um modelo de pureza e de elevação moral...

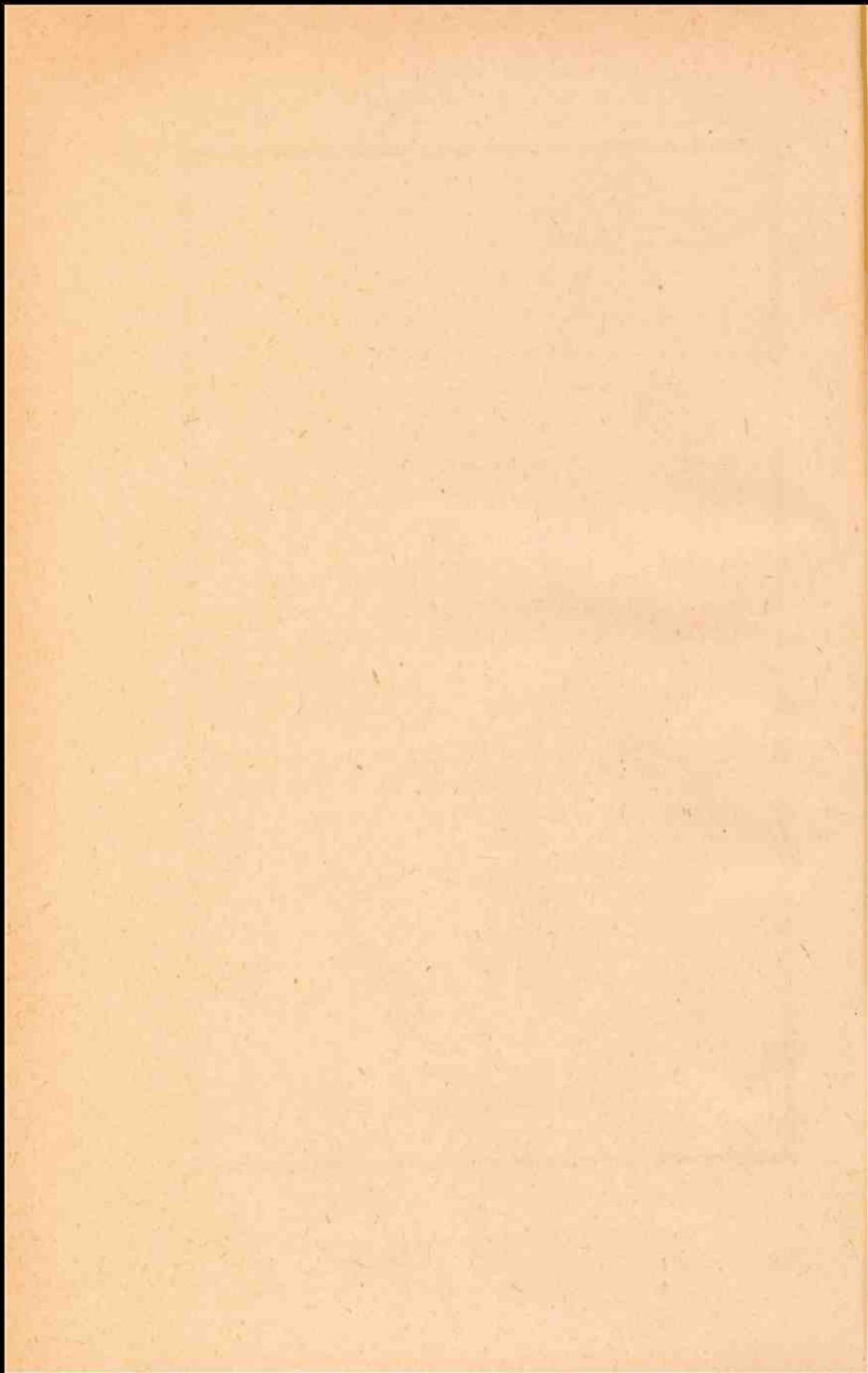
Todas estas circumstancias impunham-nos o dever d'uma excepcional homenagem á memoria de Anthero. Era preciso que as vozes d'aquelles que o amaram se confundissem na manifestação de saudade e de adoração que a REVISTA não podia deixar de tributar-lhe, como n'um momento se confundiram as lagrimas de todos os que por elle as verteram.



Para cumprir esse dever, envidaremos os nossos melhores esforços. A REVISTA consagrará um numero especial e extraordinario á commemoração do sublime Poeta e do eminente Pensador. N'elle será dito o que não cabe n'estas breves linhas, traçadas entre a emoção d'uma dôr ainda recente, e com o unico fim de registrarmos, solemnemente, perante o publico, o compromisso que acabamos de tomar para com a memoria do Mestre.

A Redacção.





A VIDA DE NUN'ALVARES

I

O PRIOR DO HOSPITAL

Meia legua, ou pouco mais, para o norte do Crato, em meio d'essa charneca dilatada, que vem das Beiras, e, transposto o oasis do alto-Alemtejo, se alonga até ás serras do Algarve, está a Flôr-da-Rosa, ladeada a nascente pelos montes de Portalegre levantados contra a fronteira de Castella. As torres quadrangulares e massiças da nova igreja do Hospital, alvas de mocidade, mordem o céu com os dentes das ameias, abrigando na sua sombra poderosa as choças humildes dos caseiros, a quem o prior vai aforando terra, para crear em torno da fundação um nucleo de moradores, como tantas villas que n'esses antigos tempos constantemente nasciam do solo requemado do Alemtejo. Os reis, os monges militares, os donatarios, todos, estavam apostados, ainda no ultimo quartel do xiv seculo, a consolidar, povoando-a e arroteando-a, a metade agreste do reino alcançada das mãos dos mouros á custa de mil combates, devastada e nua, resequida e deserta, após seculos de incessantes guerras: cemiterio de ruinas onde a esteva e o tojo encobriam as pedras dos muros derrocados, porque as raizes das antigas arvores, os pavimentos das estradas e os restos das villas romanas, havia muito que, ou se tinham dissolvido no pó da charneca, ou jaziam so-



terradas n'elle com o perpassar constante do tropel das guerras. Destruída a vegetação, expulsa a gente, sumiu-se a agua para o sub-solo, formaram-se as torrentes com o precipitar das chuvas, abriu chagas a pelle da terra, e o sol, seccando o ar e o chão, pôde estender o seu imperio absoluto sobre a amplitude nua do deserto, nua como a illimitada campina azul do céo, tambem ermo de nuvens.

O Crato era a capital dos estabelecimentos hospitalarios portuguezes. O prior, D. fr. Alvaro Gonsalves Pereira, fundára em 1356 na Flôr-da-Rosa uma igreja e mosteiro torreado para ahi dormir o somno eterno sob o patrocínio de Nossa Senhora das Neves ¹, ao lado de seus paes, o arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira e Tareja Pires Villarinho, a salamanquina, que já repousavam á sombra dos muros espessos da igreja acastellada, como cumpria n'essa região de fronteira sacudida sempre por álgaras e devastações de inimigos. Ainda porém, ao cabo de dezeseite annos, em 1373, quando o prior resolvera enviar á côrte o seu quinto filho, Nuno, que então contava treze annos: ainda então, a traça das construcções não se achava terminada; e do Crato á Flôr-da-Rosa ia com frequencia o prior, já velho, antegostar o socego do tumulo que escolhera, desejoso de que a morte o não surprehendesse antes de vêr terminado o monumento que devia dar testemunho da sua passagem pelo mundo.

D. fr. Alvaro, homem poderosissimo que já privára com el-rei Affonso IV, e depois com el-rei D. Pedro-o-crú, era uma das figuras eminentes do tempo de D. Fernando. Os seus annos, os seus serviços, o seu saber e entendimento davam-lhe essa preferencia: sobretudo as artes da astrologia, em que punha um minucioso cuidado nas suas demoradas praticas com mestre Thomaz, o astrologo da casa ², traçando os vaticínios do tempo, á luz tenuissima que n'essas épocas de barbarie lobrega annunciava o despontar da claridade racional. N'uma atmospherá de

¹ Carvalho, *Chorogr.*, II, 387.

² Lopes, *Chron. D. João I*, prim. parte, xxxiv.



sombra e medo, n'um tempo de incerteza e crueldade, o esforço pessoal e a superstição divinatória, eis as duas armas com que os homens conseguiram atravessar pelas brenhas da vida, em combates incessantes.

Sabio e valente, o prior era celebrado pela magnanimidade do seu coração, pela largueza do seu espirito, pela generosidade da sua alma: «partia grandemente o que havia»¹; pois quando a existencia depende do esforço humano e não da estabilidade da machina social, o homem, com os impulsos do seu instincto voluntario, póde expandir á larga os dons que a natureza lhe deu, como arvore bracejando livremente no ar, e mostrar-se qual nasceu e o fizeram, ou na grandeza incoherente de heroe, ou na abjecção monstruosa de malvado. D. fr. Alvaro pertencia á familia dos primeiros. Deixada a natureza ao seu livre curso, não ha moderação, nem caracteres temperados: esta mediania que é a regra nas sociedades bem ordenadas, onde cada qual, ao nascer, encontra preparado o molde a que tem de sujeitar-se desde o berço até á cova. Ai, d'aquelles que vieram fadados para excentricos voluntariosos; ai, tambem, dos que, nas edades tempestuosas do mundo, nasceram sem trazer nos musculos a tempera da energia.

Era um grande braço, era um grande cerebro, era um grande coração, D. fr. Alvaro; e tudo isto era espontaneamente, á lei da natureza, levado pelos impulsos da vontade, pelos assomos do orgulho fidalgo, pela violencia de um temperamento carnal. Na sua longa vida, apesar dos votos proferidos antes dos dezoito annos, que foi quando o fizeram prior do Hospital,

¹ *Chron. do Condestabre*, i. — Esta chronica é anterior á de Fernão Lopes, que a introduziu no seu texto, copiando-a por vezes quasi litteralmente. Quando as transcrições não bastassem para o provar, demonstra-o a critica e rectificação que Lopes faz varias vezes ao theor da *Chron. do Condestabre*. Por isso recorremos, só em taes casos, a Fernão Lopes; deixando de o fazer, quando elle apenas reproduz. Fernão Lopes, nomeado chronista-mór do reino em 1434, pertenceu á geração immediata á do mestre d'Aviz; achando pois já escripta a *Chron. do Condestabre*, não soffre duvida que este livro é coevo dos acontecimentos que relata e o mais vetusto monumento da historiographia nacional, em lingua portugueza.



teve muitos amores e trinta e dois filhos, machos e femeas ¹. O mais velho chamava-se Pedro, Pedro Alvares (filho de Alvaro) ou Pedr'alvares, e foi quem lhe succedeu no priorado; o quinto chamava-se Nuno, Nuno Alvares, ou Nun'alvares, que nasceu em 1360, dia de S. João, como precursor tambem, no castello do Bomjardim ², filho d'uma creada da côrte, por nome Iria Gonsalves do Carvalhal. Quando esta aventura paçan teve o seu desfecho com o parto de Iria do Carvalhal no mosteiro do Bomjardim, o pae e o astrologo, D. fr. Alvaro e mestre Thomaz, apressaram-se a tirar o vaticinio do recém-nascido, e o oraculo disse que o novo bastardo seria invencivel ³. Vinha ao mundo com o Precursor, os signos affirmavam um prodigio, o pae exultava, a mãe sorria amorosa e melancolica para o fructo do seu amor sacrilego.

Não é crível que, por grande que fosse a soltura dos costumes, e não podia ser maior, nas consciencias ennevoadas do tempo não acordasse vislumbre de remorso por peccados tão contra a letra expressa da lei de um Deus, de quem os mais atrevidos tremiam como varas verdes. A prova é que a amante do prior levou a penitenciar-se o melhor da sua vida, sem comer carne, nem beber vinho, durante quarenta annos, fazendo grandes esmolas e jejuns ⁴. Mas o peccado teve sempre uma theoria complicada. Sem penitencia não se ganha o céu, e sem peccado não ha motivo de penitencia. Superior ás forças humanas, fatalidade inevitavel da natureza, para todo o peccado ha perdão: o caso está em fazer por elle! E peccados ha dignos de benção, desde que foram resgatados. O peccado de amor era d'esses, n'um tempo em que a força das coisas levava a reclamar tudo do vigor do braço, da energia do temperamento, da exuberancia das paixões. A Edade-média é a época da bastardia.

¹ *Chron. do Condestabre*, 1.

² Lopes, *Chron.*, xxxiii, diz *Bomjardim apar Santarem*. Não é ao lado de Santarem: é Sernache do Bomjardim, junto á Certan.

³ Lopes, *Chron.*, xxxiv.

⁴ *Chron. do Condestabre*, 1.



— E gerar nas minhas entranhas um heroe, pensaria a mãe, espada invencivel como a de Galaaz, o glorioso bastardo de Lançarote do Lago!... E vir á luz no proprio dia do Baptista, o precursor de Christo!... Se não fosse, tambem, o peccado de Eva, jámais o mundo teria commungado no sangue do Redemptor...

O prior, por seu lado, exultava abertamente. Não o assaltavam as duvidas que perseguem a consciencia mais subtil das mulheres. Tomava a vida como o tempo a fazia. Elle proprio tambem era bastardo.

Fôra seu pae, o arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, que além jazia na campa da Flôr-da-Rosa, quem o destinára para monge cavalleiro, fazendo-o proferir os votos e alcançando-lhe o priorado do Hospital. Fôra elle que, sendo deão da sé do Porto, expulsára o bispo, e depois o banira de Lisboa ¹. Fôra homem de grandes odios e de maus figados. O bispo chamava-se fr. Estevam, frade franciscano menor, e era o trigesimo na sé do Porto, sagrado em 1309. Déra ao deão D. Gonçalo a egreja e o mosteiro de S. Salvador de Canedo, na terra da Feira, propriedade do cabido, quando ao tempo viviam na melhor intimidade. O cabido protestou, a camara do Porto interveio, reclamando ambos a expulsão do bispo; e quem partiu com um conego para Avinhão a pedir a Clemente V a exautoração de fr. Estevam, foi o proprio deão D. Gonçalo: d'onde se vê quanto alliava a arte para vencer lances difficeis, ao amor entranhado pelas grandezas da terra.

Andava então o mundo transtornado. Com a morte do imperador Henrique VII (1308-14) viera o schisma dos eleitores, e dois imperadores a disputarem a terra: o duque de Austria, Frederico III, e o da Baviera, Ludovico Pio. A Italia ardia em guerra. Em França morrera Philippe-o-bello (1285-314), e accusava-se Jacques de Morlaix, grão-mestre do Templo, de o ter assassinado. No céo tinham-se visto tres luas, e um grande cometa durante tres mezes. Em 1315 choveu o anno inteiro, sem

¹ *Nobil. do conde D. Pedro, nos Portug. mon. hist.; Script., 284-6.*



cessar. A Austria e a Bohemia andavam assoladas por heresias; a Allemanha, o Brabante, a Polonia e a Inglaterra, por fomes e pestes. Clemente V (1305-16) mudára o papado de Roma para Avinhão (1309) e extinguiu a ordem dos Templarios (1312), ré de tantos crimes. Mas quando o deão do Porto chegou a Avinhão, já o papa tinha morrido, ficando mais d'um anno vago o solio pontificio. O bispo do Porto teve de sair, mas conseguiu ser transferido pelo papa João XXII (1317-34) para Lisboa, onde continuou a administrar os bens do Templo em Portugal, até que, em 1320, D. Diniz fundou com elles a ordem de Christo. O deão estava vingado, mas o odio de D. Gonçalo não estava satisfeito. Embora o papa lhe tivesse dado a mitra de Leão, antes de lhe dar o arcebispado de Braga, D. Gonçalo, que durante dois annos ficou em Avinhão, perseguiu o bispo fr. Estevam, até que o expulsou de Lisboa para Cuenca ¹. Foi assim o odio ecclesiastico. E D. Gonçalo, o prelado quasi omnipotente, era tambem um politico audaz e habil. Esteve na batalha de Loures, entre D. Diniz e o infante D. Affonso; interveio para a reconciliação do pae com o filho; e foi quem, sendo este já rei, celebrou as pazes com Affonso-o-bom de Castella (1312-50), o que tomou Algezira aos mouros em 1344 ².

Tal era o sangue que girava nas veias do pae de Nun'alvares. E esse sangue ardente vinha em ebullição desde Rodrigo Gonsalves, de Pereira, por via do avô do arcebispo, Pero Rodrigues, o que casou com Estevaninha Ermigia da Teixeira e matou na lide seu primo Pero Poiares. Rodrigo Gonsalves e seus irmãos, Gonçalo, fundador de Nandim, e Elvíra da Palmeira, descendiam da casa de Cella-nova, transmontanos cruzados de sangue leonez. A historia d'este avô contava-se na familia como exemplo do seu espirito cruelmente justiceiro. Casára com Ignez Sanchez, e, deixando-a no castello de Lanhoso, soube como ella ahi fazia maldade com um frade de Bouro. Rodrigo Gonsalves foi lá em armas, cercou o castello, e pondo-lhe

¹ Cf. Cunha, *Catal. dos bispos do Porto*, part. II, 15, pag. 80 e segg.

² *Nobil. do conde D. Pedro*; *ibid.*



fogo, fez arder na mesma fogueira a mulher e o frade, e a mais gente, com as bestas, os cães, tudo quanto havia dentro ¹, para que a chamma consumisse por completo os sacrilegos e a des-honra.

Não faltavam pois sementes de força bravia na ascendencia de Nun'alvares, que vinha ao mundo temperado por tres gerações de tal gente. O pae nascera quando D. Gonçalo ainda não era deão, nem até clerigo: foi nos estudos, em Salamanca, que o futuro arcebispo de Braga *filhou* Tareja Pires Villarinho, e o fez n'ella. O pae metteu-o quasi creança no Hospital, cujo mestre era seu tio avô Estevam Vasques Pimentel, irmão da mãe do arcebispo, Urraca Vasques, da casa dos Pimentéis, casada com o conde de Trastamara D. Gonçalo Pereira, de quem o filho tirou o nome. Cresceu D. fr. Alvaro sob o patrocínio do tio, e quando este morreu, tinha o rapaz dezoito annos, succedeu-lhe no priorado da ordem ², cuja séde era o Crato.

Governando, pois, a ordem do Hospital desde largos annos, tornára-a como que apanagio da sua familia, tanto lhe augmentára o poder e a riqueza. As cruces floreteadas do seu brazão viam-se esculpidas n'um sem numero de castellos: tinha construído o da Amieira, forte e mui formoso; os paços do Bom-jardim, junto á sua villa da Certan; a igreja de Santa Maria em que Deus fazia muitos milagres; e além de outras numerosas obras, rematava o castello da Flôr-da-Rosa ³, o seu mosteiro e igreja, povoando o logar com colonos adscriptos. Da ordem fundada em 1110 por Gérard de Martigue para a Cruzada, havia em cada nação ou *lingoa* um prior, balios e commendadores: havia as *lingoas* da Provença, do Arverno, de França ou de Paris, da Italia, do Aragão, da Allemanha, de Castella e Portugal. O grão-mestre, a quem se chamava eminência, governava a ordem superiormente a todas as *lingoas*, emquanto ella manteve o seu

¹ *Nobil. do conde D. Pedro; ibid.*

² *Chron. do Condestabre, 1.*

³ *Ibid.*



caracter cosmopolita ou internacional. O commendador-mór era o *pilar* da *lingoa* da Provença; o marechal, o *pilar* do Arverno; o hospitalario, o da França; o almirante, o da Italia; o conservador-mór, o do Aragão; o balio-mór, o da Inglaterra; e finalmente o de Castella, ao qual primitivamente andava sujeita a *lingoa* portugueza, era o chanceller-mór da ordem. Por todo o mundo, os monges cavalleiros do Hospital, regrantes de Santo Agostinho, levavam, em tempo de paz, o seu manto negro com a cruz de ouro de oito pontas sobre o lado e outra cruz sobre o peito; em todas as batalhas apparecia nas armaduras a grande cruz branca da ordem e o pendão com as armas: guelas escarlates e cruces de prata. Eram a milicia de Christo, um dos varios exercitos monasticos, em que o cosmopolitismo europeu se definiu primeiro, sob o influxo da religião, para o resgate da Terra-Santa onde padecera Christo.

Outra Palestina foi a Hespanha, avassallada tambem pelo Islam; e por isso os exercitos cruzados paravam aqui, nas derrotas das suas viagens do mar do Norte para o Mediterraneo; por isso as ordens hyerosalemitanas, que tamanho papel tiveram na fundação de Portugal, se enraizaram engrandecendo-se. Expulsos da Palestina os hospitalarios com a conquista da Terra-Santa pelos egypticos (1291), levaram para Chypre o seu tabernaculo; mas tambem d'ahi foram repellidos, indo estabelecer-se em Rhodes (1310) ¹. N'esta época porém a *lingoa* de Portugal soffrera uma revolução profunda, desde que el-rei D. Diniz nacionalisára as ordens hyerosalemitanas, collocando-as sob a sua auctoridade real, e transferindo para a cavallaria de Christo os bens do Templo, abolido por Clemente V. Já o Hospital era entre nós uma milicia particularmente portugueza, sujeita á coroa, como as ordens monasticas não militares, embora no espiritual ligada ao grão-mestrado. quando o prior D. fr. Alvaro Gon-

¹ Os hospitalarios ficaram em Rhodes até á conquista da ilha pelos turcos de Solimão, em 1530. Carlos V deu-lhes então a ilha de Malta, d'onde os cavalleiros se ficaram chamando posteriormente, como antes se tinham dito de Rhodes.



salves foi a Rhodes, «muy grandemente e bem acompanhada»¹, tributar o seu preito de vassallagem.

Mas por isso mesmo que a ordem se tornara portugueza, era no concurso das forças politicas da nação um dos elementos preponderantes, não havendo talvez na côrte cargo mais invejado, nem de maior valia, do que o priorado do Hospital. Entrando em Portugal em 1119, no tempo de el-rei D. Affonso Henriques, a ordem recebera d'este rei e dos seus successores a doação de vinte e uma villas e logares. Os seus dominios concentravam-se no centro do reino, sobre o curso do Tejo e do Zezere, alongando para o sul um braço e para o norte outro: o primeiro era Montoito, a igual distancia de Evora e do Guadiana; o segundo eram Lobelhe-do-matto e Ranhados, entre Vizeu e o Mondego. Dominando o valle do Zezere, no curso médio da sua margem direita, possuíam os hospitalarios Alvares e a Pampilhosa, fronteiros aos quaes ficavam na margem esquerda os castellos de Oleiros e do Pedrogão-pequeno. A Certan e o Bomjardim, com Proença-a-nova mais para leste, aninhada no alto dos montes que dividem as aguas do Zezere das do Tejo, continuavam em direcção d'este rio as parelhas de castellos da ordem. Depois vinha o Carvoeiro, n'uma dobra do pendor austral do terreno; depois Belver, a cavalleiro sobre a margem direita do Tejo, em frente do Gavião; depois, acima do Gavião e ao lado de Villa-Flor, o castello da Amieira, construido pelo prior D. fr. Alvaro Gonçalves; depois Tolosa; depois o Crato com Flôr-da-Rosa, e Elvira e a commenda de Cores, e o logar de Aguilheiro, e o concelho da Margem, e o couto da Coutada, e o casal do Monte, e a villa de Ferrajos com vinte e quatro commendas².

Tal era, pois, a familia em que nasceu Nun'alvares.

¹ *Chron. do Condestabre*, 1.

² Severim de Faria, *Not. de Port.*, II, pag. 77.

*
* *

A mãe, quando em 1372 viu a luz em Coimbra a infanta D. Beatriz, fôra feita sua cuvilheira; andava, pois, na côrte d'el-rei D. Fernando, onde o exemplo dado pelo soberano, que tirára Leonor Telles a seu marido, sancionava a licença dos costumes do tempo. Andava na côrte e lá continuou a andar: nem o prior hospedava nos mosteiros da ordem as successivas mães dos seus trinta e dois bastardos. Filha do alcaide-mór de Almada, Pedro Gonsalves do Carvalho, que tinha tambem na côrte outro filho, Martim Gonsalves, não era nenhuma creatura sem nome, embora tambem não fosse dama de alta garchia.

Em 1373, na época a que nos estamos referindo, contava Nun'alvares treze annos, com a virilidade precoce. Os homens formavam-se muito mais breve n'esses tempos agrestes, de uma barberie alliada, porém, aos requintes e contradicções inherentes ao periodo de civilisação confusa a que se chama Edademedía. Chocavam-se os elementos de creação espontanea, de violencia pristina e barbara, proprios de povos que emergiam do captivoeiro musulmano ao som da guerra, por entre os escombros da civilisação antiga, derruida por completo na Hespanha á mão dos arabes, com as tradições, com as ruinas, com os restos dispersos e pervertidos d'essa Antiguidade que parecia ás imaginações ter acabado afogada no sangue de Christo. A igreja era o vehiculo da tradição classica, e ao mesmo tempo, e tambem por isso mesmo, a auctoridade suprema como representante na terra do poder de um Deus temido. Os ministros da religião dominavam as almas por um processo de auto-intimidação, semelhante ao dos feiticeiros primitivos; e se a barbarisação do pensamento e do saber frequentemente rebaixava os dogmas theologicos e os canones rituaes até ao nivel da feiticeria simples, a violencia dos costumes levava os sacerdotes a envergar tambem a armadura e a empunhar a espada, appare-



cendo soldados n'uma sociedade essencialmente guerreira. D'isto veio a instituição dos monges militares, e n'este sentido o prior do Hospital era um homem typo do seu tempo. Era-o tambem, como astrologo, porque a astrologia, exprimindo as ambições do espirito secular, surge como a alvorada do pensamento scientifico desabrochado na Renascença. Era-o, finalmente, na carnalidade dissoluta dos seus costumes, geral a uma época libertina, particularmente na Hespanha, onde o exemplo da polygamia musulmana mais concorria para obscurecer o instincto casto do povo aryano.

Da Edade-média, germinando n'estes elementos sociaes e moraes, brotou a flôr extravagante da Cavallaria, idéa incoherente e superiormente bella, em que as contradicções do pensamento contemporaneo e a noção cahotica da vida e do mundo apparecem sublimadas, aspirando para um ideal indefinido, subindo para as nuvens como as agulhas dos templos, braços erigidos, de mãos postas para o céu. O valor e o milagre, o heroe e a protecção de um Deus sempre activo, o destino sacrosanto da vida votada ao resgate do tumulto do Redemptor, a definição paradoxal do heroismo pela abnegação e sacrificio, a castidade e a pobreza no imperio desbragado da luxuria e da cubiça: uma como que volta dos sentimentos moraes constitucionaes do tempo, contra a realidade, exagerando a vida activa para a negar absolutamente, extrahindo do naturalismo espontaneo dos costumes um idealismo phantastico: eis ahi o que foi a Cavallaria, que apparece, ao terminar da Edade-média, como flôr da poesia sempre nihilista.

Foi assim tambem que do herdeiro de Rodrigo Gonsalves, o heroe bravio da tragedia de Lanhoso, do turbulento bispo D. Gonçalo, e do prior, pae de trinta e dois filhos, nasceu Nun'alvares. Trazia hereditariamente comsigo todos os elementos que geraram a Cavallaria, e por isso a flôr incoherente da Edade-média appareceu humanisada no bastardo de D. fr. Alvaro. Os homens superiores são sempre symbolos, nem a superioridade está n'outra coisa: o homem é maior ou menor, conforme a porção de humanidade que lhe corre na alma. E para



que a este caracter typico de Nun'alvares não faltasse um unico traço, veio tambem ao mundo por bastardia. Porque será que o instincto agudo se compraz na antithese, sublimando quasi sempre a negação da ordem? Será a adivinhação de que essa ordem é apenas abstracta, e um ente de razão visceralmente opposto á anarchia real das coisas?

Tudo, pois, fadava Nun'alvares para heroe da cavallaria nacional; e a iniciação que o pae e o seu astrologo pedagogo, mestre Thomaz, lhe deram nos livros da época, definiu logo desde a infancia o caracter predestinado do futuro condestavel de D. João I. «Havia grão sabor e usava muito de ouvir e ler livros de historias, especialmente usava mais ler a historia de Galaaz, em que se contem a somma da Tavola Redonda»¹. Pela primeira vez surgia em Portugal um homem formado pela educação litteraria; mas este genero que posteriormente foi até á cópia servil, iniciava-se de um modo ainda espontaneo. Com o crescer dos annos, Nun'alvares ia creando em si uma natureza nova, assimilando sem o sentir a alma phantastica de Galaaz, n'uma confusão de realidade e fabula, n'um mixto de pureza e extravagancia, como tudo quanto o rodeava e lhe constituia o ambiente phantasmagorico da vida. Essas primeiras impressões cunharam-se-lhe de um modo indelevel no espirito infantilmente plastico; e nem de longe sonhava que o facto de se confundir a si com Galaaz, irmãos na bastardia; o facto de ambicionar gloria igual, e ir phantasiando uma existencia semelhante de sacrificios e aventuras; o facto de se estar formando assim por educação litteraria, em vez de obedecer espontaneamente á lei da natureza, era o signal certo de que os velhos tempos acabavam com elle.

Surgia com effeito uma era nova para o mundo, para Portugal. Nun'alvares, sem duvida alguma, foi o nosso Messias. Remiu-nos a um tempo do peccado antigo da inconsciencia, definindo claramente o destino piedoso e heroico da vida, sobre o passado de incontinencia bravia; remiu Portugal do captivo

¹ *Chron. do Condestabre*, IV.



castelhano imminente, abstraindo a nação dos limbos obscuros da política pessoal dos reis, para a assentar sobre os alicerces valentes da vontade popular, aclamada n'um voto de acção heroica, e deixando-a de pé e armada, prompta para a conquista do seu logar épico na historia da civilização moderna. Mal pensava em creança Nun'alvares, ao ouvir a historia de Galaaz, cujo «corpo bem talhado e conteneute mansso»¹ era tambem como o d'elle proprio, que tal seria a sua demanda do Santo-Sepulchro e do Graal de José de Arimathea! As phantasmagorias que lhe enchiam de assombro educativo a imaginação infantil haviam de tornar-se, porém, em realidades gloriosas. Seria o Galaaz portuguez: não um typo de phantasia, mas sim um homem com a idéa, porém, doidamente arrebatada pelo mysticismo cavalleiroso. Seria o precursor das gerações alumadas pelo claro pensamento que na sua infancia, e n'esse signo fatidico traçado á sua vida na phantasia de um poema, desabrochava com todo o viço e toda a frescura espontanea de uma alma virgem, temperada no aço do heroismo, coroada de assucenas de piedade mystica. A poesia foi, será sempre, iniciadora e medianeira. Por mão d'ella sahia, primeiramente, o pensamento das nevoas da inconsciencia espontanea e natural, para o reino claro da razão reflexiva.

O logar de Tristão achava-se vago na Mesa redonda dos cavalleiros: foi esse logar que Nun'alvares, ou Galaaz, preencheu. Era um solio perigoso, uma cadeira de morte, que acabava com todos os que n'ella se sentavam. Quando o heroe appareceu na sala, cerraram-se todas as portas e janellas por encanto; mas um raio de sol, entrando milagrosamente, illuminou em cheio a figura do heroe que apparecia armado de loriga e bravoneiras, com dois signaes vermelhos sobre o braço. Por onde entrára? Ninguem o vira. Com elle vinha um ermitão, que assim disse para o rei Arthur:

¹ V. a *Historia dos Cavalleiros da Mesa redonda e da demanda do Santo Graall* (ms. da bibl. de Vienna; ed. Karl von Reinhardstoettner) Berlim, 1887. — Cf. Paulin Paris, *Les romans de la table ronde*, Paris, 1872.



— Eu te trago o cavalleiro desejado que vem d'el-rei David e de José d'Arimatea, por quem as maravilhas d'esta terra e das outras haverão acima.

E Galaaz sentou-se na cadeira terrivel, dizendo todos compassadamente:

— D. Galaaz, sede o bem-vindo!

Era aquelle o bastardo de Lançarote do Lago, sobrinho do rei Marte da Cornualha, o cavalleiro de quem Merlim e os prophetas haviam fallado como o que descobriria o Santo Graal, terminando assim as aventuras do reino de Logres. Era elle que havia de descobrir o sacrario da patria, dando a commungar aos seus filhos a hostia santa do sacrificio; era elle quem terminaria tambem as aventuras do reino de Portugal com façanhas que gradualmente iam avultando na sua imaginação, á medida que os annos cresciam, e, com o crescer, o sol da vida, subindo, ia desmanchando as nevoas da flôr da terra.

Em torno da Mesa sentavam-se confundidos em admiração os cento e cincoenta cavalleiros presididos pelo rei Arthur. Eram Booz de Gaunes, o velho pae do presidente e do imperador Alain de Constantinopla, nascido de uma filha do rei da Gran-Borgonha, que o seduzira por encantamento, obrigando-o a mentir aos votos de castidade; era Percival de Galles; Eric, o filho d'el-rei Lot; eram Ganet e Garriet, Leonel e Brandinor, Ocursus-o-negro, Orinides-o-branco, e Sagramor, e Gardamontanha, mais Arnal-o-formoso, com Martel-do-grande-escudo, e os outros em cujo gremio entrava Galaaz, como Nun'alvares quando o pae o levou á côrte d'el-rei D. Fernando em 1373.

A idéa da partida para Santarem, á côrte, apparecia-lhe como a do seu heroe para a sala dos cavalleiros: ia sentar-se ahí n'uma cadeira vasia e terrivel, para vencer o Fado por uma successão de aventuras e façanhas inauditas. Tambem levava uma armadura forjada com o lume da virtude; e mais de uma vez simulára com os ermitões do Bomjardim a scena do cemiterio, quando Galaaz quiz vêr a campa do cavalleiro desleal sobre que os demonios dançavam em permanencia. O defunto gemia agonias no seu tumulo, ensombrado por uma ve-



lha arvore, e soluçando pedia a Galaaz que se afastasse; mas o cavalleiro impavido levantou a campá, d'onde sahiu um fumo negro como pez, depois chammás, depois o proprio demonio em pé:

— Ai, Galaaz, santa coisa vejo em ti... Vejo-te cercado d'anjos, que não posso durar contra ti. E porém te deixo o meu logar, em que longo tempo folguei...

E foi-se o diabo. No fundo do tumulo estava o defunto armado. E a historia termina dizendo que a campá que cobria o moimento demonstra a dureza dos corações que Nosso Senhor achou no mundo quando aqui veio, porque «na terra nom achou el se nom duros corações»; e bem parecia, porque o filho não amava o pae, nem o pae o filho, e por isto iam todos ao inferno.

Já as historias tinham um symbolismo moral, e esse momento novo da educação entrava no espirito do nosso heroe, apresentando-lhe a vida como um exercicio de virtude, ensinando-lhe que o merito das acções não está no que são, mas sim no que significam; dizendo-lhe como o supremo destino da existencia é converter os homens ao bem, levantando de sobre elles a campá dos peccados da carne em corações endurecidos pela vida bravia dos tempos.

Por isso o ermitão acompanhára sempre Galaaz, para lhe mostrar a significação e o alcance dos lances da sua vida aventureira, como os côros da tragedia antiga, commentando as acções dos heroes. E relia a falla do ermitão, onde se faz a apothese da bastardia, e se considera necessario o peccado de origem para a consummação das façanhas:

— Filho, coisa santa e honrada, flôr e louvor de todos os mancebos, outorga-me, se te praz, que te faça companhia em toda a minha vida, emquanto te pudér seguir... E não sei no mundo que hoje me podesse confortar mais, como vêr tão santo cavalleiro como tu serás. E como tu verás maravilhas que excederás; porque Deus, que te fez nascer em tal peccado, como tu sabes, por mostrar seu grande poder, essa grande virtude te outorgou por sua piedade e pela boa vida que tu começaste de



tua meninice até aqui, que te dará poder, e força, e bondade de armas e de ardimento sobre todos os cavalleiros que nunca trouxeram armas no reino de Logres (ou de Portugal?) assim que tu darás acima a todas as outras maravilhas e aventuras onde todos fallecerem e falleceram. E quero todos teus feitos saber que acabarás, pois foste feito em tal peccado, onde os outros não poderam vir, que foram feitos em leal casamento...

Assim educado, partia Nun'alvares para a côrte aos treze annos. A propria bastardia que, embora corrente e commum no tempo, podia levantar-lhe pensamentos deprimentes do animo, encontrava sanção e apothese nos livros da sua paixão. Os bastardos eram eleitos. Deus escolhia os manchados por esse peccado de origem. A virtude do peccador é preferente. Já disposto a exceder todas as façanhas e prodigios, de valor e de abnegação. Floria-lhe o lyrio da virtude candida na alma ingenua; pulava-lhe nas veias o sangue com os impulsos da força exuberante.



Dez annos depois de ter acompanhado, em 1340, D. Affonso IV á batalha do Salado, o prior D. fr. Alvaro fôra para Castella, a pedido do rei D. Pedro que era neto do portuguez, e subira ao throno em 1350. Por Castella andára como alliado e amigo de D. João Affonso, senhor de Albuquerque e Medelin, e ambos governavam o reino ¹. Toda a politica terrivel, mas forte, dos primeiros annos do reinado do filho da infanta Maria de Portugal, tragicamente finada em Evora ². fôra mais ou me-

¹ *Nobil. do conde D. Pedro; ibid.*

² Ayala (*Cron. d'el-Rey D. Pedro; año VIII; c. 11*) diz que foi Affonso IV de Portugal que envenenou sua filha, a rainha-mãe de Castella, dando-lhe umaservas, em Evora, 1357, por causa das noticias que corriam ácerca do successor ou successores obscuros que a rainha dera ao seu antigo escudeiro e amante, Martin Affonso Tello, morto á sua vista na tomada de Toro, 1356.



nos obra dos dois, que representavam em Castella o partido da alliança portugueza. Quasi portuguez era, com effeito, D. João Affonso, neto d'el-rei D. Diniz, por ser filho do bastardo Affonso Sanchez, e portanto sobrinho natural do rei D. Affonso IV e primo de sua filha, a rainha-mãe de Castella. Ambas as familias reinantes andavam tão enlaçadas e tão penetrados os interesses e as relações das familias patricias, que, se o sentimento senhorial do principado accentuava a separação das duas corôas, pôde dizer-se que não existia nas altas classes o sentimento definido de differenciação nacional. Eram um mesmo povo, com diversos principes.

Os dois proceres portuguezes governavam a Castella de Pedro-o-cru, que subira ao throno com quinze annos, contra o partido do conde de Trastamara. A rainha-viuva reconquistava o poder com a morte do marido, Affonso XI, que a deixára pela amante Leonor de Gusmão, cujo primeiro acto, ao vêr-se só, foi casar seu filho, o conde de Trastamara, que tinha a ordem de Santiago, com a filha do poderoso D. João Manoel. Presa, D. Leonor foi executada logo em 1351; e nas Asturias o filho, declarando a guerra, provocou um tal impeto da parte do rei, que o pavor das execuções de Burgos levou o rebelde a refugiar-se em Portugal, homisiado. Depois das côrtes de Valladolid, em 1352, e da expedição da Biscaya, a rainha Maria e os seus conselheiros pensaram em casar D. Pedro, negociando a alliança com a cunhada do rei de França, Branca de Bourbon. Vieram logo as vistas, em Ciudad Rodrigo, de Affonso IV com sua filha e seu neto, o tratado de alliança com Portugal, e a reconciliação imposta ao Trastamara que, restabelecido nos seus titulos, parte para as Asturias, decidido todavia a desferrar-se.

Acto continuo, o rebelde levantou-se em Gijon, a que o rei D. Pedro pôz cêrco e tomou. Trastamara submete-se-lhe; e o mesmo succede a Maria Padilla, aia da mulher de D. João Affonso de Albuquerque, tomada por amante pelo rei em Sahagun. Entretanto fugia sublevado para o Aragão D. Tello, outro filho de Leonor de Gusmão. Pouco a pouco se encastellavam as nuvens da tempestade em que naufragou o poder portuguez em

Castella. Nascia ao rei o primeiro filho dos amores com Maria Padilla, quando chegava de França a rainha D. Branca, escolhida pelos portuguezes. Recusava-se o rei a recebê-la, enlaçado nos braços da amante que os irmãos instigavam; e tres mezes esteve esperando a rainha, até que afinal D. Pedro se casou um dia, para no outro abandonar descaradamente a esposa. E o Trastamara D. Henrique, e seu irmão D. Tello, com a vingança da mãe presente, vieram a Valladolid entender-se com os Padillas. Estava tramada a conspiração, e a Castella dividida em dois bandos, um pela esposa abandonada, outro pela amante estremecida; um reunindo, aos filhos de Leonor de Gusmão, os infantes do Aragão e os Lacerdas; outro, alliando ao Albuquerque o mestre de Calatrava e os portuguezes que andavam por Castella, como era o prior D. Alvaro.

Entre ambos, o rei optou pela amante em cujos braços se precipitou em Olmedo. Os Padillas omnipotentes reinavam. A gente do Albuquerque, perseguida, homisiava-se. O mestre de Calatrava D. Alvaro era assassinado á traição. Depois de arrazar Medelin, D. Pedro desvairado partia contra Albuquerque, onde D. João Affonso se encerrára e onde resistiu, obrigando o rei a retirar, porque a praça fronteira dependia por vassallagem de Portugal, apesar de estar em Castella. De Caceres mandou D. Pedro embaixadores ao avô para que lhe entregassem Albuquerque. Celebrava-se então em Evora (1353) o casamento da neta do rei, D. Maria, filha de D. Pedro e de Constança Manoel, com o infante do Aragão, marquez de Tortosa; e ás bodas assistiam a rainha Leonor do Aragão, tia do rei castelhano, sua mãe a rainha viuva D. Maria, cuja influencia acabára no animo do filho, e o proprio D. João Affonso de Albuquerque exilado. Jantavam em S. Francisco, quando os enviados de Castella chegaram, reclamando de D. João Affonso que fosse defender-se perante o seu rei. Elle retorquiu-lhes com um discurso, e a embaixada partiu sem nada ter conseguido.

Em Castella, entretanto (1354), os filhos de Leonor de Gusmão viam-se reduzidos á condição de instrumentos da cabala dos Padillas, e conspiravam. Avistaram-se sobre o Caya com o



conde Alvaro Pires de Castro, irmão da amante do infante de Portugal, Igenez de Castro, que a esta intriga deveu a morte (1355). Aos amantes offereciam a corôa castelhana, e levantados em armas os rebeldes, agora alliados ao Albuquerque, faziam do senhorio de D. João Affonso, castelhano por estar em Castella, portuguez pela vassallagem ao rei de Portugal, o campo neutro da rebellião. A rainha D. Maria passava a fronteira, enquanto seu filho obtinha de dois bispos que o casassem com Joanna de Castro, a formosa, declarando nulla a sua alliança com a rainha Branca de Bourbon. Partindo outra vez, no proprio dia do casamento, D. Pedro soube como os conjurados se preparavam em Badajoz para entrar em Castella; mas encontrando em Castro Xeriz a Padilla, de novo se lhe prendeu nos braços, esquecendo para sempre Joanna-a-formosa.

A guerra civil estalava, entretanto, em Castella. De Ciudad Rodrigo, os conjurados intimavam ao rei a união com D. Branca, agora presa em Toledo, para onde tinha vindo de Arevalo. E Toledo pronunciava-se pela prisioneira, e o movimento propagava-se. Foi então que D. Pedro, sentindo o perigo, mandou envenenar o senhor de Albuquerque, antigo companheiro do prior D. Alvaro; mas não lhe valeu isso, porque teve de curvar a cabeça e ir pedir perdão a Toro, ás duas rainhas, a mãe e a tia, D. Maria e D. Leonor, collocar-se-lhes sob a dependencia, jurar tudo quanto d'elle reclamavam: o abandono da Padilla, a volta a D. Branca.

Então succedeu o caso do enterro tragico de D. João Affonso, que por isso ficou sendo chamado *o do ataude*. Quando morrera da peçonha que o rei lhe mandou dar pelo medico, os seus vassallos prometteram não enterrar o cadaver até que a guerra fosse acabada, conforme elle ordenara em seu testamento. E quando reuniam conselho em campanha levantavam n'um estrado o ataude, e fallava pelo defunto Rui Dias Cabeza-de-Vaca, seu mordomo-mór ¹. Em torno da eça colgada rica-

¹ *E quando avião de aver conselho... faziãono sobre estrado de maromaques e de outros panos de ouro e punhão o ataude em meyo e elles em redor del*.

— *Nob. do Conde D. Pedro; ibid.*



mente de pannos de ouro, reuniam-se os rebeldes, que eram cinco mil de cavallo e muita gente de pé. Submettido o rei em Toro e acabada a demanda, os vassallos de D. João Affonso foram enterrar-lhe o cadaver ¹.

Mas dentro em poucos mezes o rei D. Pedro fugiu de Toro para Segovia, ganhou a si os aragonezes, captou parte dos conjurados, chamou de novo a Padilla, e foi a Burgos, onde, reunindo côrtes, deu largas á sua crueldade. De Burgos, por Toro, que não conseguiu entrar, passou a Toledo como um temporal, cevando-se em sangue, deixando por toda a parte após si um rastro de lagrimas. Tomada Toledo (1355) volta contra Toro, que por fim entra (1356). Ahi acabou Martim Affonso Tello, o amante da rainha-mãe, quando a levava pelo braço, sahindo da cidade. Exilada em Portugal, morreu a rainha em Evora de veneno ².

Estavam esmagados os inimigos: fugitivos todos, a mãe e os irmãos. O Trastamara escapára para França, a servir sob os Armagnacs nas guerras inglezas; sua mulher ficava presa; D. Fradique morria assassinado (1358) em Sevilha; D. Tello emigra para Bayona. A rainha do Aragão, primeiro presa, era logo assassinada ³.

Abolida a influencia portugueza em Castella, o prior D. Alvaro regressára de todo a Portugal quando Affonso IV agonisava ⁴; mas decerto viera antes de 1357, porque foi elle quem defendeu o Porto por occasião do levantamento do infante D. Pedro, a quem o pae mandára matar a amante Ignez de Castro. O Porto estava a esse tempo aberto, com as velhas muralhas desmanteladas; mas o prior arvorou em seus muros os pendões das naus fundeadas no rio, erguendo-os em volta da cidade e percebendo a sua hoste para a defeza d'esses symbolos sagrados de uma sociedade guerreira. O infante esteve durante

¹ Cf. Lopes, *Chron. de D. Pedro I*, xvii; nos *Inéditos de hist. port.*, iv, 49-50.

² Ayala, *Chron.*, etc., an. vii, 2; e *Nobil.*, etc., xxi.

³ Cf. Romey, *Hist. d'Esp.*, 13; viii, pag. 230 *ad fin.*

⁴ *Nob. do Conde D. Pedro*; *ibid.*



duas semanas contra o Porto, sem o poder entrar com a gente de Portugal e Galliza que tomára a sua voz. Entretanto chegou o rei. A cidade estava salva, e d'ahi vieram as pazes entre o pae e o filho, congraçados por intermedio do prior, que assim ganhou a amizade de el-rei D. Pedro...

A caminho de Santarem, D. Alvaro ia contando ao filho os casos posteriores á sua volta de Castella e ao fallecimento d'el-rei D. Affonso IV: como fôra o escambo dos auctores da morte de D. Ignez, e a guerra do Aragão, em que Portugal entrára. As galés portuguezas do Pessanha tinham ido em 1359 bloquear o Ebro e atacar Barcelona; em 360, os irmãos de D. Fradique, o assassinado em Sevilha, tinham entrado com os aragonezes em Castella; em 361, proseguindo a guerra, partira de Portugal o mestre d'Aviz com seiscentas lanças; e depois houvera paz, sendo expulsos do Aragão os rebeldes D. Henrique, D. Tello e D. Sancho com os castelhanos seus parciaes. Morrêra n'esse anno a Padilla de morte natural, e a rainha D. Branca envenenada pelo marido. Eram reis terriveis ambos os Pedros, tanto o de Castella como o de Portugal!

Logo em 1363, no anno seguinte á contenda de Granada e ao assassinato de Abu-Saíd, declarára-se a guerra entre a Navarra e a Inglaterra, que ao tempo tinha Bordeus e Bayona, contra o Aragão alliado á França, que da Provença mandára os tres filhos de Leonor de Gusmão com reforços de companhias francas. Duguesclin viera com elles, trazendo a sua grande companhia Branca. Virando-se a Navarra para o inimigo, outra vez, em 1364, o rei de Castella entrou em guerra com o Aragão, e outra armada de galés portuguezas foi em seu auxilio. Tres annos durou a lucta até ao de 1366, quando Henrique de Trastamara, aclamado rei em Burgos, entrára em Toledo, marchando sobre a Andaluzia em perseguição do rei D. Pedro perdido. Mandou este sua filha D. Beatriz a Portugal com um grande dote para a casar com o futuro rei D. Fernando, implorando ao pae soccorros, implorando-os ao granadino. Sevilha repelliu-o, e veio correndo atraz da filha enconral-a em Serpa. O rei de Portugal estava então em Vallada; d'ahi mandou recado a Co-



ruche aos fugitivos para que não avançassem mais: nem o rei o podia receber, nem o infante queria casar com a filha. Eram assim os homens! O triste rei fugitivo vai bater ás portas de Albuquerque, e não se lhe abrem; depois volta a Portugal implorando salvo-conducto para passar á Galliza que lhe era fiel. Acompanhavam-no os condes Alvaro Pires de Castro e João Afonso Tello, por Portalegre á Guarda, a Lamego e Chaves, por onde entrou na Galliza, só com as filhas, abandonado, perdido, sem reino, sem fidalgos. Embarcando na Corunha, foi por mar a Bayona, pedir auxilio ao principe de Galles.

Soccorrido, de regresso, passa o Ebro, descendo os Pyreneus através da Navarra, cujo rei mais uma vez se bandeára. Encontram-se os inimigos em Najera (1367) e D. Henrique, derrotado, foge para o Aragão, e de lá para França. Mais uma vez D. Pedro se via restaurado no poder, mais uma vez a sua séde de vingança fazia correr sangue, e agora a tantos jorros que parecia demencia, e muitos pensavam na necessidade de o tutelar. Não o esperava a cella, esperava-o o punhal fratricida, ferro vingador do fratricidio de D. Fradique. Porque o vencido, alliciando tropas em França, voltava com Duguesclin á Hespanha, que em Burgos e em Cordova, nos dois extremos a um tempo, se pronunciava por elle (1368). Cercando Toledo, em cujo auxilio o rei D. Pedro vinha correndo de Sevilha, o irmão acode a embargar-lhe o passo em Montiel. Combatem. A matança é horrivel; vinte e quatro mil cadaveres alastram o campo sobre o qual fica victorioso o rei Henrique II. O pobre rei D. Pedro, desbaratado, foge para Montiel, e dentro do castello morre ás mãos de seu irmão (1369) ¹.

Tal era a verdade do mundo, e o tecido de perfidias, de violencias, de traições e de baixezas, de luxuria adubada com sangue, que a larga experiencia do prior D. fr. Alvaro narrava ao filho no instante em que elle, com a imaginação cheia pelos sonhos da cavallaria, ia entrar na scena em que esperava tallhar para si um papel verdadeiramente heroico e santo, como

¹ Cf. Romey, *Hist. d'Esp.*, XIV; tom. IX, 1 e segg.



o typo creado pela phantasia do romancista. E com a firmeza dos videntes e a indiferença dos eleitos, Nun'alvares ouvia as historias do tempo, que mais o convenciam da necessidade imperterivel de travar a roda da maldade, estabelecendo o reinado da candidez virtuosa e da força heroica.

E sentia em si hombros para tamanha empreza. Não tinha o agouro prophetisado que nunca seria vencido?

*
* *
*

O pobre rei D. Fernando, que subira ao throno (1367) pouco antes da batalha de Najera, não annuiu ás solicitações do vencedor para se alliar com elle: queria seguir a politica abstencionista de seu pae. Mas depois de Montiel, quando Henrique II ficou dono e senhor da Castella, D. Fernando propôz-se disputar-lh'a como bisneto de Sancho-o-bravo. Alliou-se ao aragonês, pactuando que para elle ficariam Murcia e Cuenca; negociou com o mouro de Granada que rehouve Algezira. Em 1369 entrou na Galliza e tomou a Corunha.

Mas o rei D. Fernando, se tinha genio governativo, e com este plano castelhano mostrava ter ambições opportunas de estadista, não tinha porém energia para realisar igual á sua facilidade para conceber. Por isso embarcou e fugiu por mar logo que o castelhano, trazendo comsigo Duguesclin e as suas companhias frankas, desceu á Galliza. Deu-se então a primeira invasão, tomando os castelhanos Braga e Bragança, e pondo sem exito cêrco a Guimarães. A longa indeterminação no destino futuro de Portugal, que durára o periodo inteiro da primeira dynastia, chegava a um momento de crise no reinado do seu ultimo rei. Ia jogar-se o futuro de Portugal, entregue ás mãos já provadamente debeis de D. Fernando.

Em 1370, continuando a guerra, o rei de Castella, que fôra cercar Ciudad Rodrigo, então portugueza, como tambem o eram Carmona e Zamora, teve de levantar o cêrco para acudir á



Galliza e á Andaluzia, onde a esquadra portugueza bloqueava Sevilha, sendo porém batida em S. Lucar de Barrameda. No anno seguinte lavraram-se pazes ou tregoas, por intervenção do papa, ajustando-se o casamento do rei de Portugal com a filha de Henrique II; mas esta promessa não foi cumprida, porque D. Fernando, perdido de amores pela mulher de João Lourenço da Cunha, a tirou ao marido e se casou com ella, provocando o protesto e o exilio de seu irmão D. Diniz, filho de Ignez de Castro, ao qual mais tarde, depois da tragedia de Maria Telles se foi reunir em Castella o outro irmão, D. João. E se a paixão do rei por Leonor Telles o impediu de casar com a filha de Henrique II, foi a mesma causa que o levou a conspirar contra o visinho, promettendo ao duque de Lencastre, casado com D. Constança, filha do rei Pedro de Castella, a corôa d'este reino. E de agora que se hão de datar as allianças com os inglezes, porque a idéa de os utilizar contra Castella, que foi um dos meios de que o mestre de Aviz se serviu, com pouco exito por signal, nasce n'este momento.

Tendo D. Fernando abruptamente aprisionado cinco naus biscainhas em Lisboa, Henrique II, em dezembro de 1372, entra em Portugal pela Beira, tomando Pinhel, Celorico, Linhares e Vizeu. Vinham com elle o infante D. Diniz e os mais portuguezes adversos a Leonor Telles. Em fevereiro, os inimigos descem de Coimbra sobre Torres Novas, e D. Fernando, sem resistir, fecha-se em Santarem ¹. N'esta situação entrava Nun'alvares na corte pela mão do prior seu pae. Os troços do exercito castelhano desciam o valle do Tejo a caminho de Lisboa; o rei, inclinado amorosamente para a esposa, sorria de amor, desdenhoso da honra, da guerra, da corôa e de tudo, na embriaguez absorvente da paixão. Tamanho desvairamento fazia ferver o sangue aos mais fleugmaticos; e o prior, acceso em odio contra o fraticida de Montiel, cheio de esperanza no futuro certo d'essa creança para quem sentia ir-se-lhe escoando

¹ V. Lopes, *Chron. d'el-rei D. Fernando*, nos *Ined.*, IV, *pass.* Cf. Romey, *Hist. d'Esp.*: *ibid.*; bem como C. Ximenez de Sandoval, *Batalla de Aljubarrota*, pag. 17-25.



a vida, mandou Nun'alvares fóra, em companhia de seu irmão Diog'alvares, a reconhecer as forças dos castelhanos.

Era a primeira vez que o rapaz montava a cavallo em frente de um inimigo! O medo de si proprio, o receio de não corresponder áquelle typo formado pela imaginação, o desdobramento nitido das duas personalidades, uma que se é por natureza, outra que se quer ser por deliberação: eis o que assaltava o espirito de Nun'alvares. Teria hombros para as armas que o pensamento forjára? Poderia o seu animo com a missão de que se achava investido?... Montou, sahiu, desceu galopando a ingreme encosta de Santarem; correu, observando o inimigo; e nenhum resfriamento lhe enrugava a pelle, nenhuma commoção forte lhe incendiava o sangue. Tudo lhe parecia natural. Estranhava até a sua impassibilidade. Não acreditava que fosse um caso novo: quem sabe se no cerebro, provocando reminiscencias inconscientes, se lhe expandia n'esse instante alguma cellula do sangue de seus avós, costumados a vêr de face os perigos?

Quando os irmãos voltaram da sortida, estavam os reis jantando ¹ placidamente, e quizeram saber o resultado da aventura. Que havia? que tinham visto? Nun'alvares com uma serenidade encantadora na sua face de creança, onde a barba não despontava ainda, respondeu:

— Nada... Mas esta gente dos castelhanos vem mal acaudelada: poucos e bons, com um bom capitão, bastariam para os desbaratar.

O pae, ouvindo-o, remoçava. Notava-se a singeleza do dizer, sem affectação, nem petulancia. Parecia um homem feito. A rainha achou infinita graça ao rapaz, e, inclinando amorosamente a cabeça para D. Fernando, disse-lhe ao ouvido, como quando lhe segredava amores, que reclamava para si Nun'alvares: queria-o para seu escudeiro.

— Está bem, voltou o rei. E eu tomo Diog'alvares por cavalleiro ².

¹ *Chron. do Condestabre*, 11.

² *Ibid.*; Lopes, *Chron. de D. João I*, prim. parte, 34.

Estava então a rainha na plena efflorescencia da sua belleza fascinante. Chamavam-lhe *Flôr de altura* ¹ pelo seu porte esbelto e onduloso como uma haste de lyrio, supportando a bella cabeça ruiva, onde tantas ambições realisadas tinham germinado. Sentada no throno, já não ardia em despeitos, nem odios: pelo contrario, queria congraçar toda a gente, insinuar-se, seduzir, conquistar, colleando, com a sua ductilidade de cobra, para envolver os renitentes, como envolvera e manietára o rei D. Fernando, captivo de amor a seus pés.

Nascera de Martim Affonso Tello, no gremio da mais alta gerarchia, filha do amante da rainha Maria de Castella, nossa conhecida, ficando orphã em 1356 quando assassinaram o pae ás portas de Toro, levando a rainha pelo braço, conforme sabemos. Crescendo em graça e seducção, puzeram-lhe o nome de *Flôr de altura*. Casaram-na com João Lourenço da Cunha, homem que lhe não convinha a ella, que tinha na idéa a semente das maiores ambições, e porque o marido era uma creatura cynicamente excentrica. Quando, na teia urdida pelos seus desejos, o rei D. Fernando cahiu enrodilhado em amor, repellindo a noiva castelhana e arriscando a corôa a um tempo com a revolução de Lisboa ² e com a primeira guerra castelhana; quando o rei a tomou, e se foi casar a Leça do Balleio, junto ao Porto, por vergonha, provocando o protesto do infante D. Diniz; quando, subindo ao throno, ella repudiou o marido, passou este a Castella, e, fazendo gala da sua deshonorra, apresentava-se por toda a parte, blazonado de minotauro, com duas hastes de ouro na cabeça ³.

Foram crueis os primeiros annos da rainha porque ninguem lhe perdoava: uns por lhe invejarem a sorte, outros por causa do escandalo. Ella, que não tinha amor pelo rei, vingava-

¹ *Sumario de los reyes de Espana*, por el dispensero de la reyna D. Leonor de Castilla; ap. Sandoval, *Aljubarrota*, 31.

² Sobre este episodio fundou Herculano as suas *Arrhas por foro da Hespanha*.

³ *Sumario de los reyes de Espana*, etc.



va-se do tédio d'esse sacrificio, dando largas á sua imaginação doentia de mulher nervosa. Tecia intrigas que se desmanchavam em sangue, como fôra a tragedia do infante D. João que, tendo casado com a propria irmã d'ella, a matára por ciumes, fugindo em seguida para Castella. Ao escandalo e á inveja, a rainha addicionava contra si o horror, por essa doidice de sangue que parecia encastoadada nos costumes patricios, e o desespero do povo para quem era a causa dos males da guerra, outra vez desencadeada contra Castella. A rainha, porém, já não soffria, como no principio, com os despeitos do proximo, porque se deliciava na voluptuosidade dôce da vingança. Subira novos degraus na escada da sua vida pervertida, e, rainha, afeita a mandar, as suas ambições de agora ampliavam-se vagamente ainda, mas ampliavam-se, com as proporções engrandecidas do novo palco a que subira.

Esta situação, para a qual a propria guerra de Castella estava sendo uma apotheose — ella, ella só, a provocar e derimir contendias entre principes! ella, a obrigar o poderoso rei de Castella a descer a Portugal! ella, vendo-o caminhar contra Lisboa abandonada, e tornar-se o instrumento da sua desforra sobre essa cidade que a abocanhára! — esta situação enchia-a de serenidade carinhosa. O desespero de não poder amar, esquecia-o gozando as delicias da vaidade. Por isso, na satisfação torvamente luminosa da sua alma, sorria como sereia para Nun'alvares, que baixava os olhos vergonhoso e mesurado ¹, depois de ter olhado firme, sem uma contracção na face, o desfilar terrivel dos esquadrões castelhanos, no seu caminho para Lisboa.

Seductivamente, a rainha, pondo-lhe a mão delgada e nervosa sobre o hombro, disse-lhe que queria armal-o escudeiro. Nun'alvares então estremeceu, lembrando-se de Galaaz. Foi com os labios frios por uma visão de futuros indeterminados que beijou contritamente a mão de Leonor Telles.

Tambem ao bastardo de Lançarote do Lago apparecera

¹ *Chron. do Condestabre*, II.



uma dama, para o armar cavalleiro. Tambem Galaaz fôra á abbadia, e a abbadessa chorava de prazer no meio das suas quatro aias. Os vaticinios da sua vida predestinada iam-se cumprindo assim pontualmente: por isso estremecera, quando a rainha lhe disse querer armal-o por suas proprias mãos, como a abbadessa da historia que fôra quem obrigára Lançarote a armar Galaaz. E interrogado pelo pae, o bastardo respondera:

— Senhor, se vos prouvesse, bem o quereria ser, pois não ha cousa no mundo que eu tanto deseje como honra de cavallaria...

— Filho, disse Lançarote, como elle tantas vezes ouvira dizer ao prior: estranhamente vos fez Deus formosa creatura!

E Nun'alvares, sereno ao lado do pae, tambem respondia:

— Se Deus me fizer formoso, dar-me-ha bondade, prazendo-lhe. De outro modo valeria pouco. Mas Elle quererá que eu seja tão bom, e coisa que semelhe á minha linhagem e áquelles d'onde eu venho. Puz a minha esperança em Nosso Senhor...

Logo trabalhou a rainha de achar arnez que servisse a Nun'alvares, tão creança era ainda e acanhado de estatura como sempre ficou. Alguem lembrou então que havia o arnez do mestre de Aviz, quasi da mesma idade, e pouco antes armado cavalleiro. A rainha achava encantadores estes brinquedos... Entretanto os castelhanos saqueavam os suburbios de Lisboa. Foi-se pedir o arnez ao mestre d'Aviz, irmão d'el-rei, e veio. Vestiram-no a Nun'alvares: servia-lhe. Não parece fatidica esta investidura?

Como Galaaz, Nun'alvares não pôde soffrer de chorar, quando, banhada em agua benta a espada, lh'a cingiram ao cinto, calçando-lhe as esporas. Pôz-se então de joelhos, collocou-lhe a rainha o capacete na cabeça, e, desembainhando-lhe a espada, feitas as perguntas rituaes, bateu-lhe com ella os tres golpes sagrados no elmo e no hombro:

— Deus vos faça bom cavalleiro!



Erguia-se armado ¹. Era outro homem. Descera sobre elle a iniciação mystica, sagrâdo-o. Não havia de falhar a sua sina!

Escudeiro da rainha, o prior pediu ao rei que o tomasse por morador em sua casa: ficou pois no paço com seu tio e aio, o escudeiro Martim Gonsalves do Carvalho ², irmão de D. Iria, sua mãe, que tambem no paço andava como cuvilheira da infanta D. Beatriz, creancinha de um anno apenas.

O rei de Castella, entretanto, chegára sobre Lisboa ³. A maioria dos habitantes tinham-se acolhido ao castello, porque a cidade estava aberta, desmantelados os seus velhos muros mouriscos. Não tinham ainda os castelhanos navios: por isso o castello de Lisboa não podia cercar-se de todo, e, reforçados, os portuguezes molestavam o arraial. Henrique II mudou para os altos de S. Francisco, fronteiros pelo poente ao Castello, mandou queimar as taracenas ou arsenaes da praia com os navios varados n'ella; e ao mesmo tempo ⁴ que chegava a Lisboa a esperada esquadra do almirante Boccanegra, e que apresava as quatro naus portuguezas fundeadas no Tejo, entrava pelo Minho outro exercito.

Portugal estava perdido, a não ser a intervenção do cardeal Guido, nuncio do papa. Elle negociou as condições das pazes com o rei Henrique II, que não provocára a guerra, nem tinha em mente a conquista. O rei de Portugal prestaria a Castella cinco galés, quando o rei de França, alliado do castelhano, carecesse d'ellas; expulsaria D. Fernando de Castro e os mais restos dos parciaes do rei D. Pedro; casaria a infanta sua irmã com o conde D. Sancho, irmão de Henrique II; casaria a filha D. Beatriz com o duque de Benavente, bastardo do rei castelhano; e a outra filha, D. Isabel, nascida fóra do casamen-

¹ V. o ritual em Rodrigues, *Regra da Cavall. e Ordem militar de S. Bento de Aviz*, XII, 42.

² *Chron. do Condestabre*, II; tambem Lopes, *Chron.* e a reproducção dos factos em Fr. José P. de Sant'Anna, *Chron. dos Carmel.*, III, §. 680-1.

³ 23 de fevereiro, 1373.

⁴ 7 de março.



to, com D. Affonso, outro bastardo do rei Henrique, levando em dote Vizeu, Celorico e Linhares. Era este o grande espinho, porque deixava Portugal aberto, pela Beira, á invasão dos castelhanos; mas, perdido estava o reino n'esse momento, e era forçoso curvar a cabeça ás ordens do vencedor. Viram-se os dois reis em Vallada ¹ e dois dias depois celebraram-se as bodas de D. Sancho com a irmã de D. Fernando. D. Henrique retirou com o seu exercito; Leonor Telles entrou vingada em Lisboa ¹.

Oliveira Martins.

¹ Cf. Lopes, *Chron.*; Sandoval, *Aljubarrota*.



AS CAVERNAS

EM GERAL E ESPECIALMENTE AS DE SANTO ADRIÃO

EM TRAZ-OS-MONTES

As massas mineraes, que constituem a crusta do globo, estao incessantemente sujeitas á acção dos agentes atmosphericos, o calor, a chuva, a geada, etc., que, actuando sobre ellas, a todo o instante contribuem para lhes gastar a superficie e modificar as formas. Esta acção destruidora, que hoje se manifesta, exerceu-se tambem nos tempos passados ainda com maior energia. Semelhante acção não é, porém, a mesma para todas as rochas. Sobre umas, como os grés e as argillas, estes agentes obram mecanicamente, desaggregando-as; sobre outras, como os calcareos, exerce-se tambem uma acção chimica, e a rocha é, para assim dizer, dissolvida ou corroída.

A agua nos seus diversos estados, mas especialmente no estado liquido, é o principal d'estes agentes destruidores, e ao mesmo tempo o vehiculo que arrasta as particulas da desagregação ou da decomposição das rochas. A sua acção foi mais energica no periodo geologico que precedeu immediatamente o actual, o chamado periodo quaternario, em que as precipitações atmosphericas foram incomparavelmente mais copiosas do que nos nossos dias, e em que um arrefecimento ou baixa geral da temperatura, que abrangeu as nossas latitudes, intensamente a favoreceu, tornando-a portanto mais energica.

Mas a acção destruidora da agua, que se manifestava á superficie do sólo, naturalmente havia de exercer-se tambem no interior das massas mineraes em todas as partes onde ella podesse chegar, obrando porém diversamente conforme a natureza das rochas.

Uma parte das aguas pluviaes que cahem na superficie do sólo é quasi immediatamente restituída á atmospherá pela evaporação; outra parte accumula-se nas pregas e depressões do sólo, formando os regatos e ribeiras, e depois de um trajecto mais ou menos difficil e extenso, vai lançar-se no mar; outra parte, finalmente, é absorvida pelas rochas porosas, e infiltra-se no sólo pelas innumeras fendas e intersticios das camadas sólidas, e circulando no interior da crusta, a maior ou menor profundidade, alimenta as fontes e nascentes, bem como as correntes e rios subterraneos.

Além das fendas e fracturas das camadas, produzidas pelos movimentos do sólo, as differentes massas mineraes são atravessadas por planos ou *juntas*, que seguem determinadas direcções em cada região. Estas fendas, seja qual fôr a sua origem, e os planos de estratificação ou de deposição das camadas, são os ductos naturaes por onde as aguas da superficie encontram passagem, e em que circulam subterraneamente. De exiguas dimensões ao principio, estes ductos vão-se alargando irregularmente, ampliando-se a tal ponto, que muitas vezes a custo pôde reconhecer-se a sua ligação com as fendas d'onde provém.

Nas rochas calcareas a agua, introduzindo-se pelas fissuras da superficie para o interior do sólo, e operando, como disse-mos, ao mesmo tempo chimica e mecanicamente, de necessidade havia de ataca-las, dissolvendo-as, arrastando as suas particulas para longe, e alargando successivamente os espaços por onde passava. Assim se-formaram as *cavernas* e as *grutas*, isto é, cavidades mais ou menos extensas, abertas por causas naturaes no interior do sólo, e muitas vezes esplendidamente adornadas pela natureza com os depositos que n'ellas se formaram. O maior numero de cavernas existe com effeito nas rochas



calcareas, e a acção erosiva, a que ellas devem a sua formação, foi particularmente auxiliada pelas areias e calhaos da superficie, que as aguas arrastavam no seu trajecto.

As galerias, que seguem os cursos d'agua subterraneos, e as cavidades maiores ou menores onde as aguas se accumulam, resultam pois do alargamento das fendas primitivas dos calcareos; e a sua origem deve procurar-se na falta de homogeneidade da rocha, e nos movimentos mecanicos, a que o terreno esteve submettido depois da sua consolidação. Estas fendas, que representam as linhas de menor resistencia, communicam entre si, e d'ahi a ligação que as grutas frequentemente teem umas com outras, e as suas communicações para o exterior do sólo.

Os leitos d'estes cursos d'agua subterraneos são, como póde presumir-se, irregularissimos, e formam canaes tortuosos, comprehendendo camaras espaçosas, que se ligam por corredores estreitos, variamente ramificados, e muitas vezes interrompidos por saltos. A maior parte d'estes antigos canaes estão agora sêccos, e já o estavam quando as grutas foram occupadas pelo homem ou pelos animaes; alguns d'elles, porém, dão ainda passagem a correntes mais ou menos importantes, vindo a agua rebentar em pontos mais baixos, formando nascentes, que engrossam caudalosamente na estação chuvosa. N'este trajecto a agua carrega-se de carbonato calcareo, que, dadas certas circumstancias, se deposita no estado crystallino, e algumas vezes tambem no estado terroso ou tufaceo, depois d'ella ter rompido á superficie.

Como exemplos d'esta ordem, poderemos citar em Portugal as nascentes do Alviella, na origem do canal de abastecimento de Lisboa; e a nascente do Olho Marinho, que se ve brotar na base da escarpa calcarea da Cesareda, dando origem a um ribeiro. Comtudo, a maior parte das vezes, as bôcas dos canaes estão occultas, e obstruidas pela terra e detritos das rochas do sólo.

A agua, pela sua acção prolongada, não sómente abriu na massa do calcareo os ductos por onde circularam as correntes



subterraneas, mas, pelo alargamento das fendas preexistentes, concorreu para importantes desabamentos, aos quaes em muitos casos é em parte devida a formação das cavernas, ou pelo menos a sua ampliação, modificando-se mesmo muitas vezes as formas exteriores do sólo pelo abatimento das camadas da superficie, ou pelo escorregamento de grandes massas de terreno, até de montanhas inteiras.

Ao trabalho de erosão, ao qual é devida a formação das grutas, e que naturalmente foi muito activo porque corresponde á época em que as precipitações atmosphericas foram abundantissimas, seguiu-se um periodo de reconstrucção, ou de accumulacção de depositos nas cavidades anteriormente formadas, trabalho que vemos ainda hoje continuar-se nos pontos onde se dão condições favoraveis para isso.

Os depositos que se acham dentro das cavernas, enchendo-as parcialmente, são de duas ordens: uns de origem chimica e principalmente effeito de crystallisação por via aquosa; outros são sedimentos de transporte, vindo quasi sempre de pequena distancia, mas pela maior parte differindo das rochas onde estão abertas as grutas.

As aguas de infiltração, atravessando as camadas calcareas, carregam-se dos principios de que estas rochas são formadas, porque a acção dissolvente da agua sobre o calcareo augmenta pela presença do acido carbonico que existe nas aguas atmosphericas, e pelo que ellas recebem em virtude da decomposição dos restos organicos, principalmente vegetaes, que encontram á superficie do sólo. O calcareo, que é assim levado em dissolução nas aguas, precipita-se no estado crystallino quando a infiltração se faz lentamente e a dissolução chega gota a gota a cavidades sujeitas a uma corrente de ar, a cuja influencia a agua abandona o excesso de acido carbonico que trazia em dissolução, e, evaporando-se, depõe por camadas tenuissimas sobrepostas o carbonato neutro de cal em mui pequenos crystaes. Uma nova disposição molecular intervem depois, por effeito da agua que embebe permanentemente as concreções formadas, e a calcite adquire a textura fibrosa, fibro-com-



pacta ou spathica, segundo a lentidão com que a precipitação se fez.

As concreções produzidas por este modo apresentam as fôrmas mais variadas e pittorescas, e são bem conhecidas pelos nomes de *estalactites* e *estalagmites*, conforme occupam o tecto e as paredes, ou o pavimento das grutas.

Estas concreções teem aspectos variadissimos e, por vezes phantasticos. Ora são columnas de fôrmas caprichosas, que simulam sustentar as abobadas; outras vezes, pendendo do tecto e seguindo as fendas pelas quaes se fez a infiltração do calcareo, imitam porticos e colgaduras diversamente recortadas; emfim, cobrindo as paredes. e adaptando-se ás irregularidades da sua superficie, tomam os aspectos mais extraordinarios, lembrando algumas vezes fontes que se despenham em cascata. Ou então, as concreções estalagmiticas, desacompanhadas das estalactites, formam mesas ou altares, ou erguem-se do pavimento da gruta como pyramides e fustes de columnas, trazendo á idéa as ruinas d'um templo totalmente devastado.

Quando a luz vem ferir a superficie d'estas concreções, os pequenos crystaes de calcite brilham vivamente e reflectem a luz irisada em diversos tons e em todos os sentidos pelos milhares de facetas que apresentam.

Rara será a gruta em que estes depositos crystallinos faldem inteiramente; algumas ha, pelo contrario, em que attingem uma espessura de muitos metros, reconhecendo-se assim o largo periodo que foi necessario para a sua formação. N'este caso estão as grutas de Santo Adrião, no limite occidental do concelho de Miranda do Douro, das quaes, em vista da sua importancia industrial, mais especialmente nos occuparemos n'este artigo.

A maior parte das incrustações estalagmiticas são formadas de calcite; todavia, n'algumas grutas, como nas nossas da Escusa (Marvão), que são abertas em calcareo dolomítico, o deposito é constituído por aragonite, variedade do carbonato calcareo, que differe da calcite pela sua maior densidade e pelo seu modo de crystallisação.

*



Mas, como dissemos, não são estes depositos de origem chimica os unicos que se encontram nas cavidades interiores do solo: outros ha, mais vastos, de origem mecanica, devidos á acção das correntes subterraneas, e que são para o geologo mais instructivos, porque lhe permitem apreciar muitos factos importantes relativos á época em que as grutas serviram de refugio ao homem ou aos animaes. O que sobretudo dá a estes depositos particular interesse, são os restos de seres organisados que frequentemente encerram, e com especialidade os ossos de mamiferos, que se encontram em grande abundancia em muitas cavernas, o que fez que se dêsse a estas o nome de *cavernas ossiferas*, e de *camada ossifera* á formação que os contém.

Nas grutas em que se formaram depositos estalagmiticos, as aguas de infiltração, cahindo sobre o sólo, cimentaram as areias e os calhaos, que as antigas correntes subterraneas haviam arrastado, e ao mesmo tempo os ossos de animaes ou mesmo do homem, que alli se encontravam. Assim se formou a camada ossifera, que toma o nome de brecha ossifera, quando o deposito enche as fendas do calcareo, e os ossos se apresentam soltos e em parte quebrados.

Os depositos de origem mecanica frequentemente consistem n'uma argilla arenosa de consistencia fraca, com a côr avermelhada ou amarellada pelo oxydo de ferro que encerra. De ordinario fórma uma camada incoherente, mas n'alguns casos é tão impregnada de calcareo estalagmitico, que só com muita difficuldade póde cortar-se. Estes depositos cobrem não só o fundo das grutas, mas enchem total ou parcialmente as fendas e galerias que as ligavam, e que estabeleciam a ligação d'ellas com a superficie.

A camada, que encerra os ossos, occupa ordinariamente uma posição inferior ao manto stalagmitico; porém esta regra não é invariavel, e algumas vezes, pelo contrario, inverte-se a posição relativa dos dois depositos; n'outras grutas, enfim, repetem-se, alternando uns com os outros, o que demonstra que as correntes d'agua não introduziram sempre os seus sedimentos de modo continuo, e que, nos intervallos, as infiltra-



ções interiores puderam formar lentamente as suas concreções.

Os sedimentos subterraneos são verdadeiramente a continuação dos depositos de transporte superficiaes; por isso apresentam a maior analogia de composição com estes depositos, e frequentemente a côr e aspecto que elles teem.

Entre os restos de animaes, que se encontram nos depositos de sedimento antigos das cavernas, ha a notar uns que pertencem a especies extinctas do periodo quaternario, como o mammoth, o grande urso e o leão das cavernas; outros que são analogos aos das especies vivas da região, porém de dimensões superiores ás dos individuos das mesmas especies actualmente existentes, como, por exemplo, o lobo; outros animaes, finalmente, são de especies vivas, que mudaram porém de *habitat*, isto é, desapareceram inteiramente das regiões que d'antes occupavam, como o rangifer, a hyena, etc.

Misturados com os ossos de mammiferos, e confundidos com elles, teem-se achado em varias grutas restos de esqueletos humanos e algumas provas materiaes da actividade d'esses homens primitivos, como armas e instrumentos de silex, de osso, de ponta de veado, etc. O facto da coexistencia da nossa especie com as especies extinctas de mammiferos, isto é, da existencia do homem n'uma época geologica muito anterior a toda a tradição, foi assim indisputavelmente adquirido para a sciencia; e não só o estudo das cavernas, mas tambem dos depositos quaternarios superficiaes, tem-no estabelecido de modo irrefragavel.

Muitas grutas serviram, nos tempos primitivos, de covis a fêras e animaes bravios, especialmente ao urso e á hyena; posteriormente foram utilizadas pelo homem para habitação ou para outros fins. Temos em Portugal exemplos d'isso. Algumas vezes mesmo, o homem disputou aos animaes a posse d'esses abrigos; e grutas ha que foram alternativamente por elle frequentadas e depois abandonadas, como succede com a «Furninha» de Peniche, que explorámos minuciosamente em 1879, e na qual se colheram em certos estratos as provas de que fôra occupada



pelo homem, enquanto que n'outros estratos, alternando com os primeiros, se viu a demonstração da permanencia da hyena, que ali ia devorar os restos dos animaes de que se apossára.

Mas foi no fim da época neolithica, ou mais rigorosamente na época de transição do emprego da pedra polida ao emprego do cobre como materia prima para a fabricação das armas e instrumentos de que se serviu o homem prehistorico, que o aproveitamento das grutas para habitação e tambem para sepultura parece ter sido de uso geral na nossa Peninsula. A mesma gruta de Peniche, a que ha pouco me referi, depois de ter servido de guarida a animaes bravios, e de habitação ao homem no periodo quaternario, foi tambem, a meu vêr, no fim da época neolithica, logar escolhido para festins de cannibaes, pois não podem explicar-se os factos alli observados pela supposição de enterramentos, a não ser que as scenas de anthropophagia, de que vemos as provas, representem sacrificios feitos ás divindades ou aos manes de mortos illustres.

A exploração e o estudo das cavernas tem pois, como se vê, uma grande importancia no ponto de vista ethnographico; tambem tem um fim pratico, utilitario, que não deve esquecer-se, e que vamos considerar agora, especialmente com referencia ás grutas de Santo Adrião, em Traz-os-Montes, ha poucos annos descobertas, e que tem justamente adquirido uma certa celebridade pelos valiosos materiaes que encerram.

*
* *

Na freguezia de S. Pedro da Silva, pertencente ao concelho de Miranda do Douro, e lindando com o de Vimioso, ha no meio de uma faixa de schistos silurianos, que occupa aquella região, varias massas lenticulares de calcareo, mais ou menos extensas, das quaes as mais importantes são as que passam no chamado monte de Ferreiros, na quinta de Santo Adrião. Este cabeço é constituido na sua parte culminante por um granito grosseiro semelhante ao do Porto, sobre o qual tambem



assenta a capella da Senhora do Rosario, formando uma mancha importante, que se estende para o norte e para o nascente, sendo depois occulto por outras rochas.

Como dissemos, é no monte de Ferreiros onde melhor podem observar-se os calcareos. Passam ahi com effeito as duas camadas principaes d'esta rocha, medindo muitas dezenas de metros de espessura, separadas uma da outra, e a mais oriental d'ellas do granito, por faixas de schistos. Além d'estas duas camadas, outras massas menos importantes de calcareo apparecem intercaladas nos schistos.

Os calcareos são *crystallinos*, finamente *granulares* em parte, mas não teem uma textura uniforme; mostram-se em estado de maior ou menor pureza, mas são parcialmente manchados pelos schistos, e incluem mesmo alguns leitões d'esta rocha.

A côr branca, mais ou menos pura, domina nos calcareos da faixa oriental, que são os marmores por excellencia. Os calcareos da faixa occidental, tambem *granulares*, mas de aspecto *dolomítico*, teem de preferencia a côr cinzenta azulada, e são finamente *cariados* ou *esponjosos* na parte superficial ou proximo das grutas, onde sómente até agora teem sido cortados. Os marmores recebem o mais bello polido, e são um tanto *translucidos*, qualidade muito apreciavel, que lhes augmenta o valor, mas que os calcareos da camada superior não possuem.

O marmore tem a *estratificação* indistincta; fórma como uma grande massa irregular cortada a espaços de juntas como as que dividem o granito, naturalmente mais visiveis proximo da superficie, e menos distinctas á proporção que se desce para o interior da massa. Em razão d'esta estrutura podem obter-se blocos de muitos metros cubicos de volume, cuja grandeza é, a bem dizer, limitada principalmente pelas difficuldades do transporte.

Os calcareos da camada inferior, ou da faixa mais oriental e mais proxima do granito, são os mais puros. Compreendem um marmore de grande belleza, de côr branca nacarada, muito proprio para decoração *architectonica* e para mobilia, e talvez mesmo para *estatuaria*. Uma antiga pedreira alli aberta



mostrou, pelos objectos que se encontraram, que este marmore foi lavrado em tempos remotissimos, provavelmente durante a dominação romana; e o que é mais notavel é que o processo de lavra então empregado muito pouco differe do que ainda hoje se usa. Com effeito, varios instrumentos de ferro que se acharam na antiga pedreira, perfeitamente analogos aos que se teem descoberto n'algumas minas do Alemtejo, devem referir-se áquella época, emquanto que umas mós grosseiras de granito e alguns machados de pedra polida, achados no mesmo cabeço de Ferreiros e n'outros pontos proximos, deverão reportar-se a uma civilisação differente, plausivelmente a dos antigos habitantes da região, que as hostes romanas vieram subjugar.

Os calcareos da camada superior, ou da faixa mais occidental, de um fundo cinzento-azulado, sobretudo no tecto da camada, formam um jazigo muito mais vasto do que o do marmore branco, o qual, quando visitei a localidade, não linha sido descoberto senão no monte de Ferreiros; além d'isso, aquelles calcareos encerram numerosas grutas, algumas já reconhecidas e em parte exploradas, em cujo pavimento se descobriu o alabastro calcareo em possantes massas.

O alabastro foi depositado pela agua sobresaturada de calcareo, que passava lentamente pelas fendas e juntas da rocha, depois de formadas as grutas. É, portanto, verdadeiramente um calcareo concrecionado estalagmitico, em camadas successivas, irregulares, concentricas, que, segundo o córte, se desenham na superficie com aspectos variadissimos.

Um facto muito interessante, que indica a enorme extensão que podem ter as grutas, e portanto os depositos de alabastro, é que na ribeira de Ferreiros, que corre na raiz do monte do mesmo nome, a agua desaparece em parte no limite do granito com os schistos, some-se totalmente na passagem dos schistos aos calcareos onde estão as grutas, e por fim reaparece no leito da mesma ribeira, na passagem superior aos schistos, isto é, no tecto da ultima camada de calcareos. Entretanto, os alabastros não formam de nenhum modo jazigos tão extensos como o calcareo em que são contidos, o qual, seguindo-se



sem interrupção por 3 a 4 kilometros, pode, no sentido industrial, considerar-se inesgotavel.

Não é inutil accrescentar que as condições d'estes jazigos são excepcionalmente favoraveis para a lavra, e portanto que elles representam uma grande riqueza, que não deve ficar desaproveitada. Com effeito, pela configuração especial do sólo, pôde fazer-se a lavra na encosta dos cabeços, havendo sempre esgoto natural para as aguas, o que torna o trabalho muito facil e economico, e permite que se ponha a descoberto uma grande superficie para o ataque das pedreiras nos pontos que devam preferir-se.

Deve por outro lado notar-se que, a não ser na parte oriental de Traz-os-Montes, os calcareos são muito raros nas provincias do norte de Portugal e na maior parte das duas Beiras, bem como na provincia hespanhola de Samora. Avalia-se, pois, facilmente a extraordinaria importancia que teem tão vastos jazigos.

As minuciosas pesquisas feitas no monte de Ferreiros pelos snrs. Francisco e José Cardoso Pinto, levaram á descoberta alli de tres grutas (além de duas outras em dois cabeços contiguos), achando-se em todas ellas o deposito de alabastro. Sobre este manto rijo, formado no periodo quaternario, existia em maior ou menor quantidade um deposito argillo-arenoso, ou terra de côr escura, encerrando restos de esqueletos humanos, e juntamente varios productos da industria neolithica; d'onde se conclue que estas grutas, nos tempos prehistoricos, foram aproveitadas pelo homem como habitação ou para sepultura.

Como de ordinario acontece, a entrada das grutas achava-se obstruida de entulho, e para penetrar n'uma d'ellas cortou-se o manto estalagmitico. Muito provavelmente communicavam todas entre si por meio de galerias e fendas, que estão agora cheias pelos depositos alabastrinos.

N'esta hypothese, que é corroborada por muitos indicios, poderemos considerar que as grutas do monte de Ferreiros constituem pela sua reunião uma enorme caverna, ramificando-se irregularmente, e talvez extendendo-se mais além do cabeço.



De todas as grutas descobertas n'esta região, a principal, que eu chamei *Gruta Grande*, é que, pela sua fôrma singular, pelas suas maiores dimensões, e pelos effeitos phantasticos da luz que n'ella se observam, mais tem attrahido a attenção; e na verdade bem merece ser visitada pelos que apreciam as bellezas naturaes, pois que não conheço outra no nosso paiz que se lhe assemelhe.

Esta gruta apresenta-se como uma ampla fenda que desce para o interior do cabeço concordantemente com o pendor das camadas, que é de 40° a 45° para o lado do sul, sendo o tecto e o pavimento formados respectivamente pelo muro e pelo tecto de duas camadas de calcareo, que eram anteriormente contiguas.

A entrada, que artificialmente se lhe fez na parte superior, cortou uma possante massa de alabastro, que parece interstratificada no calcareo, mas que na verdade representa o enchimento de um canal, que provavelmente estabelecia a ligação d'esta gruta com a Gruta de Ferreiros, que está proximo d'ella e em nivel superior. Reconheceu-se aliás, que a verdadeira boca da gruta, ou a sua comunicação natural para o exterior, era n'um ponto mais baixo, e está ainda obstruida.

Quando a gruta Grande foi descoberta era muito difficil e perigoso percorrel-a, porque o pavimento offerece, como disse-mos, muito forte inclinação, e é muito liso e escorregadio; hoje póde descer-se, com bastante commodidade, á parte mais baixa da gruta por uma escadaria de madeira fixa permanentemente. Ahi, n'uma pequena camara situada no recanto oriental, as formações estalagmiticas adquiriram extraordinario desenvolvimento, e grossas columnas de alabastro a guarnecem formando uma esplendida decoração.

Esta gruta, quando convenientemente illuminada, vista de cima, parece que se prolonga em extensão indefinida. A luz, coando-se através do alabastro, ou reflectindo-se na sua superficie, produz os effeitos mais bellos e surprehendentes. Mas o que sobretudo lhe imprime um caracter original, é a ausencia absoluta de columnas estalagmiticas na sua parte prin-



cipal, que é muito vasta, mantendo-se a abobada do tecto sem nenhum apoio visível.

Depois que visitei a gruta, reconheceu-se que este aspecto era devido ao abatimento de uma porção de camada que formava o tecto primitivo, phenomeno que se realisou posteriormente á formação do manto estalagmitico, que deve portanto achar-se occulto debaixo d'esta massa de calcareo. É comtudo plausível suppôr que nunca existiram na gruta fortes columnas que lhe amparassem o tecto, não só porque n'esse caso não é provavel que o desabamento se effectuasse, mas tambem porque a disposição dos alabastros na actual entrada da gruta e na parte mais funda d'ella, onde são abundantissimos, fazem julgar que a infiltração das aguas carregadas de calcareo principalmente se fazia segundo os planos da estratificação, escorrendo depois pelo pavimento da gruta, até que a bôca de entrada totalmente se obstruiu.

A formação do manto estalagmitico continuou-se n'esta gruta, ainda que muito lentamente, na época moderna. Effectivamente, no fundo da gruta, do lado onde supponho que seria a primitiva entrada, descobriu-se um esqueleto humano incompleto, cuja parte principal, incluindo o craneo, estava incrustada no manto estalagmitico, achando-se alguns ossos soltos no meio de uma terra anegrada, como a do deposito superior das outras grutas, juntamente com ossos de animaes recentes e cocos de louça anegrada grosseira do periodo neolithico. Esta associação indica com bastante plausibilidade a época a que pertenceu o individuo, que accidental ou intencionalmente alli foi sepultado.

O alabastro das grutas de Santo Adrião tem ordinariamente a côr branca ou amarellada clara manchada de amarelado mais escuro e de acastanhado, ou é listrado de differentes tons d'estas côres, que são devidas ao hydroxydo de ferro, que as aguas traziam em dissolução, juntamente com o carbonato calcareo, em proporções varias.

Como o alabastro tem dureza superior á do marmore, adquire pelo polido um brilho ainda mais vivo do que o d'esta



rocha, e que lembra a agata, á qual até certo ponto se assemelha pela sua translucidez e pelo seu aspecto listrado, posto que tenha côres menos vivas.

A parte o córte que se fez para a bôca de entrada da gruta Grande, a exploração do alabastro não se tem feito n'esta gruta, que está felizmente intacta, mercê dos solícitos cuidados do snr. Francisco Cardoso Pinto, que a conserva fechada. Foi na gruta de Ferreiros, que está, como disse, em nível superior áquella, que o precioso material se descobriu; e é d'ahi que teem sido extrahidas as placas que foram admiradas em differentes exposições, e as que teem sido entregues ao commercio.

J. F. Nery Delgado.



CARTAS DE FRADIQUE MENDES ¹

AS CARTAS

(2.^a Série)

II

A CLARA . . .

(Trad.)

Paris, maio.

Minha adorada amiga. — Não, não foi na *Exposição dos Aquarellistas*, em março, que eu tive comsigo o meu primeiro encontro, por mandado dos Fados. Foi no inverno, minha adorada amiga, no baile dos Tressans. Foi ali que a vi, conversando com Madame de Jouarre diante d'uma console, cujas luzes, entre os molhos de orchideas, punham nos seus cabellos aquelle nimbo d'ouro que tão justamente lhe pertence como «rainha de graça entre as mulheres». Lembro ainda, bem religiosamente, o seu sorrir caçado, o vestido preto com relevos côr de botão d'ouro, o leque antigo que tinha fechado no regaço. Passei — mas logo tudo em redor me pareceu irreparavelmente enfadonho e feio, e voltei a readmirar, a *meditar* em silencio essa sua belleza, que me prendia pelo seu esplendor patente e comprehensivel, e ainda por não *sei quê* de fino, de intellectual, de dolente e de meigo que brilhava através e vinha da alma. E tão intensamente me embebi n'esta contemplação, que levei commigo a sua imagem, decorada e inteira, sem esquecer um fio dos seus cabellos ou uma ondulação da

¹ Continuado de paginas 738 do vol. III.



sêda que a cobria, e corri a encerrar-me com ella, alvoraçado, enlevado, como o artista que no escuro armazem d'uma viella rude descobrisse a Obra sublime d'um Mestre perfeito.

E porque o não confessarei? Essa Imagem foi para mim, ao principio, meramente um Quadro, pendurado no fundo da minha alma, que eu a cada dôce momento olhava — mas para lhe louvar apenas, com crescente surpresa, os encantos diversos de Linha e de Côr. Era apenas uma rara tela que permanecia no fundo da minha alma, immovel e muda no seu brilho, sem outra influencia mais sobre mim que a d'uma fôrma muito bella que captiva um gosto muito educado. O meu sêr, porém, continuava livre, attento ás curiosidades que até ahi o seduziam, aberto aos sentimentos que até ahi o solicitavam; — e só quando sentia uma fadiga nunca antes sentida, ou quando n'elle surgia o desejo novo d'uma occupação mais pura, voltava a admirar a Imagem que em si guardava, como Fra Angelico, no seu claustro, pousando os pinceis, ao fim do dia, ajoelhava ante a Madona a implorar d'ella repouso e inspiração superior.

Pouco a pouco, porém, tudo o que não foi esta contemplação excellente perdeu para mim valor e encanto. Comecei a viver cada dia mais retirado no fundo da minha alma, perdido na admiração da Imagem que lá rebrilhava — até que só essa occupação me pareceu digna da vida, o mundo todo se tornou para mim uma apparencia errante, e fui como um monge na sua cella, alheio ás coisas mais reaes, de joelhos e hirto no seu sonho, que é para elle a unica realidade.

Não era, porém, em mim, um simples e passivo extasiado diante da sua Imagem. Não! era antes um ancioso estudo d'ella, em que eu procurava conhecer através da Fôrma a essencia, e (pois que a Belleza é o esplendor da Verdade) deduzir das perfeições do seu Corpo as superioridades da sua Alma. E foi assim que lentamente surprehendi o segredo do seu sêr; sua testa que o cabello descobre, tão clara e lisa, logo me provou, sem erro, a rectidão do seu pensar: o seu sorriso d'uma nobreza tão fina e como espiritual, facilmente me revelou o seu des-



dem do que é mundano e ephemero, a sua aspiração para um viver sempre mais nobre, sempre mais bello: cada graça de seus movimentos me trahiou uma delicadeza do seu gosto: e nos seus olhos differencei, separei o que n'elles tão adoravelmente se confunde, luz de intelligencia, calor de coração, luz que tão bem alumia, calor que tão bem aquece... Já a certeza de tantas perfeições bastaria a fazer dobrar, n'uma adoração absoluta e perpetua, os joelhos mais rebeldes. Mas succedeu ainda que, ao passo que eu a comprehendia e que a sua Essencia se me manifestava, assim visivel e quasi tangivel, uma influencia descia d'ella sobre mim, uma influencia estranha, transcendente, diferente de todas as influencias humanas, e que me dominava omnipotentemente. Como lhe poderei dizer? Monge, fechado na minha cella, comecei a aspirar á santidade, para ficar em harmonia e ser merecedor de conviver com a Santa a que me votára. Fiz então sobre mim um duro exame de consciencia. Investiguei com inquietação se o meu pensar era condigno da pureza do seu pensar; se no meu gosto não haveria desvios que podessem ferir a infallibilidade do seu gosto; se a minha idéa da vida era tão alta e séria como aquella que eu surprehendia na espiritualidade do seu olhar, do seu sorrir; e se o meu coração não se dispersára e enfraquecera de mais para poder palpitar com parallelo vigor junto do seu coração. E tem sido em mim agora um soffrego, tumultuoso esforço para subir a uma perfeição identica áquella que em si tão submissamente adoro.

De sorte que a minha querida amiga, sem saber, se tornou a minha suprema educadora. E tão dependente fiquei logo d'esta direcção, que já não posso comprehender os movimentos do meu sêr senão governados por ella. Perfeitamente sei que tudo o que hoje surge em mim de algum valor, idéa ou sentimento, é obra d'essa educação que a sua alma dá á minha, de longe, só com existir, e ser comprehendida. Se hoje se retirasse de mim a sua influencia — devia antes dizer, como um asceta, a sua Graça — todo eu rolaria para uma inferioridade sem remissão. Veja pois como se me tornou necessaria e preciosa.



E considere que, para exercer esta supremacia salvadora, não foi preciso que descesse junto de mim e que as suas mãos tocassem as minhas — mas bastou que eu a tivesse visto, de longe, n'uma festa, resplandecendo. Assim uma planta silvestre floresce á borda d'um fôssô, porque ha lá em cima nos altos céos um grande sol, que não a vê, não a conhece, e magnanimamente a faz crescer, desabrochar, e ter belleza, e dar aroma... Por isso, o meu amor attinge esse sentimento indescripto e sem nome que a Planta, se tivesse consciencia, devia sentir pela Luz.

E considere ainda que, necessitando de si como da luz, nada lhe rogo, nenhum favor imploro. Só desejo que me deixe viver sob essa sua influencia omnipotente, que, emanando do simples brilho das suas perfeições, tão facil e dôcemente opéra o meu aperfeiçoamento. Só isto peço. Veja pois quanto me conservo discreto, na retrahida humildade d'uma adoração que até receia que o seu murmurio, um murmurio de prece, roce o vestido claro da imagem divina...

Mas se a minha querida amiga por acaso, certa do meu contente renunciamento a tudo quanto é recompensa terrestre, me permittisse desenrolar junto de si, n'um dia de solidão, a agitada confidencia do meu coração, decerto faria um acto de ineffavel misericordia — como outr'ora a Virgem Maria quando animava os seus adoradores, descendo n'uma nuvem á escura cella ou ao ermo, e concedendo-lhes um fugitivo sorriso, ou deixando-lhes cahir entre as mãos erguidas uma rosa do Paraiso. Assim, amanhã, vou passar a tarde com Madame de Jouarre. Não ha ahi a santidade d'uma cella ou d'uma ermida, mas quasi o seu isolamento: e se a minha querida amiga surdisse, em pleno resplendor, e eu recebesse de si, não direi uma rosa, mas um sorriso, ficaria então radiosamente seguro de que este meu amor, ou este meu sentimento indescripto e sem nome que vai além do amor, encontra ante seus olhos piedade e permissão para esperar. — FRADIQUE.

Eça de Queiroz.



IDYLLIO TRISTE

(1887)

PRELUDIO

Ao luar dormente, ao luar dos tropicos, no exilio,
Sobre um terraço á beira-mar,
Procurei na memoria as rimas d'este Idyllio,
— Contas perdidas d'um collar...

Do coração, robusto ainda, em cada leiva,
Com todo o affecto architectei-as;
Insufflei-lhes calor, graça, perfume, seiva,
— Tudo o que espuma em nossas veias...

Derradeiros clarões d'um poente côr de sangue,
Onde, em tristissima viuvez,
Como aguia moribunda, a Mocidade exangue
Contempla o sol a ultima vez...

Ingenuos corações que idealizaes venturas!
— Andam morecêgos a esvoaçar...
Lêde vós, lêde vós, as minhas desventuras,
Olhos vermelhos de chorar!...

I

(Madrigal antigo)

Hontem, quando passei, d'olhos cravados
Nos teus olhos azues, — como um gracejo —
Com esses dedos finos e rosados,
Atiraste-me um beijo.
Que mal fizeste! Os beijos namorados
São como certos fructos do Equador...
Devem ser nos arbustos apanhados
Para terem sabor...

II

Ninguem sonhou palavras inflamadas
No incendio da paixão e do desejo,
Que na eloquencia fossem igualadas
Ao fremito d'um beijo.
Deixemos pois as phrases requintadas,
E os nossos versos languidos acabe-os
O estrepito das rimas esmagadas
Sob a pressão dos labios!

III

Quando tu fallas, nem sequer palpita
Meu coração n'um extasis parado...
E queixas-te de mim, tudo te excita,
Por me vêres calado.
Mas quem, ouvindo a musica bemdita
Da tua voz, não se ha de extasiar?
Quando nos falla uma mulher bonita
Ouve-se com o olhar...



IV

Que impertinencia a tua! E, todavia,
Prefiro vêr-te assim, branca e nervosa,
Nos relêvos da cólera sombria,

Filha d'Eva orgulhosa!

Ficas mais bella assim, pallida e fria,
Vibrando n'esse electrico lampejo...

Mas não te exaltes mais, toda a ironia

Dissolve-se n'um beijo...

V

Adoro o teu olhar que me fulmina,
Sendo um claro e suave rosiclér;
E beijo a tua mão pallida e fina,

A tua mão que me fere...

Por um momento apenas imagina
O que eu faria, que nervoso alarme,
Se essa traidora mão, quasi divina,

Quizesse acariciar-me!?

VI

Com a triste ironia do desgosto,
Expondo as minhas queixas amorosas,
Lamentava que Deus tivesse posto

Os espinhos nas rosas...

E tu, erguendo o illuminado rosto,
Disseste cheia de infantis carinhos:

Devias adoral-o por ter posto

As rosas nos espinhos...



VII

Não sei que mágua o teu silencio encerra,
Que tenebrosa idéa te domina...
Falla! Responde! O teu silencio aterra,
E o teu olhar fulmina!
Deus fez o amor para animar a terra,
Fez o prazer para encantar a vida...
Abre os teus labios, meu amor! Descerra
O teu olhar, querida!

VIII

Tens medo de morrer, alma insofrida!
Ainda ha pouco, tremente de receio,
Reclinavas a fronte dolorida,
A chorar, no meu seio...
Mas essa apprehensão indefinida
É quem alenta a nossa horrivel sorte!
Existiria algum prazer na vida,
Sem o terror da Morte?...

IX

Dizes, quando os teus olhos ineffaveis
Julgam as minhas amarguras lêr:
—«Abandona esses livros miseraveis!
Não é bello viver?» —
Como és ingenua! A dôr que me trucida
Não vem dos livros que costume lêr;
Para aprender a desprezar a vida,
É bastante viver!

X

Afasto-me de ti porque receio
Que o meu amor te faça desgraçada...
Não brota na charneca do meu seio
 Nenhuma flôr sagrada.
Por isso fujo da attracção que leio
Na clara festa d'esse olhar risonho,
Com a tristeza, o desespero, o aneio,
 De quem foge d'um Sonho...

XI

Devo partir... Teus braços enlaçados,
Prendem-se a mim como um collar macio,
Quando se tingem em laivos inflammados
 O céo pallido e frio...
Gritos, soluços, prantos derramados!
— Os braços da mulher que nos enleia,
Mesmo quando não sejam adorados,
 — São sempre uma cadeia...

XII

Apalpo o lado esquerdo... Não sentia
Bater meu coração que te adorava:
De mim saudoso o misero fugia
 E o teu seio buscava...
Assim devia ser! Como eu partia,
Elle que tanto amou, tanto soffreu,
Convulso, afflicto, exanime, devia
 Ficar junto do teu...

XIII

No abandono da minha soledade,
Em que a Memoria absorve o Pensamento,
Como a lua das ruínas, a Saudade
 Abre o olhar somnolento.
E é n'essa luz, é n'essa claridade,
Que o teu vulto divino se accentua,
Como a nuvem d'um céo de tempestade
 No sudario da lua...

XIV

Muitas vezes a Ausencia prolongada
Tudo esbate em longinqua perspectiva;
Outras vezes porém, chamma sagrada,
 As imagens aviva.
— Tumultuosa corrente extravasada,
Tudo submerge e arrasta n'um momento!...
Mas quando torna a angustia concentrada,
 Devora o Pensamento!

XV

O que mais me commove e me contrista
N'este pezar que se apossou de mim,
E não saber, — que tenebroso egoista! —
 Se te lembras de mim...
Qualquer idéa em que a memoria insista,
Redobra a nossa angustia, é uma afflicção...
E eu vivo a repetir: — *Longe da vista,*
 Longe do coração...



XVI

Mandaram-me dizer que me trahiste...
Nunca o meu cego amor acreditou!
Mas um dia, no peito amargo e triste,
A duvida passou...
E esse vivo relampago persiste,
Labareda em continuo turbilhão...
O que será de mim, se me illudiste,
Minha unica Illusão ?

XVII

Já não duvido mais! Na minha ausencia
Mostraste bem toda a perversidade...
O que eu julgava ser maledicencia
Tornou-se em realidade.
E era tal o fervor, tal a demencia
D'essa paixão, que envergonhado escondo,
Que ainda tinha perdão, tinha indulgencia,
Para o teu crime hediondo!

XVIII

Uma formosa e timida pionia,
Que a luz da lua fez desabrochar,
Pensou de madrugada que morria.
Saúdosa do luar...
Mas quando o sol deslumbrador sorria,
Como dôce carícia que fluctua,
N'uma volupia languida, a pionia
Esqueceu-se da lua...



XIX

Vôa como uma flecha o Pensamento,
Alto e largo no Azul, batendo as azas,
Entre as poeiras astraes do firmamento
 Radiantes como brazas...
Mas debalde procura o esquecimento;
Resplende em cada estrella uma illusão...
Deixal-o andar no seu deslumbramento:
 Dorme tu, Coração!

XX

Um rouxinol apaixonou-se um dia
Por uma altiva e delicada rosa;
Mas debalde cantava, não o ouvia
 Essa flôr desdenhosa...
E o rouxinol, coitado, succumbia,
Vendo que a bella e zombeteira flôr,
Dos insectos grotescos recebia
 O fugitivo amor...

XXI

Confessaste uma vez, sincera e franca,
N'um momento d'angustia e d'afflicção:
— Dos nossos corações ninguem arranca
 A primeira paixão... —
Por isso a minha dôr nunca se estanca,
Vendo a antiga illusão murcha entre gelos,
Como o cadaver d'uma rosa branca
 Morta nos teus cabellos...

XXII

Foram as tuas culpas relevadas
Porque soffreste, e mais, porque choraste!
Tinhas ainda as faces orvalhadas,
 Rosa a tremer na haste...
Lagrimas são as abluções sagradas!
Filhas da nossa dôr, d'ellas dimana
O sal que limpa as almas ennodoadas
 Na corrupção humana.

XXIII

— «Tornar a vêr-te! Que divino encanto
Teus olhos vertem no meu peito exangue!
Deixa-me inebriar, murcho amaranto,
 No aroma do teu sangue!» —
E tu, sorrindo, suffocada em pranto,
Disseste-me: — «Que bello era morrer!
Ninguem no mundo tem vivido tanto,
 Se soffrer é viver!» —

XXIV

Tu, que frivolamente me trahiste,
Lamentas hoje o teu passado escuro,
E aquelle amor que nos meus olhos viste
 Immaculado e puro...
E, na saudade em que a memoria insiste,
Choras sobre esse amor, branca e piedosa,
Com o teu rosto lacrimoso e triste
 De Venus Dolorosa...



XXV

Commove-me essa angustia, essa desgraça,
Porque da mesma dôr tambem succumbo;
Ambos choramos a Illusão que passa
 N'um feretro de chumbo...
Mas antes que de todo se desfaça,
Que o nosso olhar a enleie n'um instante.
Como uma trepadeira que se abraça
 A um poste gottejante...

XXVI

No estio os bosques toucam-se de ramos,
Mas a flôr que morreu não resuscita!...
Porventura, nos beijos que trocamos,
 O antigo amor palpita?
Nas volupias, que em sonhos evocamos,
Um vendaval asperrimo soprou;
É que entre nós, que tanto nos amamos,
 Uma lesma passou...

XXVII

Junto de ti, o meu ideal consiste
Em reanimar o Sonho que morreu;
E o meu olhar, contemplativo e triste,
 Abysma-se no teu.
Mas a illusão, que momentanea viste,
A uma visão funerea se transporta:
A *outra*, que eras tu, já não existe...
 E imagino-te morta...

XXVIII

Sonho-te morta, e vejo-te deitada
Sobre a eça, entre lividos tocheiros,
Com a fina cabeça emmoldurada
 Em doirados nevoeiros...
Sonho-te morta, e vejo-te levada,
Sem um grito, um murmurio d'oração...
Mas toda a terra sobre ti lançada
 Cae no meu coração!...

XXIX

Rimei estas oitavas dia a dia,
Para esquecer um intimo pezar...
Dizer as nossas máguas allivia,
 É um balsamo cantar...
Assim na grande nau da Phantasia
Pelo Oceano das Lagrimas navego,
Entre as doiradas vespas da Ironia,
 É o Ciume — esse morcego...

EPILOGO

ÁQUELLA QUE VEIO TARDE...

(1890)

Corpo d'arminho, alma d'arminho,
O teu perfil espiritual
Lembra uma santa illuminada em pergaminho
 N'um livro d'*Horas* medieval.

De rendas finas como pennas,
Feitas n'um mystico tear,
As tuas mãos parecem duas açucenas
Desabrochadas ao luar.

Branco de neve e luar coalhado
Sobre magnolias a entreabrir,
Teu lacteo seio é como um ninho immaculado
Onde os meus sonhos vão dormir...

Accorde mystico e divino,
Murmurio languido de prece,
É como um som azul e branco, harpa e violino,
A tua voz que me adormece.

O olhar azul, o olhar celeste,
Tem tal doçura e tal unção,
Que d'uma aureola seraphica te veste
Como o esplendor d'uma *Assumpção*.

E o teu cabelo, oiro tostado,
Tão liso e loiro sobre a testa,
Traz o teu rosto de madona emmoldurado
N'um bysantino halo de festa.

Que direi eu, que mais exalte
Essa figura espiritual,
Oh minha santa illuminada a oiro e esmalte
N'um livro d'*Horas* medieval?

Avè-Maria! É este o grito
Em que os meus versos se condensam,
Quando te vejo e o teu olhar, sempre bemdito,
Cae sobre mim como uma benção...

Antonio Feijó.



MASSI-KESSE

A EXPEDIÇÃO DOS VOLUNTARIOS DE LOURENÇO MARQUES A MANICA

No dia 30 de abril, depois de termos supportado muitas privações e todos os incommodos provenientes de marchas e estacionamentos durante mais de tres mezes d'um rigoroso inverno, achava-me com toda a força do meu commando em Chimoio, a treze horas de marcha de Massi-kesse.

N'esse mesmo dia chegou da Gorungosa o snr. governador do districto de Manica, seguido de muitos carregadores que nos traziam fazendas, viveres e cartuchame.

O governador tambem contratára muitos pretos da Gorungosa, os quaes fez marchar para os depositos de «Neves Ferreira» e «Sarmento», e obtivera muitos outros dos regulos Ganda e Chibata, que, reunidos aos landins de Inhambane, asseguravam á expedição todos os transportes necessarios.

Tambem tinham sido tomadas todas as providencias para obtermos, em poucos dias, muitos bois pertencentes ao governo e ao snr. João de Rezende, e para recebermos do Humbe as munições de quatro boccas de fogo Hotckiss de 7 c., peças que



tinham sido enterradas a dois kilometros de Massi-kesse, por ocasião dos primeiros acontecimentos de Manica.

Parecia-nos pois bem assegurada a subsistencia dos homens e a reunião das munições de guerra necessarias para occupar Massi-kesse. Resolveu-se portanto avançar para alli immediatamente, afim de chegarmos antes de terminado o *modus vivendi*. Este procedimento justifica-se porque as ultimas noticias officiaes recebidas punham em duvida qualquer solução conciliadora e ordenavam a concentração de forças nas fronteiras do tratado de 20 de agosto.

No dia 2 de maio marchamos sobre Massi-kesse, onde só chegamos a 5, porque os estropeados e o transporte de duas metralhadoras Nordenfeltt e de duas pequenas peças Hotchkiss de 35^{mm} (de mil jardas de alcance) difficultaram muito a marcha, principalmente nas duas passagens do Revué, rio de muita corrente e que foi passado duas vezes em vaus de 1^m,30.

Em Chimoio ficaram as ambulancias e alguns doentes, entre estes o nosso chefe do serviço de saude, Fernando Soares Poças, com uma febre biliosa. Esperava comtudo poder seguir-nos dois dias depois juntamente com os carregadores da reserva de viveres, que eu julguei conveniente conservar a distancia na nossa retaguarda, afim de não embaraçarem a columna se esta fosse atacada.

A dois kilometros de Massi-kesse foi nomeado o snr. capitão Bettencourt para ir, como parlamentar, verificar se aquella localidade ainda estava occupada por forças da companhia Sul Africana.

Pouco tempo depois da sua partida, o snr. capitão Bettencourt communicou-nos que no antigo forte, hoje estabelecimento da companhia de Moçambique, apenas tinha encontrado vestigios d'um individuo que retirara poucas horas antes a cavallo. Era certamente o guarda dos materiaes, fazendas e bagagens armazenadas.

Dentro da casa principal do estabelecimento encontrou um grande rastilho e vestigios d'uma mina descarregada.

O antigo forte existente no valle do Revué é rodeado de



grandes alturas, algumas das quaes, as do N., o dominam a 500 metros de distancia.

A força entrada em Massi-kesse compunha-se entre officiaes e soldados, de 112 europeus, 47 soldados da guarnição de Moçambique, a maior parte angolas, e 93 sypaes de Inhambane.

Além d'esta força estavam alli presentes o snr. governador do districto e os capitães José Roma Machado de engenharia e Santos e Silva de artilheria.

No dia 7, uma das nossas vedetas annunciou a chegada de dois parlamentarios. Eram o capitão Hayman, commandante da policia da *South Africa* em Manica, e o cabo Morier, que conhece perfeitamente o nosso idioma e que me dizem ser encarregado dos negocios indigenas e filho de um antigo embaixador inglez. do mesmo nome, junto á côrte de Lisboa.

O capitão Hayman começou por pedir que não deixassemos os nossos soldados ir para os lados do rio Chua, afim de evitar qualquer conflicto com a sua escolta; em seguida desejou saber quaes eram as nossas intenções.

Respondeu-lhe o snr. governador, dizendo que tinhamos em vista occupar todo o nosso territorio até ás fronteiras do tratado de 20 de agosto, indicado em uma carta geographica que mostrou.

O capitão Hayman disse suppôr que os limites eram o meridiano 33º de long. E. prolongado até ao Save, e que occupava o Mutare, convencido de estar em territorio da companhia *Chartered*. Depois d'isto perguntou se romperiamos hostilidades antes de se saber o resultado das negociações e pretendeu demonstrar que isso daria causa a uma guerra immediata com a Inglaterra; e, tendo-lhe o governador respondido que cumpriria as ordens que recebesse do governo da provincia, retirou-se com o interprete.

No dia 8 de madrugada procedi com o snr. governador e o capitão, de engenharia Roma Machado ao reconhecimento das alturas mais proximas de Massi-kesse, afim de darmos começo a um reducto que protegesse qualquer ataque ao forte.

Pelas 11 horas da manhã uma das nossas sentinellas descobriu que se fazia telegraphia de bandeiras em uma altura proxima do rio Chua, a dois kilometros do nosso forte.

Depois do meio dia alguns pretos da localidade denunciaram a existencia d'um posto inglez no local onde tinhamos visto os signaes, e contaram-nos que devia chegar antes da noite ao Chua um wagon com uma bocca de fogo.

Pedi immediatamente ao snr. governador que me consentisse marchar de noite com gente escolhida, afim de tomar a referida peça, se existisse, pois não percebia que se procedesse de outro modo quando a companhia *Chartered* nos provocava e ameaçava, reunindo, a bom alcance e dentro dos territorios que nos eram garantidos pelo *modus vivendi*, elementos de força que nos podiam ser fataes.

Acredito que o governador da melhor vontade teria consentido na sortida que propuz; não quiz porém que ella se effectuasse, porque d'um officio do governo geral constava que o da metropole, apesar de não reconhecer o tratado feito pelo regulo Mutassa com a companhia ingleza, não queria comtudo hostilisa-la, caso ella occupasse terras d'aquelle regulo rebelde, afim de evitar conflictos que difficultassem as negociações.

Resolveu-se portanto que seria mais em harmonia com as ordens do governo mandar intimar o posto inglez a que retirasse para além das nossas fronteiras.

De noite viram-se signaes feitos com lanternas nas alturas ao N.O., E. e S.S.O., o que nos fez suppôr que o posto inglez communicava com o Mutare e com o Busi, onde 100 *pioners* inglezes trabalhavam na construcção d'uma estrada.

No dia 9 o snr. capitão Roma Machado deu começo a um reducto avançado a N.N.O. de Massi-kesse. Este reducto foi construido de troncos deitados, porque a falta de ferramentas e a qualidade do terreno não permittia outra construcção. N'este reducto tencionava montar a artilheria de 7 c. de carregar pela culatra, logo que chegassem as munições do Humbe, d'onde as esperavamos anciosamente, desde que nos viamos forçados a acreditar na possibilidade do inimigo ter uma bocca de

fogo que não poderia ser contrabatida com as nossas pequenas Hotckiss.

No forte tambem se procedia, sob as ordens do snr. capitão de artilheria, Santos e Silva, e do alferes do corpo policial, José Francisco, á construcção de plataformas, paioes, traveses, etc.

Depois do meio dia o capitão de voluntarios Francisco Maria Corrêa de Brito, acompanhado de duas praças da sua companhia, levou a intimação de retirada ao posto inglez. O capitão Hayman veio recebel-o a duzentos metros do posto e respondeu-lhe que consultaria um coronel, que estava no Mutare, e que era provavel que este, por seu turno, tivesse de consultar auctoridades superiores.

Quando voltou ao forte, o capitão Corrêa de Brito fez um *croquis* do terreno e declarou que nada vira que o auctorisasse a dizer que o posto era fortificado.

N'esse dia correu o boato que a *guerra preta* do Mutassa reunira, dando isto logar a que fugissem os carregadores da Gorungosa e os proprios serviçaes do governador do districto. Esses pretos eram todos dos prazos de Manoel Antonio de Sousa; nem um d'elles fôra a Massi-kesse por ordem do referido capitão-mór, mas por terem sido contratados pelo governador. No emtanto, dias depois, tive occasião de lèr em um periodico de Lisboa, que 17:500 homens de guerra de Manoel Antonio apoiavam a expedição do meu commando e que esta se compunha de 300 europeus e 500 landins!

Na noite de 9 continuamos a observar que dos postos inglezes se faziam signaes com lanternas e foguetes, e o nosso reducto avançado foi occupado pelos contingentes de caçadores n.^{os} 1 e 4.

No dia 10 de manhã recolheram alguns compradores que tinham mandado ás povoações, afim de adquirirmos mantimentos que nos permittissem sustentar a expedição até á chegada dos viveres que já tardavam muito. Esses compradores participaram que as povoações tinham sido abandonadas pela meia noite.



Ficamos muito contrariados, porque já na vespera as esquadras de policia e as de voluntarios tinham comido milho grosso cozido, e aos sypaes nada se distribuia havia tres dias, o que os obrigava a comer raizes para matar a fome.

Era tambem evidente que o abandono das povoações não se daria senão pela reunião da *guerra preta* do Mutassa, ou pela marcha de forças europêas do Busi ou do Mutare.

Ainda de manhã ordenei ao tenente Liborio que marchasse para Chimoio, afim de apressar a marcha dos viveres.

Os trabalhos de defeza continuaram, e de tarde e durante quasi toda a noite foi tirada para fóra do forte e queimada toda a palha da cobertura das casas da companhia, afim de nos precavermos contra um bombardeamento.

Pelas seis horas da tarde chegou o alferes Freire, commandante do destacamento europeu da Gorungosa, conduzindo a sua mala ás costas: trazia-nos a noticia d'um verdadeiro desastre, pois contava que lhe tinham fugido todos os carregadores do Gande e do Chibata, abandonando mais de trezentas cargas de viveres perto do Revué.

Soubemos tambem que o pharmaceutico Fernando Soares Poças tinha peorado e por muitos dias não poderia continuar a prestar os seus relevantes serviços á expedição.

Assim nos viamos ao mesmo tempo privados de viveres, de soccorros medicos e tambem das munições, das peças de 7 c., desenterradas no dia da chegada a Massi-kesse, e dos bois que contavamos reunir n'este ponto, porquanto seria impossivel que houvesse carregadores que se atrevessem a vir do Humbe ou do Busi.

Apenas nos restava a esperança de vêmos chegar, com o tenente Liborio, uns 120 landins; porém estes, por serem de confiança, pouco mais traziam além de alcool, munições das pequenas Hotekiss e cartuchame.

Evidentemente só o acaso evitaria a retirada da expedição por falta de viveres.

Durante a noite de 10 tivemos ainda occasião de observar que dos postos inimigos se faziam signaes.



No dia 11, pela uma hora e meia da tarde, o capitão de engenharia Roma Machado, que estava no reducto avançado, communicou que uma das suas vedetas tinha visto muitos negros e alguns brancos reunidos em uma povoação proxima do posto inglez da bandeira e que talvez uma demonstração de força fosse sufficiente para os fazer debandar.

Não nos restava duvida que os pretos observados eram os que compunham a força do Mutassa. Ora este importante reforço dado á policia da *Chartered* podia-nos ser fatal se os negros fossem lançados em nossa perseguição, no momento em que nos vissemos forçados a retirar. E foi convencido do grande perigo que nos ameaçava, que pedi ao governador que consentisse uma demonstração de força que os puzesse em fuga, e que ao mesmo tempo nos permittiria avaliar a importancia do posto onde fluctuava a bandeira da companhia ingleza.

Se a expedição fosse perseguida, derrotada e posta em debandada, deixando metade do seu effectivo pelo caminho, trucidado pelas machadinhas dos negros, nem o governo, nem a opinião publica nos perdoaria não termos procurado evitar um tal desastre, e perderiamos o nosso tempo, allegando a prohibição contida no officio recebido pelo governador do districto. Este senhor assim o entendeu tambem, e por isso se conformou com a minha opinião.

Pelas duas horas da tarde sahia de Massi-kesse a seguinte força, sob o meu commando:

Um pelotão de europeus commandado pelo snr. capitão de infantaria Augusto Cesar de Bettencourt e composto de duas secções de quinze filas. A primeira secção era de praças da policia de Lourenço Marques e commandada pelo snr. alferes Joaquim Pereira Leitão; a segunda era de voluntarios e commandada pelo capitão de segunda linha Francisco Maria Corrêa de Brito, tendo tambem sob as suas ordens o alferes de voluntarios Antonio Joaquim de Mattos;

Os contingentes de caçadores n.^{os} 1 e 4, na força total de quarenta e tres praças e dois officiaes, os snrs. alferes Antonio Trindade dos Santos e Ezequiel José Bettencourt;

*



Oitenta e dois sypaes de Inhambane, commandados pelo tenente de voluntarios, Augusto Cesar da Silva.

Além d'estas forças tomaram parte na demonstração o capitão de engenharia Roma Machado e o ajudante da columna expedicionaria José Francisco Ferreira de Freitas.

Em Massi-kesse ficou o governador, o alferes de voluntarios Arthur Venancio, por se achar muito doente, o alferes Augusto Cesar de Brito, que tomaria, sendo necessario, o commando dos quinze homens da guarda e de uns vinte doentes e estropeados, e, finalmente, o snr. capitão de artilheria Santos e Silva e o alferes José Francisco, que commandariam o fogo das peças e metralhadoras, que deveria cobrir-nos a retirada para o forte, no caso do inimigo tomar a offensiva.

Não quiz levar as pequenas peças, *de mil jardas de alcance*, nem as metralhadoras, porque o meu fim não era, como geralmente se suppõe, atacar um forte artilhado, nem entre nós havia quem podesse affirmar a sua existencia. Tanto as peças como as metralhadoras não poderiam rodar em terreno tão accidentado; teriam de ir desmontadas e os reparos desarmados, e tudo transportado pelos sypaes. Ora era com estes que eu mais contava para, protegidos pela nossa fuzilaria, cahirem sobre os negros rebeldes. De resto, eram duas horas e portanto tarde para demoras; além d'isto seria difficil armar reparos, montar boccas de fogo e mettel-as em bateria dentro do alcance efficaz de qualquer canhão de que o posto inimigo dispozesse, e, finalmente, a nossa artilheria seria um grande impedimento no caso do inimigo tomar rapidamente a offensiva.

Ainda não tinhamos andado 500 metros para além de Massi-kesse quando o inimigo desmascarou a bateria e rompeu o fogo, atirando-nos granadas com balas que enfiavam o nosso caminho, mas que nenhum prejuizo nos causaram.

Se o meu fim fosse apenas reconhecer a posição inimiga, e, é claro, levar o ataque a fundo se a encontrasse mal guarnecida, teria retirado immediatamente para Massi-kesse; se, porém, assim procedesse antes de fazer debandar os negros do



Mutassa, claro é também que a gente da *Chartered* nos apontaria a elles como cobardes e isto lhes daria coragem para nos perseguirem a retirada provavel em procura de viveres.

Se então dispuzessemos das munições das peças de 7 c. de carregar pela culatra, teria ordenado sem hesitar o bombardeamento da bateria ingleza, por isso que ella apenas distava 1:500 metros do nosso reducto avançado e 2:000 de Massikesse.

N'este caso a bateria teria sido infallivelmente tomada; os bois, que eu muito ambicionava e que tinham sido vistos pelo capitão Corrêa de Brito, teriam cahido em nosso poder e seriam o melhor dos recursos na situação em que nos achavamos, quanto a subsistencias; e, finalmente, a derrota da policia da *Chartered* e a debandada dos negros do Mutassa teriam disposto todo o paiz em nosso favor: as povoações voltariam a fornecer-nos recursos e os nossos carregadores iriam em procura das cargas abandonadas.

Quando começava a subir a encosta que domina o posto inglez, avistei os contingentes de caçadores n.^{os} 1 e 4, que, estendidos em atiradores, se conservavam parados um pouco á retaguarda da nossa esquerda.

Mandei-os avançar, torneando a altura em que me achava, afim de entrarem na vallada onde estavam reunidos os negros do Mutassa, perto d'uma povoação.

Ordenei também ao commandante de sypaes que avançasse sempre na frente do pelotão de europeus, e que, apenas os visse estender na crista do monte, cahisse com a sua companhia sobre a referida povoação.

Quando a coberto do fogo inimigo alcançavamos uns dois terços da encosta e os sypaes quasi attingiam a crista, para lá da qual todo o matto tinha sido queimado, uma vedeta ingleza disparou sobre elles ao mesmo tempo que do forte rompiam o fogo de duas metralhadoras e de uns sessenta fuzileiros. Da encosta da serra também romperam o fogo sobre o nosso flanco direito uma porção de negros zulus e landins.

Os nossos sypaes colhidos de improvisio agglomeraram-se,



rompendo sem ordem um fogo inutil, porque ainda não viam a vallada nem a posição inimiga.

Felizmente do forte tinham rompido o fogo antes de tempo, por isso que ainda nos achavamos abrigados pela crista do monte.

O pelotão de europeus recebeu ordem de estender em atiradores, e os nossos policias e voluntarios, passando á frente dos sypaes, romperam o fogo contra o forte.

Os sypaes, sempre juntos, arrastavam-se avançando para a crista, onde teriam morrido em grande numero, se por meios violentos os não obrigassemos a dispersar.

Os negros do Mutassa, logo que viram os nossos romper o fogo, fugiram em direcção ao forte e d'ahi debandaram para a cumiada da serra.

O telegramma inglez, inserto em *O Dia* de 29 de maio, diz: «O exercito do Mutassa presenceou de longe a refrega».

O contingente de caçadores n.º 1, composto de soldados de Moçambique, exceptuando alguns angolas doentes ou empregados como compradores, aproveitou-se da palha alta e espessa para fugir para o Revué e d'alli para Massi-kesse. O contingente do 4, com os dois officiaes de caçadores, não podendo romper pela palha, correu a intercalar-se na linha de atiradores europeus. Os soldados do 4 são todos angolas.

Depois de cincoenta e cinco minutos de fogo bem sustentado, achando-se preenheido o fim principal que tinha em vista e reconhecida tambem a importancia da posição ingleza, bastante forte para não me permittir fazer sobre ella qualquer tentativa de assalto, ordenei a retirada para Massi-kesse, a qual se fez retirando as fracções successivamente e em boa ordem, não obstante do forte continuarem o fogo de artilheria e o de infantaria por salvas.

Pouco tempo depois dos europeus romperem o fogo, foi ferido o snr. capitão Bettencourt por uma bala que lhe atravessou o pulso esquerdo e o feriu sem gravidade no pescoço.

Tivemos mais dois voluntarios brancos feridos, um com um



pulso atravessado e o outro com um braço fracturado; também foram feridos dois sypaes sem gravidade.

Morreram quatro sypaes, um soldado de caçadores n.º 1 e um preto, creado do capitão de voluntarios Corrêa de Brito. Este senhor também foi muito ligeiramente ferido no rosto por um estilhaço.

Durante a retirada disparou-se a carabina de um soldado de caçadores com tanta infelicidade, que partiu um braço a um outro.

O soldado n.º 49 da infantaria de policia de Lourenço Marques ficou prisioneiro, porque, achando-se muito avançado na esquerda da linha, não deu pela nossa retirada, e, como n'essa occasião os inglezes deram grandes *hurrahs*, suppoz que uma columna nossa atacava o forte e correu para lá. Recebido por duas descargas de fuzilaria, reconheceu o engano em que cahira e quiz retirar, mas, vendo os pretos zulus descerem da serra para o cercar, correu a esconder-se em uma ravina, onde facilmente o descobriram pelo rasto que deixára na palha.

De volta a Massi-kesse, ao sol posto, encontramos os nossos carregadores landins, mas as cargas trazidas por elles eram, como já disse, garrações d'alcool, cunhetes de cartuchame para carabinas e munições das pequenas peças Hotekiss. Viveres apenas os necessarios para alcançarmos Chimoio, onde afinal não tinhamos probabilidades de os encontrar.

Entre os viveres chegaram quatro caixas, contendo 200 kilos de bolacha, dos quaes 150 foram, em um momento, devorados pelos europeus, apesar de ruim e bichosa.

Ao anoitecer, percebendo que me arriscava a vêr desertar os contingentes de caçadores, se teimasse em os conservar no reducto, mandei-os retirar para Massi-kesse, por isso que sendo a retirada inevitavel, de nada me servia o referido reducto.

Officiei então ao snr. governador, expondo-lhe o resultado da demonstração de força e reconhecimento do posto inglez e terminei o meu officio, dizendo que não tinhamos viveres, nem podiamos tirar recursos das povoações, e que por isso pedia



para que elle reunisse o conselho de officiaes, afim de se deliberar qual deveria ser o nosso procedimento futuro.

Reunido o conselho, onde apenas tive que fazer algumas observações, por isso que, tendo sido lido o meu officio, fiquei dispensado de mais explicações, resolveu-se que os feridos e doentes partissem sem perda de tempo para Sarmento, e que o restante da força sahisse de madrugada, cobrindo a retirada até Chimoio ou até aonde encontrasse recursos.

Resolveu-se tambem reduzir as bagagens ao minimo, afim de se poder transportar alguma artilheria e inutilisar a restante.

Começaram os preparativos de marcha dos feridos e doentes.

O snr. governador do districto resolveu partir immediatamente, afim de nos procurar recursos; acompanhou-o o snr. capitão de artilheria Santos e Silva.

O terraplano do forte estava cheio de gente e apenas illuminado pelos pequenos fogos dos bivaques dos negros; isto prestava-se á confusão que em breve se estabeleceu entre elles, acabando por fugirem todos os carregadores.

Tivemos então de nomear os sypaes para o transporte dos feridos e doentes, e ficamos impossibilitados de transportar as bocas de fogo.

Emfim, pelas duas horas da manhã, sahiram os feridos e além d'estes dois officiaes, treze soldados de policia, cinco voluntarios, quatro caçadores e duas mulheres d'estes que, desde a Beira, acompanhavam a expedição.

No forte restabeleceu-se a ordem e o silencio, porque toda a gente de folga procurou, descansando, readquirir forças para a retirada.

Pelas quatro horas e meia da madrugada entraram alguns sypaes em Massi-kesse, muito atemorizados e affirmando que os doentes e feridos tinham sido atacados pelos pretos do Mutassa e soldados da *Chartered* que nos cercavam.

Ora no Busi e no Mutare havia pelo menos duzentos policias e *pioners* da companhia ingleza, os quaes bem podiam ter

sido chamados pelos signaes feitos nos postos; do forte podiam-nos bombardear, sem que, por falta das munições das peças de 7 c., podessemos contrabater o fogo inimigo; tambem era possivel que a *guerra preta* do Mutassa tivesse reunido novamente. Salvar a artilheria e o pouco material que possuamos era impossivel, porque não tinhamos carregadores; faltava medico e medicamentos; e, finalmente, a escassez de mantimentos que mal chegariam até Chimoio, se nada encontrassemos abandonado pelo caminho, era só de per si razão bastante para nos aconselhar a retirar sem demora.

Por estes motivos depois de, na primeira impressão do alarme, ter feito guarnecer os parapeitos, o que se fez sem desordem nem má vontade, mandei tirar as culatras ás seis boccas de fogo e inutilisar as metralhadoras, e dei em seguida a ordem de retirar com as carabinas carregadas e os sabres armados.

Os caçadores marchavam na frente, os voluntarios no centro e a policia na retaguarda, sendo estas tres fracções distanciadas d'uns 100 metros. Esta ordem conservou-se até que, amanhecendo, nos convencemos que a retirada não era perseguida, talvez porque o inimigo não dispunha da *guerra preta* do Mutassa, que obrigamos a debandar na vespera.

Sabe-se hoje, pelo nosso soldado prisioneiro, que a guarnição do forte inglez esteve toda a noite em armas, porque tomaram a nossa demonstração de força, por um simples reconhecimento que nos habilitasse a atacar na madrugada seguinte.

Durante as primeiras horas do dia 12, o major Forbes, chegado na vespera antes do combate, não cessou de observar Massi-kesse e os arredores com o seu binoculo, esperando sem duvida vêr romper de qualquer altura distante o fogo da nossa artilheria.

Pelas sete horas da manhã um posto de quatro cavalleiros estabelecido na serra a S.S.O. de Massi-kesse viu-nos em retirada, e assim o communicou para o forte. D'este mandaram-nos offerecer soccorros medicos e, convencidos de que as nossas posições estavam evacuadas, marcharam para lá com toda a gen-



te, que voltou mais tarde carregada de tudo quanto puderam pillhar.

Pelas duas horas da tarde estava Massi-kesse em chammas e ouviam-se detonações que pareciam tiros de artilheria: eram as cargas de dinamite empregadas em derrocar os muros do estabelecimento da companhia de Moçambique e a inutilisar os nossos canhões.

Pelas sete horas da manhã encontramos o snr. governador, que parece se demorou por incommodo de saude, mas que novamente se adiantou na sua machila.

Das dez para as onze horas da manhã chegamos á segunda passagem do Revué, onde encontramos os doentes e feridos. Acabavam de almoçar e continuaram a marcha poucos minutos depois.

Pela uma hora e meia da tarde passamos o Revué e fomos acampar a 4,5 horas de marcha de Massi-kesse.

Quiz fortificar-me alli, mas, como pelo caminho apenas tivéssemos encontrado seis caixas de bacalhau e toucinho, e duas de azeite e banha de porco, e, além d'isto, não tivesse tido resultado o forrageamento feito nas povoações durante os dias 12 e 13, fui forçado a retirar para Chimoio na madrugada de 14.

Afim de obtermos noticias do inimigo e tambem para evitar que a companhia *Chartered* saqueasse o estabelecimento da companhia de Moçambique, desculpando-se com os negros da localidade, offereceu-se para voltar a Massi-kesse o alferes-ajudante da expedição José Francisco Ferreira de Freitas, que para alli marchou com duas praças de policia e uma da companhia de voluntarios.

A estes individuos démos quasi tudo quanto nos restava de comer. O snr. Freitas devia, no caso de encontrar alguma patrulha, apresentar-se como parlamentar e protestar contra a occupação de Massi-kesse, se a tivessem feito.

No abarracamento do Revué encontramos a esquadra de sypaes, que fôra mandada ao Busi para nos trazer os bois do governo. Tinham sido presos pelos *pioners* e soltos pelo regulo,



mas afinal não lhes entregaram os bois a titulo de estarem juntos com os dos inglezes.

Foi tambem no Revué que se deu um facto, que por momentos me causou sérios cuidados e que foi o unico havido durante todo o tempo que durou a expedição, que póde classificar-se de insubordinação em uma força regular, mas até certo ponto desculpavel da parte de voluntarios que, de resto, não commetteram nenhuma das violencias communs em casos identicos.

O caso passou-se como segue:

Emquanto eu, acompanhado do capitão de voluntarios e do alferes José Francisco, procurava uma posição para fortificar, formaram parte dos voluntarios com todo o seu armamento e equipamento, e quando chegamos ao campo disseram-nos que estavam cançados e cheios de fome, que tinham passado o inverno mettidos em agua e soffrido doenças e privações, e que portanto era tempo de os deixarem ir para as suas familias, visto haver na Beira e em «Neves Ferreira» forças regulares, ás quaes competia substituil-os.

O snr. capitão de voluntarios Corrêa de Brito fez-lhes vêr que commettiam uma falta, que, militarmente considerada, merecia severissima punição e, appellando para o brio e patriotismo de todos, conseguiu que se conformassem, sem que um unico grito ou gesto menos conveniente complicasse a situação.

Em 16 de maio chegamos muito esfomeados a Chimoio, que apenas dista de Massi-kesse doze a treze horas de marcha regular a pé, e ficamos muito admirados de encontrar n'aquella localidade todos os doentes e um dos europeus feridos. Parece que esses desgraçados, alguns dos quaes quasi se não percebe como se arrastaram até Chimoio, foram tomados como desertores da força que cobria a retirada, por isso que o snr. alferes Brito, que fôra encarregado de os levar a «Sarmento», affirma que recebeu ordem do snr. governador do districto, transmittida pelo snr. capitão Santos e Silva, para os não deixar seguir.

A pharmacia ficára em Chimoio, mas o tenente pharmaceutico Fernando Poças fôra levado em perigo de vida, e, não



obstante todos estarem convencidos que a retirada nos era perseguida. o snr. capitão Bettencourt fez-se acompanhar do unico voluntario que nos podia prestar bons serviços como enfermeiro.

No deposito de Chimoio apenas havia algumas fazendas e pouquissimos mantimentos; felizmente as povoações dos arredores não tinham sido abandonadas, o que nos permittiu tirarmos alguns recursos do paiz. Apesar d'isto, estivemos quatro dias a uma refeição diaria, que se compunha de um pequeno prato de feijão cáfreal ou de papas de milho. A caderneta de rancho mostra que, no dia 16 de maio, apenas dispozemos de 26 litros de feijão para cento e doze arranchados, nos quaes se incluem os officiaes e cinco sargentos de sypaes.

Em Chimoio soubemos que os doentes e feridos tinham forçado a marcha no dia 12, depois de sahirem do Revué, porque, tendo-se sentido ao longe os tiros de dynamite que a policia da *South African* applicou aos muros de Massi-kesse, suppozeram que a nossa retirada era perseguida e que estavamos a braços com as forças inglezas. É comtudo veridico que, a esse tempo, acampavamos na margem esquerda, a menos de quatro horas a cavallo do inimigo, e que alli nos demoramos sem receios até 14 de madrugada.

Aquelles a quem cobriamos a retirada, depois de chegarem a Chimoio em completa debandada, souberam, por um sypae chamado Goemane, que a gente do Mutassa estava em marcha, e foi então que o snr. capitão Santos e Silva tentou prevenir-me enviando-me um bilhete em que me dizia que os negros d'aquelle regulo se preparavam para nos trucidar!

Afinal esta má nova, que não conheci senão depois de ter chegado a Chimoio, resultava d'um erro de data, porque o sypae Goemane, que tinha sido encarregado de nos obter viveres nas povoações proximas de Massi-kesse, contava que o chefe d'uma d'ellas o escondera da *guerra preta*, mas depois de tudo bem indagado, adquirimos a certeza que esse factio succedera em data anterior á nossa retirada.

É desgraçadamente certo que tantos rebates falsos fizeram



acreditar aos que vinham na frente que a expedição debandára, e isto deu o tristissimo resultado de se propalar até á Beira e depois a Lourenço Marques, Natal e Lisboa, que a expedição fugira de Massi-kesse *a pés de cavallo*, perseguida pelos policias da *Chartered* e negros do Mutassa.

Cada um tentou então afastar de si suppostas vergonhas, desculpando-se uns com a impossibilidade de conter os soldados, outros gritando que o commandante endoudecera, porque tinha atacado um forte artilhado sem preparar o ataque com fogos de artilheria; e mais me attribuiam mil causas da desgraça da expedição, sendo muito para agradecer que não me tivessem accusado tambem de cobardia.

O resultado de tantas invenções foi alcunharem em Moçambique de cobardes os que compunham a expedição; os jornaes de Lisboa contaram derrotas attribuindo-as a muitas e variadas causas; e, finalmente, a camara municipal de Lourenço Marques recebeu os restos esfarrapados da expedição formada dos seus municipes, alistados por ella, tal qual como os viu partir, isto é, como se a expedição fosse composta de degredados ou negros das terras da corôa.

Adiante.

Desde o dia da nossa chegada a Chimoio occupamo-nos em construir um bom reducto a que demos o nome *Maria Pia*, o qual em tres dias nos poz ao abrigo de qualquer ataque de forças muito superiores. Constava então que os negros do Bussi e os *pioners* inglezes que alli trabalhavam nos cortariam a retirada e que os inglezes do Mutare com os negros do Mutassa nos atacariam.

Estas informações não eram de todo destituidas de fundamento, porque, em 28 de maio, communicavam-nos os negros da localidade que uma pequena força de quinze soldados europeus e cincoenta negros, commandados pelo tenente Fiennes, estava escondida a nove milhas do nosso campo.

Em 29 de manhã marcharam para a Beira trinta praças de policia e de voluntarios, por não encontrar meio de sustentar toda a força.



No mesmo dia passou no nosso campo o major Sapte, ajudante de ordens do governador das colonias inglezas do sul: levava ordem á *Chartered* para recuar quinze milhas para além de Massi-kesse.

No dia 30 recebi a visita do tenente Fiennes que pediu licença para comprar milho nas povoações proximas a Chimoio. Isto fez-me acreditar que a sua força tinha por fim forragear.

Em 1 de junho marchou para Massi-kesse o contingente de caçadores n.º 4, commandado pelo alferes Bettencourt.

Não era possível marchar com toda a expedição, porque no deposito não havia os viveres indispensaveis, nem dispunhamos dos carregadores necessarios.

Depois da passagem do major Sapte foi dado livre transito a toda a gente vinda do Mutare. Soubemos então que em toda a Machona havia grande falta de viveres.

Os pretos da localidade, e os dos inglezes que passavam, todos affirmavam que as perdas da companhia, no dia 11 de maio, foram trinta e cinco mortos e feridos, dos quaes dez d'aquelles e cinco d'estes eram europeus.

O Gungunhama, que costuma ser bem informado, tambem affirma serem estas as perdas havidas.

Estas perdas não me parecem exageradas, attendendo a que toda a nossa gente concentrava o fogo no forte, que apenas tem um parapeito de pedra solta de oitenta centimetros de altura. De resto, entre os voluntarios havia muitos marinheiros e soldados com baixa e muitos operarios que podiam ser considerados bons atiradores, principalmente depois dos muitos exercicios que tiveram na Beira e «Sarmento», onde despendendo alguns milhares de cartuchos, deixei alvos crivados de balas.

A percentagem dos tiros empregados foi maior da parte dos voluntarios que da policia, não obstante a carabina Kropatchek ser muito superior á Martini-Henri.

Alguem attribuiu o desastre de Massi-kesse á falta de instrucção de tiro, e por isso me vejo forçado a ser minucioso.



O snr. alferes Bettencourt, quando voltou a Massi-kesse, fez occupar por um posto de quatro homens o pequeno forte da companhia *Chartered*, nas proximidades do qual foram encontradas algumas roupas, lenços e ligaduras ensanguentadas.

Quasi todos os inglezes que passaram em Chimoio foram unanimes em louvar a força europeia portugueza, e sobretudo os officiaes, que elles viram sempre em movimento na linha de atiradores, sem se preoccuparem com o mortifero fogo das metralhadoras. «Pareciam lanternetas», diz um jornal inglez referindo-se aos nossos soldados e ao vivissimo fogo que fizeram sobre o forte.

São mais e muito mais justos para nós do que o geral dos nossos compatriotas, e não nos fazem favor, porque d'um official, o snr. Roma Machado, sei eu que, depois de ter observado o terreno e consumido alguns cartuchos que levava, sentou-se em um tronco no alto do monte, fazendo e fumando um cigarro, ao mesmo tempo que conversava amavelmente com o capitão de voluntarios Corrêa de Brito. Este não mostrou menos presença de espirito em mais d'uma occasião critica.

Em 15 de junho chegou a Chimoio o snr. capitão Roma Machado, acompanhado de dois officiaes da marinha de guerra britannica, afim de marcarem uma zona neutra, a qual não poderia ser transposta por forças portuguezas nem inglezas.

Em 16 d'agosto, tendo recebido ordem de retirar, parti para a Beira, onde cheguei a 29 e encontrei o snr. commissario regio, Antonio José Ennes, que melhor informado do serviço que prestamos e do bom comportamento da expedição, nos recebeu por fórma que nos recompensou dos arduos trabalhos que passámos durante quasi oito mezes.

Em 31 embarcamos na corveta *Rainha de Portugal*, e chegamos a Lourenço Marques em 4 de setembro.

Na ponte fomos recebidos pelo snr. governador Joaquim Augusto Mousinho d'Albuquerque, um dos homens que mais trabalhou para que a nossa expedição fosse util. Mais meia duzia de amigos particulares tambem nos deram a satisfação de os abraçarmos.



O restante da população portugueza e a camara municipal nem deram pela nossa chegada, ou, se deram, foi-lhes este facto tão indifferente como o da nossa partida.

Eram doudos e cobardes os que chegavam? Não!... Era que a furia patriotica da população de Lourenço Marques se tinha esgotado em discursos pomposos feitos na reunião, havida na casa da camara, para alistamento dos voluntarios.

Finalmente, era que, sobre os esfarrapados restos da expedição que desembarcava com a sua bandeira, que honrou ainda nas circumstancias mais arduas, pesava o *grande odioso* de terem marchado até Massi-kesse, supportando todos os rigores d'um inverno d'Africa e muitas privações, para terem a gloria de serem os unicos portuguezes que protestaram a tiro contra as muitas prepotencias. que, através de seculos, temos soffrido d'uma nação forte.

Lourenço Marques, 25 de setembro de 1891.

Caldas Xavier.



A SITUAÇÃO GERAL DA EUROPA

E A

POLITICA EXTERIOR DE PORTUGAL

Os graves acontecimentos que se têm accumulado nos ultimos tempos: as visitas da esquadra franceza a Cronstadt e a Portsmouth, o acolhimento caloroso da parte da população e do governo russos, e a recepção calculadamente amavel da parte da imprensa e dos poderes britannicos, o nervosismo em que estas manifestações internacionaes lançaram a opinião franceza e o sentimento de exaltação feita de esperança e orgulho que se apoderou d'ella e que ainda não serenou de todo, a repercussão hostil que esse movimento de effervescencia provocou no seio dos imperios centraes, e acima de tudo a severa reserva em que se mantem a diplomacia moscovita, reserva que não exclue nenhum passo a dar na estrada das suas aspirações historicas de expansão, constituem outros tantos signaes do tempo e recebem do confronto com os antecedentes um caracter de importancia excepcional que os impõem á attenção do publicista e do homem de estado. E quando se reflecte que esses factos recentes não são meros incidentes sem alcance devidos á vontade pessoal de determinados diplomatas mas derivam de condições historicas e são a expressão de sentimentos e interesses de ordem per-



manente, essa importancia cresce de ponto e justifica a opinião dos que vêm n'elles o mais grave objecto que póde attrahir as vistas dos que por curiosidade ou por dever se occupam dos problemas da politica continental. E quando se reflecte ainda que nem a exiguidade do territorio nem o afastamento relativo são sufficiente garantia de neutralidade para um pequeno paiz em guerras que, como as do principio do seculo, poderão abranger a totalidade do continente, não será inutil, antes racional e patriótico, esclarecer e orientar a opinião no problema das intelligencias diplomaticas mais capazes de salvaguardar a nossa integridade territorial e garantir a nossa abstenção politica, nas contingencias d'um conflicto europeu.

Indicar em breves traços quaes são os interesses e as paixões em jogo, dispôr n'um schema apropriado a variedade das ambições solidarias ou antagonicas, deduzir do exame dos caracteres nacionaes e das circumstancias accumuladas as condições do equilibrio e as eventualidades de conflicto, enumerar e pesar nas balanças d'uma rigorosa critica o valor das allianças que se nos podem apresentar, determinar entre ellas pela dupla consideração dos antecedentes historicos e das urgencias diplomaticas a que mais convém aos nossos interesses e mais se harmonisa com as nossas aspirações, justificar a possibilidade d'essa combinação pelo paralelo das vantagens offerecidas e das vantagens recebidas — eis em resumo o plano d'esta analyse feita n'um espirito de critica friamente objectiva e redigida n'um intuito de patriotismo puro. Feliz quem a emprenheu se ella provocar uma corrente de opinião e fixar a attenção publica sobre este assumpto entre todos momentoso e grande.

Se a suprema ventura consiste para os francezes em que se falle n'elles, os francezes devem estar satisfeitos a esta hora: tem-se fallado muito n'elles. Durante um mez inteiro os movimentos da sua esquadra nos mares do Norte conseguiram fixar a attenção da Europa. As aclamações entusiasticas que acolheram os seus vasos de guerra no grande porto russo, e as expressões de lisonja de que foram objecto os seus homens de mar no



grande arsenal britannico, repercutidos por todos os echos da imprensa dos dois mundos, devem ter constituido uma musica assás agradavel a ouvidos um pouco desacostumados a taes sensações desde os desastres da ultima guerra. Se uma tal satisfação estivesse destinada a encerrar-se na região dos sentimentos, não haveria occasião para estranhar as manifestações jubilo-sas d'uma nação illustre, que encontra na consciencia da sua grandeza um motivo de justa altivez e que naturalmente folga com homenagens rendidas como um preito ao seu genio. Mas para quem tiver observado a direcção que tomaram os festejos populares em França, quem tiver notado as expressões da imprensa franceza e a attitude do governo francez, quem tiver seguido o manejo dos partidos que já tendem a manobrar no terreno da politica externa, e quem esclarecer estes factos pela consideração dos traços fundamentaes do character francez e das circumstancias especiaes em que se formou a França contemporanea, será levado a vêr nos recentes successos a mais grave ameaça de rotura da paz europeia, que se tem acastellado desde muitos annos, e tambem um dos mais interessantes phenomenos de psychologia collectiva, que se podem offerecer ao exame do observador philosopho.

O fundo do character nacional dos francezes é a hypertrophia do eu sociavel, o seu traço predominante o amor-proprio vanglorioso e turbulento. Dar por inspirador aos seus actos, não uma regra ou uma crença, mas um interesse pessoal; porém pôr esse interesse, não exclusivamente na exploração material do mundo, mas tambem no renome moral e no louvor dos povos, ser a nação mais illustre e mais amada da Terra, sem deixar de ser uma nação rica e prospera — eis o programma de actividade nacional que a consciencia franceza tem procurado realisar ao longo da historia moderna. Industriosos e activos, dotados em alto grau de capacidade pratica, rivaes temidos dos inglezes na occupação e exploração dos continentes longiquos, os francezes não têm comtudo em commum com os seus visinhos d'além-Mancha essa deshumanidade, a um tempo ingenua e cynica, que os leva a vêr no estrangeiro um inimigo e



uma presa. Raça affavel, cheia de natural bondade, elles têm sido os dominadores mais suaves para as gentes de especie diferente e inferior, os menos ávidos d'ouro e sangue. Mas, apesar d'esse fundo de razão e humanidade, elles têm sido entre os povos europeus um dos que mais mal têm feito a si e aos outros.

É que o eu sociavel tem como caracter distinctivo a hypertrophia do amor-proprio; e o amor-proprio é tão depressa militante como affavel. Fazer depender a ventura propria da opinião alheia conduz a estranhas aventuras. D'ahi esse curioso paradoxo que faz do francez o mais amavel e o mais turbulento dos homens. O merito do soldado, escreveu um dos seus publicistas, é o menos contestado de todos. E o francez, para quem a peor das eventualidades é ser contestado, põe a gloria militar acima de todas. A guerra é a sua vocação e o seu gosto. A guerra é a sua tradição e o seu orgulho. A guerra é a sua literatura nacional. Porque esta raça, nada religiosa e pouco poetica, não possuindo nenhum d'esses livros que são o pão espiritual d'outros povos, como a Biblia para o inglez ou o theatro civico para o hespanhol, procura e encontra no jogo sangrento das batalhas aquella excitação dos sentidos e aquelle repasto da imaginação, que é uma das necessidades fundamentaes da natureza humana.

O amor-proprio humilhado conduz á aversão concentrada. A expressão d'essa aversão é em França o odio á Allemanha. Quem examinar com reflexão a natureza d'esse sentimento, convencer-se-ha que a sua verdadeira causa não é a perda de provincias que a Força trouxe e a Força levou. Póde-se mesmo sustentar que tornando Strasburgo e Metz a nova base da acção militar do imperio, os diplomatas allemães dilataram a imminecia da guerra augmentando as probabilidades da victoria. Não é ainda a consideração ideal do direito de disporem de si violado nas populações annexadas que legitíma as reivindicações francezas. Porque em primeiro logar ella repousa sobre o facto discutivel da unanimidade das adhesões á França n'essas provincias do Imperio empolgadas pelos monarchas francezes. Em segundo logar ella supprime a noção politica de Es-



tado em proveito d'um individualismo juridico, e conduzida ás suas consequencias logicas levaria a fazer depender a existencia historica das nações de plebiscitos regularmente convocados.

Não, a verdadeira causa da aversão entranhada que a França votou á Allemanha é que na derradeira guerra a França foi vencida pela Allemanha em combate singular. Em 1814 e 1815 os francezes viram o seu territorio invadido, a sua capital occupada, a sua fronteira do nordeste aberta por tratados redigidos para reduzil-os á impotencia e soffreram os males da invasão estrangeira e da occupação militar que tantas vezes tinham infligido aos seus visinhos. Mas, vergando ao peso das calamidades e das catastrophes, elles podiam consolar-se com o pensamento que para esmagar a sua resistencia fôra preciso colligar-se o continente inteiro, e que entre esses cavallos estri-dentes cujas bôcas pareciam querer estancar os rios nataes, havia-os desde os que dão as crinas ao vento andaluz até os que relincham na solidão dos planaltos tartaros. A enormidade do desenlace tragico afogava na tristeza regia dos poentes as humilhações da hora actual, e fazia sahir das desgraças particulares d'um povo as lições sobre-humanas da Historia. Austerlitz e Leipsig representavam igualmente para a cabeça da França duas corôas de gloria guerreira, e dos dois o diadema tragico não era menos alto que o epico.

Mas em 1870 a França foi batida e em lucta com uma só das nações europeias. Aquillo a que um dos seus historiadores chamou a magestade das armas francezas recebeu em Sedan uma sangrenta affronta. É a lembrança d'essa affronta que inspira nas suas manifestações externas a consciencia collectiva da França e paralysa as tentativas dos seus estadistas mais previdentes para orientar a sua politica internacional no sentido mais propicio aos seus verdadeiros interesses. É ella que derrubou e condemna ao ostracismo, o ministro mais prestimoso da Terceira Republica, o politico frio e energico a quem a França deve a Tunisia e o Tonkin. É ella que levantou á importancia d'um heroe nacional um aventureiro sem alcance, que nem se-



quer teve a coragem das suas ambições. É ella que n'este momento faz saltar a nação franceza por cima de todas as considerações de utilidade ou de logica, que a leva a abjurar as suas tradições democraticas e a sacrificar os seus interesses mediterraneos, que produz essa monstruosa alliança entre a grande republica liberal e o grande imperio autocratico, que põe a França á garupa da Russia, e lhe faz aceitar de coração leve os riscos d'essa sinistra camaradagem.

E que esse odio á Allemanha é complicado em França d'aquillo a que se pôde chamar a anarchia franceza. Desde a grande revolução e em particular desde a installação da terceira republica, o corpo social francez apresenta-se aos olhos do observador com o aspecto d'um organismo acephalo. Decapitando a realeza, esmagando a aristocracia, a França supprimiu e como que amputou de si aquelles orgãos historicos em que residia a consciencia das necessidades collectivas, e privou-se como nação da capacidade de reagir sobre si mesma e adaptar os seus actos, segundo os dictames d'um pensamento realista e previsor, ás contingencias do presente e do porvir. Cem annos de revoluções e reacções, o poder gerado pela força e derrubado pela força, o desencadeamento das utopias malfazejas desabrochando na passividade dos espiritos desnorteados, ou reprimido com a ferocidade do medo pela colligação dos interesses assustados, os processos auctoritarios no governo e a tradição do escarneo na opinião, uma diplomacia ambiciosa e hesitante, que após guerras sangrentas e numerosas, provocadas por ella propria, deixou a França mais pequena do que recebera, e finalmente nos ultimos vinte annos a auctoridade entregue por selecção ás mediocridades, a interinidade do poder impedindo toda a acção de folego, os habitos anti-liberaes sobrevivendo á destruição do Imperio, uma politica exterior condemnada ao isolamento ou á subserviencia, eis o quadro da vida collectiva da França, claramente reflectido nos monumentos d'uma litteratura tão corruptora no desvairamento do radicalismo utopico como no cynismo d'um naturalismo sem freio moral, e que de Balzac e Hugo aos contemporaneos tem nutri-



do gerações cada vez menos capazes de tomarem a serio a vida, e de se sujeitarem ás condições d'ella. É certo que o desenvolvimento da instrucção publica, a generalisação do serviço militar, a extensão do suffragio, collaboram no sentido de esclarecer, disciplinar e fazer intervir a nação no seu proprio governo, e impedir a sophismação das instituições democraticas pela comprehensão vulgarisada dos verdadeiros interesses collectivos. Mas incidentes que apparecem periodicamente, como o que ia destruindo o nascente imperio colonial francez no extremo oriente, como o que ia lançando os destinos da França nas mãos d'um aventureiro sem alcance, como o que n'este momento precipita a republica franceza nos braços do czar, em paroxismos de enthusiasmo, que não se compadecem com a dignidade d'um grande povo, provam que o velho fundo de leviandade de character e incapacidade politica dos francezes persiste e até mesmo encontra mais largo campo de expansão após a installação do regimen republicano.

A combinação d'estes dois elementos, o character bellicoso do povo francez e a debilidade constitucional do governo francez augmenta singularmente as probabilidades d'um conflicto europeu. É certo que a democracia procede pela suppressão das superioridades e que as mediocridades a quem ella confia o poder não se distinguem pela grandeza das ambições nem pela audacia das vistas. Mas quando se reflecte na unanimidade de sentimentos com que a opinião franceza se pronuncia na sua hostilidade contra a Allemanha, e quando se considera a deploravel facilidade com que os governantes francezes são varridos pelas colligações parlamentares ou pelas manifestações de rua, é para reccer que um natural instincto de conservação os leve a retemperarem-se no appello ás paixões bellicosas, e que a terceira republica procure, como o segundo imperio, na politica exterior um derivativo para as questões internas. As grandes manobras nos departamentos de léste, que puzeram em movimento uma tão consideravel massa de tropas e tamanho enthusiasmo excitaram em França, são talvez o primeiro passo n'um caminho cheio de incidentes imprevistos.



Mas bellicosa ou pacífica, a diplomacia franceza terá de sujeitar-se ao programma da politica moscovita, e gravitar na orbita da sua influencia. N'esta intelligencia entre as duas potencias oppostas á liga central, a Russia apresenta todas as vantagens que asseguram a capacidade indefinida da resistencia á invasão, a continuidade d'uma diplomacia que só responde ao chefe de estado, a perfeita subordinação das opiniões e sentimentos populares á vontade superior que dirige os negocios do estado em segredo e d'um modo soberano. Quaesquer que sejam as sympathias das classes superiores russas pela nação franceza, é certo que ellas não influirão na marcha dos acontecimentos senão na medida que ao soberano aprouver, e tambem que esta direcção absoluta se exercerá exclusivamente em harmonia com os interesses do Imperio. O sentimentalismo francez pôde phantasiar idyllios diplomaticos; isso não impede que nos paizes em que o respeito da auctoridade e as tradições de seriedade governativa se mantêm d'um modo integral, as resoluções politicas dependam de considerações de ordem positiva. E quando se comparam a debilidade e instabilidade dos governos, a leviandade e a versatilidade da opinião, a audacia e intransigencia das minorias violentas, que assignalam a democracia franceza, com a unidade compacta e a tranquillidade robusta da autocracia russa, não é difficil decidir qual d'estas potencias levará a reboque a outra. A exaltação irreprimivel que durante semanas se propagou pela França inteira, com irresistivel impeto, á noticia das festas de Cronstadt e a perfeita impotencia do governo francez para manter essas manifestações dentro dos limites da prudencia e do decoro, contrasta com a reserva que a Russia não abandonou mesmo na cordealidade das expansões amigaveis, e que dá á calorosa recepção da esquadra franceza o character d'um verdadeiro passo politico. Esta serenidade d'uma diplomacia senhora de si, que sabe o que quer e o que faz, constitue uma superioridade decisiva a favor da nação que a tem por orgão dos seus interesses e das suas ambições. E os observadores lidos na historia politica do seculo XIX são levados a pensar, ao aspecto dos ultimos succes-



sos, que essa subalternisação da França transformada em instrumento das ambições moscovitas no occidente, programma e esperança de Alexandre I durante o primeiro periodo da Restauração, está destinada a passar á realidade dos factos sob a terceira republica.

Esta subalternisação da França á Russia, augmenta singularmente as probabilidades d'um conflicto europeu. A guerra está no programma dos interesses russos como no das paixões francezas. Só o emprego da violencia poderá conduzir o grande imperio boreal á satisfação das suas aspirações tradicionaes. Suffocada a sua actividade commercial e militar nos mares interiores, ella tende a libertar esses pulmões do imperio do espartilho ferreo dos tratados. Localisada pelas condições geographicas do seu desenvolvimento historico na metade oriental e como que asiatica da Europa, ella procura deslocar-se para essas regiões afortunadas, que têm sido até hoje a séde das civilizações superiores e progressivas. Avançar para o occidente, primeiro com as suas frotas, depois com as suas cidades, é o pensamento fixo da sua politica. Mas na sua marcha para o Mediterraneo e para os Balkans, ella encontra rivalidades e barreiras. A grandeza dos seus recursos actuaes e a enormidade dos seus recursos futuros assoberba a imaginação e assusta as potencias europeias. Uma plena confiança nos seus destinos inspira a sua expansão comparavel á acção lenta e irresistivel d'uma deslocação geologica. Mas este avançar de elemento natural encontra pela frente a resistencia d'uma vontade consciante. A Allemanha, guardadora do equilibrio europeu, a Austria, potencia danubiana, a Italia, interessada d'um modo vital em que Constantinopla não cáia nas mãos d'um estado capaz de ameaçar a sua segurança de peninsula mediterranea, os pequenos estados balkanicos que o instincto de conservação conduz á pratica da ingravidão, constituem uma sebe viva que terá de ser rota a machado, e que até hoje tem opposto uma resistencia efficaz ás ambições moscovitas. É certo que a Russia póde contar com o futuro e dizer com o Deus de Tertuliano: *Patiens quia eternus*. Mas é tambem certo que a influencia dos impe-



rios centraes augmenta todos os dias na peninsula oriental, e que os pequenos estados creados pela Russia para marcas da influencia moscovita se vão acostumando ao exercicio da independencia e começam a procurar no seu passado mais ou menos glorioso durante a Idade-média a base de ambições de expansão e grandeza. Comprehende-se pois, que a Russia pense em apressar-se. E em resumo, se a certeza da longevidade é um motivo de paciencia, a urgencia dos interesses e a consciencia da força são um estimulo ás resoluções extremas.

Comquanto os recursos militares e a coragem collectiva dos inglezes sejam inferiores aos das grandes potencias europeias, a intervenção franca da Inglaterra a favor da triplice alliança poderia fazer pender a balança para o lado da paz. Uma frota sem igual no mundo e recursos economicos superiores áquelles que em principios do seculo assoldadaram as colligações europeias, asseguram á Inglaterra uma importancia que tornará a sua alliança requestada por qualquer dos grupos antagonicos em que se possam distribuir os estados europeus. Mas aquelles que têm observado a sua politica tradicional sabem que ella procura cuidadosamente evitar envolver-se n'uma guerra continental, sem de modo algum renunciar a exercer um papel preponderante na redacção final dos tratados. O que distingue a sua politica não é o interesse, inspirador natural de toda actividade diplomatica, mas esse egoismo de insulares que os leva a distinguirem-se e a oppôrem-se aos continentaes como uma especie differente, e a fazerem depender a sua segurança e prosperidade da discordia e da ruina das restantes nações europeias. Uma repugnancia invencivel pelos viris sacrificios que exige a posse de um exercito, a consciencia assustada da inferioridade que representa a ausencia de um tal elemento, a avidéz insaciavel do lucro propria de uma nação essencialmente commercial, constituem o quadro dos seus moveis collectivos. Atiçar a guerra entre as nações visinhas, intervir no fim d'ella para impôr a vontade aos contendores exhaustos, fazer derimir as pugnas n'um sólo estrangeiro, substituir os contingentes por



subsídios, tal é o programma da sua actividade externa. Durante duzentos annos elles executaram este programma á risca, lançando a Austria sobre a França, e a Prussia sobre a Austria, transformando a Peninsula em campo de batalha dos seus interesses, comprando aos ignobeis regulos allemães os seus miseraveis subditos para os fazer matar nos campos de batalha da America. N'este momento ella sente abalada a sua antiga preponderancia maritima. Rivaes temiveis se levantam para disputar-lhe esse imperio dos mares que ella se acostumára a considerar como um recinto reservado á sua auctoridade soberana. A expansão da Russia na Asia central, a expansão da França no extremo Oriente estreitam como dois braços o imperio hindostanico. A Norte, a Leste, a Oeste da Africa a illustre nação franceza, sua velha antagonista na India e na America, cria raizes que não será facil arrancar. Nos dois littoraes superiores da Africa austral os Portuguezes mantêm-se apesar de tratados em que a violencia e a fraude se deram as mãos para espoliar os mais antigos occupadores do Continente negro. A Australia e o Canadá, obedecendo ao principio constitutivo da descentralisação, ameaçam separar-se por occasião da primeira crise grave que atravessar o imperio. E de uma ponta a outra do Mediterraneo crescem e medram os centros commerciaes e militares destinados a supplantar e annullar a influencia britannica n'essas aguas essencialmente hellenico-latinas. A reconstituição da Italia e da Hespanha, a creação da Grecia, o formidavel desenvolvimento naval da França, e a sua implantação no littoral berberesco são outros tantos golpes no dominio exclusivo da Gran-Bretanha sobre a estrada que conduz á India. A propria occupação do Egypto, capital para a defeza do seu imperio oriental, está á mercê de uma intimação da Turquia apoiada pela diplomacia franco-russa.

A complexidade dos seus interesses e a fraqueza constitucional do seu immenso imperio explicam a politica da Gran-Bretanha oscillando entre a França e a Allemanha, recebendo um dia o joven imperador como a um principe do seu sangue, acolhendo outro dia a frota da Republica como a armada de



uma antiga alliada, passando nos seus jornaes das caricias aos improperios, conforme crescem ou diminuem as probabilidades de uma expectativa paciente da França na questão egypcia. Se a Inglaterra fosse capaz de tomar resolutamente um partido e aceitar-lhe as consequencias, ella poderia assegurar a paz europeia adherindo á liga das potencias centraes. Mas a esse povo amollecido na prosperidade repugnam de um modo excessivo os riscos de um conflicto. E tambem entre as contingencias mais felizes que possam bafejar a sua fortuna sorri-lhe a idéa de uma grande guerra, a cuja sombra ella consolidasse as posições adquiridas e desenvolvesse ainda mais, por uma calculada néutralidade, o seu monstruoso e universal commercio. É por todas estas razões que o egoismo assustado dos inglezes collabora com o resentimento francez e a ambição russa no sentido de augmentar as probabilidades da guerra.

O certo é que nunca nos ultimos vinte annos ellas foram tão numerosas e tão fortes. É certo tambem que, pela extensão do theatro, pelo numero dos combatentes, pelos resultados decisivos tocante á transformação da carta politica da Europa, essa magna pugna só poderá ser comparavel ás grandes luctas da Revolução e do Imperio. Á influencia d'esses resultados não escapará nenhum estado europeu, e ella fará sentir-se em todas as regiões em que se exerce a acção europeia. O ricochete e o ribombo d'esse choque ha de sentir-se no extremo Oriente, nas entranhas do Continente negro, nas solidões remotas do Oceano austral. Como um largo rio, que, depois de ter reflectido na sua face as paizagens de cem climas e de ter transportado no dorso as produções de vinte reinos, muda bruscamente de nivel e precipita-se com todo o peso da sua molle n'um sorvedouro de rochas brutas, feito um cahos troante de espuma e fumo, assim a corrente da historia contemporanea, rica de influxos ideaes e interesses materiaes, irá abysmar-se entre os penhascos da Força e da Violencia, desfeita na espuma da gloria militar.

A exiguidade do territorio e o afastamento relativo do theatro da lucta não são sufficiente garantia de tranquillidade



para os pequenos paizes que, fiados na sua insignificancia, quizessem conservar-se estranhos a estes magnos debates. As lições da Historia, e de uma historia recente, mostram que não ha paiz assás pequeno ou assás distante para escapar á repercussão de um choque europeu, e que a fraqueza não é um escudo contra as empresas da Força, antes um incentivo a ellas. Tal é o caso de Portugal. Ainda ha bem pouco tempo o paiz vivia n'um estado de inconsciencia tocante á sua politica exterior, inconsciencia na qual fluctuava a vaga crença que a sua exiguidade excluia a idéa de conflictos e que o recurso da arbitragem bastava para resolver as questões eventuaes. Os dolorosos acontecimentos do anno passado vieram abrir-lhe os olhos. O paiz viu com angustia que o isolamento em que se mantinha o entregava de mãos e pés atados ás violencias da espoliação. E n'este momento em que no firmamento torvo da politica europeia se acastellam as ameaças de uma guerra geral, a opinião interroga inquieta as contingencias vindouras.

Esclarecer a opinião, expondo a realidade das circumstançias, compondo o quadro dos nossos interesses, e intimando a especie das intelligencias diplomaticas que os podem salvaguardar, é pois uma obra util e urgente.

Se se reflecte delidamente sobre esses interesses, acha-se que elles se podem reduzir a dois: manter a nossa neutralidade continental, salvaguardar a nossa integridade colonial. De um lado é preciso proceder de forma que não sejamos envolvidos e arrastados n'uma guerra europeia, como nos succedeu mais de uma vez desde a Restauração: em começos do seculo XVIII, na guerra da successão de Hespanha; em começos do seculo XIX, nas luctas do Primeiro imperio com as colligações europeias. De outro lado é preciso impedir que os nossos dominios nas duas costas africanas sejam o objecto de um golpe de mão da parte da gente ambiciosa e sem escrupulos que os cubiça, e tenham a sorte que deu ao nosso imperio ultramarino, o nosso isolamento real e a nossa prisão nos laços de uma alliança perfida.

Ora, se lançarmos os olhos sobre a carta da Europa, nós



não encontramos senão um grande paiz que não esteja envolvido nos compromissos das allianças e das intelligencias diplomaticas, e que não esteja directamente interessado nas questões pendentes d'onde pôde brotar a guerra.

Este grande paiz é a Hespanha.

Nossa vizinha muito proxima e nossa unica vizinha, a Hespanha é a nação com que mais nos importa manter paz e amizade, mesmo a não considerarmos senão os motivos mais immediatos de socego e segurança material. Com as nossas fronteiras abertas, com os nossos deploraveis recursos financeiros e militares, nenhuma acção politica nos conviria que nos puzesse em antagonismo com uma potencia que nos poderia invadir e subjugar antes que o patriotismo cerrasse fileiras e se preparasse para renovar as proezas das resistencias passadas. Quando a nossa diplomacia era guiada pelos nossos peiores inimigos, quando os nossos interesses eram postergados a uma alliança em que davamos tudo e nada recebiamos, quando o embaixador de Inglaterra era o verdadeiro rei de Portugal, então comprehendiam-se as temeridades de um pequeno reino, lançando-se de coração leve nos riscos de um conflicto com um poderoso vizinho e aceitando as contingencias da invasão e da occupação militar. Mas hoje uma dolorosa experiencia abriu-nos os olhos; a vista da realidade dissipou muitos preconceitos; o paiz já comprehende os seus verdadeiros interesses e nenhum estadista teria forças para o lançar n'uma politica como a que attraheu sobre nós as hordas de Napoleão. Uma exacta comprehensão das circumstancias leva-nos a dar um lugar preponderante nas questões externas á boa harmonia com a grande nação com quem temos em commum o sólo e o sangue.

Mas Portugal está interessado, não só em viver em paz com Hespanha, mas ainda em travar com ella relações de amizade e alliança. Depois que em Aljubarrota e em Toro os portuguezes e os castelhanos affirmaram reciprocamente a sua independencia contra mutuas tentativas de invasão, iniciou-se na Peninsula um periodo de intelligencias diplomaticas que dura um seculo e corresponde em Portugal aos reinados de D.



João II, D. Manoel, D. João III, D. Sebastião, e em Hespanha aos reinados de Fernando e Isabel, de Carlos V, de Filippe II. Durante este periodo, que é o da maior prosperidade e grandeza dos povos peninsulares, a consciencia da força propria supprime desconfianças e temores, e a identidade de aspirações e sentimentos cimenta as bases de uma alliança em que compartilhamos com a Hespanha a hegemonia no Mediterraneo occidental e nos dois oceanos. É este pensamento que inspira os casamentos dynasticos e se traduz por auxilios militares, que conduz um infante de Portugal á barra de Tunis, que faz combater os cavalleiros hespanhoes nos areas d'Alcacer-Kibir, que encontrando interpretes condignos nos grandes poetas da peninsula, enche de elogios magnificos do genio hespanhol a epopeia das glorias portuguezas, que dicta a Herrera a lamentação á morte do Rei desejado, que em pleno reinado de Filippe IV leva o maior vulto do theatro nacional hespanhol a coroar com a aureola da poesia a memoria do Infante Santo. E é um facto que se presta a reflexões, que o periodo da alliança hespanhola coincida com a época da maior prosperidade e de plena expansão do genio portuguez.

Depois que a desastrosa administração de Filippe IV provocou a separação dos dois povos peninsulares, e a coragem da fidalguia portugueza restituiu ao Estado portuguez a sua antiga autonomia, vê-se esboçar uma politica que liga os nossos interesses aos dos nossos peiores inimigos e nos põe em communiidade de acção com aquelles com que estavamos em perfeita opposição de sentimentos. O orgulho insensato dos reis hespanhoes e o egoismo dynastico dos reis portuguezes prolonga esta deploravel situação para gaudio e proveito dos inimigos da Peninsula. E de Richelieu a Napoleão, como de Cromwell a Pitt, vê-se espoliar e talar os nossos dominios continentaes e colonias aquelles que tinham tremido do terror das nossas armas.

Hoje que a dura lição da experiencia dissipou illusões, que os preconceitos politicos como a alliança ingleza, e os preconceitos litterarios como a alliança franceza, são batidos em brecha pelos factos, que o povo portuguez junta na sua cons-



ciencia a sensação dos agravos recentes á memoria das velhas affrontas, se compenetra que á Inglaterra só deve a espoliação colonial e ultrajes como o *ultimatum* de janeiro, e á França só tem a agradecer a irrupção das suas hordas e prepotencias como as de *Charles e Georges*, hoje o terreno está desbravado para uma aproximação das duas nações peninsulares. As velhas desconfianças devem dissipar-se. O povo portuguez deve comprehender quaes são os seus verdadeiros amigos. A Hespanha é seguramente a unica nação que nos faz justiça e nos vota estima. E a attitude generosa da imprensa hespanhola por occasião do ultimo conflicto representa a expressão d'um sentimento que passa desapercibido em tempos ordinarios, mas que em occasiões propicias se manifesta com uma energia que surprehende os estrangeiros.

Essa intelligencia diplomatica, que seria a expressão da homogeneidade de sentimentos e da identidade da vocação historica dos dois povos peninsulares, repousa no terreno mais palpavel dos interesses positivos. Se como acima dissemos os interesses externos de Portugal se podem reduzir á neutralidade no continente e á integridade no ultramar, não será difficil demonstrar que a alliança hespanhola satisfaz estas duas condições.

Comquanto a situação geographica de Portugal seja diferente da dos pequenos paizes encravados entre as grandes potencias adversas do continente, comquanto não estejamos como a Suissa, a Rumania ou a Belgica na passagem das hostes que se precipitam ao encontro umas das outras com as armas na mão, é porém certo que a privilegiada situação do nosso littoral sobre o Atlantico e á entrada do Mediterraneo, e a importancia do porto de Lisboa como base de operações maritimas nas aguas occidentaes da Europa, impede que a nossa attitude seja indifferente ás potencias empenhadas n'uma guerra, que será em grande parte naval. A neutralidade é uma illusão quando não é garantida ou pelo isolamento geographico ou pelo desenvolvimento de forças imponentes. E os diplomatas que vissem na inacção um meio de fugir ás responsabilidades, poderiam ser



rudemente desenganados pela contingencia de complicações imprevistas.

Mas se a nossa neutralidade continental, bem que insufficientemente garantida, não está comtudo directamente ameaçada a ponto de justificar temores pela nossa autonomia, a nossa integridade colonial é um problema mais grave e que requer solução urgente. Estão na mente de todos, os factos dolorosos que resultaram da collisão dos nossos direitos com as ambições inglezas. Quem os meditou esclarecendo-os pela lição da Historia e precisando o seu significado pela confissão cynica das aspirações britannicas feita diuturnamente nas publicações especiaes, sabe que a questão africana não está terminada. O instrumento diplomatico que encerrou as negociações é antes um convenio de armistício que um tratado de paz. Essa paz só a poderiam aceitar sinceramente sobre as ruinas do nosso imperio colonial. Absorver os nossos dominios da Africa oriental e se fôr possivel os da Africa occidental, tal é o programma proclamado por metade dos publicistas inglezes e tacitamente aceite pela outra metade. A importancia d'essas regiões não faz senão aguçar os appetites britannicos, como a convicção da nossa fraqueza não faz senão estimular as resoluções de espoliar-nos. Para satisfazer essa ambição, a Inglaterra não duvidará recorrer á violencia, como não tem hesitado em servir-se da ameaça e da calumnia. E para satisfazel-a não encontraria melhor occasião que uma guerra continental que distrahisse a opinião europeia e até mesmo lhe assegurasse a cumplicidade das potencias interessadas na sua benevolencia.

Ora contra esta eventualidade a alliança hespanhola é o unico expediente exequivel e é uma garantia sufficiente. Comquanto os recursos de que dispõem as duas nações peninsulares não sejam por ora comparaveis aos das grandes potencias europeias, elles são porém bastantes para assegurar o respeito dos nossos direitos, sobretudo se reflectirmos na repugnancia extrema da Inglaterra por acções d'onde possam resultar conflictos. E se se attende a que no derradeiro conflicto a Inglaterra não apoiou senão contrafeita as espoliações dos seus co-



lonos do Cabo, comquanto folgasse com os resultados, é licito esperar que a Liga peninsular nem mesmo precise de desembainhar a espada para impôr silencio ás ambições deshonestas dos flibusteiros da Africa austral.

Para que uma alliança entre duas potencias seja exequivel, é preciso que ambas estejam interessadas na sua manutenção e que não haja desproporção entre os interesses que lhes aconselham a communitade d'acção. Para que a alliança peninsular se possa tornar um facto, não basta que nos convenha, é preciso que os hespanhoes encontrem n'ella vantagens que os recompensem dos sacrificios a que porventura ella haja de os arrastar.

É certo que existe em Hespanha uma forte corrente de sympathia e fraternal amizade em nosso favor. É certo que essa sympathia é um sentimento antigo, arraigado, capaz de inspirar acções, nomeadamente nos meios em que a sensibilidade prepondera sobre a razão, como o povo, a mocidade, os partidos extremos. É certo que por occasião do ultimo conflicto com a Inglaterra, tivemos d'isso provas frisantes. As duas imprensas que mais calorosamente tomaram a nossa defeza foram a franceza e a hespanhola. Mas saltava aos olhos a differença dos sentimentos que os inspiravam. Os artigos dos jornaes francezes eram ditados d'um lado por essa recludão gauleza que se exerce sempre que a paixão a não perturba, do outro por uma violenta animosidade contra a Inglaterra occupadora do Egypto; mas via-se que, no fundo, os seus auctores interessavam-se pelos portuguezes tanto como pelos chilenos. Nos artigos dos jornaes hespanhoes via-se ao lado da indignação que inspira o abuso da Força, o resentimento d'um insulto feito a gentes do proprio sangue. A unanimidade da opinião hespanhola só foi igualada pelo seu desinteresse, e a surpresa da imprensa ingleza em frente da attitude da imprensa hespanhola explica-se, dada a ausencia de dissentimentos politicos entre as duas nações e dada a calculada amabilidade que affecta nas suas relações com Hespanha, a Inglaterra interessada em combater a hegemonia franceza no Mediterraneo.



Tudo isto é exacto. Mas é também certo que aos diplomatas que têm a seu cargo gerir os interesses externos d'uma potencia assiste a obrigação de se determinarem por considerações de ordem positiva e, subordinando os motivos de sentimento aos de natureza racional, dirigirem-se pelos dictames d'uma politica essencialmente realista.

Ora succede que n'este caso por uma d'essas coincidencias que são a expressão das necessidades mais intimas da historia, o sentimento está de accordo com a razão. A intelligencia com Portugal não só vai de harmonia com os instinctos do povo hespanhol, mas satisfaz ás exigencias da politica hespanhola.

O programma d'essa politica obedece a duas considerações de ordem superior: a defeza da integridade nacional no continente e a manutenção do *statu quo* em Marrocos. Esse programma consiste n'uma neutralidade armada, servida por uma diplomacia vigilante, e conservando plena liberdade d'acção para utilizar as forças disponiveis em proveito dos direitos ameaçados.

No que toca á defeza da integridade nacional no continente, não padece duvida que a natureza da fronteira oriental e a conhecida energia e constancia do patriotismo hespanhol constituem garantias serias a favor do respeito da neutralidade hespanhola por parte das potencias empenhadas n'um conflicto europeu. Mas quem tiver meditado as lições da historia e tirar d'ellas o ensinamento que d'ellas resulta, a saber, que os direitos não valem se não são garantidos pela força, que nos tempos modernos como nos antigos é a violencia quem decide em ultima instancia, esse não achará demasiadas todas as precauções destinadas a pôr a sua patria ao abrigo d'um golpe de mão tendente a arrastal-a na orbita de influencias estranhas. E quem completar essa lição geral pelo exame da historia particular da Hespanha nos ultimos duzentos e cincoenta annos, quem tiver observado como durante a sua longa decadencia ella foi não sómente espoliada no seu imperio colonial, atacada na sua segurança peninsular, mas ainda obrigada a allianças

*



desastrosas, transformada em campo de batalha de ambições alheias, explorada e lograda pelos seus mesmos amigos, esse aprenderá quão pouco se deve contar com a lealdade e desinteresse das nações estrangeiras, mesmo d'aquellas que lançam aos quatro ventos o pregão da propria generosidade e se proclamam confesores e martyres da causa da civilisação europeia.

A questão marroquina prende-se de tal modo com a questão da integridade nacional hespanhola, que não é mais que um dos aspectos d'esta. Um illustre historiador inglez pôde afirmar ser uma lei da historia que as populações da península dominem ou sejam dominadas pelas que estanceiam na região africana que lhes fica fronteira. Com effeito, se por algum lado Hespanha é vulneravel, não é pelo oriente defendido pela muralha pyreneica, mas pelo sul, aberto ás arremettidas do littoral africano, desvantagem aggravada pela existencia d'uma grande posição militar estrangeira sobre o estreito e em terra hespanhola. É por isso que uma diplomacia patriotica tem de vigiar ciosamente as tentativas de ingerencia no imperio marroquino da parte de potencias europeias, nomeadamente d'aquella que tem já largos interesses criados na região berberesca, e que não faz mysterios das suas vistas sobre todo o noroeste africano. E procedendo d'este modo, Hespanha segue as tradições da sua gloriosa historia. Seria mais um capitulo a ajuntar á chronica lamentavel da decadencia peninsular, se essa região marroquina aberta á acção dos dois povos christãos pela espada de D. João I e dos conquistadores de Ceuta, illustrada pela valentia dos fronteiros de Africa, dourada pela fama robusta de D. Affonso V e pela gloria nascente de D. João II, consagrada pelo apostolado de Raymundo Lullio, pelo martyrio do Infante Santo, pelo sangue de D. Sebastião, venha a cahir, como Tunis, arrancada por nós aos barbaros, nas mãos d'aquelles que no seculo xvi se ligavam aos inimigos da cultura europeia em proveito das suas conveniencias politicas e dos seus interesses commerciaes no Levante.

Para impedir isto, é preciso que Hespanha disponha de



forças que possam pesar na balança da politica europeia. Mas para conseguil-o, não é necessario que desenvolva recursos iguaes aos das grandes potencias europeias, porque o seu programma é um programma de conservação. Quando uma nação não aspira a conquistas nem a desforras, quando ella não está interessada na denunciação dos tratados existentes, quando tudo que ella deseja é a manutenção do *statu quo*, essa nação pôde dispensar-se d'um alarde de armamentos igual ao que serve rancores ou cubiças; e o orçamento das suas ambições pôde ser reduzido ao minimo.

Mas é preciso que esse minimo exista. Suppôr que a inacção é o proceder mais prudente, representa um grave erro. Quem tiver estudado a historia da Europa nos ultimos trinta annos, sabe que, ao mesmo tempo que as condições de equilibrio augmentaram, os problemas constitucionaes da diplomacia europeia se têm definido e caminham para uma solução que ninguem pôde garantir que seja pacifica. Entre esses problemas constitucionaes conta-se aquillo a que se pôde chamar desde já a Questão do occidente. A incapacidade a um tempo social e ethnica dos musulmanos do Maghreb para se constituirem n'um grande estado viavel e progressivo, envolve na extremidade occidental do Mediterraneo consequencias analogas às que condições analogas do imperio ottomano determinam na extremidade oriental. A questão dos estreitos reproduz-se na ponta opposta do velho mar em que se elaborou a cultura europeia, e attrahe a attenção de todos os que têm interesses presos á situação das passagens marilimas. E entre essas, a Hespanha, para quem a questão do Estreito é não só de liberdade commercial, mas de segurança nacional, não pôde ser a ultiima a se precaver.

A intelligencia com Portugal representa para Hespanha a segurança da sua fronteira occidental, a aquisição d'um extenso littoral como base de operações navaes no Atlantico e um accrescimo de forças militares pela addição do contingente portuguez. Hespanha pôde encontrar allianças mais poderosas que a alliança portugueza, mas nenhuma que custe menos caro, que



a comprometta menos, e que mais sé coadune com o seu programma de neutralidade vigilante e decidida a fazer respeitar os seus direitos. E comquanto as forças sommadas das duas nações peninsulares sejam diminutas para intervir d'um modo decisivo nas contendas europeias, ellas são comtudo assás consideraveis para fazer pagar por um preço razoavel a benevolencia da peninsula, sobretudo se se faz entrar em calculo a facilidade de defeza que lhe confere a sua situação geographica, e a grandeza dos recursos que se esconde sob o manto agitado da anarchia politica.

Combater essa anarchia será finalmente o derradeiro e mais grave resultado d'uma corajosa acção exterior. Quando se considera a desastrosa situação da fazenda portugueza e a embaraçada situação da fazenda hespanhola, e quando se reflecte que ella não é mais que a expressão da desordem politica que paralyza as energias dos dois povos peninsulares, póde parecer uma utopia de espiritos ambiciosos e chimericos redigir programmas que comportam audacia e riscos a nações mais precisadas de reconstituir as suas forças economicas no repouso da vida vegetativa. Mas aquelles que têm meditado sobre os paradoxos profundos que constituem a natureza humana, sabem que em questões de ordem politica a audacia é muitas vezes prudencia consummada, e que é mais facil obter o excessivo que o bastante. Com effeito nenhuma razão exterior ao estado moral das sociedades determina a lamentavel decadencia d'um povo cheio de talento e dispondo d'um paiz rico, como é o povo portuguez, nem exclue do grupo das grandes potencias europeias e mantem na mediocridade uma nação notavel pela extensão e situação do sólo, e illustre pelo genio dos seus filhos, como é a gloriosa nação hespanhola. Nenhuma outra causa se póde assignar a este deploravel facto além da ausencia d'um principio superior que unifique as vontades dispersas e crie no meio da fluctuação das doutrinas e dos interesses um ponto de apoio para a acção governativa. Essa dispersão das vontades e esta fluctuação das doutrinas, propria d'uma época individualista e critica, é-nos commum com todos os paizes situados na



metade occidental da Europa. Para combater os seus resultados, a unica estrada a seguir é appellar para os sentimentos que estabelecem um laço de connexão entre energias aliás oppostas. O sentimento patriótico, com a sua mistura proporcionada de paixão animal e sympathia geral, e o perpetuo estímulo da rivalidade com as nações estrangeiras, é porventura hoje o unico movel colectivo de que póde usar um estadista creador, como é ainda um dos themes mais fecundos que póde explorar a invenção artistica. É á persistencia e á energia d'este sentimento que a Allemanha deve a manutenção da sua unidade contra os antecedentes separatistas e as discordancias religiosas e politicas. É a elle que a Italia deve a sua pacificação sob a dynastia de Saboya, a despeito das tradições republicanas da sua velha historia e da energia do partido revolucionario, que tão grande papel desempenhou na obra da sua resurreição. É ainda a solidariedade em frente do estrangeiro que mantem reunidos esse aggregado heterogeneo de raças e linguas, que é a monarchia austro-hungara, e impede que role disperso esse collar de reinos que tem por fio o Danubio. E para esse sentimento que appellam os estadistas francezes sedentos de equilibrio entre a opposição dos elementos reaccionarios e as arremetidas do radicalismo intransigente. E se alguma coisa póde retirar as duas nações peninsulares do marasmo da indifferença e do circulo vicioso da intriga politica, é a lembrança do seu glorioso passado e o pensamento da missão historica que têm a desempenhar no concerto das nações europeias e na marcha da civilisação universal.

Para a realisação d'este pensamento o terreno vai-se preparando dia a dia. Em Portugal, os preconceitos anti-hespanhoes batidos em brecha pela experiencia dos acontecimentos e por um melhor conhecimento da historia, cedem o logar a um programma de intelligencia diplomatica e de unidade moral. Em Hespanha, uma apreciação mais exacta dos verdadeiros interesses nacionaes e uma comprehensão cabal da variedade de fôrmas que póde revestir um mesmo facto social, dissipam as velleidades de absorpção violenta para substituil-as por um



ideal de influencia pacifica. Possam os homens que dirigem os destinos das duas nações peninsulares voltar a sua attenção para este momentoso problema: nenhum tem maior importancia no presente nem envolve mais graves consequencias no futuro. A unidade moral da Peninsula significa a segurança para as nações que a constituem, e mais uma garantia para a causa da paz e dos progressos da cultura europeia.

Moniz Barreto.



POLITICA INTERNA

O facto capital da politica portugueza nos ultimos tempos é a manifesta decadencia do partido republicano, a começar no triste dia de 31 de janeiro ultimo. Se não podemos julgal-o mortalmente ferido, temos todavia sobejos symptomas para asseverar que atravessa uma grave crise, que as suas forças têm minguido rapidamente, e que o seu futuro se tornou incontestavelmente obscuro e incerto.

São muitas e complexas as causas que determinaram o estado presente do partido republicano portuguez, e entre ellas avultam, como de menos duvidosa influencia, a tendencia geral dos espiritos em toda a Europa, as coisas do Brazil, a incapacidade revelada nos acontecimentos de 31 de janeiro e a falta de alguns homens que tinham entre os seus grande fama e auctoridade, e no publico certo prestigio de habilidade, de talento e de honradez.

A asserção vulgar de que todas as fôrmas de governo são boas comtanto que os homens sejam bons, d'uma affirmacão banal entre os publicistas e a gente da politica, passou á comprehensão popular, penetrou até ás camadas infimas que muito categoricamente puzeram de lado monarchias e republicas, para só cuidarem a sério da distribuição da riqueza. E assim que nós vemos a França republicana, pela palavra dos seus me-



lhores escriptores, aconselhar ás nações monarchicas que não pensem na loucura de fazer o mais pequeno sacrificio para trocarem o rei por um chefe electivo, emquanto o czar moscovita ouve e applaude a *Marselheza*; e isto ao par e ao passo que a historia nos vai mostrando, com todo o peso ordinario das suas demonstrações, que a democracia não progride mais vagarosamente na Russia autocratica que nos Estados-Unidos, com as suas afamadas instituições republicanas. Uma opinião geral e conforme vem concluir, das numerosas experiencias politicas do seculo XIX, que ser governado por um rei ou por um homem escolhido entre a multidão confusa, e nem sempre da melhor escolha, isso que para os nossos avós foi a suprema questão politica, significa pouco ou nada na felicidade dos povos, não altera sensivelmente a sua condição social, raras vezes dependente das circumstancias politicas e quasi sempre derivada de causas economicas e moraes. Vai ainda um pouco além d'isso o pensamento moderno; cansado de tanto esforço vão e de tantas esperanças e desillusões, inspirando-se em solidos conhecimentos historicos, tende a aceitar a tradição pura e simples, tendencia que comprehende, e nem póde deixar de comprehender, pois é geral, os sentimentos politicos.

Portugal, como as demais nações, vai levado n'esta nova corrente, tanto mais que ha longos annos deixou de ter pensamento seu, independente, nacional, proprio, e é n'este ponto dependente dos paizes estrangeiros e particularmente da França. E o partido republicano, que se ficou a cantar as velhas canções de 1830, sente a toda a hora e a todo o instante essa atmosphaera adversa que o enmudece.

Para a politica portugueza, para o partido republicano portuguez, essa tendencia geral do espirito europeu é importante porque é constante, porque tem uma acção continuada que destroe sempre e de ordinario acaba por vencer. Mas a acção de taes elementos é tão lenta que só quando termina em qualquer factio grave se torna manifesta e clara; e esse não foi o nosso caso. Muito mais rapida e intensamente do que poderiam fazel-o as forças d'aquella natureza, as coisas do Brazil determi-



naram um subito engrandecimento do partido republicano, em breves mezes seguido d'uma queda igualmente rapida.

Embora politicamente separado e independente de Portugal, o Brazil vivia da mesma tradição politica que em Portugal tem mantido a monarchia; dois ramos d'uma unica arvore, convergindo no mesmo tronco, alimentando-se das mesmas raizes. Partiu-se um d'esses ramos, e com certeza a arvore havia de sentir-se morrer sem as frondes que lhe roubavam. Foi o que de facto succedeu: a proclamação da republica no Brazil engrossou rapidamente o partido republicano portuguez, apregoando jubiloso que, conforme os telegrammas que de lá nos enviavam, uma tão grave alteração nas instituições fôra mais uma festa que uma revolução, quasi uma parada ordinaria, sem uma gotta de sangue. Se alguém havia em Portugal receando que a proclamação da republica entre nós fosse origem de grandes calamidades, de guerra civil, de fome e de miseria, que visse aquillo! Era só o exercito querer, e iriamos em paz, alegremente, com hymnos francezes e uniformes brilhantes, ao paço para despedir o rei, ao Terreiro do Paço para despedir os ministros, e depois ao telegrapho para annunciarmos ao mundo que estavamos felizes, *inaugurada uma nova época de liberdade* (com L grande), *de fomento da riqueza, etc. etc. etc.* O exercito hesitava por um sentimento de lealdade? Ingenua loucura! As armas haviam-lhe sido dadas para defender a patria e não o rei; e desde que se provava que o rei era um inimigo da patria, cumpri-se o exercito o seu dever expulsando o rei.

Com taes cantigas nos embalavam os republicanos, enquanto a Inglaterra em breves palavras nos mandava o seu *ultimatum* sobre as questões da Africa Oriental, que significava para nós uma derrota igual ou maior, com certeza maior, do que aquella que o imperio francez soffreu em Sédan. Esse *ultimatum* foi um golpe de bisturi n'um enfermo coberto de ulceras: fez-nos gritar com dôres, dilacerando a parte sã do coração portuguez, e poz ao sol, escancaradas, as chagas da nossa administração. Andámos em procissões de penitencia, batendo nos peitos, a confessar as culpas, protestando arrependidos



emendar-nos; e com um prazer insano remexemos os archivos das nossas vergonhas para mostral-as aos que ingenuamente acreditavam que iam entrar n'essa lendaria vida nova ha tanto tempo annunciada e promettida.

Em taes circumstancias chegamos a 31 de janeiro, convencidos, pelo exemplo do Brazil, de que a proclamação da republica era a mais facil e a mais util das acções, e convencidos pelas proprias desgraças de que careciamos quanto antes de entrar em melhor vida politica. Então, de facto, os espiritos inclinavam-se a aceitar a republica: os que não a applaudiam, encolhiam os hombros mais benevolos que indifferentes, e os monarchicos eram poucos, desalentados, sem energia intima que os levasse a grandes façanhas.

Escusamos dizer o que foi a revolta de 31 de janeiro; a sua historia está feita e commentada muitas vezes. Somente lembraremos que para muita gente a revolta foi a prova provada da inanidade completa do programma republicano e da falta de tino politico dos seus homens, alguns dos quaes ficaram não só desacreditados como politicos, mas tambem pessoalmente desconceituados. Cançou-se o directorio a demonstrar que a revolta não passava d'um incidente em que, na verdade, o partido republicano quasi não tinha responsabilidade; mas nem assim evitava o desprestigio. Os factos que os jornaes iam referindo em desabono dos que dirigiram a revolta, reflectiam em todo o partido a sua sinistra luz. A gente simples não é dada a distincções, e por uns julgava os restantes.

D'esses documentos alguns merecem ser archivados. Por isso, e tambem como exemplo do genero, vamos reproduzir um d'elles, realmente importante, porque dimana d'um homem digno, como é o snr. Bazilio Telles, de cujas palavras não é permittido duvidar.

A bordo do *Trent* e de passagem para o Brazil, estiveram no porto de Lisboa os dois emigrados Bazilio Telles e alferes Malheiro. N'essa occasião quasi todos os jornaes publicaram uma conversa d'um redactor do *Jornal do Commercio* com os emigrados em que encontramos os seguintes periodos:



«Perguntamos aos emigrados que impressões traziam da sua estada em Hespanha.

«Fomos muito bem recebidos, especialmente na Galliza, onde logo á nossa chegada foram abertas subscrições em nosso favor, e não nos faltou coisa alguma. A maior parte dos nossos companheiros de exilio, porém, os de mais inferior condição, pareciam apostados em nos alienar todas as sympathias, commettendo desatinos sobre desatinos, e perseguindo-nos a nós dois sem descanço para lhes darmos dinheiro que não possuíamos. Até ladrões nos chamavam!

« — Entravam no nosso quarto em Madrid, de chapéo na cabeça, e sem a menor consideração por nós, mesmo os antigos soldados do 9, apesar de estar presente o alferes Malheiro, disse-nos o snr. Bazilio Telles. De uma vez disse eu a uns: «Tirem o chapéo! Nem ao menos têm respeito pelo seu alferes?»

« — Aqui não ha alferes nem meio alferes, responderam; somos todos iguaes!»

«E foi preciso que os ameaçassem de os pôr fóra para se descobrirem em nossa casa.

« — E sahiram-me todos escriptores, continuou o snr. Telles: nunca lhes negamos dinheiro que não nos ameaçassem com os jornaes.

«Emfim, tão fartos estavamos de os aturar, que resolvemos abandonar Madrid e fomos viver para Carabanchel, que fica a uma legua. Alli não nos importunavam tanto.

«Cançados de semelhante vida, vendo-nos todos um pouco desconceituados em Hespanha pelos desatinos de alguns dos nossos, como, por exemplo, os que fizeram a espera ao Emygdio Navarro, e desalentados por oito mezes de exilio sem que durante elles podessemos fazer coisa alguma em prol dos nossos ideaes politicos, resolvemo-nos a ir para o Brazil».

«Em Hespanha» e em Portugal igualmente «os republicanos viam-se um pouco desconceituados pelos desatinos de alguns dos seus».

O partido republicano não podia furtar-se ao desprestigio que sobre elle lançava a relação de factos d'esta natureza, exa-



ctamente no momento em que soffria um outro revez com as más noticias do Brazil. Logo em principio os menos credulos desconfiaram da felicidade estreme que os telegrammas do Rio de Janeiro annunciavam, e as suas suspeitas foram confirmadas; o que agora se diz é bem differente, falla-se de syndicatos e de *negocios* monstruosos, á europeia, e, seja qual fôr o credito que mereçam as constantes noticias pessimistas, para ninguem resta duvida de que a proclamação da republica foi o esphacelamento do Brazil, a sua separação em pequenos estados e o seu enfraquecimento portanto. Isto sem contar a ameaça d'uma guerra civil, que trará em desordem aquelle paiz, sabe Deus por quanto tempo. E aqui perdem os republicanos o seu mais solido ponto de apoio.

A estes revezes, com sobeja razão, deverá juntar-se a morte de Elias Garcia, a morte de Latino Coelho e o afastamento de Rodrigues de Freitas, cuja saude não lhe permite uma propaganda tão activa como até agora tem feito. Seja qual fôr a opinião que cada um tenha sobre os merecimentos d'esses homens, ninguem em boa fé poderá contestar que Elias Garcia era um homem habil, positivo e pratico, experiente no conhecimento e na direcção dos homens; que Latino Coelho era um sincero e honesto, e trazia ao seu partido todo o brilho attrahente de taes virtudes; e que os escriptos do snr. Rodrigues de Freitas, além de toda a justa sympathia que anda ligada ao superior character do auctor, traziam bem patentes signaes de moderação e de saber, que inspiravam confiança e chamavam muita gente aos arraiaes do seu partido. Elementos d'este valor não se perdem sem grave prejuizo da aggremação a que pertencem.

Esta série de desastres, em que o acaso cegamente conspirava contra os republicanos, foi coroada pelas declarações do snr. Canovas del Castillo, presidente do conselho de ministros em Hespanha. Disse o snr. Canovas, e os jornaes apressaram-se a propagar as suas palavras, que, se em Portugal se estabelecesse um governo anarchico, a Hespanha seria obrigada a intervir. Mas, como era elle que tinha de julgar o character do



governo que entre nós se estabelecesse, os muitos que ainda pensavam sermos senhores independentes dos nossos destinos politicos, traduziram d'este modo as palavras do ministro: — A proclamação da republica em Portugal é a invasão hespanhola. Ora a exaltação politica entre nós não chegou ainda áquelle ponto em que se joga alegremente a propria vida e a independencia da patria. Ao inverso do que succedera com a deposição do imperador do Brazil, julgava-se agora que a mudança de regimen politico seria para nós a guerra, a invasão estrangeira, o sangue, a fome, o frio, a viuvez e a orphandade. Espalhou-se pelo reino uma prudente quietação, e arrefeceram os instinctos bellicosos que, de resto, são em todo o mundo bem pequenos, nos tempos de mercantilismo que vão correndo.

Finalmente, as qualidades dos novos monarchas, hoje quasi geralmente conhecidas, contrariam ainda os republicanos. É sabido que D. Carlos é um homem sem vicios, pessoalmente honesto, e um soberano desejoso da felicidade dos seus subditos, emquanto a rainha D. Amelia é modesta e bondosa, intimamente virtuosa, sem reservadas ambições do favor popular.

Quem meditar attentamente na historia dos republicanos portuguezes, poderã julgar que representaram entre nós um papel muito semelhante aos boulangistas em França. Foram ambos uma esperança popular, que agitou as ruas, onde foi calorosamente acclamada; ambos protestaram grande amor pela patria, sem nunca dizerem ao certo em que leis traduziriam tanto amor; e ambos cahiram instantaneamente, antes de tempo, sem terem produzido todos os seus fructos. Ha uma differença apenas: é que os boulangistas cahiram para sempre e os republicanos soffrem talvez uma simples crise de lethargia, intimamente animados por esperanças reveladas na serenidade com que aceitam os seus revezes.

*
* * *

Essas esperanças são justamente fundadas na impenitencia dos partidos monarchicos; pois, deve dizer-se, se o partido re-



publicano tem decahido ultimamente, não é porque o offusquem as virtudes dos partidos adversos ou porque a administração publica tenha entrado n'um caminho de honestidade e de tão intelligente direcção que já não haja que censurar aos governos. Pelo contrario, os males do partido republicano vêm-lhe de causas intimas ou fortuitas, dos monarchicos não lhes veio contratempo; deixaram-lhe um campo de ataque igualmente largo, e nem mesmo praticaram actos de repressão que mereçam ser mencionados, porque não têm força para isso. Falta-lhes esta *vis intima*, que se chama a auctoridade moral, e que se adquire por uma longa vida sem mancha, austera e sã.

Atravessamos uma crise terrivel, como ha muitos annos não livemos — isto repete-se diariamente nos periodicos centenas de vezes. Pois não obstante, n'este momento em que se deviam esperar largas e profundas medidas que correspondessem á gravidade das circumstancias presentes, a chronica nada importante tem a registrar. Na administração publica e nos costumes politicos, ainda nem um só momento foi desmentida a tradição dos ultimos quarenta annos. E, se gastamos menos, é porque nos vemos com o thesouro varrido, não deixando todavia de nos endividarmos em proporção igual ou superior áquella que ha muito seguimos para arruinar completamente o paiz.

É certo que tem havido innumeradas reformas, mas isso mesmo está na tradição; com a differença de que agora são feitas com o fundamento em economias, emquanto anteriormente eram feitas com o pretexto de melhorarem os serviços publicos, euphemismo consagrado, por meio do qual o ministro dava collocação aos afilhados e ao mesmo tempo se ria do paiz. É verdade que d'essas ultimas reformas algumas economias têm resultado, mas não é menos verdade que se economisou um onde era necessario economisar dez, e que ainda agora, apesar da gravidade da nossa situação, não faltaram complacencias.

D'essas reformas, a mais recente é a reforma judiciaria, um documento acabado para demonstrar que o governo vai na esteira politica dos governos que o precederam. Occupa dez paginas do *Diario do Governo* — mas póde bem resumir-se no



seguinte: — Em cada districto havia um tribunal administrativo que julgava as eleições e por esta e outras attribuições influia poderosamente na politica local. Esses tribunales foram creados e organisados pelo partido progressista que, é claro, teve o cuidado de lá collocar gente da sua feição. Tornava-se pois necessario, para consolidação do partido regenerador e para o caso muito possivel do ministerio actual ter de dirigir as proximas eleições de pares do reino e de deputados, tornava-se necessario substituir esses juizes. Foi isso o que fez a reforma, ou foi, pelo menos, esse o seu resultado mais evidente.

Para que serviram pois os protestos de emenda feitos por occasião do *ultimatum* inglez? Para que serviram as longas confissões de culpas? Fumos que o vento leva! Os *habeis* bem o sabiam, e ao vê-los subir no ar ainda quentes, já então sorriam com a fé cynica de quem conhece os homens e não ignora que com gente velha não pôde haver costumes novos. Sorriam e esperavam que a sua hora voltasse, como voltou.

Em favor da impenitencia dos partidos monarchicos vêm dizer-nos os seus caudilhos que «isto está perdido, a bancarota é inevitavel, e a redução do juro da divida publica o ponto inicial de toda a boa administração futura». Ora, suppondo que essa é a verdade, não fica desculpada a esteril molleza governamental. Se o governo está convencido de que a redução no juro é necessaria e inevitavel, porque não tem a coragem deprehendel-a? Tudo se comprehende, menos a inactividade no momento presente.

A crise economica vai consummando os seus effeitos de ruina, enquanto o governo está de braços cruzados, que só se movem para despachar a medo algum amanuense ou algum administrador de concelho, conforme os estreitos limites do thesouro e os estreitissimos limites do extra-partidarismo. N'estas condições, crêmos que não é preciso ser grande propheta para prognosticar que, em breve, desconceituado o governo, a crise politica estará de novo aberta. É o que succederá, a não ser que haja a loucura de, fiados na apathia do paiz, fazerem do snr. Lopo Vaz um Costa Cabral para nos governar a ferro e



fogo, e manter o paiz na corrupção e na miseria enquanto aprouver á sua vontade soberana. D'outro modo, não; querendo attender aos desejos da nação, havemos de chegar a um governo que administre com coragem e intelligencia, apoiando-se francamente na inteireza e na bondade das suas acções, e pondo de parte as velhas muletas do nepotismo em que até agora tem caminhado a maioria dos nossos homens publicos.

Superior a todos os manejos dos partidos politicos está porém a fatalidade das coisas. Cada dia se accentuam mais os beneficios previstos da crise economica, o desenvolvimento da riqueza e do trabalho nacional por uma inevitavel concentração sobre os nossos recursos. Os cambios continuam pessimos, quasi nos fecham os mercados estrangeiros e nos obrigam a limitar-nos á producção nacional; e assim vamos chegando coagidos onde o bom-senso nos mandava chegar espontaneamente. Não importa; mesmo d'este modo é o unico bom symptoma a registar em meio de tantos males.

5 de dezombro de 1891.

Jayme de Magalhães Lima.



BIBLIOGRAPHIA

Carteira d'um jornalista— I. Portugal em Africa: A questão colonial — O conflicto anglo-portuguez,
por J. P. OLIVEIRA MARTINS. — Lúgan & Genelioux, editores; Porto, 1891.

O conjuncto de problemas, que constituem a nossa questão colonial, foi pela primeira vez exposto e debatido d'uma fôrma rigorosamente scientifica (isto é, á luz de todos os conhecimentos especiaes geographicos, geologicos, ethnicos, economicos, contemporaneamente adquiridos) n'esse magnífico livro *O Brazil e as Colonias Portuguezas*, uma das mais notaveis obras de Oliveira Martins.

Quando os politicos olhavam todos os nossos dominios ultramarinos sob o mesmo ponto de vista pelo qual encaravam a administração de qualquer departamento metropolitano; quando Angola ou a India, Moçambique ou Macau, apesar de tudo o que as differencia e as torna irreductiveis a um typo commum de regimen, eram para os ministros e para os directores geraes do Ultramar o mesmo que para um governador civil são os diversos concelhos do seu districto; quando não havia plano algum de exploração e tudo ia ao acaso de isolados esforços individuaes; quando as colonias tinham, por assim dizer, para nós, um mero valor de *pratas da casa*, que se conservavam por um dever de tradição e por um sentimento de pompa e fausto; quando a ultima palavra das idéas coloniaes se cifrava n'esse liberalismo que fazia, e ainda faz, do preto um cidadão cleitor, e rege o gentio dos sertões pelo codigo civil, pelo codigo penal e pelo codigo administrativo em vigor na metropole; appareceu esse livro excentrico, que, começando por uma revisão historica da nossa vida colonial, acabava por discutir e refutar todos esses falsos pontos de vista, formulando, sob um criterio novo, essa velha questão — importantissima entre as mais importantes questões nacionaes.

Com o *Portugal em Africa* volta o illustre publicista a tratar o problema colonial. São fragmentos dispersos das suas campanhas jornalisticas, mas que tão bem e tão completamente se ajustam que, se não fossem as scissões, as descontinuidades de fôrma, derivadas da pluralidade de origens d'esses escriptos, se diria uma obra fundida d'um jacto, um golpe de vista historico sobre a politica colonial dos quatro ultimos annos, lançado e expresso d'uma só vez, sob as exclusivas impressões d'um unico momento. É que, através d'esse feixe de ar-



tigos, publicados a annos de distancia uns dos outros, em diversas occasiões e conjuncturas differentes, ha a unidade de criterio derivado da segurança e solidez do estudo, e baseado n'esse modo, tão proprio do auctor, de penetrar e estudar as questões, esgotando-as. O *Portugal em Africa*, longe de desmentir as idéas geraes de politica ultramarina, assentes no *Brazil e as Colonias*, é como que o commentario dos factos posteriores á publicação d'esse livro, commentario, porém, em que pontos de vista d'este persistem firmes e constantes.

E tanto isto é assim, que mais d'uma previsão assente no *Brazil e as Colonias* se veio a realisar, mais tarde, em condições sobremodo desastrosas, e que bem se poderiam ter evitado se o sabio trabalho de Oliveira Martins tivesse tido o condão de abrir os olhos ao alto pessoal da politica e da administração. A situação em que actualmente nos achamos em Africa, sob o ponto de vista da extensão territorial e das formas de soberania e exploração, era, ha doze annos, prenunciado, nas suas linhas geraes, pelo illustre publicista, nos seguintes trechos da obra a que temos alludido:

«E provavel que em breves annos vapores corram no Congo e no Zambeze com caixeiros e missionarios, Biblias e fardos de algodão, para irem communicar com feitorias francas, estabelecidas no interior, ao longo dos rios; e quando tal empresa se projectar, discutir-se-ha o dominio portuguez das duas Africas; e nós que temos em nossas mãos as duas chaves da navegação fluvial africana, o Congo a occidente, o Zambeze a oriente, seremos forçados — e com justa razão — a franquear ambos os rios á navegação estrangeira.

«Como quer que seja, para fazer alguma coisa n'um ponto, seria mister pôr de parte os dominios vastos e as tradições historicas; concentrar n'um logar os recursos e as forças disponiveis, se acaso as ha. Alienar, mais ou menos claramente, além do oriente, Moçambique, por enfedações a companhias; abandonar as pretensões ao dominio nas bôcas do Congo; e congregar as forças d'uma politica sabia e systematica na região de Angola: eis ali o que talvez não fosse ainda inteiramente insensato.»

A isto se chegou, com effeito, mas d'uma maneira e em condições, senão absolutamente fataes, pelo menos, em mais de um ponto, fortemente nocivas para uma boa reorganisação do nosso dominio colonial.

É a critica d'essas condições e dos successos e actos de administração que as determinaram, o que constitue o fundo do *Portugal em Africa*. Divide-se o volume em quatro partes. A primeira intitula-se *Economia colonial*, e, pondo em relevo a situação economica das nossas colonias do Continente Negro, estabelece o estado geral da questão nos termos em que ella se encontrava na segunda metade do anno de 1889. A segunda parte, com o titulo de *O conflicto inglez*, expõe os primeiros episodios d'essa pendencia, a que se poz ponto com o tratado de maio passado. Na terceira (e é esta talvez a parte culminante da obra) sob a designação de *O gabinete regenerador e o tratado de 20 de agosto*, incluem-se os notabilissimos artigos, publicados primitivamente no *Tempo*, de Lisboa, artigos que são um altissimo modelo de polemica profunda e levantada, e que tão poderosa e definitivamente concorreram para o abandono do infeliz tratado e para a queda do ministerio Serpa. Por ultimo, na parte intitulada *A liquidação do conflicto*, aprecia-se a politica externa do primeiro gabinete João Chrysostomo, que, com o tratado de 28 de maio, conseguiu encerrar d'uma fórma relativamente satisfatoria essa malfadada questão.

Concluindo com um rapido golpe de vista sobre a nova Africa portugueza, o auctor confirma, mais uma vez, as suas antigas idéas sobre a nossa administração colonial. Este derradeiro estudo, ao dar o balanço das condições presentes do nosso dominio africano, é apenas um corollario, uma consequencia logicamente deduzida dos principios e opiniões expostas na sua obra de ha doze annos.



Estudo sobre as portagens e as alfandegas em Portugal (seculos xii a xvi),
por F. SALLES LENCASTRE. — Livraria Ferreira; Lisboa.

O sr. Salles Lencastre é um empregado superior da alfandega de Lisboa. Burocrata *doublé* d'um estudioso — tentaram-no as investigações historicas sobre a instituição de cujo pessoal faz parte. Nunca se louvarão em excesso estes bellos exemplos de amor e interesse pelas coisas do proprio officio ou profissão. O *Estudo* do sr. Lencastre não é verdadeiramente uma historia das nossas instituições fiscaes — se bem que o auctor disponha ás suas investigações em ordem e sequencia chronologica. Mas é uma valiosissima contribuição para essa historia. Obra incompleta ainda, segundo se deduz da organização do livro, encerra contudo já, n'esta primeira parte, documentos do mais subido interesse e da maior importancia. Citaremos, entre outros, a carta regia de 1 de outubro de 1454, o foral ou regimento da alfandega do Porto de 1461 e o da alfandega de Lisboa de 1463. Pelo texto e disposições d'estes diplomas se podem reconstituir muito aproximadamente os costumes commerciaes da época, e as principaes fórmas e processos dos serviços fiscaes. Systemas de despacho, cambios e recambios, dispensas, retornos, manifestos, franquias, impostos de ancoragem, guardas a bordo, descargas, formalidades do despacho, sellagem nos tecidos — tudo ahí apparece regulamentado e ordenado. A par d'isto vêm-se, palpam-se já as faltas, abusos e extorsões proprias d'uma anarchia administrativa, de que ainda nos não corrigimos nem talvez nos corriamos jámais.

Começando nos primordios da monarchia, as curiosissimas investigações do sr. Salles Lencastre vêm até 1581. Quer dizer, terminam com o inicio da dominação castelhana, abrangendo assim o cyclo principal da nossa historia. Partem dos impostos rudimentares da portagem feudal para chegar ao complexo grupo de instituições fiscaes d'uma nação, que foi uma das primeiras potencias commerciaes-maritimas do mundo. E n'este quadro é interessante vêr, parallelo ao desenvolvimento historico, o gradual desenvolvimento d'essas instituições, creando-se e formando-se sob a determinante organica da evolução nacional.

Uma vez completa, a obra do sr. Salles Lencastre ficará sendo um magnifico livro de consulta para todos os que se entregarem ao estudo da nossa historia economica. Fazemos votos por que breve se conclua trabalho tão valioso, a todos os respeitois digno do interesse do publico.

A sonata de Kreutzer, por LEON TOLSTOI. — Lugan & Genélioux, editores; Porto, 1891.

Do nosso conhecimento é esta a primeira versão portugueza de romances do conde Leão Tolstoi, facto que não honra demasiadamente a actividade das letras patrias, pois é de estranhar que os livros do homem de genio, que tem interessado todo o mundo, não estejam ainda postos em linguagem accessivel ao nosso povo. Da *Sonata de Kreutzer* vimos nós, logo que foi publicada, versões em francez, inglez e hespanhol, não fallando dos innumerados artigos que a discutiram immediata e calorosamente nas revistas allemãs, italianas, americanas, etc., de todas as linguas emfim.

Em todo o caso, para começar, a escolha foi acertada. O conde Tolstoi tem por certo romances mais famosos pelos merecimentos litterarios que a *Sonata de Kreutzer*, mas nenhum mais do que este toca problemas tão deli-



culos de moral, e nenhum mais do que este levantou tão largo clamor. Foi uma discussão geral, em que escriptores de elevada reputação julgaram dever intervir; choveram críticas acerbas, sarcasmos e apologias, enthusiasmos e cóleras, e, para nada faltar, o governo dos Estados-Unidos da America, se o não fez, pensou ao menos muito a serio na prohibição da venda do livro que com ridiculo temor lhe pareceu perigoso. Só nós acordámos tarde, mas ao menos acordámos.

Tarde, não; porque a these que a *Sonata de Kreutzer* discute, mantem ainda toda a sua frescura. O problema das relações conjugaes está muito longe de ter obtido solução definitiva, e o livro que agora é apresentado ao publico portuguez, seja qual fôr a opinião que d'elle fizermos, innegavelmente encerra preciosissimos elementos, para chegarmos a esse derradeiro termo.

Pelo lado litterario a *Sonata de Kreutzer*, na segunda parte, e um drama, com situações d'um extremo vigor, a par das obras classicas d'esse genero.

Este duplo valor, moral e litterario, do estudo da vida conjugal que o conde de Tolstoi publicou ultimamente, e o acolhimento ruidoso que obteve em todo o mundo, converteram-no n'uma obra cujo conhecimento é obrigatorio para toda a gente ainda que medianamente illustrada.

Passeio geologico de Lisboa a Leiria, por PAUL CHOFFAT. — Lisboa, 1891.

O sr. Paul Choffat reuniu em opusculo uma serie de artigos que publicara n'uma revista pedagogica de Lisboa, e que resumem, d'um modo pittoresco e entre nós ainda inedito, os traços geologicos d'uma parte do littoral extremenho. Esta feição do notavel geologo suiso, cuja obra de luminosa e aturada pesquisa nas formações secundarias de Portugal é sobejamente conhecida e apreciada pelos que se occupam do estudo geognostico do nosso sólo, ignoravamos-a ainda. Certo que o recente trabalho ácerca do sob-sólo de Lisboa nos revelára já o erudito naturalista como um espirito capaz de realizar simultaneamente uma investigação de puras applicações technicas e um problema de exclusivo dominio especulativo. Fazer, porém, um livro destinado a rapazes de escola, a observadores de facil contento, a curiosos de factos geraes, ao vasto grupo, enfim, a que cabe a designação de *gens du monde*, é que nos surprehende, mas agradavelmente, dadas as suas circumstancias especialissimas de trabalho subordinado a um rigoroso plano previamente traçado, sem desvios, sem intercadencias. Porque — é necessario que attendamos — são precisamente estas desprezenciosas *narrativas scientificas* as de mais difficil execução, não só pela especial natureza de publico a que se destinam, mas ainda pela quasi insuperavel difficuldade em communicar com esse publico, principalmente quando se é um erudito e só com trato de especialistas se está habituado. Por este titulo e pelos que derivam da singeleza e captivante exposição da noticia geologica que nos occupa, o opusculo do sr. Paul Choffat é um trabalho de merito.

O auctor imagina uma viagem em caminho de ferro de Lisboa a Leiria sahindo da capital por Santa Apollonia, pelo Rocio ou por Alcantara. Qualquer dos trajectos escolhidos vai dar, obedecendo ao itinerario estabelecido, ao apeadeiro de S. Domingos e d'ahi até á estação terminus o passeio geologico effectua-se por uma unica via. Antes, porém, elucida o observador ácerca do que vai examinar, procurando despertar-lhe a curiosidade com aquella candura soffrega de naturalista apaixonado *pelo grande livro da natureza*. Para esta especie de homens a palzagem não lhes demora o espirito n'um impressionismo de effeitos e tons, de luz, de côr e de mancha, triumphos de auroras



e agonias de poentes. A paizagem é, d'um modo geral e concreto, com ou sem relêvo, arida ou coberta de vegetação, com eminencias e com depressões; explicar esses accidentes, inquirir os factores determinantes, enfeixal-os e relacionar-os, eis o intento, bem recompensado sempre pelo effeito salutar da caminhada e pela satisfação plena de todas as suas exigencias espirituaes. Quando muito o naturalista é um bucolico como os d'outr'ora: mas exactamente esta simpleza derivada da pacificação que envolve e cerca estes temperamentos tão mansamente empurrados para a vida, constatando factos, registrando phenomenos, induzindo, deduzindo, harmonicamente e sob preceitos, é a que mais condiz com a massa geral de publico avida de conhecer, quando — bem entendido — se não trata de portuguezes. O snr. Choffat bem o diz: as fadigas mal se sentem, os cuidados da vida passam despercebidos e o espirito repousado pode retomar com vigor novo o curso dos seus trabalhos quotidianos. Perfeito de exactidão e sinceridade francas. É obedecendo a este proposito, simples e benefico para a alma e para o corpo, que se constituíram e organisam ainda hoje instituições com semelhante objectivo, servindo de typo o *Club Alpin Français* que abrange cerca de 5:400 socios distribuidos por 44 secções e espalhados por toda a Franca; é ainda por esta potente acção de propaganda que esse paiz alcançou conhecimentos muito precisos, no detalhe, de regiões onde só tarde iria a investigação scientifica official e para a aquisição dos quaes concorreram os subsidios trazidos desde o estudante até ao *officier en retraite*.

Na sua viagem, pois, o snr. Choffat vai iniciar o companheiro nos factos geraes que lhe explicam a natureza das formações, a idade geologica, a ordem successiva de deposito, os effeitos das denudações e erosões, as rupturas e as inclinações, as pregas e as dobras, as inversões e os deslisamentos; e, para não perder o tempo da demora nas estações, aproveita-o no exame dos materiaes que serviram para a sua construcção, bem como das mercadorias de natureza mineral depositadas nos molhes ou ainda nos wagons. O sal, o carvão de pedra, os phosphatos, a cal, o ferro, os saibros e pedras britadas para ballastragens, as areias para vidrarias, os materiaes decorativos e de construcção, o cimento e o grés, a vidraça e a telha, darão logar a reflexões sobre a origem dos mineraes uteis, metallurgia e toda a sorte de applicações technologicas. N'esse passeio realizado através d'um bello trecho da Estremadura, descrevem-se, sem a individuação que exigiria trabalho d'outro alcance, terrenos que se incluem nas alluviões actuaes e em quasi todos os depositos intermediarios d'essas e das formações infraliasicas e rheticas, e, porventura, triasicas, isto é, terrenos das éras secundaria, terciaria, quaternaria e moderna. Afóra isto, que é o essencial do escripto, o snr. Choffat encontra frequentemente ensejo de prender a attenção do viajante com a analyse d'outros factos mais ou menos proximamente relacionados com o objecto do passeio. Exemplo: ao sahir do tunnel do Rocío deitamos rapidamente a cabeça pela portinhola da direita e veremos uma pequena gruta a meia altura da trincheira*. Segue uma ligeira referencia a esse derradeiro vestigio de duas cavernas prehistoricas, vetusta officina de armas de sílex cuja materia prima se continha nos rins da bancada calcarea. Mais atraz e para a esquerda reparerem nos fundamentos do famoso aqueducto cuja natureza petrologica dos allicerces, assentes no cretaceo superior, explica porque o monumento resistiu aos abalos de 1755; adiante e mais acima, mesmo á beira da via que vem de Alcantara, notem-se os mantos de basalto que cobrem o calcareo: é ahí que se fazem as grandes lavras para o empedramento das ruas de Lisboa e enrocamentos dos trabalhos do porto.

Depois de ter passado o valle de Chellas e proximo á Palma de Cima, as camadas lacustres inferiores ao terciario marinho levam-o a notar que parte d'esses saibros são explorados para formar o piso nas ruas dos jardins publicos da capital; proximo de Benfica os terrenos lacustres lembram-lhe as quartzites talhadas intencionalmente e que Carlos Ribeiro attribuiu a um ser contemporaneo das camadas: entre Cacem e Sabugo lá estão os notaveis marmo-



res conchíferos de Pero Pinheiro cuja variedade de côr e exotismo de desenho foi habilmente aproveitada na decoração ornamental do convento de Mafra; o magestoso campo de lapiaz da Pedra Furada, que deveria ser conservado como propriedade nacional. attesta, perto de Mafra, o bom gosto indigena que o vai arrazando para ballastros e edificações de paredes; os kaolinos das proximidades de Torres, alguns dos quaes de assignalavel pureza, fazem lamentar o abandono a que estão votados excellentes jazigos de materia prima para o desenvolvimento progressivo da nossa industria ceramica; entre Ramalhal e Outeiro, a serra de Montejunto accusa os seus notaveis vestigios da época neolithica, com ossuario humano, productos de industria e restos de sêres para sempre extinctos: cervideos, hyena e urso das cavernas, etc.

Como viagem geologica em caminho de ferro não se podia esperar trabalho mais completo nem, simultaneamente, tão pittoresco e interessante. É manifesto que o observador desprevenido não alcançaria n'uma tão rapida viagem a somma de factos que o auctor aponta, mercê do conhecimento que possui da região atravessada; mas não é menos certo que, com um bom guia, uma carta geologica ou o habito de observar com *vista de geologo*, taes passeios são sempre de vantagem. pelo menos, nos traços geraes do conjuncto. Lá fóra estas excursões realisam-se com frequencia, sendo auxiliadas. para os que começam, com livros subscriptos por Laville, Meunier, Lapparent, etc.; o livro do snr. Choffat é mesmo, até certo ponto, decalcado sobre o do eminente geologo francez.

Ora vem a proposito lembrar as famosas missões geologicas que os programmas das escolas superiores exigem e das quaes, até esta data, não ha noticia. Viu-se como é facil, sem recorrer á protecção governamental, entrar n'um wagon com um curso, explicar-lhe, no decorrer d'uma pequena viagem, a causa geologica dos accidentes de terreno, sua estructura e natureza, sahir na estação d'uma região que reuna a maior somma de factos elementares a registrar, colher umas amostras de mineraes, de rochas e de fossis, e voltar á noite, não naturalista feito, mas iniciado sequer no processo de pesquisa e nos methodos de determinação, direcção e estudo de orientação de camadas, por exemplo. Para isto, desnecessario é que o poder central obrigue, com força de lei, estes passeios, cuja iniciativa depende naturalmente d'uma vontade e d'uma segura noção de cumprimento de simples deveres profissionaes. Mas escusa o snr. Choffat de escrever phrases como esta, que nos espanta e dôe: «o prazer de observação induzil-os-ha a fazerem excursões tão amiudadas quanto lhes permittirem as suas occupações;... aquelle que se compraz em observar, jamais está só no meio da natureza: tudo falla em redor d'elle». Como essa esperanza é ingenua e candida, Pae do Ceu, em paiz cujo dôce e facil concheço, n'um sólo fertil e sob um clima terno, nos concede esta rica immodabilidade que vamos disfructando!...

Philosophia popular em proverbios angolenses, por CORDEIRO DA MATTA. — Lisboa, 1891.

Este opusculo comprehende quinhentos proverbios e setenta enigmas em *kimbându*, acompanhados da traducção portugueza correspondent. É um paciente trabalho de colleccionação, sem duvida efficaz para o estudo da philologia e da ethnographia angolenses.



Diario de uma viagem do Ambriz a S. Salvador do Congo, por COLLAÇO FRAGOSO.
— Loanda, 1891.

Narração singela d'uma viagem através da região africana indicada, e levada a cabo por Collaço Fragoso, que se offereceu espontaneamente para a realizar quando se tratava da ligação do Ambriz a Banana, passando por Bembe, S. Salvador e Noki (margens do Zaire).

Elementos de Pedagogia, por GRAÇA AFFREIXO e HENRIQUE FREIRE. — Livraria Ferreira;
Lisboa, 1891.

Oitava edição d'este conhecido compendio, notavelmente ampliado e re-fundido consoante os modernos preceitos pedagogicos. Como geralmente se sabe, é este livro o adoptado e preferido em varias escolas do paiz.

Livro de conversação em inglez e portuguez, por um anonymo.
— Livraria Ferreira; Lisboa, 1891.

Especialmente destinado a raparigas. Comprehende duas partes — dialogo e vocabulario — ambas com as qualidades e defeitos dos livros d'esta natureza. No seu genero é, todavia, cuidado e escrupuloso.

As indispensaveis regras syntaxicas para facil comprehensão do sentido e da analyse de orações portuguezas, por XAVIER MONTEIRO. — Bombaim, 1891.

Folheto destinado a *satisfazer ás regras syntaxicas* do mesmo passo que procura *insinuar, instillar e fazer arraigar alguns preceitos de moral e de religião catholica*. É escripto por um professor da India portugueza, e remata, em caixa alta, por *Finis laus Deo*.

O agricultor popular portuguez instruido, por F. M. FERREIRA.
— Editor, Joaquim Maria da Costa; Porto, 1891.

Occupase este opusculo das sementeiras, seus males e remedios, das vinhas, arvoredos e jardins, dos gados, dos animaes domesticos e das suas enfermidades. É realmente um livro popular.



As quarantenas perante a sciencia, por BERNARDINO DE ALMEIDA.

— Livraria Ferin; Lisboa, 1891.

Commentario ao *Regulamento geral de sanidade maritima*, cheio de inconveniencias e desmandos, que o auctor critica com vehemencia e solidamente fundado nas mais recentes acquisições dos epidemiologistas.

Filinto Elysis e sua época, por PEREIRA DA SILVA. — Rio de Janeiro, 1891.

Livro de 212 paginas offerecido e dedicado ao Lyceu Litterario Portu-guez. O auctor julga que parecerá singular haver quem se ocupe agora da obra litteraria de Francisco Manoel do Nascimento; explica, portanto, o seu proposito, d'esta sorte: «Estudando-lhe as composições, deparo n'ellas tanta e tão formosa linguagem, tanta e tão peregrina inspiração poetica, tanto e tão apreciado patriotismo, que ardem-me desejos de affrontar os errados preconceitos que a seu respeito correm; resgatar-lhe a memoria da injusta indifferença, com que a fulminam a ignorancia e a preguiça; e restituir-lhe os fóros de eximio poeta, como geralmente fôra em sua vida considerado». Este trecho diz bastante sobre o pensamento e a fórma de tão pittoresca brochura!

Exemplo frisante da importancia da utilisação dos dados geologicos na escolha dos traçados dos caminhos de ferro (com uma carta).

Dos dois projectos elaborados em 1889 para ligar as linhas ferreas do sul e do norte do Tejo por meio d'uma ponte sobre este rio, o dos snrs. Bartissol e Seyrig não tinha base alguma sobre a natureza do sub-solo, ao passo que o do sr. Proença Vieira fundava-se escrupulosamente na geologia dos terrenos sobre que havia a operar. O estudo geologico foi previamente realisado pelo sr. Paul Choffat; e infere-se d'elle que, ao contrario do que acontece no primeiro dos projectos citados, as vantagens de economia, segurança e hygiene no traçado de Vieira são incontrovertidamente assignalaveis. O relatório do distincto geologo e algumas palavras do engenheiro portuguez são o objecto d'este opusculo.

Note sur le crétacique des environs de Torres Vedras, de Ponicho et de Corcal, por PAUL CHOFFAT.

Esboço d'uma futura monographia da collecção já iniciada para o estudo stratigraphico e paleontologico do cretaceo portuguez. O levantamento geologico da cadeia de Monte Junto deu ensejo ao illustre geologo suiso de publicar uma noticia singela sobre os terrenos comprehendidos nas regiões citadas, noticia que nos faz esperar uma excellente e lucida memoria, como as



precedentemente publicadas. O opusculo a que nos referimos abrange os seguintes capitulos: *Enumeração dos diversos affloramentos, Descrição stratigraphica, Cretacico da região do Cercal, Comparação com o cretacico das outras regiões portuguezas, Appendice paleontologico.*

Summario das investigações em sanscritologia desde 1886 até 1891,
por VASCONCELLOS DE ABREU. — Lisboa, 1891.

Para o congresso internacional de Orientalistas d'este anno, em Londres, contribuiu o snr. Vasconcellos de Abreu com esta importante publicação ácerca da qual diz a *Academy* de 22 de agosto o seguinte:

«O summario abrange, além das condições actuaes das investigações Vedicas, as vistas modernas dos pundits eruditos com respeito aos codices, especialmente os *Manava-Dharma Shastra*. Um traço interessante da obra é a descrição, feita pelo auctor, das lendas e fabulas da India que vieram para a Europa por intermedio dos portuguezes... O professor portuguez fornece por fim ao congresso o *fac-simile* de uma importante inscrição sanscrita, que a commissão arica terá de apreciar».

É tão raro vêr citada e apreciada fora de Portugal a sciencia nacional, que não podemos deixar de felicitar o paiz pelo verdadeiro serviço prestado pelo snr. Vasconcellos Abreu. É um benemerito, o sabio professor de sanscrito do Curso Superior de Letras.

NOTA

No proposito de fundar uma bibliographia geral portugueza, os editores da REVISTA DE PORTUGAL enviaram em 21 de setembro passado a todas as casas editoras do paiz uma circular, na qual se lhes fazia o seguinte convite, cujo theor textualmente reproduzimos:

«Com esta ampliação do pessoal dirigente coincidem reformas internas, em cujo alcance e exito temos as mais fundadas esperanças. Uma d'ellas consiste na publicação mensal d'um *Boletim bibliographico* destinado a dar a mais exacta e completa informação de todo o movimento da livraria portugueza. É um desinteressado serviço que prestamos ao publico em geral, e especialmente á nossa propria classe.

«Para este fim, appellamos para a boa vontade de todos os nossos collegas, a quem, com a citada secção, offerecemos, nas paginas da nossa REVISTA, um *annunciao absolutamente gratuito* de todas as suas publicações. Bastará para isso que v. exc.^a se digne enviar-nos, no fim de cada mez, uma nota das obras que a sua casa editou, com a indicação completa do titulo, auctor, formato, numero de paginas, preço, etc. Se de qualquer d'essas obras fór enviado um exemplar á redacção da REVISTA, será o annuncio acompanhado d'uma noticia mais ou menos circunstanciada, consoante a importancia do volume em questão. E, no caso d'este se salientar por meritos superiores, destacar-se-hão o seu exame e analyse para a secção de *Critica litteraria*, onde d'elle se oc-



cupará, segundo a sua especialidade, um dos redactores effectivos da REVISTA.

A este convite apenas responderam quatro d'aquellas casas — das quaes, porém, nem todas remetteram a simples informação bibliographica que a REVISTA lhes pedia, com o mais desinteressado intuito.

Animados ainda do mesmo espirito que transparece nas linhas acima exaradas, os editores da REVISTA renovam, por esta fórma, o seu convite, esperando que todos se compenetrem do interesse que para as letras representa a criação d'um registro permanente e completo da bibliographia nacional.



HONTEM E HOJE

Não raras vezes acontece que o vicio constitucional d'uma sociedade fica persistente, e se transforma em mal hereditario, transmittindo-se de geração em geração, com a crueldade que a natureza não poupa ás organizações debeis, sempre o mesmo no fundo, apesar de diverso na apparencia, proveniente d'esse estado morbido primitivo. Depois, assim como um individuo pôde viver com lesões profundas, enfraquecidamente sim, mas vive — do mesmo modo a sociedade de conformação defeituosa poderá ter tambem uma longa existencia, se causas externas lhe não determinam o desaparecimento. Tal é a lição que nos subministra a historia portugueza.

Sustado no meio do seu desenvolvimento, Portugal nunca pôde na administração publica compensar a receita com a despesa, nem economicamente estabelecer o equilibrio entre a produção e o consumo, de fórma a tornar-se um organismo, satisfazendo-se todas as exigencias da vida social. Por isso succedem-se a miudo as catastrophes que a população expia em silencio; por isso os melhores tempos são sempre d'uma prosperidade apparente, porque dependem de condições fortuitas, fóra da sua acção.

Desde o seculo XII, um ideal politico commum, reunindo sob uma bandeira os homens da marka portugulense para



a conquista dos territorios ao sul do Mondego, déra-lhes uma certa cohesão, como a muitos outros grupos que se formaram por esse tempo na peninsula. Partindo, cheios de energia e fervor religioso, do seu pobre paiz de montanhas, foram descendo gradualmente para as ricas planicies meridionaes, apertados ao occidente pelo oceano e a leste pelas conquistas dos seus irmãos leonezes, ficando por tal forma demarcada a estreita cinta do solo nacional.

Á medida porém que os rudes e heroicos conquistadores avançavam, iam adquirindo enormes extensões desertas, assoladas por guerras seculares; e as gentes, que comprehendiam na sua conquista, eram d'uma estirpe ethnologica differente da sua. Para quem vinha do norte, esses ermos deviam ferir-lhe immediatamente a attenção: e de facto, a primeira dynastia, que conquistou, principiou desde logo a povoar e a cultivar, attrahindo colonos com insistencia, estrangeiros ou dos proprios districtos de população mais densa. Os reis batalhadores queriam um reino fortemente povoado e cultivado; nem sequer consentiam que ficasse inculto o casal abandonado pelo proprietario. A agricultura desenvolve-se; semelhantemente a industria, e o trabalho do mar — a pesca, a navegação e as construcções maritimas. É a riqueza nas suas formas variadas que vai surgindo, ao passo que se adianta a organização social.

A proficua e sensata administração affonsina, se fosse até ao seu complemento, teria feito do pequeno estado peninsular uma verdadeira nação. A criação da riqueza pelo trabalho dar-lhe-ia a independencia economica, base essencial para a autonomia politica; e o povoamento tornaria a raça homogenea, pois que o maior numero havia de ser dos habitantes ao norte do Vouga, que foi sempre um viveiro de homens. Estes, introduzidos em grandes massas no sul, por força absorveriam os elementos ethnicos extra-europeus, ahi predominantes.

Mas esta construcção estava muito longe de completar-se, quando findou a primeira dynastia. Seria necessario insistir ainda por mais algumas gerações; infelizmente aconteceu o contrario. O novo curso que tomaram as coisas no proprio tem-



po do fundador da segunda dynastia interrompeu para sempre a politica anterior: d'onde resultou permanecerem em paiz tão restricto enormes manchas incultas e duas raças antipathicas, que se não amam, nem se entendem — dois povos juxtapostos, cada qual com a sua indole e a sua particular comprehensão da vida.

Entre os dois levantou-se a capital com uma classe superior comopolita, tendo por fundo a antiga população sarracena, e os escravos africanos importados depois em escala desproporcionada. A grande cidade, se pela situação era adequada á florescencia das expedições maritimas, tambem devia ser, dado o dualismo ethnico, a unica a imperar sobre homens que não podiam formar entre si uma opinião politica commum. A classe dirigente, de procedencias desvairadas, não se prendendo nem a tradições nem á vontade d'um povo, podia lançar-se nas maiores phantasias governativas. Sobre um unico ponto, porém, se entenderam todos — homens do norte e do sul, quando appareceu o novo rumo que abriu a expugnação de Ceuta.

Este brilhante feito d'armas, executado com tanta bravura e não menos fortuna, foi o ponto de partida d'um novo modo de ser da sociedade. A elle foram-se seguindo as explorações do infante D. Henrique. Gradualmente, á medida que avançam até que foi desvendado o caminho da India, vai parando o desenvolvimento do trabalho interno e nascendo em toda a população o espirito de aventura, que nunca mais se extinguirá. As mesmas faculdades intellectuaes atrophiaram-se-lhe para tudo que não fosse viajar e mercadejar. Nem a agricultura, a industria, a sciencia ou as bellas-artes a preoccuparão fundamentalmente. Os seus homens superiores exerceram-se a descrever as terras e gentes que visitaram; mas ainda essa admiravel livraria de viagens cahiu totalmente no esquecimento, e quando uma academia as quiz colleccionar, teve de recorrer a traducções, a manuscriptos ou raros exemplares, esquecidos no fundo das bibliothecas.

Nem sequer estes se liam: ou porque os factos e as coisas interessassem mais que a leitura, ou porque havia um li-



vro que os resumia — o d'um poeta prodigioso, que foi elle mesmo um ousado aventureiro, e soube exprimir incomparavelmente no seu poema immortal esse desejo de vêr e correr mundo, esse estranho sentimento que lançava a todos por paragens e mares desconhecidos. Generalisando-se, elle accendia cada vez mais o enthusiasmo da partida, e seria companheiro bastante a quem tinha posto o intento n'essas lides longinquas, que podiam dar thesouros n'um golpe de mão, encontrando cada um ahi tambem repassados de saudade as recordações do *ninho seu paterno*.

Excepto Camões, nenhum outro poeta, litterato ou homem de sciencia, teve o favor popular, pois a população nunca mais se preocupou com trabalhos de espirito; quem não pensava senão em viajar e mercenciar não podia dar-se á contemplação das idéas; por isso os mestres estrangeiros, repetidas vezes chamados, nunca conseguiram despertar verdadeiro interesse para as sciencias que professavam, nem jámais poderam fazer escola.

De facto, que importava o progresso moral e industrial d'estas oitentas leguas de cinta littoral, se estava aberto o grande mundo, cheio de opulencias nunca vistas? A attenção de uns e outros voltou-se desde logo para essas maravilhosas emprezas maritimas. Embarcaram todos; e os clamores dos que viam n'ellas um impulso ruinoso foram vozes perdidas; ninguem as escutou. A miragem das grandezas cegava os olhos á realidade.

*
* *
*

Parada a reconstrucção economica, apparecem immediatamente as difficuldades que se têm seguido sempre n'uma longa e triste successão até hoje. A penuria geral sente-se logo no tempo do proprio fundador da nova dynastia. Primeiramente elle teve de prodigalisar os bens da corôa para pagar os serviços dos sectarios que lhe ganharam o throno. Depois Ceuta tornou-se um constante sorvedouro de homens e cabedaes. Se a



expugnação foi facil, a conservação era tão onerosa, que mal podia manter-se. Na ultima quadra da vida, D. João I encontrava-se com o thesouro exhausto. Os bens da corôa haviam passado ao dominio de particulares, e o povo não podia soffrer aggravamento de impostos. Com custo se fazia face ás despesas publicas, e para a mesma expedição de Ceuta foi necessario recorrer a emprestimos e donativos.

Os apuros financeiros augmentam ainda d'uma maneira mais accentuada nos reinados de D. Duarte e D. Affonso V. O primeiro viveu sempre nos maiores apertos pecuniarios. Sem soldados e sem meios, viu-se forçado a deixar morrer o irmão no captiveiro de Fez. O desastre de Tanger custára sacrificios enormes; não era possivel renova-los, antes do paiz se refazer um pouco. Bem espremido, elle pôde comtudo produzir as expedições africanas do segundo e acompanhal-o na sua phantastica pretensão á corôa da Hespanha, mas com quantos vexames! Nem sequer escapou a prata das igrejas e o dinheiro dos orphãos. A situação era cada vez mais dura, e o pobre rei quasi teve de abdicar.

D. João II, o primeiro dos reis mercadores, adiantando as explorações maritimas, procurou ahi os meios que lhe negava a pobreza do seu reino; enriqueceu com ellas, mas nem por isso cresceu o bem-estar de todos. Por mais d'uma vez importou cereaes, pois nem sempre os campos produziam pão para o alimento do povo. Do mesmo modo o trabalho fabril estava tão atrazado que para as bodas do filho mandou vir da Italia brocados, sêdas e telas de ouro e prata; da Allemanha, Flandres, Irlanda e Inglaterra, as tapeçarias, os pannos finos de lã e outros tecidos; juntamente vieram ourives, douradores e operarios de mais officios. Como não bastassem as importações por elle feitas, abriu os portos ás manufacturas estrangeiras. Todo este luxo, porém, de nada servia ás classes superiores, que não podiam pagal-o. O rei vestiu então uns á sua custa, dando-lhes ainda dinheiro, armas e cavallo, que importou tambem; a outros vendeu fiado por dois annos, e a todos, que fossem ás festas exhibir essas magnificencias de emprestimo, segourou-lhes pelo



mesmo tempo as rendas que empenhassem e concedeu-lhes moratoria d'um anno para as dividas e demandas.

Apesar da profunda miseria que revelam estes factos minuciosamente descriptos pelo chronista, elle teve quasi sempre boas finanças, graças ao tracto da Guiné, que conservou no mais rigoroso segredo. Todavia parece que não era bastante o resgate exclusivo d'essas regiões mysteriosas, nem lhe bastava o ouro que lhe traziam as caravelas; a sua avidéz ou precisão não recuou diante do ignobil tributo sobre os judeus refugiados de Hespanha, dos quaes «ouve hua grãde soma». O principe, a que chamaram *perfeito*, se conseguiu, mediante o punhal e o veneno, abater a aristocracia, creada pelo fundador da sua familia, em vez de se desvelar pela restauração das forças vitas internas, lançou as bases da mercancia official, e elle mesmo fomentou a rapina e a desordem administrativa das colonias, dizendo a Lopo Soares «eu vos mando a Mina, não sejaes tão pêco que venhaes de lá pobre».

Durante este reinado até ao de D. João III, no periodo da maior gloria e expansão maritima, o decrescimento da producção agricola e industrial, e a escassez da população, vão augmentando sempre d'uma maneira que assustaria qualquer observador superficial, não totalmente obcecado. A lavoira definhava, a industria diminuia. A terra d'onde partiam os ousados navegantes não dava ao menos as subsistencias indispensaveis, nem os artigos de troca necessarios para o commercio das regiões recentemente descobertas, nem até todos os homens, porque as esquadras andavam cheias de estrangeiros. Com as especiarias e drogas da India pagavam-se os soldos; compravam-se os cereaes e objectos indispensaveis á vida nacional e ao negocio. Comprava-se tudo; por isso essas riquezas legendarias, mal aportavam, escoavam-se rapidamente, porque faltava uma industria que as fixasse; entravam e saham, como em transito pelos armazens d'um negociante. O lucro, que deixavam, passava ao bolso do chefe e dos seus assalariados, que as gastavam á mercê da imaginação, mas não accrescentava o capital da communidade, que em vez de enriquecer, empobrecia.



A peste e a fome vinham a miudo assombrar mais o triste quadro da administração interna. O imperio colonial, não tendo por base o trabalho, era uma phantasmagoria, que a primeira inconstancia da fortuna fazia desaparecer tão depressa como nascera.

Os reis e ministros governaram então como patrões d'uma vasta empresa commercial, tendo a seu serviço a clientela a que chamavam «nação», mas que o não era na realidade. A sua voz não se ouvia, nem expressava uma opinião sobre os negocios do estado. Os portuguezes do norte e sul embarcavam, traficavam por conta dos chefes ou por sua propria, pelejavam, exploravam, mas eram completamente indifferentes ás questões internas.

Despezas publicas e particulares não tinham outra receita senão as drogas e especiarias que desembarcavam periodicamente em Lisboa. Com o producto d'ellas, e não com o trabalho paciente de dia a dia, se sustentava tudo. Os reis impellidos pela febre do mercantilismo, dispondo de valores fabulosos que lhes chegavam, como por encanto, se viam as ulceras profundas que roíam o organismo nacional, se de vez em quando lhes procuravam remedio, não lhes davam o cuidado preciso, nem os povos se interessavam por essas questões. Tal era o definhamento industrial, que na mesma época de D. Manoel foi necessario importar operarios para as construcções de galés.

A aventura era o moto geral. Valia a pena labutar duramente na terra, ou transformar a materia bruta em productos fabris, quando era possivel enriquecer n'uma viagem?

O estado, estabelecido assim sem fundamentos solidos, precitava desde o principio, e havia de afundir-se fatalmente, logo que cessasse por qualquer motivo a remessa seguida d'esses valores commerciaes, obtidos ao longe, á mão armada, no meio de combates incessantes. Por isso o periodo da opulencia dura apenas um instante. O successor do rei venturoso, D. João III, fallia em Flandres, lançava um imposto de capitação e creava a divida publica — herança que os vindouros centuplicariam com decidido amor. Era tamanho o enfraquecimento da mari-



nha de guerra, que por causa das naus da India, elle curvava-se submisso e vergonhosamente diante d'um corsario francez.

Não havia dinheiro que abundasse a penuria, pela falta de producção industrial. As riquezas do Oriente vinham n'um caudal perenne, mas desappareciam instantaneamente, como gotas d'agua sobre um chão resequido. A emigração levava a gente, e portanto as forças vitaes, dispersadas agora por todo o mundo. Os ermos cresciam; a producção diminuia e a miseria geral era cada vez maior. Por fim a tragica aventura de Alcacer-Quibir veio demonstrar como era vã toda essa grandeza.

O periodo faustoso da dynastia de Aviz liquidou-se pela annexação á Hespanha. Portugal entra enfim na unificação peninsular; entra n'ella indifferentemente, sem amor nem odio. Este acontecimento pouco podia interessar a quem tinha posto o seu ideal nas viagens e no tracto das regiões ultramarinas.

Ao geral da população devia de facto ser-lhe igual o governo de Madrid ou de Lisboa, uma vez que a deixassem partir e correr aventuras n'essas terras exoticas, pois a sua era somente o *ninho paterno*, onde cada um vinha ostentar as riquezas que extorquirá, ou esmolar a caridade dos patrões. Messianista ou mercadejante, não podia interessar-se por nenhuma das questões que constituem a vida nacional dos povos: incapaz de comprehender o valor da unificação, esperava que D. Sebastião, resurgido, fizesse refluir de novo a onda das opulencias passadas, e no entretanto continuava a emigrar, como d'antes, impellida pela miseria, que tem sido sempre o hospede funebre da sua casa escalabrada.



Uma descoberta fortuita na ultima década do seculo xvii, abundando de immensos capitaes a penuria de tantos annos magros, substituiu o caudal antigo com não menor vantagem; vassando riquezas fabulosas sobre o paiz extenuado e quasi sem recursos, deu-lhe de novo a apparencia de vitalidade. Portugal



emprenhe então uma nova viagem e embarca para o Brazil, como precedentemente embarcára para a India; com o ouro e os diamantes d'aquella região, vai cobrir o *deficit* da produção nacional e exhibir mais outra vez uma prosperidade ficticia.

Durante o governo de Hespanha, o paiz seguia a sorte commum da península; posto que o regime do ultimo monarcha hespanhol fosse duro para Portugal, não era mais suave para as demais provincias; e se n'este ultimo periodo da unificação a pobreza era grande, ella augmentou todavia depois de 1640. O novo governo, apesar de se dizer «nacional», não cuida da economia interna; tendo de sustentar uma guerra ruinosa, explora unicamente os recursos existentes. Triste guerra da independencia que se dilata por vinte e oito longos annos, apenas illuminada a espaços por fulgores de heroismo, dignos de outra sorte! Antes de Castello-Melhor, sem commando firme, nem plano nitido, oscillava tudo á mercê das intrigas. A população, em vez de se levantar em massa e correr ás armas, assistia sem interesse á mudança do scenario. Era preciso empregar as maiores violencias para fazer as levas de recrutas, e os soldados desertavam aos milhares. As côrtes votavam os creditos, mas por entre as discordias dos tres estados, por entre queixas repetidas de má administração, de vexames e do esgotamento geral. As finanças saldavam-se com *deficit*, e o da balança commercial montava por anno a um milhão e quinhentos mil cruzados. O imperio do Oriente desmoronava-se diante das esquadras dos Hollandezes, das rixas e incapacidade dos governadores, enviados de Lisboa; e o Brazil, se ficou portuguez, deveu-o á energia dos seus proprios habitantes, não poucas vezes contrariados pela má vontade do novo governo. Tanager e Bombaim foram na *corbeille* d'uma noiva.

Quanto era forte o ideal politico d'este movimento, conhecia-o bem o proprio chefe d'elle, que tratava em segredo o casamento do primogenito com a herdeira do throno de Hespanha. Por seu lado, o povo batia-se quasi sempre com bravura, mas sem entusiasmo, como quem pagava um tributo lançado pela força das circumstancias. Para outras paragens se voltava o



scismar de todos; e no fundo do seu sonho sebastianista estava sem duvida est'outro da aventura, do largo mundo que se tinha ido desenrolando, á medida que proseguiam as navegações.

A conjuração de Lisboa não fez reviver um povo, escreveu somente de novo um nome na carta politica da Europa; esse nome, apagado durante sessenta annos, servirá agora como mais um tento no jogo da diplomacia europeia. Uma restauração politica que se não fundamentasse na organização das forças economicas e na illustração intellectual, seria sempre illusoria, podendo servir ás ambições d'este ou d'aquelle, mas nunca ao bem commum.

Uma provincia, por isso que faz parte d'um organismo mais amplo, não precisa para o cumprimento da sua vida social de todo este dispendio de riqueza e intelligencia, como a «nação», que tem de se satisfazer a si propria, de dispôr de alto entendimento governativo, para se poder defrontar com as outras nações, acompanhal-as no seu progresso e resistir a qualquer aggressão; d'estas exigencias fundamentaes nunca porém se preocuparam os conjurados.

No fim d'esse periodo obscuro da guerra da independencia, Castello-Melhor, dispondo d'uma capacidade excepcional, conseguiu reorganizar as forças militares e ganhar a victoria; mas não logrou comtudo sustentar-se no poder, nem realizar os planos que lhe suggeriam a sua vasta intelligencia e actividade. Cahiu, victima das intrigas da côrte, porque lhe faltou o apoio da população; tivesse elle adoptado com decidido amor a nova ordem de coisas, a politica d'este homem superior por força havia de ser perfilhada pelo grande numero, e a conservação d'elle seria imposta pela vontade de todos. Pelo contrario a plebe, a nobreza da capital acclamaram o irmão de Affonso VI e patearam o grande ministro — um dos maiores espiritos que têm apparecido na scena portugueza. A derrocada não tardou. Se Castello-Melhor venceu em Montes-Claros, D. Pedro II foi derrotado na campanha diplomatica; e para não ficar ahi, aceitou o tratado de Methwen: com os grandes projectos politicos devia afundir-se igualmente o trabalho fabril.



Da renovação intellectual, que se operava n'este seculo na Europa, nem um echo longinquo chegava á consciencia popular. As duas raças continuavam a viver ao sabor da sua espontaneidade, ora n'uma profunda miseria, ora n'uma mediania relativa, segundo os tempos. A educação jesuitica havia-lhes mirrado a intelligencia, como o chimerico plano governativo de tantos seculos deixára inexploradas as fontes da verdadeira prosperidade. Á gente cada vez mais pobre, sem agricultura nem industria, e esgotada a cornucopia do seculo xvi, tendo agora de sustentar os pesados encargos d'uma nação, apresentava-se-lhe um futuro carregado de nuvens negras, quando em 1693 foram descobertas as minas d'ouro e os diamantes do Brazil.

Os aventureiros vão então procurar na America as riquezas que servirão de mercadoria internacional, com as quaes se comprará tudo — o necessario e o superfluo. Este instrumento de troca, que substitue as especiarias da India, é prodigalizado ainda mais loucamente que as outras. Por falta de trabalho que as fixe, os novos valores escoam-se rapidamente para o estrangeiro; a mesma repetição da historia economica da segunda dynastia.

Pouco importa que homens, como Gusmão e D. Luiz da Cunha, protestem contra taes actos e factos; as suas vozes não sahiam d'um circulo estreito de amigos, nem podiam ser comprehendidas pelo publico que ou applaudia ou olhava desinteressado para aquelle inaudito desbarato, como se fosse coisa alheia, de que não dependesse o seu futuro. Bastava-lhe que estivessem abertas as portas da emigração.

Inutilmente, Pombal procurou, aproveitando-se d'esses preciosos recursos americanos, refazer o depauperado organismo nacional. Tentativa perdida, porque não tinha por base a intelligencia e a vontade do povo; a elle pouco lhe importava isto ou aquillo, uma vez que o deixassem correr mundo. Por isso nem violencias, nem sabios e industriaes estrangeiros, nem creações de fabricas e companhias, valeram á decadencia ou puderam tornar harmonico o velho corpo desequilibrado.



Esse homem foi tão somente uma individualidade superior, como já tinha sido Castello-Melhor, em desaccordo com as aspirações do meio em que viveu. Da sua acção, suplantada pela indiferença do maior numero e pela incapacidade dos que lhe succederam, restou apenas uma vaga lembrança. A politica d'elle desapareceu sem se enraizar, como já antes succumbira a do sabio e sensato estadista, o infante D. Pedro.

Com o final do seculo XVIII aproxima-se o momento funebre, em que a fraqueza interna, a braços com as complicações internacionaes, produzirá a mais degradante das situações, consequencias accumuladas desde 1640. A mesma familia reinante emigra para o Brazil, o qual por esse facto se transforma de colonia em metropole, caso nunca visto na historia das nações.

O desconjuntamentò de todas as forças sociaes apparece então medonho n'este instante de crise. O paiz, sem direcção energica e intelligente, faz-se o campo de batalha, em que se dirimem as questões das grandes potencias. Então, como já anteriormente tinha sido, torna-se um tento para a diplomacia. Colonia do Brazil officialmente, territorio do imperio francez de facto, para se volver depois em dominio da Inglaterra, Portugal recebe tudo com a mesma indiferença — Junot ou Beresford.

N'esta época lugubre, por vezes pareceu tudo terminado, e talvez assim acontecesse, se as condições da politica europeia o permittissem. Á população pouco importava ser governada por uns ou outros; sem uma forte opinião politica commum, indifferente aos successos da sua terra, continuava a emigrar e a procurar na vastidão das regiões ultramarinas os meios de que carecia aqui. Os que ficavam, alheados da realidade, discutiam a serio se Napoleão seria o *encoberto*. Tal era a desnacionalisação secular. Todas essas mutações de scena, desde a primeira invasão franceza até á guerra civil, de que sahiram victoriosos os constitucionaes, passam para ella como um sonho, ficando apenas d'este ou d'aquelle acontecimento mais saliente uma fugitiva memoria.

N'esta época de obscurantismo e negras humilhações, ten-



do-se por fim sustado a onda das riquezas americanas, apresenta-se mais em relevo, a miseria, o desequilibrio economico e o atraso da civilisação. Em vez d'uma nação, era antes um phantasma que fazia rir os diplomatas e os viajantes estrangeiros. O paiz assolado por guerras successivas, com a população enormemente diminuida, tinha na verdade cahido n'um extremo desfallecimento, quando enfim obteve a victoria o regimen liberal.

*
* *
*

Poder-se-hia entrar definitivamente na vida moderna, sem se tratar a serio das duas questões fundamentaes em que ella assenta — o trabalho que cria as riquezas nas suas multiplas manifestações, desde a lavoura até ás industrias artisticas, e o ensino que illumina o espirito? Se fosse possivel a affirmativa, Portugal teria sido uma excepção singular em todo o mundo: mas não é, porque, pôde affirmar-se sem erro, não ter entrado ainda na vida das nações progressivas, cujas exterioridades tem somente imitado.

Os novos personagens politicos, derrubando todas as antigas instituições, vestiram-no effectivamente á moderna; deixaram porém persistir nos individuos a rudeza e a indifferença pelos negocios publicos, e na nação o chronico desequilibrio economico, que agora se tornará mais sensivel. pois que, declarada a independencia do Brazil, exauria-se o caudal copioso que sustentára tudo anteriormente.

As difficuldades augmentariam ainda, visto que o impulso, dado por Pombal, terminára, e os contribuintes, por mais rentes que fossem tosquiados, não poderiam satisfazer os encargos geraes. Depois de tantos annos de guerras devastadoras, depois de acontecimentos cada qual mais desastrado e de tão má politica, não esquecendo o tratado de 1810, a sociedade afundir-se-ia em motins obscuros, e n'uma miseria atroz, se tivesse de viver de si propria; mas a emigração continuava e foi ella ainda uma vez que seguiu o novo edificio, construido sem funda-



mentos solidos; só n'este ponto os revolucionarios liberaes observaram a tradição.

Os valores que os emigrantes adquiriam, principalmente no Brazil, transportados para aqui em letras de cambio sobre as praças do norte da Europa, substituíram vantajosamente as especiarias e as drogas da India do seculo xvi, os diamantes e o ouro do xviii, e permittiram elevar a divida publica á somma inverosimil da actualidade.

Estas letras de cambio, posto que completamente estranhas á actividade nacional, pois representavam sobretudo o trabalho dos portuguezes fóra da sua terra, tornaram-se o ponto de apoio, sobre o qual tudo se assentou. Servindo de instrumento de troca internacional, com ellas comprou-se no estrangeiro quanto era necessario á vida; saldou-se com ellas o *deficit* espantoso da balança commercial; pagaram-se por seu intermedio os juros da divida publica e collocaram-se facilmente os empréstimos; e com ellas enfim adquiriu-se a mesma moeda de circulação — as libras esterlinas.

Com este novo recurso foi possivel apparentar uma riqueza que não existia e sustentar uma independencia illusoria. O dinheiro começou a abundar e portanto a crescer o luxo; o augmento constante dos impostos aduaneiros bastavam a demonstrar, diziam, a crescente prosperidade geral. O papel cambial trazia, é certo, todos os dias sommas enormes, mas como se comprava tudo, a esses valores acontecia o mesmo, que já se observára nos periodos precedentes; não se fixando nó paiz, escoavam-se immediatamente para os mercados estrangeiros, restando o saldo que vinha em metal engrossar a circulação.

Como o publico tem o seu ideal na aventura e explorações longinquas, e se não interessa pelas questões internas, os politicos continuaram a governar no meio da indifferença, para não dizer, desprezo geral. Por isso elles nunca viram senão os seus clientes; nunca sentiram a responsabilidade de quem no seu governo tem por norma o bem-estar dos habitantes d'um paiz; por isso n'este longo periodo de paz e de grande abundancia



de capitaes, nunca se importaram senão de complicar cada vez mais o mecanismo governativo, de modo a poderem empregar sempre e successivamente maior numero de clientes. Levantaram o edificio, dando como certa a entrada annual de muitos mil contos em papel cambial. A vida collectiva e particular tornou-se dependente d'elle, repetindo-se o caso da dependencia d'um factor, alheio á actividade social. As letras de cambio, chegando incessantemente, permittiram aos governos e governados lançarem-se em todas as possiveis phantasias e cobrirem os *deficits* variados com que uns e outros têm vivido.

Mas tendo cessado de subito essa corrente caudalosa, apresentaram-se então em toda a sua hediondez as grandes e profundas lesões da economia nacional. A terra, que devia dar com sobras, para uma população escassa, não só os cereaes de panificação, mas tambem o arroz, o assucar, os lacticinios, os gados... não produzia, ella em grande parte inculta, nem sequer os generos de subsistencia, que era força comprar. Não obstante a grande extensão de costa maritima e a grande massa de pescadores, era necessario importar todos os annos sommas enormes de bacalhau, para a alimentação popular, graças ao desleixo, ou antes ao impedimento do governo, para se nacionalisar esta pesca, como provam as exigencias do fisco, impostas em 1884 aos armadores de Vianna. A fraca e debil industria fabril carecia de materias primas, emquanto que muitas d'ellas, taes como a madeira, a lã, o linho, a sêda, o feltro... podiam ser aqui produzidas em sobra. Deixando desaproveitada a força dos rios e ribeiros que a cada passo sulcam o solo, as poucas e raras manufacturas foram concentrar-se principalmente dentro das cidades — n'uma terra carecida totalmente de combustivel barato!

Cessando as remessas do papel cambial, tornaram-se exangues as bolsas dos particulares, as caixas dos bancos e os cofres do estado; tudo teria parado de golpe se não houvesse o recurso das libras esterlinas que tinham vindo nos annos prosperos, como sobras das letras de cambio. Sendo facilmente convertiveis em mercadoria internacional, ao prodigo, para não



morrer de fome, restava-lhe este ultimo expediente. Compradas pelos negociantes e exportadas, deixaram de ser moeda de facto, para se transformarem em unico artigo exportavel de importancia. O desaparecimento repentino da principal moeda, causou logo um desarranjo profundo na circulação monetaria, como era natural, mas que parece ter sido uma surpresa, consoante deixa perceber a burlesca questão dos agiotas que o desvairamento publico tomou a serio.

O papel cambial, que podia ter sido em mãos habeis, durante meio seculo de paz, o propulsor d'uma verdadeira prosperidade, sumiu-se no estrangeiro, como já antes as especiarias, o ouro e os diamantes, e agora se escoarão tambem as libras esterlinas. Se não fossem os exemplos anteriores, a gente ficaria enleada, a considerar em que se gastaram essas quantias immensas, que chegavam todos os dias! onde se afundiram as centenas de milhares de contos da divida publica, addicionados com os rendimentos cobrados no mesmo periodo!

Mas querer que fosse d'outro modo, será talvez exigir mais do que a natureza pôde dar. Cada paiz tem o governo que lhe é adequado; e a sociedade portugueza, sustada em meio do desenvolvimento, nunca chegou a ser um organismo colectivo, vivendo do seu trabalho, com ideal politico commum, capaz de se raciocinar e exprimir uma vontade geral. Ella constitue sem duvida uma excepção na Europa. Hontem como hoje, tem sido sempre uma sociedade de aventureiros. Emmudecida sobre as questões referentes ao bem da comunidade, só a interessam a emigração e as aventuras d'além-mar. O que cada um deseja é que o deixem sahir; lá fóra será então um homem, e mostrará toda a perseverante energia do seu character; emquanto que aqui — na sua terra, deixa-se ir á mercê das ambições dos que tomaram o poder e levantaram o scenario que mais lhes agradava.

Por isso, quando apparecem estas situações de miseria e penuria, constantes na sua historia, a população resigna-se e soffre tudo; ou emigra, acostumada como está, á aventura. Punge-lhe sem duvida o remorso de ter deixado de procurar



nas épocas de abundancia a estabilidade definitiva na mais estric-
ta parcimonia das despezas publicas, no equilibrio da produc-
ção e consumo, e na cultura d'esses desertos que serão sempre
a vergonha dos habitantes d'este canto do mundo. Nos momen-
tos de crise é tarde; fundas economias na administração geral au-
gmentariam mais o numero dos desempregados, e para a reor-
ganisação do trabalho falta o capital; falta o tempo, porque a
fome bate implacavel á porta do pobre. Então a emigração é
o unico expediente para elle; silenciosa e resignadamente cada
um vai partindo, sem talvez uma palavra de amargura. Os que
ficam, acalentam no fundo do coração sobre todas qualquer es-
perança que não dependa da actividade collectiva, como agora
a subida do cambio no Brazil. E todos esperam, no meio de rui-
nas, que volte a bonança para repetirem mais uma vez a mes-
ma norma de vida do passado.

Alberto Sampaio.



A ARTE, A CRITICA E OS ARTISTAS

PORTUGUEZES

NO SALÃO PARISIENSE DE 1891

Expozeram este anno as suas ultimas obras, no Salão annual de Bellas-Artes dos Campos Elyseos, os pintores portugueses Columbano Bordallo Pinheiro, José Salgado, Sousa Pinto, José de Brito e os esculptores Albertina Falker, Teixeira Lopes e Thomaz Costa.

Não pretendo referir, nas paginas que seguem, mais do que a impressão que a vista rapida d'essas obras me deu. Desejo porém, naturalmente, que o leitor, ao lêr-me, me compreenda, e não o julgo possivel se antes não explicar, ainda que muito em resumo, de que pontos de vista eu olho para as obras d'arte.

1

Posta uma estatua, ou exposto um quadro, á observação do publico, importa quasi por igual saber como o artista realisou a sua concepção, e como é por ella impressionado o observador. Tanto para o observador como para o artista, a obra d'arte é uma realisação do que o espirito sente,



Uma obra d'arte deve pois considerar-se como *resultado da commoção* do artista creador, — d'aquelle que pôde realizar em symbolos, elle mesmo, o seu espirito, — e deve considerar-se como *objecto de commoção* para todos os que a observam, para todos os que encontram n'ella, creados por outrem, symbolos dos proprios sentimentos.

Eis por que, depois de mostrar como o artista deve produzir, eu vou dizer como o publico e a critica devem considerar o producto artistico.

Para mim a impressão esthetica não deriva, apenas, do que se chama «a obra d'arte»: deriva de todos os sêres, deriva de todos os phenomenos que podem tornar-se symbolos, exteriorisações, corporisações, representações adequadas, não da intelligencia mas do *sentimento*, não da parte completamente pensavel mas da *intimamente sensivel*, não da *parte* inteiramente determinavel mas da essencialmente *vaga e indefinida* do espirito humano.

Insistirei n'esta distincção:

Póde-se n'um arvoredo reconhecer as especies botanicas, notar a lei do crescimento das arvores, determinar as utilidades que estas representam, — e ter-se-ha feito obra positiva, scientifica e intellectual. Mas póde-se, perante as vegetações da floresta, contemplar as grandes massas de fôrmas accidentadas pelo claro escuro; a coloração das verduras tenras ou decadentes; a immobilidade dos altos fustes enramados; o movimento e os rumores das folhagens sonorizadas pelos ventos; os recessos distantes e enneoados onde se perdem vultos indistinctos; póde-se em tudo isto achar symbolisações para as melancolias, para os enternecimentos, ou para as fortes e épicas concepções da existencia, — para os *vagos sentimentos do espirito* emfim, — e o arvoredo terá produzido uma impressão artistica.

Todas as fôrmas, todas as côres, todos os sons, todos os movimentos, prestando-se, como symbolos, á formulação das vibrações mais intimas e vagas do espirito, podem assim causar uma profunda sensação artistica. A commoção não é menos artistica, e é muitas vezes mais intensa, ante uma creatura hu-

*



mana que perante um retrato, ante o mar que perante uma *marinha*, ouvindo o rumor das aguas, o barulho dos arvoredos ou o canto das aves, do que escutando as symphonias artificialmente concertadas.

É que *todos os homens* susceptíveis de commoção artistica, *são*, elles mesmos, perante o universo, *artistas creadores*, porque todos elles, mais ou menos, por um trabalho imaginativo quasi inconsciente, modificam os symbolos que a natureza lhes offerece fazendo-os representantes dos seus sentimentos. As fórmas das vegetações, dos montes, das nuvens, da projecção dos objectos, os aromas, ou os rumores são diversamente transformados consoante o estado de espirito do contemplativo.

Assim a *commoção esthetica* e o «sentimento da natureza» são, para mim, essencialmente, dois factos identicos.

Perante o desenho, a pintura, a estatua, perante as obras do artista, enfim, as exigencias do observador são essencialmente as mesmas que perante a natureza: o que n'essas obras primeiro impressiona é ellas serem a reproducção, a cópia ou a imitação, mais ou menos exacta, do que se tem visto ou do que poderia vêr-se no universo. Uma photographia a simples claro-escuro, a photographia que um dia reproduza perfeitamente os coloridos naturaes, ou a estatua exactamente moldada sobre um corpo humano, sem serem obras d'arte propriamente ditas, darão sempre verdadeiras impressões artisticas, — as impressões artisticas que sempre derivam das *fôrmas* independentemente do seu auctor.

É certo porém ainda que o artista póde haver creado combinações de fórmas, juxta posições de côres, cambiantes de luz que o observador nunca viu na realidade: basta, para que possa dar-se a impressão artistica, que essas fórmas, côres e illuminações podessem impressionar se fossem fornecidas pela natureza, — basta que essas *creações* sejam possiveis como *causas de commoção artistica*.

Na verdadeira obra d'arte, aos elementos impressivos que o observador encontra na cópia da natureza, taes como os encontraria no original, junta-se a impressão pessoal do artista. A obra



d'arte é sempre uma parte da natureza escolhida, vista por um espirito humano. N'um retrato ou n'uma paizagem, por mais fiel que seja a reproducção, por mais impessoal que seja o artista, encontra-se sempre, além da influencia fatal dos meios de cópia, a acção interpretativa do copista. Mas ainda n'esta parte, — e qualquer que seja a potencia de personalidade do artista, — a commoção esthetica se dá no observador, só porque, nos symbolos descobertos por outrem, esse encontrou symbolos adequados aos vagos sentimentos do seu proprio espirito. (Eu estou, é claro, considerando o observador que meramente se deixa impressionar, e não o critico de officio que, para explicar biographicamente uma obra d'arte, tenta collocar-se por um esforço, no estado de espirito e nos pontos de vista de cada artista especial).

Cada espirito tem, nos diversissimos momentos ou estados da existencia, aspectos naturaes ou manifestações artisticas que lhe são mais naturalmente symbolos dos proprios sentimentos. Por isso, como todos os espectaculos do universo podem ser inspiradores, todas as interpretações da arte são igualmente legitimas e igualmente necessarias. Os temperamentos grupam os homens em escolas. Póde uma escola, mercê da numerosa classe dos «machinaes imitativos», dominar momentaneamente uma época; mas nenhuma escola poderá nunca representar. ella só, as aspirações da humanidade. Classicos, renascentes, romanticos, romanescos, medievaes, idealistas, espiritualistas, mysticos, realistas, naturalistas, primitivos, preraphaelitas, phantasticos, satanicos, impressionistas, psychicos, nephelibatas, decadentes, decadistas, symbolistas, romanicos, romanistas..., todos existem legitimamente na vasta realidade da arte, porque cada um d'elles produz symbolos adequados a uma região vibratil do espirito humano. Uma só d'essas escolas ou d'esses processos, que não tivesse existido, deixaria a obra do homem mais pobre e o instincto creador da alma mais insaciavel.

Os artistas considerados extravagantes e incomprehen-
siveis, são por vezes, justamente, os que mais intimo conseguem
crear; os que poderam encontrar symbolos para as mais subtis,
para as mais invisiveis, para as mais raras vibrações do espi-



rito, para factos psychicos, reveladores e transcendentos que só as mais morbidas nevroses tornam possiveis. E são sempre os grandes artistas phantasticos, porque criam no contradictorio, no inexplicavel, no impossivel, os que mais profundamente impressionam: É que, como eu já disse, *a arte é a symbolisação da parte vaga e indeterminada do espirito*, a symbolisação de tudo o que se não comprehende, mas *de tudo o que intimamente se sente, n'uma absorpção de transcendencia e religiosidade.*

A essencia da arte não é assim o «Bello», porque a Fealdade e o Horror produzem commoções estheticas; não é a «Realidade», porque o phantastico é talvez a causa das mais intensas vibrações artisticas; e as obras d'arte não podem definir-se apenas como «resumos da natureza feitos pela imaginação»¹, porque não basta resumir imaginariamente a physiologia d'um animal para produzir uma commoção artistica; nem simplesmente como «os symbolismos da natureza»², porque tambem uma formula mathematica pôde representar a concepção que d'ella tem o espirito; nem como as formas de traducção symbolica das intuições imaginativas³, porque uma representação litteraria ou graphica do systema planetario não é necessariamente uma obra d'arte.

II

Estudemos agora, por um momento, particularmente, algumas das condições especiaes da sensação artistica produzida pelo desenho ou pela pintura, — pois que, em especial, me vou occupar d'estas fôrmas d'arte.

Os objectos reaes são diversos, nas suas fôrmas apparen-

¹ V. Eça de Queiroz, *Correspondencia de Fradique Mendes*. REVISTA DE PORTUGAL, I.

² J. P. Oliveira Martins, *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal*, pag. 2, 1891.

³ Idem, *ibidem*, pag. 17.

tes, nas suas côres, nas suas relações, ás diversas distancias a que podemos examinal-os. Da mesma arvore se pôde fazer mil representações differentes, sem que n'ella tenha variado nem a disposição real dos ramos, nem a rugosidade dos troncos, nem a accumulção das folhas, nem, em absoluto, o meio luminoso que a esclarece. A mesma arvore dará assim, a essas mil distancias, mil impressões artisticas igualmente verdadeiras; *mas cada quadro apenas terá, para cada artista, uma só distancia a que pôde haver sido feito, e, para cada observador, uma só distancia, porventura differente da primeira, a que pôde ser examinado e sentido.*

Eis o primeiro ponto que eu preciso aqui assentar.

Uma segunda observação bastará, por agora, a fazer comprehender os meus pontos de vista criticos:

Quando um quadro reproduz a natureza por fórma a dar a impressão d'uma realidade possível, tal como ella se revelaria a uma determinada distancia, esse quadro dá, — conforme o assumpto, e o talento do artista, — a maxima sensação esthetica, porque, para a sua comprehensão, ha apenas que abstrahir d'um minimo de convenções. Nas representações de grandeza natural obtem-se facilmente este resultado, — que igualmente se consegue, nas reduções de figuras e nas paizagens, — sempre que os detalhes de fórma são attenuados, fundidos, supprimidos no quadro, de modo a apresental-os taes como elles se mostrariam, se a scena natural fosse observada á distancia necessaria para se vêr de reduzidas dimensões.

Para mim é esta a grande arte, — a unica em que ha apenas que julgar da realidade, ou da possibilidade, da visão, sem antes haver sido obrigado a aceitar convenções e artificios.

Na miniatura minuciosa, detalhada, microscopicamente feita, — em que aliás a realisação artistica pôde chegar a ser genial, — a aceitação prévia das convenções é indispensavel, para que possa obter-se uma sensação esthetica: não ha distancia a que podessem ser vistas, taes como nol-as representa Teniers, Van Ostade ou Gerard Dow, as figuras, as mobílias, as construcções de muitos dos seus, aliás, admiraveis quadros. Se essa pos-



sibilidade existisse, não nos sentiríamos diante de seres, verdadeiros ou phantásticos, mas capazes de produzir sensações artisticas: achar-nos-híamos em presença de monstrosinhos abonecados e sem interesse.

Por isso para mim, como genero, a miniatura propriamente dita representa uma arte de ordem secundaria.

III

Esboçada assim na sua essencia humana e nas formas geraes da sua realisação a impressão artistica e a obra d'arte, estudemos rapidamente o observador tal como a educação o tem feito:

Perante os espectaculos naturaes vive-se de ordinario machinalmente; a muitos respeitos, mesmo, inconscientemente. A obra d'arte, pelo contrario, feita para ser observada, solicita e impõe o exame. Eis por que os homens observam sempre as obras d'arte, e quasi nunca examinam devidamente a natureza que ellas reproduzem; eis por que os pontos de vista que guiam o publico no exame de quadros e de estatuas provêm, quasi sempre, do exame d'outros quadros e d'outras estatuas. E, como naturalmente, são os maus quadros e as más estatuas que mais abundam, são as más obras d'arte que substituem, no espirito do publico, a visão directa da realidade, e são ellas que fornecem os typos, os criterios que servem ás apreciações. É facil comprehender, ao ouvir, em face d'um quadro, as opiniões sinceras de qualquer amator, que o seu espirito principalmente se nutriu de lithographias coloridas.

Esta deploravel instrucção assenta, além d'isso, de ordinario, sobre principios que, apesar de falsos, parecem incontestaveis ao senso commum:

Um quadro, diz-se, deve representar a realidade, o que existe, o que se sabe existir. E fundada n'este principio que a creança, tentando desenhar uma cabeça de perfil em quanto á posição do nariz, não deixa de lhe indicar sempre dois olhos e duas orelhas.



Só muito mais tarde é que se chega a conhecer pela reflexão (quando se chega), que *é apenas possível representar na cópia o que é possível ver no original*. Esta proposição, evidente e reconhecida por todos, quando simplesmente exposta, é, na pratica, desconhecida, muitas vezes inconscientemente, por a grande maioria dos que emittem opinião sobre obras d'arte. Quando mesmo o publico não exija, como as creanças, que n'uma cabeça sejam visiveis as feições fatalmente occultas pela propria posição que põe as outras em evidencia, exige todavia sempre que se apresentem distinctas e recortadas as feições que a incidencia da luz, ou a distancia da observação, necessariamente indetermina ou apaga.

O numero dos phenomenos é, bem como o campo da imaginação, infinito; e, todavia, cada observador julga possuir o direito de reduzir todos os aspectos possiveis aos poucos que têm tido o condão de o impressionar. Eis por que tão facilmente os criticos acham menos verdadeiras ou de todo falsas, a côr, a expressão das figuras humanas de certos quadros, ou a luz do céu, as aguas, as vegetações de certas paizagens: O que o critico nunca viu, não existe para elle; e não admitte por isso que o artista o tenha visto, não lhe concedendo além d'isso o direito que eu, pela minha parte, amplamente lhe reconheço, de realisar aspectos puramente imaginados, phantasiados, sonhados, creados por inteiro, que são, ás vezes, justamente os mais poderosos e adequados symbolos estheticos para o que o artista sente, e para o que sente, de vago, no espirito, todo o que aliás não é, em absoluto, artisticamente creador.

Páro aqui.

Pude apenas indicar dois ou tres aspectos d'uma grande questão e não tenho a vaidade de suppôr que me fiz inteiramente comprehender. Espero porém, que a exposição de idéas que precede, sirva a dar aos leitores, que ahi as quizerem ir buscar, as razões criticas do modo por que eu vou considerar os artistas portuguezes, que este anno expozeram em Paris as suas ultimas obras.



IV

Na minha opinião o snr. Columbano Bordallo Pinheiro é o maior pintor que Portugal tem tido em todos os tempos e um dos grandes artistas modernos de todos os paizes. Os seus trabalhos são desconhecidos fóra de Portugal e aqui mesmo pouco apreciados. Por isso, não me limitando a mencionar a impressão que me fez o unico quadro que este artista expoz em Paris, eu tentarei indicar os principaes fundamentos da minha immensa admiração pelos seus trabalhos.

Ha mais de vinte annos que, em casa do meu antigo amigo Raphael Bordallo Pinheiro, eu vi, pintado sobre a tampa d'uma caixa de charutos, um pequeno esboço de «natureza morta»: uma bacia de arame posta de lado sobre uma taboa e hortaliças espalhadas em volta. O pequeno pedaço de madeira estava por acaso sobre a mesa junto da qual eu me sentára conversando. Não era um quadro, não era um estudo: fóra uma brincadeira, uma *pochade* do Columbano que ninguem pensára sequer em me mostrar. O snr. Columbano era n'essa época uma creança que eu quasi não conhecia. E todavia nenhum dos mestres que então floresciam em Portugal teria podido pintar o esboceto que eu examinei surprehendido. No canto d'essa taboinha, irregular e gretada, cuja posse me faria hoje mais feliz que a de muitos grandes quadros afamados, o snr. Columbano Bordallo Pinheiro appareceu-me já então, como ainda hoje o vejo, sem mestre e sem precedentes. Aquella natureza morta havia sido copiada, já n'essa primeira tentativa, como que d'uma vez, com uma decisão de toque completa, com uma verdade absoluta de desenho e côr.

Dez ou doze annos se passaram sem que eu tornasse a vêr trabalhos do snr. Columbano Bordallo Pinheiro. N'uma exposição da Academia das Bellas-Artes de Lisboa appareceu o *Concerto de Amadores*, pertencente hoje, segundo creio, á snr.^a condessa d'Edla, que havia figurado n'um dos Salões annuaes de Paris, mas que, *em Lisboa, fóra collocado na parede dos re-*



jeitados pelo jury de admissão. E, comtudo, foi por este quadro que eu soube que Portugal tinha enfim, depois de oito seculos de existencia, um grande pintor original.

A primeira condição que caracteriza o talento de Columbano, é que tal como se formou, tal como concebe os seus assumptos e executa os seus processos, não procede de ninguém. Seu pae, o snr. Manoel Maria Bordallo Pinheiro, o chefe illustre da gloriosa familia que deve ser hoje o maior orgulho artistico de todos os portuguezes, seu pae era um miniaturista minucioso. Os artistas estrangeiros com quem Columbano tem mais semelhança de temperamento, com quem, com effeito, n'alguns pontos se encontra, Velasquez e em geral os hespanhoes mais fortes, só elle os conheceu ultimamente, quando a sua maneira estava definitivamente fixada por muitas obras. Esteve em Paris trabalhando, é certo, mas nenhum pintor francez pôde fazer d'elle um discipulo ou um imitador; nem a França, fascinadora para tantos, conseguiu impôr-lhe os seus assumptos, as suas convenções, nem Paris o ananicou com a adopção dos seus *chics*.

Collocado em frente do seu modelo, a uma determinada distancia, sob a incidencia d'uma certa luz, Columbano pinta o que vê, o que essa luz lhe revela, escravo do claro-escuro consequente, tirando d'elle a completa vitalidade, a intensa modelação das suas figuras, conservando todas as indeterminações de detalhes, de planos, de tons, que formam a visão da realidade, com o que n'ella ha, sempre, de indecifração, de enigma e de mysterio.

Para mim o phantastico sae, naturalmente, da profunda comprehensão da realidade: Por isso, nos quadros de Columbano, — mesmo quando, como no *Concerto de Amadores*, o assumpto é moderno, burguez, banal, — o effeito é phantastico e a sua significação parece ir além do que determina a qualidade dos personagens representados e o titulo da obra. Esses personagens são tambem muitas vezes comicos, d'um comico sinistro, d'um comico tragico, á Shakespeare ou á Hugo, mas obtido dos themas burguezes e dos dramas grutescos d'esta ultima parte do seculo XIX.



Quem se recordar do que eu escrevi na introdução a este artigo, da minha definição de arte e dos elementos que, segundo a minha opinião, formam o sentimento artistico, quem pensar que *é da parte vaga e indefinida da alma humana que, para mim, deriva a commoção esthetica*, terá comprehendido agora a minha admiração pela obra de Columbano Bordallo Pinheiro, obra variada e extensa que eu não posso agora estudar, ou mesmo, descrever completamente.

No Salão de Bellas-Artes de Paris, Columbano expoz apenas este anno o retrato de seu irmão.

Raphael Bordallo Pinheiro, de lenço branco, de casaca e um largo sobretudo de romeira, está sentado sobre uma othomana baixa. Á esquerda vê-se-lhe o chapéo e as luvas; á direita diversos jornaes confundem-se sobre uma mesa. A luz, pouco viva, concentra-se sobre a frente da figura, sobre a alvura dos papeis que cobrem a mesa, e não permite bem distinguir as côres da othomana ou das paredes da casa.

O quadro é assim, quasi exclusivamente, um estudo de preto e branco, onde apenas a cara e as mãos entrevêm com o moreno energico, bilioso e queimado, que é na verdade a côr do modelo que todos conhecemos. A illuminação que vem da esquerda do espectador, deixa a face da direita ensombrada pela projecção das feições; o olhar sae, com uma vitalidade profunda, de sob sobrancelhas negrissimas, d'entre palpebras sombrias e indeterminadas. A figura dá, no seu conjuncto, uma impressão composta de ironia, de tristeza, de riso contido, de força e de desanimo. Todo o claro-escuro da cabeça, das mãos, do fato, do amarrotado da camisa na curva do peito, do desarranjo dos jornaes lançados sobre a mesa, é d'uma verdade completa, com todos os accidentes que a luz desvela, com todas as omissões de fórma, sem as quaes não póde dar-se a impressão poderosa da realidade.

Examinado na sua execução technica, o quadro de Columbano revela absolutamente um mestre: Em vez de haver sido pacientemente feito com as fragmentações de processo que favorecem a fraqueza humana e que, quasi sempre, se sentem ain-



da no trabalho completo dos artistas, — desde o desenho dos lineamentos até á gradual coloração das massas, — o quadro de Columbano parece haver sido realisado d'um jacto, em synthese definitiva, como se a natureza fosse surprehendida, sem analyse prévia, tal como ella realmente se apresenta, em grupamentos indecomponiveis, coloridos, luminosos ou ensombrados. As tintas vêem-se no quadro de Columbano postas e fundidas com uma decisão, com uma franqueza, com um poder de realisação incomparaveis na arte moderna.

Se o retrato exposto este anno não é a melhor obra de Columbano, é, na minha opinião, um dos mais notaveis quadros expostos nos cinco ou seis salões que esta primavera offereceram em Paris, ao exame do mundo, cinco ou seis mil paineis.

Nas galerias do palacio da Industria, o quadro de Columbano estava mal collocado, em demasia alto para que podesse attrahir a attenção dos indifferentes; emquanto que, logo ao lado, mas perfeitamente disposto *sur la cimaise*, o jury havia disposto um quadro de Eugène Buland: era o retrato d'um cavalheiro, brilhante d'uma d'estas carnações leite e rosas agradaveis ás familias, com feições linearmente determinadas, achatado sobre um fundo banal, — e talvez parecido. Collocado ao alcance de todas as vistas, batido de abundante luz, frescamente colorido, o retrato de Eugène Buland chamava, n'uma apotheose de banalidade domestica, a critica e o publico, que passavam inconscientes diante do quadro mysterioso e forte do grande pintor portuguez.

V

O snr. José V. Salgado expoz no Salão dos Campos Elysios o retrato do snr. dr. Luna e um quadro mythologico. O retrato pareceu-me excellente, mas não havendo podido examinal-o com demora, não poderei aqui fallar d'elle.

O quadro mythologico tem por titulo *O Amor e Psyché*.



Não ha assumpto que se não preste, em arte, á producção d'uma obra prima: tudo depende da realisação. Eu possuo excellentes assumptos para quadros, para romances e até para epopeias, e não sou, apesar d'isso, ai de mim!, nem pintor, nem romancista, nem poeta.

As idéas são n'um pintor *as fórmãs que elle cria com o claro-escuro e com a côr*: é com estas que elle, se tem talento, nos dará, a proposito de qualquer assumpto, obras interessantes.

Observado sob este ponto de vista de arte pura, o quadro do snr. Salgado tem, sem duvida, bastante merito.

Inundados de luz clara, os corpos d'esmalte leitoso, — pela primeira vez expostos ao sol, que os prateia sem ainda os haver crestado, pela primeira vez envoltos de ar, que os refresca antes de haver podido dessecar-lhes a epiderme, — o *Amor e Psyché*, um *Sentimento* e um *Espirito*, immateriaes e puros, erguem-se junto de frescas edificações, alvas como o marfim novo da India ou como o calcario saccharoide de Paros. Em volta, um grande vaso relevado, o mosaico do lagedo, dois pombos que, sobre elle arrulham amorosamente, as arvores e os monumentos distantes, mostram-se igualmente primigenios, desenxovalhados, sem a contaminação das poeiras, sem as degradações ou os de-seccamentos do tempo.

Esta concepção lavada de antiguidade mythologica e grega, é a que ficou, dos tempos de educação classica, nos espiritos honestamente idealistas, simplistas e maviosos: Tudo n'ella é nitido, definido, livre de mysterio, esculptural, marmoreo. O snr. Salgado adoptou-a, e seguiu, na entoação do seu quadro, na attitude das figuras, na caracterisação dos personagens, uma convenção muito estimada, principalmente, pelos pintores inglezes.

Ao vêr o quadro do snr. Salgado, eu não pude deixar de recordar-me de Apuleio e de pensar no pintor, no colorista maravilhoso, que as suas paginas estão, ha tantos seculos, pedindo em vão:

«Os tectos do palacio onde o *amor* fizera transportar Psy-



ché, — diz o narrador latino ¹. — sustentados por columnas de ouro, cobriam-se de talha curiosamente lavrada no marfim e na oliveira. As paredes eram forradas de relevos de prata onde a arte, a um tempo a mais delicada e a mais grandiosa, representava, em vastas superficies, animaes selvagens... Os proprios pavimentos eram cobertos por mosaicos de pedras preciosas, — perolas e diamantes, — formando quadros que deviam dar, aos que os pisassem, um gozo vehemente... Salas, galerias, portas, forradas de massas de ouro, offuscavam, brilhando com luz propria, de tal modo, que bastariam a fazer o dia, se o sol deixasse de existir».

Molière e Corneille fornecem, entre tantos outros que trataram o assumpto, suggestões aos pintores: ²

«... Cour magnifique, ornée de colonnes de lapis, enrichis de figures d'or qui forment un palais pompeux et brillant... quatre gros vases d'argent... vases d'or qui doivent être de nouveaux ornements du palais de l'amour. Jardins superbes décorés de plusieurs vases d'orangers et d'arbres chargés de toutes sortes de fruits... berceaux de verdure soutenus par des Termes d'or».

« Flore qui s'attache a ses pas
Répand à pleines mains autour de sa personne
Ce qu'elle a de plus doux appas ».

E Psyché exclama:

« Je ne vois sous mes pas que de l'or ou des fleurs » ³.

Não vou comparar a nova interpretação da antiga lenda com as suas numerosas predecessoras, desde os frescos de Raphael e discipulos na Farnezina, em Roma, até á Psyché-mariposa de Fortuny que eu vi, ha dezasete ou dezoito annos

¹ *Metamorphosa*. Liber v.

² *Psyché*, Intermèdes.

³ *Psyché*, actes IV e III.



em Madrid e depois na galeria americana do snr. W. H. Vanderbilt.

Ha para mim hoje apenas tres processos de fazer, com os assumptos da mythologia classica, quadros originaes: ou reproduzir sem attenuação as descripções dos poetas, e revelal-as pelos meios modernos de realisação; ou dar fórma e côr á Grecia archaica e rude, tal como as escavações e os estudos recentes do symbolismo e da philologia a têm feito; ou tomar apenas como ponto de partida as antigas lendas, inventando por completo uma antiguidade mythica, na mais absoluta ignorancia das convenções academicas e das descobertas scientificas, e creando um monstro pessoal e sublime.

O snr. Salgado não se me apresenta por ora capaz do esforço comprehensivo, erudito ou genial, que estes tres processos respectivamente exigem. O molde dentro do qual elle encerrou a sua composição mythologica, é da ultima moda sem duvida (moda principalmente ingleza, como já disse), mas é, por isso mesmo, um molde, uma formula previamente inventada por outros artistas e préviamente aceite por numeroso publico.

Tudo ou quasi tudo, n'essa composição, é bem desenhado e bem pintado, no sentido artificialmente analytic, na accepção tradicionalmente convencional, com que estas expressões correm entre quasi todos os observadores e criticos. O snr. Salgado tem já, sem duvida, na determinação das fôrmas, na collocação das manchas e na postura dos toques, decisão e firmeza correcta. Reproduz porém, em muitos casos, não o que elle pôde vêr, mas o que elle sabia existir, e, não obedecendo escrupulosamente á lei absoluta das distancias que eu indiquei no começo d'este artigo, não fundindo, não attenuando, não velando, não omittindo sufficientemente os detalhes, não pôde dar ao seu quadro a poderosa e profunda visão da realidade possivel, a vaga evocação do claro-escuro, sem a qual se não cria a sensação completa da vida.

Á entrada d'um palacio encantado o Amor attrae, com o canto da sua lyra, Psyché que apparece, com os olhos afogados em extasi doloroso, segurando na dextra um lyrio branco. Aos



seus pés, sobre as corôas e as geometrias dos mosaicos, dois pombos arrulham sensualmente.

Nos limites symbolicos que esta curta descripção indica, a idéa do quadro é muito boa e muito completa.

A figura de Psyché, — Apuleio chama-lhe *Puella*, Corneille dá-lhe quinze annos e denomina-a:

«Une chétive mortelle», —

é porém, apesar da infantilidade evidente das suas formas, mais o prenuncio d'uma matrona flamenga, que a esbelta rival da *Venus victoriosa*. A cabeça, inclinada e um tanto de escorço, parece arredondada, sensual, grosseira, com uma expressão apatetadã, onde nada indica, mesmo virtualmente, a curiosidade feminina, a ambição idealista, por cuja satisfação, n'esta lenda, como em mil outras, a mulher troca facilmente a propria felicidade.

A figura masculina e elegante do *amor* tem, na sua aliás bella attitude, o quer que seja do pretencioso *chic* particularmente inventado em Paris, cuja affectação e ridiculo os criticos francezes são já agora incapazes de sentir.

VI

Todos os quadros que eu conheço do snr. Sousa Pinto são *miniaturas convencionaes*, no sentido que eu dei a este nome de genero, ao escrever as reflexões que servem de introdução ao presente artigo.

O snr. Sousa Pinto é um artista que concebe miudamente os assumptos, que estuda miudamente a natureza e que se não commove.

Nas suas obras sente-se a busca teimosa da perfeição objectiva do detalhe, a procura meticulosa da exactidão dos accessorios, o esforço para encontrar e possuir todos os segredos d'um processo, mas a tendencia para se immobilisar nas



receitas, uma vez possuidas, repetindo os efeitos considerados seguros e definitivos por haverem uma vez agradado.

Os quadros anteriores aos d'este anno que eu conheço do snr. Sousa Pinto são cheios de qualidades amaveis: os seus aldeões pobres e modestos são sempre pessoas lavadas, cujos fatos, de côres bem escolhidas, parece haverem sido remendados, quando ainda novos, por mero amor do pittoresco, n'um guarda-roupa de theatro.

As casas d'aldeia onde as suas scenas se passam, são sempre tambem um primor de arranjo e desenxovalho; e as proprias paredes, os madeiramentos, as mobílias, os utensilios que, em obediencia á idéa do quadro, mostram signaes caracteristicos de decadencia e de velhice, parece haverem sido fingidos velhos de momento e de proposito, para produzir um effeito e dar uma sensação. Dir-se-hia que o pintor fez lavar os seus modelos, remendar e ensaboar-lhes os fatos, repintar os moveis e restaurar especialmente as habitações para depois se pôr a copial-as.

Por isso os quadros do snr. Sousa Pinto dão muito a impressão de bonitas operas-comicas francezas, e pouco o sentimento intimo da realidade domestica e popular que em geral se espera e se deseja, legitimamente, na pintura de genero.

Para o exame das miniaturas do snr. Sousa Pinto, — como para o exame das obras de numerosos miniaturistas que são hoje muito admirados e que não valem mais do que o pintor portuguez, — não ha distancia possivel de producção e de observação, mesmo quando se hajam préviamente admittido todas as convenções a que o tamanho das figuras condemna fatalmente o artista e o observador: A todas as distancias é falsa a minuciosidade dos detalhes, inconcebivel o destacado das fórmas sobrepostas e a nitidez linear dos encontros. Nenhuma possibilidade de vida sae d'essas obras; nenhuma mancha, nenhuma fórma pôde n'ellas asyalar os vagos sentimentos que pedem á obra d'arte aquella capacidade de symbolisação que elles só encontram no *indefinido da realidade*.



Tudo o que deixo dito se refere porém especialmente aos quadros mais antigos do snr. Sousa Pinto. Por isso eu lhes prefiro, como interpretação directa da realidade, os dois quadros que elle este anno expoz no Salão dos Campos Elysios, onde me parece reconhecer um decidido progresso.

N'um d'elles, dos dois o que eu talvez mais estimo, o que mais se aproxima de certos mestres flamengos do genero, — um ferreiro trabalha na sua officina, onde o fumo, as escorias metallicas, e os detritos do trabalho empoeiram o ar e a casa, onde, na luz escassa e intermittente, os detalhes se indeterminam.

No outro quadro um grupo, sobre uma praia, procura descobrir, ao longe, os barcos dos pescadores que faltam. N'esse grupo, uma rapariga com o braço estendido, a pelle crestada pelo marejo, dá a impressão viva d'um corpo agil, popular, habituado a correr e a trabalhar; sente-se que ella falla alto, para dominar o ruido do mar que estrondeia na costa. Uma velha ao centro, com a cara sulcada de rugas abundantes, minuciosamente abundantes, minuciosamente estudadas, escuta, com a passividade dolorosa dos seres resignados ás luctas e ás desgraças irremediaveis.

Oxalá que estes dois quadros — que são por agora mais symptomas esperançosos, que provas d'um estylo assente, — signifiquem com effeito que a natureza, directamente observada por olhos sem lunetas de convenção, tomou posse emfim d'um artista que esteve em risco imminente de se perder, victima das admirações das pessoas moderadas, de sentimentos ternos e commedidos, e de aspirações regradas e estimaveis, nutridas abundantemente, desde a infancia, pela oleographia e os vaudevilles, as quaes eu ouvi por muitas vezes gabar, com phrases ponderadas, muitas das obras artisticamente indifferentes do snr. Sousa Pinto.

D'um outro pintor portuguez, o snr. José de Brito, que este anno apresentou tambem uma miniatura no Salão dos Campos Elyseos, pouco posso dizer. Não me recordo de nenhum dos seus trabalhos anteriores, apesar de me dizerem que elle os tem já numerosos.



O quadro d'este anno (*Où est-tu, Lili?*) parece-me indicar que o artista se acha n'um excellente caminho, sem me permitir avaliar, sufficientemente, quanto n'elle tem já avançado.

As duas mulheres que examinam, curiosamente, a tela deixada por um pintor sobre o seu cavallete de trabalho, á esquina d'uma rua d'aldeia, são excellentes de expressão, de attitude e de desenho. A côr revela estudo consciencioso da natureza. Pareceu-me comtudo que as figuras e os accessorios do quadro se espalmam talvez, um tanto, uns sobre os outros, sem sufficiente relevo estereoscopico.

VII

Fallarei agora dos esculptores.

O anno passado o Salão de Bellas-Artes dos Campos Elysiós apresentava, entre outros, dois notabilissimos trabalhos portuguezes — uma estatua extraordinaria denominada *Caim* e um grupo excellente intitulado a *Viuva*, — ambos do snr. A. Teixeira Lopes. Na segunda d'estas duas obras o artista provava saber do seu officio; na primeira provava ser capaz de notavel creação original.

Este anno o snr. Teixeira Lopes apenas expoz o busto em gesso d'uma *Rapariga napolitana*, — cabeça encantadora d'expressão popular, a um tempo maliciosa e ingenua, com a curiosidade interrogadora d'uns olhos em que ha muito de creança e alguma coisa de gato, sobre um fundo estranho de feminilidade instinctiva e talvez má, tudo isto expresso com immensa simplicidade e franqueza, sem a menor recordação da convencional «formosa italiana» que a banalidade esculptural tem imposto aos artistas de todos os paizes.

Um outro busto, em bronze, d'uma senhora portugueza, me chamou particularmente a attenção. A sua auctora, a snr.^a D. Albertina Falker, é a heroína d'um romance heroico: um dia, ha cerca de quatro annos, esta senhora, com pouco mais de vinte annos de idade, arrastada por uma vocação louca, resolveu ir a Paris estudar desenho. E desde então, e hoje ainda, a lucta



com a miseria, com a doença, com todos os obstaculos da immensa concorrência de Paris, prosegue terrivel.

Hoje a snr.^a D. Albertina Falker, — Mademoiselle Falker, como diz o catalogo dos Campos Elyseos, — desenha, pinta, esculpe e dá lições de piano e harpa. O trabalho que ella apresentou no Salão d'este anno justifica sem duvida os sacrificios feitos á sua real vocação: é o busto d'uma creança gorda, de cabeça arredondada, com uma expressão particular e que, mesmo no escuro do bronze, consegue ter um olhar claro e transparente.

VIII

Mas a obra portugueza importante de esculptura, era, este anno, a *Eva*, em marmore, do snr. Thomaz F. d'Araujo Costa:

Com o pé esquerdo collocado sobre uma pedra, a perna do mesmo lado erguida e em angulo reintrante, o braço esquerdo *coquettement* arredondado, a parte anterior do tronco muito inclinada para a frente, e a posterior, larga, dilatada e proeminente, *Eva* offerece, com a mão direita, a maçã significativa.

O catalogo diz-nos, escusadamente, que o snr. Costa é discipulo do esculptor francez Falguière, como se a sua obra o não proclamasse em demasia. Á influencia do seu mestre e ás influencias de Paris deve o snr. Costa, visto como é fraco demais para lhes resistir, os defeitos de concepção, a meu vêr gravissimos, da sua aliás notavel estatua.

O que caracteriza a litteratura e a arte franceza é a *realização do perfeito no pequeno*. De modo que, para muitos assumptos, a influencia artistica de Paris, amesquinha, ananica, reduz a graça á gracilidade e põe o *chic*, convencional e transitorio, onde devia impôr-se a dignidade elegante e eterna.

As *Deusas* que ultimamente tem esculpido Falguière—mestre do snr. Thomaz Costa e um dos grandes favoritos actuaes da critica e do publico de França, — sendo inteiramente francezas e



intensamente parisienses, são das mais evidentes provas do que deixo dito. Essas deusas, — a *Juno* de 1890, as duas *Dianas* de 1888 e 1891, — não são fortes, são *dodues*, redondinhas, d'esse gordo tenro que protege ossos reduzidos, d'essa nutrição que resulta dos Figados de Strasburgo, que se abriga e medra, fragilmente, sob os fatos e as pellissas, nunca da robustez que assenta sobre um forte esqueleto, creada, ao ar. na nudez sublime dos Olympos.

Todas essas Deusas conservam, núas, os movimentos *coquettes* que a *toilette* impoz aos gestos: elevam o peito para fazer valer os seios, arredondam os braços para destacar o busto, dilatam os quadris sob a cinta habitualmente apertada que também as obriga a erguer os hombros, encolhem uma das pernas para modificar o hirto da attitude. São, emfim, Venus sahindo da espuma das officinas de Redfern, divindades que ignoram a virgindade da nudez absoluta, *Deusas* que *fazem*, em Paris, o *seu trottoir*.

A *Eva* do snr. Thomaz Costa é uma cópia bem feita, mas absoluta, d'esta pequenina, e quebradiça, e chlorotica realisação da mulher antiga. A sua cabeça é, como a cabeça das Deusas de Falguière, feia, d'um feio insignificante e pequenino, com a fronte mesquinha, a face amarrotadinha e o nariz garoto dos modelos mais naturaes d'este meio artistico, — as Filhas das Porteiras de Paris. Por isso eu não posso vêr, na nova estatua do snr. Thomaz Costa, a *Eva* lendaria, a mulher primitiva, forte, tentada pela maternidade dolorosa, capaz de conceber e de abrigar nos seus quadris poderosos, capaz de crear aos seus seios robustos e fartos como fontes, a vasta e conquistadora humanidade.

IX

Numerosos artistas portuguezes residem em Paris, e quasi todos os que hoje trabalham em Portugal vieram educar-se a esta cidade. Um estudo critico completo dos modernos ateliers-escólas de Bellas-Artes e dos artistas que os dirigem; uma analyse das



idéas estheticas, das tendencias da arte e da critica, na França actual, sob o ponto de vista da educação dos artistas estrangeiros que aqui vêm estudar ou produzir, é pois d'uma evidente urgencia. Não posso agora escrever nem esse estudo, nem essa analyse; mas lembrarei desde já que é um trabalho a fazer. Uma Revista das Exposições de Bellas-Artes de Paris, — feita sob esse mesmo ponto de vista e, por consequencia, omittindo muito do que interessaria os leitores francezes, — poderá também ser extremamente util.

Paris é, sem duvida, um instructivo centro de trabalho artistico: inferior hoje, como sempre, para a musica, elle é, para as artes da fórma, o primeiro de todos. Mas que falta de solidez nas theorias d'arte, que incertezas na analyse dos criticos que deviam guiar os artistas, que pequenos symbolos e que pequenissimos sentimentos a symbolisar nas obras d'arte, que banalidade convencional, que falta de observação intelligente nos amadores e no publico! N'esta grande aldeia de Paris, quantas criticas, quantas medalhas, quantos ostracismos, quantas glorias e quantas miserias, que só a intriga e os interesses podem explicar!

A medalha de honra foi conferida, comtudo, na secção de Esculptura do Salão d'este anno, a uma estatua de A. Boucher, *A la Terre*, que mais faz lembrar as obras da grande Renascença italiana do que as concepções francezas actuaes. É verdade que o vigor extraordinario da figura premiada, não devendo attribuir-se ao simples desejo no artista de mostrar a forte anatomia d'um corpo humano, não é sufficientemente justificado pelo assumpto: um colosso contrae toda a poderosa musculatura dos seus membros herculeos para remover, em uma pá de cabo grossissimo e recurvado pelo esforço, — um punhadinho de terra.

Mas era a *Diana* de Falguière, collocado no lugar de honra da Exposição, com o seu corpo desengonçado de *grisette* viciosa, que evidentemente satisfazia o gosto do publico, representava o ideal dos criticos e dava a caracteristica da nação. O Salão dos Campos Elyseos e o do Campo de Marte estavam



cheios de imitações, de traducções, algumas litteraes (como a estatua de L. Savine), do archiparisianismo d'esta obra d'arte, emquanto outras obras mais fortes, mais bellas, mais suggestivas, haviam sido postas de parte e passaram quasi despercebidas.

Citarei um exemplo:

Cyprien Godebski expoz este anno um grupo a que chamou *Rêve de gloire*: Uma mulher reclinada sobre o dorso d'uma chimera e abraçando-lhe o pescoço, eleva ao ar, bem alto, n'um gesto triumphante, palmas e flôres. A chimera tem duas grandes e fortes azas, mas arrasta-as, pesadas, pelo chão; o corpo é grosso e poderoso, os membros musculosos, de garras massiças e grosseiras, mais feitas para se segurarem á terra do que para se agitarem, idealmente, pelos ares. N'aquella chimera ha uma força de estabilidade, que lhe deve embaraçar os vãos, e uma faculdade de voar que deve separal-a perigosamente da terra. Sobre aquella chimera poder-se-ha talvez atravessar o espaço infinito e attingir a estrella idealizada, mas mais provavelmente ficar-se-ha, a pouca distancia do sólo, n'um arranque de sonho sem realisação. A cabeça da chimera, um momento submettida pela mão da formosa mulher que a monta e que ella não parece disposta a levar muito longe, tem uma expressão de ferocidade estranha e ironica. E a mulher, quasi a resvalar do dorso do monstro, segurando a cabeça que vai talvez devorral-a, olha, sorrindo esperançada para o céo, e vai, quasi, quasi, n'um ultimo arrebatamento, attingir o seu astro... E de tudo isto sae uma impressão verdadeiramente chimerica de idealisação impotente, de força ideal, heroica, grande e antiga, apesar da cabeça e das fôrmas da mulher núa mostrarem uma quente expressão moderna, sem precisarem para isso ter um corpo anemico, com marcas parisienses de espartilho.

Esta bella obra, a mais bella talvez de todo o Salão, estava porém a um canto, espalmada sobre uma parede, e o publico e a critica abandonaram-na indifferentes, para irem lubricidar-se diante das deusas *chic*, que offereciam, mesquinhamente, os corpos doentios.



O *pequeno*, a *pose*, o *chic* são os grandes perigos estheticos de Paris. Aos artistas que não têm uma forte individualidade, a França e Paris impõem facilmente os seus ideaes, os seus modelos, os seus costumes, as suas modas. Ora é necessario que o artista se conserve da sua raça, que trabalhe dentro dos elementos tradicionaes d'ella, se esses existem distinctos e visiveis, ou que tenha talento bastante para os crear, para os inventar elle proprio, fazendo datar de si, a arte original do seu paiz.

Emquanto um artista segue as fórmulas do paiz onde aprendeu, ou imita o seu mestre, não é *um artista*, é *um discipulo*. Uma vez de posse dos meios technicos, o verdadeiro artista deve procurar a originalidade, a personalidade, a *realização do novo*. Ha tanto ainda na alma humana por exprimir, tanto infinitamente profundo, e grande, e vago, que não foi dito, nem cantado, nem formulado, que nunca encontrou até hoje nem symbolos, nem evocação, e que todos nós, os menos bem dotados, os mais incapazes, sentimos nos recessos indeterminados do espirito a pedir-nos fôrmas, sonoridades, paizagens, figuras, estatuas, symphonias, mais complexas, mais expressivas, mais maravilhosas, do que todas as que a natureza offerece, ou o genio humano tem creado!

Paris — Agosto de 1891.

Jayme Batalha Reis.



XANÓ - POY

(CONTO GENTILICO)

Dias antes das festas de Jaggernaut, Xanó-Poy-Pallon-dicar recebeu um telegrama com estes dizeres: — Aden 12 — Chegamos 18 Bombay, seguimos Jaggernaut festas — H. Jim. —

Sir Hevo Brevoster M. P.¹ e James Mac-Intosh, um dos mais fidalgos lords da Escossia, resolveram ir á India.

A *season*, em Londres, estava monotona; a velha Europa vista e revista. Precisavam de uma larga viagem; viviam enfatiados. O organismo exigia-lhes, como um tonico, as grandes travessias a bordo de um paquete, através da vastidão dos mares, sob um céu azul, limpido, da côr das saphiras...

E depois, que excellente occasião para uma surpresa adovavel ao seu querido Xanó-Poy, ao alegre companheiro que, havia dois mezes, os tinha deixado, coagido por uma questão de negocios a trocar o *confort* dos seus *clubs* pelos quentes palmares do novo Imperio de Sua Graciosa Magestade...

Resolveram partir e foram.

*
* * *

Devo dizer como se estabeleceu a intimidade entre os dois inglezes e o gentio.

¹ Member of Parliament.



Foi na universidade de Cambridge: encontraram-se, ahí, collegas nos bancos das aulas, e na *crew* da celebre guiga *Star*, que tão brilhantemente ganhou a disputada *Mortlake race* em 87.

Xanó-Poy era a prova mais provada, a manifestação mais decisiva de quanto o indio é capaz de assimilar a civilização europeia. Este bello rapaz era a refutação mais elegante á theoria das distincções das raças: era o desmentido mais solemne a todos aquelles que pretendem vêr no *hindu* um cego fanatico dos mysticos principios da religião brahmanica, esses principios que vão passando de geração em geração inalteraveis, cheios de pureza e de ideal...

Aos dez annos fôra para Inglaterra, levado pelo *collector* do Kandesh Hugh Doily C. S.¹, um dos predecessores de lord Mayo, esse grande apostolo e infeliz martyr da emancipação intellectual dos nativos.

A ida para Londres do pequeno Pallondicar custou a conseguir. Seu pae, um dos membros mais considerados da casta *Chitpavane*, oppozera resistencias sérias á intenção do *collector*, produzindo argumentos fortes, baseados na antiguidade da casta, no dever sagrado de manter a tradição, nas casuisticas distincções theologicas, e, se por fim cedeu, foi por vêr garantida a successão da sua casa no *maioral* Xanó-Sinay-Pallondicar-Dessae.

O facto, porém, é que, aos dezesete annos, Xanó-Poy dava a sua entrada em Cambridge, depois de ter recebido em Eton a educação *sportive* de um futuro gentleman. A sua opulencia, a grande agilidade de raça e uma fina perspicacia natural, *lançaram-no* em pouco tempo, fazendo d'elle um dos mais *lionised*, entre todos os estrangeiros que frequentavam a Universidade.

Profundamente penetrado pela educação que recebera, encontrou-se em plena Europa um verdadeiro europeu, elegante, rico, intelligente, dissipador.

Perdeu e ganhou sommas colossaes nas apostas de Epsom

¹ Civil service.



e nas roletas de Monte-Carlo: bateu-se ao *cricket* com lord Harris, e ao *foot-ball* com o celebre australiano Jim Brooker.

Em Paris investigava-se o modo como elle dava o nó na sua gravata branca de baile, e admiravam-se as parelhas magestosas que atrellava aos seus carros de uma requintada simplicidade; as ceias que dava eram notaveis pelo fino espirito de salão, que se despendia, e pelos milhares de francos de *champagne* que espumavam nas taças de crystal de Bohemia; achára-se mettido no celebre processo de divorcio de Sarah Cumbertold, e fôra ferido pelo general marquez de G... n'um duello, cujos motivos ficaram sempre velados n'um segredo discreto, mas que se suppunha envolverem o nome de uma senhora n'um mysterio de ternura e de desgraça.

Este bello europeu de adopção apenas era trahido pela palidez baça, caracteristica de uma antiga casta de brahmanes ricos, respeitados, cheios de serenas aspirações felizes...

*
* *
*

A alta recente na prata tendo abalado um pouco o credito do seu *agent d'affaires* Jehanguir-Rustamji, foi uma carta d'este, narrando o facto, que obrigou Xanó-Poy a voltar ao Hindoustán, para fazer a liquidação da sua fortuna.

A carta irritára-o: seccava-o a idéa de voltar á sua terra, terra de que se achava desligado ha muito e onde nem sequer o prendiam os tranquillos affectos de familia. O pae morrera e do irmão, Xanó-Sinay, havia-se quasi esquecido... «Que vivesse feliz na contemplação de uma vida futura, etherea, côr de rosa, rescendendo ás doçuras ineffaveis do perdão, ás mysticas aspirações», — *amortalhado*, como elle dizia, nos ricos pannos de sêda bordados a ouro, de que o gentleman Xanó-Poy mal se lembrava já.

Quando recebeu o telegramma expedido de Aden, estava já na India havia quinze dias, e esses quinze dias, vividos n'um



meio differente d'aquelle em que fôra educado e que era hoje o seu meio — haviam-no tornado nervoso, preocupado; tinha a grande nostalgia da vida que interrompera.

Comprehende-se, agora, qual o effeito benefico das palavras ligeiras e caras d'aquelle telegramma, no espirito do gentio, hoje tão *depaysé* no seu proprio paiz natal.

*
* *
*

Foi no ultimo dia das festas que chegaram os inglezes acompanhados por Xanó-Poy.

Era o dia de sensação, o dia em que o pequeno idolo recamado de pedras preciosas, no alto do seu carro monumental, se permite passar por entre a multidão palpitante de fé.

Nos dias anteriores já se haviam celebrado, com todo o ritual dos preceitos liturgicos, as festas preliminares a que esses dias são consagrados.

Haviam-se narrado as batalhas do setimo exodo e a passagem sobre a Ponte maravilhosa. Alludira-se aos carros celestes, esses carros que outr'ora passavam por entre as nuvens brancas como o arminho deixando trilhos luminosos no azul purissimo do céu quando vinham annunciar as victorias do Marajah terrivel, terrivel como os raios que só elle tinha direito a brandir. Tinham sido declamadas cento e noventa e uma *çlokas* do Mahabarata e os trezentos e cincoenta e sete versiculos guerreiros que celebram as glorias dos Mil Combates. A barca votiva fizera as tres voltas no Tanque em presença de Varuna, «o sol sombrio que passa invisivel através da obscuridade», e vinha illuminada pela luz dos archotes e pelas côres alegres dos fogos de Bengala.

Seguindo sempre o ritual, lá dentro da barca, nos quatro rithmos dos canticos sagrados, fallára-se na virtude do brahmane sapiente, «unico que ouve a palavra divina, sua esposa»; exaltára-se o poder arrogante do kehatriá guerreiro; cantára-se



a elegia ternamente amorosa de Yamâ e Yami; e affirmaram-se os immutaveis preceitos de Manú.

Agora, estava chegada a occasião mais solemne do ultimo dia das festas: era a hora prescripta para a sahida do cortejo mystico. Savitri ia-se encaminhando para o abysmo onde tinha de ceder a sua vez luminosa ao sombrio Varuna: um troço de cypaes musulmanos já abria caminho, e a multidão, com o recolhimento que sómente dá uma fé inabalavel, afastava-se comovida e submissa.

Por entre os portaes do recinto sagrado, abertos de par em par, via-se o monstruoso pagode de Jaggernaut, ostentando obscenamente, nas suas paredes ennegrecidas, os baixos relevos horriavelmente symbolicos e lascivos, denunciando uma imaginação desvairada com o disequilibrio que se affirma pelas sensualidades eroticas e pelo mysticismo da crença.

O som dos *mordangos* redobrava agora de intensidade, percutidos com uma energia furiosa, produzindo um ruido de trovões successivos; e o estridor das businas sagradas, que os *servidores* sopravam nervosamente, lembrava o desencadear das torrentes impellidas, nos valles profundos do Hymalaia, pelos *Marutis* enfurecidos...

A este ruido extraordinario seguiu-se um silencio solemne, estacado, que permittia ouvir as notas agudas do *serigui* prelu-diando um canto sacro, e o ranger das sandalias dos retardatarios que, do *bazar*, corriam apressados para vêr a sagrada proceissão. Era o cortejo que ia começando a desfilar, respeitavel, brilhante, symbolicamente religioso.

Vinham primeiro as *bayaderas* precedidas por *fakirs* es-queleticos e *joguis* convulsionados: eram quatro, e das mais afamadas do Deccan. Caminhavam a passos curtos e rythmados, de olhos baixos, cheios de unção, com o braço direito erguido hieraticamente, exhibindo as sêdas ricas dos seus pannos de côres allucinantes, cahidos em prégas regradas, direitas, a prumo como a crueldade de um destino. Vinham envolvidas nas fluctuações leves dos seus véos, feitos de uma cassa indiscreta, recamados de ouro, lembrando as azas brancas dos companhei-

ros de Sudas. As joias e pedrarias punham scintillações kaleidoscópicas na fina elegância d'aquelles corpos tão gentis, destinados, pela fatalidade da casta, ás caricias quentes do amor carnal, insaciavel, cheio de desejos lubricos...

Uma d'ellas começou o canto por uma nota grave, prolongada, em trilo, crescendo sempre: era o *pandit* dedicado á festividade do dia, eram *çlokas* narrando a victoria do Arya «puro no corpo e na casta», que os seus inimigos implacaveis nunca poderam abater — «o amarello e perfido Dasyu e o negro lubrico que cubiçava as virgens de Sapta-Sindhú», tão puras na sua innocencia tranquilla, tão desejadas pela sua appetecivel belleza.

«Malditas as gerações de Kusch — continuava o canto — malditas as gerações de Kusch, sempre auxiliadas pelos *Dévas!*» E seguia, em volatas, invocando os deuses do primeiro exodo, Indra, Agni, Soma; a Triade omnipotente — Brahma, Siva, Vishnou; as encarnações bemfazejas, Sávitri o creador, Surya o resplandecente, Mitra o amigo dos homens, Bhaga o afortunado, Aryaman o poderoso; a série das séries das divindades protectoras; as Triades das Triades dos vencedores de Rhadru, os Marutis cuja marcha não pára nunca...

«Só a oração, só a penitencia do que cinge o cordão sagrado — ia dizendo o canto — poderá aplacar a colera dos espiritos malfazejos, obter a clemencia das divindades propicias!»

E exhausta, a *bayadera* deixou pender os braços nus, fazendo ouvir o *cliquétis* das manilhas de ouro, que escorregavam docemente n'aquella carnação correcta de estatua, palpitante de vida, e soltou ao mesmo tempo uma nota aguda, sêcca, vibrante, como se fôra um derradeiro appello á piedade dos homens. O concerto dos tamborins e das businas rompeu novamente, e os fakirs em descomposta vozearia começaram a prédica: «Maldito o impuro sudra que pisou a sombra do brahmane! Maldito aquelle que pôde esquecer Manú e os seus preceitos salutaes! Penitencia! Penitencia, ó vós todos que temeis a ira divina! Orae! Orae sempre, ó vós que cingis o cordão sagrado! Orae e fugi ao contacto infamante do homem sem casta...» N'esta occasião, n'uma eminencia proxima, onde alvejavam as



tendas do commissario imperial e do destacamento dos *riflemen*, soaram as notas claras e terminantes dos *bucks* tocando a reunir.

*
* *

Em baixo, no recinto reservado aos europeus, á sombra de uma *marquise* de lona com listas escarlates, estava Xanó-Poy com os dois inglezes. Lord James, de monoculo fincado para as *bayaderas*, lamentava que já não fossem permittidas as *balanças* que levantavam penitentes suspensos por ganchos de ferro enterrados nas carnes, e muito principalmente lastimava que se houvesse impedido o suicidio dos fakirs, que se deixavam esmagar pelo carro do deus.

«*Nonsense*», disse sir Hevo; e apumado, com dignidade parlamentar, expôz que lord Cross assegurára no banquete de *Picadilly club* que o fanatismo hindú decrescia á medida que augmentava a exportação do trigo, a importação do oleo de kerosine e a distribuição de Biblias. Elle, nos seus apontamentos, julgava dever corroborar esta asserção, accrescentando apenas que o augmento no imposto do abkary e a alta natural no preço dos cornos de bufalo deviam ter uma influencia decisiva em tão momentosa questão, que reputava capital para consolidar o dominio britannico nas Indias. «Não pensa isto, Xanó?»

O gentio sorriu-se com uma condescendencia contrafeita, mostrando um ar fatigado: porventura o effeito de uma noite passada em wagon, n'aquelle clima deprimente que produz os cansaços lentos. O seu olhar tinha uma expressão que não era a habitual, uma fixidez concentrada, a fixidez de quem tem o espirito avassallado por uma idéa.

Parecia que o bater incessante dos *mordangos* o havia atorreado. Os sons estridentes das businas excitar-lhe-iam os nervos, um tanto excitados já pela noite passada sem dormir? Ou enternecer-o-ia a melopêa plangente e mystica da *bayadera*? A oração do *fakir*, tão cruel, prégando a penitencia, e tão desgraça-

da implorando a misericórdia para o reprobado, tel-o-ia enchido de terror, a elle, um espirito educado tão positivamente?... Quem sabe?!...

Ora, durante a viagem, proximo a Allahabad, Xanó-Poy olhou por acaso pela portinhola do wagon, e, affirmando-se immediatamente, com um interesse forte, sentiu a impressão dos effluvios mornos e penetrantes de um nevoeiro acinzentado, transparente, e viu os raios purissimos do luar pondo reflexos de prata lá em baixo na agua côr das perolas pretas. Iam passando o Djumna, o rio harmonioso que corre para o Ganges na aspiração de um desejo, n'um espreguiçamento dôce — «como a mulher amante aos braços do bem amado». Sir Illevo, com a curiosidade do bom inglez que aproveita sempre a occasião de registar um facto, de tomar um apontamento, desfechou n'uma serie de perguntas onde se presentia o furor das estatisticas, e procurou informar-se do nome do rio, da sua nascente, navegabilidade, do aproveitamento industrial da corrente, ao que Xanó respondeu referindo apenas o nome do rio, mas com um ar secado, quasi desabrido, cortante... E porquê?!...

*
* * *

Cessára o ruido atroador dos tamborins, e as businas caladas deixavam ouvir outra vez o *serigui* gemendo o preludio do canto da *bayadera*, tão docemente religioso, tão penetrado do perfume de caridade, d'onde se evolam promessas de recompensa.

«É para aquelle que cinge o cordão symbolico» — dizia o canto — «que os Marutis, pastores celestes, ordenham o leite sagrado dos inexauriveis rebanhos de Indra; sómente para elle corre o vento fertilizador — aguilhoando os cavallos vermelhos do seu carro de ouro luzente». E agora, na singeleza mystica dos versiculos, predominava o temor dos deuses. «Não irriteis a ira celeste desprezando os preceitos de Manú; conserve-se o



brahmane piedoso e sabio» — continuava o canto no seu rythmo soluçado, exhortando á pratica do bem — «seja sempre o kchatríá forte e dadivoso; mantenha-se pura a casta do que cinge o cordão sagrado, e os deuses ser-lhe-hão propicios, a terra productiva, a agua refrigerante; desposará a mulher formosa como Seeta, submissa como Parvarti, fecunda como Amrú, que lhe dará dez filhos, dos quaes elle, o senhor, será o undecimo...»

E a *bayadera*, nas ondulações lubricas dos seus gestos requebrados, vagarosos, com preguiças tentadoras, exprimia a volupia do amor feliz, e ao mesmo tempo um som de guisos, agudo e afinado, fazia-se ouvir nos movimentos breves dos seus pés pequeninos e tenros, com os artelhos cobertos de aljofares; era que a *bayadera* começava a esboçar os primeiros passos da dança liturgica. O canto continuava dôce, rythmado, acompanhando a dança cadenciada.

*
* *
*

O olhar de Xanó-Poy n'este momento tornou-se mais fixo, mais febril; era o olhar de um fascinado. Os musculos do rosto, na contracção de um spasma, davam-lhe um aspecto de terror — o terror do sobrenatural. Os cantos dos labios, descahidos, punham-lhe na face a expressão compadecida da amargura triste do desprezado. A sua physionomia tinha alguma coisa da resignação dolorosa dos que se sentem ao abandono; era uma expressão de tristeza infinita e de pusilanimidade cobarde. Sentia uns movimentos nervosos, imperceptiveis e fortes; os braços do portentoso *cricketer* tinham tentações de se erguer n'uma prece que fosse uma supplica, e ao mesmo tempo recusavam-se, frouxos, com o receio indigno de quem não tem a coragem do seu proprio crime...

Ora Xanó-Poy alli era um criminoso: era — o Renegado. — E sempre o cordão! Sempre aquella referencia fatal, que o fulminava como um anathema, porque era elle, talvez, o unico



da sua casta, que o não cingia; um Chitpavane, tão alto, tão cheio de tradições!... E agora? Estava mais baixo que o Vaycia cubiçoso, mais abjecto que o insignificante Sudra: era o filho amaldiçoado de Purú. Estava reduzido a ser um Pariah... a viver na vileza dos que não têm casta, abandonado como um leproso, apedrejado como um mastim. E tudo, porque só elle não tinha o cordão symbolico! E para isto — pensava o gentio — centos e centos de antepassados haviam mantido por seculos e seculos a pureza da casta; haviam conservado com todos os desvelos esse delgado fio de sêda, haviam-no cingido com a unção beatifica dos illuminados pela luz divina, tinham-no defendido com a coragem da fé contra as perseguições mais esmagadoras, contra as tyrannias mais crueis, porque esse fio, tão simplesmente tecido, é o brazão de gloria de uma raça, é uma reliquia santa, é a dadiva celeste que Brahma só concede aos filhos dilectos da sua essencia mais sublime...

Depois, acudiam-lhe em turbilhão as recordações de um tempo que ha muito havia passado, e essas recordações inundavam-lhe o espirito n'uma torrente de sentimentalismo. Não era a saudade consoladora, a dôce saudade, o que lhe alagava a alma: o que elle sentia, era a amargura subjugadora do irremediavelmente perdido... Pobre renegado inconsciente!

O seu passado de creança apparecia-lhe agora n'uma massa nebulosa, confusa, d'onde pouco a pouco se destacava uma saudade, e onde se affirmava uma lembrança, saudade e lembrança que o perseguiam como remorsos. — E via a *Zenana*, n'aquelle socego da sua paz calma, onde se respirava uma atmosphera benefica, penetrada da dedicação submissa da Mulher, da mulher carinhosa, cheia de virtudes simples e placidas. Lembra-lhe a mãe, tão orgulhosa dos seus sentimentos maternas, com o ar de paz de consciencia que dá um dever bem cumprido, o dever que tem a mulher hindú de gerar no seu seio a creança, que mais tarde ha de ser o homem, o continuador d'aquella casta tão abençoada pelos deuses. E afigurava-se-lhe vêr a humildade grandiosa, com que ella vinha receber, debaixo da abobada adornada de coruchéus, aquelle Chitpavane, que fôra o



pae d'elle... E como lhe parecia agora um justo esse bello homem, envolvido nos seus pannos de sêda! E como achava levantada a humildade da mãe! Como julgava digna aquella escravidão da mulher, com o seu ideal de sacrificio!... E tudo, tudo irremediavelmente perdido!... Ah! que se podesse viver outra vez n'aquella tranquillidade feliz — e sentia a alma a transbordar-lhe de sentimentos bons — como elle saberia contribuir com uma infinita doçura para aquella união da familia, onde tantas almas boas viviam ligadas pela esperança de um futuro de descanso, n'uma contemplação socegada...

Na sua imaginação escandecida via o *Pimplió* sagrado, tão simples na sua fórma de arbusto, tão complexo na sua alta significação religiosa, e o alegrete de pedra lavrada! Fôra alli, ao pé d'essa pedra tão cheia de rendilhados, que viera aquelle inglez de barba loura para o levar; e lembrava-lhe um fato azul de marinheiro, que o inglez lhe déra em Londres. Maldito inglez que o tratava por *boy!* Se elle podesse esquecer tudo e voltar áquella uniformidade de vida, tão simples, como elle seria bom! E parecia-lhe sentir a frescura dos arecaes e o mysterioso refugio d'aquellas sombras de verdura! Mas tudo, tudo irremediavelmente perdido!

*

* *

Agora, toda palpitante de enthusiasmo fanatico, a multidão agitava-se em oscillações curtas, em movimentos apressados, violentos, despoticos, manifestando um desejo, exprimindo uma curiosidade. Ouvia-se um sussurro de exclamações anciosas. Os tamborins vibravam desesperadamente, e as businas produziam uns sons irritantes, ruidosos, sem musica.

Uma floresta movediça de centenares de bastões prateados com as insignias liturgicas precedia as *jampanas* e os palanquins dos *suamis* que, reclinados em almofadas ricas de bordaduras caras, atiravam punhados de arroz sobre o povo extatico, exhi-



bindo os troncos nus, de uma pallidez baça. Por entre fileiras de cypaes, postados junto ao portal do recinto sagrado, viam-se as cordas compridissimas do carro, e a multidão, dominada pelo mysticismo, disputava, como um premio, a gloria supina de auxiliar o movimento d'aquella massa enorme e monumental que conduzia o pequeno Idolo.

Puxado por duas mil pessoas, avançava vagarosamente, oscillante, ás arrancadas, com um ruido soturno de terramoto, com um aspecto sinistro de tumulo e um ar grandioso de carro triumphal.

Cada vez se aproximava mais; já se distinguia a ornamentação monstruosa, consagrando o principio creador, n'uma obscenidade repugnante, entre baixos relevos talhados na madeira preta, representando, n'uma promiscuidade animal, n'uma promiscuidade confusa das especies, o mysterio da geração. E, apesar de tudo, n'aquellas obscenidades tão sordidas, havia alguma coisa de respeitavel: aquelles baixos relevos representavam, com uma grosseria brutal, uma aspiração digna — a glorificação do amor aos filhos, a constituição da familia...

Os fakirs, incendidos na fé ardentissima, redobravam de vehemencia na prédica, amaldiçoando os renegados, fallando das dores que rasgam a alma e exigindo os cilicios que retalham as carnes. Um d'elles, esqueletico, com escoriações purulentas de chagas no corpo franzino, pintado ás listas brancas, referia-se á miseria e á desgraça, exclamando em gritos desesperados, n'uma exaltação febril: «Miseria! Miseria! Miseria! Tres vezes miseria a opulencia do impio... Desgraça! Desgraça! Desgraça! Tres vezes desgraça a todos os seus prazeres!...» E não desfitava os olhos de Xanó-Poy, que parecia preso á insistencia d'aquelle olhar, tão scintillante de tyrannia.

A multidão, apinhada em volta do deus, avançava acompanhando-o n'um recolhimento de peregrinação, e o carro, cada vez maior e mais sinistro, parecia movido por uma força mysteriosa, irresistivel, fatal, illuminado pelos tons ensanguentados que o ouro fulvo do idolo despedia, reflectindo os raios obliquos de um rubro sol poente. Xanó-Poy, influenciado pelos effluvios



mysticos que o cercavam, aniquilado pelo pavor fanatico que lhe invadira a alma, sentia-se agora trespassado pelas irradiações dardejantes dos dois rubis que formavam os olhos da imagem veneranda e terrivel.

De subito, junto a elle, o velho fakir gritou em voz estridente: «Vós todos que guardaes intacta a fé dos antepassados, sabei que o meu nome é Siridorá-Sinay Chitpavane; e se algum da minha casta se conspurcou com o Sudra desprezivel, com o circumeidado estrangeiro, ou com os homens sahidos do mar que comem as immundas carnes do animal sem nome, possa o sacrificio de um irmão aplacar a colera dos deuses...»

No mesmo instante rangiam as rodas do carro sobre os ossos triturados do penitente!...

Assombrada de mystico terror, a multidão agitou-se em tumulto; e por toda aquella gente fraca, humilde, timida e submissa, correu o fremito de revolta. precursor das grandes convulsões.

Pallido e nervoso, o commissario britannico deu umas ordens breves aos cypaes que o rodeavam, e ouviu-se o bater sêcco e simultaneo das carabinas que os *riflemen* escorvavam. Então, uma voz clara, vibrante, dominadora, proclamou a victoria da fé, exclamando:

«Eleva a voz, povo fiel, eleva a voz e regosija-te: Mitra ha vencido Rhadru, e o poder de Kaisar-i-Hind não pôde obstar a que a expiação se cumprisse...»

Todo o povo se recolheu n'um sentimento de gratidão pelos deuses que, em tão calamitosos tempos de barbara impiedade, permitiam que semelhantes milagres corroborassem tão fervorosas crenças. Recomeçou o avançar fatidico do Idolo, e a voz de uma *bayadera*, melodiosa como o gorgueio do bulbule, psalmeou as bemaventuranças promettidas ao brahma piedoso e sabio, ao kehatriá forte e dadivoso, ao Arya «puro no corpo e na casta»; e, n'um arrobo de extasis, paraphraseou os passos sensuaes da dança liturgica, acolythada pelas mais servidoras do deus, suas irmãs na casta.

O côro das *bayaderas*, em seguida, celebrava em cadencias



suaues, repassadas de harmonias ternas, os dôces amores de Rama e de Seeta...

No meio do borborinho desaparecera Xanó-Poy, e os dois inglezes nunca mais souberam d'elle.



Sete são os rios que banham Aryavarttha, e por sete fórmas differentes pôde o brahmane quebrar irremediavelmente os preceitos de Manú; por isso, em sete dos grandes pagodes de Benares, se construiam albergues para dois mil cento e oitenta e sete peregrinos, pois tantas são as encarnações na setima deducção da triade brahmanica. O doador de tão piedoso legado fôra um nobre Chitpavane, que ia a caminho das nascentes do Ganges, para, com a grande peregrinação, por sete vezes repetida, redimir algum horrendo peccado que aos homens não fôra dado conhecer...



Nas noites claras da India, penetradas dos perfumes subtis das fortes essencias vegetaes, junto ás margens do Ganges, vêem-se ás vezes, boiando no rio milagroso, uns pontos luminosos que parecem a imagem das riquezas do céo nas escuras aguas, purificadoras do peccado. São cadaveres com uma luz apertada nas maxillas rigidas e inertes, são os involucros terrenos das almas purificadas, que foram buscar ás origens do rio santo os philtros expurgadores do mal, as beneficas panacêas da pureza...

E enquanto esses despojos humanos, quasi putrefactos, vão lentamente descendo, impellidos pela agua sempre redemptora, quem sabe se alguma estrella estará brilhando mais, por se lhe



ter aggregado a parcella luminosa de uma alma já sem macula,
com todas as scintillações da virtude!...

Pobre Xanó-Poy!...

*
* *
*

Bemditas as tuas aguas, ó Ganges, que, no teu correr eter-
no, encerram sempre, nas perolas de crystal, sublimadas, as par-
ticulas do perdão — dôce conforto do peccado arrependido, re-
compensa suavissima dos que sabem soffrer bem...

Antonio Joaquim.



ORA MARITIMA ¹

POEMA

DE

R. FESTUS AVIENUS

ESTUDO DA PARTE RESPECTIVA Á GALLIZA E PORTUGAL

(Fragmento)

P R E F A C I O

Quando, ha annos, publicamos com o mesmo titulo d'este livro, um trabalho, de que o actual é a completa refundição, ainda não tinhamos estudado attentamente as velhas legendas maritimas, relativas ao occidente, supposto previssemos que não pouca luz deviam derramar sobre a geographia antiga d'esta parte da terra ².

Não imaginavamos ainda assim, que o conhecimento d'aquellas narrativas fosse um preparatorio pouco menos de indispensavel para a decifração dos enigmas, que Avieno accumula logo no principio da sua descripção, e de que depende

¹ O illustre escriptor e archeologo, o snr. Francisco Martins Sarmiento, instado a honrar as paginas da REVISTA DE PORTUGAL com a sua collaboração, enviou-nos este valioso fragmento da segunda edição do seu livro sobre o poema de Avieno. Absolutamente ineditas, porquanto a nova edição ainda não entrou no prélo, as paginas que seguem constituem uma *primeur*, cheia de interesse, que a REVISTA se ufana de offerecer aos seus leitores.

(Nota da Redacção).

² Para não tomar muito logar n'esta REVISTA, só copiamos do nosso manuscrito as notas indispensaveis á intelligencia do texto.

(Nota do Auctor).



não só a exacta comprehensão d'esta parte do seu poema, mas ainda a de todas as outras.

Limitemo-nos por agora a justificar a primeira affirmativa. Avieno abre a sua obra com a seguinte embrulhada: Depois de nos dizer que a terra é toda cercada por mar e que se chama Golpho Atlantico a reintrancia, por onde o oceano se insinua no Mediterraneo, accrescenta que n'aquelle golpho se encontravam as Columnas de Hercules, Abyla e Calpe, batidas pelo *aspero septentrião*, e um promontorio Æstrymnis, dando começo a um Golpho Æstrymnico, onde se viam as Ilhas Æstrymnicas, a Ilha dos Albiões, que se tem hoje pela Inglaterra, e a Ilha dos Iliernos, inquestionavelmente a Irlanda.

Aqui temos as Columnas de Hercules, Abyla e Calpe, no Golpho Atlantico, o que é perfeitamente exacto; mas já não é pouco singular dizer-se d'estas Columnas que são batidas pelo *aspero septentrião*; dizer-se agora que no mesmo golpho se encontrava um segundo, o Æstrymnico, onde se viam as ilhas do estanho ou Æstrymnicas, a Inglaterra e a Irlanda, é uma geographia tão phantastica, que já tem sido equiparada á de Panagruel.

D'entre as tentativas feitas para explicar estes enigmas ha a mencionar principalmente a de Karl Müllenhoff. Suppunha este sabio que o texto actual de Avieno estava incompleto, faltando-nos alguns versos, nos quaes o poeta justificaria as causas por que se remontou das Columnas de Gibraltar a umas Columnas Septentrionaes. Avieno tomaria por ponto de partida do seu trabalho o Golpho Atlantico, mas n'uma especie de digressão transportava-se ás regiões do norte, e, depois de indicar-nos o que por lá havia de notavel, descia ao longo da costa occidental da Europa, voltando ao seu ponto de partida, para proseguir ao longo das costas mediterraneas, que era a sua principal tarefa.

Não podemos conformar-nos com a explicação do sabio allemão. A hypothese d'uma lacuna no poema era inteiramente arbitraria, e, como tal, o ultimo recurso permittido a um interprete; mas peor era que esta explicação deixava subsistir o



principal enigma. As Columnas Septentrionaes eram-nos reveladas por Avieno, mas na mesma passagem, em que manifestamente as confundia com a Abyla e Calpe de Gibraltar. Ora esta confusão é que a hypothese de Müllenhoff não explicava de modo algum, e admittida ella, como não podia deixar de ser admittida, ou, o que vale o mesmo, admittida a existencia d'umas Columnas Septentrionaes, muito distinctas das de Gibraltar, amalgamadas com estas pelo poeta, força era admittir: 1.º um documento que mencionava as primeiras; 2.º o reconhecimento que d'ellas tinha Avieno e a cega persuasão de não haver outras Columnas de Hercules senão as de Gibraltar. Quanto ao documento que era necessario subentender para fundamentar esta conclusão, Müllenhoff melhor que ninguem demonstrára que Avieno forrageou largamente n'um periplo phenicio de respeitavel antiguidade. Porque não admittir então que o poeta tinha diante de si um periplo phenicio, que tomava por ponto de partida umas Columnas Septentrionaes, mas que não conhecendo outras Columnas senão as de Gibraltar, nem imaginando que as podesse haver, engenhara a confusão que nos embaraça e todas as outras que são d'ella uma consequencia necessaria?

Foi esta a opinião que adoptamos e em que persistimos hoje mais que nunca.

Com respeito á localisação das Columnas do norte, tambem não podemos subscrever ás idéas do illustre sabio, que as fixava no *Finisterræ* da Bretanha. Nenhuma noticia, nenhuma allusão dos antigos favorecia tal identificação. Ao contrario, Paulo Osorio fallava-nos n'um famoso monumento, que ainda hoje subsiste na Corunha com o nome de Torre de Hercules, um pharol que, diz o historiador, servia de guia aos mareantes, que da Britannia demandavam a Hispanha. Ahi localisamos as Columnas Septentrionaes do periplo e o seu ponto de partida, acreditando que a falsa comprehensão do seu original, junta ás idéas não menos falsas que formavam os antigos da configuração das costas hispanicas, tão falsas que para alguns d'elles o Golpho da Gasconha principiava no Cabo da Roca, desorienta-



riam de tal sorte o nosso poeta, que o levaram a amontoar confusões sobre confusões na primeira parte do seu poema.

Já sobre a localização das mysteriosas Columnas, o estudo das legendas, a que no principio alludimos, nos obrigou a mudar inteiramente de idéas. Resulta de tal estudo, e com a maxima evidencia, que as Columnas de Hercules eram factos positivos da antiga geographia phenicia, que não tinham nada de commum com o Estreito de Gibraltar. Estas phantasticas Columnas symbolisavam o *nec plus ultra* da navegação dos Phenicios, precisamente para fóra de Gibraltar, e, porque estas navegações tanto eram para o Mar Austral ao longo da costa africana, como para o Mar do Norte ao longo da costa da Europa, assim havia uma supposta Columna libyca, outra europeia; mas a primeira ficava pelas immediações de Atlas, era provavelmente o *mar innavegavel* de Scylax, que os Tyrios nunca se atreveram a ultrapassar, segundo parece certo; a segunda era nas immediações de Erythia (a Inglaterra), á entrada do Mar do Norte, o Passo de Calais ¹.

A sua localização nas duas margens de Gibraltar foi obra dos Gregos, quando se julgaram no caso de fazer identificações geographicas; mas com tal ingenuidade as fizeram, que, por exemplo, os mythographos, que já seguiam este prejuizo, se é que o não crearam, repetindo com a tradição phenicia, que no 11.º trabalho Hercules chegára ás Hesperides, proximas de Atlas, deixando vêr que o *nec plus ultra* d'esta navegação ou a Columna libyca, devia ser procurada nas immediações do Atlas e não n'outra parte, vinham todavia localisal-a em Gibraltar, no 10.º, escrevendo que, para ir de Tartesso a Erythia, o semi-deus teve de *atravessar o oceano* e de arrostar com grandes perigos maritimos, o que mostra que Erythia ficava a uma enorme distancia do Tartesso, identificavam Erythia com Gades, que fica a dois passos do Tartesso, e localisavam igualmente a Columna europeia em Gibraltar, isto é, antes mesmo

¹ Esta doutrina é largamente desenvolvida no livro que publicámos com o titulo *Os Argonautas*.



do ponto de partida, pois, como se sabe, Tartesso na foz do actual Gualdaquivir já fica para áquem do Estreito.

Nenhuma duvida pôde restar portanto que as verdadeiras Columnas de Hercules da geographia phenicia nada tinham a vêr com Gibraltar; mas que a libyca ou austral ficava perto do Atlas, a europeia ou septentrional, á entrada do Mar do Norte. E que a esta ultima se referia o auctor do periplo, quando fallava d'umas Columnas de Hercules, batidas pelo aspero septentrião, menos duvida pôde haver ainda, não só porque esta indicação topographica, innegavelmente sua, chega a ser intuitiva, mas porque, vistos a esta luz, os factos que Avieno tornou tão cahoticos, se desenham com uma clareza e exactidão summa, até nas suas minucias. Com effeito, fixadas as Columnas Septentrionaes no Passo de Calais, é claro como o sol que o golpho, onde ellas ficavam, e a que dava começo o Promontorio Æstrymnis, só pôde ser o Mar da Mancha, como o promontorio só pôde ser o Finisterræ da Bretanha; e tão rigorosas são as indicações topographicas, quer as relativas ás Columnas — de serem expostas aos asperos ventos do norte — quer as relativas ao Æstrymnis — de virar quasi todo para o tepido sul — que tambem não pôde deixar de vêr-se n'ellas uma cópia do natural.

D'aqui se segue que Avieno cópiou fielmente esta nitida geographia; e, se fez d'ella um cahos, foi simplesmente por adicionar ás Columnas Septentrionaes o nome d'Abyla e Calpe, ao Golpho Æstrymnico o nome de Golpho Atlantico, certamente na boa intenção de tornar mais clara a descripção original, mas conseguindo apenas entenebrecel-a, por obrigar os seus leitores a procurar no seu Golpho Atlantico e em Gibraltar o que somente podia ser encontrado no Mar da Mancha e no Passo de Calais.

Como, eliminadas aquellas addições, todas as obscuridades se dissipam, conforme entrevimos já e será plenamente demonstrado no decurso d'este escripto, a decifração dos enigmas d'esta parte da *Ora Marítima* está fatalmente indicada n'um sentido absolutamente differente do que tinhamos adoptado an-



tes da descoberta d'estas verdades, tão occultas para nós, como para todos os interpretes, seja dito de passagem. Tivemos portanto de refazer quasi toda a parte d'esta secção.

Restava ainda um problema não menos importante que os anteriores: de que modo e até que ponto se aproveitou Avieno do antigo periplo? Müllenhoff, segundo já fizemos vêr, suppunha que o poeta se utilisára d'elle apenas subsidiariamente, podendo por isso escolher á sua vontade o Golpho Atlantico por ponto de partida, remontar-se d'ahi ao Mar da Mancha, etc., e podendo além d'isso intercalar na narrativa quantas noticias lhe parecesse, colhidas em quaesquer outras fontes.

Combatemos vivamente esta doutrina, que, além de tudo, tirava a esta parte da *Ora Maritima* a quasi totalidade do seu valor, e sustentamos que Avieno pouco mais fizera do que reproduzir o texto do periplo, que era para elle uma especie de livro de sete sellos. Concediamos ainda assim, que o nosso poeta pôde perceber vagamente que o anonymo chegára com a sua descripção ás costas occidentaes da Hispanha.

Esta mesma concessão era um erro grave, que nos levou ao exame de problemas inteiramente imaginarios; e hoje, comparando a interpretação que Avieno deu á geographia do periplo phenicio com a interpretação que á geographia da Hiera-lea phenicia deram os antigos mythographos gregos, temos como um dogma que o periplo, na parte que nos occupa, não era para Avieno uma especie de livro de sete sellos, era um verdadeiro livro de sete sellos. No seu entender, o horisonte geographico do anonymo não ultrapassava o Golpho Atlantico; era d'ahi que elle tomava o ponto de partida; ahi que localisava as Columnas Septentrionaes, o Golpho Cestrymnico e quanto n'elle se continha. Exactamente como os mythographos gregos concebiam a geographia do 10.º trabalho de Hercules; pois, conforme se viu, tambem elles translocaram para o Golpho Atlantico os factos geographicos, que a legenda originaria collocava pelo Mar da Mancha.

Se a flagrante coincidência d'estes factos ainda deixasse algumas duvidas de que Avieno foi victima das mesmas illu-



sões que os seus predecessores, a ingenuidade das revelações, com que um e outros as denunciavam, dissipava-as até á ultima. Effectivamente seria preciso estar tão cego como aquelles crendeiros, para não descobrir que a obcecção e insciencia, que levou os mythographos a identificar Erythia com Gades, dizendo-nos ao mesmo tempo que, para ir de Tartesso a Gades, Hercules teve de atravessar o oceano e de arrostar enormes perigos, foi a mesma que levou Avieno a fixar em Gibraltar as Columnas de Hercules, dizendo-nos ao mesmo tempo que eram batidas pelo septentrião, a localisar no Golpho Atlantico as ilhas do estanho, etc.

De resto, a demonstração completa d'estas verdades irá surdindo a cada passo nas paginas que vão seguir-se. Deviamos porém releval-as, para mostrar que, á luz que ellas derramaram no nosso espirito, as interpretações, influenciadas pela idéa de que Avieno percebera, embora vagamente, que o periplo se estendera até ás costas occidentaes da Hispanha, não podiam ser mantidas. Tivemos por isso de as eliminar.

É de vêr que todas estas revelações nos impozeram um criterio muito mais absoluto e intransigente, que o adoptado no nosso primeiro trabalho, e que se havia de fazer sentir n'outras questões secundarias, que nos parece inutil especificar n'este logar.

Vêr-se-ha, no emtanto, que não era isso razão bastante para refundirmos o nosso livro, tão completamente como o fizemos. Pareceu-nos porém conveniente tornal-o uma especie de continuação dos *Argonautas*, e d'ahi a nova fórma que lhe demos.

Vamos esboçar a idéa que formamos hoje do poema de Avieno e indicar o processo critico que seguiremos inalteravelmente na sua interpretação. O poeta tinha diante de si um periplo phenicio, que tomava por ponto de partida o Golpho Æstryrnico ou Mar da Mancha, onde ficava o *nec plus ultra* da navegação dos Phenicios para o norte, as Columnas Septentrionaes. Avieno, que não conhece outras Columnas de Hercules senão as de Gibraltar, no Golpho Atlantico, entende que é



d'aqui que parte o anonymo, e vem conglobar n'este golpho não só os factos geographicos que elle adaptava ao Mar da Mancha, mas todos os que enumerava desde o Mar da Mancha até o Cabo de S. Vicente. Este acervo de deturpações só pôde admirar a quem não reflectir que todas ellas são uma consequencia fatal e necessaria da desastrada localisação das Columns no Golpho Atlantico; admittida ella, por força que toda a geographia do periplo havia de ser encerrada n'este golpho.

A desorientação de Avieno não pôde ser mais completa; e é de vêr que toda esta parte do documento original se tornou para elle um verdadeiro livro de sete sellos, não lhe restando outro expediente senão deixar-se guiar, como um cego, pela mão do velho phenicio.

Dir-se-ha que n'esse caso, a exceptuar as confusões já apontadas, toda a descripção deve ser clara e muito bem coordenada. Não succede assim; obscuridades, incongruencias e mesmo absurdos geographicos não faltam no nosso poema; e descobrir as causas que os motivaram, restabelecendo, em vista d'ellas, a lição provavel do original, é uma tarefa longa e difficil, á qual todavia nos abalançamos. Para isso partiremos do principio de que o periplo, se não foi escripto por uma testemunha ocular dos factos que narra, foi escripto em face de documentos fornecidos por testemunhas oculares, o que para o nosso caso vale o mesmo, e que portanto o seu auctor não podia violar a geographia positiva e real.

Se encontrarmos d'essas violações flagrantes no trabalho de Avieno, concluiremos logo que são ellas outros tantos erros de interpretação, commettidos pelo poeta; e, restaurando o facto deturpado conforme as exigencias da geographia exacta, se encontrarmos a explicação satisfatoria aos equivocos do deturpador, ficaremos na convicção de haver atinado com a verdade.



PARTE GEOGRAPHICA

Dividiremos esta parte do nosso trabalho em quatro secções: 1.^a Golpho Œstrymnico, comprehendendo o Mar da Mancha e as Ilhas Britannicas; 2.^a o Golpho Grande, formado pelos dois lados do Mar Cantabrico; 3.^a *Ophiuxæ frons*, começando no Finisterræ da Hispanha e terminando na bahia do Sado; 4.^a Paiz dos Cynetos, desde a bahia do Sado até á foz do rio Ana.

PRIMEIRA SECÇÃO

Golpho Œstrymnico

Observações preliminares. — A introdução da *Ora Maritima*, que nós hoje possuímos, foi innegavelmente redigida por Avieno no intuito de aclarar a falsa concepção geographica, que lhe entrara no espirito, e segundo a qual, como vimos, o ponto de partida do periplo era o Golpho Atlantico. Vimos tambem quantas obscuridades elle logrou amontoar com as suas desastradas elucidacões, e como todas as obscuridades se dissipavam pela suppressão simples do nome de Abyla e Calpe, dado ás Columnas Septentrionaes, e do nome de Golpho Atlantico, amalgamado com o Golpho Œstrymnico.

Isto prova que a introdução actual do poema é já a cópia da introdução do periplo, apenas alterada nos pontos em que Avieno a julgou pouco comprehensivel para os seus leitores.

Assim o anonymo diria, conforme se lê no texto de hoje, que o mar cercava toda a terra, introduzindo-nos logo em seguida no Golpho Œstrymnico, pouco mais ou menos como o poeta nos introduz no Golpho Atlantico.

Os traços d'este incidente geographico não podem ser restaurados em todas as suas minudencias, mas suppomos que



Avieno ainda reproduziu o principal d'elles, quando nos mostra o oceano insinuando-se pelas lalsas Columnas, visto succeder isso mesmo com relação ás verdadeiras.

Quanto ao ponto de partida, escolhido pelo anonymo, pôde offerecer-se uma duvida, que nos apressamos a dissipar. A escolha do Mar da Mancha para ponto de partida d'uma viagem, historiada por um carthaginez (veremos que o nosso phenicio era carthaginez), parecerá coisa estranha, porque como ponto de chegada é que elle está naturalmente indicado, quer o mareante sahisse de Carthago, quer de Tartesso ou Gades.

Esta duvida teria realmente peso, se podesse provar-se que o nosso documento era um roteiro de viagem para as celebres ilhas do estanho, como lembra ao primeiro relance. O que se prova porém é que o anonymo não nos descrevia apenas as costas da Europa desde o Mar da Mancha até Gibraltar, mas desde o Mar da Mancha até Marselha, pelo menos; e, attenta a feição que Avieno sem duvida alguma conservou á narrativa original, principalmente na parte que temos de estudar, pôde affirmar-se que estamos em face d'um documento, que os Gregos chamavam uma *periegesis*, destinado a satisfazer a curiosidade scientifica dos seus leitores, e só indirectamente os interesses da marinha mercante.

Posto isto, bem se vê que partir do Golpho Atlantico, para subir ao Mar da Mancha; descer d'ahi áquelle golpho, para proseguir até Marselha, como Müllenhoff suppunha que fizera Avieno, era começar pelo meio d'esta longa peregrinação, creando difficuldades e repetições inuteis, emquanto que principiar por uma das suas extremidades, que tal era o Golpho Æstrymico, além de as evitar, obedecia ás indicações do methodo mais elementar.

A escolha do Mar da Mancha como ponto de partida da descripção, nada tem pois de estranhavel; pelo contrario. E, aclarada esta duvida e em vista das considerações antecedentes, atrevemo-nos a fazer a seguinte restituição do texto, concernente á secção do Golpho Æstrymico e á introdução, que o precedia, excluindo, por prudencia, as minucias que já disse-



mos não passarem de conjecturaes, e eliminando as informações ethnographicas:

80. Terræ patentis orbis effluse jacet,
Orbique rursus unda circumfunditur.
Sed qua profundum semet insinuat salum
Oceano ab usque, ut...
85. ... est Æstrymnicus sinus.
Hic sunt columnæ pertinacis Herculis.
88. Duro perstrepuut.
Septentrione; sed loco certæ tenent
Et prominentis hic jugi surgit caput
(Æstrymnin istud dixit ævum antiquius).
Molesque celsa saxei fastigii
Tota in tepentem maxime vergit Notum.
Sub hujus autem prominentis vertice
Sinus dehiscit incolis Æstrymnicus,
In quo insulæ sese exerunt Æstrymnides,
Laxe jacentes, et metallo divites
Stanni atque plumbi;...
108. Ast hinc duobus in Sacram (sic insulam
Dixere prisici) solibus çursus rati est.
Hæc inter undas multa cespitem jacet,
Eamque late gens Hiernorum colit.
Propinqua rursus insula Albionum patet.

Estudemos agora os factos geographicos d'esta secção.

Golpho Æstrymnico; Columnas de Hercules; Promontorio Æstrymnis. — Nada mais temos a acrescentar ao que está dito e redito: — que, fixadas as Columnas nas duas margens de Calais, basta lançar os olhos a um mappa da Europa occidental, para reconhecer que o Golpho Æstrymnico, onde ellas ficavam, não póde ser senão o Mar da Mancha; o promontorio Æstrymnis, que dava começo ao golpho, o Finisterræ da Bretanha.

As indicações topographicas, relativas ás Columnas e ao Promontorio, de serem aquellas expostas aos rijos ventos do norte, e o vertice do Æstrymnis virar quasi todo para o tepido sul, são characteristics e copiadas do natural, já o disse-

*



mos. Accrescentaremos agora que ellas obrigam a percorrer toda a costa da Bretanha, desde uma extremidade á outra, isto é, um dos lados do Golpho Cestrymico, e talvez com isso contasse o anonymo, pois que em seguida nos vai fazer percorrer o outro.

Ilhas Cestrymicas; Ilha dos Hiernos; Ilha dos Albiões.
— No mesmo golpho viam-se umas vastas ilhas, *laxe jacentes*, chamadas tambem Cestrymicas, ricas em estanho e chumbo. A particularidade de serem ricas em estanho, e fóco d'um mercado activo, a que os Tartessios e colonos de Carthago concorriam (v. 113-16), diz-nos manifestamente que se trata das Cassiterides dos Gregos.

As Cassiterides têm sido identificadas com as Sorlengas, mas Müllenhoff censura um pouco rudemente os que seguem ainda esta rotineira opinião, depois de estar provado que as Sorlengas não produzem estanho; e, advertindo que as Cestrymicas são qualificadas de *laxe jacentes* e que pelo Mar da Mancha só ás Ilhas Britannicas póde ser applicada uma tal qualificação, concluia que as Ilhas Cestrymicas não eram outra coisa senão a Inglaterra e a Irlanda, ou a Ilha dos Hiernos e a Ilha dos Albiões do periplo, o que valia o mesmo.

Esta opinião é porém insustentavel em face dos textos, que distinguem formalmente entre a Ilha dos Hiernos e dos Albiões e as Cestrymicas: a Ilha dos Hiernos, dizem elles muito terminantemente, distava dois dias de navegação das Cestrymicas, a Ilha dos Albiões pegava com ellas. Uma coisa pois são para o anonymo as Cestrymicas, outra a Ilha dos Hiernos e a Ilha dos Albiões.

Por outro lado, a não ser a Inglaterra e a Irlanda, nenhuma ilha ha pelo Mar da Mancha, a que possa applicar-se a indicação não menos terminante de *laxe jacentes*. De sorte que a difficuldade parece insolúvel, muito mais dentro dos principios que estabelecemos, segundo os quaes nem um observador pratico como o anonymo podia dar-nos uma informação tão absurdamente falsa, nem Avieno, que se deixava guiar cegamente por elle, podia escrever por sua conta uma phrase tão dis-



paratada, disparatada por qualquer face que a olhemos, porque admittindo mesmo o inadmissivel, isto é, que elle reconhecesse nas Æstrymnicas as Cassiterides dos geographos gregos e romanos (o que toda a sua *Ora Maritima* desmente), havia de vêr n'ellas, como todos elles viram, um grupo de muito pequenas ilhas, das quaes só por antiphrase se podia escrever — *laxe jacentes*.

O enigma portanto parece indecifavel, repetimos, e impotente o nosso processo de explicar as obscuridades da obra de Avieno pela falsa interpretação, que deu ao seu original. Todavia nada d'isto acontece; e é já muito significativo, sob mais d'um aspecto, que só um documento phenicio, como era o nosso, possa offerecer uma solução satisfatoria e completa do escuro problema.

Sabe-se que os Phenicios, do mesmo modo que os Hebreus, intimamente aparentados com elles pela raça e pela lingua, tinham uma mesma palavra para designar as ilhas, as peninsulas, as costas maritimas, e mesmo uma região em geral. D'aqui vem que os traductores dos livros biblicos attribuem por vezes aos seus auctores o absurdo de darem o nome de ilhas a paizes que nem sombra d'isso têm, á Capadocia, por exemplo, quando o absurdo provém unicamente da má intelligencia, dada pelos interpretes áquella palavra equivocada ¹.

Foi n'um equivoco identico que cahiu o nosso poeta? Crêmos que ninguem o porá em duvida, mal se desengane que com a simples substituição da palavra *ilha* pela de *regio*, *plaga*, não só se dissipa, como por encanto, a difficuldade que parecia insolvel, mas todo o quadro topographico, que ella escurecia, se torna, além de claro, notavel pelos mesmos traços rapidos e caracteristicos, que já notamos no esboço das Columnas e do Promontorio Æstrymnis. Substituamos pois a denominação de *Ilhas Æstrymnicas* pela de *Regiões Æstrymnicas*; n'estas re-

¹ Vêr sobre este ponto F. Lenormand, *Les origines de l'histoire*, II, pag. 23 e seg.; e principalmente, Gesenius, *Thesaurus phil. crit. linguæ hebraicæ et chaldaicæ*, I, pag. 38.



giões *laxe jacentes*, ricas de estanho e lavadas pelo Mar da Mancha, é impossível deixar de reconhecer a parte meridional da Inglaterra, desenvolvendo as suas vastas costas desde o Passo de Calais até á ponta da Cornwall.

Entre as *Æstrymnicas* e a Ilha dos Hiernos (Irlanda) havia dois dias de navegação, continua o texto. Estes dois dias de navegação são contados, é intuitivo, desde a costa occidental da Cornwall; se contamos da extremidade sul, achamos entre este ponto e a Irlanda 1:300 stadios, ou 650 por cada dia de navegação; se contamos da sua extremidade norte, que termina no Canal de Bristol, encontramos 950 stadios, ou 475 por dia ¹; e qualquer d'estes dados está tanto em harmonia com outros, especificados no nosso documento ², que também é impossível desconhecer, que a informação provém do anonymo e foi copiada ás cegas por Avieno.

Mas succede que, se a navegação de dois dias é exacta entre a Irlanda e qualquer ponto da costa da Inglaterra desde a margem esquerda do Canal de Bristol para sul, da margem direita do Canal para o norte a distancia é apenas de metade, ou menos.

N'um informador tão impecavel como o nosso já esta circumstancia faz suspeitar que as *Æstrymnicas* não ultrapassavam, pelo poente, o Canal de Bristol; e n'estas alturas salta aos olhos a decifração d'um outro enigma, até agora indecifrado, — o da *Ilha* dos Albiões, *propinqua* ás *Æstrymnicas*. Substituamos ainda a palavra *ilha* pela de região, terra; a terra dos Albiões, *propinqua* ás *Æstrymnicas*, não é evidentemente senão a parte da Inglaterra, estendendo-se pelo poente, desde o Canal de Bristol até á sua extremidade norte.

Nós havemos de vêr mais tarde que, além dos *Æstrymnidos*, os occupantes das regiões do estanho propriamente ditas.

¹ Na Irlanda tomamos como ponto de chegada de qualquer das navegações o Promontorium Sacrum.

² Nomeadamente os que marcam a navegação entre o rio Tartesso e o rio Ana, e entre o rio Ana e a bahia de Lagos. Ambas as navegações são d'um dia, a primeira equivalendo a 500 stadios, a segunda a 650.



habitavam n'ellas uns Ligures, que temos de localisar no sudeste da Inglaterra, sobre o Passo de Calais. Por isso crêmos não errar, affirmando que as *Æstrymnicas* do anonymo eram a parte meridional da Inglaterra, comprehendida entre o Mar da Mancha e uma linha tirada do Canal de Bristol para o Canal do Tamisa; a terra dos Albiões era então toda a Inglaterra desde essa linha para o norte; e nada mais exacta n'este caso do que a affirmativa de ser a terra dos Albiões *propinqua* às *Æstrymnicas*.

E da ultima evidencia, nos parece, que com a substituição pura e simples da palavra *ilha*, todas as obscuridades desaparecem, para dar logar a um esboço geographico d'uma nitidez e rigor inexcediveis, e revelando o mesmo processo descriptivo, que já relevamos atraz e que encontraremos invariavelmente seguido. Isto não pôde ser milagre do acaso; e ha só a concluir que Avieno, cahindo no mesmo equívoco que os traductores biblicos, entenebreceu ainda uma vez o que no original estava extremamente claro.

E tanta certeza temos de que o leitor, reflectindo pouco que seja nas provas que lhe exhibimos, as ha de achar irrefragaveis, que julgamos tempo perdido insistir em tal assumpto.

*
* * *

Aqui temos pois o Golpho *Æstrymnico* descripto com uma verdade e uma côr local, de que só podia dispôr um pratico intimamente familiarisado com estas regiões. Na secção seguinte vai elle tomar por ponto de partida o Promontorio *Æstrymnis*, seguindo com a sua descripção ininterruptamente pelas costas da Europa. Não ha portanto a menor duvida que o ponto inicial de partida era o Golpho *Æstrymnico* — um ponto de partida puramente ideal, devemos accentuar esta particularidade, que aliás não tem nada de estranho n'um documento como o nosso; mas com relação ao ponto de partida, pôde occorrer aos leitores uma duvida, como nos occorreu a nós: porque começar



no Mar da Mancha e não de mais longe? Para além d'elle, para além das Columnas de Calais, havia o Mar do Norte, celebre, entre outras coisas, pelo ambar que se recolhia nas suas margens e constituiu um artigo importante do antigo commercio phenicio, um mar, em summa, que os navios tyrios percorreram certamente por mais d'uma vez; e, visto isso, seria extraordinario que um velho periplo carthaginez nem sequer alludisse a elle.

Deve o anonymo ser accusado por uma omissão, a que quadra bem o epitheto de extraordinaria? E o que vamos examinar detidamente, porque o problema implica outras questões de consideravel importancia.

Principiemos por commentar as passagens de v. 375-7 e 381-86, enigmaticas e suspeitas, sobretudo por causa da sua associação. Diz-se na primeira que, além das Columnas, *propter Europæ latus*, não tinham faltado colonias phenicias; diz-se na segunda que, além das Columnas, n'uma *occidua plaga*, havia um mar nevoento e morto, como asseverava Himilcon, que o conhecera por experiencia propria. A primeira noticia pouco nos interessa agora: refere-se evidentemente ao trato da costa entre Gibraltar e o Cabo de S. Vicente. A segunda está em caso muito diverso. D'onde foi ella extrahida? Do periplo de Himilcon, diz expressamente Avieno. Mas, por ninguem poder acreditar que Avieno pozesse a vista no periplo de Himilcon, cujo texto nenhum escriptor grego ou romano logrou conhecer, a affirmativa do poeta tem sido considerada como uma banalidade abaixo de toda a critica. Se porém é pouco menos de certo que Avieno nunca viu o periplo de Himilcon, é muito mais que provavel que o tivesse visto o anonymo; e resta saber se n'este ponto, como em todos os outros da descripção do ultimo occidente, Avieno não reproduziu textualmente o seu original.

É d'esta hypothese que vamos partir. Se a informação era dada pelo anonymo, não podia elle pôr na bôca de Himilcon a affirmativa de ter explorado um mar defronte de Gibraltar, n'uma *occidua plaga*. Defronte de Gibraltar havia apenas a



solidão do Atlantico, de que os Phenicios tinham horror, e onde Himilcon nada tinha que ir fazer; mas, afóra isso, sabe-se positivamente que a missão de Himilcon consistiu em reconhecer as costas occidentaes da Europa na direcção do Mar do Norte, como a de seu irmão Hannon, de reconhecer as da Africa na direcção do Mar Austral. De Hannon sabemos nós mais pelo seu proprio relatorio que passou muito além da Columna libyca, e, a crê-lo, sem o receio da falta de mantimentos seria capaz de fazer a circumnavegação da Africa.

Não é de suppôr que Himilcon se mostrasse menos arrojado que o seu emulo e estacasse diante das Columnas de Calais, muito mais devendo saber que já antes d'elle os navios tyrios tinham avançado para além d'ellas. É portanto quasi certo que Himilcon explorou o mar além das Columnas de Calais, o famoso mar de nevoeiros, e o que desde já se vê é que a nossa noticia, applicada áquellas Columnas e áquelle mar, tem um character accentuado de verdade historica. E ha de notar-se tambem que a pintura d'esse mar nevoento e quasi innavegavel, attribuida a Himilcon, se ajusta excellentemente ao muito celebre Mar Cronio, e de modo algum ao oceano fronteiro a Gibraltar.

Estas coincidencias são significativas; mas vamos analysar outras que ainda o são mais. A v. 116-29, torna Avieno a responsabilisar Himilcon pela affirmativa de ter percorrido o sinistro mar de nevoeiros, e agora accrescentaria o almirante punico que não tinha gasto menos de quatro mezes na sua exploração.

Esta passagem tem sido capitulada como a repetição fastidiosa da precedente; mas está muito longe d'isso. A informação é-nos dada d'esta vez a proposito das *ilhas Æstrymnicas*, d'essas Æstrymnicas que Avieno imaginava n'uma *occidua plaga*, defronte de Gibraltar, mas nas quaes, por ter copiado o periplo, nos forçou a vêr as costas meridionaes da Inglaterra e nomeadamente a Cornwall. Não era pois ao mar d'além das Columnas de Calais, ao Mar do Norte propriamente dito, que se referia a supposta repetição da noticia; era ao mar que se



para a Inglaterra da Irlanda; e se, pelo que sabemos da missão de Himilcon, é extremamente provavel que elle explorasse o Mar do Norte, póde ter-se como certo que explorou o mar que separava a Inglaterra da Irlanda, mal se repare em que este mar lavava as famosas regiões do estanho, cujo exame minucioso o governo de Carthago não podia deixar de recomendar-lhe.

As duas noticias, attribuidas a Himilcon, são portanto absolutamente diversas; referem-se a paragens differentes; se a primeira tinha todos os visos d'uma verdade historica, a segunda ainda os tem maiores; emfim, se a primeira podia deixar alguma duvida sobre ser ou não copiada do periplo, a segunda tão intuitivamente o é, que já mostramos como d'essa cópia inconsciente resaltou a rigorosa pintura das verdadeiras *Æstryrnicas*, que o nosso poeta phantasiava defronte de Gibraltar. Ora a authenticidade d'uma afiança a authenticidade da outra; e escusado é accentuar que ambas ellas se tornam absurdas e disparatadas, unicamente por serem applicadas ás falsas *Columnas* e ás falsas *Æstryrnicas*. Não podia isso deixar de succeder, attendendo ás illusões que obcecavam Avieno.

Em face de provas tão claras, parece-nos cegueira não acreditar que as duas preciosas informações as extrahiu Avieno do anonymo e este do periplo de Himilcon. Mas pergunta-se além d'isso se ambas ellas se não completam, e nos não deixam inferir com soffrivel segurança qual foi a tarefa do explorador por esses mares que tão sinistra impressão lhe causaram; pensamos na circumnavegação das Ilhas Britannicas, para reconhecimento das suas costas.

Já em si a empreza nada tem de surprehendente n'um emulo de Hannon, que devia levar, como este, as mais instantes recommendações para proseguir até onde podesse no descobrimento dos paizes, que o governo de Carthago anciava conhecer; e se, pelo que acima expozemos, é pouco menos de certo que elle percorreu o mar além de Calais e o mar que separava a Inglaterra da Irlanda, bem se vê que circumnavegar as Ilhas



Britannicas¹, pelo menos a Inglaterra, não era empreza mais difficil e perigosa, do que entrar pelas Columnas e sahir por ellas depois de percorrer as costas do Mar do Norte, para costear a Inglaterra pelo sul e ir em seguida percorrer o mar que a cercava pelo poente.

Mas ha uma particularidade que nos parece dar uma base positiva á nossa hypothese. E na segunda informação e a proposito de Cornwall, já o dissemos, que Himilcon declarava não ter gasto menos de quatro mezes na sua exploração. Não é licito suppôr que o almirante via na Cornwall o ponto de chegada da sua audaciosa empreza, como via nas Columnas, mencionadas na informação precedente, o seu ponto de partida? E não é isto dizer-nos quasi claramente que torneou as ilhas pelo norte?

Seguindo da Cornwall para o Calais ao longo da costa meridional da Inglaterra, Himilcon completava a sua circumnavegação, vindo fechal-a no ponto em que a começára, e podendo voltar a Carthago com a consciencia segura de ter desempenhado plenamente o seu penivel encargo.

Valha o que valer esta parte da nossa interpretação, do que não pôde duvidar-se, crêmos nós, é que as duas noticias discutidas não são uma banalidade, conforme se tem sustentado, mas copiadas por Avieno do texto do periplo — noticias historicas, documentadas no relatorio de Himilcon, e que o anonymo tinha obrigação de conhecer.

¹ Tão exacta nos parece em geral a observação seguinte de F. Rougemont, *L'âge du bronze*, pag. 122, que não podemos deixar de a especificar: «L'importance du commerce que les Tyriens de Cadix faisaient non seulement avec la Cornouailles, mais avec toutes les îles Britanniques, resulte d'une manière frappante de la géographie de Ptolémée. Ce savant d'Alexandrie copiait son predecesseur immédiat, Marin de Tyr, qui avait tiré sa description de la terre et sa mappemonde de sources pheniciennes. Or la carte que Ptolémée nous trace de l'Irlande, est plus exacte que celles de toutes les autres contrées; les grandes anfractuosités des côtes y sont marquées avec une précision surprenante, et la cité plus importante de île est un port de mer situé vers le nord-ouest. L'Irlande était au contraire, pour Strabon, Pline, Tacite, une terre presque complètement inconnue».



Não faltavam pois da parte d'este allusões aos mares do norte — era este o ponto que provocou esta discussão — justificando com ellas o motivo por que só do Mar da Mancha começava o seu trabalho; é que além d'ellas nada havia de notavel, como expressamente asseverava Himilcon, o paciente explorador d'aquellas mal afamadas paragens.

Tem de concluir-se que Avieno deturpou duas vezes a geographia do anonymo, já apropriando ás Columnas de Gibraltar o que tinha sido escripto para as Columnas de Calais, já inserindo no lugar, em que o periplo fallava do Estreito de Gibraltar, uma noticia que elle inseria a proposito de Calais, e portanto no principio da narrativa. A primeira deturpação dispensa qualquer commentario, conhecida a idéa fixa do poeta ácerca da identidade das suas Columnas e das do anonymo. A segunda é originada decerto pela mesma idéa, e secundariamente pelas conveniencias do nosso erudito. Nós vemos com effeito a noticia enfeixada com quantas outras elle pôde colher nos seus queridos auctores gregos sobre o Estreito de Gibraltar; e, como não distinguia entre o Calais e Gibraltar, e não podia deixar de parecer-lhe indifferente inserir no principio da narrativa, ou mais tarde, uma informação concernente ao que suppunha uma unica localidade, a alteração que nos occupa tem mesmo uma certa razão de ser, attento o proposito de querer reunir todos os dados que lhe fornecia a sua erudição e habilitar d'este modo o leitor a conhecer a fundo o celeberrimo estreito.

Não conseguiu porém senão mostrar mais uma vez que não podia impunemente deslizar do trilho, por onde o guiava o anonymo. Da deslocação, que lhe parecia indifferente, nasceu com certeza um absurdo tão flagrante, que tratou de remediar como pôde, sem reparar que cahia n'outro maior. O leitor talvez já o entrevisse, quando lhe fallámos da suspeita associação das duas passagens (v. 375-7 e 381-86). Como é que além das Columnas não tinham faltado colonias phenicias, segundo se lia na primeira, se na segunda se affirmava que além d'estas mesmas Columnas só havia o mar nevoento e morto tão lugubremmente pintado por Himilcon?



Vê-se que a contradicção era flagrante demais, e sem duvida, para a desfazer, inventou o nosso poeta a sua *occidua plaga*, que, contraposta á phrase — *propter Europæ latus* — conciliava tudo dentro da sua concepção geographica: além das Columnas não tinham faltado colonias punicas, mas era *propter Europæ latus*; lá para longe, n'uma *occidua plaga*, é que se encontrava o mar quasi innavegavel de Himilcon. D'este modo a contradicção parecia salva; parecia, porque a verdade era que, se as coisas se compunham por um lado, descompunham-se por outro. Sendo quasi innavegavel o mar descripto por Himilcon, e imaginado pelo poeta n'uma *occidua plaga*, fronteira a Gibraltar, como é que se encontravam ahi as Ilhas Æstrymnicas, occupadas, segundo os v. 112-16, por uma população activa e laboriosa, com a qual costumavam commerciar os colonos carthaginezes, nomeados linhas antes, um mar que os Æstrymnidos percorriam habitualmente (v. 101-2)?

Inutil advertir que na geographia do anonymo é tudo d'uma limpidez extrema; o mar quasi innavegavel de Himilcon ficava para norte, e provavelmente muito para norte das Columnas de Calais; os mares percorridos audaciosamente pelos Æstrymnidos eram o Mar da Mancha e o que se interpunha ás Æstrymnicas e Irlanda. Em summa, os mares da tetrica pintura de Himilcon não eram senão o mar polar — uma nova prova em favor da circumnavegação das Ilhas Britannicas, que suggerimos ainda ha pouco. Avieno, vindo amalgamar tudo isto n'uma *occidua plaga* em frente de Gibraltar, é apanhado em flagrante delicto de ter inventado aquella phrase, já sabemos por que razão, dando-nos ao mesmo tempo a inteira certeza de que, no seu entender, o horisonte geographico do anonymo não ultrapassava o paralelo do Cabo de S. Vicente.

Em vista das considerações expendidas, não hesitamos em completar a restauração do texto, relativo ao Golpho Æstrymnico, inserindo logo depois do v. 89 a celebre passagem do v. 381-86, na intima convicção que foi ahi, onde o nosso poeta a encontrou:



Ab his columnis gurgitem esse interminum.
 Late patere pelagus, extendi salsum,
 Himilcon tradit: nullus hæc adiit freta:
 Nullus carinas æquor illud intulit,
 Desint quod alto flabra propellentia.
 Nullusque puppim spiritus cæli juvet:
 Dehinc quod ætheram quodam amictu vestiat
 Caligo, semper nebula condat gurgitem
 Et crassiorem nubilum perstet die.

Podemos agora resumir d'um modo mais completo os factos que compõem a secção do Golpho Æstrymnico. Desde o Promontorio Æstrymnis, cujo vertice volta quasi todo ao tepido sul, até ás Columnas de Hercules, expostas aos rijos ventos do norte, estende-se um dos lados do Golpho Æstrymnico. Para além das Columnas fica um mar sem fim, coberto por espessos nevoeiros, e em parte quasi morto, consoante o testemunho de Himilcon, que o viu com os proprios olhos. Das Columnas e na direcção da Irlanda estende-se o outro lado do golpho, formado pelas vastas costas Æstrymnicas, ricas de estanho e de chumbo, e centro d'um commercio activo, a que, entre outros, concorrem habitualmente os Tartessios e os colonos de Carthago. Pegada com estas regiões está a terra dos Albiões, e a dois dias de navegação para poente a Irlanda.

Os traços, com que é esboçado este quadro, não podem ser mais nitidos, nem mais exuberantes de verdade, ha de confessar-se; e não foi decerto por culpa do anonymo que o original da sua cópia não tem sido reconhecido ao primeiro relance; ha de porém confessar-se igualmente que se não pôde ser mais sobrio, nem mais laconico.

Nós chamamos toda a attenção do leitor para este processo descriptivo tão caracteristico, e ainda para a fidelidade, com que Avieno, forçado a ser um simples copista, teve de o reproduzir na grande maioria dos casos, porque ambos os factos têm verdadeira importancia, como a cada passo havemos de verificar.

Gulmarães. 2 de dezembro de 1801.

F. Martins Sarmento.



IDÉAS E FACTOS

REVISTA DA IMPRENSA ESTRANGEIRA

Summario: *As idéas moraes do tempo presente*, por E. Rod — *A litteratura nos Estados-
Unidos da America*, por G. Parsons Lathrop — *As doenças da instrucção*, por Antol-
ne Albalat.

As idéas moraes do tempo presente, por E. Rod.

(*Les idées morales du temps présent*, par Edouard Rod. Perrin & C^{ie}, Paris, 1891)

Eduardo Rod, n'um livro que merece uma versão completa para a nossa lingua, procura determinar as opiniões que certos guias do pensamento moderno, em França, têm professado sobre os problemas essenciaes da moral. A Renan, Zola, Bourget, Julio Lemaitre, E. Scherer, Dumas, Brunetiêre e o visconde do Vogüe juntou dois estrangeiros, Schopenhauer e Leão Tolstoi, pela influencia consideravel que estes dois ultimos exerceram no movimento dos espiritos no Occidente; excluiu todavia dos seus estudos os philosophos e moralistas de profissão (Schopenhauer foi mais um escriptor que um philosopho) que não tiveram no publico uma acção directa. A cada um dos nomes apontados consagra o auctor um capitulo especial. Na impossibilidade de os reproduzirmos mesmo summariamente, limitamo-nos a dar conta das conclusões finaes d'este balanço moral da litteratura franceza contemporanea. Abrimos uma excepção para duas paginas sobre Paulo Bourget, já porque os seus romances são largamente conhecidos entre nós, já tambem e principalmente porque n'essas paginas melhor do que quaesquer outras poderão revelar ao leitor as tendencias criticas de Eduardo Rod. Todavia, só uma traducção integral de todo o livro nos satisfaria para mostrarmos o superior preço em que o temos, pois trata magistralmente a mais alta das questões contemporaneas, inspirando-se nos mais sãos e vivificantes sentimentos.

OS PECCADOS DE PAULO BOURGET. — Parece que um escriptor inclinado pelo seu temperamento a procurar o bem, tendo che-



gado a comprehender pela reflexão as condições em que o encontramos, devia sem mais hesitações descobrir o seu caminho definitivo; penetrado da alta importancia que tem para as sociedades modernas o repudio dos habitos de espirito que, brilhantes, especiosos, distinctos, são todavia perniciosos, romperia francamente com elles, e, violentando se necessario fosse a sua intelligencia obstinada, estabeleceria o equilibrio do seu pensamento sobre uma base de fé voluntaria. Será talvez o termo ultimo da evolução de Bourget, mas n'este momento prendem-n'o ainda dois obstaculos, que precisamos explicar.

O primeiro d'estes obstaculos é o amor da elegancia mundana, que é n'elle tão natural como o amor do bem. Já no prefacio de *Edel*, o poema ideal do futuro parecia-lhe ser um poema «de sapatos de polimento e de casaca preta». Ora, se em outros pontos mudou muito, conservou-se fiel a este ideal da mocidade. Os seus romances passam-se quasi todos entre fidalgos, nos arredores do parque Monceau, com incursões no bairro de Saint-Germain. Bourget não se contenta em descrever com admiração objectos innumeraveis e graciosos, cuja posse faz o luxo e cujo uso faz a elegancia, impregna-se d'este luxo e d'esta elegancia, deixa-a invadir todo o seu sèr, e é seduzido por ella até ao ponto de esquecer o bem pelo bello e talvez mesmo pelo lindo. Dir-se-ia que está sempre prompto a perdoar ás suas heroínas os maiores peccados a troco da finura das suas roupas. Nos deliciosos salões em que o encerra, o mal conserva-se excessivamente seductor para não ser perdoavel: as suas mulheres mais culpadas desatam nos seus *rendez-vous* tão encantadores espartilhos que nos sentimos cheios de indulgencia para a perversidade do seu coração. Cria aos seus personagens uma atmosphaera voluptuosa, que se reflecte no auctor e nos leitores, e em que as sensações dôces, sabiamente multiplicadas, amollecem a vontade, embalam a consciencia n'um meio somno pouco favoravel ás reacções salutaes. É que o amor do luxo e da elegancia concilia-se mal com o da virtude. A virtude, tal qual a concebe o mundo moderno desde a vinda do christianismo, é humilde, pobre, *popular*. Desde que Jesus o disse, é diffi-



cil a um rico entrar no reino dos céos. E isto explica-se: como haveis de dar á vossa alma os cuidados que ella reclama, se consagraes tanto tempo a cuidar de joias, de rendas, ou mesmo de lapis com uma perola na extremidade e das orchideas que ricamente vos enfeitam a mesa? Este luxo refinado que daes á vossa carne, não a leva a cahir? A carne — segundo o pensamento christão e moderno — é a fonte de todo o mal, a sua belleza perde-a, o que se faz por ella é peccado. Só a alma importa, e a alma é mais bella n'um corpo emaciado vestido de burel, que n'um corpo pomposo vestido de sêda. De resto, a perfeição moral implica o desprendimento do mundo, ao qual pelo contrario nos ligam os mil laços da vida elegante, de tal fórma que Bourget encontra a descrevel-a alegrias ineffaveis e que nada têm de philosophico.

O segundo obstaculo — mais grave — que fecha a Bourget o caminho da redempção, é a qualidade dominante do seu espirito, a que dá sabor a todas as suas obras, aquella a quem deve o melhor do seu triumpho: a sua intelligencia. Com effeito, através dos seus livros Bourget apparece promptamente como uma das intelligencias mais completas e mais largas do seu tempo. Nenhuma manifestação do pensamento lhe escapa: com uma maravilhosa facilidade que faz pensar no «proteismo» de Amiel, sahiu de si, penetrou a camada dos prejuizos que a educação devia ter deixado dentro d'elle, e, sem perder coisa alguma do que devia á sua cultura, comprehendeu os poetas reprovados como Baudelaire, os romancistas fóra de toda a tradição como Stendhal, os escriptores estrangeiros mais afastados do genio francez. Disse que os *compreendeu*, no sentido mais largo da palavra, isto é, que se identificou com elles tanto quanto devia para o seu desenvolvimento, que se enriqueceu com as suas idéas assimilando-as, que se multiplicou pelo seu poder, que se lançou em todas as correntes creadas por elles, que as seguiu sem se abandonar ao seu impeto, sempre com a cabeça fóra da agua e pondo-se a pé antes da cascata. Uma tal faculdade é admiravel. Mas é precisamente a que Bourget admirava nos decadentes e nos dilettantes, e quando a deixamos funcionar livremente



te, quando a levamos ao grau de acuidade a que elle a levou, ficamos perpetuamente improprios para a acção e, deve dizer-se, incapazes de assentar o pensamento n'um equilibrio estavel. Ainda mais que os refinamentos da elegancia, os refinamentos da intelligencia são incompativeis com a virtude. Todas as riquezas, as riquezas immateriaes como as outras, encerram interiormente o seu germen de ruina, a punição das alegrias que dão: o reino dos céos só se abre aos pobres de espirito. Como havia de ser d'outro modo? O rico prende-se excessivamente ás suas terras, ao seu ouro, aos seus palacios; o homem intelligente está excessivamente preso ás idéas para que as possua em lugar de pertencer-lhes. Da mesma maneira que a fortuna não se faz senão com ruinas, a intelligencia não adquire senão destruindo. Lançada através do terrivel problema do bem e do mal, por pouco que se perca até ao fim dos seus postulados, suprime-o. É que viu demasiadamente bem, que tudo se prende, na machina complicada da moral e da religião, é que sabe muito bem que a ausencia d'uma só pedra faz desabar todo o edificio, é que precisamente não pôde desenvolver-se senão arrancando, para vê-las de mais perto, algumas d'estas pedras preciosas, que é incapaz de repôr no seu logar.

A intelligencia é negativa: eis o factio brutal cuja certeza é preciso lealmente reconhecer. É por ter sacrificado demasiadamente ás suas exigencias que Bourget, como os mais distinctos entre os homens da sua geração, está condemnado a fluctuar entre experiencias e contradicções, sem nunca achar a harmonia entre as aspirações da sua razão pratica e o seu incuravel scepticismo.

É certo que, considerados relativamente ao espirito pratico da gente convencida, os livros de Bourget não são bons livros. Mas ao lado da moral que quer guiar os actos, ha a que quer guiar o pensamento; e este não pede ao escriptor que exerça uma acção que se confundiria com a do philanthropo. Que elle attraia sobre os problemas complicados da vida a attenção dos homens tantas vezes distrahida por futilidades, que discuta com elles, que os leve ao aperfeiçoamento da sua intelligencia, que



lhes purifique o pensamento, que os arranque ao materialismo dos interesses, ás tyrannias dos factos exteriores, aos desvairamentos da irreflexão, que os torne conscientes das forças mysteriosas que a sua incuria deixa dormir no fundo d'elles mesmos, e será elle tambem, segundo as suas forças, a seu modo, um valente operario, um bom lavrador. Os que têm o mais nobre cuidado das coisas da alma, apesar de tudo, não condemnarão os romances de Bourget, e, para esses, os seus livros serão bons livros.

BALANÇO MORAL DA LITTERATURA CONTEMPORANEA. — Á primeira vista as idéas moraes dos contemporaneos parecem uma confusão. O character essencial de toda a moral é com effeito, ser geral o mais possivel, isto é, poder servir a um grande numero de sêres; a moral individualista é um absurdo. Além d'isso, é necessario que as suas regras sejam fixas, sob pena de se prestar a compromissos, e, por consequente, de se tornar impotente. Ora a maior parte dos nossos contemporaneos parecem ter esquecido estas duas leis elementares: levados pela corrente individualista que arrastou este seculo e á qual, em certas materias, este seculo deve a sua grandeza, introduziram o individualismo onde mesmo elle não podia ser mais que um fermento de corrupção. Em lugar do sacrificio do *eu*, sobre o qual assenta toda a concepção um pouco elevada do bem, procuraram e alcançaram o triumpho do *eu*. A sua razão impertinente, de insaciaveis exigencias, a sua intelligencia, subtil até á perversidade, a sua viva curiosidade, indiscreta, invasora, a pretexto de revel-os, destruíram os codigos instituidos e sancionados pelas tradições. As suas bases eram talvez frageis, mas sustentavam-se pela sua massa: e não resistiram ao alvião que lhes cortava as bases mal assentes. E sobre as ruinas da imponente cathedral, cujas flechas vistas de baixo pareciam tocar o céu, elevou-se uma multidão de pequenas capellas; as melhores não vão muito alto; as suas portas estreitas só se abrem a um pequeno numero de fieis. Por outras palavras, fabricamos correntemente a nossa pequena moral pessoal, boa para nós e para os nossos, adaptada ás necessidades particulares da nossa consciencia, com as attenuações e as excepções ne-

*



cessarias. E esta, creio, a impressão que nos deixa a leitura dos nossos principaes escriptores, considerados relativamente ao ponto que tratamos.

Mas nas obras que examinamos, mesmo nas mais complexas, as mais confusas, as mais ricas em contradicções, pudemos todavia distinguir certos traços communs, que nos permittiram ligar a idéas geraes os escriptos diversos d'um mesmo escriptor. Do mesmo modo, examinando bem, acabamos por distinguir traços communs entre obras muito diversas, assignadas com nomes muito differentes. É assim que vemos logo formarem-se dois grupos, que se confundem algumas vezes mas que todavia se tornam distinctos: os negativos e os positivos, se quizerem aceitar estas expressões, quer dizer, os que tendem a destruir e os que tendem a reconstruir. Depois, tratando a chronologia das obras com aquella liberdade que a propria confusão da nossa época auctorisa, poderemos verificar que a classificação que acabamos de indicar não é artificial e que, da mesma maneira que assenta em caracteres certos, corresponde aproximadamente a datas e factos. Quando tivermos indicado summariamente esses caracteres, essas datas e esses factos, teremos terminado a nossa tarefa, porque para ir mais longe seria necessario sahir do dominio da critica e entrar no das prophecias.

Á frente do grupo dos negativos, que fundou e dirige, vai Renan, com os seus modos de grande sacerdote do Nada, admiravel de resto, d'uma tão maravilhosa intelligencia, d'um talento tão maleavel, d'uma seducção tão irresistivel, que reuniu á volta de si os espiritos mais brilhantes da geração que o segue e que elle continúa a dominar. Representa o scepticismo absoluto e satisfeito: o scepticismo dogmatico, se me é permittido juntar estas duas palavras que parecem contradizer-se e que na realidade, tomando cada uma no seu sentido mais rigoroso, bastam apenas, assim reunidas, para exprimir o meu pensamento. A doutrina devia ser tanto mais contagiosa quanto, accomodando-se a todas as coisas, não exclue um vago e delicioso mysticismo, quanto mais se envolve em formulas delicadas, quanto mais agradavelmente adoptou a terminologia das dou-



trinas tradicionaes e brinca com palavras, como Deus, Infinito, etc., depois de as ter despojado da sua significação classica, e quanto, emfim, offerece aos seus adeptos volupias d'uma essencia superior, quasi paradisiacas. Assim foi feliz: tornou-se a religião dos espiritos cultivados, aos quaes repugna absolutamente o materialismo do genero conselho municipal; foi talvez a corrente mais poderosa d'este ultimo meio seculo.

A esta corrente veio juntar-se uma outra: o pessimismo, cuja lei foi prégada por Schopenhauer, e que, deformado, exaggerado, e, é preciso dizel-o, vilipendiado pelos discipulos e commentadores, forneceu dogmas aceitaveis para certos espiritos que o scepticismo renaneano não contentava. Estes exaggeros e estas deformações, que deviam perdel-o, fizeram o seu triumpho momentaneo, assim como fizeram o seu perigo. Em si, com effeito, o pessimismo é mais uma doutrina sã e forte que outra coisa: Brunetière demonstrou-o algures com uma rara superioridade. Mas, por pouco que nos desviemos ou que simplesmente cedamos ás suggestões da sua phraseologia, conduz á misanthropia, ao egoismo, á seccura do coração. Desenvolve principalmente um defeito deploravel, o defeito por excellencia dos escriptores, eterno escolho das mais bellas intelligencias: o orgulho. — A este rio juntou-se um terceiro affluente: Renan partiu d'uma fé cega na sciencia; a mesma fé, que não devia satisfazel-o por muito tempo, produziu tambem o naturalismo: uma doutrina mal sazoadada, feita d'uma grande necessidade de certeza e d'uma grande ingenuidade, ao mesmo tempo affirmativa e destructiva, peremptoria e limitada. Graças ao talento dos seus mestres mais brilhantes, o naturalismo prestou incontestaveis serviços á causa das letras puras; mas assentando n'uma falsa concepção da sciencia e sobre conhecimentos scientificos de resto excessivamente rudimentares, em breve mostrou a sua insufficiencia, principalmente quando espiritos sem ponderação se lembraram de leval-o até ás suas ultimas consequencias. Estas tres correntes, de forças e de qualidades diversas, reuniram-se n'uma só, que circulou com um poder irresistivel desde 1848 (*L'Avenir de la Science*) até 1886 (*Le*



Roman Russe), se as idéas podem encerrar-se em datas precisas. Seria injusto e excessivo dizer que arrastaram tudo; mas arrastaram quasi tudo. Conscientemente ou inconscientemente, sem cuidar do que os espera ou com rapidas visões dos perigos a que se sujeitam, Lemaitre, Bourget, Scherer e tantos outros, todos se abandonaram á corrente. Para sermos completos, seria necessario ainda medir a acção das doutrinas negativas na consciencia pública, porque penetraram n'ella profundamente; podemos verificá-lo, lembrando o que se lia ha vinte annos, a violencia, a pressa e a irreverencia com que n'um dia, depois d'essas leituras, nos livravamos das crenças da nossa mocidade, e melhor ainda relendo os processos de certas coisas celebres.

Por certo, os escriptores que reunimos n'este primeiro grupo differem muito uns dos outros: de Zola a Renan vai longa distancia. Mas têm todavia traços communs, que permitem ao critico aproximal-os como permittiram ás suas doutrinas exercerem conjunctamente uma acção parallela. Primeiro, são indifferentes ás questões de moral, ou, quando as examinam, é apenas pelo seu interesse esthetico ou para tirar d'ellas interesse litterario. Por outras palavras, o *Bem* não os interessa, ou só os interessa com a condição de ser *Bello*, e bello d'uma certa belleza, adornado com o brilho facticio que a arte póde dar-lhe. — Esta indiferença leva-os naturalmente á doutrina da arte pela arte, que aceitam e professam mais ou menos francamente: ás vezes, como Bourget, procuram fugir-lhe, condemnam-na, combatem-na; mas, por mais que façam, sob uma ou outra fórma conservam-se seus adeptos; entrou-lhes no sangue. O seu esforço principal não vai além d'uma bella disposição das palavras e das idéas, e a maior parte das suas concepções oscillam entre estas duas proposições, a primeira das quaes serve de programma aos realistas e a segunda aos idealistas: «O escriptor não é um medico: mostra o mal e deixa aos outros o cuidado de curá-lo»; — «o pensador não é pastor d'almas: pensa como a planta floresce, goza com o seu pensamento e, se póde, faz que os outros gozem d'elle tambem». Tratam a religião como a moral: desprezam-na ou riem-se d'ella, ne-



gam-na ou convertem-na em brinquedo. Os de temperamento sentimental declaram suspirando que os antepassados eram muito felizes entrevedo Deus, o Paraiso, a Eternidade no fim das cerimoniaes do culto, e que estas convicções davam á vida um encanto e simultaneamente uma solidez que ella já não tem. — Muitas vezes pedem á sciencia o que já não esperam da religião. Mais ou menos ingenuos, mais ou menos obstinados, aceitam voluntariamente as suas hypotheses como certezas: o proprio Renan não tem na historia uma confiança quasi tocante?... Zola sóbe a uma tripeça cada vez que falla das grandes leis da sciencia, e Bourget prima em descobrir leis psychologicas em todas as saias das suas heroínas. — Estes traços, repito, são communs ao grupo dos negativos. Sem duvida, cada um dos que o compõem, não os possui todos, mas cada um possui pelo menos alguns d'elles. Reconhecer-se-ha pois, que este grupo, apesar das apparencias, é bastante homogeneo. É diversificado, tanto quanto o exige a infinita variedade do pensamento moderno e a infinita variedade dos temperamentos, e não obstante apresenta uma incontestavel unidade.

Todavia, mesmo na maior vida do periodo negativo, alguns espiritos investigadores, d'aquelles que têm o raro poder de isolar-se e de resistir ás correntes em que se lançam as maiorias, comprehenderam ou presentiram os perigos sociaes das doutrinas que triumphavam. Procuraram então reagir e conjural-os. Talvez na origem não vissem tão longe como mais tarde quizeram dizer, e apenas se contentassem em obedecer aos seus temperamentos particulares; mas, seja como fôr, ao lado do grupo negativo formou-se pouco a pouco um grupo positivo. N'este encontramos primeiro os independentes Dumas, filho; em geral, a sua reacção tem por inicio uma impressão profunda produzida pelos espectaculos da injustiça ou da miseria. No desejo de lutar contra o mal, pedem remedios á sua imaginação que, mais ou menos fecunda, lh'os fornecerá sob a fórma de revisão dos codigos, leis novas, decretos do governo. Não irão além do empirismo. — Ao lado d'estes vieram collocar-se espiritos talvez menos originaes, menos creadores, mas mais philosophicos. Igual-



mente convencidos da necessidade d'uma reforma dos costumes, comprehendem além d'isso que uma tal reforma não pôde sahir do cerebro d'um homem, que tem necessidade d'uma experiencia mais larga que a experiencia individual; que necessita, emfim, uma sancção. Esta sancção vão procural-a na tradição que é, como Taine tão bem o disse, a experiencia dos povos; Brunetiere é o mais completo e o mais auctorizado representante d'este grupo. — Todavia, espiritos mais philosophicos ainda e mais rigorosos não podem furtar-se a observar que a tradição não é uma auctoridade sufficiente; é mobil, modifica-se de seculo para seculo, de paiz para paiz, presta-se a muitas interpretações differentes, é apenas um guia incerto e o seu dominio fica em todo o caso muito limitado. Só a religião pôde ao mesmo tempo regular o pensamento e a acção. É pois a ella que precisamos dirigir-nos, pedindo-lhe, como fez Tolstoï, não agouros problematicos sobre a vida futura ou sobre os problemas da metaphysica, mas ordens formaes sobre a conducta da vida presente. Para estarmos certos de interpretar exactamente as suas ordens, é preciso entrar na religião pratica, á qual a Egreja deu a sua fórma definitiva, determinada, immutavel, n'esta religião catholica, que é ao mesmo tempo uma politica e uma moral. E este pelo menos o termo a que devem chegar necessariamente as deducções de M. de Vogüe ou de Desjardins, cuja acção, ha dois ou tres annos, cresce continuamente.

Se agora procurarmos os traços que podem caracterisar este grupo e marcar a sua homogeneidade, acharemos que são precisamente os mesmos que os do primeiro grupo, mas em sentido inverso. Todo o interesse que os primeiros ligam ás questões estheticas ou litterarias, transferem-no os segundos para as questões moraes, que de bom grado põem no primeiro plano e cuja grandeza, utilidade e importancia gostam de mostrar. — Do mesmo modo romperam com o culto que os negativos tinham votado á sciencia: respeitam-na, mas não aceitam sem reservas as suas deducções, e principalmente procuram verdades que a sciencia não tem a pretensão nem o poder de nos dar. Em duas palavras: trabalham fóra da sciencia, recusando-lhe o



imperio universal que os outros tentaram dar-lhe. — Em compensação, não estão longe de dar á religião o que recusam á sciencia; posto que alguns d'elles se conservem fóra da Igreja, posto que talvez na maior parte (não sei, supponho-o) sejam mediocres fieis, pouco assiduos no culto, recusando-se á confissão; se, n'um canto do seu coração ainda mundano ou do seu cerebro, que é a final um cerebro de homens de letras, conservam talvez duvidas gravissimas sobre os mais importantes dos artigos de fé, esforçam-se todavia pela submissão, fazem quanto podem para vergar o orgulho do seu espirito; alguns até, á força de vontade, chegam a ter a illusão de fé. Quem sabe se não chegarão até á fé? Quem sabe principalmente se o seu esforço não aproveitará a outros? Se, graças a elles, os mais simples não acabarão por aceitar inteiras as «verdades» perante as quaes se revoltam ainda? Tambem formam pois um grupo ao mesmo tempo homogéneo, um grupo cujos elementos, sem paridade á primeira vista, mantêm-se todavia juntos e estão como cimentados por uma argamassa de idéas communs e de caracteres communs.

Não é necessaria grande intelligencia para reconhecer que esta corrente positiva augmentava em volume e em força com quanto perdía a corrente negativa. Começou frouxamente; ha dez annos, mal se via, e a gente sagaz, que gosta mais de lér no futuro que no presente, predizia, não sem apparencia de razão, a proximidade d'uma éra nova, em que, abandonadas as duas velhas muletas da humanidade, a moral e a religião caminhariam na via do livre pensamento, debaixo do sol da sciencia. E eis que os factos estão dispostos a desmentir estes agouros. A humanidade novamente se apoia nas velhas muletas, que talvez valham pouco, mas que, bem ou mal, emquanto não lh'as dão melhores, asseguram o seu tremulo caminhar: uma moral irracional, incompleta, insufficiente, é verdade, mas simples, fixa, solida; uma religião que não é certa, que não é *provada*, mas que se adapta á consciencia do maior numero e que a razão, com um pouco de boa vontade, acaba sempre por aceitar. De fórma que muitas idéas e crenças, que poderíamos julgar defini-



tivamente cahidas em desgraça, quasi no ridiculo, voltam ao seu antigo logar; e os moços de hoje recomeçam a celebrar a moral e a religião com o mesmo enthusiasmo que os rapazes de 1848 votavam á celebração da sciencia e do livre pensamento.

Póde perguntar-se se este movimento é devido á iniciativa e ao esforço das pessoas que nomeamos (Dumas, Brunetière, Vogue, Tolstoi e muitos outros) e que não são de resto senão chefes da fileira, cercados ou seguidos d'um estado maior cujo numero e brilho augmenta d'anno para anno. Por certo lhe cabe uma parte d'esse movimento, mas quanto mais decisiva parece a sua influencia, com mais segurança podemos affirmar que ella é apenas um dos factores do movimento. Ha sempre, com effeito, uma correspondencia entre a acção que um escriptor exerce sobre o seu tempo e aquella que reciprocamente este ultimo exerce sobre o primeiro. Ás vezes parece que o escriptor vem com idéas novas, mas podemos estar certos de que as encontrou em volta de si, dispersas, correndo no ar como uma finissima poeira, que escapa aos olhos ordinarios; deu-lhes a formula esperada, a imagem clara e justa, o vestido que as abriga e as poupa á morte. As grandes correntes intellectuaes não são produzidas senão pela collaboração tacita dos que recebem e dos que dão, dos ignorantes e dos sabios, do mesmo modo que nas grandes empresas, que cortam os isthmos e as montanhas, ha as economias do pobre e os capitaes do rico.

Ora existe uma perfeita harmonia entre as aspirações dos escriptores que chamamos positivos e as do mundo contemporaneo: porque os acontecimentos d'estes ultimos annos são quasi outros tantos symptomas d'uma reacção muito geral. É primeiro a Egreja que, graças ao genio d'um dos seus mais illustres pontifices, mas graças tambem ás experiencias que os seus adversarios fizeram, rapidamente restaurou a sua auctoridade e o seu prestigio que perseguições momentaneas tinham comprometido e que espiritos superficiaes podiam julgar abatida. Ao mesmo tempo o Estado, arruinado pelo triumpho prolongado dos partidos extremos, rehaviam, graças aos proprios excessos d'esses partidos, o seu equilibrio ameaçado. A Egreja e o Esta-

do, as duas forças conservadoras por excellencia, que se tinham combatido durante a crise, reconciliam-se. Nada podemos ainda conjecturar sobre o resultado das tentativas de socialismo do Estado e de socialismo religioso que se empreendem em toda a Europa; não podemos saber se conseguirão estabelecer uma paz duravel entre as diversas forças do organismo social, se, pelo contrario, apressarão a sua conflagração: mas, em todo o caso, essas tentativas, a que se consagram com ardor um imperador joven e um pontifice octogenario, mostram que os elementos defensores da ordem social estabelecida viram o perigo, comprehendem-no, e procuram combatel-o dando uma parte ás reclamações que o justificavam e aggravavam. De fórma que o mundo, que parecia caminhar com uma rapidez vertiginosa para o materialismo e para a negação, para o radicalismo e para a anarchia, parou na sua marcha e, depois d'um breve abalo, parece começar um movimento em sentido inverso. Esta reacção, cujos primeiros passos são recentes, e que a historia datará talvez do reinado de Alexandre III que a lançou no Oriente, ou do de Guilherme II que a representa no Occidente, esta reacção foi tão rapida que já ameaça levar, com as doutrinas corruptoras que encontrou no seu caminho, algumas das mais bellas conquistas do liberalismo. É assim que os paizes se apressam a fechar as suas fronteiras com o mesmo zelo que outr'ora tinham em abril-as; que os povos se armam sem trégoas como se já não inspirassem uns aos outros senão odio e desconfiança; que sorris da palavra fraternidade e que a guerra, se chega a rebentar, vai transportar-nos a épocas que hão de lembrar as dos Hunos e dos Sarracenos. Por toda a parte, em S. Petersburgo como em Roma e como em Berlim, tomando em conta a differença das instituições e dos caracteres nacionaes, repetem-se os mesmos symptomas. A França, que tinha ido mais longe que os outros paizes na direcção precedente, resistiu por mais tempo á nova corrente: e todavia parou tambem, ninguem desconhecerá que as ultimas eleições legislativas, com as agitações que as precederam, fixam a data em que um movimento parou e em que um outro começa.



Estes traços, que basta indicar summariamente porque estão no espirito de todos, revelam-nos o caracter da nossa época. Justa ou injustamente voltamos ao caminho andado pelas gerações precedentes, estamos em reacção; e a reacção moral e religiosa, que particularmente examinámos, por mais importante que seja, é apenas um episodio d'esta reacção geral. Ora este movimento é devido a circumstancias fortuitas e passageiras com as quaes desaparecerá, e d'elle não ficará senão uma pagina quasi insignificante na historia do pensamento moderno? Ou, pelo contrario, ir-se-ha accentuando e conduzir-nos-ha, a nós ou aos nossos filhos, a um d'esses periodos de ordem solida, que assentam e se prolongam sobre doutrinas vivazes, sobre caracteres estaveis, como foi, por exemplo, o seculo xvii em França? É o segredo de amanhã e é n'esta interrogação que agora terminaremos.

A litteratura nos Estados-Unidos da America, por G. Parsons Lathrop

(*New Review*)

Um ensaio por um publicista americano, que Parsons Lathrop ouviu lér publicamente, declarava que a litteratura nos Estados-Unidos gozava differentes vantagens relativamente á litteratura em outros paizes não republicanos, e entre estas o respeito proprio cada vez maior entre os auctores americanos, uma certa «fluidez de relações» entre as classes na sociedade, maior liberdade de iniciativa, superioridade de thema, e uma maior frescura e vigor no desenvolvimento da linguagem. Tudo isso é contestado pela *New Review* no artigo de que vamos transcrever alguns periodos mais caracteristicos e que melhor nos revelam o que se passa além-mar. De resto, valem apenas como confirmação d'uma velhissima verdade; isto é, de que os paizes novos, quasi inteiramente votados ao desenvolvimento da riqueza não são os mais proprios para acclamar os homens de letras. *Prius vivere, deinde philosophare*. A litteratura só floresce entre os povos amadurecidos para a civilização; a situação presente da litteratura nos Estados-Unidos póde dar-nos d'isso uma magnifica prova.

Não ha por certo coisa alguma nas circumstancias que rodeiam os auctores americanos, que os convidem a um respeito proprio excepcional; pelo contrario, n'essas circumstancias ha muita coisa tendente a rebaixar-lhes o proprio respeito e a mor-



tifical-os. Na Europa, a qualidade de auctor é frequentemente recompensada com distincções conferidas, em theoria pelo menos, como tributo ao talento. Os governos estrangeiros interessam-se por qualquer modo no desenvolvimento da litteratura; os Estados-Unidos não fazem assim, nenhum trabalho tem para animar ou honrar a profissão litteraria, a esta trata-se e allude-se constantemente como a qualquer coisa que não tem comparação com os negocios praticos e com o espirito popular. A carreira politica de Beaconsfield, que começou como um romancista em vóga, seria impossivel aqui. Longe de ser um auxilio para triumphar na vida publica, as obras litterarias são antes um estorvo, a não ser que o escriptor tenha anteriormente ganho direitos ao respeito, e tenha completado a igualdade no paiz dos iguaes por meios differentes da devoção á litteratura. Para ter o seu logar na communitate inteiramente approvado, um auctor deve usualmente fazer carreira por outros talentos — como homem de negocios, prégador, professor, conferente, editor, soldado, orador, jornalista, ou qualquer outra coisa.

Quanto á «fluidez de relações» entre as differentes classes, é verdade que as nossas classes não estão fixadas; mas os seus limites e barreiras são reaes e obstructivos, e o espirito que as anima é menos logico que o que regula as classes nos paizes não republicanos. Os europeus concordaram afinal em certas distincções a que obedecem; emquanto os americanos obedecem a certas relações em que *não* concordaram. No mutuo contacto das classes na Europa ha ainda muito que desejar; nunca porém fui capaz de descobrir, ou observando alli as condições sociaes, ou comparando-as na sua transposição para a litteratura, que as relações entre as classes fossem mais difficeis nos paizes estrangeiros que entre nós. N'este ponto ha na Europa muita democracia genuína, posto que não apregoada; porque a fixidez de classes define posições relativas e obvia a embaraços originados na igualdade meramente nominal, como nós a temos.

Concede-se realmente aos americanos a liberdade de iniciativa litteraria n'um grau superior. No grande movimento intellectual do nosso tempo, a emancipação do pensamento scientifi-



co e a sua applicação á critica da historia, da religião, da esthetica, a iniciativa vem da Inglaterra e da Allemanha, e não da America republicana. Mesmo na philosophia politica, os Estados-Unidos, se fossem fieis á missão com que se estabeleceram, deveriam conservar-se preeminentes. O mundo segue, em grande parte, os conselhos dos nossos primeiros estadistas; mas quem succedeu á sua inspiração? Diz-se que lemos Herbert Spencer ainda mais que na Inglaterra; mas podemos nós reclamar uma iniciativa que se aproxime da liberdade, do vigor e da profundidade d'aquelle philosopho, no estudo da sociologia, das instituições, da moral e das leis?

Na monarchia ou no despotismo, um auctor pôde estar em opposição; mas geralmente será opposição ao soberano ou á oligarchia, de cujo julgamento pôde sempre appellar para o povo. Nos Estados-Unidos, se alguma vez está em opposição, é com o povo; e teme-o. O resultado é que, apesar da vida popular ser fertilissima em casos dramaticos, em intrigas e negocios politicos, em fartas correntes das paixões humanas, em esplendores da virtude e no terror do vicio e do crime; brilhantemente comica e cheia de episodios tragicos — material maduro para o romance, para o drama, para o ensaio — difficilmente um auctor se atreve a tentar incorporar com vigor e independencia estas phases tremendas da existencia passageira, receiando a inescrutavel maioria. Apesar de observador consciencioso e admiravel, o professor Bryce não descobre nos Estados-Unidos nenhuma tendencia clara para a lei da multidão; para muitos americanos, todavia, a frequencia da applicação da lei de Lynch, procurando regular a moral das commuidades pela violencia, parece indicar que elle se engana. A mesma especie de juizo summario applica-se á litteratura, ainda que d'um modo indirecto, silencioso, menos claro; Bryce não concorda com Tocqueville que percebeu esta verdade e declarou que não ha paiz no mundo em que exista menos liberdade intellectual que nos Estados-Unidos. Por mais beneficas que de diversas fôrmas as revistas sejam para o publico, esses periodicos procuram sempre evitar que seja ferido qualquer prejuizo possivel dos seus leitores.



Accrescente-se a isto a continua e quasi irresistivel tendencia para uma certa uniformidade exterior entre os americanos, que tem sido notada por muitos observadores attentos, tanto natuaes como estrangeiros, e começará a comprehender-se porque a nossa litteratura é tão pobre de robusto individualismo e carece tanto dos salutaes conflictos dos espiritos na liberdade dos debates.

Precisamos ainda d'um espirito de verdadeiro respeito e sympathia pela litteratura, do devido conhecimento da sua importancia na vida e da resolução de sustental-a e dar-lhe liberdade.

As doenças da instrução, por Antoine Albalat

(*Nouvelle Revue*)

Com o titulo de *Le mal d'écrire* a *Nouvelle Revue* publicou um artigo que merece ser lido e meditado. O auctor, que se assigna Antoine Albalat, affrontando, com uma coragem que ainda não é vulgar, um dos prejuizos modernos mais profundamente enraizados no espirito popular, aponta um dos grandes males do nosso tempo, esta supposta necessidade de muito saber e de muita instrução, cujas perigosas consequencias sociaes começamos a sentir. Acabamos de ouvir as queixas d'um escriptor americano, que julga que a litteratura não tem na sua terra todas as honras e todo o respeito merecido; convém agora vêr onde leva o excessivo culto e respeito da litteratura. É possivel que d'um e d'outro lado haja exaggero; mas que o leitor não poderá deixar de concluir, é que se qualquer das situações por muito extrema não é para cubiçar, sempre valerá mais um pedaço de pão que grandes sabenças.

Entre as doenças decadentes que poderiam tentar com proveito a minuciosa analyse d'um espirito philosophico como o de Paulo Bourget, ha uma que todos os dias alarga a sua devastação e que está em risco de abafar as intelligencias e os corações, sem distincção de idade e de sexo. Refiro-me á doença de escrever.

Em época alguma esta epidemia castigou tão violentamente o publico francez. Excepcional outr'ora e apanagio dos homens de espirito, mesmo no seculo xvii, em que se publicaram tantas memorias e em que o pedantismo litterario esteve tanto



em vóga, a mania de escrever tornou-se hoje universal, porque é d'algum modo o resultado da nossa civilisação. O seculo xviii foi o triumpho do gosto e da autocracia real; o seculo xviii foi o seculo da emancipação politica e religiosa. A democracia e a instrucção excessiva caracterisaram o seculo xix. Póde discutir-se se será uma força ou uma fraqueza, mas creio que é esta a sua originalidade. A sciencia alargou-se por tal fórma, os progressos materiaes e os meios de instruir-se activaram tão rapidamente a sêde de conhecer, que os espiritos mais ordinarios acharam-se capazes sem grandes esforços, não de saber bem certas coisas, mas de saber muitas coisas. O movimento democratico d'estes ultimos vinte annos accentuou esta forte tendencia tornando a instrucção obrigatoria para o povo. Não só as estatisticas recentes provaram quanto Spencer tinha razão julgando que a instrucção não augmenta a moralidade publica, mas o estado actual da nossa litteratura e as tendencias geraes das novas classes illustradas estão em caminho de demonstrar que esta famosa instrucção obrigatoria está bem proxima d'um engano. Desde o dia em que o estado impôz a cada um o dever de ser um homem instruido, pensou-se em tirar proveito d'esta instrucção; procurou-se augmental-a para melhor nos servir; ambicionamol-a para exploral-a; applicou-se a necessidades sociaes o que era apenas uma necessidade do espirito e, em lugar de a gozarmos, quizemos viver d'ella. Desde então o publico dividiu-se em dois campos. Uns pediram ao estado uma posição remuneradora como recompensa da nova obrigação que elle lhe impunha. Se o augmento do saber elevava as pretensões sociaes, não era justo que o estado dêsse um lugar aos que elle tirava da sua classe e consagrasse por esta sancção o esforço que exigia d'elles? As intelligencias positivas concluíram com razão que este esforço não tinha fim, se a sua utilidade não fosse material. É assim que todas as carreiras se atulharam de pretendentes, que a lucta pela vida se tornou uma caça dos empregos. Uma posição, que era em outro tempo o resultado d'uma longa perseverança, é hoje um favor especial. A administração franceza, correios, telegraphos, secretarias, escó-



las ou funcionalismo politico, augmentou em proporções enormes desde que a instrucção se propagou. Mas são as mulheres as mais dignas de lastima. Para substituir o casamento, cada vez mais raro, as mulheres precipitaram-se nas carreiras que a instrucção parecia abrir-lhes. A illusão durou pouco. O estado promettia o repouso, a moralidade, a segurança pela instrucção, e em cada cidade encontram-se sem esperança centenaes de mulheres, á merce da lucta, a vida incerta, tentadas pela galanteria, o recurso exclusivo d'uma época que caminha para a prostituição universal, como ousou dizel-o Dumas, filho.

Taes são as consequencias desastrosas da instrucção igualitaria para a parte do publico que pode chamar-se improductiva, em opposição á classe letrada e escriptora, unico objecto do estudo que nos occupa. Aquelles que tinham mais gosto pela assimilação dos conhecimentos intellectuaes levaram mais longe a sua educação, e foram pedir o pão á litteratura livre, este officio que não exige concursos nem diplomas. Tomaram por uma vocação o que para elles não era senão a unica carreira possivel, e, não tendo fortuna bastante para conservar-se *dilettanti*, improvisaram-se escriptores, como se estabelece um mercceiro. Começaram a escrever para ganhar dinheiro; publicaram-se volumes como se vende lunetas, não para fazer bons livros, mas porque eram bem pagos em folhetins.

A doença de escrever seria na verdade materia de gracejo se não constituísse um symptoma desastroso para o futuro artistico do nosso paiz. Em nenhuma época foi mais raro descobrir uma obra de merecimento, e nunca se viu tanta gente cuidar de ser auctor, quando ha tão poucos que sabem escrever. Tudo isso seria ainda perdoavel e aceitavel, se o publico tivesse meio de escolher o que deve lér. Ora, á falta de tempo e de intelligencia, essa escolha tornou-se impossivel. Incapaz de resistir a esta producção incessante, o publico pediu á critica que o guiasse; mas o trasbordar das obras impressas transformou a critica. Ninguem quiz julgar os livros que vem á luz, porque vinte e quatro horas por dia seriam insufficientes para uma tal empreza. A critica foi substituida pela bibliographia e as analy-



ses dogmaticas pelos annuncios a tanto por linha. O publico acabou por desprezar a bibliographia e, não tendo quem o guiasse, cansado de escolher, cada vez compra e lê menos.

Eis o facto que é grave e que todos apontam: já ninguem lê, os livros faltam nas livrarias. Julgou-se encontrar a explicação d'esta indifferença na barateza das edições populares e nos gabinetes de leitura. A verdadeira causa, a unica, é a doença de escrever. O excesso trouxe a indifferença. E talvez, afinal, valha mais deixarem de lêr que continuarem a lêr o que se lia.

Por aqui pode julgar o leitor a opportunidade e a importancia do artigo a que nos vimos referindo e que, sendo longo, umas largas vinte paginas, e nada diffuso, é impossivel condensar em breve espaço. Para concluir, apontaremos ainda alguns periodos sobre um outro prejuizo, que tem feito ás letras um mal tão grande ou maior que a superabundancia de escriptores, mal commum á França e a Portugal, mas para nós muito mais ridiculo, porque creou pretensões em completa opposição com o character portuguez. Tambem nós, os jornalistas particularmente, quizemos ser parisienses, e, sem ao menos conseguirmos sel-o, pozemos a lingua e a litteratura nacionaes no mais deploravel estado.

Entre as causas que mais favoreceram a doença de escrever, ha uma que desejaria apontar energicamente, porque é a chaga temivel por excellencia, o flagello favorito, em certo modo o nosso vicio nacional. Refiro-me ao parisiatismo, ao *boulevardismo*. É conhecida esta infallivel legenda que nos repetem por todas as fôrmas: «É a Paris que precisamos ir. Paris é a fornalha em que se elabora o pensamento da França, o centro d'onde emana toda a fama e gloria». A litteratura não é uma peregrinação e Paris não é Meca. Se as necessidades dos mercados centralisam em Paris o movimento scientifico e artistico, não é verdade que a capital seja *à priori* o ponto de partida da sciencia e da litteratura. Só alguns raros caixeiros-viajantes se atrevem a representar a provincia como incapaz de assimilação e de innovação. É necessaria a ingenuidade de Balzac para pretender que um escriptor, que vive na provincia, passados trinta annos está perdido para a arte. Não só Paris é desnecessario ao escriptor, mas póde affirmar-se que dez vezes em doze só se é verdadeiramente *dilettanti* ou artista productor



com a condição de não habitar Paris. Como teria o parisiense tempo de trabalhar? As exigencias mundanas absorveram e materialisaram a sua actividade. O parisiense leu sempre pouco, mas nunca menos que agora, e exclusivamente livros futeis. É em Paris que se ostentam em toda a sua gloria o espirito superficial, a avidez frivola, o snobismo artistico, o gosto facticio, as lantejoulas da vaidade e sem nome. A não ser que nos isolemos como os homens de sciencia ou que vivamos em Paris como provincianos, é fóra d'alli que se encontram os *dilettanti*, os leitores conscienciosos, os que estudam por gosto e se interessam por convicção, aquelles para quem a litteratura não é um passatempo, mas uma satisfação que constitue o fundo da vida.

Quem quizer escrever alguma coisa que tenha valor não deve viver em Paris. Uma obra duravel cria-se á força de meditação e de isolamento. Podem gabar os beneficios de relações sociaes muito estreitas e frequentes; é pela concentração e não pela dispersão que o talento se revela. Não ha originalidade senão fóra da capital; a centralisação parisiense paralysa o character pessoal e torna os talentos uniformes. A escola contemporanea de observação realista foi fundada por Flaubert, um provinciano que recusou sempre habitar Paris. Pedro Loti, quasi sempre embarcado, foi procurar a sua inspiração mais longe ainda que na provincia, nos paizes primitivos e selvagens. Labiche era *maire* da sua communa; George Sand não deixava Nohant; Daudet enclausurou-se na rua de Bellechasse; Zola em Médan, Goncourt em Anteuil; Maupassant navega ou viaja; Mistral está em Maillane, Soulyard em Lyon, Octavio Feuillet vivia em Versalhes. Paulo Bourget nunca escreve um romance em Paris.

É preciso, pois, deixar de considerar Paris como o meio iniciador do nosso movimento litterario. Longe de fornecer idéas á provincia, Paris vive das idéas que a provincia lhe traz.

J. L.

*



POESIAS DE H. HEINE

(TRADUZIDAS DO ALLEMÃO)

NA FLORESTA

(Das *Lamentações*)

Eu trouxe na cabeça uma grinalda,
Quando fui novo, em tempos que lá vão...
Linda grinalda aquella! possuia
Irresistivel, magica attracção.

Se a grinalda cahia em graça a todos,
Não desfructava o dono igual prazer:
Fugi, longe fugi da inveja esqualida,
Às verdes solidões fui-me esconder.

Às verdes solidões — vive-se lá
Tão livremente, em tão boa harmonia
Com os genios silvanos, com as féras
E os mansos animaes que a selva cria!

Raros se me esquivavam, que eu não era
Coisa de fazer medo ou prejuizo;
Via a corça que eu não usava de arma,
E a fada... que me não sobrava o siso.



Só tolos contam as mercês das fadas;
Mas posso-lhes dizer sem reticencia
Como outros dignitarios da floresta
Me receberam com benevolencia.

Meigas, gentis, as sylphides voavam
Em torno a mim, com jovial diabrura;
O olhar, subtil um tanto, promettia
Dulcissima, porém mortal ventura.

E sempre a chalrear! Jogavam Maias,
Fallavam-me da côrte — casos, vidas...
Façam idéa: a *escandalosa chronica*
Da rainha Titania! Que atrevidas!

Se eu me sentasse perto do ribeiro,
Emergiam, trazendo fluctuantes
Os aneis de ouro e prateados véos,
As ondinas, aquaticas bacchantes.

Em violinos e cytharas tocavam;
Nas posturas, toadas e cadencia,
— Era a celebre *Dansa das Ondinas* —
Ria, cantava, saltava a demencia.

Quando ás lindas pequenas regirava
Menos ruidosa e infrene a ventoinha,
Ficavam reclinadas a meus pés,
Tendo no meu regaço as cabecinhas,

A trinar, a trautear cantos de Italia,
Como *As Cidras do Amor*; mas predilecto
Era um hymno composto em meu louvor,
E do meu nobre, varonil aspecto.



Às vezes, rindo muito, intercalavam
Perguntas melindrosas, em tom futil,
Assim: «Porque faria Deus o homem?
«Sabes dizer-nos para o que elle é util?»

«E de hollanda gommada ou cordovão
«A alma immortal lá dentro de vocês?
«Cada um tem a sua? Sendo assim,
«Porque ha na raça tanta estupidez?»

Calarei as respostas. Certo é
Que á minha alma immortal não dava offensa
O que palrasse uma pequena ondina:
Para tudo as ondinas tem licença.

Graciosas, zombeteiras ellas são,
Como os sylphos. Attentos, serviçaes
São os gnomos da terra para os homens;
Havia uns de que eu gostava mais:

Têm longos mantos anchos, e vermelhos,
Ar digno, mas ancioso e desconfiado;
No zelo com que encobrem os pésinhos
Fingia não ter nunca reparado.

Entre nós: os pés são como de pato
E cuidam elles que ninguem lh'os vê;
Miserias taes respeito sempre muito;
Ferem mais fundo que o geral o crê.

Valha-nos Deus! como esses bons anões.
Todos temos defeito que occultar,
E crêmos que dos nossos pés de pato
Pessoa alguma chega a suspeitar.



Quasi nada privei com salamandras,
E pouco investiguei do seu viver;
Via-os passar, formas phosphorescentes,
De noite, sempre esquivos, a correr...

Da altura de creanças, uns canniços,
Rostos doentes, lividos, chupados,
Calções e colletinhos escarlates,
Bordados de ouro e mais do que apertados.

Não arderem no fogo convirei
Que é sorte mui bem feita. Mas é crível
Que genuino espirito de fogo
Seja um sujeito tão incombustível?

Cada um d'elles traz corôa de ouro,
Cravada de rubis, mas pequenina;
Cada um julga ser rei absoluto
Por muito especial graça divina.

Os genios mais sagazes, os alrunas,
São velhinhos que têm de altura um dedo.
Alvas as longas barbas, pernas curtas —
De que tronco descendem é segredo!

Ao luar, ás cambalhotas, lembram muito
Maçanetas de *dente de leão*,
Maligna especie!... Eu sou-lhes obrigado,
Outros, pois, lhes indaguem da extracção.

Ensinaram-me a lêr astros, agouros,
A cavalgar nos ventos pelos céos,
A compellir, com esconjuros runicos
Os mortos a sahir dos mausoléos;



A encantar aves, a conjurar o fogo,
E a cumprir o ritual indefectível,
Para colher, em noite de S. João
A ervinha com a qual se anda invisível.

Fizeram-me assobiar o chamariz,
Que engoda o pico e fal-o, hypnotizado,
Emprestar a mandragora, bom índice
Para qualquer thesouro soterrado.

E as encantações que se murmuram
Ao exhumar... todas as espertezas
Me explicaram. Em vão! nunca aprendi
A arte sublime de cavar riquezas.

Carecia de pouco na floresta
E podia pagal-o. Sem contar
Gastava, os rendimentos de uns castellos
Que eu proprio edificava... pelo ar.

Tempo ditoso! o ar era uma orchestra,
E perenne a folia tumultuaria,
De ondinas, sylphos, gnomos em meu peito,
Ebrio de poesia legendaria.

Tempo ditoso! As verdes ramarias
Arqueavam-se em portas triumphaes,
E eu passava por baixo, coroado,
Como no Lacio os fortes generaes.

Não tornas a voltar, saudoso tempo,
Como não volve atraz a agua da fonte...
Mudou tudo! a grinalda que eu trazia
Essa mesma tiraram-m'a da frente.



Roubaram-me a grinalda! ainda ignoro
Como, onde e por quem me foi roubada;
Só desde que a levaram, bem o sinto,
Ficou minh'alma como inanimada.

Dilatam-me olhos de sinistro pasmo
As larvas do universo. O céu soturno,
É mudo cemiterio azul dos deuses;
Entro o bosque, abatido e taciturno.

Os sylphos onde estão? ouço businas.
Ouço ulular os cães do caçador;
Acoutado nas moutas, o veado,
Lambe as feridas a chorar de dôr.

E os alrunas? agacham-se, tranzidos,
Nas fendas dos rochedos. Que vos fiz,
Meus amiguinhos? vinde, aqui vos torno,
Sem corôa, sem sonhos, infeliz!

E a fada loura de compridas tranças,
Primeira bella a quem devi favores?
E o carvalho onde tinha o seu palacio?
Esfolhou-vos o vento, ó meus amores!

Desconsolado e cavo como a Estyge,
O lento arroio frouxo pranto verde;
Além vejo uma ondina acabrunhada,
Branca de morte e, como estatua, inerte.

Vibrante de piedade então me abeiro;
Ella ergue-se, pouisa o olhar em mim,
E rompe logo em fuga apavorada,
Como se visse algum espectro ruim.



O CONDE OLAVO

(Dos *Romances*)

I

Junto á igreja estão dois homens,
Ambos vestem de encarnado!
O algoz é um, outro o rei:
—«Afia o teu bom machado;
«Pelos canticos, parece
«O casamento acabado».

Orgão, sinos! Com os noivos
Sae a boda e se apparelha;
Um cadaver branco, triste,
Bello, a princeza semelha;
Vai mui guapo o conde Olavo,
Sorri-lhe a bôca vermelha.

—«Muito bom dia, meu sogro».
Disse ao rei severo, e ria...
«Com a vida hoje te pago;
«Mas dá-me o resto do dia,
«Para que haja em meu noivado
«Pompa, festas e folia.

«Mais um dia, um dia só
«Deixa, deixa-me gozar;
«Queria á luz dos archotes
«A ultima taça vasar;
«Com minha linda mulher
«A ultima dansa dansar».



E ao carrasco disse o rei:
— «Hei por bem que ao condemnado,
«Nosso genro, aqui presente,
«Seja o praso prorogado
«Até o meio da noite.
«Afia o teu bom machado».

II

À mesa o conde Olavo
Bebeu o ultimo trago;
Sobre elle se debruça
A princeza convulsa
O algoz espera á porta.

Vibrantes, varonis,
Os violinos cantam;
Dolentes, feminis,
As flautas se quebrantam
O algoz espera á porta.

Sofrego, o conde enlaça
A noiva; á luz dos fachos
O par gira e volteia
Na danza derradeira
O algoz espera á porta.

Cresce, aturde o clamor!
E o noivo, n'um cicio:
— «É tanto o meu amor,
E o tumulto é tão frio...»
O algoz espera á porta.



III

Conde Olavo, é meia noite;
Chega o momento final;
Gozaste filha de rei
Sem a benção nupcial.

Os frades já te encommendam;
E, junto ao cepo enlutado,
O homem do fato vermelho
Está de cutello afiado.

Já desceu ao pateo o conde;
Mil espadas a luzir,
Mil fachos também! Fallou
Co'a bôca vermelha a rir:

« Bemdito seja o sol, bemdita a lua
« E os demais astros que no azul vagueiam;
« Bemditos os velozes passarinhos,
« Que pelos ares limpidos gorgeiam.

« Bemdito seja o mar, bemdita a varzea,
« Que enfeitam a papoula e o malmequer,
« Bemditas as violetas! são tão dôces,
« São como os olhos de minha mulher.

« Por teus olhos, teus olhos de violeta
« Perco a vida e o prazer que a vida tinha...
« Bemdito seja o sabugueiro em flôr
« A cuja sombra um dia foste minha ».

Izabel Leite.

POLITICA INTERNA

Não nos enganavamos, quando em dezembro ultimo diziamos que a politica nacional continuava na tradição dos ultimos quarenta annos, e que não era necessario ser grande propheta para prevêr uma proxima crise ministerial.

Poucos dias depois de o termos escripto, annunciavam os jornaes diversos boatos de crise, e, como é costume, annunciavam simultaneamente os novos ministerios que as ambições politicas architectavam, conforme differentes interesses mais ou menos legitimos. Entre essas muitas combinações, houve duas que foram demoradamente discutidas, e que ás vezes pareciam ter probabilidades de victoria: um ministerio Dias Ferreira e um ministerio Lopo Vaz.

O ministerio Dias Ferreira daria logar ao snr. Fuschini, ao snr. bispo de Bethsaida e ao snr. Oliveira Martins, sendo apoiado por uma parte importante do partido republicano. Comprehende-se facilmente o que seria esse ministerio: constituido por homens de incontestavel talento e que gozam na opinião publica de certa influencia, por estarem ainda isentos do rematado descredito que pesa sobre a grande maioria dos nossos homens publicos, não tendo um partido que lhe dêsse solido apoio contra todas as eventualidades e que o defendesse dos muitos erros



e paixões que andam inherentes a todo o exercício do poder, esse ministerio, para mantêr-se, careceria primeiramente do favor do Paço, e depois e principalmente d'uma administração intelligente e honesta, que inspirasse confiança no animo popular. Sem isso teria uma vida ephemera; porque, destinado a dar realisação, ao menos uma vez, ás vagas aspirações que andam no animo de todos os portuguezes que vêem a politica sem outro interesse que não seja o bem da nação, sendo uma tacita transacção entre o rei e o povo, ou havia de cumprir o contrato ou havia de ser banido por lhe ter faltado. Mas para ser fiel á sua missão, quantos interesses prejudicados, quantos ordenados reduzidos, quanta vaidade calcada! Por isso, os velhos agrupamentos politicos, amedrontados com a possibilidade d'um grande cataclismo, corriam pressurosos de lança em riste ao ataque contra o novo ministerio, que aliás estava, e ainda está, no poetico reino das visões. O panico é de tal ordem, se o barometro politico annuncia um temporal Dias Ferreira, que até dizem que, quando o snr. João Chrysostomo formou o segundo dos seus baralhados gabinetes e el-rei pensou no snr. Dias Ferreira para igual mistér, logo o snr. Antonio de Serpa e o snr. José Luciano, unidos como amigos velhos, promptos a salvar o paiz de tamanha calamidade compromettiam-se a formarem juntos um governo, que seria o mais prodigioso do nosso tempo, pois por tão estranha junção deveria elevar ao quadrado os erros passados de progressistas e de regeneradores. Não sabemos se esse boato foi verdadeiro, mas, ainda que seja falso, é a imagem exacta da situação. Assim vai boiando o ministerio Dias Ferreira, sem poder lançar ferro em meio de tantas correntes contrarias.

Outro tanto não dizemos d'um ministerio Lopo Vaz estreme, sem mistura, todo ovelhas doceis tiradas do seu numeroso rebanho. Houve um dia, ahi pelo meiado de dezembro, em que a victoria esteve proxima; mas depois reflectiu-se, deu-se balanço á loja, e parece que se resolveu esperar para mais tarde quando o rebanho tiver crescido e pudér avassallar o mar e o mundo. Não importa, pouco significam esses desastres e hesita-



ções; nem por isso o snr. Lopo Vaz deixa de ser a mais evidente figura da politica portugueza no momento presente.

A mais evidente e a mais curiosa: porque é de vêr e admirar esta abelha industriosa a distillar o seu mel, pausada e serenamente, quando os outros vão atarefados, arquejantes, com a cabeça perdida. Tem muito de superior a cega e inabalavel tenacidade com que este homem confia na corrupção do paiz e em identicos meios de governal-o. Boas leis, boa administração, a famosa moralidade e economia pedida em altos gritos ha mais de vinte annos — são para o seu espirito historias idealistas, para uso das imaginações inquietas e dos que vivem no mundo da lua: a revolução, o descontentamento popular, a possibilidade de comprometter as instituições engrossando o partido republicano com os innumerados descontentes da politica monarchica — sonhos vãos, o paiz soffre d'uma inercia invencivel, não ha dôres que o acordem, quer apenas pão, um pequeno pedaço de pão, não o exige, pede-o pelo amor de Deus. Votos, muitos votos para as eleições, *influentes* espalhados por essas terras, d'isso é que os nossos homens publicos precisam para governarem á vontade, commodamente sentados nos seus gabinetes, sem receio d'um subito mandado de despejo. E elle ali anda, com as suas fallas mansas e os seus gestos macios, a distribuir favores e a capitalisar esse precioso metal politico — os votos; nem miserias, nem ameaças lhe infundem temor, segue impavido, meditando nos santos livros do fontismo.

Confessemos que não são vãs as suas diligencias. Seja qual fôr a situação do thesouro publico e as condições d'uma situação politica que se intitula extra-partidaria, ha sempre margem para despachar o afilhado do influente da provincia, ha sempre bom ensejo de transferir um escrivão de fazenda cuja desgraça fôra promettida e jurada por um *cacique* da aldeia. Uns ficam na gratidão, outros atemorizam-se, outros vão levados pela esperanza de novos favores, e entretanto o ministro cuida tão productivos bens, e capitalizando, capitalizando sempre. Alguns outros não pensam assim, elle bem o sabe; mas o futuro é que ha de dizer-lhes quem tinha juizo, porque emfim esta influencia



pessoal é uma força que, como todas as forças, convém ir augmentando para o que dér e viér.

Pensa assim o snr. Lopo Vaz, ou, pelo menos, mostra pelos seus actos que assim pensa, e não ha duvida que a fortuna sorri ás suas diligencias. Os *Te-Deum*, cantados em acção de graças pelo seu restabelecimento depois da grave doença que ultimamente soffreu, são a prova de quanto é estimado e querido o seu favor; na mesma egreja e na mesma oração, com o mesmo devoto recolhimento, n'uma confusão mystica a borbulhar por baixo da casaca e da gravata branca, davam-se louvores a Deus pelo restabelecimento do ministro e louvores ao ministro pelos beneficios passados, presentes e futuros. Quem tivesse lido nos jornaes a relação dos *Te-Deum* cantados pelas melhoras do snr. Lopo Vaz, e attentasse bem na qualidade das pessoas que tomaram a iniciativa d'essas festas, veria que muito poucas eram promovidas pelos que se julgavam sujeitos a ellas por obrigações de funcionarios, como os governadores civis e alguns outros; a maior parte foi obra unicamente d'essa especie de amigos chamados amigos politicos. Incontestavelmente o snr. Lopo Vaz mostrou n'essa occasião ser o maior influente d'estes reinos; só o snr. José Luciano seria homem para lhe disputar tão subida honra, mas ainda assim duvidamos muito que, no momento actual, podesse fazel-o com vantagem, e de futuro... de futuro as plantas novas crescem sempre com mais vigor que as arvores velhas.

Como documento para a historia dos homens e das nações, como exemplo da arte de reger os povos, o que o snr. Lopo Vaz está fazendo, o seu desprezo completo dos sentimentos superiores, o seu scepticismo e a sua confiança nos instinctos baixos, unicos que toma em conta nos seus calculos, como experiencia politica é curiosissimo. Se o futuro lhe dér razão, possibilidade que não podemos deixar de admittir, que triste destino o nosso! É para morrer de descrença e de vergonha.

Mas nem as artes do snr. Lopo Vaz, nem as tentativas de vida nova dirigidas pelo snr. Dias Ferreira, conseguem deslindar a meada politica cada vez mais embaraçada. Nenhum dos



nossos homens publicos se apresenta com prestigio ou qualquer outra especie de força que o eleve sufficientemente para impô-lo e elege-lo chefe da situação; influencia, prestigio, todas as forças ordinarias que fazem e desfazem os ministerios, ou melhor, que em outro tempo fizeram e desfizeram ministerios, encontram-se hoje dispersas, fragmentadas, sem poderem produzir corrente volumosa. D'ahi vem que os ministerios organisam-se com difficuldade. Já os dois ultimos não chegaram a sahir no *Diario* sem préviamente terem dado logar a uma prolongadissima comedia; o primeiro, principalmente, teve mais d'um mez de gestação e, depois de ter posto o snr. Martens Ferrão em peregrinação pela Europa para nos vir responder com um solemne *non possumus*, na sagrada linguagem a que vinha habituado, afinal acabou por ser tirado a ferros pelo snr. João Chrysostomo, com uma decisão que o paiz lhe agradeceu porque estava cansado de esperar. E difficil descobrir um ministerio, que não encontre logo innumeradas difficuldades nas vaidades e nos interesses politicos que pôde prejudicar. Talvez por isso a vida do ministerio actual possa ir mais longe, que as suas forças proprias deveriam permittir. Só nos resta saber se tal conservação é um bem ou um mal para a nação.

A abertura das camaras em principios de dezembro obrigou os ministros a dizerem alguma coisa dos seus planos até então ignorados; e depois d'isso o discurso da corôa veio completar as primeiras declarações, se é que tanto os ministros como o rei declararam alguma coisa.

Naturalmente, a precaria situação do thesouro e os constantes receios de bancarrota dão ás palavras do ministro da fazenda excepcional valor, e fizeram que, desde as suas primeiras promessas de discutir no parlamento a questão de fazenda, fossem anciosamente esperadas as suas declarações. Não tardaram; e já em 16 de dezembro, respondendo ao snr. José Luciano na camara dos pares, o snr. Marianno de Carvalho dizia-nos entre outras coisas:

Que o estado do paiz é grave, mas que o estado da Europa tambem é pessimo; que a condição essencial da existencia do



paiz é equilibrar o orçamento; que é necessario que Portugal não seja uma nação de amanuenses; que emquanto tiver a confiança da corôa e do parlamento não deixará o seu logar, porque quer ser esmagado debaixo dos seus projectos, se se mallogarem; quanto á situação do thesouro, por numeros nada pôde dizer n'aquelle momento, mas pôde afiançar que o thesouro tem pago e continua a pagar o que deve; e finalmente, quanto á circulação fiduciaria, que nada pôde responder precisamente, mas que o governo espera n'um praso breve vêr restabelecida a circulação metallica.

A primeira parte d'esse discurso foi uma série de affirmações banaes, a segunda uma astucia vulgar; e ambas e todo o discurso, a unica coisa que nos revelaram foi que o ministro estava firmemente disposto a occultar a verdadeira situação do thesouro e com as mãos vazias de remedios. Todos sabemos que o estado da Europa é mau, e que um dos maiores beneficios para os males do paiz seria trazer para a lavoura, para o commercio e para a industria alguns milhares de braços que andam pelas secretarias de estado inutilmente ociosos, a sugarem o nosso magrissimo erario; o que nos importava conhecer, e o que o ministro não disse, são os meios por que podemos escapar á ruina economica da Europa ou que poderão attenuar os seus males, o que nos importava conhecer, e o que o ministro não disse, são os meios por que ha de operar-se essa transposição de amanuenses para operarios, como se ha de dar á industria forças sufficientes para sustentar os recémvidos, como se ha de dar a estes os habitos e costumes que a sua nova situação demanda. Sobre a maneira de resolver esse problema, em que se prendem a economia e a moral, nada nos disse o governo.

Parece, porém, que em meio do discurso o ministro teve um rebate da consciencia e uma viva tentação de ser franco e de desenganar o paiz; foi quando confessou que relativamente á situação do thesouro por numeros nada podia dizer. Verdade seja que accrescentou que tudo estava pago, menos o que se devia. Como elle havia de rir-se intimamente quando assim escarnecia do paiz em frente dos seus representantes, elle que de



resto é intelligentissimo! Pediam-lhe contas e elle respondia que d'isso nada sabia, mas que estavamos bem de fortuna publica; exactamente como um padre que mostrando as reliquias d'um santo nos dizia: — Não se sabe d'onde vieram, mas são igualmente authenticas. — Assim o ministro não sabia em que numeros basear os seus calculos, mas tinha igualmente por certa a boa situação do thesouro.

Ao snr. Marianno de Carvalho não escapava que as circumstancias afflictivas do paiz não permittem levar tudo a rir, conforme seria sua vontade. Por isso, depois de ter brincado algum tempo, acabou por lançar esta formidavel bomba de que deviam rebentar fontes de miraculosa confiança no governo: — Em pouco tempo espero vêr restabelecida a circulação metallica! — Conhecendo a rudeza do paiz, conhecendo a aversão que o povo das aldeias sente pelo papel moeda, facto que só por si revela quanto são estreitas as noções vulgares de economia politica, o ministro esperava conquistar o applauso publico com essa simples affirmacão. E não perdeu o seu tempo: se muitos sabem que pouco importa o instrumento da troca, o essencial é o estado, por assim dizer, interno do organismo economico, as suas forças, o que se produz, o que se consome, o que se dá e o que se recebe do estrangeiro; se muitos sabem que, quando mesmo n'um praso breve o banco de Portugal convertesse em prata todas as suas notas, nem por isso melhoraria o cambio e nem por isso o thesouro publico e a economia nacional ficariam a dever menos ao estrangeiro, outros julgam que, se ha dinheiro — e por dinheiro entendem metal — estamos ricos. Esta é a maneira vulgar de apreciar as coisas, e para o grande numero, que se regula por esse criterio, a astucia do ministro não foi inadequada.

O discurso da coróa, na abertura do parlamento, confirmou as declarações do snr. Marianno de Carvalho. Em termos muito vagos e genericos falla-nos da organisação do municipio de Lisboa, «mantendo um justo equilibrio entre a acção local e a do poder central», das reformas do ministerio dos estrangeiros e das obras publicas, da reorganisação judicial e da escola do

*



exercito, das notificações da lei do recrutamento, e vem repetir-nos que é «indispensavel assentar o equilibrio orçamental em bases solidas, e urgente regularisar a circulação monetaria».

De fórma que, referindo-nos aos dois documentos officiaes que mais podiam esclarecer-nos, o discurso da corôa e o do snr. ministro da fazenda, nada vemos que nos prometta melhores dias de riqueza. Tudo é vago, incerto; nem um só plano de administração em que se mostre o meio de chegar ao equilibrio orçamental tão apregoado, ninguem nos diz como havemos de sustentar-nos com as receitas actuaes sem reduzirmos o juro da divida publica e ao mesmo tempo esmagarmos o paiz com impostos. A verdade, a triste verdade, é que a situação é angustiosa: a divida fluctuante não é talvez inferior a 11:000 contos de reis, os cambios, cada dia peiores, augmentaram os encargos da divida externa, as receitas diminuem, e sobretudo isto as questões politicas azedam-se, porque a fome se vai alastrando e teme-se o praguejar de bôcas famintas. É certo, é certissimo, que serão muitos os desgraçados sem pão; a reducção nas despezas publicas começa a ser temerosa, porque no thesouro não ha real e o governo, de boa ou má vontade, vê-se obrigado a despedir das obras publicas muita gente que fica na rua, de braços cahidos, sem ter para que recorrer senão para essa loteria que se chama a emigração para o Brazil.

*
* *
*

Mentiriamos, porém, se dissessemos que a situação é desesperada; muito longe d'isso, são vivissimas as esperanças no fomento do trabalho nacional. No fundo do character portuguez ha estas duas grandes virtudes que nos amparam nas horas de provações — uma larga capacidade de soffrer e uma imaginação sempre prompta em pôr-nos diante dos olhos um futuro de prosperidade e de ventura.

Agora mesmo damos prova de quanto somos capazes de supportar, n'esta apathia com que vemos aproximar-se a fome



e com que temos deixado despojar-nos pelos *gros bonnets* da politica, sem revoltas, sem fogo nem sangue, mais tristes que colericos. Ha muito sabemos que os syndicatos capitalistas, em constante pilhagem saqueavam o thesouro publico, repartindo a presa com a gente da politica, e todavia não vemos os crimes e as revoltas que em toda a parte costumam corresponder a taes façanhas. Os moralistas dizem que todo o paiz está indifferente, porque está corrompido; mas, na verdade, não se concebe que a corrupção alcance as aldeias inteiramente alheias aos favores publicos. Quando se tentou fazer um inquerito agricola, em algumas povoações os lavradores queimaram os boletins de estatistica receiando novos impostos. Ora porque não acontece o mesmo com muitas repartições de fazenda, unica machina por meio da qual innumeradas povoações conhecem a solicitude do estado? Nada mais natural que essa gente, cansada de pagar impostos sem saber para que, fosse assassinar o recebedor e incendiar-lhe a casa. É isso que não tem acontecido, e é isso que só póde explicar a natural humildade e doçura do povo portuguez. Talvez que longos annos de miseria e despotismo sejam a unica explicação de tal character; porventura o povo, habituado á fome, ao frio e á escravidão, perdeu para sempre o vigor e a cubiça, que entre outra gente levanta a discordia sangrenta.

Pobres, humildes, trazemos sempre dentro do peito uma esperanza a acalentâr-nos. Agora temos a esperanza d'um rapido desenvolvimento da industria nacional. Sobre isso póde dizer-nos muito a exposição actualmente aberta no Palacio de Crystal do Porto.

Houve tempo em que era costume e de bom gosto desdenhar de todos os productos da industria nacional. Hoje já assim não é; a cada passo, entre os visitantes da exposição, se ouviam palavras de louvor e se notava o desvanecimento com que reconheciam quanto temos caminhado. E são justos esses sentimentos; a exposição, embora não seja a imagem bem completa do que produzimos, é todavia de molde a mostrar-nos quanto pagamos inutilmente ao estrangeiro, para obedecermos unicamente a preconceitos de elegancia ou a enraizados prejuizos



sobre a solidez, a belleza, duração e valor das coisas nacionaes. Podemos bem alimentar-nos e vestir-nos com o que nos dá a nossa terra, sem receiarmos confronto com os outros povos, que se consideraram os padrões da civilisação. Por esse lado podemos estar tranquillos.

Já não são as suspeitas de carecer de capacidade para produzir muito e bom, que podem embarçar o desenvolvimento das nossas industrias; é sabido que não nos falta habilidade e que tarde ou cedo, melhor ou peor, vimos a fazer quanto os outros homens fazem. Mas as circumstancias economicas internas, a triste situação do thesouro publico, os embarços da alta de cambios, podem pôr graves obstaculos ao desenvolvimento industrial, que agora apenas começa.

Precisamos primeiro ter em vista que o que a exposição nos offerece não é o resultado de causas actuaes; não se improvisam fabricas dentro de poucos mezes, levam sempre alguns annos a crear antes que produzam bem. As condições actuaes do commercio que difficultaram a importação de mercadorias estrangeiras podiam dar logar a que augmentasse o consumo de productos nacionaes, mas ainda não tiveram tempo para levantar fabricas; de futuro poderão levantar-as, agora são apenas um grande bem para as industrias creadas. Estas são o que nos legou a abundancia de numerario nos annos que precederam immediatamente a crise, a ousadia d'alguns homens emprehendedores, que não se amedrontaram com as más condições do mercado, e talvez ainda a campanha dos publicistas que incitavam á protecção do trabalho nacional.

As industrias, que agora se crearam, terão como primeiro obstaculo a falta de capitaes, cuja reconhecida escassez, devida ás diversas causas que ninguem ignora, é aggravada pela geral desconfiança e retrahimento. Depois os cambios trazem-lhes novos encargos, augmentando o preço de materias primas indispensaveis, como o carvão e o ferro.

Nenhum d'estes obstaculos é, porém, para assustar. Capitaes que bastassem para as necessidades mais urgentes sempre apparecerão, desde que se apresentem condições que remunerem



todos os riscos; ha ainda muito pé de meia a pôr em circulação. O augmento de preço nas materias primas traduz-se n'um imposto por tal fórma repartido e fragmentado, que quasi não se sente, e é pago sem alteração sensivel no consumo; cem reis a mais em cada metro de panno de lã, não é coisa que avolume a ponto de afastar os compradores. O grande obstaculo para o desenvolvimento industrial é a situação do thesouro publico: as receitas vão baixar com a diminuição das importações, e, como no erario não havia sobras, antes um constante e formidavel *deficit*, o estado terá de procurar em outra parte o que na alfandega lhe faltar. Onde? Todos os recursos tributarios estão esgotados; quem lucra com a situação são as fabricas, e é para ahi provavelmente que os governos hão de voltar os olhos. De fórma que estas malfadadas industrias, que nunca pudéram crescer, opprimidas sempre por um thesouro faminto que absorvia quantos capitaes havia disponiveis no paiz e quantos o credito lhe permittia tirar do estrangeiro, devastadas pela concorrência n'um regimen economico que mostrou ser funesto, essas mesmas industrias estão ainda no risco de serem novamente estranguladas pelo imposto.

Entretanto discute-se, e vai com certeza ser approvada, uma pauta das alfandegas altamente proteccionista. E uma das maiores medidas economicas do tempo presente, com o caracter singular de que não é devida á iniciativa d'um homem ou d'um partido, mas a um movimento manifesto das idéas em vóga. Essa nova pauta é um facto de primeira grandeza: pelas consequencias economicas que envolve e pelas tendencias politicas que revela. Nunca o regimen representativo valeu menos como factor politico, e nunca a opinião publica, os seus interesses e as suas paixões pesaram mais na administração. Vai n'isso uma contradicção, que um dia examinaremos demoradamente.

5 de Janeiro de 1892.

Jayme de Magalhães Lima.



REVISTA DE CRITICA LITTERARIA

Novos dados sobre Bernardim Ribeiro

A casa editora Lugan & Genelioux acaba de publicar em um formoso volume uma edição da celebre novella pastoral de Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*, dirigida e prefaciada por D. José Pessanha, antigo alumno do Curso Superior de Letras e actualmente empregado na Bibliotheca nacional de Lisboa. Não encarecemos o serviço prestado por aquelles benemeritos editores, porque a sua importancia é manifesta para todos os que amam a Litteratura portugueza. Fallando d'este livro é o nosso intuito investigar se o joven critico nos deu um trabalho digno do admiravel quinhentista, cuja obra ha tantos annos reclamava um texto bem revisto e bem interpretado, que pozesse em evidencia a profunda belleza que vagamente se entrevia sob os elementos apocryphos em que andava envolvida. Para conseguir este fim, o snr. D. José Pessanha collacionou todas as edições conhecidas da *Menina e Moça*, taes como a de 1557, 1559, 1645, 1785 e 1852, servindo-se pela primeira vez do manuscrito fragmentado da novella que se guarda na Academia de Historia de Madrid. Infelizmente não lhe foi possivel descobrir um exemplar da *Historia de Menina e Moça*, publicado em Ferrara em 1554, e do qual dá noticia Brunet. Porventura seria esse o texto definitivo, se elle podesse encontrar-se; no emtanto andou bem avisado o critico adoptando o texto da



edição de Evora de 1557, retocando-o com as variantes do manuscrito da Academia de Historia de Madrid e da edição de 1559 com o qual esta tem immediatas relações. Ha, porém, no texto adoptado n'esta edição da *Menina e Moça* uma innovação plausivel, que consiste na separação da parte descriptiva dos dialogos, com que andava sempre confundida, e que embarçava a comprehensão d'aquella ingenua narrativa. Mas entre todas as edições existentes esta se distinguirá por ser dirigida no intuito de um problema litterario, que pela primeira vez propuzemos no nosso livro *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*. As differenças profundas, que existem entre a primeira parte e a segunda, emquanto á simplicidade do estylo e clareza da acção, fazem-se sentir ao leitor ainda o mais desprevenido; e essas differenças accusam a intervenção de um apocrypho, que explorou a sympathia da novella com episodios desconnexos e peripecias complicadas, despidas de todo o sentimento. D. José Pessanha chegou tambem á conclusão do character apocrypho da segunda parte da *Menina e Moça*, que elle reforçou com argumentos tirados do desenvolvimento das situações incongruentes, que ás vezes estão em contradicção com as peripecias da primeira parte e até com o nome dos personagens. Para fazer sentir toda a belleza da concepção de Bernardim Ribeiro, limitou-se á reproducção exclusiva d'essa primeira parte, reconhecendo comtudo que a segunda parte embora apocrypha deve entrar como documento em uma edição integral, que não vise como esta a um deliberado intuito artistico. Entre os argumentos sobre o character apocrypho da segunda parte, avulta o facto de ter sido isso mais ou menos conhecido pelos contemporaneos da novella; assim nas edições de 1557-9, se lê: «*Segunda parte d'esta Historia das Saudades de Bernardim Ribeiro: a qual é declaração da primeira parte d'este livro*». Evidentemente revela a intenção de um desenvolvimento ulterior, porque o destino final dos seus desgraçados amores não podia ser descripto pelo poeta, victima da sua paixão. Sob este aspecto, a fôrma fragmentaria da primeira parte corresponde á situação abrupta em que foram decepadas todas as esperanças do namo-



rado Bernardim, e á separação eterna ausentando-se dos logares em que contemplára a formosa Aonia. O primeiro capitulo da *Menina e Moça*, segundo o juizo de Bouterwek, apresenta uma especie de prologo á narrativa novellesca; andou bem o critico em pôr em evidencia essa fórma, destacando-o da acção pelo emprego dos caracteres grifos ou italicos. Assim, os considerandos ahí contidos esclarecem mais a situação moral do escriptor.

A edição da *Menina e Moça* é precedida de um prologo, onde se resumem as differentes theorias de interpretação da novella, que se fundam quasi todas na leitura dos anagrammas com que são designados os personagens. A primeira hypothese foi formulada por Faria e Sousa, na *Fuente de Aganipe*, no preambulo ou Discurso de los Sonetos; é d'ella que deriva essa lenda dos amores de Bernardim Ribeiro pela infanta D. Beatriz, filha do rei D. Manoel, hoje completamente rejeitada por incompativel com os dados chronologicos. A collecção das varias rimas de Faria e Sousa publicadas em pequenos volumes com o titulo de *Fuente de Aganipe*, é extremamente rara, e por isso a transcripção completa dos trechos relativos a Bernardim Ribeiro torna accessivel á critica esse elemento do processo. A segunda hypothese é a que apresentámos no nosso livro *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas: Bimnarder* é o anagramma de Bernardim, *Aonia* o de D. Joanna de Vilhena, prima do rei D. Manoel, que a casou com o primeiro Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal; ella, levada aos tres annos para a corte de Castella, na lucta de D. João II com a nobreza portugueza, só regressou á patria acompanhando D. Izabel (*Belisa*), primeira mulher de D. Manoel, a qual como a Belisa da novella tambem morre de parto. O novo editor da *Menina e Moça* acha muita plausibilidade n'esta interpretação, não se decidindo ainda por ella, á falta de uma prova mais categorica; comtudo dos dois documentos historicos que acompanham este livro se tiram novos dados para a biographia de Bernardim Ribeiro, e que vêm reforçar a hypothese em questão. A terceira interpretação pertence a Francisco Adolpho Varnhagem, que considera os amores de Bimnarder por Aonia como localizados na princeza



castelhana, que veio a ser conhecida na historia pelo nome de Joanna a Douda; é preciso architectar hypotheses sobre hypotheses para dar coherencia a uma interpretação tão phantasmagorica, e inadmissivel, desde que se observe que a situação das peripecias da *Menina e Moça* está localisada em Evora. O illustre antiquario eborense Gabriel Pereira, considera a acção principal da novella de Bernardim Ribeiro como passada nas cercanias de Evora, porque coincidem as descripções topographicas da *Menina e Moça* com a realidade: assim o ribeiro, descripto no capitulo II seria o *Divor*; os castellos visinhos, do capitulo XXIX, o da *Amoreira* e o da *Torre*; o santuario de grande romagem, que serviu de pretexto para Aonia fallar com Bimnarder, seria o de *Nossa Senhora da Graça* do Divor ou a *Visitação*, nos arredores de Monte-mór-o-Novo. Tudo isto fortifica a nossa interpretação, porque é facil estabelecer sobre a realidade dos logares a relação historica para os personagens. Contra a nossa hypothese inscreveram-se Camillo Castello Branco e D. Carolina Michaelis, fundados na velhice de Bernardim, que davamos como nascido em 1475, pela deducção dos vinte e um annos de idade a que allude quando veio para a côrte por occasião das fomes e estiagens do Alemtejo; e portanto existia uma grande differença de idade entre elle e D. Joanna de Vilhena, e mesmo nas relações de amizade com Sá de Miranda. A nossa data apresentavam em substituição a de 1500, deduzida da época das fomes de 1521; infelizmente esta substituição era absurda, porque já em 1516 apparece Bernardim Ribeiro figurando entre os poetas do *Cancioneiro geral*, publicado n'esse anno por Garcia de Rezende, e com certeza elle não podia brilhar com quatorze ou quinze annos entre os poetas dos afamados serões de D. Manoel, a que allude Sá de Miranda com desvanecimento. Dois documentos historicos, como já observámos, acompanham a presente edição; não tirou o joven editor a luz implicita n'elles, e comtudo elles vêm esclarecer a presença de Bernardim Ribeiro no paço de D. Manoel e a amizade entre elle e Sá de Miranda.

O primeiro documento é a matricula de Bernardim Ribeiro



na Universidade de Lisboa, de 1507 a 1512. Contém-se este facto no Livro 1 da Universidade de Lisboa, fl. 28, 53, 79, 92, 107 v., 108 v. e 111 v. Tomando, pois, esta data de 1507, como base, e sabendo pela Ecloga II, que o poeta entrou em Lisboa com *vinte e um annos* de idade, com a barba pungida, vê-se que a data do seu nascimento se fixa de um modo definitivo em 1485. Assim concilia-se logo a relação de idade com D. Joanna de Vilhena, nascida em 1486, e com Sá de Miranda, nascido em 1495. Pela data da ultima matricula vê-se que á sua formatura em 1512 tinha elle vinte e seis annos; Faria e Sousa fornece-nos um facto para a identificação do poeta com o doutor. Na *Fuente de Aganipe* chama-lhe: «hidalgo de nascimento é *jurisconsulto de proficion*». E esta mesma indicação se reforça pelo segundo documento historico, a carta regia de 23 de setembro de 1524, na qual D. João III confiando «da bondade, saber e discrição do *doutor Bernardim Ribeiro*, que pela pratica e ensino que tem» o servirá bem como escrivão da sua camara. O documento é datado de Evora. E natural que a referencia á pratica e *ensino que tem*, signifique regencia de cadeira na Universidade de Lisboa por substituição *ad vota audientium*, como então se costumava, e nas condições em que Sá de Miranda tambem leccionou quasi pelo mesmo tempo. A aristocracia portugueza recebia n'esta época uma educação muito completa, frequentando as Universidades e humanistas de Italia, e as escolas de Paris. Não nos admira encontrar João Ribeiro, primo co-irmão de Bernardim Ribeiro, abandonando a vida activa do commercio e das viagens, para ir estudar em Paris, onde sustentou em 1517 os ultimos lampejos do aristotelismo hespanhol na cadeira de seu mestre João Celaya. Era este o character predominante da educação da fidalguia, e um argumento positivo de que a matricula da Universidade de 1507 a 1512, e o documento de 1524 se referem a Bernardim Ribeiro, o poeta da *Menina e Moça*. Mesmo o conhecimento do genero pastoral, antes do regresso de Sá de Miranda da Italia, é um indicio do homem de letras, ao corrente do gosto artistico e poetico da Renascença. Em vista d'estas datas, explica-se como Bernardim



Ribeiro collaborou no *Cancioneiro geral* de 1516, porque contava então trinta annos, o que se confirma pelos seus versos — «que já o tempo e os annos — outros cuidados me dão». Sá de Miranda tambem figura no *Cancioneiro geral*, formando com Bernardim Ribeiro um pequeno circulo de poetas em volta da instruida D. Leonor de Mascarenhas, que apparece denominada — a Vittoria Colonna portugueza. Bernardim Ribeiro designa Sá de Miranda nas suas Eclogas pelo anagramma de *Sandomir*, e este chama-lhe — «Amigo y buen compañero». Estavam na confidencia dos mutuos amores. O casamento de D. Joanna de Vilhena com o Conde de Vimioso, por indicação do rei D. Manoel, foi a decepção irreparavel de Bernardim Ribeiro; é natural mesmo que a carta regia de 23 de setembro de 1524 tivesse em vista fixal-o na côrte, d'onde elle tencionava ausentar-se. A sahida de Sá de Miranda da côrte em 1534, attribuida em uma nota manuscripta á sua primeira Ecloga em uma edição de 1614, a *sentimento dos Ataides*, é explicada por D. Carolina Michaëlis, pela defeza que Sá de Miranda tomou do seu amigo Bernardim Ribeiro a quem aquelles favoritos de D. João III imputavam a terrivel satyra da *Maria Pinheira*. Ha sempre em toda a tradição um fundo de verdade, que importa descobrir: assim os amores de Bernardim Ribeiro pela filha de D. Manoel, reduzem-se á verdade de se ter elle apaixonado por uma prima do monarcha; e tambem o odio e perseguições inexplicaveis da familia dos Castanheiras contra Camões, como se contava nas lendas biographicas, são uma realidade se os transferirmos para Bernardim Ribeiro. A Satyra da *Maria Pinheira* foi tambem attribuida a Damião de Goes, que em 1533 viera a Portugal; isto nos leva a precisar que o escandalo d'essas quadras anonymas que feriam os Castanheiras dando-lhes por avó uma judia, se deu n'esse anno de 1533. Póde-se tambem inferir que a sahida de Bernardim Ribeiro de Portugal seria provocada pela omnipotencia d'estes validos de D. João III. Fóra de Portugal é que se imprimiu pela primeira vez a *Historia de Menina e Moça*, em Ferrara, na Italia; era tambem a viagem da Italia, na primeira metade do seculo xvi, um dos gostos pre-



dilectos da aristocracia portugueza. Sá de Miranda, que regresára a Portugal em 1527, com certeza descreveria a Bernardim Ribeiro a vida artistica e scientifica d'aquelle paiz cheio de tradições da antiguidade e da mais absoluta liberdade mental. A morte de Bernardim Ribeiro póde fixar-se aproximadamente em 1550; porque em um documento judicial de 1552, já citado por Camillo Castello Branco, e tambem muito referido nos nobilia-rios manuscriptos, fallando-se de João Ribeiro lê-se: «primo co-irmão de Bernardim Ribeiro, fidalgo principal, conhecido pelos seus versos intitulados *Menina e Moça*». Na edição d'esta novella de 1645, por Manoel da Silva Mascarenhas, que se dá por neto de um primo-co-irmão de Bernardim Ribeiro, diz que a *Menina e Moça* «não se imprimiu em vida do auctor». Portanto, esse livro de reconditas confidencias amorosas e allusivo a galanterias da córte não podendo ser *conhecido* em manuscripto, leva a inferir que esse conhecimento affirmado no instrumento judicial de 1552 resultára da morte do poeta pouco antes, e de alguma edição, hoje ignorada, anterior á edição de Ferrara de 1554. Pelo titulo da edição de Ferrara vê-se que ha allusão a um texto anterior, sobre o qual se fizeram emendas e se accrescentaram poesias: «*Hystoria de Menina y Moça* por Bernaldim Rybeiro, *agora de novo estampada e com summa deligencia emendada, e assi algunas eglogas suas*». É para notar que o instrumento judicial de 1552 traz o titulo de *Menina e Moça* exclusivamente adoptado nas edições feitas fóra de Portugal, como as de 1554 e 1559. Portanto é admissivel que se tivesse feito uma edição anterior a 1552, então muito conhecida, e que tornou corrente o titulo de *Menina e Moça*, que nas edições portuguezas de 1557, 1645 e 1785 foi sempre substituido pelo titulo de *Saudades*, segundo a intenção do auctor á vista dos manuscriptos. Por esta discussão, precisa-se a data do fallecimento de Bernardim Ribeiro, que fixada em 1550 nos dá a idade plausivel de sessenta e quatro annos. Sá de Miranda sobreviveu-lhe mais oito annos, ferido por intimas angustias de familia, em 1558, sem talvez ter lido o livro das *Saudades*, cujos personagens conhecera, e que lhe avivariam



aquella época luminosa e sympathica dos Serões do paço. Ainda que a nova edição da *Menina e Moça*, pelo snr. D. José Pessanha, não trouxesse para a historia litteraria outra contribuição além dos dois documentos de 1507 a 1512 e 1524, era já um meritorio serviço, porque vinha prestar novos elementos para a reconstrucção da vida de Bernardim Ribeiro. Mas esta edição revela-nos qualidades de um critico dirigido por um seguro methodo, e pôde-se dizer que o texto da *Menina e Moça* apparece pela primeira vez estudado com a veneração com que os philologos da Renascença restauraram os textos dos escriptores da antiguidade classica. Além do merito do livro, felicito-me pela obra do meu antigo alumno na cadeira de Litteratura do Curso Superior de Letras; porque no meu ensino nunca visei a incutir factos na memoria dos discipulos, mas simplesmente a despertar-lhes a curiosidade mental, a provocar-lhes a paixão pelos problemas expostos. Assim tem a semente germinado em muitos espiritos, e elles, suggeridos pelas proprias predilecções, revelam-se com originalidade e talento, muito além das mais favoraveis previsões. Todos os que se interessam pelas obras primas da Litteratura portugueza têm de consultar esta edição critica e de incorporal-a nos seus escriptorios.

Theophilo Braga.



BIBLIOGRAPHIA

Camões e o Sentimento Nacional, por THEOPHILO BRAGA. — Lugañ & Genelioux, editores; Porto, 1891.

Mais uma contribuição, interessante e valiosíssima, para os estudos camoneanos. O illustre professor, que foi um dos mais entusiasticos e ardentes apóstolos da celebração do tri-centenario do nosso épico, collige agora em volume os numerosos trabalhos dispersos, escriptos e publicados por occasião d'esse movimento de apotheose e consagração.

Systematico, por natureza e por educação, o nosso eminente escriptor mantém ainda hoje as mesmas idéas de ha doze annos sobre o influxo da epopeia camoneana no sentimento nacional. Ora com tristeza confessamos que esse influxo se nos afigura, a nós, haver sido collectivamente nullo, em tres largos seculos de historia. Os *Lusiadas* foram, sem duvida, a expressão do que de mais elevado houve nos sentimentos nacionaes do Portugal de Aviz. Não será até improprio comparal-os á florescência esthetica d'esse bello cyclo da nossa vida social. A flôr, porém, não tem o poder de retribuir a vida á arvore que a cria. Ha mesmo plantas que morrem ao florir. E o nosso caso foi esse. Em todo o seculo xvii e em todo o seculo xviii, os *Lusiadas* não são de fórma alguma um livro popular. São o livro querido dos eruditos, dos artistas e dos patriotas, d'essa aristocracia psychologica que, felizmente, ainda nas épocas de maior indifferença materialista e de mais crassa baixeza de espirito, não interrompe a sua abençoada linhagem. Entra o nosso seculo — e as coisas não mudam. Se ao épico continúa a não faltar a admiração restricta d'essa elite intellectual, não lhe falta tambem um homem de genio como José Agostinho para, envenenado de vaidade, o morder hydrophobamente. Dois clarões fulgem, em seguida, n'esta treva do esquecimento collectivo: a estatua que se lhe ergue em Lisboa, e, mais tarde, a celebração do seu tri-centenario. Duas festas a que a multidão acudiu, como acode a todas as festas. O character, porém, de nacionalidade, de sentimento collectivo, de comprehensão moral d'esta nova lithurgia humana — falta por completo. Como sempre, sentem-no e entendem-no unicamente os eruditos, os artistas, os patriotas... As multidões apenas vêem... É um espectáculo novo e estranho, uma procissão sem santos. Sem santos? — Quem sabe?... Nem tão poucas vezes ouvimos por esse tempo, na bôca do povo, o nome de *S. Caimões*... Rebetados, porém, no ar os ultimos foguetes, emmudecidas as bandas, recolhida a procissão — o *santo* volta ao culto esoterico dos iniciados. Cada um torna a pensar nos seus interesses, n'uma sociedade rôida do mais vil egoismo. E a prova de que o centenario não passou d'um espectáculo pittoresco, sem o menor influxo moral no paiz, está no tristissimo facto de que os doze ultimos annos têm sito talvez aquelles em que o character nacional mais se deprimiu e aviltou.



Esta discordancia quanto á identificação do sentimento nacional com a individualidade de Camões, não quer, comtudo, dizer que, por outro lado, não concordemos com a suprema verdade de que esse poeta sublime consubstancia, synthetisa maravilhosamente a alma portugueza da Renascença. Não quer dizer, tão pouco, que o livro do eminente escriptor não tenha, sob o ponto de vista do interesse erudito, critico, historico e litterario, a mais subida e incontestavel valia. Bem ao contrario, são paginas d'uma capital importancia para a restauração biographica da personalidade de Camões e para a comprehensão da sua obra.

Em duas partes se divide o livro. A primeira, repartida em quatro capitulos, visa especialmente o assumpto a que acabamos de nos referir. No primeiro d'esses capitulos refee o auctor a vida do poeta de uma fórma que tende a corrigir (como no proprio prologo se declara) o volume da *Historia de Camões*, pertencente á serie da *Historia da Litteratura Portugueza*. O segundo capitulo tem por assumpto o estudo critico e social dos *Lusiadas*. O terceiro considera a immortal obra lyrica do poeta. O quarto, enfim, occupa-se do theatro camoneano. A segunda parte, sob o titulo de *Addilamentos*, encerra os varios escriptos dispersos a que a celebração do centenário deu origem, taes como uma importante nota sobre a sepultura de Camões, uma noticia biographica do visconde de Juromenha, noticias sobre a celebração do centenário no Brazil, conferencias, circulares da commissão executiva da imprensa redigidas pelo auctor, etc. etc.

Á parte o alto valor erudito e critico de muitos d'estes trabalhos, têm todos elles um vivo interesse documental, e são um testemunho do infatigavel labor d'esse bello e nobre espirito a quem a litteratura portugueza tão relevantes serviços fica devendo.

Endeixas e Madrigaes, por ALFREDO DA CUNHA. — Typ. Castro & Irmão;
Lisboa, 1891.

Através de todas as fluctuações do gosto, de todos os momentaneos e ephemeros *engouements* pela originalidade de themas novos e de uma plastica inedita do verso — ha fórmas e typos de poesia que nunca se obliteram, nunca murcham, nunca perdem essa mocidade eterna que o sincero e ingenuo culto do Bello dá ás creações n'elle inspiradas. Quantas escólas e escólasinhas, quantas formulas e formulinhas d'arte têm ahi formigado, trazidas pelo influxo das litteraturas estrangeiras, depois que João de Deus produziu, por exemplo, as incomparaveis estrophes da *Vida*? Pois de tudo isso pouco ou nada sobrenada, e no entanto esses versos, que têm mais de trinta annos, adquiriram a consagração classica das coisas immortalmente bellas. É que a verdadeira arte não vive de formulas, mas de emoções; não alcança o caracter de perpetuidade no bello por via de um capricho transitorio do gosto, mas sim pelas qualidades fundamentaes d'essa Esthetica que gerou, com igual grandeza, uma estrophe de Eschylo ou de Dante, uma ecloga de Virgilio ou um soneto de Camões. A rhetorica vasia passa, morre, em todas as litteraturas. A simplicidade, sinceramente emotiva e despretenciosamente bella — persiste e resiste aos ataques do tempo, conservando, como um mármore hellenico, toda a sua graça e toda a sua vida primitiva.

As *Endeixas e Madrigaes*, do snr. Alfredo da Cunha, não são o livro de um rhetorico, nem d'um possesso da originalidade debatendo-se n'uma epilepsia de imaginação torturada: são a obra calma, serena, singela nos processos, sincera no sentimento, delicada no gosto, d'um verdadeiro, d'um legitimo poeta. Sem aspirações superiores á envergadura da propria imaginação, os seus ver-



sois têm um cunho de *honestidade litteraria*, que desde logo os torna sympathicos e lhes conquistam um interesse benevolente da parte de quem os lê. Ha n'elles uma graça modesta e ingenua, que lhes dá um singular encanto. Como emoção, têm frescura e pureza; como arte têm uma apreciavel correcção. A limpidez da phrase, á naturalidade sem esforço das imagens, á facilidade da rima, á boa construcção technica do verso, corresponde intimamente uma fina esthesia lyrica, que transmite á fórma a tepida palpitação da vida. Sendo trabalhadas com consciencioso labor, não são, porém, marinoreas e frias essas estrophes. O poeta e o artista completam-se harmonicamente n'esta fina organisação litteraria.

N'uma nota final, o auctor confessa que o seu livro se formou espontaneamente, sem preoccupações de escola e sem um plano preconcebido. Os seus versos foram como que uma emanação psychico-artistica da sua juventude. A sua impressionabilidade procurava nas formas poeticas essa expansão necessaria aos talentos expressivos. Cada sensação tendia a crystallizar, a fixar-se pela palavra e pela harmonia. D'ahi o livro, feito aos poucos, composto de materiaes dispersos — mas achando a sua unidade na força característica do temperamento que o gerou. Ora esta mesma espontaneidade — é dos mais bellos predicados da obra. O merito da poesia é essencialmente qualitativo. E, se ha qualidade verdadeiramente fundamental, em materia de poesia, é esta que acabamos de apontar. Sem ella, essa nobre arte desce, mesmo, da sua superioridade emocional á inferioridade d'um puro artificio litterario.

Não acontece isto com os versos do snr. Alfredo da Cunha. E a demonstral-o está, sobretudo, a segunda parte do seu livro, que comprehende os *Madrigaes*. É n'ella que o poeta affirma claramente a sua veia lyrica e accentua, sem hesitações, o seu caracter poetico. As *Endeixas* são mais trouxas e incolores. Encerram até composições que o titulo não comporta, nem epigrapha com propriedade. E não são, justamente, das mais felizes nem das mais bellas. Pelo contrario nos *Madrigaes*, raras são as poesias que não mereçam á critica uma especial menção. Citaremos entre outras as seguintes: *To my soul's idol, Salvè Rainha! Prisma d'amor, Preghiera, Sabbalina, Em confissão, Soletrando, Gosto amargo, Feliz culpa! Reliquias, Reflexos, Manhã e noite, Bemdita sois vós...* Juntando a estas o offerecimento, o *Prologo* e o soneto v da serie *Tedium vitae*, inserto nas *Endeixas*, teremos extremado as composições que melhor nos impressionaram e que mais indisputavelmente testemunham as reaes qualidades poeticas do auctor.

Em muitas d'ellas o poeta attinge, por vezes, um tão alto grau de emoção lyrica, uma tal crystallinidade de expressão e uma factura tão correcta e solida, que lamentavel será que este ensaio abra e feche, a um tempo, a sua carreira litteraria. Não nos dá esperanças de que assim não seja a modesta e conscienciosa nota que remata o livro. Oxalá, porém, nos enganemos!

A fabrica das Caldas da Rainha, de RAMALHO ORTIGÃO. — Porto, 1891.

De ha muito que se vem fazendo uma vehemente propaganda a favor do resurgimento da fabrica de faianças das Caldas da Rainha. Pequenos desastres de administração, inevitaveis em industrias que se iniciam e sempre tributo dos empreendimentos largos, principalmente em paizes de actividade parada, sem escolas, sem modelos, e sem esthetica, obrigaram duramente o encerramento d'esta notavel instituição. Homens de letras, naturalistas e engenheiros têm procurado concorrer para a reabertura e prosecução dos trabalhos encetados d'um modo tão singularmente imprevisito, original e brilhante; a novidade e o en-



canto de variadas e innumeradas peças decorativas, as excellentes vantagens da materia prima, na qualidade, na quantidade e na jazida, as notaveis acquisições na technica ceramista, eis, nas rapidas linhas geraes, os factores concorrentes para uma empreza de exito amplo, seguro e prospero. Ramalho Ortigão vem juntar-se, com a sua prosa lucida, vibrante e persuasiva, aos que gritam a besta indigena que o estado actual da fabrica «é o vestigio do mais barbaro e mais cruel golpe que pôde ferir uma industria». O opusculo é um artigo-extracto da *Gazeta de Noticias* em que Ramalho pinta eloquentemente a situação actual do estabelecimento, a sua obra e o que ella ainda viria a ser. Abre pela descripção do magnifico predio destinado á exposiçào e deposito das louças artisticas, «as mesmas que em Paris, ha dois annos, fizeram a reputação artistica de Portugal e o inesperado encanto do mundo». E, seguidamente, o ensejo de passar em revista essa vasta e linda documentação ethnographica da vida popular portugueza. «Uma grande parte dos principaes typos do nosso incomparavel vasilhame portuguez, convertida em artigos de luxo pela delicada applicação de um accessorio ornamental: o alcatruz das nossas noras mouriscas; o moringue, que importamos da India e da America; o jarro chinéz, imitado da taça Tsio e da taça *dos grandes tetrados*, que os nossos viajantes transferiram da China pela primeira vez á Europa; varias bilhas populares, em que se conservam, com admiravel pureza, as formas gregas e romanas da cratera, do bombylio, da *imbula* e do *cantharo* consagrado a Baccho; muitas das formas que herdamos dos arabes, como a *almotolia*, o *alguidar*, a *batega*, a *alcanzia*, a *aljofaina*; os vasos figurativos, imitação dos que fomos os primeiros a vêr no Perú e no Mexico; os varios recipientes de origem propriamente popular, como os gumis, os picheis, as pucaras, as quartinhas, as ancoretas, os cantis e os tarros. Innumerados motivos decorativos, uns tradicionaes, outros inteiramente novos, tirados da fauna e da flora d'esta zona da Estremadura: flores e folhas de cardo, de pimentos, de girasoes, de hera, de vinha, de oliveira, de papoula, de carvalho, de feijoeiro; algas, pimentos, conchas, musgos, azas de grillos, cabeças de camarão, caranguejos, tartarugas, ruivos, mexilhões, enguias, rãs, lagostins; grupos de fructas, de peixes, de parreiros e de pintas; stigos; revoadas de pombos e de andorinhas, ondulações de lagartos, lampejos dourados de escaravelhos e de abelhas; stylisações ou simples attitudes de carneiros, de bacosos, de burros, de touros, de gatos horralheiros e de gatos bravos; variadissimas applicações ornamentaes de ferramentas ou de utensilios domesticos, gigos vindimos, cabazes, alforges, ceirões, borrachas, esteiras, abanos, tamancos, odres, redes, boias, cordames e linhas de pesca».

Depois, uma demorada analyse aos excellentes padrões de azulejos e á louça de uso commum, esta ultima de fabricação apenas iniciada, mas em cujo desenvolvimento progressivo está a garantia, bem patente e bem sólida, do largo futuro da empreza. Sobre a paralysação do machinismo fabril, sobre a quasi inutilidade da escola industrial annexa, o famoso laboratorio do futuro, deixa Ramalho cahir as mais desolantes palavras de dôr. É que deveras consterna, magôa amarguradamente a situação d'uma fabrica que, «com um pessoal exclusivamente portuguez, com materias primas portuguezas, conseguiu no breve periodo de quatro annos crear um novo estylo decorativo genuinamente nacional, educar operarios de primeira força, triumphar pela belleza dos seus productos em concorrência com productos estrangeiros n'uma exposiçào universal, e sobre tudo isso tocar pela arte o coração do paiz inteiro, dar ao povo uma commoção nova de admiração, de orgulho, de fé na força do seu engenho e da sua productividade, acordando para o trabalho, n'uma alvorada de triumpho, faculdades creativas, de imaginação, de sentimento e de technica, que desde muito tempo se tinham por mortas no cerebro d'uma raça aparentemente esterilizada para toda a concepção artistica».

O opusculo de Ramalho é, como se vê por estes curtos extractos, um vehemente protesto contra a passividade d'aquelles a quem cumpria contribuir para o levantamento d'uma industria tão brilhantemente começada como descaroavelmente perdida. Virá a tempo? Acordará? Talvez sim, talvez não!

*



Mas em paiz de tradição esquecida, honra escalavrada, vida prestes extincta, é licito esperar ainda, Bordallo, oh! querido, oh! adoravel, oh! immerecido artista?

Sciencia politica, por ALBERTO SALLES.—Teixeira & Irmão, editores;
S. Paulo, 1891.

Pela simples inspecção do titulo se depreheende desde logo a natureza d'este livro. O auctor, preparado com uma solida orientação scientifica e os conhecimentos indispensaveis em materia tão complexa e tão intimamente ligada aos factos de observação e leis já assentes nos amplos dominios das sciencias naturaes e sociaes, alcançou realisar um trabalho simultaneamente valioso, lucido e opportuno.

Abre o livro pelo estudo da situação da politica no quadro da sociologia, e segue-se-lhe o da evolução, methodo e objecto da politica, e theorias da organização social, politica e da nacionalidade. O capitulo intitulado *Factores da evolução politica* é curto, mas preciso e sufficientemente educativo para um trabalho d'esta ordem. Seguem-se-lhe os relativos ao estado, ao executivo, ao ministerio, á diplomacia, ao legislativo, ao judiciario e aos governos locais. Por ultimo e em conclusão, o auctor declara de novo, com uma lealdade e isenção verdadeiramente sympathicas, que o proposito e a amplitude da sua obra o levariam a mais desenvolvido estudo de phenomenos e leis sociaes, cuja indicação e interpretação foram omittidas ou apenas levemente tocadas. Mas nem por isso o seu trabalho deixa de ser d'um subido prestimo e não menos efficaz opportuidade no momento angustioso, embora diverso em causas e origens, por que passam actualmente os dois paizes em cuja lingua é escripto. É necessario registrar ainda que a fórma é extremamente lucida, clara e elegante. Tanto basta para que chamemos a attenção de todos para a leitura e meditação do excellento trabalho do publicista brasileiro, confiados em que estas palavras apenas annunciativas, bastarão para inteirar quem lê, que a *Sciencia politica* é um livro duplamente estimavel pela sua actualidade e natureza do intuito.

Compendio de grammatica portugueza, por AUGUSTO FREIRE DA SILVA.
— Teixeira & Irmão, editores; S. Paulo, 1891.

Este compendio conta já seis edições e é escripto por um professor de lingua portugueza n'um curso preparatorio annexo á faculdade de direito de S. Paulo. N'um rapido exame que lhe fizemos pareceu-nos que o auctor possui uma elevada orientação no assumpto e, parallelamente, uma crudição pouco commum entre grande numero de escriptores que se têm occupado da materia, cujo accesso é tão delicado quanto, aparentemente, se julga facil. O plano geral da obra agrada-nos e l'gualmente a distribuição e capitulação das partes que abrange. Fórma, precisa e correcta.



JOÃO DE DEUS

E A

RENOVAÇÃO DO MODERNO LYRISMO

No prefacio do *Prometheu libertado*, escrevia Shelley: «um grande poeta é uma obra prima da natureza, que deve impôr-se e se impõe necessariamente ao estudo de um outro poeta». Ao admirar as manifestações do genio poetico de João de Deus, ao seguir o influxo da sua idealisação na transformação do emphatico lyrismo ultra-romantico, presentia o pensamento de Shelley, porque me provocava o mais alto interesse o estudo d'aquella obra prima sob o aspecto da sua personalidade, do seu meio social, da elaboração esthetica dos seus sentimentos, emfim da synthese moral que lhe constitue o alto character. E, quanto mais o poeta se apoderava das minhas emoções pelas estrophes surprehendentes de uma nova idealisação, tanto mais me pertencia para o estudo critico e litterario. Quando se trata de individualidades supremas, todas as minucias tornam-se factos capitaes; porque ás vezes em um pequeno accidente da vida está a determinação de um destino. E sobretudo, a comprehensão de um grande poeta excede as condições da critica litteraria; ha na psychologia complexa do seu sêr mais alguma coisa

do que o temperamento impressionista e o poder de dar expressão eterna ao sentimento, ha a intuição synthetica de um philosopho, ha a missão organisadora ou edificadora de um instituidor, que constituem a essencia da sua obra. Anthero de Quental, que foi dos primeiros a proclamar o genio lyrico de João de Deus, avaliava superiormente esta obra prima da natureza: «Ha tres mestres supremos, tres exemplares acabados do estylo poetico portuguez: Camões, Herculano e João de Deus». E aconselhando o estudo d'elles a um joven poeta, caracterisava-os assim: «Leia-os muito. N'aquella convivencia adquirirá, como artista, muitissimo: o segredo da linguagem simples, forte e naturalmente pittoresca. E ainda isso, com ser tanto, será o menos. Como os grandes poetas são necessariamente grandes espiritos, e sob a fórmula sentimental, profundos moralistas, a convivencia com elles alliviará os seus desgostos, transformará os seus soffrimentos em verdades humanas, e ajudal-o-ha a fazer-se homem, que é esse o fim soberano da vida; e arte, sciencia, philosophia seriam vãs, se não fossem meios e instrumentos para esse fim»¹.

O valor moral de Camões aprecia-se ante os conflictos do maior seculo da historia, quando faltava aos mais esclarecidos espiritos o apoio de uma doutrina que substituísse as ficções da theologia; sem renegar a Graça elle sentiu-se apaixonado pela Natureza e foi uma das forças vivas da Renascença. Herculano reconheceu que as sciencias especializadas se desdobravam em um gongorismo concreto, sem contribuirem para a nova synthese mental, mas regressou do seu deismo vago a um christianismo tradicionalista, abandonando toda a actividade intellectual, depois de desilludido da solução politica da pedantocracia parlamentar, em que tinha tomado parte. João de Deus, pela simplicidade ingenua da sua intelligencia, quando a mocidade era attrahida para as aspirações revolucionarias, que renegava segundo ultteriores conveniencias, escapou a esse estado de insur-

¹ Apud *Nova Alvorada*, n.º 5.



reição mental propagado por um metaphysicismo dissolvente. Eis a razão da superioridade das suas idealisações, espontaneas, naturaes, verdadeiras, bellas, porque não eram suggeridas pela exaltação romantica melancholica, satanica, revolucionaria, ou pessimista, das fôrmas incoherentes da Arte moderna.

Como a synthese mental e a synthese social, para que a sociedade humana tende, ainda não estão definidas, tambem a Arte que ha de resultar d'esse novo estado, não se acha conscientemente esboçada. Comte formulou-o com justeza: «a Arte moderna, desde o fim da Idade-média procura vãmente uma direcção geral e um alto destino»¹. Essa direcção geral é a que resulta de uma concepção philosophica; e esse alto destino é o que coopéra pela concordia dos espiritos para a realisação pratica das concepções na collectividade politica. Desde a dissolução do regimen theologico no fim da Idade-média, ainda não tomou a direcção das consciencias uma philosophia em harmonia com a objectividade das sciencias; e desde a decadencia do regimen feudal e advento do proletariado, ainda a funcção politica não deixou de ser perturbada pelo empirismo conservantista incompetivel com as vagas theorias do progresso independente dos costumes. Facilmente se comprehenderá como a Poesia não tem encontrado as condições para a sua plena expansão, como na sociedade hellenica. Como observou Comte: «a Poesia tem a sua posição systematica entre a Philosophia e a Politica, como emanada de uma, e preparando a outra. — A Poesia depende da Philosophia para a construcção dos seus typos, e influe na Politica, quanto ao seu destino»².

Desde que se alteraram as bases da ordem catholico-feudal, as condições mentaes e sociaes deixaram de ser o elemento natural e suggestivo da idealisação artistica, e as creações estheticas ou se desnaturaram, ou ficaram abandonadas á propria espontaneidade. Exemplifiquemos: a *Epopéa medieval*, pela de-

¹ *Politique positive*, t. 1, pag. 274.

² *Ibid.*, t. 1, pag. 284 e 285.



cadencia do poder feudal dissolve-se em prosa de novella cava-
lheiresca sem realidade perante os costumes burguezes, e os
escriptores sem publico elaboram epopêas litterarias confundindo
os modelos homericos e virgilianos de uma civilização polythei-
ca. O *Drama medieval*, ante a dissolução catholica, trata os
personagens do culto como typos comicos, submettendo a hierar-
chia religiosa á satyra, e desnudando os costumes burguezes. A
falta de caracteres positivos, o drama moderno ainda não está
definido nas litteraturas desenvolvendo-se apenas á custa do
Romance. Somente o *Lyrismo medieval*, idealizando nas canções
dos trovadores o thema universal do Amor, é que escapa a essa
degenerescencia da marcha das Litteraturas modernas; e em
vez de decahir com a cavallaria e com os dogmas theologicos,
transforma-se no *dolce stil nuovo* dos italianos do seculo xiv a
xvi, e na pureza affectiva dos mysticos hespanhoes do seculo
xvi e xvii, até que encontra nos costumes a elevação social da
mulher, nas suas tres sublimes encarnações de *filha, esposa e*
mãe. O Lyrismo amoroso achou uma das cordas mais vivas da
sensibilidade humana; e desde que a idealização da mulher vá
além do egoismo do amante e da irisação sexual, o Lyrismo
torna-se a voz da humanidade representada no seu mais bello
symbolo. Foi com este superior aspecto que se manifestou o Ly-
rismo de João de Deus, conseguindo sem perda de nenhuma
das suas qualidades de artista, conciliar a imaginação com a
razão, e dirigir-se, sem plano na sua propria vida, por um ele-
vado sentimento de sociabilidade. Assim como a sua obra, João
de Deus exercia em volta de si o prestigio da sympathia; liber-
to de todos os negativismos, religioso, politico, philosophico ou
social, não tinha antagonismos, odios ou incompatibilidades mo-
raes com ninguem: o seu ideal era uma expressão d'esta sere-
nidade moral, d'esta pacificação intima, a que foi levado, já
pelo seu temperamento, já pelo meio domestico.

Temos contornado o vulto do grande poeta: o estudo da
sua obra lyrica revela-nos tres phases, que se destacam: desde
1855 a 1868, com as *Flôres do campo*; desde 1869 a 1876
com as *Folhas soltas*; e de 1877 a 1888 com as *Despedidas*



do *Verão* (em parte ineditas ou não colleccionadas) e a *Cartilha maternal*. É uma orientação necessaria para acompanhar a evolução normal de um genio tão complexo, e tão despreocupado de si proprio, a ponto de carecerem as suas mais bellas poesias de serem collacionadas sobre todas as variantes, como se faz para a restituição de um texto da antiguidade classica.

Em um primeiro esboço biographico de João de Deus, formulámos: «A acção de João de Deus sobre a poesia moderna portugueza precedeu o movimento critico e philosophico dos *Dissidentes* de Coimbra; e sem conhecer a renovação das doutrinas metaphysicas, nem as theorias sociaes, nem o physicismo das sciencias naturaes, nem a indisciplina revolucionaria, sem ter em vista romper com o passado nem proclamar novas affirmações, como é que elle fecundou duplamente a poesia portugueza pela sua obra e pela sua influencia immediata? Isso que a todos arrebatava, isso que é bello porque não é exclusivamente individual, essa vibração que fascina e inspira, é uma orientação tradicional que depois de Camões os poetas portuguezes perderam, e que João de Deus por um tino genial soube tornar a achar. Entraram em Portugal as correntes do satanismo byroniano, do pessimismo de Baudelaire, do scepticismo exausto de Musset e dos grandes gritos de justiça de Victor Hugo; os ruidos passam, esquecem-se, e os versos de João de Deus ouvem-se por cima dos côros tempestuosos na sua limpidez de melodia matinal, imperturbavel como uma voz da natureza. Nenhum d'entre os modernos poetas portuguezes tem, como elle, uma individualidade poetica tão sua e ao mesmo tempo tão nacional». É ao accentuar a renovação do lyrismo por João de Deus, que melhor se definem as phases da poesia portugueza moderna estabelecendo a sua genealogia desde os ultimos lampejos arcádicos transmittidos aos epigones do romantismo até aos parnasianos, que á falta de ideal se absorvem na cultura exclusiva da fórmula:



Canon da Poesia moderna portugueza

I

Epigones do Romantismo

- | | | |
|--|-----------------|--------------|
| a) Restos da influencia da Arcadia. | { Filinto..... | GARRETT. |
| | { Bocage..... | CASTILHO. |
| b) Romantismo religioso ou em-
nuelico..... | { Chateaubriand | } HERCULANO. |
| | { Lamartine | |
| | { Delavigne | |
| | { Klopstock | |

II

Os Ultra-romanticos

- | | |
|--|---|
| a) Persistencia do Romantismo religioso, sentimen-
tal e ossianesco..... | { João de Lemos.
Augusto Lima.
Corrêa Caldeira.
Antonio de Serpa.
Xavier Cordeiro.
Pereira da Cunha.
Soares de Passos. |
| b) Romantismo liberal (phase das <i>Odes e Balladas</i>
e <i>Orientaes</i> de Victor Hugo) e começo do pes-
simismo de Musset..... | { Alexandre Braga.
Mendes Leal.
Palmeirim.
Bulhão Pato.
Camillo Castello Branco.
Ernesto Marecos.
Thomaz Ribeiro.
Eduardo Vital.
Julio Diniz.
Ernesto Pinto. |

III

Dissidentes de Coimbra

- | | |
|---|--|
| Apparecimento do genio espontaneo precursor da
Escola de Coimbra..... | { JOÃO DE DEUS. |
| a) Sob a influencia de Victor Hugo na phase dos
<i>Chatiments</i> , e de Byron e Baudelaire..... | { ANTHERO DE QUENTAL.
Guilherme Braga.
Gomes Leal.
Guilherme de Azevedo.
Guerra Junqueiro.
Alexandre da Conceição.
Fernando Leal, etc. |



- b) Sob a influencia de Victor Hugo na phase da *Lenda dos Seculos*, e da Philosophia positiva.
- THEOPHILO BRAGA.
Teixeira Bastos.
Luiz de Magalhães.
Antonio Feijó.
Freitas Costa.
- c) Parnasianos, cultivando exclusivamente a fôrma.
- GONÇALVES CRESPO.
Jayme Seguiet.
Cesario Verde.
José de Sousa Monteiro.
Joaquim de Araujo.
Conde de Sabugosa.
Sousa Viterbo.
João Penha.
Luiz Osorio.
Accacio Antunes, etc.

Quando se manifestou o genio poetico de João de Deus, a poesia portugueza obedecia á mesma decadencia geral, que a situação europêa lhe creára; abundavam os metrificadores sem vocação, os versejadores politicos, as mediocridades habeis. A verdadeira regenerescencia só podia provir da aproximação do elemento popular, isto é, da grande classe do proletariado, livre das ambições do poder e das falsas idéas de uma metaphysica pedantocratica, dirigida pela realidade pratica da vida, pela espontanea noção do dever, em que a necessidade do trabalho submete os impetos da personalidade á dependencia da sociabilidade. Com a mais profunda comprehensão da crise da civilização moderna, Comte previu esta solidariedade entre a grande classe do proletariado e os pensadores positivistas para a organização da nova synthese social. É d'ella que hão de surgir os grandes artistas, pela espontaneidade e contacto com o espirito popular. João de Deus, nascido em S. Bartholomeu de Messines em 8 de março de 1830, pertencia a uma honesta familia proletaria, onde se trabalhava para comer; seu pae era um pequeno commerciante, e sua mãe a providencia de quatro filhos creados sob um regimen de bondade absoluta. O poeta ainda falla com emoção d'esse vulto que se alevanta nas suas saudades da infancia:

É minha santa mãe, de olhar piedoso,
 O mesmo santo olhar, em que inda penso...
 O mesmo collo, onde andei suspenso,
 Como avesinha em ninho o mais mimoso!

Na Carta em tercetos, intitulada *Maria*, descreve João de Deus com traços ingenuos os tempos da sua mocidade:

Que bello tempo aquelle emquanto pude
 Levar como tu levas, todo o dia
 N'essa vida chamada ingrata e rude.

Nunca soube o que foi melancholia,
 Nunca provei as lagrimas salgadas
 Com que a nossa alma as penas allivia;

Andava sim por essas cumiadas
 Ao sol, á chuva, muita vez, sósinho,
 Vendo os valles, das rochas escarpadas;

Descendo pelo córrego estreitinho,
 De pontal em pontal, cortando o matto,
 Pelas chapadas, fóra do caminho;...

É que a gente na sua mocidade
 Não cabe em si, não pára de contente;
 E assim fui eu na flór da minha idade...

Um dos filhos seguiu a vida do commercio, dotado de uma intelligencia natural que contrastava com a falta de cultura systematica; outro, depois de uma adolescencia irrequieta seguiu os estudos para padre; ha ainda um outro irmão que morreu victima da doença horrivel e prolongada que Xavier de Maistre idealizou no seu bello romance do *Leproso de Aoste*. Esse desgraçado com a consciencia da sua situação, e sem desespero tinha nas suas palavras um espirito de submissão ás leis naturaes que não comprehendia, e em vez de ser consolado era elle o consolador de todas as tristezas que o cercavam.

Alludimos a este facto, porque desde que o poeta nol-o revelou, ficámos comprehendendo a verdade d'essa melancholia



da sua linguagem, a pureza do sentimento que lhe suscitam todas as desgraças, enfim esse realismo das suas descrições, e a indiferença por todas as doutrinas transitórias diante da *synthese* espontânea da moralidade. A *philosophia*, que tem por scopo disciplinar as intelligencias para vir a reconstituir os costumes, acha-se logicamente em harmonia com o estado mental e moral do proletariado, liberto das entidades ficticias e nominaes das decahidas doutrinas, e das ambições egoistas das classes ricas e letradas que disputam o poder. Comte, reconhecendo esta relação, conclue: «A impulsão regeneradora depende sobretudo da intima alliança entre estes dois elementos extremos da ordem final. Apesar da sua diversidade natural, todavia mais apparente do que real, elles possuem na essencia muita affinidade intellectual e moral. Os dois generos de espirito apresentarão de cada vez mais o mesmo instincto da realidade, uma semelhante predilecção pela utilidade e uma igual tendencia para subordinar os pensamentos de detalhe ás vistas de conjuncto. — Quando estas *sympathias* fundamentaes puderem accentuar-se bem, sentir-se-ha que todo o operario constitue, sob muitos aspectos, um philosopho espontaneo, como todo o philosopho representa, sob diversas maneiras, um proletario systematico»¹. Foi este estado mental e moral em que se passou a mocidade de João de Deus, e que se reflectiu sempre em todas as suas manifestações artisticas, que libertaram aquella organização esthetica da deformação pedantocratica dos dois terribes meios que atravessou na sua existencia: a Universidade e o Parlamento. Um positivista systematico não se defenderia melhor contra os destemperos da metaphysica doutoral dissolvente, nem da anarchia das ambições dirigentes que se alastram nos debates parlamentares. Aproveitando a lucidez natural revelada na primeira cultura, João de Deus foi mandado para Coimbra em março de 1849, para seguir uma formatura em direito, que lhe abria o caminho da vida pratica como advogado ou como magistrado. Coimbra ainda se resentia da agita-

¹ *Politique positive*, t. 1, pag. 129.



ção politica de 1847, em que a nação se insurgiu contra as prepotencias de D. Maria II, chegando a Junta revolucionaria d'alli, presidida pelo marquez de Loulé, a estabelecer uma regencia, a declarar destituída a rainha, e a ameaçal-a com a sorte de Luiz XVI; pela sua parte a rainha não comprehendendo a reclamação nacional chamou sobre Portugal a *intervenção armada* da Hespanha, Inglaterra e França, que a sustentou no throno. Assim ficou moralmente morto este povo, que nunca mais resistiu contra os sophismas e expoliações do constitucionalismo; a intelligencia portugueza atrophiou-se em uma profunda esterilidade, como o presentira Quinet no seu eloquente protesto historico. Na classe academica as aspirações intellectuaes estavam substituidas pela monomania anachronica da valentia; as praes da troça escolar estavam no seu rigor medieval, os lentes por uma boçalidade quasi geral forneciam as anedotas para o pabulo do cavaco, e o calão conimbricense da *cábula* e de *andar á lebre* era expressão da vida real. N'esta época de desalento profundo é que se produziu a apathia physica e moral que estragou as gerações academicas que vieram encher as secretarias, ou se deixaram annullar em uma imbecil inactividade provinciana. João de Deus resentiu-se d'este deploravel meio, contra o qual reagiu em alguns dos seus epigrammas e satyras; e como proletario, o bom-senso natural é que inspira tambem essas outras satyras do dinheiro, da aristocracia e da realeza, que se destacam entre as suas inimitaveis canções amorosas. De 1849 a 1855, em que apparece a primeira composição de João de Deus, a sua vida academica passa-se na apathia e descuido completo da propria formatura, que veio a terminar em 1859, ao fim de dez annos *como a guerra de Troya*, que elle proprio tomava para termo de comparação. Somente depois de 1855 é que começou a ser o João de Deus, das successivas gerações academicas.

Antes de João de Deus revelar a alta capacidade de *idealisação*, creára em volta de si um entusiasmo suggestivo, provocado pelos extraordinarios poderes de *expressão*, de que era dotado. As suas faculdades de *expressão* manifestavam-se espon-



taneamente pela linguagem pittoresca e eloquente de um conversador incomparavel; pela inspiração musical com que improvisava na banza os mais rendilhados caprichos sobre as melodias populares; pela graça do desenho, com que esboçava as imagens da sua phantasia sobre as margens dos livros da aula, nos albuns dos amigos, nas paredes do seu quarto. Foram estas manifestações que lhe crearam o primeiro circulo de amigos. A *expressão* poetica não lhe repugnava, mas o meio pervertido pelos solãos e xácaras ainda em moda, é que o não suscitava; contrapunha a esse arrebicado convencionalismo, a essa sentimentalidade banal as reminiscencias da poesia do povo com que fôra embalado na infancia, cheias de expressões simples e profundas que synthetisam a existencia humana. Os devaneios melodicos despertaram-lhe este mundo de poesia, que o fortificava saudavelmente contra o exagero ultra-romantico, e o levaram a procurar o aspecto ideal da realidade. Em uma estrophe do poemeto digressivo *A Lata*, expõe esta concepção:

Oh! ha tres vistas com que as coisas vemos;
Ha tres razões que as coisas determinam;
Uma a dos olhos; outra a que escondemos
N'isso ante que os álamos se inclinam:
Outra, a que dentro no coração temos.
Que os limites do espaço só terminam;
Coube a primeira em sorte á borboleta;
A outra ao homem; a terceira ao poeta ¹.

Esponaneamente achava-se João de Deus formulando uma clara systematisação psychologica: do estado de objectividade concreta do animal; da reacção subjectiva da consciencia do homem sobre a realidade; e da transformação da realidade em uma apparencia ideal pela emotividade do poeta.

Vê-se que elle comprehendia a missão synthetica do poeta; talvez por isso ainda em 1855 não revelára a altissima vocação. No emtanto, a sympathia com que o cercava a geração academica era um reconhecimento do seu poder artistico; o *João* era

¹ *Flores do campo*, pag. 130, 2.^a edição.



o typo lendario, de que se fallava com encanto, de quem se contava as excentricidades de contemplativo. E quando elle fazia retinir no largo da Feira em vespera de feriado a banza gemente, acudiam os grupos, envolviam-no, e iam todos levados para o Penedo da Saudade, para a Fonte do Castanheiro, ao som das melodias populares do *Choradinho*, do *Ladrão, ladrão*, do *Fado da Severa e Agua leva o regadinho*, recordando as feições tradicionaes de cada provincia. A viola de arame, dominava-a tanto como o José Doria. Este medico, bella figura de peninsular, assombrava todos com as suas variações na viola sobre o *Fado de Coimbra*; o prestidigitador Hermann, que fôra a Coimbra em 1859, ficou maravilhado com o desconhecido instrumento e com o tocador. Joaquim de Vasconcellos, na entusiastica biographia de José Doria, descreve esses extraordinarios effeitos: «A canção popular, tristemente monotona, transformava-se em queixa plangente, passava de repente á agitação febril, acalmava, permanecia serena por algum tempo, continuava assim em languido abandono, recrudescia novamente, abrandava e subia ainda do *pianissimo* mais suave, de um suspirar imperceptivel até á furia desenfreada, desencadeando-se por corridas e arpejos phantasticos que iam terminar em um ultimo suspiro.—A canção popular apparecia simples, sem enfeite nem adorno; depois vinha a primeira variante, a segunda, a terceira, quarta, quinta, sexta, decima, vigesima; no fim, já sem numero, em jôrro continuo e inesgotavel»¹. Depois de José Doria, para que João de Deus fosse ouvido na viola com encanto, é porque elle dispunha de pasmosas faculdades de expressão musical; essas melodias eram sempre acompanhadas da letra tradicional ou improvisada. Assim se operava a iniciação espontanea do genio poetico, apoderando-se da belleza do verso octonario, tão desnaturado pelos ultra-romanticos da escola de João de Lemos; e da phrase musical apropriava á estrophe as repetições de palavra com que restabelecia os retornellos das antigas formas provençalescas. A leitura de Camões revelou-lhe

¹ *Os Musicos portuguezes*, t. 1, pag. 88.



toda a poetica da Renascença, derivada dos trovadores, e prolongando-se automaticamente até ás Arcadias do seculo XVIII. João de Deus caiu em uma apathia profunda, em um estado contemplativo, que o fazia inconsequentemente perder os annos do curso juridico; era a chrysalida na evolução mysteriosa da borboleta. O poder de *expressão*, que manifestára na eloquencia descriptiva familiar, no desenho á penna, e na musica, á medida que o seu espirito se desenvolvia syntheticamente, era substituido por um novo poder de *idealisação*, para a qual carecia de uma linguagem ampla para abranger todas as manifestações da existencia. Estudou então a poesia. Comte, collocando á frente da hierarchia esthetica a Poesia, accrescenta: «na essencia, ella é mais popular do que nenhuma outra fórma da arte, primeiramente em virtude d'esta aptidão mais completa, e depois pela natureza dos seus meios de expressão, immediatamente tomados da linguagem usual, o que a torna intelligivel a todos. A versificação é, sem duvida, indispensavel a toda a verdadeira poesia; porém ella não constitue de nenhum modo uma arte especial. Apesar da sua fórma distincta, a linguagem poetica nunca é mais do que um simples aperfeiçoamento do idioma vulgar, de que ella só differe por melhores fórmulas. A sua parte technica reduz-se á prosodia, que cada qual pôde facilmente aprender em alguns dias de exercicio. Esta connexidade com a linguagem universal é por tal modo intima, que nunca o genio poetico pôde fallar com successo uma lingua morta ou estrangeira. Além de que a Poesia comporta mais generalidade, espontaneidade e popularidade, a arte por excellencia é tambem superior a todas as outras em quanto á sua commum funcção caracteristica, a *idealisação*. É de todas a que idealisa mais, e ao mesmo tempo a que incita menos»¹. O abandono da musica, do desenho e da eloquencia pela Poesia, explica-se em João de Deus pela luminosa phrase de Comte: «á medida que as predilecções estheticas preponderam sobretudo para a *idealisação*, sem conceder muita importancia á *expressão*». Pelo estudo das composições de

¹ *Politique positive*, t. 1, pag. 291.



João de Deus no seu periodo de Coimbra, acha-se com frequencia o verso imperfeito ou mal rimado, sem contudo essa negligencia technica da expressão empanar a belleza da idealisação; mas facil lhe foi adquirir a technica da metrificaçã endecasyllabica e surprehender todos os segredos do lyrismo ¹, sem contudo se amesquinhar na cultura exclusiva da expressão, como os parnasianos. Elle, adquirindo a linguagem da poesia, deu-lhe toda a generalidade, espontaneidade e popularidade, que logo o destacaram de todos os seus contemporaneos, e lhe vulgarisaram os versos por todo o paiz. João de Deus não teve aprendizagem; a elaboração dos seus versos era submettida á idealisação: compunha mentalmente estrophe a estrophe sobre modismos populares, que lhe davam o effeito da espontaneidade, e recitava aos amigos que se apressavam a fixar a composição pela escripta. Ainda hoje João de Deus compõe mentalmente n'uma passividade contemplativa; é assim que se explica a variedade das lições dos seus versos, conforme o texto fixado pelo amigo que os escrevera. Quando mais tarde esses versos, assim apanhados e publicados nos jornaes do paiz, foram colligidos em volumes por iniciativa de outros amigos, aconteceu que a lição preferida não foi sempre a mais bella ou a mais completa, succedendo até incluirem um *amphiguri* que lhe não pertence.

Os primeiros versos de João de Deus, que foram publicados, appareceram na *Revista academica*, com a data de 15 de junho de 1855; têm o titulo *Oração*, com a rubrica *Á excellençissima senhora D. R. C. N.* É um drama pungente o que inspira essas sentidas estrophes; *D. Rachel Candida Nazareth* era uma das mais formosas meninas de Coimbra, no esplendor da idade e da graça; João de Deus viu-a repentinamente declinar, empallidecer, minada pela tysica incipiente. A *Oração* nasceu d'este pezar da ruina que se passava aos olhos de todos; é um grito de piedade, de amor desinteressado e humano:

¹ Na poesia *A uns olhos azues* (*Flores do campo*, pag. 119), vem correcto o verso: «Como o falso Dagon ante Jehovah!», que na primeira redacção, com o titulo *Cae tudo*, vinha imperfeitamente: «Como a estatua de Dagon ante Jehovah!», e para o qual em nota pedia tolerancia.



Olha por ella, tu, dos céos que habitas,
Do mundo o creador!
Ampara o lirio delicado e fragil,
Ampara a tenra flôr!

Do manto que te envolve e d'onde pendem
Soes sem conto, dos céos,
Ella baixou á terra, estrella tua,
Anjo dos anjos teus.

.....

Não permittas que a dôr seus labios murche,
Senhor, que és Deus e pac!
Senhor, a cujo halito vacilla
O mundo, e o cedro cae.

Ah, nunca os olhos seus lagrimas turvem
De acerba anciedade,
Nunca, Senhor, por ti! que em soes te firmas
Dos céos na immensidade.

A gentilissima Rachel pouco resistiu ante a tuberculose implacavel; mas poucos dias depois da sua morte fallecia tambem a desolada mãe; a emoção foi profunda entre a mocidade academica. João de Deus escreveu a sublime elegia intitulada *Rachel*, com a epigraphe *Labitur ex oculis quoque gutta maris*, de Ovidio¹. Repetia-se em Coimbra com lagrimas; era dedicada a uma irmã que lhe sobrevivia:

Despe o lucto da tua soledade,
E vem junto de mim pomba esquecida
Do orvalho do céu!
Tens nos meus olhos pranto de piedade,
E se és, mulher, irmã dos que hão soffrido,
Mulher! sou irmão teu.

¹ Na edição das *Flores do campo* tem o titulo explicativo *A D. Candida Nazareth, por occasião da morte de sua irmã Rachel e poucos dias depois de sua mãe.*



Na edição das *Flores do campo*, a elegia termina na incomparavel estrophe em que allude á morte da mãe após a da filha:

...mãe e irmã, cinzas cobertas
De um só *lanço* de terra... oh desventura!
Oh destino cruel!
Vejo-as ainda ir com as mãos incertas
Guiando-se uma á outra á sepultura,
E a mãe: Rachel! Rachel!

Na lição esparsa nos jornaes contemporaneos vem uma outra estrophe final, não menos bella, referente á irmã orphã, a quem se dirigira no começo, terminando logicamente:

Desde então á janella do occidente
Te vejo, como a bussola em seu norte,
Fita, pensando... em que?
Oh não vões tambem, pomba innocente,
É grande a eternidade, é certa a morte,
Espera, vive e crê!

O grande poeta tinha encontrado o seu caminho; sabia dar expressão aos mais delicados sentimentos e ás maiores dôres humanas. Póde-se-lhe applicar a eloquente phrase de Renan, descrevendo as relações do genio com a alma de um povo: «Elle deu uma linguagem e uma voz a estes instinctos mudos, que comprimidos na multidão, sêr essencialmente gago, aspiram a exprimir-se, e que se reconhecem nos seus cantos: — Oh poeta sublime, nós eramos mudos, e tu nos déste uma voz. Nós nos procuravamos, e tu nos revelaste a nós mesmos —»¹. De 1855 a 1859, em que terminou a formatura de direito, João de Deus nada publicou; a circumstancia de apparecer o prestidigitador Hermann em Coimbra, que dedicára um beneficio para a sociedade *Philantropica Academica*, n'esse anno, obrigou-o á gentileza de consagrar-lhe uma bella ode em nome d'aquella institui-

¹ *L'Avenir de la Science*, pag. 195.



ção. Na edição das *Flôres do campo* traz a epigraphe insignificativa: «*Por occasião de um beneficio a um asylo*», e variantes numerosas; falta-lhe porém a seguinte estrophe das edições avulsas:

Onde ha ramo no mundo em que não pouse
 Avesinha do céu? espinho, palma,
 Sem um docel azul?
 Um peito que n'um peito não repouse?
 Dois olhos, entre os quaes não gire uma alma,
 Como seu norte e sul?

Porque a omitiria o poeta? porque a esquecera. Factos d'esta ordem são frequentes nas collecções impressas, que o poeta no seu desprendimento não formou nem dirigiu; d'aqui a imprescindivel necessidade de estudar o seu texto para saber julgal-o.

Depois da formatura, João de Deus deixou-se ficar em Coimbra até 1862, d'onde saiu depois de lhe faltarem as gerações académicas por quem era adorado; durante esse tempo apenas publicou em 1860 uma poesia no *Atheneu* (n.º 4, pag. 124), e em 1861 uma traducção da pequena ode de Victor Hugo *Puisque ici bas tout ame*, com o titulo *A ti*, nos jornaes contemporaneos¹, reproduzindo-a da *Estrêa litteraria*, pequena revista encetada por estudantes para acudir a um condiscipulo pobre; em 1862 ditou a celebre satyra do *Pires de Marmelada*, que um outro poeta, Guimarães Fonseca, que morreu victima da imitação de Musset, ia escrevendo. O lente de theologia, D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello, ex-frade cruzio, reprovára um estudante por se ter apresentado na mesa do exame sem ter rapado o buço; o estudante era companheiro de casa com João de Deus, e o poeta consolou-o ridicularizando o lente boçal, que era conhecido em Coimbra pela alcunha do *Marmelada*. A satyra foi repetida por toda a Academia, e não é possível lê-la bem sem um accesso de gargalhadas. A Universidade estava então em um dos seus periodos de maior rebaixa-

¹ Sem titulo nas *Flores do campo*, pag. 59, 2.^a ed.



mento intellectual; João de Deus, que passou desconhecido dos lentes, synthetisa n'um epigramma:

Toca a capello, vou vê-lo,
E vejo de toda a côr,
Não doutores de capello,
Mas capellos de doutor.

Os capellos vermelhos, verdes, amarellos, brancos, azues, distinguíam entre si as faculdades dos doutoraes, segundo as suas precedencias manuelinas; o poeta via-os de todas as côres. mas não via um sabio, uma notabilidade scientifica. Elle estava livre da perversão metaphysica d'esse velho reducto da Scholastica. Outros epigrammas do seu tempo de Coimbra, como o Soneto intitulado *Gaspar*, atacam o preconceito nobiliarchico incompativel com o desenvolvimento do proletariado moderno. Por um instincto natural volta por vezes ao mesmo assumpto, como no seguinte *Epitaphio*:

Aqui jaz um fidalgo portuguez,
Fidalgo d'uma vez.
Jaz? Não; vive na Historia;
E viverá, que ali não ha pretérito.
Teve este heroe a gloria...
Sim, o talento, o merito
De ser em mão de rédea em todo o mundo
Uns dizem que o segundo,
Eu digo que o primeiro.
Era um soberbo e optimo cocheiro!

Pouco depois da sahida de João de Deus de Coimbra começou a publicar-se *O Phosphoro*, e em seguida o *Tira-teimas*, onde appareciam as composições ineditas que João Vilhena e Rodrigo Velloso copiaram do ditado do incomparavel poeta; d'esses pequenos jornaes litterarios passaram para os jornaes de todo o paiz, e o seu nome tornava-se repentinamente glorioso. Essas poesias representam a elaboração que se passou na sua mente desde 1855 a 1862, e bem merecem ser estudadas nas variantes fundamentaes em relação ao deploravel texto das *Flôres do campo*, falho de numerosas estrophes, e mais frio nas



correções do que na concepção inicial. Durante esses sete annos de efflorescencia poetica de Coimbra o lyrismo de João de Deus apresenta dois aspectos: o *satyrico* e o *amoroso*. Um é transitorio, provocado pelo meio, o outro é fundamental e o que prevalece na sua idealisação, e com tanto mais assombro, quanto a poesia amorosa estava desacreditada pelo personalismo de impertinentes anonymos que se lançavam á enxurrada ultra-romantica. A satyra, em João de Deus, era impessoal; era ainda uma fórmula da *troça* academica, como vimos pelo *Pires de Marmelada*. Quando os conflictos do meio politico o envolverem, veremos como elle se liberta pela satyra d'essa corrente deletéria, dando-lhe um novo character.

Pela sua indole verdadeiramente popular, que lhe revelava as fórmulas da canção, e ao mesmo tempo o valor dos themas poeticos tradicionaes, João de Deus tirou da situação angustiosa de pobreza uma manifestação nova de idealisação, na inimital satyra do *Dinheiro*. Serviu-se da cantiga do povo:

Coitado de quem não tem
Na bolsa *talim, talim*!

Sobre esta neuma onomatopaica bordou as mais deliciosas estrophes, que se decoram espontaneamente. Reproduzimos duas d'ellas para se admirar a factura:

O dinheiro é tão bonito:
Tão bonito, o maganão!
Tem tanta graça o maldito!
Tem tanto chiste o ladrão!
O fallar? falla de um modo!
Todo elle, aquelle todo...
Ellas acham-no tão guapo!
Velhinha ou moça que o veja,
Por mais esquiva que seja,

Tlim!

Papo.

¹ Esta epigraphe foi supprimida na edição das *Flôres do campo*, pag. 147, prejudicando a belleza da neuma epigrammatica do estribilho. A ultima estrophe tem cinco versos inteiramente differentes do texto usual. Intitulava-se *L'Argent*.



N'essas especies de exames
 Que a gente faz em rapaz,
 São milagres aos enxames
 O que aquelle diabo faz!
 Sem *pescar* nem patavina
 De grammatica latina,
 Quer-se um moço d'alli fóra?
 Vai elle, com taes fallinhas,
 Taes gaifonas, taes coisinhas...

Tím!

Ora...

Além da belleza da estructura estrophica, ha o extraordinario effeito pittoresco dos modismos e giria popular, em volta da personificação do *Dinheiro*. Foi assim que idealisaram o dinheiro os tropeiros da Idade-média, e essa classe dos estudantes pobres das Universidades, os goliardos, que mantinham uma relação intermediaria do povo com os eruditos latinistas, como se vê de uma poesia latina em fórmula dithyrambica, a *Satyra do Dinheiro* e ainda mais tarde nos alexandrinos hespanhoes do Arcipreste de Hita, onde passa aquelle espirito de revolta contra o poder espiritual, tão caracteristico nas litteraturas occidentaes.

Esses versos monorrimos do Arcipreste de Hita são o ecco vivo dos tropeiros da Idade-média; mas esse ecco não se perdeu ainda depois das grandes descobertas da America e da India, que augmentaram phantasticamente a riqueza da Europa. Para os poetas satyricos o Dinheiro é o verdadeiro cavalleiro andante, como o pinta Quevedo na sua Letrilla graciosissima:

Poderoso caballero

Es Don dinero.

Quevedo consagrava no seu estribilho o titulo de *Dom Dinheiro*, dos velhos fabliaux francezes¹; em um dialogo entre a *Ovelha e o Dinheiro*, este falla orgulhosamente dos seus poderes, satyrisando a sociedade:

¹ Jubinal, *Jongleurs et Trouvères*, pag. 93: o fabliau intitulado *Dan Denier*.



Par moi fet l'en chaucie et pont
 De fust, de pierres et de grès;
 Et de ces fols hommes engrès
 Faz-je souez et débonère
 Et tels com je vueil à moi plère;
 Et noires et blanches nonnains
 Faz-je saillir de mains pelains;
 Et moines blans et moines ners
 Faz-je sovent batre mal ters,
 Qui me donent à granz poingnies
 Dont il ont de beles brachies,
 De dames et de demoiseles
 Qui sovent s'en montent sor eles,
 Por l'amor de moi; qui me done,
 Son voloir à ce est la somme...¹

O thema do *Dinheiro* era um dos mais queridos da idealização poetica da Idade-média, sendo elaborado em todas as formas litterarias, como se vê pelo *Initium Evangelii secundum Marcas argenti*, com que se apodava a simonia ecclesiastica.² No desenvolvimento da historia das litteraturas, á critica pertence determinar os grandes themas estheticos sobre que os genios individuaes se exerceram universalmente. A intuição que levou João de Deus, na situação do *estudante pobre* da Idade-média, a compôr a bellissima canção satyrica do *Dinheiro*, e a encontrar-se com os veios tradicionaes da poesia franceza e hespanhola, é uma das comprovações mais evidentes da organisação synthetica, que o fez reproduzir espontaneamente na evolução do seu lyrismo todas as grandes correntes da lyrica moderna, desde Dante e Petrarca até Victor Hugo. É este um dos pontos de vista mais seguros para bem apreciar a sua obra.

Estamos ainda na época de Coimbra; a incerteza da vida levava-o para a satyra. A *Lata* começou a ser escripta n'esta situação moral; era uma série de oitavas endecasyllabas contra o celibato clerical, outro thema satyrico da Idade-média, em

¹ Jubinal, *Nouveau recueil de Contes, Dits, Fabliaux, etc.*, t. II, pag. 265.

² Edélestand Duméril, *Poésies populaires latines antérieurs au XII siècle*, pag. 407.



que as *agapetas* da igreja primitiva eram conservadas sob o nome de *focarias*, para corrigirem a solidão do celibato:

Ignoro a causa porque o sacerdocio
Das mil e umas communhões (não trato
Da verdadeira — que é a nossa) ao ocio
Contemplativo ajunta o celibato!
Não ter na vida carinhoso socio,
Na mágua espelho, no prazer retrato...
É triste! (excepto se em vez d'um ou d'uma...
O frade a muitas o bordão arruma).
Foi esta, ao menos, a resposta dada

A quem de padres entendia tanto —
Que inda os fulgores d'essa luz sagrada
A Brandões mettem pejo e espanto!
«Deixai que o padre tenha esposa amada!»
Gritava em Trento o Arcebispo santo;
Quando um finorio, que é já santo, ao ouvido
Lhe disse: «Muitas... é melhor partido...»

O poemeto da *Lata* chegou a ter sessenta e duas estrophes, e circulou em Coimbra em folha volante. João de Deus, pela sua perfeita organização de artista, não podia fixar-se na obra transitoria da satyra, e insensivelmente achou-se proclamando um hymno de amor. A *Lata* foi colleccionada nas *Flôres do campo* (pag. 129) como fragmento, desprezando o poeta as primeiras quatorze oitavas, e seguidamente a estancia deze-nove, vinte e tres, e quarenta e nove; accrescentou-lhe porém mais seis oitavas, em Evora, proclamando em vez de sarcasmo o amor:

AMOR é a palavra, o brado eterno
Solto por Deus ao vêr já feito o mundo,
Que fez tremer os carceres do inferno
E o sol ficou da côr d'um moribundo:
A primavera, estio, outomno, inverno,
Terra, céo, alma pura, bicho immundo
Tudo ahi cabe á larga de tal modo
Que n'essa concha Deus se fecha todo.

(Continua).

Theophilo Braga.



A EVOLUÇÃO DAS IDÉAS

NO

SECULO XIX

I

Na hora alta a que vai este seculo, quando apenas meia duzia de annos nos separam do que deve succeder-se-lhe, é natural que a todos occorra o proceder a um como que balanço do que elle nos lega na ordem das idéas e no conjuncto dos factos.

Nascendo, quando uma revolução de natureza politica e de intuitos philosophicos acabava de agitar o mundo, convulsionando-o em quasi todos os seus fundamentos, e sujeito desde o alvorecer á influencia que exercia ainda uma geração que acabava de operar tão grandes e tão imprevistas coisas, elle póde ser denominado o seculo dos ideologos, e é sob este ponto de vista que cumpre observal-o e definil-o.

Com effeito, apesar de espantoso predominio que a plutocracia acabou por exercer, foram os ideologos os que durante um largo periodo trouxeram suspensas dos seus labios, que a utopia inflammava e que a illusão aquecia, as nações e os individuos.

Ideologo foi o proprio Napoleão I, que aliás se comprazia em combater todos os que enfermavam d'esse para elle pesti-



lento mal, e ideologos foram afinal quantos por qualquer modo intervieram um momento na trama dos acontecimentos que encheram este extenso espaço de tempo.

Mas assim como os encyclopedistas francezes e os reformadores allemães mal presentiam talvez o echo enorme que haveriam de ter no mundo as suas especulações philosophicas e a sua exegese theologica, assim como esse audaz demolidor de thronos estava longe de suppôr que com o seu feitio cesarista e auctoritario ia afinal servindo a revolução e a democracia, assim tambem aquelles que então se riam dos lunaticos e visionarios architectadores de idéas e até estes mesmos, nem sequer imaginavam a possibilidade de serem as suas utopias e chimeras que decisivamente interfeririam no movimento social e modelariam ao seu influxo toda uma geração nascente.

Foi porém isso o que aconteceu, e aquelles que menos imbuídos se julgavam pelos principios que ao seu bom-senso repugnava, lá tinham já no coração e no cerebro a pequenina picada invisivel, demonstrativa da inoculação *do mal*, que alastraria e acabaria por adaptal-os ou por eliminall-os.

Sómente como estas especies de vaccina demandam uma tal ou qual unidade de tempo para exercerem a sua acção, succede que nem sempre a simples analyse visual das multidões basta para a descobrir. E assim se explicam contrasensos aparentemente inexplicaveis.

Veja-se por exemplo a França: em politica a corrente dominante do principio do seculo era democratica, litterariamente a opinião estava ainda com os classicos, e em philosophia vegetava n'um metaphysismo simples, ou decahia para um criterio em extremo negativo, para tudo emfim que não demandasse grandes contensões cerebraes nem emmaranhadas complicações de analyse.

E, exceptuando a Allemanha onde Klopstock e Gœthe pensavam, era isto o que com maiores ou menores variantes se passava em toda a Europa central, nos seus nucleos intellectuaes, bem entendido.

Politicamente porém, toda a primeira metade d'este seculo



enche a historia com as explosões mais ou menos intensas de revoluções locaes, de protestos de demolição contra o existente, acabando essas explosões denunciadoras da existencia de acti-vos germens vulcanicos em ebullição, por interessar mais do que as camadas cultas dos differentes paizes, pois principiavam já a despertar algumas forças novas e desconhecidas, nem devia admirar este phenomeno: pois não era muito que as almas simples dos plebeus imaginassem estar para surgir um mundo novo, quando ainda tempos antes espiritos da envergadura genial de um Gœthe viam no desmoronamento da Bastilha uma outra éra começando para o mundo, e ainda cinco annos mais tarde recordavam «esses dias de dôce esperança em que se sentia o coração expandir-se e bater mais livremente no peito aos primeiros fulgores do novo sol...»

Depois, annos passaram, a epopeia napoleonica desfez-se, parte da vasta construcção revolucionaria de 1889 desfez-se tambem; a Prussia de Stein, de Shanhorst e de Fichte estava já meio erguida dos escombros de Tilsitt, e se percorrera todos os povos — da Hespanha á Russia — um fremito novo de enthusiasmo, e paizes mais ou menos encravados no velho cadoz das monarchias auctoritarias e absorventes, um momento se desprenderam do seu pesadelo de seculos e sonharam o sonho aureo da liberdade e da democracia, tudo isso esmorecera um pouco.

II

Como se dera, porém, esse esmorecimento e por que se dera?

Por motivos diversos, mas todos elles convergindo para um fim identico.

Em primeiro logar as altas camadas cultas, que a principio haviam sido as naturaes e entusiastas iniciadoras da revolução nos espiritos, já pelo estudo das novas bases que surgiam para a philosophia, para a religião e até para a sociedade, já pela propaganda que d'ellas faziam e até pelos ensaios locaes a que em parte procederam, tiveram porventura a intuição de que em



breve essas idéas encarnando-se nas consciencias lhes arrancariam a hegemonia que desfructavam e dariam logar a uma nova camada que procuraria elevar-se, e em virtude d'essa força instinctiva de conservação, que é mais poderosa que todas as considerações altruisticas, retrahiram-se quando se não volveram, como em muitos casos, em adversarios intrataveis e tenazes do novo modo de ser que aliás haviam preparado.

Depois a propria camadã, que deveria herdar-lhes a influencia e o mando, não estando absolutamente preparada para essa função e não tendo apoios firmes no substractum de onde provinha, luctou desigualmente e com intermittencias e nem sempre comprehendeu a alteza do papel que era chamada a desempenhar.

Por ultimo esse substractum, de que atraz fallámos e que representa afinal o plasma vivo e transformavel da humanidade, tinha realmente a seiva e a vida, mas não tinha nem a noção da força nem a noção do direito, e antes parecia uma pesada massa inerte e amorpha, a que um mais ousado ou mais astuto poderia imprimir todas as formas e todas as modalidades, o que succedeu. E assim nós vimos ás vezes n'um mesmo momento historico nobreza, burguezia e povo combatendo alternativa ou simultaneamente os principios que a cada uma d'estas classes vinham servir.

Debalde a revolução de 1879 em França tinha chamado ao usufructo da propriedade um maior numero de individuos, debalde na Allemanha a burguezia tentára acordar o povo para a comprehensão dos seus naturaes interesses; debalde na Russia tantos nobres procuravam acordar o espirito da sua corporação para as idéas que vinham do occidente. A todos faltava uma larga e solida base, um firme e potente esteio, e tudo se esborroava e cahia...

Depois a burguezia, que em toda a parte tinha aliás collaborado na obra da renovação social, quando a não iniciára mesmo n'alguma das suas particularidades, a burguezia falseava tambem a sua missão historica, e sahida ainda hontem d'essa multidão desconhecida e anonyma que fórma as nações e que as



decompõe, já então aspirava a competir como emula com os nobres e com os poderosos da vespera, e receiosa por seu turno de que novas forças, que dormitavam, podessem acordar, tratava de illudir no pacto das chamadas monarchias representativas as proprias consequencias dos axiomas que tinha posto ou accettato.

Quando isto não fazia, então fazia peor, porque se alliava francamente com os que antes chamára seus naturaes inimigos, e d'esse connubio hybrido sahiram todas as leis anti-economicas e anti-sociaes, que hoje uma philosophia mais alta e uma moral mais pura procuram extirpar dos codigos e supprimir dos costumes.

Expliquemo-nos.

III

O problema tem duas faces, uma d'ellas luminosa e bella outra tão cheia de sombras e tão baixa de intuitos que envergonharia a civilisação, se afinal fosse esta a resultante ultima dos esforços de tantos pensadores e das vidas de tantos martyres.

Vejamos a primeira para nos enchermos de nobre conformidade ao termos de encarar a segunda.

Quando a intelligencia administrativa de Napoleão encarnou nas leis de todos os povos que remanejou, muitos dos principios da revolução; quando, para poder nobilitar os seus collaboradores e os seus parentes, deu uma imperial machadada na nobreza historica d'esses povos; quando, para imprimir unidade e harmonia ás suas conquistas, levou para toda a parte a organisação e o espirito francez: succedeu que um certo escol de espiritos, constituindo por assim dizer a aristocracia intellectual dos paizes a que pertenciam, procurou enxertar na velha arvore carcomida das instituições medievas um pouco d'essa seiva que a alma da França ia deixando por onde passava. E d'ahi provieram essas generosas agitações de character mais ou menos



revolucionario, mas inspirado nas fontes de uma regrada democracia e de uma bem entendida liberdade que na Allemanha, em Hespanha, em Portugal, e ainda em outros pontos, procuraram despertar ou antes formar o que nós chamariamos hoje a corrente da opinião.

Este periodo realmente luminoso e fecundante, que vai do principio do seculo até quasi meado d'elle, suggeriu realmente grandes e levantadas idéas, originou nobres e proficuas luctas, e alguns germens conseguiu fazer lançar no chão movediço das paixões e dos interesses creados e satisfeitos.

As constituições que por essa quadra se elaboraram, os combates que se feriram e as victorias que se ganharam sobre a cidadella do poder antigo, são prova do arranco entusiasta e do fogo communicativo dos assaltantes.

Sómente como a tradição é uma grande força, e nós, como disse o philosopho, somos antes governados pelos mortos do que pelos vivos, era inevitavel que a solida e pesada estatica social de então lograsse resistir aos embates da onda nova, e até dentro de pouco conseguisse mesmo modificar. pela força da inercia, o movimento impulsivo dos atacantes.

Isto se deu e a certos respeitos tão completamente que, por exemplo, entre nós alguns dos mais ferozes antagonistas da revolução de 1833 foram os antigos constituintes de 1820!

Assim em toda a parte. E d'aqui proveio que, quando a corrente burgueza estava realmente e totalmente formada ou desperta, poz de lado as aspirações de ordem ideal que um instante a haviam alvoroçado, e voltou-se pacata e prosaicamente para os seus interesses e para os seus negocios.

Foi um bem? Foi um mal? Foram ambas as coisas.

Foi um bem. porque para que toda a antiga organização podesse ser transformada, preciso era que a força que havia de transformal-a fosse effectivamente uma força e para isso se escudasse em todos os elementos que constituem esta: o poderio, o dinheiro, o mando. Foi um mal, porque desde que ella se interessou no organismo do estado, que aliás não teve a coragem nem a aptidão de remodelar em absoluto, implicitamente come-



çou a servir-se d'elle para se servir a si e envolvendo-se em todos os meandros da administração e da politica, nem fez progredir esta nem conseguiu melhorar aquella.

Observar-se-ha que, no emtanto, a burguezia serviu a civilização e tornou um facto a liberdade, e não pretendemos negal-o; mas já vamos vêr que precisamente, por que tendo sido revolucionaria nos seus inicios, se fez conservadora a meio caminho, e conservadora sem aliás haver tentado conservar muitas das instituições que o seu camartello destruidor anarchicamente derrubára, é que ella não merece em absoluto as bençãos dos que imparcialmente olhem os acontecimentos e diligenciem julgal-os.

Todavia, e revertendo ao primeiro ponto, o seu primeiro impulso foi um impulso bom e conseguiu inrustar nas leis, nos costumes e nos destinos sociaes, principios da mais alta e da mais bella democracia.

Depois é que os ares se turvaram; Guisot dizia-lhe *enrichissez-vous*, a *livre Inglaterra* prégava-lhe as doutrinas manchestrianas, e um sopro de insania, vindo das baixas camadas e agitando algumas chimeras perigosas, embora trouxessem dentro varias idéas justas, confinou-a no seu espirito de classe, assustou-a nos seus receios, e obrigou-a a retrahir-se na sua missão de solidariedade, de tolerancia e de emancipação.

Então a burguezia pensou exclusivamente em si; o capitalismo, como força ostensiva e determinante, fez a sua entrada no mundo, e embora continuando sempre a desenvolver os seus recursos, a aperfeiçoar a industria, a multiplicar o commercio, a utilizar a sciencia e a cortejar a politica, ella poz de lado a miragem aurea da felicidade geral, largou dos hombros a chlamyde immaculada de servidora da justiça e de protectora de todas as fraquezas, e lançou-se em toda a parte doudamente, furiosamente, absorventemente á procura do milhão, do milhão-rei, do milhão-deus.

N'esse instante perdeu para sempre de vista os seus irmãos mais novos e mais desgraçados, e mascarada com titulos varios deixou no caminho a dôce simplicidade austera, que a fizera grande e que a tornara forte.



Mas, coisa curiosa, quanto mais se afastava do povo, mais apparentava querer servil-o e maiores liberdades reclamava para elle: não se esquecendo, porém, de as sophismar na execução!

E assim chegamos ao ultimo periodo em que nos encontramos agora.

Como porém, quaesquer que sejam as opiniões em contrario, a linha do progresso se vai desenrolando sempre, embora tenha sinuosidades e até desvios no caminho, succede que do meio d'essa mesma burguezia, que parece haver esquecido a sua procedencia e a sua missão, surgiu uma aristocracia intellectual que, como outr'ora a aristocracia de sangue, se fez o porta-estandarte do progresso e da civilisação, e procura, salvando a sociedade, salvar ao mesmo tempo essa civilisação e esse progresso, que, não sendo a obra particularista de uma dada classe, representa o esforço de todas ellas e constitue o bem-estar commum.

Tal é a genese das chamadas escolas socialistas.

Qual vem, porém, a ser o seu papel?

Quanto a nós o seguinte, mostrar como estão desfeitos os ideaes que agitaram a geração que nos precedeu, apontando a causa d'esse esphacelo e os meios de o remediar, d'elles extractando o que ainda encerram de vida — que é muito —, e harmonisar o estado com os individuos e vice-versa, visto que as correntes egoistas e materiaes, que predominaram no mundo ha um certo periodo, desviaram um e outros da noção reciproca dos seus deveres e direitos.

IV

Tanto quanto nos fôr possivel, tentaremos provar o que avançamos.

Começaremos por analysar os ideaes que estão desfeitos.

Primeiro. O ideal da ampla liberdade.

Este já hoje não póde illudir senão alguns, poucos ingenuos, que acreditem em absoluto nas tendencias beneficas da es-



pecie, tendencias que de modo algum pretendemos negar por completo, mas que só a civilisação irá radicando e desenvolvendo.

Racionalmente não se admite, pelo menos por enquanto, ampla liberdade nem para ensinar, nem para commerciar, nem para vender, nem para dispôr.

O estado, isto é, o governo delegado das diversas unidades que compõem aquelle, não pôde alienar o direito inaufervel de inspecionar e verificar a qualidade de instrucção que se dá ás creanças, a natureza dos alimentos que se hão de ingerir, as condições em que se estabelecem as relações de procura e de troca entre os seus cidadãos, a fórma como elles procedem entre si, etc.

Desfeito tambem o ideal tão enaltecido do suffragio universal, como elle pelo menos se comprehendia, quando fez a sua apparição nas discussões sociaes e como ainda hoje o comprehendem muitas camadas.

Com effeito, o suffragio pôde e deve universalisar-se, mas só pôde e deve ser universal quando o grau de civilisação dos individuos fôr tão alto, que se haja attingido essa anarchia philosophica, isto é, a ausencia de todo e qualquer governo pela absoluta dispensabilidade d'elle.

Antes d'isso não, porque as especialidades, que com tanta lorça se caracterizam cada vez mais, obstam a que, os que não se sentirem devidamente preparados, possam emittir o seu voto em qualquer assumpto que a ellas diga respeito.

Só um systema jerarchico de bem entendidas divisões no funcionamento da machina social pôde ao mesmo tempo interessar n'ella todos os cidadãos, definindo porém a cada um onde começa e onde acaba a sua interferencia individual ou collectiva.

Vote o aldeão no juiz da sua parochia civil; votem as parochias para o administrador do seu concelho; votem os concelhos para o governo do seu districto; votem os districtos para a gerencia da nação; divida-se, subdivida-se o voto, e multiplique-se a operação tantas quantas vezes fôr necessario, de manei-



ra a incluir n'ella todos os cidadãos representando todas as classes, mas que cada um superintenda só n'aquillo que o interessa e de que sabe, delegando em alguém da sua escolha, mas que reconheça mais competente, para que trate dos assumptos que, devendo tambem directa ou indirectamente interessal-o, não possam porém ser resolvidos pela sua sciencia ou capacidade, e assim successivamente.

Bem conhecemos a objecção de que, por exemplo, o aldeão é na familia um educador, na sociedade um cidadão, na nação uma unidade, etc. etc., mas isso não destrua o facto infelizmente demasiado verdadeiro e lamentavel de que esse aldeão, que póde ser dotado, e em geral é, do mais solido bom-senso e da mais completa honestidade, fóra dos assumptos do seu logar. e do seu mester não tem, pelo menos por emquanto, nem competencia, nem auctoridade para julgar e por consequencia para decidir.

Mas, como é attingido pelo imposto, como o obrigarão a servir no exercito, a pagar ao fisco, ao parochó, ao juiz, ao estado em summa, não admira que elle deseje saber como é que o juiz julga, que o exercito funciona, que o parochó doutrina e que o estado administra; sômente assim como elle vê que para discutir os actos de um militar a catechese de um padre terá um bem fraco valor, e vice-versa, assim tambem elle perceberá que, não tendo a competencia que só os respectivos diplomas de capacidade poderão demonstrar, e quando não os diplomas, actos ou factos que victoriosamente os substituam, não está apto nem para apreciar um tratado internacional, nem para reformar o ensino, nem para legislar em religião, nem para redigir um codigo.

Ahi está, portanto, esboroada a aliás attrahente e fascinadora utopia do suffragio universal, que tem sido e será ainda em muitos casos a corrupção universal.

Vejamos, porém, ainda mais alguns ideaes desfeitos.

Temos o ideal da igualdade. sempre como o comprehendem alguns.

Não ha noção que ande mais pervertida no espirito geral



do que esta noção de igualdade, que no fundo se limita a ser o reconhecimento por parte do estado da equivalencia de direitos quando as capacidades são as mesmas, e a consagração salutar e democratica de se dever considerar tão digno perante a collectividade e tão util no ponto de vista da civilisação o operario que cava a terra e que brita as rochas, como o sabio que investiga um problema ou resolve uma equação. No mais, bem vêem todos que não existe, não pôde existir igualdade desde que, segundo Letourneau, que é insuspeito, a propria natureza não é nem democratica, nem igualitaria, pois tudo n'ella é subordinado e hierarchico.

As dessimilhanças começam no campo physiologico e transmittem-se ao dominio psychologico.

E por isso que, embora a democracia seja uma bella e suggestiva idéa, não pôde excluir a aristocracia, desde que nós dermos a esta palavra a sua verdadeira significação etymologica: *aristos — o melhor*.

Vamos mais longe: democracia e aristocracia são os dois termos da civilisação, e um não pôde excluir o outro, porque precisamente o papel da civilisação é por processos democraticos aristocratisar o espirito, isto é, purifical-o, engrandecel-o, quintessencial-o emfim.

E imaginar que, pelo menos durante muitos annos ainda, é possivel fazer desaparecer as barreiras que a propria vida tão fortemente levantou entre um espirito e outro espirito, é desconhecer a essencia mesmo da natureza e da sociedade.

Ainda quanto a solidariedade e fraternidade haveria muito a dizer, no sentido de provar que, por mais penetrados de altruismo que tenham sido os dôces evangelisadores da bondade e da tolerancia humanas, elles não conseguiram ainda, e quiçá não conseguirão por largo espaço, melhorar este velho e indomito animal egoista e selvagem, que dormita no fundo da nossa especie, e que tantas vezes e tão medonhamente ruge dentro d'ella . . .

Tem-se feito muito, é certo, e nem myopes podem contestal-o, mas ha virtudes por exemplo que ainda só são d'este se-



culo: a tolerancia e a piedade entre outras, e essas mesmo não estão ainda tão fixadas pela hereditariedade e tão generalizadas pelo progresso que não deixem no escuro tristes e insanaveis lacunas, onde ellas ainda não lograram actuar.

E forçoso concluir, portanto, que, quaesquer que tenham sido os esforços e os desejos dos philosophos e dos publicistas, uma parte das suas formosas e attrahentes utopias continuam ainda no estado de utopias, e d'aquellas mesmas que a larga envergadura de um ou outro estadista conseguiu introduzir nas leis, quantas, volvidos cincoenta annos, se tanto, se vê que ou foram prematuras ou são impraticaveis!...

V

Isto era, porém, uma das faces do problema, a sua face sympathica apesar de tudo; vejamos, porém, a outra. Analysemos.

O que ganhou a grande maioria dos que soffrem com algumas das pretendidas liberdades que lhe offereceram?

É o que cumpre averiguar.

Politicamente conferiu-se-lhe o direito do voto, que aliás não se lhe explicou anteriormente, mas esse direito foi uma realza irrisoria para essa maioria e um elemento de corrupção nas mãos dos que a exploram.

Socialmente porém, a alludida maioria continuou mais ou menos na mesma situação em que estava d'antes, e se porventura menos perseguida nas suas necessidades materiaes, mais angustiada na sua existencia espiritual.

E aqui surge um outro ideal, que se acha desfeito.

D'antes os proletarios soffriam, eram rudemente expropriados, não tinham direitos politicos, não possuiam quasi existencia juridica, e os poderes dirigentes não contavam com elles senão para, segundo a conhecida expressão, rezarem e pagarem.

Depois a revolução veio, e nos seus generosos e civilisadores intuitos, procurou emancipar todas as servidões, desde a



servidão do corpo até á servidão da alma, sanar e remediar todas as injustiças, abater todos os privilegios e destruir todas as prepotencias, mas isso foi um curto compasso de espera, um instante de suspensão na marcha d'esse medonho carro de Jagernatt, que na sua assoladora passagem secular vai esmagando victimas e esposteando corpos...

Passado esse instante de allucinação, ao mesmo tempo sublime e hedionda, em que a onda das supremas coleras e das audazes reclamações se espraizou pelo mundo, este tornou a ser o que era; e, com as divinas gemmas que n'elle se encerram, voltou á superficie a venenosa vasa que d'elle transuda.

Assim, as machinas, aliás representantes de um superior estadio do progresso, que deveriam ter vindo para servir-o, transformaram o homem mais ou menos consciente na multidão inconsciente e innominada, especie de engrenagem complementar, mas automatica, sem individualidade e sem existencia una; as pequenas e caracteristicas industrias locais e caseiras desapareceram, e com ellas desapareceu tambem esse *quid* artistico e pessoal, que o operario punha na sua obra.

Assim a guerra aparentemente fundamentada ás violencias do poder civil e do poder theocratico, que parece deveria trazer apenas a libertação do espirito, sem de fórma alguma attentar contra a unidade do ser moral, lançando em todos os cerebros uma meia sciencia mil vezes mais damnosa que a total ignorancia, deu de si esse lamentavel e vergonhoso materialismo sensual que em toda a parte inquinou as multidões, e que depois de lhes haver destruido as crenças lhes enfraqueceu os estimulos psychicos e a mola da vontade, e ameaça atacar a propria cellula primordial — a familia.

Ora se essa corrente demolidora e negativista, que produziu tão medonhos e incalculaveis males, se houvesse limitado apenas a combater e a destruir o que a malvadez ou a ignorancia humana haviam, sob color de orthodoxia, incrustado na moral austera e fecundante do Evangelho, por exemplo, o seu serviço seria imperecivel; desde, porém, que entrou no fôro intimo das consciencias e trouxe cá para fóra, para a luz crúa da ana-



lyse, as mais caras e as mais respeitaveis illusões a que ellas pediam coragem e fé, o resultado foi lançarem milhões e milhões de almas n'esse medonho e imperscrutavel abysmo da cegueira espiritual, n'essa torpe e repugnante insensibilidade poetica, que nivela os seres humanos com os irracionaes.

E d'aqui mais um ideal desfeito, porque nem a crença n'uma suprema e indefectivel Verdade desapareceu do mundo pelo simples facto de se rirem d'ella meia duzia de scepticos ou de inconscientes, nem a transformação do fundo religioso e mystico, que constituia mais ou menos as antigas camadas, n'uma vaga aspiração indefinida de commodo bem-estar e de fria e secca honestidade, pôde ainda dar ao espirito esse impulso grandioso e nobre, que distinguiu outr'ora tantos povos e tantas civilisações.

É-se já descrente sem ter constituido para substituir essa força, alguma que pelo menos a equivalha, — a força da sciencia ou a força da moral —, e Renan podia, não ha muito, dizer com justificado fundamento, que se envergonhava de ter precisado estudar as linguas do oriente, a exegese, a theologia, a philosophia e a historia, para chegar ao mesmo resultado a que via chegar um *gamin de Paris*.

Comprehende-se a existencia de um alto e immaculado espirito como foi Littré, por exemplo, sem a necessidade do estimulo supremo da fé religiosa, porque uma outra fé não menos substancial e profunda o alimentava na vida.

Explica-se a alma ingenua e crystallina de um sabio como Darwin não precisando de outros superiores alentos senão os que lhe vinham da sua limpida consciencia e da sua poderosa vontade; mas não se comprehende nem se explica que uns desgraçados, que mal sabem sequer a razão de ser das mais simples coisas que os cercam, ponham de lado por insciencia um dos mais fortes estimulos para o character e uma das mais potentes alavancas para a existencia.

Aprenderam porém a descrer, e peor do que isso, a mo-tejar de uma idéa, que nem a sua mentalidade, nem a sua illus-tração logram attingir sequer, mas com isto julgam estar resol-



vido o problema da finalidade, e posto a claro o porquê das origens...

Pois, como diziamos, ainda esse ideal dos que suppozeram que a intelligencia humana podia existir sem abstracções, é felizmente n'este caso um ideal desfeito, e uma nova corrente de mysticismo, de um mysticismo a que quasi chamariamos scientifico, feito da essencia de todas as religiões e de todas as mo-raes, começa a desenhar-se ao longe no horisonte da civilisação, e a humanidade, não crendo já nas verdades reveladas, taes como as ensinaram as diversas egrejas consagradas e officiaes, não admittindo nem a educação freiratica, nem a disciplina orthodoxa, nem as imposições canonicas, mas vendo de tudo isso destacar-se entre outras uma sublime e immortal figura — a figura de um louro e amavel evangelizador da fraternidade e do amor, e uma divina e superior moral — e comprehendendo que é insubsistente uma sociedade sem um alto e commum intuito espirital, volve anciosa os olhos para o novo *avatar*, que as religiões, e entre ellas por ser a mais completa e a melhor organizada, o catholicismo, hão de atravessar, e sente a necessidade instinctiva de crêr, e de sonhar sobretudo de crêr n'alguma coisa de divinamente bello e impeccavel.

É já a sciencia, em que outr'ora se acastellavam os demolidores, é já ella que achando o fundo inane de muitas das suas hypotheses, dirige ao espaço impenetravel e mysterioso as suas interrogações perturbantes, e lança de novo nos mares do pensamento a dourada galera de um novo sonho, feito com a poesia generosa e dolente, que n'esta hora se evola de todas as grandes almas e de todas as nobres intelligencias contemporaneas.

VI

Mas prosigamos o nosso caminho.

Como viram, são já muitos os ideaes desfeitos, mas ainda é maior o numero.



Olhemos a philosophia. Quando a assombrosa concepção de Kant appareceu ao mundo, um momento se suppoz que estava dita a ultima palavra em questões de causas.

Veio depois Hegel, o divino Hegel, o Platão do seculo XIX, como alguns lhe chamaram, e de novo se suppoz que nada mais se podia pedir ao problema das origens e á mechanica do pensamento.

Vieram outros ainda, e finalmente nos meados do seculo em França um grande e alto espirito, Augusto Comte, systematisou n'uma bella synthese o trabalho intellectual do seu seculo, e fundou a Philosophia Positiva.

N'essa obra, que ficará como um dos monumentos do espirito humano, procurava o grande philosopho acabar com as eternas investigações sobre o incogniscivel, e voltando-se para o mundo real creava n'elle a sua vasta officina de estudo e de observação.

Depois, em Inglaterra, um outro cerebro igualmente pujante, o grande Herbert Spencer, extrahia do seu precursor francez o Evolucionismo, e ao impulso d'estes dois grandes espiritos as sciencias renovavam-se, fundava-se a sociologia, e a historia do homem e das sociedades apparecia sob uma luz nova.

Mas a intelligencia, sempre insaciavel e sempre inquiridora, considerando-se aliás illuminada e enriquecida com o precioso e immortal thesouro que sobretudo estes dois privilegiados espiritos lhe trouxeram, não pára nem se julga satisfeita com a explicação, embora tão plausivel e fundamentada, que elles dão a tantos phenomenos de ordem physica ou de textura psychica, e eil-a já em demanda de novos continentes e, se é possivel, de mais vastos horisontes.

E claro que a influencia profundamente pacificadora, quanto ao mesmo tempo radicalmente revolucionaria em tantos pontos — por muito paradoxal que pareça a aproximação — d'estes philosophos ficará como uma das mais bellas victorias do Espirito, como um dos mais expansivos momentos da civilização n'este seculo; e não menos claro é tambem, que uma ou duas

gerações educadas ao influxo d'estas doutrinas imprimirão na marcha d'essa civilisação um determinado cunho; mas, como o trabalho que caracteriza esta é precisamente o de uma renovação constante, a estas horas continúa já a genese de novas e diversas doutrinas, que por sua vez virão lançar o espirito em novas e desconhecidas vias, entre outras a bella e suggestiva hypothese do monismo idealista, a que porventura está destinado um formosissimo periodo na historia do pensamento.

Estão ou hão de ser portanto desfeitos muitos dos ideaes que essas bellas syntheses haviam posto, e sem nos referirmos já ao positivismo de Comte, que manifestamente atravessa uma phase intercadente, vemos que a propria doutrina evolucionista de Spencer, applicada aos phenomenos sociaes, soffre uma visivel defecção.

Spencer é por exemplo partidario acerrimo do individualismo, e na sua obra procura restringir a acção do estado ao de simples distribuidor da justiça e regulador de funcções; a corrente predominante é justamente a de ampliar a esphera do estado restringindo a acção do individuo.

E embora toda a prodigiosa sciencia, toda a immensa erudição do philosopho inglez visem a demonstrar que é caminhar para a ruina da civilisação o deixar que na sociedade predominem certos elementos que procuram fortificar-se com o influxo do estado, o que é innegavel é que a civilisação dá o predominio a esses elementos, e já muitos e gloriosos espiritos vêm n'este facto, não a ruina mas a salvação d'elle.

É bem possivel que haja aqui um mal entendido, e que como já em outra parte diligenciámos demonstrar, a confusão provenha da noção que Spencer nos dá do que é o estado e da maneira como a escola opposta o interpreta; mas não é menos certo que a contradicção dá-se e que as theorias de Spencer, tão seguras e tão justas quando se applicam ao campo historico e quando nos apresentam em maravilhosas syntheses o desenvolvimento dos seres e das idéas, dos sentimentos e das sociedades, falham ou pelo menos *antecipam-se* no campo economico-sociologico.



VII

Em arte, em poesia, em litteratura, todos nós sabemos também quantos ideaes desfeitos, alguns até antes de haverem attingido a sua plena floração.

O que predomina hoje? E o naturalismo absoluto? É o realismo applicado? E o idealismo symbolico? É o romantismo sensual?

Todos e nenhum. O naturalismo, por exemplo, é realmente o que mais larga base de resistencia offerece e que maiores probabilidades de vida apresenta; mas a sua interpretação e a sua acção mesmo é que tem de variar e modificar-se, e, sem deixar de ser naturalismo, elle terá de integrar em si todas as modalidades diversas da natureza.

Zola, já com o seu enorme poder de intuição previu isto, e os que tenham percorrido a sua obra poderão estudar a evolução que no seu talento e na sua maneira se tem operado.

Os seus ultimos livros, que não são propriamente romances, segundo a expressão habitual, mas trechos flagrantos de vida, agitam problemas da mais alta e da mais absoluta importancia, e pelo largo bafo social e philosophico de que estão impregnados merecem ser meditados por um publico mais serio do que o que de ordinario se entrega ás chamadas leituras recreativas.

Em poesia uma corrente mystica pronunciada penetra em toda a parte todos os poetas que mais ou menos conjunctamente sentem e pensam, mas só os que fallam de alguma das agudas e torturantes dôres que hoje dilaceram a alma contemporanea ou vibram ao impulso de alguma nobre paixão despertada pelo conspecto das injustiças e das desgraças humanas, só esses conseguem ser lidos e amados.

Por isso não contarão sequer na obra poetica d'este seculo alguns desses estranhos espiritos que feridos de uma psychopathia especial se perdem n'um nephelibatismo incongruente e pretendem inaugurar uma nova esthetica e um novo rhythmico.



Está, porém, desfeito em todo o caso o ideal dos que suppunham que seria a poesia scientifica a que afinal predominaria no mundo, isto é, a poesia substituindo-se ás monographias ou aos tratados especiaes...

Effectivamente a poesia scientifica predominará, mas não como nol-a queriam inculcar alguns, e sim como um reflector immaculado dos diversos estados de espirito da sociedade e dos individuos, como uma interpretadora das idéas e dos factos, como uma divina etherisação das proprias coisas.

O symbolismo procura dar isto, mas afflora ainda lentamente das profundezas do pensamento actual, e tem muita ganga a perder para poder brilhar.

Quanto a quaesquer outras manifestações da ideologia e da consciencia contemporaneas, que porventura appareçam, viverão segundo a maior ou menor porção de genio ou de talento de que venham revestidas, mas, como estrellas perdidas n'um horisonte sem fim, a luz que de si despedirem, só mal e tarde chegará ás densas camadas que n'este instante se dispõem a occupar a terra e a intervir na civilisação.

E ainda assim para lá chegarem, será preciso que por um vinculo ao menos se prendam á sensibilidade ou á musculatura d'aquelles cuja hora de apparecimento na historia soou ou vai soar, senão, não.

VIII

Tal é, exposto com toda a sinceridade o que nós julgamos serem as tendencias dos tempos em que estamos vivendo ou de que nos vamos aproximando.

Algumas d'essas tendencias — porque não haviamos de confessal-o? — fazem-nos frio na alma e põem-nos uma funda, uma insubmersivel tristeza no coração; outras, porém, despertam-nos uma tão viva e tão luminosa alegria, que em parte compensam a saudade immensa que as primeiras nos deixam dos tem-



pos azues e simples que a dura realidade das coisas e das idéas não permite que volvam mais.

Não nos deteremos a analysar as que nos melancolisam o pensamento, e estudaremos apenas as que nos alvoroçam e nos enthusiasmam.

Essas são as que imaginamos pronunciarem-se no horisonte de todos os povos com respeito aos largos direitos e ás santas reivindicações dos proletarios e dos fracos, que emfim parece vão ter a sua hora de satisfação e de apothese na terra, e serão finalmente saciados da sua secular sede de justiça.

Não se imagine, porém, que nós consideramos proletarios apenas os que hoje constituem o chamado partido operario.

Em primeiro logar é a mais illogica e a mais inscientifica de todas as definições a que considera operarios só os que professam um officio manual ou mechanico, como se todos nós, cada um na especialidade a que se dedicou, não fossemos igualmente e respectivamente operarios. Depois, hoje não são talvez esses, que a si se condecoram com esse invejavel titulo, os mais desvalidos e os mais infelizes, ou pelo menos não são os unicos.

As exigencias crescentes e complexas da civilização, baralhando e confundindo tudo, e violando muitas vezes sem vantagem as simples leis naturaes, fizeram nascer necessidades, que, apesar de ficticias, actuam sob a fórmula da mais dura realidade em milhões de organismos, não lhes facultando elementos para satisfazer-as.

Junte-se a estas todas quantas a propria natureza absolutamente reclama que sejam satisfeitas, e ter-se-ha uma vaga idéa da medonha lucta contemporanea.

Ora em muitos casos o simples operario manual está mais apercebido para esse combate do que qualquer outro, e de ordinario póde furtar-se melhor á dureza de alguns golpes, que com mais certeza irão attingir quem não se encontra tão bem adestrado.

É por isso que hoje as reivindicações sociaes não podem só alongar-se a estes, mas têm igualmente de incluir todos os modestos empregados da pequena industria, do pequeno com-

mercio, da pequena burocracia, os marçanos, os serviçaes, os *inferiores* emfim, que cada um d'estes de per si tem direito a um versiculo n'essa ladainha enorme...

Felizmente que já isto se começa a comprehender em toda a parte, e o que é para desejar é que as impaciencias de alguns discolos, as prevenções de varios intransigentes e os desvarios de muitos apaixonados não compromettam a obra *sympathica* da sciencia que na sua evangelisação de solidariedade, de amor e de paz outra coisa não deseja senão congraçar entre si todas as classes, integrando-as na comprehensão de um fim superior identico, e dando a cada uma d'ellas individualmente a força da comunidade e a racional protecção a que tenham direito.

Este é até o destino da civilisação, cujo ideal reside precisamente em fazer partilhar pelo maior numero as vantagens e melhorias descobertas ou ganhas por um restricto escol de espiritos superiores, e que a principio só utilisam á minoria.

Tornar pois maioria essa minoria, fundir as duas n'uma, eis o *desideratum* ambicionado.

Como, porém, já se reconheceu que não se póde absolutamente abandonar á acção singular e em tantas occasiões encontrada da iniciativa individual, uma tão larga e tão delicada operação, por isso que, se por um lado a consciencia humana se enriquece de noções altruistas, pelo outro os instinctos egoistas que são o fundo mesmo e até a razão de ser da nossa especie collidem com aquellas, e um ou outro momento as supplantam, preciso é disciplinar na unidade do estado tantos e tão oppositos elementos, e fazer intervir este como regulador ou como transmissor das complexas e variadas forças que n'elle actuem.

Disciplina-se o amor na familia, disciplina-se o individuo na sociedade que, como ninguem ignora, não é afinal senão um aggregado de familias, e se tal facto porventura implica a restricção da liberdade pessoal, a isto se responde não só com a definição do que é a propria liberdade que acaba onde começa a alheia, mas com o determinismo de todos os actos humanos, sujeitos a leis inilludiveis e fataes, pois que já hoje ninguem



pensa em rehabilitar a doutrina do livre arbitrio tão justamente batida em brecha e tão diminuida já na sua influencia.

Por isso o chamado socialismo do estado hoje triumpho em toda a linha, pois que a humanidade reconheceu quanto lhe convém acautelar-se de si propria, dos seus desregramentos e das suas allucinações.

Isto, que poderia parecer um paradoxo, comprova-se facilmente desde que individualmente cada um de nós se lembre de quantos actos deixa de praticar, por lh'o vedarem leis que ás vezes foram suggeridas ou elaboradas pela nossa propria vontade.

Áquelles, portanto, que censurarem que tantos seculos de progresso e de adiantamento intellectual levem afinal ao caminho de um como que despotismo disfarçado, de uma especie de cesarismo mais ou menos philosophico, lembraremos apenas que eram exactamente precisos todos esses annos para por fim se perceber e entrar bem no espirito e na comprehensão de todos, que o destino da sciencia é complicando, simplificar, e progredir, retrogradando, quer dizer, harmonisar entre si as diferentes e oppostas forças que constituem as sociedades, ampliando aqui, restringindo além, decompondo acolá, n'uma palavra regularisando e dando uniformidade ás coisas e ás idéas, aos costumes e ás leis.

No fundo tudo se resume em chegar pela sciencia ao mesmo ponto de onde viemos, mas em chegar *conscientemente*, e este adverbio é que por si marca a distancia percorrida e traz ao espirito a idéa de qual ella é.

Partir do inconsciente para chegar ao consciente, póde parecer nada e é tudo.

No caminho, porém, a percorrer, como n'aquelle que se percorreu já, têm de ficar, é claro, de envolta com milhares de vidas, milhares de illusões desfeitas ambas, muitas pela fatalidade dos motivos superiores e independentes da vontade, muitas pela nossa ignorancia, pelas nossas paixões e até pelas miragens dissolventes do nosso espirito.

Taes são, por exemplo, quantas dizem respeito á liberdade,



á igualdade e á fraternidade humanas que, como vimos, tão enganosas foram ou são, qualquer que aliás seja o pabulo generoso e dôce de que se tenham alimentado.

Hoje, chegados a esta phase alta da civilisação, na passagem de um seculo para outro, — embora seja convencional esta divisão do tempo que a finalidade historica e as conveniencias da critica estabeleceram para vantagem do nosso estudo e para systematisação dos acontecimentos, pois que a humanidade proseguirá sem solução de continuidade a sua linha ascencional através do tempo e do espaço emquanto o nosso planeta durar — hoje, comprehendeu-se que o problema geral não é só nem de liberdade, nem de igualdade, nem de fraternidade, mas da maneira como estas tres modalidades de um mesmo facto possam convergir para a felicidade* e para o bem-estar de todos.

Conhecendo-se que ha a sacrificar excessos n'algum d'estes bellos sentimentos isoladamente fallando, deverão elles ser sacrificados com a mesma frieza com que se amputa uma coisa prejudicial ou inutil para a integridade do todo.

E embora esta doutrina pareça reaccionaria e improgressiva, a verdade é que ella tem por si as ultimas conclusões da sciencia, e que só poderá impugnal-a um estreito espirito de jacobinismo politico ou philosophico, pois que a verdadeira democracia coaduna-se perfeitamente com ella.

Em geral uma grande disciplina interior que vem da seriedade do character e do desenvolvimento cerebral faceta sempre o meio social no sentido mais justo e mais bello, e por isso por sua vez se deixa influir e modificar por elle, e só os espiritos irrequietos por temperamento ou anarchisados pela ignorancia, procuram destruil-o por outros processos, que não sejam os de uma penetração lenta e uma catechese consciante.

Em todas as instituições humanas são, é certo, precisos os dissidentes e os hereticos, e a elles deve o progresso serviços inestimaveis, mas a heterodoxia das suas opiniões e a independencia da sua critica, para ferirem fundo e rasgarem largo, precisam de se inspirar n'algum alto ideal cujas raizes estejam na consciencia e na verdade, e sobretudo não devem destruir abru-



ptamente e intempestivamente a corrente da tradição, substratum indispensavel de toda a obra mesmo de renovação ou de reconstrucção.

Foi por não o haverem percebido assim muitos dos exaltados das diversas revoluções sociaes, que têm assignalado a marcha da civilisação, que esta tantas vezes tem tido de retroceder no seu caminho e de reedificar o que o camartello demasiadamente demolidor da inconsciencia havia arrojado ao chão enchendo a sociedade de destroços e o progresso de contradicções!

Para não sairmos dos tempos modernos basta que nos lembremos de quantas instituições do character mais pratico e providente que poderia desejar-se, não foram tumultuariamente desorganisadas e suprimidas, e que se reconhece agora serem inherentes ao proprio bem-estar social, e indispensaveis ao seu natural funcionamento?

Certamente que a sociedade, como um organismo em perpetuo movimento e em perpetua transformação, tem no interesse mesmo da sua existencia e do seu modo de ser, de constantemente sacrificar, destruindo, muitos dos elementos insitos que a constituem, pois que é d'esse permanente trabalho de destruição e de desassimilação que ha de resultar a propria vida que a anima; mas precisamente da fórma como se fizer a substituição dos germens velhos pelos novos, é que depende a maior ou menor somma de progressos realizados ou a realizar.

Este facto, que tem a sua melhor demonstração no proprio organismo humano, onde a physiologia nos ensina tão experimentalmente o phenomeno da existencia, só pôde pois ser negado por cegos de espirito, e por isso nos não deteremos sobre elle. Somente queremos frisar que, assim como todas as transformações por que passam a figura e a estructura dos individuos se dão sem attentarem contra a sua integridade physio-psychica, assim tambem na sociedade, para que as conquistas da sciencia que visam a modifical-a ou a recompôl-a não a aluam nos seus fundamentos, têm de respeitar a pedra angular d'ella, a sua razão de ser, a sua propria estructura emfim.

Significa isto o culto absorvente do passado e estarão os que assim pensam atacados de *nyctalopia intellectual*?

Não crêmos que tal julguem aquelles que estudem e que mais ou menos procurem seguir a trajectoria que o espirito humano vai descrevendo.

Tambem não supponmos que se repute negadores do Progresso os que não aceitam todas as extremas consequencias, ou antes inconsequencias de muitos que se dizem seus sequazes.

Não dizemos com Littré que elle caminhe em linha recta. o que hoje está provado não ser exacto e antes mais propendemos em materia de linhas para a serpentina que demais é, segundo Hogarth, a linha da graça, mas acreditamos religiosamente no aperfeiçoamento indefinido da nossa especie — indefinido e interminavel —, e nem a propria theoria de Spencer, nos phenomenos sociaes, dando a predominancia aos motivos mais fortes, consegue assustar-nos, porquanto para nós esses motivos mais fortes serão os motivos intellectuaes e moraes, quaesquer que sejam as apparentes contradicções que porventura, na deflagração de tantos interesses, de tantas paixões e de tantos preconceitos, um ou outro observador possa descortinar.

Não contestamos a opinião dos que asseveram que não se pôde ser nem mais genial do que foi Aristoteles, nem mais justo do que foi Marco Aurelio, mas além de que hoje o capital adquirido é, como nem podia deixar de ser, incomparavelmente mais vasto, porque são mais numerosos os recursos de que a humanidade dispõe, ainda convém não esquecer que exactamente o progresso consiste em levar ao maior numero o que nas sociedades antigas era apanagio de poucos.

E a não ser que se queira negar á natureza a faculdade de procrear nos seus mysteriosos cadinhos espiritos geniaes como esses da antiguidade classica ou dos periodos heroicos, fica pulverisado o unico argumento que poderia ser de valor e que tentasse demonstrar-nos que nunca mais surgiriam entre nós cerebros da pujança herculea d'esses que constituem o patrimonio intellectual da humanidade.

Ora como isto se não prova, pela simples razão de que



ella, a propria natureza, é quem se encarrega de nos fornecer o melhor dos testemunhos, como vem a ser o de continuar dando-nos em cada seculo successores d'essas realzas extinctas, e n'esta mesma hora está talvez apercebendo para a victoria algum privilegiado organismo, segue-se que esses grandes espiritos trabalhando todos com os recursos extraordinarios de que vem dotados e com aquelles que os seus antecessores lhes legaram, não podem deixar de augmentar, como têm augmentado. o peculio de saber e de bondade, de perfeições e de virtudes do homem e da sociedade. E é isto que constitue a civilisação, resultante de todas as parcellas que a successão dos seculos lhe vai juntando, e o progresso, contraprova real d'essa civilisação.

Sendo isto assim, não poderíamos nós fechar o cerebro nem o coração ás influções sagradas d'essa generosa e bemdita illusão, sol do nosso destino e norte de todas as consciencias, illusão que é afinal o pollen fecundante de todas as virtudes *praticas*, que tornam supportavel a vida.

Chamámos-lhe *illusão*, porque de illusões é composta a trama de toda a nossa existencia moral e physica, mas esta não desejamos nós nem esperamos vê-la desfeita, embora ella por sua vez desfaça muitas outras que çaiando pela utopia e pela chimera nunca poderão firmar-se no chão sólido da experiencia e da analyse, apesar de fascinarem os nossos olhares com a lhamma de ouro de que vêm revestidas...

IX

Vamos concluir, mas antes precisamos de synthetisar o que quizemos dizer, e prevenir antecipadamente algumas objecções a varios pontos que n'este trabalho tocamos.

Especialisemos.

Dissemos, por exemplo, que está desfeito o ideal da liberdade ampla, e citámos em apoio a liberdade de ensino, que é mister não confundir com ensino livre.

O nosso intuito é consignar á entidade estado, por meio das suas instituições pedagogicas, a obrigação de instruir, fazendo que elle pelos seus corpos scientificos intervenha na elaboração e adopção dos compendios, na outorga dos diplomas de capacidade, no regimen escolar e na especialisação das aptidões, impedindo com toda a força da lei a exploração da creança por quantos d'ellas queiram abusar, desde a propria familia até ás aggremações ou individualidades de qualquer ordem.

Assim, n'esta ordem de idéas, rejeitamos — *in limine* — o ensino impropriamente e até impiamente chamado religioso, e que creaturas, que podem ser e são na maioria dos casos excellentes como pessoas, ministram em institutos que, por exemplo, entre nós a longanimidade criminosa das leis tem permittido que alastrem em muitos pontos.

E não se imagine que pensamos assim por concordarmos com alguns espiritos, aliás illustres, que na Allemanha e em outros grandes centros de cultura julgam que a idéa de Deus teve já o seu momento na historia e que a persistencia d'ella hoje é tão contraproducente e esterilizadora como no periodo proprio foi fecundante e suggestiva. Não concordamos, e é para nós convicção inabalavel e funda que pelo contrario essa idéa é e continuará sendo a idéa educadora e moral por excellencia, a unica que póde dar ao character e á vontade a cohesão e a consistencia indispensaveis, e infiltrar nos corações e nas intelligencias aquella ampla e piedosa conformidade, aquella dóce e amovel compaixão para com todas as dôres e para com todos os infortunios que a cada passo assaltam a vida; mas além de que julgamos que ninguem melhor do que a familia póde e deve ser inspiradora natural d'estes levantados principios, que são o eixo da existencia moral, não podemos nem por um momento admittir que esse objectivo se consiga com a instillação, em cerebros infantis, de formulas ócas e destituidas de toda a elevação, e além d'isso anti-hygienicas, anti-sociaes e, repetimos, anti-religiosas.

Ensino absolutamente leigo nas escolas ou pelo menos tendendo apenas a fazer nascer na intelligencia e na alma das



creanças o respeito, a veneração e o amor por essas eternas bellezas da natureza, por essas inatacaveis verdades da religião, por esses divinos e consoladores principios da moral social, que devem constituir um character e educar uma vontade, mas que não exigem para que os fixemos nem jejuns, nem macerações, nem demasiadas e perigosas contensões de espirito, meditando sobre os peccados do mundo e modo de os redimir pelo sacrificio e pela prece.

Á natureza infantil está destinada uma outra e bem diversa doutrina pedagogica, e pretender contrariar-lhe as tendencias naturaes para a expansão, para a vida, para a alegria, pondo-lhe logo no cerebro a obsessão do peccado, o temor do inferno, a necessidade de aplacar um Deus vingador de males que ella ainda de todo ignora, é além de attentar contra as mais sagradas molas da propria vida desconhecer de todo as leis da evolução organica e da genese do pensamento.

Ás creanças só as mães dignas d'este nome sabem e podem ensinar religião, e quando não essas por incompetentes, então espiritos que tenham a dôce tolerancia compassiva e attrahente, que sabe perdoar, porque sabe comprehender.

O mister do professor ou da professora depois é transformar em verdades experimentaes, e radicar com a lição e com o exemplo de bellas coisas, esses germens de aspirações nobres que ella trouxe dentro em si.

Tudo o mais é falsear a um tempo a religião e o ensino, e fazer talvez almas devotas, mas não espiritos religiosos — o que differe muito.

N'este ponto estamos acompanhados com tantos illustres espiritos, alguns até dos mais avançados d'este seculo, que nem sequer nos cançaremos a fundamental-o melhor e mais largamente.

X

Tambem a muitos causará estranheza que, tendo nós tendencias manifestamente democraticas, implicitamente preconise-



mos o principio da restricção do voto, e aceitemos igualmente como doutrina politica o socialismo do estado.

Aclaremos, pois, mais este ponto.

Sim, senhores, somos implicitamente e poderemos mesmo dizer claramente pela restricção do voto, embora advogemos a universalisação do suffragio.

A razão é simples. Desde que, a não ser por um raro poder de intuspecção natural, só a sciencia e a experiencia podem dar o conhecimento das coisas, repugna, mesmo á nossa democracia, que indistinctamente se considere o voto como o elemento de solução de todas as questões, e não chegamos a perceber como é que um pobre e obscuro trabalhador, que mal attinge onde acaba o seu logar — e notem que não contamos para nada com o saber lêr ou escrever — que, por demais está assente, não constitue instrucção — possa de um momento, e pela simples virtude de um bocadinho de papel que o administrador ou o caeique local lhe põem nas mãos, achar-se habilitado a resolver as mais arduas e as mais intrincadas questões da administração e da politica, comquanto por intermedio de um outro.

Ora se em logar d'isto houver uma larga descentralisação politico-administrativa e esse mesmo aldeão fôr chamado a resolver sobre o que diz respeito aos negocios da sua localidade, aos interesses da sua industria, á maneira de utilizar os redditos dos seus compartes, se n'uma progressão sempre crescente se chegar assim até aos negocios do reino, não vemos porque n'isto soffram os melindres de quem quer que seja, ou porque não será genuinamente democratico o exigir que cada um só trate d'aquillo de que realmente entenda e onde não possam apparecer intermediarios que se antepõem ao juizo dos competentes.

As localisações de conhecimento e de capacidade para decidir sobre determinados assumptos não se nos afigura que attentem contra a integração, n'um todo homogeneo e harmonico, das diversas unidades que se localisaram, e antes temos a convicção cada vez mais arraigada de que a melhor maneira de moralisar o suffragio é restringil-o na generalidade e amplial-o na especialidade.

*



Ainda alguns outros pontos suscitarão reparos por envolverem contradicções apparentes, como seja o facto de nós lamentarmos, se não condemnarmos, a propaganda anti-religiosa como attentatoria da constituição da sociedade e da familia, e de mais adiante dizermos que se pronunciam já os primeiros alvares de um mysticismo a que chamamos scientifico e que se desprende da essencia de todas as religiões e do fundo de todas as almas; mas tambem n'este caso imaginamos não haver contradicção, desde que se attente que para nós o sentimento religioso e até o termo religião são tomados sob um aspecto inteiramente diverso d'aquelle sob que de ordinario os encaram, confundindo-se com o que chamariamos o beatismo, que nada tem que vêr com o instinctivo respeito que acorda em nós uma convicção sincera n'um destino superior e eterno.

Formulas inanes, praxes convencionaes, regras anti-hygienicas não podem constituir nem uma doutrina theologica, nem um instincto moral, por isso tudo o que tenda a destruil-as deve ser considerado como remedio salvador e preventivo.

Destruir, porém, de mistura com essa ganga prejudicial e grosseira o fino minerio crystallino da crença, e sobretudo crivar esta de dicacidades e de motejos que nem se recommendam pela sciencia nem se justificam pela razão, é fazer obra de demolição sem plano e sem fito, e ninguem que procure guiar-se pelos justos dictames de uma sciencia imparcial e de uma critica larga pôde tolerar sequer esse insciente e cynico meio de ataque.

Disse Renan que o christianismo tendia cada vez mais a tornar-se individual, e afigura-se-nos que o eminente espirito, que tão injustamente tem sido detrahido pelos cerebros estreitos ou obcecados dos que o não comprehendem ou não querem comprehendel-o, está na verdade, dizendo isto, mas nem o auctor da *Vida de Jesus*, nem crêmos que nenhuma cabeça equilibrada e rasoavel podem suppôr que as religiões, factos superiores da civilisação, por esse motivo desapareçam ou que se deva ridicularisal-as em virtude de um imaginario estado mais alto dos conhecimentos.



Nem no ponto de vista da pura sciencia, um historiador ou um critico munidos de methodo procederiam assim, quanto mais quem não tenha outra auctoridade que não seja a lambusa-della mais ou menos extensa de umas pretendidas noções de sabedoria.

Julgamos, pois, ter harmonisado o que pensamos com o que escrevemos, e sobretudo haver demonstrado que combatendo o fetichismo em qualquer seita, de modo algum impugnamos a fé, a fé ardente e convicta n'um principio ou n'um conjuncto de principios que representem para a consciencia e para o coração o seu ideal supremo, a sua força heroica, a sua inspiração eterna.

XI

Resta-nos explicar como é que, tendo nós através d'estas paginas diligenciado enumerar os ideaes e as illusões que se desfizeram, pretendemos por outro lado acreditar no progresso e, o que ainda é mais serio — condecorar-nos com a distincção de democratras, quando aliás combatemos varias affirmações dos apóstolos da democracia e até sustentamos a necessidade da coexistencia com esta de uma forte aristocracia intellectual. Tendo, porém, definido já o que entendemos por este termo, que para nós não consagra privilegios de casta nem excepções de nascimento, e havendo definido o que, quanto a nosso parecer, é a igualdade, não achamos que briguem com estas definições os nossos pontos de vista sobre a missão social de uma aristocracia, que póde ser constituida com elementos emanados de todas as camadas e consagrados perante o respeito publico por qualquer nobre qualidade de coração ou por qualquer superior manifestação de intelligencia.

Isto mesmo já hoje succede e cada vez se accentuar mais.

De resto, a natureza tem a sua aristocracia que recruta por



igual em todos os typos em que se subdivide, e ninguem se lembrou nunca de protestar contra ella. Auxiliada pela sciencia e pela arte, já hoje nós todos veneramos os exemplares que produz, e assim continuará sendo.

Não consideramos portanto, nem aviltante, nem anti-democratico, que as gerações vindouras, ainda mais sabias, mais ricas e mais justas escolham d'entre os seus membros aquelles que em si condensam no mais subido grau estas qualidades, que espontaneamente lhes confiem a hegemonia suprema e que seja essa *elite* de espiritos a depositaria do poder e da ordem.

Já hoje todos nos curvamos com enthusiasmo perante um ou outro prototypo de bondade, de genio ou de civismo, e quanto maior fôr em cada um de nós a porção de consciencia, mais se alargará o influxo d'esta e com maior facilidade se aceitará o seu primado.

Tal é, pelo menos, a nossa persuasão sincera, e por isso não receiamos pelos ultiores destinos da nossa especie, porque ella, embora parando aqui, retrocedendo além, tergiversando mais longe, ha de ir subindo, subindo sempre, emquanto a Vida fecundar a terra, e palpitar nos sêres.

E já velho o axioma que nada se perde e tudo se transforma, e embora no campo physiologico á ultima hora um continuador de Darwin, o illustre Weissman, affirme que as acquisições feitas durante a existencia se não transmittem ao plasma nascente, no campo social, pelo menos, os melhoramentos conquistados transmittem-se e fructificam engrossando assim o thesouro commum.

Ora para este thesouro nenhum seculo concorreu como este. porque nenhum outro na historia agitou um tão grande numero de idéas e tentou resolver uma tão vasta cópia de problemas.

Alguns estão postos ainda e já n'elle não serão resolvidos, mas em periodo algum da civilisação se empregou tanta boa vontade para achar-lhes soluções condignas, como tambem nunca um tão penetrante e tão vivo sopro de enthusiasmo por todos os principios generosos e humanitarios percorreu e fez vibrar o organismo do mundo.



O pensamento, como um profundo oceano illimitado, foi alastrando, alastrando em tudo e descobriu ás vistas assombradas de todos myriades de mundos infinitos.

Tudo se revolveu: instituições, costumes, leis, factos, principios, coisas, e se muito se destruiu inutilmente e tumultuariamente, como vimos, muito, muitissimo se melhorou ou se concebeu.

Seculo das grandes dôres e das grandes alegrias, elle é dos que na via tormentosa e aspera do espirito através do preconceito, através da ignorancia, através do despotismo, mais tem feito pelos desprotegidos e pelos condemnados, e maior somma de bens e de verdades tem desparzido nas consciencias e nos cerebros; dos que mais luz hão feito em todas as medonhas noites que sobre o mundo vasto e vario pesam e continuam pesando, dos que na sua lyra de mil cordas tem consolado todas as fraquezas, fulminado todas as prepotencias, repellido todas as tyrannias.

Nenhum como elle guareceu tantas e tão exercuciantes feridas, nenhum foi nem mais tolerante, nem mais igualitario, nem mais comprehensivo, e em nenhum como n'este se consociaram a um tempo todos os esplendores da idade grega, todas as grandezas da organização romana, todas as estranhas e assombrosas coisas do mundo antigo e da Renascença. N'elle se reuniu a flôr de todas as civilisações que, desabrochando de novo ao sol de uma civilização mais pura, embriaga as almas com o dôce e capitoso aroma que d'ella se evola.

Podem e devem, pois, perdoar-lhe os seus excessos e os seus crimes — que tambem os tem tido, — desculpar-se as suas incoherencias e diminuir-se as suas responsabilidades, em virtude de quanto fez e tem feito pela emancipação intellectual e pela perfectibilidade moral d'esse velho sêr imperfeito, que se chama o Homem.

Entrado agora n'uma phase de pacificação philosophica e de doutrinação scientifico, elle reedificará o que n'algun momento de odio ou de insensatez impensadamente aluiu, melhorará o que o passado lhe legou e que seja susceptivel de me-



lhoria, destruirá com prudencia e com methodo o que tem fatalmente de desaparecer, e transformará em novos elementos de actividade e de progresso os que o trabalho gastou ou a acção dos homens e das coisas consumiu.

Sobretudo elle saberá destruir, no caminho por onde a civilisação tem de passar, as hervas ruins e damninhas que lá nasçam, e inutilizando por igual as precipitações dos impacientes e os estorvos dos retrogrados, porá bem na luz a estatua immaculada da Justiça e procurará terminar os annos que lhe faltam servindo a Verdade e proclamando o Bem.

Ha ideaes desfeitos e quantos se não pulverisarão ainda! Mas que symbolo querem mais bello do que este Ashaverus, o Progresso, procurando dos escombros das illusões mortas e dos ideaes sepultos extrahir novas illusões e ideaes novos para onde se volva o nosso olhar ancioso?

No fundo o espirito humano é quem architecta estes sonhos de ouro que elle mesmo alimenta com o seu sangue e com a sua vida, mas depois deixa-se guiar por elles, como se se embalasse ao som dos seus proprios cantos.

Como quer, porém, que seja, e sem nos alongarmos em outras explanações, anima-nos a vaga esperanza de que os que entrarem no seculo xx, apesar dos surdos ruidos de guerra que se ouvem ao longe e de estar porventura prestes a estalar uma conflagração europeia, terão a suprema ventura de vêr realisadas muitas das mais fascinantes aspirações de hoje, e que assistirão talvez ao espectáculo civilizador e bello do estado, presidindo ao funcionar da machina social, e distribuindo generosamente a protecção e a justiça a quantos d'ella careçam; da sciencia, espalhando em torrentes de luz a felicidade e a alegria; do amor, aquecendo aos seus raios acariciantes e fecundadores os corações dos visionarios; da bondade, emfim, abrindo-se como uma immensa, como uma bemdita flôr siderea, sobre o mundo pacificado e risonho, e dulcificando todas as almas doentes do estranho mal de viver, com o perfume celestial da sua immaculada corolla.

Sofframos, sofframos nós; junquemos o caminho que ainda



houvermos de percorrer com as ruínas das nossas adoradas e sedutoras chimeras, tenhamos a serena conformidade de sacrificar á segurança da civilisação e á perpetuidade da nossa especie os exageros de ideologia e de liberdade em que tenhamos cahido, e preparemos para os que nos devem succeder uma abundante colheita de eucharisticos prazeres e de superiores gozos.

A immortalidade do nosso espirito na memoria e no coração dos nossos filhos compra-se por esse preço, mas ninguém ousará regatear, crêmos.

E pensando em nobres idéas e realizando bellas coisas, que um dia poderemos tambem actuar como atomos beneficentes nos destinos da Civilisação e nos progressos da Humanidade.

Affonso Vargas.



CURSO
DE
LINGUA PORTUGUESA ARCHAICA ¹

LIÇÃO INAUGURAL

Meus senhores:

Quando se observa uma lingua num longo decurso da sua evolução, nota-se que ella, de certo ponto para além, offerece um aspecto geral, que differe do d'esse ponto para cá: é a tal aspecto que se chama — *lingua archaica*. Assim nos mais antigos tempos do latim dizia-se *loumen* e *jous* por *lumen* e *jus*; *optumus* e *maxumus* (ainda nas inscripções posteriores) por *optimus* e *maximus*; *humo* por *homo* (vestigio ainda em *humanus*); *s* por *r* em certas circumstancias, de que ainda restam na lingua classica as formas *honos* (Cicero), *arbos* (Vergilio), etc.; *dacrima* e *dingua*, depois *lacrima* e *lingua*; havia um caso locativo, de que na lingua classica ficou representação em *ruri*, *domi*, *postridie*, etc.; em vez de *illi* dizia-se *olli* (ainda como resto em Vergilio); na 1.^a declinação havia um genetivo em *-as*, conservado até mais tarde em *paterfamilias*; a 3.^a declinação tinha uma desinencia do accusativo plural em *-eis* (= *īs*, ainda em *Nepos*, etc. *classis* — *classes*); a 4.^a um genetivo em *-uis* em vez do classico *ūs*; empregavam-se formas verbaes particulares, e fa-

¹ Na *Academia de Estudos Livres*, de Lisboa.

ziam-se certas construcções que depois desapareceram do uso normal, e só esporadicamente se encontram, como *parturibat* (Phedro) e *ejus rei ergo* (Livio, — preposição com genetivo). A este proposito ha linguas que divergem mais do que outras nos seus varios periodos. O francês antigo offerece ainda casos, como *li murs* (nominativo sing.), *lo mur* (caso obliquo do sing., — a fórma do substantivo prevaleceu), *li mur* (nom. plur.) e *les murs* (caso obliquo do plur., — fórma que igualmente prevaleceu): o que, com muitas outras particularidades, leva os philologos a considera-lo como lingua em separado. Pelo contrario o italiano (toscano) não tem essas grandes divergencias; quem souber sufficientemente a lingua de hoje, entende Dante sem difficuldade. Já o hespanhol antigo (castelhano) differe mais do moderno do que respectivamente o italiano. Semelhantes differenças existem no português. Eu denomino *português archaico* a lingua que começa a transparecer debaixo das formas do latim barbaro do seculo ix e chega até o seculo xvi. Então principia o *período moderno*.

As sciencias attingiram na actualidade tamanho desenvolvimento, que não se considera hoje como regularmente instruido quem pelo menos não possuir os rudimentos das sciencias naturaes, da mathematica, da historia, etc. Ora, com relação á glottologia, a cada passo, tanto escrevendo, como fallando, os homens mais eminentes, que não são especialistas do assumpto, commettem inexactidões, e não se pejam de a tratar *ex cathedra*. Como a linguagem é um phenomeno nosso, todos se julgam com direito de a discutir e interpretar. O factio observa-se ainda com mais evidencia no povo, porque raras terras ha, cujo nome se não explique por uma lenda ou por outro meio phantastico: *Penajoia* chama-se assim, porque uma rainha, que passou alli a cavallo, deixou cahir uma joia ao chão, e o animal pôs o *pé na joia*. Nos proprios selvagens ha tendencia para fazer d'estas etymologias. Archivar isto tem importancia para a ethnographia, porque se reúnem assim elementos de apreciação do espirito do povo; mas é triste quando os homens de letras aproveitam taes explicações, e as dão nos seus livros como ver-



dades philologicas. Todos os livros que em Portugal se tem escripto sobre chorographia, e em que se pretende expôr a origem dos nomes dos logares, estão cheios de erros semelhantes. Noutros paes existem igualmente muitos trabalhos no mesmo genero; e já o abuso remonta á antiguidade. Com a glottologia succede o mesmo que com a medicina: não ha ninguem que não ensine receitas aos outros, por isso que a doença é um estado pelo qual se passa frequentemente, e porque a vida, de que a doença constitue uma phase anormal, tambem nos pertence. D'aqui vem o dizerem os hespanhoes que

De medico, poeta y loco
Todos tenemos un poco...

lista, a que podemos juntar *grammatico*. Mas, já que as sciencias prosperam, e estabelecem em bases cada vez mais solidas os seus methodos, necessitamos de as acompanhar, e não devemos só guiar-nos pela nossa opinião subjectiva.

Tendo eu sido convidado pela *Academia de Estudos Livres* para aqui dar algumas lições publicas, em fórma de curso seguido, escolhi para assumpto o estudo da nossa lingua archaica, tanto porque elle me é predilecto, como porque tem as seguintes utilidades:

I) UTILIDADE PARA O CONHECIMENTO GERAL DOS DOCUMENTOS ANTIGOS.

Nestes documentos está contida quasi toda a nossa existencia intima medieval: a organização politica e as relações dos diversos poderes sociaes entre si; a vida dos castellos e dos mosteiros; a familia com os seus usos; a casa e o campo com as suas particularidades. Possuimos numerosos documentos d'esta especie, alguns já dados á estampa, outros conservados ineditos nos archivos publicos. No seculo passado houve dois eruditos prestimosos, o frade Viterbo e João Pedro Ribeiro, que d'elles tiraram grande auxilio para a historia e para a philologia, estabelecendo o ultimo ao mesmo tempo as bases criticas da diplo-



matica. No actual seculo Herculano coordenou com taes documentos boa parte da sua monumental *Historia de Portugal*; e ainda recentemente d'elles se está servindo com muito proveito o snr. Gama Barros para a sua *Historia da administração publica em Portugal nos seculos XII a XV*, que é sem duvida neste sentido a obra mais importante que entre nós se tem publicado depois da de Alexandre Herculano.

II) UTILIDADE PARA A APRECIACÃO DA LITTERATURA.

Tomada em sentido muito lato, e pelo seu lado exterior, a palavra *litteratura* abrange tudo quanto se escreve ou tem lórnia fixa oral: um testamento, uma procuração, um aviso, um annuncio, um rol, — e ao mesmo tempo os contos, os proverbios, as canções e xacaras que andam na bôca do povo são litteratura; é assim que dizemos *litteratura latino-barbará*, querendo significar os nossos mais antigos documentos, em que se acham muitos especimes da natureza dos que primeiro enumerei, — e dizemos *litteratura popular*, querendo designar os segundos, ainda mesmo antes de passados á escripta. Tomada em sentido menos lato, *litteratura* comprehende apenas as obras em que ha propriamente lucubração do espirito, e são as sciencias, as artes, as bellas-lettras. No sentido estricto porém, que é o seu sentido usual, por *litteratura* entende-se a litteratura amena (poesia, romance, folhetim), a historia e a polygraphia (oratoria, cartas, etc.), — isto é, as *bellas-lettras*, em que ha principalmente preocupação de fórma e de imaginação. A historia, tal como hoje se concebe, está a passar da terceira classe para a das sciencias.

Em qualquer dos sentidos que se tome a palavra *litteratura*, já dos primeiros cinco seculos da nossa existencia politica como nação herdámos abundantes exemplares, quer em prosa, quer em verso. Não é possivel, nem necessario, fazer aqui agora o inventario d'isso tudo: basta que me refira aos monumentos poeticos contidos nos Cancioneiros chamados da Vaticana, de Colocci-Brancuti e da Ajuda, onde, ao lado da influencia da França (sobretudo provençal), se manifesta uma



corrente popular portuguesa, ainda hoje conservada na tradição oral de Tras-os-Montes, como direi a seu tempo; basta que lembre os *Nobiliarios*, o *Amadis de Gaula*, as traducções e outras obras da livraria dos monges de Alcobaça, archivadas hoje na Bibliotheca Nacional e na Torre do Tombo, e os primeiros ensaios propriamente historicos publicados nos *Portugaliae monumenta*, etc. Esta é a litteratura pelo menos dos seculos XIII e XIV, na parte prosaica da qual predomina, como era natural, o elemento ecclesiastico. Do seculo XV temos o rico Cancioneiro de Garcia de Resende, a encyclopedia de D. Duarte, as novellas da Tavola Redonda e as notaveis *Chronicas* de Fernão Lopes e seus successores, — além de muitos outros trabalhos meudos. No seculo XVI já a lingua offerece em geral os seus caracteres actuaes: ainda assim ha auctores como Gil Vicente que em parte pertencem ao periodo archaico. Nas obras de Gil Vicente a lingua portuguesa apresenta dois aspectos: o aspecto popular na bôca de certas personagens villãs, como pastores, serranos, lavradores; o aspecto litterario na bôca das personagens cultas. É uma distincção capital que importa tomar em consideração ao citar ou lêr o nosso malicioso comico.

Sem alguns conhecimentos philologicos, não poderá ser rigorosamente comprehendida toda essa vasta litteratura, em que ha muitos vocabulos, sons, formas e expressões que destoam por completo da linguagem actual. A falta d'esses conhecimentos tem sido causa de que varias edições de antigos livros, modernamente feitas, contenham verdadeiros contra-sensos. O estudo e meditação da litteratura archaica não compete só aos historiadores e criticos de profissão, compete a toda a gente que quizer ter consciencia da sua nacionalidade: o poeta e o romancista, que ignoram o seu passado litterario e as tradições patrias, para só buscarem alimento espirital e inspiração nas litteraturas estrangeiras, falseiam a arte; e os individuos que de proposito e caso pensado sorriem dos venerandos velhos que escreveram na idade-média e lançaram os fundamentos e as bases de todo o trabalho futuro, e portanto prepararam o campo litterario que



hoje cultivamos, são perfeitos abortos da natureza, indignos da consideração, porque esta não ha de tributar-se a quem calca aos pés a sociedade, e atira com o desprezo ás gerações de que descende.

III) UTILIDADE PARA O ENSINO GRAMMATICAL.

Com quanto a grammatica que se ensina na instrucção primaria e secundaria seja pratica, isto é, seja a da lingua litteraria considerada apenas no seu estado actual, todavia o conhecimento da lingua archaica torna-se necessario, porque certos factos da actualidade só se podem explicar bem pela lingua antiga, que é a origem da de hoje. Se se notar ás crianças que havia outr'ora um artigo e pronome *lo* e *la*, correspondentes aos modernos *o*, *a*, ellas comprehenderão como hoje se diga ainda *pelo*, *pela*, *amá-los*, *vê-las*, etc., em que não ha, como absurdamente ás vezes se escreve, e ainda em parte se ensina nas aulas, simples mudanças euphonicas de *r* em *l*. Sabendo-se que muitos nomes, que hoje acabam em *-ão*, acabavam noutro tempo em *-om*, como *lição liçom*, *coração coraçom*, *firmidão fermidom*, e que as segundas pessoas pluraes dos verbos que hoje terminam em *-aes*, etc., terminavam até ao seculo xv-xvi em *-ades*, etc., — não parecerá estranho que ao sing. d'esses nomes em *-ão* correspondam hoje geralmente plur. em *-ões*, e que essas fórmas verbaes acabem no plur. em *-aes* (com *e*). Tambem ás vezes se escreve que *fugace* (fugaz), *atroce* (atroz), *felice* (feliz) são fórmas poeticas com paragoge (!) não sei de quê; que *imigo* é outra fórma poetica com pura syncope de *ni*; e que *impio*, por *impio*, tem deslocamento de accentto. Tudo isso são inexactidões: *fugace*, *atroce* e *felice* tanto se usavam na prosa como no verso, e não passam de latinismos introduzidos na lingua litteraria, e que além d'isso têm os superlativos *fugacissimo*, etc.; *imigo* é outra fórma da prosa antiga, palavra formada pelo povo (*inimigo*: *inemigo*: *in'migo*: *imigo* como se lê nos doc. ant.) e não pelos poetas; *impio* é formado de *pio* e *im* (*in*), dentro já do portugûês, sendo pelo contrario *impio* o latim *impīus* (em hesp. a unica fórma usada é *impio*). Muitos



mais exemplos se poderiam dar de como a grammatica antiga explica a moderna, e tudo isto muito elementarmente, sem latim nem grande apparatus philologico, ao alcance das crianças de dez annos, cuja instrucção assim se fortifica, e cuja intelligencia assim se desenvolve, porque mais vale uma razão clara e convincente do que muitas regras sêccas.

IV) UTILIDADE PARA A ORTHOGRAPHIA.

Ha linguas com orthographias muito complicadas, como o inglês e o francês; mas quem as escreve tem normas certas por onde se regula. Nós porém somos um povo quasi sem orthographia: cada um escreve de seu modo, e ainda um mesmo individuo representa ás vezes a mesma palavra por maneiras differentes. Todavia dentro das regras, que são claras e reconhecidas, não se devia errar. Para que escrever *luzitano* com *z*, se a fórma primitiva tem *s*? Para que escrever *Cardozo*, se esta palavra é apenas na origem um nome commum, *cardoso*, que vem de *cardo* com o suffixo *-oso* e não *-ozo* (lat. *osus*)? Para que escrever *Serzedello*, em vez de *Cerzedello*, se a base d'esta palavra é o lat. *quercetum* com fórma deminutiva? Um *s* e um *c* (*ç*) em português têm differente origem, e por isso não se podem usar á vontade. Os nossos antigos escreviam *Sintra* e *Buçaco*, e é assim que hoje se deve escrever, porque o *s* na primeira palavra e o *ç* na segunda accusam diversa origem, isto é, que o *s* de *Sintra* não provém de *c*, e que o *ç* de *Buçaco* não provém de *s*.

Isto pôde parecer ocioso, e muita gente chama-lhe frioleiras; mas ou bem que nós nos havemos de entender ou não: quando ha normas para as coisas, devemos segui-las; proceder á toa é que é disparate. O estudo da lingua antiga auxilia a orthographia moderna: deve escrever-se *ansioso*, *pessego*, etc., porque era assim que d'antes se escrevia, e porque essas palavras vêm respectivamente do lat. *anxiosus* (isto é, *x = cs*, — suppondo-se para *ansioso* um primitivo *ânsia*) e *persicus*, em ambas as quaes ha *s*, ao qual a consoante anterior foi assimilada. Para as escrever com *c* é que não ha fun-



damento de especie alguma. — Á Academia das Sciencias per-
lence regularizar a orthographia portuguesa.

V) UTILIDADE PARA FIRMAR O SENTIMENTO DA NACIONALIDADE.

O primeiro dever do cidadão é amar a sua patria, e defender a integridade do territorio. Isto é uma verdade evidente. Todos os homens são irmãos, por isso todos se devem amar: a humanidade é uma familia, e a terra uma patria commum. Mas, sem que se destruam os laços universaes que resultam da comunidade do berço, — por isso que todos os sêres semelhantes tendem por natureza uns para os outros —, e sem que se afrouxemi os da communicabilidade social, ha nesta familia ramos secundarios em que os laços da affinidade são successivamente mais estreitos, e o amor se manifesta por isso com mais força. Assim os brancos ligam-se melhor entre si do que com povos de outra côr: aqui temos um d'esses grupos secundarios. Os brancos da mesma ou semelhante civilização estão no mesmo caso em grau maior: por exemplo os povos neo-latinos, e entre estes ainda os do ramo occidental, como mais proximos. Por fim chegamos á noção da *patria* propriamente dita. Naturalmente os portugueses se amarão mais entre si do que por exemplo amarão os franceses, os hespanhoes, os italianos, de todos os quaes differem na lingua, nos caracteres, nos costumes, etc. Para este amor concorre de um lado, como disse, a affinidade natural, pois nos sentimos inclinados para quem possui feições semelhantes ás nossas, ou comnosco habita dentro das mesmas fronteiras, alimentando na alma o mesmo ideal; do outro concorre o interesse pratico da vida, pois do bem alheio depende tambem o nosso. Ora este amor patrio, este sentimento da autonomia nacional, será tanto mais íntimo e duradouro, quanto maior for a consciencia que d'elle haja.

D'entre os diversos elementos que constituem uma nacionalidade, a lingua é um dos de mais valor, porque faz que aquelles que a fallam traduzam por fórma semelhante a comunidade do sentimento, o que avigora este. E já na antiguidade assim se



julgava. A palavra *barbaro* o mostra. O estudo theorico de uma lingua assegura-nos melhor na posse d'ella. E como uma lingua não teve sempre a fórma que nos apresenta em dado momento, mas teve outras que explicam esta, fica entendido que o conhecimento das phases antigas da lingua portuguesa, habilitando-nos, como disse ha pouco, para nos inteirarmos melhor da lingua moderna, fortalece *ipso facto* o sentimento nacional.

O amor da patria e da lingua sempre caracterizou os antigos portugueses. O bello idioma luso foi exaltado em prosa e verso. No seculo xvi escreveu João de Barros o *Dialogo em louvor da nossa linguagem*, Ferreira de Vera os *Breves louvores da lingua portuguesa*, Magalhães de Gandavo o *Dialogo em defensam da mesma lingua*; no seculo xvii Severim de Faria e Sousa de Macedo produziram trabalhos no mesmo sentido; no seculo xviii Filynto Elysio cantou-a num poema! Todos os nossos mais notaveis escriptores se esforçaram por a escrever bem. Hoje, porém, os escriptores novos sorriem da poeira dos seculos, e dizem que *os classicos* cheiram a mofo, como se aquelles que se dedicam a um mester não fosse obrigação sua aperfeiçoarem-se nelle!

O desprezo que actualmente se nota pela lingua é um triste symptoma da decadencia geral do espirito patriotico, e é mais por isso do que por outro motivo que eu o lamento. Além d'esta causa ha ainda outras que concorrem para que a lingua se não estime. Uma d'ellas é a ignorancia. Ao passo que em alguns paises adeantados, como a Allemanha, o ensino da lingua materna se ministra durante uns poucos de annos nas aulas, em Portugal a nossa legislação apenas lhe concede nos lyceus um anno lectivo e parte de outro, isto é, uma escassa meia duzia de meses! Se se accrescentar a isto, de um lado a pouca preparação que os alumnos levam da instrucção primaria, e do outro a má vontade d'elles, vê-se como effectivamente a lingua portuguesa não deve ser bem sabida d'aquelles que escrevem. Digo *má vontade*, porque entre nós não ha habitos de estudo, Para os estudantes as aulas são



uma *massada*; os lentes uns *massadores*. Estuda-se só para se *passar* no exame; e quer-se o exame para se obter um curso que habilite a ter um emprêgo em que se ganhe muito e se não trabalhe nada. Este é o ideal da maioria. Mas ai do povo que não aspira senão á satisfação dos prazeres grosseiros da vida! Outra causa que contribue para a decadencia da nossa lingua litteraria é a lingua francesa, que, pelo seu uso cá, ora insensivelmente, ora de proposito, se vai infiltrando na nossa: insensivelmente, porque ella está sempre presente ao nosso espirito, e em virtude do pouco conhecimento classico da nossa, sobrepõe-se a esta; de proposito, pelo pedantismo dos que julgam que só o que vem de fóra agrada. Uma occasião vi num jornal d'esta cidade a seguinte noticia: «Hontem já era difficil alugar uma carruagem mais limpa, porque quasi todas estavam tomadas para hoje FAZEREM O BOSQUE e A AVENIDA». Fica a gente a scismar na habilidade d'estas carruagens que *fazem avenidas e bosques!* E sabem o que no caso presente significava *fazer o bosque?* Significava — ir para o Campo-Grande! As vezes dá-se o caso d'um jornal estar em contradicção comigo mesmo. Li ha tempos no artigo pincipal de um: «altas questões de interesse publico, de subida importancia para todos os que prezam ACIMA DE TUDO A AUTONOMIA DA PATRIA»; ao mesmo tempo que isto se dizia na primeira columna, logo adeante no noticiario, ao fazer-se a lista das pessoas que tinham andado a passear na Avenida, repetia-se umas poucas de vezes a expressão *madame* e *mademoiselle* com referencia a senhoras portuguesas! O jornalista não comprehendia que desvirtuar a lingua, mascarando-a de estrangeirismos, era attentar contra essa apre-goada autonomia da patria, que elle com tanta emphase defendia poucas linhas antes! O uso de *madame* e *mademoiselle* já dura ha uns annos, e parece que se vai generalizando, para o que tambem contribue a vaidade feminina, que assim adquire mais uns ares de exotica, em harmonia com a sentença vergiliana: *varium et mutabile semper femina*. Censurando eu uma vez um jornalista meu amigo que tambem assim escrevia, elle respondeu-me — que isto era gentil. Eu deixei-o, porque não

*



podia discutir com quem imaginava que havia gentileza em encher de remendos uma lingua rica. Nós já tinhamos no nosso vocabulario a palavra *madama*, que é igualmente de importação franceza; mas, pois que se applica com frequencia em sentido um tanto depreciativo, não agrada commummente aos ouvidos. Como porém com o tempo, em virtude das leis da lingua, *madame* virá, se se mantiver, a transformar-se outra vez em *madama*, ahi estamos nós cahidos em contradicção, ou então ha de a alta aristocracia ficar igualada á classe burguesa. — Não obstante esta invasão constante da lingua franceza na portuguesa, parece comtudo intuitivo que, se somos portugueses, e se Portugal tem uma lingua litteraria sua, devemos fallar e escrever português! E nós, que mostramos tanta propensão para copiar tudo o que vem de fóra, só não imitamos os estrangeiros no respeito que elles tributam ás respectivas linguas nacionaes. Neste desleixo, Lisboa sobresaee, como capital que é. Vai a gente por essas ruas, e não só nos artefactos, como nos titulos, imagina ás vezes que está num bairro de Paris: são as *bijouterias*, as *confeções*, os *restaurants*, os *ateliers*, os *salões* (!) *de barbear*. De modo que ao cahos da orthographia junta-se tambem o do vocabulario e do phraseado.

Se todavia quisermos ser povo autonomo, temos de pugnar pela integridade dos diversos elementos da nacionalidade, que se não reduz só ao territorio: temos de dar impulso e character ás artes e ás industrias; e de contribuir para que nos nossos habitos, litteratura e lingua não offereçamos um quadro hybridado, mas sim offereçamos um genuinamente português. Sem isto nem a integridade do territorio, nem a paz, nem a riqueza publica servem de nada. Precisamos de harmonizar tudo. E se na nossa vida historica ha algum momento de provação em que se torne necessario reatar e segurar fortemente todos os vinculos da nação, é sem dúvida este. Em vez de federações phantasticas, com povos estranhos, contenhamo-nos nós aggregados moralmente, conscios de um mesmo grande ideal! — Mas não vem agora ao meu intento dizer mais no assumpto.



VI) UTILIDADE PARA DESARREIGAR A OPINIÃO DE QUE A LINGUA ARCHAICA É RUDE E IRREGULAR.

Esta opinião anda não só na mente de quasi todos, mas tem-se escripto innumeradas vezes, e até em compendios escolares. Por exemplo, num que conta pelo menos doze edições, lê-se que a antiga lingua portuguesa «é barbara, irregular, intelligivel ás vezes e com rudez de pensamentos», e que a verificação da época é «dura e sem nenhum conhecimento da arte». Com relação á segunda affirmacão, bastava o auctor do livro dar-se ao trabalho de contar os versos e as syllabas de qualquer poesia antiga, para vêr a falsidade da sua proposição; é além d'isso hoje conhecido um tratado de poetica luso-provençal, certamente anterior ao seculo xv, o qual foi descoberto com o Cancioneiro Colocci-Brancuti, de que ha pouco fallei. Aquellas tão temerarias affirmativas não pertencem ainda assim ao auctor do compendio: são já referidas em segunda mão!

Noutro compendio escolar, que pelo menos conta oito edições, lê-se tambem: que a lingua primitiva de Portugal é o resultado de uma mistura das linguas celtica, phenicia, grega, romana, gothica, arabe, etc., chamando-se *romance* «porque n'ella sobressahia o romano corrompido»! E acrescenta-se que continuou «rude e incerta nas fórmãs» até que no seculo xv tomou «um caracter particular, que a distingue das outras linguas». Parece que o auctor admittre que até ao seculo xv a lingua portuguesa não tinha existencia propria!

E obras, assim anti-scientificas, percorrem umas poucas de gerações escolares, sem governos nem professores as varrem por uma vez da testada das aulas!

A extraordinaria opinião de que a lingua portuguesa archaica é rude e barbara refuta-se *a priori* e *a posteriori*. A refutação *a posteriori* da-la-hei no decurso das minhas lições. A refutação *a priori* da-la-hei agora aqui. O estudo scientifico que se tem feito de muitas e variadas linguas mostra que todas ellas são regulares na sua evolução; e a simples reflexão nos diz que qualquer lingua, já que serve para traduzir o pensa-



mento do povo que a falla, é perfeita e boa. Tanto merito tem a este proposito o grego de Homero como o quimbundo da Africa. Na própria lingua do povo, que ás pessoas superficiaes se afigura como caprichosa e irregular, descobre a analyse mais ligeira, regras constantes e certas. A linguagem é um producto do homem e que obedece ás mesmas leis a que obedece a natureza e as sociedades: como ha de pois ser errada? Logo, a lingua portuguesa archaica, por isso que é lingua, está nas mesmas condições que as mais. O chamar-se-lhe rude e barbara resulta de que, como offerece fôrmas anteriores ás de hoje, e outras que differem das que nós usamos, embora semelhantes ás vezes a ellas, nos parece ser a nossa lingua em labios de quem a não falla bem. Se um português antigo pudesse resuscitar, e ouvir-nos fallar, a lingua de hoje produzir-lhe-ia um effeito analogo a esse, e diria que ella era o mesmo que nós dizemos que é a lingua portuguesa na bôca dos pretos.

(Continúa).

J. Leite de Vasconcellos.



IDEIAS E FACTOS

REVISTA DA IMPRENSA ESTRANGEIRA

Summario : *O vegetarianismo*, pelo dr. Bonnejoy — *Bismarck*, por Emilio Castellar
— *A politica franceza*, por Gabriel Monol.

O vegetarianismo, pelo dr. Bonnejoy

(*Le végétarisme et le regime végétarien rationnel*, par le dr. Bonnejoy,
Paris, J. B. Baillière et Fils, 1891)

«Pelo Novo Testamento não vemos Jesus escolher, para symbolos do seu corpo e do seu sangue, o cordeiro pascal, que todavia estava na mesa da Ceia: mas prefere o pão e o vinho, productos vegetaes. A intenção vegetariana é ainda evidente na suppressão do sacrificio sanguinolento e na sua substituição pelo symbolo da missa. Jesus diz a seu Pae, na oração dominical do sermão da montanha: «O pão nosso de cada dia nos dai hoje». Jesus foi, como tantos outros da historia, um vegetariano victima das paixões necrophagicas dos judeus, seus contemporaneos».

«Ovidio fez uma profissão de fé declaradamente vegetariana, que poz na bôca de Pythagoras. Era censurar abertamente os costumes necrophagicos da côrte, e por isso o feriu a desgraça. Mas, como muitas vezes acontece entre aquella gente, em todo o tempo dada á falsidade e a todos os vicios do necrophagismo, não foi sem duvida a verdadeira razão a que Augusto allegou; e, hoje ainda, conservam-se obscuros os verdadeiros motivos do exílio do poeta da *Arte de amar*. Nem o infeliz Ovidio se explica a esse respeito, accusa-se de imprudencia, de indiscrição, etc. Seja como fôr, Augusto nunca lhe perdoou, tomando como uma satyra imperitine dos costumes necrophagicos seus e da sua côrte as objurgações do poeta contra o crime horrivel do assassinio alimentar».

Quem abraisse ao acaso o livro do dr. Bonnejoy e lesse os periodos que deixo transcriptos, mal poderia conter o riso; e, sem mais exame, não duvidaria passar ao auctor attestado de maniaco, pelo menos. Effectivamente, a nossa imaginação nao poderá representar-nos, sem traços accentuadamente comicos, os judeus glutões condemnando Jesus Christo porque pedía pão em logar de lhes offerecer um bife. Mas quem, desconfiando de tão precipitado conceito, tiver a curiosidade e a



paciencia de lêr o livro inteiro e extremar o que alli anda confundido, o fanatismo, o exaggero, a observação sensata, justa e provada, concluirá reconhecendo que o regimen dietetico levanta em nossos dias problemas do maior alcance. As paginas que vamos dar aos leitores da REVISTA DE PORTUGAL serão o bastante para justificar este modo de vêr.

SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA VEGETARISMO.— Gleizès tinha apresentado a sua doutrina sob o nome inconveniente de *Regimen daservas*. Os inglezes, que foram os primeiros a tiral-a do esquecimento e da indifferença que a tinham acolhido na sua propria patria, não adoptaram este nome, e a elles se deve a palavra mais euphonica de *vegetarismo*, alongada mais tarde pelos allemães em *vegetarianismo*.

Este vocabulo foi todavia objecto de criticas. Não ha ninguem superficial que não imagine que a sua raiz está na palavra *vegetal*; e não é assim. Nem tão pouco está na palavra ingleza *vegetable*, que tem a mesma significação.

A verdadeira raiz da palavra *vegetarismo* é o adjectivo inglez *vegete*, vigoroso, vivo, activo; o qual é etymologicamente derivado do adjectivo latino *vegetus*, e do verbo *vegetare*, empregado por Horacio, por Seneca, por Plinio e pelos poetas da decadencia com a significação de: fortificar, animar, fazer crescer, dar movimento. Um *vegetariano* é, segundo a etymologia, um homem de saude robusta; o *vegetarismo* é o regimen que a dá; e *regimen vegetariano* significa na realidade, *regimen fortificante* e não *regimen vegetal*, como geralmente se crê.

CARACTERES DO VEGETARISMO.— Ha muitas especies de vegetarismo, porque todas têm um fundo comum que é a proscripção absoluta, na alimentação normal do homem, da carne de cadaver alimentar morto ou não morto, crúa ou cozida, sob qualquer forma que se apresente. Quem a admittir, com o pretexto de moderação, anti-exclusivismo, religião ou qualquer outro, não tem evidentemente o direito de se chamar vegetariano; quando muito póde chamar-se semi-vegetariano ou necrophago mitigado.

Além do vegetarismo e do vegetalismo, que o leitor já não confunde, ha os vegetarianos por philosophia, religião, seita,



sentimento, amor dos animaes, aversão ao sangue, etc., mas nenhum grupo escolheu a razão scientifica como base das suas convicções vegetarianas. E isto que fórma o character da minha doutrina e que a distingue das suas congeneres. Mas, como a sciencia e a razão estão d'accordo com os outros mobis no sentido vegetariano, o vegetarianismo nacional, como pratica e dietetica, concorda com as demais doutrinas na proscricção absoluta da carne dos cadaveres destinados á alimentação dos necrophagos.

Até hoje, o vegetarianismo não foi ainda formulado em proposições claras, base scientifica da discussão. Os livros de ensino na materia limitam-se a uma série de considerações ou de preceitos excellentes mas pouco definidos. Gleizès, por exemplo, espraia-se em deducções philosophicas, sentimentaes ou religiosas, etc.; mas em vão um neophyto procuraria n'ellas uma direcção pratica ou um axioma para fixar a sua convicção e dirigi-la. Procurei preencher esta lacuna; os meus tres axiomas são calculados de fórma a conter ao mesmo tempo a technica, a razão de ser e a pratica actual do vegetarianismo. São por isso o resumo do meu livro, a parte principal; o resto é em certo modo accessorio.

AXIOMAS DO VEGETARISMO.—I. A força reconstituente geral do alimento reside onde a natureza poz a vida com o poder de desenvolver-se, e, por assim dizer, no estado virtual ou de chrysalida, isto é, nos cereaes, nas sementes, em certas raizes, tuberculos ou flôres, nos fructos, nos ovos, nos leites e seus derivados.

Mas a «vianda» ou carne do cadaver alimentar, crua ou cozida, e as suas diversas preparações, não representa senão uma especie de *caput mortuum*, tendo já esgotado o seu cyclo nutritivo, mais ou menos cheio de toxinas, ptomainas, microbios e suas secreções, ou residuos de desassimilação, e, portanto, improprio para a boa alimentação; porque a morte, ou os seus productos, não poderiam conservar normalmente a saude e a vida.

II. O alimento, o ar, as bebidas, e em geral tudo o que se



introduz no corpo deve apresentar: pureza absoluta, frescura e ausencia completa de falsificações, mudanças de natureza, manipulações fraudulentas, adulterações, etc., por mais pequenas que pareçam ser.

III. Como corollario dos axiomas precedentes e meios de applicação pratica, é necessario que, o mais possivel, cada um fabrique ou produza em sua casa estes alimentos ou estas bebidas, para chegar a obter os resultados ou condições acima enumerados, e conservar o equilibrio da saude.

Estes axiomas contêm ao mesmo tempo o enunciado, a demonstração resumida, a maneira de ser e as condições ou preceitos de applicação do vegetarianismo racional; todo o homem intelligente, seguindo-as á letra, pôde, se quizer submeter-se-lhes estrictamente, fazer vegetarianismo nas melhores condições.

A DENTADURA HUMANA E O VEGETARISMO.—Uma consideração, que não pude incluir nos meus axiomas, em que tive de limitar-me ao facto principal, e que prova que a natureza combate o necrophagismo exclusivo no homem, é a sua dentadura.

Os nossos dentes não são d'um carnívoro, ninguém terá a idéa de comparar-nos aos felinos, por exemplo, cuja queixada é provida de dentes ponteagudos para dilacerar as carnes; a nossa é a dos macacos anthropomorphos, que são essencialmente frugívoros.

Esta opinião é brilhantemente sustentada na Inglaterra pelos doutores vegetarianos: Lacy Evans, ha alguns annos; e mais recentemente o doutor anglo-americano E. Densmore, n'um volume publicado em Londres.

Este ultimo, como o precedente, pensa que os fructos são o nosso alimento normal e originario, e n'um curioso quadro compara a anatomia e a dentadura dos carnívoros, dos macacos anthropoides, do homem e dos animaes onnívoros.

É, com effeito, a nossa regra normal da alimentação, mas, diz-se, o homem é *onnívoro*. Quer dizer que por um beneficio da natureza, de resto commum a todos os animaes sem excepção, podemos temporariamente comer carne, assim como podemos sujeitar-nos momentaneamente a muitas outras substancias.



ao barro, segundo dizem os viajantes, ás hervas e raizes que habitualmente não são alimentares, segundo referem os historiadores das fomes e das guerras.

Quem não conhece o pão da farinha de ossos consumido pelos parisienses do cerco de Henrique IV? Alimentam-se os bois herbívoros com o pó de sangue de boi, os felinos carnívoros com pão, cenouras e outras raizes, e os macacos com carne; dir-se-ha por isso que perderam os seus caracteres primários?! Veremos adiante exemplos da influencia que sobre elles exerce esta alimentação desviada da sua natureza primitiva, e que são um dos melhores argumentos em favor do vegetarismo.

A primeira das condições para viver sem doença é ter dentes sãos e intactos. Ora nota-se que são precisamente os necróphagos os que os têm peiores; é n'elles que mais cedo apparece a carie e que mais rapidamente se perdem. O contacto contínuo dos dentes dos frugívoros com a carne ou seus derivados que consomem, não lhes é favoravel. Se os dentes dos carnívoros não se estragam no contacto com a carne, é isso uma demonstração bem clara e bem evidente de que a natureza fez da frugivoridade ou do vegetarismo a alimentação normal do homem em todos os climas. Em contraposição, vê-se que os vegetarianos de nascença e que sempre pozeram em pratica esta salutar doutrina têm uma dentadura bella e intacta, que conservam até avançada idade.

O FERRO E O PHOSPHORO NO ALIMENTO VEGETARIANO. — Á medida que se estuda e que se profunda a questão do vegetarismo, ficamos admirados da quantidade de provas em seu favor, que se descobrem na sciencia, nas religiões e na philosophia.

A chimica vem tambem trazer o seu tributo ao vegetarismo. Os phosphatos, por exemplo, encontram-se, no estado *assimilavel*, principalmente no milho e nos outros cereaes, em dobrada quantidade da que contém a alimentação animal; o que faz da sua farinha, e particularmente da de milho e de aveia, o primeiro succedaneo do leite da mãe. Mas o que merece notar-

se, é a riqueza em oxydo de ferro da dietetica vegetariana comparativamente com a do alimento necrophagico.

O cavalleiro Mussa, professor no instituto tecnico de Aquila (provincia de Napoles), em 1877 leu á Academia de Vicenza um curioso estudo intitulado *Le sustinenze vegetabili*, em que se encontra o quadro, que vamos citar, das quantidades comparadas de oxydo de ferro contidas em diversos alimentos.

Resulta do seu exame ficarmos confundidos com o erro prodigioso dos industriaes, pharmaceuticos e mesmo homens de sciencia, que vendem productos necrophagicos diversos, ou prescrevem aos anemicos, com serenidade e convicção, a carne para uma cura problematica. O vulgo inventou uma grosseira physiologia que se traduz por este proverbio necrophagico — «a carne cria carne» —, grande cavallo de batalha dos kreophagos, que a consideram cegamente como a mais alta expressão da verdade e da justiça! e todavia, no estomago, os elementos nutritivos são decompostos, formam outras combinações, e a carne não se absorve no estado natural. Os medicos que partilham este erro parecem crêr n'essa physiologia phantasista, como os que bebem sangue nos matadouros estão persuadidos de que readquirem os globulos que lhes faltam.

Eis aqui o quadro comparativo do cavalleiro Mussa:

Oxydo de ferro nas cinzas:	
De trigo.....	0,68
De centeio.....	1,91
De ervilhas.....	1,00
De lentilhas.....	2,00
De sangue de boi.....	0,71
De sangue de porco.....	0,78
De carne de vacca.....	0,09
De carne de vitella.....	0,02

O auctor tira d'estes numeros esta justa conclusão: A côr rosada das faces e dos labios adquire-se muito mais facilmente alimentando-nos com vegetaes do que com carne do açougue.

Quadros semelhantes mostram tambem que o alimento ve-



getal é aproximadamente duas vezes mais rico em phosphoro, e por conseguinte em phosphatos, que o alimento animal.

O VEGETARISMO E A ECONOMIA. — Os auctores que têm preconizado o vegetarianismo observam todos que a despeza de alimentação dos vegetarianos é muito menor que a dos necrophagos. Greg diz: Uma dada superficie de terra semeada de trigo produzirá uma alimentação dez vezes mais abundante que o mesmo espaço de pastagens destinadas á criação de animaes para o açougue, e Noyle prova que podemos, pelo mesmo preço, comprar cinco vezes mais materias nutritivas vegetarianas que iguaes materias animaes. O dr. Kingsford diz: «Uma superficie de terra consagrada á cultura dos cereaes, dos fructos e legumes, fornece uma provisão capaz de sustentar uma população aproximadamente doze vezes mais consideravel que a mesma superficie aproveitada para a producção de carne do açougue. Um regimen vegetariano, comprehendendo o queijo, a manteiga, o leite, custa, para cada pessoa, tres ou quatro vezes menos que o regimen mixto de carne ou de legumes, usado em França quasi por toda a parte».

INFLUENCIA DA CARNE SOBRE OS ANIMAES. — O facto da maldade e da ferocidade dos animaes carnivoros comparadas com a docilidade e a doçura dos herbivoros, mesmo os mais fortes, é já uma grande presumpção em favor do vegetarianismo e da sua feliz influencia sobre as paixões de toda a natureza. Mas os factos seguintes referidos por Liebig, e que são menos conhecidos, de carnivoros tornados inoffensivos por uma alimentação animal, e de herbivoros tornados maus e sanguinarios pela alimentação kreophagica, levam-nos necessariamente á convicção n'aquelle sentido. Um urso, preso no museu anatomico de Giessen, mostrava-se obediente e manso emquanto o sustentavam a pão, mel ou grão. Um dia, quizeram experimentar n'elle o effeito d'um regimen exclusivamente necrophagico. Tornava-se mau e perigoso. Voltaram ao regimen vegetariano e reapareceu a mansidão primitiva.

Sabe-se que os porcos sustentados com carne se tornam maus e que os cães de guarda, para se tornarem ferozes, de-



vem ser alimentados com carne, e com carne crua de preferência.

No homem, o raciocínio, a educação, a civilização, as virtudes innatas ou adquiridas combatem os funestos efeitos do regimen exaggerado das carnes; mas todavia não deixa de ficar comprehendido na regra geral. O dr. Dundas Thompson falla dos extraordinarios efeitos d'uma refeição de carne, observados por um viajante entre alguns indigenas indios, vegetarianos por habito e de nascimento. Comeram com voracidade, e, uma ou duas horas depois, mudaram completamente a expressão das suas physionomias; os gestos desordenados, as palavras incoherentes, a gaguez, a excitação dos seus intentos mostraram uma embriaguez kreophagica evidente, que provava bem que esta refeição tinha produzido sobre elles o mesmo effeito que uma copiosa absorpção de alcool.

Só a enumeração dos homens e dos povos que na India, na Judéa, na Persia, no Egypto, na Grecia, na Alexandria, em Ephaso, em Roma, na Idade-Média, na Egreja, na Allemanha, na Russia e nos Estados-Unidos, em todos os tempos e em todo o mundo adoptaram e defenderam o vegetarianismo, occupa mais de duas paginas no livro do dr. Bonnejoy e os documentos transcriptos mais de cem. Por isso teremos de contentar-nos com umas breves citações tiradas d'esse vasto compendio.

DISCURSO DE PYTHAGORAS SEGUNDO O POEMA DE OVIDIO.—

Havia em Crotona um homem da ilha de Samos, que se banira da sua patria pelo odio que tinha aos tyrannos... Mantinha um estreito commercio com os deuses... Communicava os seus conhecimentos a uma multidão de discipulos que o admiravam n'um grande silencio...

Foi o primeiro que condemnou o uso de comer a carne dos animaes: doutrina sublime e tão pouco apreciada, cuja paternidade devemos attribuir-lhe.

Deixai, mortaes, dizia, deixai de servir-vos de abominaveis manjares; os campos apresentam-vos abundantes searas; as arvores estão carregadas dos mais bellos fructos, e das vinhas pendem uvas para vosso uso. Tendes legumes d'um gosto agra-



davel, entre os quaes ha alguns excellentes quando são cozidos. Não vos são prohibidos o leite e o mel: emfim a terra prodigalisa-vos as suas riquezas e dá alimentos de toda a especie, sem que haja necessidade, para sustentar-vos, de recorrer ao assassinio e á carnificina.

Só cabe aos animaes o comer carne; e nem todos se alimentam d'ella. Os cavallo, os bois, as ovelhas não vivem senão de hervas; apenas os animaes ferozes, os tigres, os leões, os ursos e os lobos fazem da carne o seu alimento ordinario.

Que crime horrivel fazer entrar nas nossas entranhas as dos seres animados, engordar o nosso corpo com a sua substancia e com o seu sangue! É pois necessario para conservar a vida d'um animal destruir a d'um outro? É necessario que no meio de tantos bens que a terra, a melhor de todas as mães, prodigalisa aos homens com tanta profusão, tenham ainda de recorrer ao morticinio para alimentar-se, á maneira dos cyclopes, e que não possam satisfazer a sua fome senão degolando animaes?

Não era assim que se fazia nos tempos felizes, que chamamos a idade de ouro: contente com as plantas e com os fructos que a terra produz, o homem não manchava a sua boca com o sangue dos animaes. As aves voavam sem medo no meio dos ares... O universo tranquillo não conhecia laços nem armadilhas, tudo estava em paz.

Qualquer que seja que, para desgostar os homens dos alimentos innocentes com que se sustentavam, introduziu o costume de comer a carne dos animaes, abriu ao mesmo tempo a porta a toda a especie de crimes; porque foi sem duvida pela carnificina, que se fez d'estes animaes, que o ferro começou a ser ensanguentado. É permittido, na verdade, tirar a vida aos animaes que nos atacam, mas não convinha nutrir-nos com a sua carne. Todavia foram ainda mais longe; quizeram sacrifical-os aos deuses...

Que crime tinheis commettido, innocentes ovelhas, pacificos rebanhos, que daes aos homens um nectar delicioso, que vos despis do vello para cobrir-nos, e que emfim lhes sois mais

uteis quando vos deixam viver que quando vos matam? Que mal vos fez o boi, animal manso, incapaz de prejudicar-vos, e que só é feito para o trabalho?

É preciso ser ingrato, desnaturado, e inteiramente indigno dos bens que a terra nos dá, quando vamos tirar da charrua este animal tranquillo, o melhor de todos os nossos operarios. para leval-o ao altar e ferir de morte esta cabeça que tantas vezes gemeu sob o jugo, e que, por um trabalho penoso e duro, tantas vezes renovou as nossas seáras.

Não bastava aos homens commetter tão grandes crimes, precisavam ainda tornar cúmplices os deuses, julgando que o sacrificio d'um animal tão util podia ser-lhes agradável... Conduz-se assim a victima ao altar; lá recitam-lhe orações que ella não ouve; põem-lhe entre os cornos, que anteriormente tiveram o cuidado de dourar, um bolo feito do proprio grão que ella cultivou, e crava-se-lhe no seio a lamina sagrada...

Arrancam-lhe immediatamente as entranhas palpitantes, para consultal-as, e lêr n'ellas os segredos dos deuses. Ensinai-me, homens insaciaveis, d'onde vem esta avidez que não póde cevar-se senão nas carnes prohibidas? Renunciai a um costume tão criminoso; segui os conselhos que vos dou, e sabei que, quando comeis a carne do boi que acabaes de degolar, comeis o que lavrou o vosso campo. Pois que um Deus me inspira, só fallo conforme a sua vontade...

As nossas almas são sempre as mesmas, posto que tomem diferentes fôrmas segundo os corpos que animam. Que a Piedade não seja sacrificada á vossa gula, e para fartar-vos não expulseis dos seus corpos as almas dos vossos paes, nem vos alimenteis com o seu sangue... Como temos uma alma que depois da nossa morte póde passar para o corpo dos animaes, deixemol-os gozar tranquillamente a vida, e não perturbemos, matando-os, o repouso dos nossos paes, dos nossos irmãos, dos nossos parentes ou emfim dos homens, quaesquer que possam ser: não nos exponhamos a banquetes tão horriveis como os de Thyeste.

É acostumar-se a espalhar o sangue humano degolar animaes innocentes e ouvir sem piedade os seus tristes gemidos...



Que funesta aprendizagem! Deixai o boi lavrar tranquillamente a terra, e que a sua morte seja a consequencia natural da velhice. Contentemo-nos com o vello das ovelhas, para livrar-nos das injurias do ar, e com o leite das cabras para sustentar-nos: parti os vossos laços e redes, não enganeis mais a credula ave.

CARTAS DE SENECA. — Pois que já sabeis com que ardor entrei no estudo da philosophia durante a minha mocidade, não vos occulto a admiração que me inspiraram os preceitos de Pythagoras. Socion, e depois d'elle Sexto, resolveram ambos abster-se da carne dos animaes. Fizeram-no por differentes razões, mas igualmente nobres. Socion pensa que o homem póde satisfazer-se largamente sem derramar o sangue dos animaes.

Uma vez tornado habitual o assassinio alimentar, para a satisfação do appetite, segundo se diz, a brutalidade entrará ao mesmo tempo nos nossos costumes. Além d'isso accrescenta que esta variedade de alimentação, não sendo natural ao homem prejudica por conseguinte a saude. E quando mesmo vos privo da carne, diz, somente vos privo do alimento dos leões e dos abutres. Convencido por taes argumentos, eu mesmo deixei o uso da carne dos animaes e, ao fim d'um anno, os meus novos habitos tinham-se tornado para mim, não só faceis, mas deliciosos; e parecia-me mesmo que a minha capacidade intellectual se tornava maior.

Outr'ora, não havia necessidade de tão grande numero de medicos e de instrumentos de cirurgia, nem de drogas tão numerosas. Muitas doenças foram creadas pelo nosso modo de viver. Notai que quantidade enorme de existencias um só estomago absorve, trabalhando assim para devastar a terra.

HOMILIAS DE S. JOÃO CHRYSOSTOMO. — Não ha pezar nem inquietações que façam ao espirito tão grande mal como o excesso das carnes faz ao corpo. Porque estes excessos acabam por gerar doenças, insomnias e outros males da cabeça, dos ouvidos e do estomago. Estes excessos e estas delicias perdem todas as partes do corpo, e o seu veneno espalha-se pela cabeça, pelas mãos e pelos pés.



Porque estas delicias adiantam a velhice, enfraquecem os sentidos, abafam a razão, cegam a alma mais esclarecida. tornam o corpo cobarde e effeminado, enchendo-o d'um montão de immundicies. Estas delicias são para o corpo o que uma carga excessivamente pesada é para um navio que vai ao fundo, levado pela grandeza d'esse peso. Porque trabalhaes para engordar tanto o vosso corpo? Quereis fazer d'elle uma victima boa para a immolação, ou pedaços de carne para servir nas mesas? Não se póde perdoar a engorda das aves, porque sendo tão gordas prejudicam a saude.

Mas os que se sustentam com estes animaes cevados enchem-se de gorduras como elles, e por esta repleção alimentam uma fonte de doenças. Porque nada é mais contrario ao corpo que este excesso de alimento. Tudo o que vai além da necessidade é um veneno. Uma prova d'isso está em que o ventre, quando sobrecarregado de carnes, vinga-se de nós por uma infinidade de males que nos faz soffrer. Começa por punir os pés que nos levaram a esses festins desregrados, ataca depois as mãos que o carregaram com tantas carnes superfluas: a uns e outros aperta com dôres agudas. Deus permittiu estes maus efeitos para um fim admiravel, para que, se não nos prendermos por dever, se não fôrmos sobrios por virtude, ao menos o sejamos pela força e pelo receio dos males, que são a consequencia forçada da intemperança.

A mulher, DE MICHELET.—Tem-se feito uma revolução: deixamos o sobrio regimen francez, e cada vez mais adoptamos a cozinha sanguinolenta e pesada dos nossos visinhos, apropriada talvez ao seu clima, mas não ao nosso. O peor é que infligimos este regimen ás nossas creanças. Que estranho espectaculo vêr a mãe dar á sua filha, que ainda hontem amamentava, esta grosseira alimentação de carnes em sangue, e os excitantes perigosos: o vinho, a exaltação; o café! E espanta-se de vê-la violenta, caprichosa, apaixonada. É ella mesma que tem a culpa d'isso.

O que ella não vê, e é bem mais grave, é que n'esta raça franceza tão precoce, o acordar dos sentidos é directamente provocado por este regimen.

Longe de fortificar, agita, enfraquece, enerva... Para a mulher e para a creança, é uma graça, uma graça de amor, ser principalmente frugivora, evitar as carnes fetidas e preferir-lhes alimentos innocentes que não causam a morte a ninguem, um sustento suave que lisongeia tanto o olfacto como o paladar.

Penso que as raparigas devem ter uma alimentação de creanças, que continua o regimen lacteo, dôce, tranquillo e pouco excitante; que, se comerem á vossa mesa, estejam habitadas a não tocar nos vossos alimentos que são um veneno para ellas.

DUJARDIN-BEAUMETZ, NAS CONFERENCIAS DO HOSPITAL COCHIN.—Vemos o inglez, alimentando-se de carne, quando habita o seu paiz, adoecer quando habita a zona torrida como na India. Ahi é forçado a tornar-se vegetariano.

É certo que, segundo os climas, o homem pôde encontrar, n'uma alimentação puramente vegetal, todos os elementos de força necessaria, e é um erro julgar que as carnes são um alimento absolutamente indispensavel para a producção da força.

Não é aos animaes puramente herbivoros, o cavallo e o boi, que pedimos a maior somma de trabalho muscular? E os homens da India, da China, do Tonckim, sustentando-se exclusivamente de arroz, podem produzir um trabalho igual e mesmo superior aos operarios dos paizes do norte que se alimentam de carne.

De resto, pôde affirmar-se que o maior numero dos habitantes do globo fazem uso, por necessidade ou por religião, da alimentação vegetariana, mas, quando consideramos os climas frios e os climas temperados, a introducção da carne no regimen do operario augmenta a producção do seu trabalho.

Um dos reformadores da religião de Brahma, que vivia seiscentos annos antes da nossa éra, Buddha Gaoutama ou Chakiamoni, condemna absolutamente o uso na alimentação de tudo o que viveu. O mesmo acontece na China onde vemos o budhismo, introduzido no sexagesimo-quarto anno da nossa éra, proscriver a alimentação com carnes.

Esta proscricção vemol-a renovada pelos grandes philoso-

*



phos e pelos grandes reformadores, que parecem todos convencidos dos graves inconvenientes que resultam dos excessos de alimentação e particularmente dos excessos das carnes; muitas vezes encontrareis estas mesmas doutrinas vegetarianas em quasi todos os philosophos antigos, Seneca, Plutarcho, etc. E da mesma fôrma nos Padres da Egreja, em que podemos apontar uma serie de citações mostrando que o regimen ascetico foi seguido por um grande numero d'esses Padres. S. Chrysostomo, S. Jeronymo e outros elogiam a temperança, e em particular o vegetarianismo.

Em tempos mais proximos de nós, devo citar especialmente um decano da nossa faculdade, Hecquet. Hecquet, que era um dos mais calorosos partidarios da sangria, pois que serviu de typo a Lesage para o seu *Doutor Sangrado*, era tambem muito partidario do regimen vegetariano. Cuvier, Monthyon, de la Métherie, Byron, Ménard, etc., teriam sido vegetarianos.

Não temos a occupar-nos aqui do vegetarianismo, sob o aspecto social e religioso, e, se é da vossa vontade, passamos ao lado pathologico e therapeutico da questão.

Em geral, o homem rico ou ocioso come excessivamente. Conhecemos o papel consideravel que representam as leucomainas e as ptomainas nos phenomenos de auto-intoxicação, que se vêem tão frequentemente. Todo o mundo parece d'accordo em ligar a esta auto-intoxicação o embaraço gastrico, as congestões do figado, e principalmente a maior parte dos phenomenos que se desenvolvem na neurasthenia gastrica. Da mesma fôrma na insufficiencia renal, e hoje devemos perguntar se, por este lado, o regimen vegetariano não é muito superior ao regimen da carne. Parece-me que em todos estes casos pathologicos, em que deve reduzir-se ao minimo o numero das toxinas introduzidas na economia, o regimen vegetariano impõe-se.

Precisamos primeiro explicar este ponto importante, a saber: que o regimen vegetariano póde ser sufficiente para a alimentação. Este facto é incontestavel, pois, mesmo sob o nosso clima, vemos nos campos povoações pobres conservarem a força e a saude com este regimen exclusivo. De resto, lá estão as ana-



lyses para mostrar-nos que o homem pôde encontrar exclusivamente nos vegetaes a quantidade de azote que lhe é necessaria.

Com effeito, a maior parte dos vegetaes feculentos e leguminosos contém uma certa quantidade de azote. Mas quero fallar-vos particularmente dos novos feculentos, como a soja, a fromentina e a legumina, superiores na percentagem de azote ás proprias carnes.

A soja é esta ervilha do Japão (*Glycinia hispida*) hoje muito cultivada em certos paizes da Europa e particularmente na Hungria desde 1875. Esta ervilha, que contém muitissimo pouca fecula, encerra pelo contrario uma grande quantidade de materias azotadas.

Eis aqui a percentagem dos principios alimentares contidos n'esta ervilha:

Materias proteicas.....	36,67 %
Materias gordas.....	17,60 »
Materias amylaceas.....	6,40 »

A carne de vacca não contém, comparativamente, senão 22,74 de materias proteicas, 2,30 de materias gordas e zero amylaceas.

Assim, pois, temos na soja uma ervilha mais nutritiva que a carne, e que, para um grande paiz, como é o Japão, sob differentes fôrmas, de molho, de queijo, de farinha, e mesmo d'um verdadeiro leite artificial, serve para sustento da população. Comprehende-se todo o proveito que o regimen vegetariano poderia tirar de semelhante alimento.

Direi em conclusão e resumo que o regimen vegetariano, applicado aos nossos climas, constitue uma medicação muito importante, que se impõe em grande numero de casos.

Muito teriamos que transcrever do livro do dr. Bonnejoy, se fossemos a notar quanto nas suas paginas merece exame. Mas terminamos aqui, na convicção de que o leitor não precisa de mais esclarecimentos para comprehender os fundamentos e as consequencias das doutrinas vegetarianas.

Essas doutrinas não são novas, são mesmo muito antigas, e d'isso dão teste-



munho a historia passada de todos os povos e o seu viver presente em muitas regiões do globo. Só a litteratura ingleza sobre a materia formaria uma bibliotheca; tem doze publicações periodicas vegetarianas sustentadas por associações com innumerous socios, que fazem em todo o mundo uma propaganda activa. Até na Australia ha restaurantes vegetarianos! Londres tem trinta e dois, Manchester sete, e em toda a Inglaterra ha mais de sessenta.

É isso uma simples mania de excentricos ou envolve qualquer problema importante e serio? Mesmo pondo de lado todas as considerações moraes e religiosas que sempre lhe andaram ligadas, ainda nos fica muito que considerar e discutir n'esta questão. Tres coisas parecem fóra de duvida: primeira que o regimen vegetariano é absolutamente sufficiente para as necessidades do organismo humano, segunda que é um valioso meio therapeutico, e finalmente que é a mais economica das dietas. *As conferencias* de Dujardin-Beaumetz, que tem fama de ser um mestre consagrado nas questões de hygiene alimentar, põem fóra do debate o lado physiologico do problema, emquanto por outro lado as vantagens economicas do regimen vegetariano são d'uma tão clara evidencia, que dispensa analyse.

É preciso ter bem presente que o regimen vegetariano inclue os ovos, o leite e seus derivados. Ora, um escriptor suiso, Eduardo Lullin, n'um artigo que em 1891 foi publicado na *Bibliothèque Universelle*, de Lausanne, mostra que d'um quadro comparativo feito no instituto Pasteur, soccorrendo-se dos numeros dados por Payen sobre a composição dos alimentos e do seu preço no mercado de Paris em janeiro de 1887, deprehende-se que o leite é o alimento em que o azote fica mais barato. N'esse quadro, o preço do kilogramma de azote é de quarenta francos quando vem do leite, de trinta quando se tira do queijo Gruyère, de cem na carne de carneiro, de cento e dez na carne de vacca e de cento e cincoenta nos ovos. Nem são precisos numeros; uma breve reflexão mostra-nos que necessariamente o preço do alimento ha de estar em proporção com as transformações por que passou, e por conseguinte quanto mais rudimentar fôr o estado em que o utilizemos, mais barato nos fica. É realmente uma excessiva multiplicação de trabalho que para fabricar os musculos humanos se fabrique primeiro os musculos de qualquer outro animal, que se desfaçam immediatamente, para concluirmos pela producção de qualquer coisa absolutamente identica ao que precedentemente destruímos. Pelo lado economico o regimen necrophagico não se sustenta; só decididas vantagens physiologicas poderão justificar-o.

Mas que nos diz a physiologia n'este ponto? Nada positivo e seguro. Pelo contrario, as doutrinas modernas de fermentos e microbios abriram horisontes tão largos ao saber e ao estudo, que nos deixam convencidos da profundeza da propria ignorancia. Para não irmos mais longe, attentemos n'um só exemplo tirado das palavras de Dujardin-Beaumetz, que acima deixamos citadas: — Esses casos de auto-intoxicação até que ponto são derivados do regimen necrophagico? Que fermentos e venenos encerram os residuos da alimentação d'esse genero, como se accumulam no organismo, como influe na vida? Fica sempre aberto um campo infindo

as hypotheses de toda a natureza, se consideramos a questão nos estreitos limites da sciencia; enquanto a historia, sem mais justificações, que não sejam as do simples facto realisado, mostra-nos os povos vegetarianos vivendo e prosperando como os mais affeiçãoados ao açougue. Os nossos campos podem dar-nos exemplos preciosos das provas d'este ultimo genero: o lavrador e o pescador são vegetarianos. O que elles comem de carne ou de peixe é uma quantidade minima que não pôde entrar como elemento apreciavel na alimentação.

Supponho, pois, que esta questão do regimen dietetico está muito longe do seu termo. E é importante: pela influencia que tem na prosperidade e porque nos mostra bem, como a sciencia é limitada. Aos muitos *krachs* que vão assignalando o fim do seculo XIX, *krachs* financeiros, politicos, moraes, philosophicos, de toda a natureza, comprehendendo todos os ramos da actividade humana, não me parece impossivel que venha juntar-se o *krach* scientifico; e os doutores do nosso tempo deixarão grande pasto ao riso dos doutores do seculo XX.

Bismarck, por Emilio Castellar

(*The Arena*)

Um pensador da sua força, um estadista do seu saber, um homem da sua grandeza devia lembrar-se do que os physiologistas demonstraram relativamente á hereditariedade, e devia ter conhecido que era o seu dever, e o da nação e dos allemães, pôr-se em guarda contra qualquer capricho de atavismo que poderia ferir o seu proprio poder. Um rei da Baviera cantando operas de Wagner entre lagos e rochas; um irmão do rei da Baviera assemelhando-se ao Sigismundo de Calderon pela epilepsia e pela loucura; o principe Rodolpho mostrando que a dupla enfermidade inherente á linhagem paterna de Carlos o Temerario e á linha materna de Joanna a Doida continua nos austriacos; um rei da Prussia fechado no seu quarto como n'uma prisão, e obrigado pela fatalidade a abdicar do throno dos avós durante a sua vida em favor do proximo herdeiro, devem mostrar, como mostraram, qual é o resultado de affrontar as maldições do oraculo.

Mas o chanceller, na estreiteza da sua vista, encheu a cabeça do joven imperador Guilherme de idéas absolutistas; esti-

mulou-o e excitou-o a mostrar-se impaciente com o seu infeliz pae; e quando, assim educado, o tutor abriu a bôca para satisfazer o seu appetite, elle devorou o chanceller, como um animal feroz devora o guarda. A quem pôde elle censurar senão a si proprio? Os imperadores costumam ser ferozes com os seus favoritos quando estão aborrecidos d'elles. Como Nero matou Seneca, como João II enforcou D. Alvaro de Luna, como Philippe II perseguiu Antonio Perez até que elle morreu, como Philippe III decapitou D. Rodrigo Calderon, Guilherme II decapitou moralmente Bismarck sem outro motivo que não fosse o seu imperial capricho. *Sic volo, sic jubeo*. Aventurar-se-ha agora o chanceller a apresentar-se no parlamento, porque foi demittido do palacio real como um laçao? Nas sessões do parlamento ha de assemellar-se á gallinha depennada e cacarejando, que os sophistas lançaram nas palestras de Socrates. No parlamento, em que outr'ora entrava de esporas e sabre, capacete no braço e couraça ao peito, entrará agora como um timido rapaz d'uma escola de caridade, e aquella assembléa, que elle em outro tempo castigava com mão forte como rapazes de escola, escarnecida e caricaturada em sarcasmos muitas vezes brutaes, calcal-o-ha como os lilliputianos de Gulliver, e a historia ha de sepultal-o, não como um despota em pórphiro egypcio, mas como um bobo. A sociedade, como a natureza, devora tudo aquillo de que já não precisa. A morte de Guilherme I, o Cesar; a morte de Roon, o organisador; a morte de Moltke, o estrategista, todas lhe diziam que desaparecia e se extinguia a especie de homens a que elle pertencia. A sciencia moderna ensina que as especies extinctas não reapparecem. Bossuet dizia que o Eterno destruiu o instrumento da sua obra providencial, porque era já inutil. Fique pois Bismarck retirado e espere, sem impaciencias nevroticas, o julgamento final de Deus e da historia.

O que ha de mais curioso nas palavras de Castellar são os prejuizos republicanos, talvez inconscientes, mas que nem por isso transparecem menos nitidamente. Este Bismarck, victima d'um rei, que o engoliu como uma serpente que elle proprio tivesse acalentado no seu seio, teria um vivo espelho na desgraça do imperador do Brazil banido pelo povo a que elle consagrou toda a sua vida, que



cobriu de beneficios e a que deu todo o prestigio que sempre podem dar os soberanos nobres e dignos: ao capricho dos reis, Castellar poderia oppôr os caprichos da populaça das republicas, não menos incertos e loucos que os primeiros. Mas esse segundo quadro escapa-lhe. Tanto pôde a preocupação idealista do paraiso republicano.

A politica franceza, por Gabriel Monod

A situação da republica franceza é um estudo cada vez mais interessante na politica geral da Europa. Nenhum paiz foi tão longe como a França na applicação dos principios chamados liberaes, que serviram de pretexto, e muitas vezes tambem de verdadeiro motivo, ás revoluções que têm agitado a vida dos povos em todo o seculo XIX; são d'isso testemunho bem claro a sua fórma de governo, a intervenção do parlamento em todos os actos do poder executivo e uma constante tendencia a consultar o voto popular em tudo o que importa á administração publica. É, portanto, do maior interesse a observação d'essa grande experiencia politica, e por isso hoje fazemos uns breves extractos do artigo que sobre este assumpto foi ultimamente publicado por G. Monod na *Contemporary Review*. Além de que o auctor é um observador intelligente e desapaixonado, em cujas palavras podemos confiar, se é que pôde confiar-se em alguém quanto a previsões politicas que os factos capricham sempre em alterar e desmentir, *The Contemporary Review* é uma das revistas europeias que melhor pôde guiar-nos nos esclarecimentos das questões politicas. Goza d'essa fama; e os nomes dos seus collaboradores justificam-na.

Depois das eleições de 1889 e do collapso do boulangismo, o traço mais saliente da situação politica em França foi a sua estabilidade — uma estabilidade que contrasta vivamente com as incessantes mudanças ministeriaes, que começavam a ser consideradas como inseparaveis do governo parlamentar. Esta ausencia de movimentos politicos é um facto digno de notar-se, cuja causa convém procurar.

Deve em primeiro logar attribuir-se ao chefe do governo, Carnot. A maneira correcta, serena e digna por que tem cumprido o seu mandato, mantendo-se estrictamente dentro dos seus poderes constitucionaes, exerceu a mais feliz influencia no espirito publico e especialmente no espirito parlamentar. Depois merece elogio, concorrendo no mesmo fim, o tacto e a pruden-

cia maravilhosa de Freycinet, que soube alcançar um grande prestigio na gerencia dos negocios da guerra, dando-lhes aquella continuidade cuja necessidade era reconhecida ha tanto tempo, e tendo simultaneamente a habilidade de se conservar nas boas graças de todos os partidos; nenhum o reconhece como chefe, nenhum confia n'elle absolutamente, mas todos desejam aproveitá-lo, e tem para todos esperanças e promessas. O seu gabinete contém moderados como Ribot e Develle, opportunistas como Rouvier, Roche e Fallières, radicaes como Bourgeois e Guyot, e, acima de todos, um homem d'um valor excepcional. — Constans. Finalmente, a camara e a situação parlamentar encerram factores permanentes de estabilidade, que prolongam a existencia do ministerio Freycinet e neutralizam as tendencias divergentes que ha dentro d'elle. Esses elementos são a grande importancia da questão economica e diplomatica no momento presente, em detrimento de todas as questões de politica meramente interna. Um dos principaes resultados da quèda do boulangismo foi desorganisar e desarmar por algum tempo todos os partidos que se comprometteram com elle — os radicaes extremos, os bonapartistas e os realistas. Os bonapartistas carecem d'um cesar capaz e popular; os monarchicos, destruida pela astucia de Leão XIII a sua intima união com o clericalismo, perderam o apoio que maior força lhes dava, e os radicaes não têm nem chefes nem programmas, pois M. de Mun, Clémenceau, Constans e Cassagnac são todos socialistas, mas cada um a seu modo. O facto é que presentemente em França todas as questões de politica interna estão em calmaria, e esta situação produziu no parlamento uma especie de boa vontade universal, que dá ao ministerio uma concessão de vida indefinida.

Mas emquanto as questões ministeriaes e administrativas passaram assim para o segundo plano, a politica internacional e as finanças tomaram uma importancia quasi exclusiva.

Durante vinte e um annos a França esteve só na Europa. Póde todavia dizer-se que, desde o congresso de Berlim em 1878, reassumiu o seu papel n'aquella detestavel discordia que corria com o nome de concerto europeu; mas foi um membro insigni-

ficante da orchestra, nunca um dos primeiros violinos. A sua posição foi o resultado da sua derrota; mas os inimigos da republica attribuiam o isolamento á fôrma do governo, dizendo que uma monarchia só tem a escolher as alliações. A historia do seculo XIX não sustenta esta theoria. Excepto em dois breves intervallos, com Luiz Philippe e Napoleão III, quando houve um accordo cordial entre a França e a Inglaterra, a França tem estado isolada desde 1830. Em 1840 toda a Europa estava contra ella. Em 1870 ninguem levantou um dedo para evitar o seu destino; pelo contrario, todos tinham alguma coisa a ganhar com a sua fraqueza. A Russia aproveitou a oportunidade para apagar as consequencias do tratado de Paris, a Italia para se apossar de Roma, a Inglaterra para desenvolver o seu commercio, e a Austria para fazer novas combinações com o imperio allemão. Desde 1889 a França foi sempre suspeita; nunca teve uma alliança solida ou uma amizade duradoura. Mas hoje precisa alliados: primeiro para contrabalançar a triplice alliança e depois para responder aos que julgam que os governos monarchicos são naturalmente adversos á republica. Esta é a explicação dos transportes de alegria com que em França foram ouvidas as noticias da recepção da nossa esquadra em Cronstadt. Para os espiritos pensadores, o effeito d'estas demonstrações russophilas e da mania russa por tudo o que é francez, não é inteiramente tranquillizador. Esta ardente e rapida amizade não é resultado d'uma verdadeira identidade de principios ou de politica, de interesses materiaes ou intellectuaes, mas simplesmente uma antipathia e um receio commum; esta paixão da democracia franceza por um czar, e da populaça russa por uma democracia republicana podem converter-se n'uma tal exacerbação das paixões populares que nos levem a uma guerra europeia que os respectivos governos não desejam nem previam. Pela nossa parte já n'estas paginas indicamos como os interesses da Alemanha e da França deveriam leval-as a procurar mutuamente a amizade. A França nada tem a ganhar na alliança com a Russia, ainda que, com o seu auxilio, consiga vencer a Alemanha. Mas deve por outro lado reconhecer-se que toda a recon-



ciliação entre a França e a Allemanha é impossivel emquanto esta conservar em seu dominio a Alsacia e Lorena; e a França entretanto vê-se n'uma posição em que tem de aceitar as alianças que se lhe offerecem.

Qual será o resultado d'esta nova situação nas probabilidades de guerra ou de paz? É difficil prevê-lo. Por um lado, a França, consciente da sua melhor posição na Europa, sentirá com menos impaciencia a diminuição de força que lhe causou a perda da Alsacia e Lorena; mas, por outro lado, o proprio sentimento da sua força e da dos seus alliados, pôde leval-a a adoptar um tom arrogante e a fazer demonstrações imprudentes. Os seus inimigos tornar-se-hão sem duvida mais circumspectos em vista do novo agrupamento das potencias europeias, mas pôde acontecer que chegue um momento em que, julgando-se seriamente ameaçados, procurem na guerra as vantagens que a paz já não pôde assegurar-lhes. Um desarmamento geral é cada vez menos provavel: e como é possivel conservar a paz com armamentos formidaveis, especialmente quando todas as nações, excepto a Russia, chegaram ao limite extremo do esforço possivel, emquanto a Russia pôde ir armando-se e fortificando-se por um tempo quasi indefinido á custa de todo o resto? Como se pôde esperar que o imperador Guilherme, d'um character impaciente e irritavel, veja de anno a anno a diminuição gradual da preponderancia da Allemanha, pelo mero crescimento da força dos seus visinhos e pela inevitavel relaxação dos laços artificiaes da triplíce alliança?

É certo que depois de grandes fluctuações originadas em diversas causas e incidentes, fluctuações que ora aproximavam ora afastavam o restabelecimento de relações não totalmente inimigas entre a Allemanha e a França, a suppressão dos passaportes na Alsacia conseguiu rehaver para o imperador muitas das sympathias que elle tinha alienado e produziu sensivel afrouxamento nos sentimentos hostis da França.

Qualquer coisa semelhante aconteceu entre a França e a Italia. A queda de Crispi e sua substituição no governo pelo marquez de Rudini despertaram de ambos os lados dos Alpes



as naturaes sympathias que existem entre as duas nações, e todos começaram a esperar o restabelecimento das antigas relações cordiaes. Só ha tres obstaculos: a triplice alliança, a politica commercial da França que prejudica cruelmente a Italia, e finalmente as recentes demonstraões dos catholicos francezes em favor do papa, que convenceram os italianos de que muitos francezes desejavam a restauração do poder temporal. Este ultimo obstaculo foi, porém, minorado pela inauguração do monumento a Garibaldi em Nice, que deu ensejo a que o governo francez e os republicanos em geral repudiassem a idéa d'uma restauração do poder temporal. Assim, para a Italia como para a Allemanha, se as coisas não estão satisfatorias como no fim de 1890, estão todavia bem melhores que no fim de 1888.

A segunda parte do artigo de G. Monod trata da questão economica e particularmente das novas pautas das alfandegas. É uma analyse muito bem feita e muito interessante das differentes causas e dos diversos sentimentos que determinaram em França a reacção proteccionista. Como lição politica, essa analyse tem valor: ensina como os mesmos effeitos derivam de causas diversas, conforme as diversas condições dos povos, e como portanto precisamos fugir de confiar em principios abstractos.

J. L.



REVISTA SCIENTIFICA

A INICIATIVA INDIVIDUAL NA ARCHEOLOGIA

Reeditava outro dia um publicista illustre a banal phrase que diz ser o desenvolvimento mental d'um povo, do mesmo passo que o progresso moral, aferido pela somma de actividades espontaneas na concepção, na organização e na iniciativa que de longe vêm brotando isoladamente e que, ao diante, pela influencia educativa e de persuasão, bem como pelo numero, determinam naturalmente a marcha orientadora da nação. De tal sorte este facto é patente que, nos paizes onde a percentagem dos homens de expressão sobreleva os de concepção, ou melhor, onde a loquacidade domina a meditação e o pensamento, o atrazo é d'uma evidencia flagrante e o progresso apenas comporta o que de fóra é transportavel. Estão no caso os portuguezes, entre os quaes nunca existiu um numero sufficiente e competente de trabalhadores que lograsse impôr-se, destacando para todos os dominios da actividade espiritos de estudo, de tenacidade e de propaganda, os quaes, por uma derivada e natural hegemonia, dictassem ao paiz as regras do seu modo de existir e de avançar. D'est'arte a funcção puramente administrativa do poder central degrada-se e converte-se em exclusiva funcção tutelar, manifestando-se pelo modo que



estamos vendo, isto é, com a segura convicção de que não encontra obstaculo solido a empecer ou a derruir. E este um symptoma dos peores. Desde que a vontade popular é uma ficção, e uma massa collectiva pensante não previu a consequencia funesta dos seus erros para lhe contrapôr um resolutivo efficaz, confessando abertamente a sua assignalada impotencia pelo endosso que está fazendo, aos homens dos seus males, d'uma administração para que não acha remedio, esse povo, se não se extingue, é licito que o façam morrer.

Se, por um lado, nunca existiu entre nós um grupo vasto de homens que fizesse ininterrupta e solidamente o registro e o criterio da decadencia nacional, não é menos certo que este povo pouco disposto estava a attendel-o, como se verifica quando se repara na inutilidade dos esforços isolados de varios que, sem verbo mas com idéas, o tem tentado fazer em espheras por certo diversas e restrictas. Essa influencia foi quasi nulla, e, diria mesmo, negativa, de tal modo tem expandido e proliferado o banditismo patrio. Isto é um povo que vive pela euforia; tanto mais garantias offerece o depositario dos destinos da nação quanto a facundia oratoria fôr melhor soante. Se as corporações administrativas ou tutulares o não fizerem, este publico nao cobre uma loteria para um museu, não se cotisa para um laboratorio, não testa para explorações; delegou em quem se sabe, tanto basta. E ao cabo do drama, em que foi simultaneamente auctor, comparsa e victima, logra uma opinião — que foi roubado — mas ainda com o mais catholico, deprimente e ultrajante sentimento — a resignação!

O habito d'uma miseria progressiva, a indolencia e a vacuidade, taes são os precedentes d'este caso lindo de pathologia social de mau character, accrescido d'um esgotamento que vem mais de traz, d'aquelle tempo em que as conquistas dos portuguezes formaram o arcabouço para o cathecismo de pirataria mais selecto. N'este estado a incompatibilidade d'um governo representativo com tal povo é manifesta. A historia pregressa d'este já está feita; foi um paiz a que, por polidez e euphemismo, se chamou conquistador. A intervenção de venaes na admi-

nistração publica não é um atavismo de momento, que surge e passa: é uma hereditariedade que persiste e se desenvolve perante a passiva inercia nacional. Portanto a cura, se a tivesse, dever-se-hia buscar a um despotismo illimitado mas honesto, até que se verificasse uma capacidade de administração com origem e cunho collectivistas, taqualmente se marca para o menor um termo de tutela além do qual se presume seja por si governavel.

Devéras tem-se vivido n'esta terra um periodo de longa *enfantillage* no que toca á comprehensão lucida e firme dos mais rudimentares elementos de progresso intellectivo, de emprehendimentos com futuro, de decoro nacional. Pasma-se com a geral ignorancia de toda a gente, principalmente a das academias e a das camadas ditas superiores; pasma-se com a carencia d'uma novidade no dominio das idéas; pasma-se com a esterilidade já irritante das escolas; pasma-se com a inutilidade, ao menos, de tanto livro francez importado; pasma-se, por fim, porque todos n'esta terra, em pequeninos, têm lá para qualquer coisa a sua queda. Observe-se que, perguntados um a um, é este o parecer individual e unanime de toda a gente, feita a prévia e propria exclusão; de sorte que o mutismo assignalado enxerta-se, na parlapatice, com frequencia.

É de vêr ainda que o cerebro nacional, quando apto excepcionalmente n'uma tendencia melhor ou peor revelada em obra util, alheia-se estranhamente a tudo mais, dando-se o caso commum d'um professor, nos sahir, socialmente, um imbecil. Este incontestavel e verificavel *deficit* mental, que se denuncia no homem das sciencias positivas, por exemplo, pela ausencia d'um sentimento artistico elementar, d'uma comprehensão intuitiva de processos litterarios, de não-senso moral, de instincto organisador, de tacto administrativo, de polidez, de virtudes, até altruistas e humanas, tem contribuido profundamente para a crise intellectual portugueza, tão desconnexos, tão separados, tão egoistas são os subsidios que esses homens de desbragado particularismo fornecem de longe a longe em proprio interesse. Fóra da acção acanhada da sua esphera, o desdem votado aos



estudos alheios nivela-se pela plebeia e geral estolidez, descambando sempre e nefastamente nas desastrosas e incontaveis leis do ensino, d'ordinario productos hybridos de incompetentes e de reformadores-especialistas.

Ninguem pensa ou deseja, certamente, que o burocrata, o professor, o homem de letras, o seu visinho, seja em archeologia um erudito; mas de todos é licito esperar que geralmente se saiba o periodo historico que marca um monumento, o cyelo artistico que accusa, o typo architectonico em que se filia. Estas, analogas e numerosas curiosidades adquirem-se summariamente, sem correlação ou dependencia de mistér; mas como entre nós se não é solicitado a adquiril-as, o trabalho individual e espontaneo é desconhecido, ou depreciado, ou atacado, occultamente, com rudeza. Vamos vêr como estas asserções se justificam.

A archeologia do Algarve e do Minho e a do concelho da Figueira, obra respectivamente de Estacio da Veiga, de Martins Sarmiento e de Santos Rocha, foi estudada e descripta com a individuação que não logrou a dos outros logares, mercê do acaso feliz que fez nascer nas tres regiões esses tres homens para quem o paiz reserva o melhor do seu desdem ingrato. Aparte um pequeno subsidio para auxilio de custo das memorias que o primeiro alcançou, a educação e preparação scientificas, o inquerito, a pesquisa, a reunião e a catalogação dos documentos, correu inteiramente por conta de cada um dos investigadores, contraste singular com o rol de egoismos e torpezas que vem sendo desnudadas, e que portanto convém pôr em relevo. A obra de Estacio da Veiga, recentemente extincto, pôde ser considerada sob tres aspectos: a de recolta, a theorica e a de propaganda. A primeira, por se haver realizado n'esta terra, deve dizer-se prodigiosa, sem precedentes, e, certamente, sem continuadores. Independente da sua primeira carta archeologica do Algarve representando as épocas pre-romana, romana, wisigothica e arabe, e na qual são assignaladas varias centenas de povoações, de portos, de fortificações, de estradas,



de sepulturas, de cemiterios, de minas, de fundições e de monumentos architectonicos, epigraphicos e sepulchraes, temos o esboço da carta prehistorica formada á custa d'uma vastissima documentação: machados, percutores, raspadores, escopros, estyletes, placas ornamentadas, alfinetes, pingentes, contas, collares, cintos, enfeites, amuletos, graes, agulhas, punhaes, facas, frechas, adagas, lanças, idolos, inscripções, ceramica, etc. etc. Contam-se por milhares os objectos colligidos na mais longa, laboriosa e paciente exploração que se ha feito entre nós; e quatro grossos volumes attestam duradouramente esta excepcional organização de trabalhador.

Sobre tão larga colleccionação, o archeologo algarvio architectou hypotheses e theorias inconsistentes, ou muito contestaveis quando afastadas de casos particulares e isolados. Ultimamente mesmo o exaggero do seu criterio ethnologico excedia os limites da prudencia systematica com que naturalmente se pre-mune quem se dedica a estudos tão férteis em lacunas como em relações aparentemente contradictorias ¹.

As interpretações pittorescas ou flagrantemente descabidas do infatigavel collector, ás quaes não eram estranhas suggestões alheias que já fizeram ruido pelo exotismo e pela impu-

¹ Pouco tempo antes de morrer, Estacio da Veiga proseguia, talvez mais insistentemente do que nunca, n'este verdadeiro apostolado. Alguns extractos das suas ultimas cartas darão uma idéa precisa dos seus pontos de vista, no que tinham, para elle, de fundamental e ainda mais da persistencia e tenacidade que punha em conseguir impôl-os.

No ultimo capitulo do vol. iv, achará v. outro assumpto que se me affigura dever causar desabrida irritação aos sectarios da escola orientalista; pois estes pretendem (Lenormand, Maspero, etc.) que todos os alphabets que têm havido e ha em toda a superficie do globo, são derivados do systema graphico pheniciano, e eu julgo mostrar que todos, começando pelo pheniciano, são deduzidos do systema graphico peninsular, já constituído na ultima idade da pedra. V. e o Ricardo Severo examinarão este assumpto, e certamente não deixarão de notar que trato de reivindicar para a nossa peninsula todas aquellas glorias que lhe hão sido usurpadas pelos fanaticos do monogenismo oriental.

Em outra: *Peço a attenção de v. para o capitulo vii do vol. iv, em que trato das remotissimas origens graphicas peninsulares, geralmente attribuidas aos



dencia, em nada prejudicam, todavia, o valor da sua obra culminante, que é a organização d'um museu archeologico regional, amplo e educativo como nenhum outro no paiz.

Pois bem; qual foi o seu destino? Cedido espontaneamente, ou mediante a pequena remuneração destinada a concorrer para a publicação das memorias descriptivas, o Estado possui-o ha bastantes annos armazenado monstruosamente n'umas lojas da Bibliotheca Nacional. Não está aberto ao publico em virtude da falta d'uma installação provisoria sequer, e ainda por ninguem ter destacado das repartições onde medram ociosidades, um amanuense e um guarda que conservem e abram a porta. Se alguém desejar saber apenas o que existe e como está amontoadado, nunca o tente; seria uma odysseia para alcançar a permissão e o mais imprevisito e amargurado dos dissabores depois da visita.

Estacio da Veiga procurou todos os ensejos para alcançar uma accommodação que não só tornasse publicas e uteis estas colleções de tão variado interesse, mas ainda lhes garantisse a estabilidade. No prefacio do ultimo volume que deixou, traça largamente um programma para a instituição dos estudos archeologicos em Portugal, certamente confuso, deficiente e por vezes impraticavel, mas que accusa uma incontestavel e apai-

phenicos, por não serem conhecidas as estações archeologicas da peninsula que as comprovam com os seus incontestaveis monumentos epigraphicos. Já vê v. que é esta uma doutrina opposta á da seita escolar do orientalismo: ousou, porém, lealmente expendel-a, por me parecer que não se deva por mais tempo consentir que a nossa peninsula e a Europa continuem a ser artificialmente espoliadas das prioridades que hão manifestado relativamente ás mais remotas manifestações asiaticas. Reconhecida a verdade scientifica dos factos e consequentemente adoptada esta doutrina, não será difficil constituir-se uma corporação de *Occidentalistas*, que tome a seu cargo pôr termo a tantos desvarios.

Ainda em outra: «Agora trato tambem, no vol. v, de provar que as raças brancas superiores, dolichocephala e brachycephala, hem como as suas variantes, sao positivamente autochtones do occidente da Europa, e que d'aqui é que passaram a occupar o amplo tracto da Asia occidental, que ainda hoje é habitada por gente branca e que alli implantaram todas as caracteristicas da sua ampla civilização».



xonada boa vontade e traduz mais um esforço em favor do *desideratum*, cuja solução vinha defendendo desde 1878.

O resumo d'esse programma era assim exposto no ultimo numero da *Revista da Sociedade Carlos Ribeiro*:

«Dever-se-hia, primeiro do que tudo, inventariar rigorosamente todos os nossos monumentos archeologicos, distribuindo-os methodicamente em cartas regionaes, decalcadas sobre a mesma formula regulamentar, para a composição final de um mappa harmonico e uniforme da archeologia nacional. Uma direcção geral de archeologia e bellas-artes, annexa ao ministerio, legislaria no sentido de harmonisar praticamente estes serviços, executados sob a vigia de dois inspectores, a cargo de quem ficaria a conservação e reparação dos monumentos, assim como a fiscalisação dos museus. Completo o trabalho de collecção de documentos, estes ficariam distribuidos em seis museus, correspondentes ás circumscripções em que se suppõe dividido o reino, systema que o snr. E. da Veiga prefere ao de um só museu central de archeologia. Os exploradores de cada circumscripção seriam obrigados a colligir, parallelamente aos materiaes de estudos archeologicos e historicos, todos os documentos de character ethnologico que iriam compôr, com outros subsidios affins, um museu central de anthropologia. Ali fundar-se-hiam laboratorios e um curso especial de anthropologia, a cargo do director do museu, ao mesmo tempo que se introduzia no Lyceu de Lisboa uma cadeira de archeologia, distribuida, dois annos depois, aos outros lyceus do reino».

Os resultados da sua penultima tentativa exara-os Estacio da Veiga nos seguintes periodos d'uma carta particular: «O meu programma, como v. verá, foi provocado pelas vãs promessas que presidiram á instituição do ministerio de instrucção publica e bellas-artes, em que o auctor simulava querer aqui rejuvenescer o mais luminoso ideal da esthetica hellenica, sem ao mesmo tempo indicar os seus projectos respectivos ao tão absolutamente necessario reconhecimento scientifico das antiguidades paleoethnologicas e historicas do territorio nacional. Emfim. v. e os seus collegas na Sociedade Carlos Ribeiro, tomando co-



nhecimento d'este assumpto, em que haveria trabalho util e distincto para os mais sisudos archeologos do paiz, dirão a seu tempo se vale a pena resuscital-o do esquecimento em que o prostrou um ministerio que allegava não ter verba especial para taes trabalhos, mas que logo achou amplos recursos para arrendar casa por 4:800\$000 reis por anno e para a enriquecer com obras e mobílias sumptuosas, cuja importancia bastaria para se levantar a carta archeologica geral do reino, para serem fundados os museus que propuz (Faro, Evora, Lisboa, Coimbra, Porto e Braga ou Guimarães) e ainda mais um que muito conviria haver em Villa-Real».

Por ultimo, em officio dirigido em janeiro de 1891 ao ministro da instrucção publica e do qual a sociedade scientifica a que o extinto archeologo se refere recebeu cópia, insistia Estacio da Veiga, ainda uma vez e a ultima, pela organização definitiva do museu do Algarve. D'esse extenso documento, que nao é do conhecimento do publico, transladamos a parte indispensavel para a elucidação do assumpto.

«Cumpre-me informar v. exc.^a que o museu archeologico do Algarve tal como eu o organizei e apresentei ao congresso de anthropologia e de archeologia prehistoricas, em 1880, e ao publico d'esta capital durante os dez mezes que esteve aberto, não era nem poderá ser o que ha nove annos está sendo, achando-se sem o espaço que lhe competia e sem collocação condigna para a ordenação methodica dos seus padrões archeologicos. Transferido em 1881 para um espaço apertadissimo não previamente preparado e subtrahido assim ao estudo publico, foi preciso devolver importantes collecções depositadas no museu e arrecadar outras, que de modo algum foi possivel collocar nas tres fileiras de grosseiras mesas, em que mui impropriamente figuram algumas de varias épocas.

«O museu por mim colligido e organizado para comprovar directamente a carta archeologica geral do Algarve com referencia ás antiguidades que indicava, descobertas n'aquella provincia até 1878, já não póde actualmente acompanhar os grandes desenvolvimentos que posteriormente occorreram e me obri-



garam a symbolisar em duas cartas já publicadas. Não está portanto em circumstancias de ser apresentado a visitantes entendedores, em razão das suas numerosas lacunas, sem grave offensa para os meus serviços e para a dignidade scientifica do paiz. Essas lacunas, porém, podem ser promptamente preenchidas, porque durante os ultimos nove annos, tendo constantemente em vista esta necessidade especial, consegui reunir todos os precisos elementos, formando com elles valiosas collecções. Estas novas collecções, auxiliadas por outras particulares já promettidas e pelos importantes monumentos que ainda podem fornecer muitos concelhos do districto de Faro, juntando-se a varios padrões da mesma procedencia, deslocados n'outros logares, dariam em resultado um amplo museu rigorosamente archeologico, sem que com elle podesse competir museu algum do reino.

«Só eu, porém, poderia reunir estes elementos, porque mais ninguem os conhece no seu conjuncto, e só eu poderia proceder á reorganisação geral da sua totalidade, visto que nenhum outro individuo os pôde classificar e collocar em seus respectivos logares por ignorar os jazigos e condições do seu apparecimento. Para tudo isto se levar a effeito, não ha difficuldades praticas nem avultada despeza a temer; e para o museu, depois de reorganizado, se conservar aberto, bastaria uma verba annual assás modesta, indo eu dirigil-o com a simples gratificação que recebo pela obra das antiguidades monumentaes do Algarve, e indo para alli com o vencimento que tem no quadro dos serventes do museu de bellas-artes, o mesmo empregado que me acompanhou na organisação de 1880 e que de então até hoje tem sido encarregado da limpeza do mesmo. Com mais um escripturario, que ao mesmo tempo servisse de conservador e me supprisse nos meus impedimentos, o qual poderia vencer verba não superior a 300\$000 reis, e além d'isto, destinando-se para a limpeza e despezas miudas outra verba annual de 120\$000 reis, nada mais haveria a dispender.

«Com referencia ás despezas de reorganisação, ha somente duas verbas pouco avultadas, que não tornariam a repetir-se: uma



é a do preparo do espaço para o museu ficar alojado e ter permanencia independente de qualquer administração estranha, e a outra é a que necessariamente haveria a fazer com o acondicionamento das collecções já organisadas e dos monumentos disponiveis ainda existentes no Algarve, porque sendo facilmente feita a sua remessa pela via ferrea do sul, pertencente á administração do estado, poupar-se-hia a despeza do transporte de Faro para Lisboa.

«Perder esta occasião em que ainda posso pôr por obra um tão melindroso trabalho, equivaleria a querer inutilisar e destruir o que tão avultadas sommas tem custado, pois se nova doença me impossibilitar de concluir o museu (*o que aconteceu effectivamente alguns mezes depois*), póde v. exc.^a ter a certeza de que pessoa alguma conseguirá desempenhar este serviço; porque ignoradas as condições de jazigo dos diversos objectos, a sua distribuição por épocas e a ordenação dos grupos correspondentes a cada uma em conformidade com as cartas e a minha obra descriptiva, não é possivel realisar-se¹. Tudo ficará perdido ou laborando na mais desastrosa confusão».

Nada se conseguiu até agora. O museu, se não ficou inteiramente perdido, está pelo menos vedado aos interessados, ainda mesmo que o facultem ás visitas, de tal sorte se encontra a installação. E aqui têm os senhores a inutilidade d'um trabalho individual de trinta annos, com todo um cortejo de dissabores, de canceiras e de excessos. Como colheita e acquisição de materiaes preciosos e ineditos não ha outra, entre nós, que a exceda; foi um trabalho que, se não vingou pelo infundamentado da interpretação em pontos varios, concorreu poderosamente para o enriquecimento do mobiliario de civilisações cuja historia se acabará de reconstituir se um dia a graça e a mercê governamentaes fizerem descer até lá um despacho piedoso.

¹ Comprehende-se, n'este periodo, que Estacio da Veiga desejaría principalmente dispôr as collecções na conformidade das suas hypotheses apresentadas nas *Antiguidades monumentaes do Algarve*, e a cuja inconsistencia nos referimos precedentemente.



As cidades fortificadas do Minho, conhecidas pela simples designação de cidades ou citanias, estavam ainda a esta hora por estudar e descrever se não fôra outra valiosa e audaz iniciativa, exclusivamente pessoal e, bem entendido, sem recursos officiaes ou de collectividade. Essas famosas acropoles de Sabroso e Briteiros, que desde o periodo neolithico foram habitações do homem e que, pela abundancia das armas, adornos, utensilios e ceramica, constituem um dos mais prestantes subsidios para o estudo das povoações pre-romanas, desenterraram-se á custa de bons contos de reis. Só estas duas estão plenamente conhecidas, sem um descuido de minucias, embora a exploração de muitas outras (Tarrozo, Bagunte, esta ultima começada a estudar por Fonseca Cardoso e Ricardo Severo, mas abandonada por falta de recursos, etc.), permittisse talvez solver duvidas e desfazer lacunas, além de enriquecer o mobiliario prehistorico e contribuir efficazmente para o levantamento da carta archeologica da provincia.

Esse trabalho, que é muito, e o dispendio, que entre nós é mais, deve-o o paiz ao snr. Martins Sarmiento, rara e excepcional individualidade, com talento, com saber e com fortuna. tudo isto posto fidalgamente em favor d'um empreendimento que o estado não iniciaria e ainda menos o publico, como se está vendo, por exemplo, com as grutas de Vimioso, falladas mas quasi ignoradas.

O extraordinario archeologo do Minho, não parou na sua actividade com a pesquisa das estações referidas; além dos seus trabalhos de erudição, além do relatorio da exploração archeologica na Serra da Estrella, existem d'elle numerosas noticias ácerca de castros e objectos dispersos, e principalmente sobre varias antas e antellas do littoral minhoto. Os materiaes colligidos durante viagens incessantes não estão, felizmente, como os do desventurado Estacio da Veiga, ao arbitrio caprichoso ou solerte de quem, para nossa ventura, nos governa; tudo está disposto e convenientemente catalogado, mercê do desvelo pessoal do investigador e ainda da *Sociedade Martins Sar-*



mento, a cujos progressos não é alheio, certamente, o concurso triplamente valioso do homem cujo nome adoptou.

Esta obra do famoso explorador já o paiz recompensou pelo modo e artes com que se estimulam prendas de authenticidade e importancia problematicas: uma portaria de louvor em 1876! Como incentivo, nada ha mais burlesco nem mais torpe! A *Sociedade* de Guimarães vingou e progrediu por lá estar Martins Sarmiento; e por mais despachos que baixem, a archeologia jámais se fará com acquiescencias platonicas, de estima ou de favor, mas sim com vontade e com dinheiro.

Provaremos.

Em 1849 inaugurou-se, em Setubal, a *Sociedade Archeologica Lusitana*, tendo por intuito promover a exploração e o estudo das ruinas de Cetobriga, hoje Troia, povoação talvez de origem phenicia, mas na qual o dominio romano era accusado com uma não vulgar opulencia de vestigios. As reliquias da velha cidade eram tão notaveis que, pela historia adiante, já vinham fallando d'ellas André de Rezende, Agostinho de Santa Maria, o padre Raphael Bluteau, o cardeal Saraiva e outros mais. Inaugurou-se a instituição sob o patronato de D. Fernando, a quem os bons homens chamaram, no relatorio, *a estrella radiante e luminosa* que os guiava, e á sessão de abertura presidiu o 1.º duque de Palmella, já velho e gasto, parece, mas zeloso e ainda viril para auxiliar este intento. O estado adheriu da sua banda, não com moeda, certamente, mas com insignificantes ajudas que, com boas palavras, se valorizam, como sabem, por bom preço. Inciaram-se as escavações pondo-se a descoberto uma área de 65 palmos de norte a sul e 160 de nascente a poente, encontrando-se nas ruinas umas 2:007 moedas romanas, estatuas, columnas, capiteis, cippos, amphoras, lampadas sepulchraes, vasos lacrimatorios, estyletes, agulhas, alfinetes, pregos, mós, tijolos dentados, quarteados e circulares, telhas, telhões, etc. etc. Seguidamente e proseguindo descobriram-se umas *thermas* com banheiras de argamassa signina guarnecidas a marmore e sobre um pavimento de mosaico tão bello que, alguns centimetros, são hoje um bello



e raro pedaço decorativo; com isto, vasos, amphoras e medalhas.

Mas a esta altura, tendo-se alcançado apenas, conforme o relatório, pesquisar e apalpar o terreno, a direcção surpreendeu no cofre 60\$000 reis para despesas. Impossível continuar as investigações encetadas, a não ser o auxilio estranho — do governo, do districto ou do publico.

Ora d'este ultimo diz um dos relatorios: «A direcção, reconhecendo desde logo o gigantesco da empreza, um dos primeiros passos que deu foi dirigir-se a uma grande parte das CAPACIDADES, ILLUSTRAÇÕES e FORTUNAS d'este paiz pedindo-lhes o seu auxilio para o progresso d'uma sociedade que, nascendo d'um pensamento grande, de grande fundo carecia para se poder sustentar e caminhar ao seu fim; mas, salvas honrosas excepções (*da praxe*), essas notabilidades mostraram a sua pouca sympathy pela sciencia archeologica, isto é, tornaram-se indifferentes, senão surdas ás nossas rogativas».

O districto, sendo-lhe pedida auctorisação que permittisse á camara a cedencia d'um velho edificio em ruinas para installação do museu onde os associados archivariam os documentos recolhidos e generosamente os punham *sujeitos á alta inspecção do governo* (Estatutos), respondeu affirmativamente, mas sob a condição de que a sociedade sahiria immediatamente do predio «e sem direito a indemnisação alguma por quaesquer melhorias que houvesse feito, no momento em que um outro estabelecimento de maior utilidade (!) para alli fosse mandado». Isto é, com as palavras do mesmo relatório: «o conselho de districto concedia á sociedade a faculdade de poder levantar do estado de ruinas em que jaz, o extincto convento da Boa Hora, para, quando prompto ou reparado á custa de não poucos sacrificios da sua parte, d'elle ser expulsa a pretexto de que um outro estabelecimento de maior utilidade alli devia ser collocado!»

Relativamente ao poder central conta o mesmo documento: «Um governo sabio e illustrado, sem o dispendio d'um real, e sem ir de modo algum sobrecarregar o nosso definhado thesouro, bem poderia muito contribuir, se d'isso tivesse desejos, para a

conservação e prosperidade d'este instituto: um córte de madeiras em algum dos pinheiros nacionaes, um pequeno contingente de operarios dado pela repartição das obras publicas, algumas duzias de braços dos forçados das galés, e a applicação de muitos e diversos instrumentos e utensilios que por ahi temos pelos nossos arsenaes, tudo isto, dizemos, mui poderosamente poderia contribuir para o progresso e completo triumpho d'esta sociedade, sem o menor sacrificio da parte do nosso thesouro, com immenso proveito do estudo archeologico, e por conseguinte com grande vantagem para as sciencias e artes d'este paiz».

Batida em toda a linha, como vêem! Para que a associação progredisse não bastaram o patronato de el-rei, a presidencia do fidalgo e a inclusão, na lista dos associados, do nome da snr.^a duqueza; teve audacia, vontade, perseverança e sacrificio, mas faltou-lhe o auxilio do paiz, official e privado. O proprio snr. Teixeira de Aragão, archeologo e numismata do paço, escreveu então: «Entregue unicamente aos seus pequenos recursos, abandonada da protecção do governo, que, sem dispendio dos cofres do thesouro, a podia e devia auxiliar, luctou com grandes difficuldades, emquanto pôde, e, apesar de ser protegida por sua magestade el-rei D. Fernando, e presidida pelo 1.^o duque de Palmella, parou com as explorações por falta de dinheiro, o que equivaleu a acabar».

Na ordem chronologica Santos Rocha é o ultimo dos archeologos que intentou igualmente, por sua conta e iniciativa, a descripção e interpretação dos vestigios da época neolithica no concelho em que reside. Os trabalhos são recentes — um de 1888, outro de ha dias — e os motivos que o decidiram dos mais estranhos para cá: receio que se perdesse inteiramente para a sciencia, tanto material esparso e já profanamente revolto. Soubera que a alguns kilometros da Figueira existia uma mammoí- nha que fizera ruido e celebridade nos povos do arredor, não só por se haver encontrado n'ella varias lascas de silex e peças osteologicas, mas ainda por affirmarem a existencia de thesou-



ros occultos, verdadeira cubiça e desespero de curiosos que lá tinham ido á busca da riqueza, cautelosamente precedidos d'um padre que lera os exorcismos para plena extincção das mouras encantadas e sua malefica influencia. Até ahí Santos Rocha occupára a sua actividade indagadora e intelligente em trabalhos de erudição e curiosidade historicas, em viagens de antiquario dilettanti pelas cidades da peninsula onde os arabes imprimiram mais caracteristicamente a sua arte, e no fôro, o seu officio. A informação que tivera desviou-o, por um intuito exclusivamente patriotico e scientifico, dos estudos em mão e levou-o a visitar o megalitho afamado; em presença d'um verdadeiro tumulus, já remexido pela avidéz indigena, o nosso futuro archeologo cuida em *lhe obstar á completa destruição* e inicia a exploração do monumento funerario. Verifica que se trata realmente d'uma mammoínha, estuda-a na sua fórma, orientação e dimensões, escava, e, no entulho, encontra varios ossos humanos bastante fragmentados, entre os quaes uma tibia platycnemica, um pedaço de louça, uma goiva, uma ponta de flecha e lascas de silex. Duas lages calcareas da propria mammoínha e os objectos indicados, eis os derradeiros vestigios do megalitho da Cumieira e, do mesmo passo, o ponto inicial das investigações archeologicas ulteriores, na região.

Effectivamente, este estudo accidental originou posteriormente a descoberta e exploração dos megalithos do Cabeço dos Moinhos, da Serra de Brenha e das Carniçosas, bem como o encontro e descripção de varios objectos dispersos pelas cercanias da Cumieira, em Quiaios, Cabanas, Tavadede, Alhadas e Fontella. Os megalithos forneceram fragmentos de craneos, de clavículas, de costellas, de vertebrae, de humeros, de femures, de illiacos, de tibias, de cubitos e de maxillares, dentes, alguns ossos de animaes, amuletos, objectos votivos ou adornos, fragmentos variados e interessantes de ceramica, instrumentos de osso, machados de pedra, pontas de dardo, laminas e facas de silex, raspadores, etc. Os objectos de acaso são machados e pequenas hachas de pedra polida, facas de silex e goivas. Á parte descriptiva dos materiaes resumidamente apontados segue-se a



interpretação ethnographica, da qual se infere que nas estações precitadas coexistiram dois typos humanos, um provavelmente semelhante ao homem do Cro-Magnon, outro mais proximo do actual, ambos sedentarios, habitando choças, occupando-se exclusivamente da alimentação e da defeza contra os rigores das estações, adoptando instrumentos e utensilios rudimentares tirados da pedra, do osso e do barro, unicas materias primas em uso, crendo já talvez na immortalidade, possuindo instituições sociaes elementares e uma arte igualmente primitiva. Isto, larga e intelligentemente descripto e commentado, constitue o objecto da sua primeira memoria ácerca das *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, que o paiz deve á fortuna da curiosidade d'este homem.

N'este caminho, e opulenta a região em monumentos exhistoricos, Santos Rocha decidiu proseguir no inventario, dispendendo, como Martins Sarmiento, algumas vintenas de libras, fadigas e uma canceira digna de melhor paiz. N'uma Revista da *Sociedade Carlos Ribeiro*, instituição scientifica moribunda pelos mesmos motivos com que arrazaram a de que atraz se fallou e que tem merecido de Santos Rocha a dedicação mais activa e fidalga, publicou o illustre archeologo varias noticias paleoethnologicas cheias de importancia e de interesse. O seu ultimo volume, porém, segunda parte da memoria noticiada e n'este momento distribuida, gratuitamente, é claro, exige outra referencia especial.

Trata-se, naturalmente, da prosecução dos trabalhos ençados, descrevendo-se varios instrumentos de pedra recolhidos na Cumieira, em Outeiro de Lima e em Paião, e bem assim as ruinas de Porto Saboroso, as sepulturas de Asseiceira e a estação humana da Varzea de Lirio. Os subsidios d'esta nova exploração são incontroversamente mais confirmativos e numerosos. Imagine-se que a estação de Varzea de Lirio é, nem mais nem menos, uma officina de armas e outros objectos prehistoricos: cerca de sessenta machados de serpentina, de fibrolithe, de diorite, de phyllite e de quartzo, uma centena de nucleos, numerosissimas lascas, umas sem fórma determinada, outras com os



caracteres de percussão, outras em ponta de setta, varias centenas de laminas de faca, vinte e tantas serras simples ou duplas, raspadores ponteagudos, rectilineos, concavos, convexos, convexo-rectos e convexo-concavos, ponções, pontas de setta, destroços de ceramica, etc. etc. Essa colheita, cuja enumeração completa seria demasiado longa, foi ainda a que se alcançou depois de incessantes remeximentos no solo, quer motivados pelos trabalhos de lavra, quer pela curiosidade ignorante; á superficie, mesmo, poucos indicios existiam já; e só a abertura de valas em todas as direcções e de fossos profundados até ao solo virgem, é que levaram ao definitivo reconhecimento da estação e aquisição do respectivo mobiliario.

Esta verdadeira opulencia veio confirmar as asserções já postas ácerca da natureza das estações da região e elucidar pontos dubios sobre os costumes d'estes povos primitivos. Ficou, por exemplo, authenticado um relativo desenvolvimento industrial com o apparecimento de instrumentos perforantes e de raspar e, porventura, com utensilios de moagem e de cava; a preferencia de certas rochas para a confecção de armas e outros objectos revela tão pouco um desenvolvimento artistico que as primeiras pesquisas não haviam accusado. Por ultimo, as hypotheses ácerca dos processos de inhumação, do mobiliario votivo e d'outras praticas funebres, as instituições, as crenças e os usos, occupam uma boa parte do trabalho.

E aqui está, n'um rapido summario, a obra espontanea e desinteressada de Santos Rocha.

Faça-se pois o confronto d'ella, tomando conta do sacrificio pecuniario e de repouso, com a da maior parte dos que officialmente são incumbidos de esclarecer o reino, e certifique-se cada um de que, realmente, o paiz está remunerando indevidamente muitas ociosidades estereis e immoraes — estereis pela abstenção e silencio, immoraes pelo exemplo.

Aos tres investigadores a que nos referimos ha a accrescentar muitos outros cujas memorias mais locaes não têm menor signi-



licação e alcance. As varias contribuições de Borges de Figueiredo, Fonseca Cardoso, Gabriel Pereira, Henriques Pinheiro, J. da Silva, José Caldas, Leite de Vasconcellos, Ricardo Severo e outros que não occorrem no momento, são valiosas sob todos os pontos de vista anteriormente enunciados; e os proprios estudos de Carlos Ribeiro, Nery Delgado e Paula Oliveira, reputações scientificas já solidamente firmadas, embora hajam sido a natural derivativa de certos trabalhos de incumbencia official, têm muito de iniciativa pessoal e mais ainda d'um exaggerado cumprimento de deveres profissionaes. Por todos estes motivos se tem conseguido saber um tanto das civilizações primitivas que passaram pelo paiz e poupado o aniquilamento de numerosos monumentos espalhados por esse territorio.

Não foram apenas o desamparo dos governos e das corporações administrativas, a mudez das escolas e o desdem publico que occasionaram a destruição de muitas antiguidades nacionaes: a ignorancia e a superstição do povo rural, á falta de vigilancia protectiva, concorrem diariamente para o desaparecimento total de preciosidades que ficam portanto sem relato. Assim, uma lapide epigraphica que existia em Castro de Avellans está hoje servindo de remate n'um mausoléo de Bragança, com a inscripção inteiramente apagada. O povo da localidade, quando soube do roubo, fez desordem; mas o camarista, auctor do vandalismo, «chamou uma escolta de soldados e fez respeitar a sua auctoridade e a sua rapina». (M. Sarmento). Um lavrador de Santo Thyrso reuniu a pouco e pouco trinta e quatro palstaves; difficilmente os mostra e não cede nenhum, crendo que tem n'elles a fortuna dos herdeiros. Os machados de pedra são sofreqamente guardados, pela superstição de que preservam as casas do raio; as necropoles que nos campos embargam, com alguns palmos, o terreno, são demolidas; as minas abandonadas e nas quaes vestigios de antigas explorações metalliferas indicam o grande movimento de metallurgia primitivas, vão sendo destruidas e arrazadas; muitos objectos prehistoricos com brilho metallico têm sido fundidos para se lhes *sepa-*



rar o ouro. Nas proximidades de Villa do Conde alguém gastou tudo quanto possuía para arrazar inteiramente um castro onde supunha que existia um thesouro; o abbade de Rates mandou atirar para uma cova, que não se sabe hoje onde fica, quatro esqueletos perfectos que appareceram em outras tantas sepulturas romanas; na cidade de Bagunte — como, de resto, em muitas outras — um certo mercadejava com as lages de granito.

O jornalismo commette por seu turno e muitas vezes semelhantes desvarios. Ha annos o snr. Henriques Pinheiro iniciou o reconhecimento archeologico d'um logar proximo de Castro d'Avellans, por delegação da Sociedade Martins Sarmiento. O *Jornal do Commercio*, de Lisboa, noticiando, lembrou ao governo que tomasse conta da exploração (!) para d'est'arte evitar que os particulares e as sociedades se apossassem dos materiaes e *os vendessem aos estrangeiros!* A *Provincia*, do Porto, reeditou a calumnia, a asneira e a brutalidade! Desnecessario dizer que o professor Pinheiro abandonou logo a exploração e o governo jámais se importou com tal.

Ora por innumerous factos como os que ficam relatados, se ha tentado, antes de Estacio da Veiga, chamar a attenção do estado para a organização d'uma commissão destinada a estudar, vigiar e proteger as antiguidades nacionaes. Alguns passos se deram até para o esboço d'um projecto aconselhado, julgo, pelas regiões officiaes; mas nada se conseguiu n'este proposito, embora o paiz esteja sempre prompto em transplantar, de fóra, tanta inutilidade e fancaria.

Da Suissa temos um exemplo recente; o decreto federal de 30 de junho de 1886 organisa uma commissão archeologica permanente com o subsidio annual de 50:000 francos. Antes, porém, a confederação subsidiava já o museu archeologico de Berne, o museu rhetico de Grison, o *Antiquarium* de Argovia, o museu epigraphico de Genebra e um grande numero de medalheiros e collecções de sociedades sabias e cantonaes, como as de Zurich, Soleure, Bâle, Saint-Gall, Thurgovia, Lausanne, Lôle, etc.

Todas as capitães de provincia da Austria têm museus ar-



cheologicos. O governo austriaco, além d'uma *Commissão archeologica central*, subsidia commissões locaes, viagens e collecções regionaes, e tem, annexa a cada academia, uma secção de prehistoria, de ethnographia e de anthropologia.

A Italia possui varias commissões nacionaes incumbidas da vigilancia e estudo, e protege corporações municipaes com attribuições similares.

Na Allemanha, a administração geral dos museus de Berlim distribuía, ha poucos annos e largamente, um aviso onde se tornava publico que a referida corporação comprava todos os objectos prehistoricos que se lhe offerecessem, pagando juntamente o valor estimativo e real.

Em França, como na Allemanha e na Inglaterra, as commissões departamentais e as sociedades de character particular são numerosas. O governo francez instituiu o *Comité des travaux historiques et scientifiques*, encarregado da vigilancia dos monumentos historicos e megalithicos, das escavações, das estampagens, dos decalques, do inventario dos archivos e de tudo o mais que se ligue com a historia nacional. É sob a direcção d'este *Comité* que se publicam, ha um grande numero de annos, os celebres *Documents inédits relatifs à l'histoire de France*, além dos boletins especiaes que separadamente dá á luz cada uma das secções; uma outra commissão occupa-se das *Recherches artistiques*. Para as missões subvencionadas periodicamente pelo estado, nas quaes se dispendem annualmente 143:000 francos, existe tambem uma commissão especial; e é conhecida sobejamente a celebre missão do Cairo, instituição permanente destinada ao estudo da archeologia egypcia e oriental, cujos trabalhos se publicam sob o titulo de *Mémoires de la mission archéologique du Caire*, ainda além dos *Bulletins de l'Institut Égyptien*. O governo de França dispõe mais d'uma verba annual avultada, não só para fazer representar dignamente o paiz nos congressos e outras solemnidades scientificas, mas tambem para subsidio de algumas missões sem character permanente, como a do snr. Émile Cartailhae em Portugal.

Parece que estamos na verdade em todas as affirmações



pessimistas precedentemente exaradas. A incuria da administração e do publico, tendo promovido desastres e perdas já irreparaveis, vem afinal contribuir para que fiquem irresoluveis muitos problemas e questões que estão de ha muito exigindo solução. Grande parte do que se conhece deve-se á iniciativa pessoal, limitadissima, por certo; e pelo que vai correndo, prevê-se que isto continuará assim por muito tempo, restando-nos pois e afinal mais um documento para o desolante inventario intellectivo da nacionalidade portugueza ou o quer que seja.

Rocha Peixoto.



POLITICA INTERNA

Muito poucos dias depois de termos escripto a nossa chronica de janeiro ultimo, a erise politica, ha tanto tempo annunciada, chegou ao periodo agudo. Immediatamente á interpellação feita no parlamento, no dia 11, pelo deputado snr. Luciano Monteiro sobre as questões da Companhia dos caminhos de ferro de norte e leste, a 12, o presidente do conselho de ministros communicou á camara dos deputados que o ministro da fazenda havia pedido a demissão e que el-rei a tinha aceitado. Mallogradas as tentativas de recomposição e mallogradas igualmente as tentativas de organização de um novo ministerio presidido pelo snr. conde de Valbom, foi chamado para esse fim o snr. Dias Ferreira que a 16 apresentou a el-rei o actual ministerio constituido d'esta fórma: Presidencia e reino — Dias Ferreira; obras publicas — Visconde de Chancelleiros; guerra — General Jorge Candido; fazenda—Oliveira Martins; justiça — D. Antonio Ayres de Gouveia, bispo de Bethsaida; marinha — Ferreira do Amaral; e estrangeiros — Costa Lobo. Ficou pois resolvida a crise e não é de esperar que venha a reabrir-se tão cedo. Examinemos um momento os graves acontecimentos que assignalaram os seus derradeiros tempos.

Com certeza, a historia do parlamento portuguez não re-

*



gista mais vergonhoso documento do que aquelle que o ultimo gabinete do snr. João Chrysostomo estampou nas costas do snr. Marianno de Carvalho, quando elle sahia do ministerio da fazenda. É indelevel; se fosse marcado a ferro, não poderia offerecer garantias de maior duração nem deveria doer tanto á dura pelle em que foi gravado.

Diziam assim as explicações que o presidente do conselho de ministros leu ao parlamento: «Em conselho de ministros, o snr. conselheiro Marianno Cyrillo de Carvalho declarou haver feito á Companhia real dos caminhos de ferro alguns adiantamentos em importancia total não inferior a 13 milhões de francos, sem conhecimento dos seus collegas no ministerio e sob sua exclusiva responsabilidade, que dando só agora conhecimento aos seus collegas d'estes factos, que tinham de ser consignados no relatorio da fazenda, desejava saber se o conselho de ministros queria tomar d'elles a responsabilidade. O conselho de ministros entendeu não poder tomar a responsabilidade d'aquelles factos, pelo que o snr. conselheiro Marianno de Carvalho pediu a sua demissão de ministro da fazenda, etc.» O resto pouco importa, resume-se em pouco: o ministerio, não podendo recompôr-se, demittiu-se.

Nunca se viu tamanho impudor, um abuso de confiança d'esta grandeza, um ministro da corôa, em situação gravissima, descobrir meio de simultaneamente atraiçoar e comprometter os collegas, o rei e o paiz! Houve em todo o reino um vivo movimento de pasmo; as façanhas do ministro iam muito além d'aquillo que se podia esperar. Ninguem duvidava de que elle tinha aceitado o governo para salvar, á custa de favores do estado, os seus amigos, banqueiros fallidos e bandidos agiotas; mas não se suppunha que o abuso tivesse ido tão longe. Não houve aldeia em que deixasse de se perguntar se não existia lei que punisse tão grande crime; pasmava-se tanto da ousadia do ministro infiel, como do regimen legal em que taes aventureiros podem andar livremente, a coberto da acção da justiça.

Aggravava-se ainda a situação do ministro, porque, ao mes-

no tempo que era corrido das secretarias de estado, por ter praticado actos que os collegas publicamente repudiavam, mostrava-se nos tribunaes quanto favor mereciam aquelles que com tão carinhoso desvelo elle tinha tomado sob a sua protecção. Vinham á luz do dia e da policia os famosos escandalos da Companhia real dos caminhos de ferro e do Banco Lusitano. Em vista de queixas recebidas pelo descaminho dos fundos da caixa de aposentações do caminho de ferro, o governo determinou que alli fosse um commissario de policia verificar se o facto era verdadeiro. O commissario delegado para esse fim, fazendo abrir o cofre das aposentações e procedendo á verificação dos valores que elle continha, viu que faltavam titulos de $4\frac{1}{2}$ por cento ao portador, na importancia de 156:000\$000 reis, e que estavam representados por um conhecimento d'um deposito correspondente a essa somma feito no Banco Lusitano. Continuando as indagações, soube o commissario que esse conhecimento era falso e os titulos tinham sido empenhados no Monte-Pio Geral. Estes principios serviram de base á acção judicial; o que em seguida se tem descoberto e averiguado, mantem-se debaixo de certa reserva, havendo razões para crêr que teremos ainda novas revelações de muitos e maiores abusos na gerencia da Companhia real e do Banco Lusitano. Durante alguns dias foram presos successivamente varios directores d'aquellas associações, soltos depois por mandado judicial sob fiança, arbitrada em centenaes de contos.

O ministro a declarar no parlamento que tinha feito á Companhia real o adiantamento de muitos centenaes de contos e o commissario de policia á procura dos directores d'essa companhia, accusados de terem disposto da fazenda alheia — eis o resumo da situação em que estava o snr. Marianno de Carvalho ahí pelo meado de janeiro. Desacreditado como estadista, tendo empenhado a nação em milhares de contos e demonstrada a mentira do seu famoso elixir de salvação, via-se agora alliado a gente de probidade duvidosa e tão intimamente... Havia de lembrar-se do proverbio — Dize-me com quem vives... — e pensaria que elle, Marianno Cyrillo de Carvalho, cuja ho-

nestidade era tão respeitada em todo o paiz, cujo tino era tão admirado na rua dos Capellistas e até mesmo lá para o bairro de Alfama, este homem de tantas virtudes e merecimentos passaria ámanhã na Avenida, e poderiam dizer que elle era o amigo intimo, muito intimo, d'esses bandidos que estavam no Limoeiro por vergonhosas culpas. Uma terrivel angustia havia de cortar-lhe o coração, e succumbindo perante a crueldade do povo incrédulo, n'um derradeiro protesto de amor iria a Santa Apollonia lançar-se debaixo das rodas d'uma locomotiva, significando por este modo que dava o ultimo alento pela sua querida companhia.

Era bonito, tinha uma curiosa mistura de romantico e de estoico, e o ministro havia de pensar muito no suicidio. Mas esse homem que tantas vezes se sacrificou pelo paiz, segundo elle mesmo confessa, continuando na mesma faina de sacrificios, para não offender os sentimentos materialistas do seu tempo. para que não julgassem que os gozos d'esta miseravel existencia terrestre deixaram de ser qualquer coisa appetecivel, consentiu em conservar a propria existencia, ainda mesmo com o risco de viver com a reputação d'um homem infame. É mais do que coragem, é heroismo. Porque emfim, repetimos, o risco é grande; quando um homem foi o amigo intimo de bandidos celebres, o povo, instinctivamente cruel, é capaz de julgal-o pelas suas relações.

Vive: e, nas suas diligencias por alcançar as palmas do martyrio, foi ao parlamento dar a explicação dos seus actos. Dizem os jornaes que o snr. Marianno de Carvalho principiára o seu discurso visivelmente commovido, e é preciso reconhecer que o caso não era para menos. Não se pôde confessar o que elle confessou, guardando inteira serenidade de animo. Não queremos dizer que o ministro se envergonhasse; outros corariam, é verdade, mas elle está bem livre d'isso, não porque lhe falte pudor, sentimento commum aos corações bem formados, mas porque o seu ardor de sacrificio pela patria sobreleva a esses singelos sentimentos que guiam os miseros e vulgares mortaes. Não se commoveu pois por vergonha, mas

naturalmente porque entre os deputados poderia haver quem prejudicasse o seu acto de contrição com essas brutalidades que a camara infelizmente tem presenciado mais do que uma vez.

Ouçamol-o. Diz que são verdadeiras as declarações feitas pelo presidente do conselho, mas que não mandou entregar nenhuma quantia á Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, mandou pagal-as a credores da mesma companhia. Quando entrou para ministro da fazenda, encontrou encargos do thesouro no estrangeiro, a que era necessario occorrer, na importancia total de 15:669 contos de reis e que os recursos disponiveis eram apenas de 600 contos de reis. Que a situação economica interna não era melhor, e que, dada esta e a situação politica resultante da revolta de 31 de janeiro, tudo estava em perigo, até a independencia nacional. Fôra n'estas circumstancias que partira para Paris, onde conseguira alcançar recursos para acudir ás primeiras urgencias do thesouro, mas para poder levantar essas quantias teve de sujeitar-se a condições que repugnavam ao seu coração de portuguez. Parece-lhe ser necessario sujeitar-se a ellas, porque, se o coupon de julho da Companhia real não fosse pago, não teria o thesouro com que pagar o coupon do estado. Por meio de combinações com casas bancarias pôde obter o necessario para pagar os encargos aos credores da Companhia real. Começaram então as suas hesitações, mas obrigaram-no a ceder á força das circumstancias. É certo que em julho poderia ter apresentado em conselho de ministros a situação tal qual era, mas o resultado seria uma perigosa crise ministerial. Não occulta que passou dias angustiosos; entre a hypothese de sacrificar o homem ou o paiz, entendeu melhor sacrificar o homem, mas salvar o paiz. Tres vezes esteve para dar-se a bancarrota, que elle pôde evitar, a primeira em junho, a segunda em outubro, a terceira ainda em janeiro.

Como se vê, as explicações do snr. Marianno de Carvalho são notabilissimas pela ousadia e pelo grau de imbecilidade que suppõe na camara e no paiz. Não justificam a sua

deslealdade com os collegas, não justificam os seus adiantamentos a uma companhia fallida, e nem sequer dizem quaes foram as combinações que fez em Paris; deixam o seu proceder na mesma obscuridade em que estava antes do discurso, e este facto torna mais pesadas as suas culpas, pois se as combinações de Paris e os motivos dos adiantamentos podessem confessar-se e legitimar o proceder do ministro, por certo elle se apressaria a contal-os minuciosamente. Não podia ter melhor defeza. Mas n'esse ponto passou rapidamente; e, como os seus abusos não tinham explicação senão no firme proposito de favorecer os amigos á custa da nação aviltada por tanta deshonestidade, com um cynismo rematado, firmemente, quiz escudar-se n'esta quixotesca affirmação — tres vezes salvei o paiz da bancarrota, sacrifiquei-me e fui victima da patria!—Sómente cahiu no vicio commum de todos os habeis, queremos dizer, julgou os outros muito mais imbecis do que realmente são. Não illudiu ninguem, todos conheceram a trama da sua miseravel defeza. e nas ruas e nos salões, na botica da aldeia e debaixo da Arcada, o ministro era geralmente estygmatisado com marcas de infamia.

Grande lição! Era necessario que o paiz a tivesse! Era necessario que o paiz visse, nas afflictivas circumstancias economicas em que se encontra, onde leva a politica de transacção com todos os sentimentos baixos e com todas as aspirações d'um estreito egoismo, essa politica de corrupção que systematicamente procura apoio na satisfação dos mais nocivos e ruins appetites; e era necessario tambem que os homens publicos vissem como terminam a sua carreira os que na politica se apartaram d'um elevado criterio moral. Vão descendo de abjecção em abjecção, até perderem a consciencia nitida dos proprios actos e, aferindo os outros pelo proprio character, até supporem que tudo se póde praticar impunemente, que tudo se lava com duas palavras de astucia, tão transparente como vulgar. Estamos certos de que na historia politica do nosso paiz, quando ella pudér ser vista sem paixão, estes ultimos dias do ministerio do snr. João Chrysostomo hão de ficar memoraveis:



a declaração do presidente do conselho, expondo ao parlamento os motivos da demissão do ministerio, a tentativa de defeza do ministro da fazenda, em peloticas perante a nação pobre e afflicta, saboreando a propria miseria de que nem já tinha consciencia e escarnecendo do povo que atraioára, e cá fóra, pela rua, a caça aos agiotas criminosos e aos banqueiros fallidos, tudo isso representa com uma viva intensidade o ponto culminante da politica de corrupção. Todas essas circumstancias convergiram para nos darem n'um só instante e n'um conjunto dramatico um espectaculo instructivo.

Iam mal as coisas para o snr. Lopo Vaz, que na chronica do ultimo mez deixámos intrigando com seraphica mansidão e paciencia evangelica para alcançar uma situação politica de que fosse inteiramente senhor. A sua politica de accordos, de transacções, de favores, de protecção, de campanario, de despachos, de demissões e transferencias, de corrupção, n'uma palavra, a sua politica modelada na tradição fontista dava agora muito má conta de si e tinha na opinião publica uma tal aversão, que não era prudente affrontal-a. Ha tempos de coruja e tempos de falcão, dizia o principe; o snr. Lopo Vaz entendeu que eram chegados os tempos de coruja e recolheu-se, por certo com boas esperanças de que os tempos de falcão hão de voltar. Não é homem perdido; o seu character convem a um grande numero e por isso nunca lhe hão de faltar caudatarios.

Outra politica se reclamava no momento actual, politica de franqueza, de economia, de decisão e de justiça, e para essa não era o snr. Lopo Vaz o mais apto, nem tão pouco nenhum dos partidos, compromettidos todos por iguaes erros, desmoralizados pela indisciplina, desacreditados no paiz pela dissipação e pelo nepotismo. Era chegada a vez do snr. Dias Ferreira, unico que durante longos annos, com uma infatigavel constancia, condemnava no parlamento o favoritismo em vóga e votava contra o augmento de despeza; accrescendo que no momento actual juntava aos seus proprios merecimentos os merecimentos alheios, pois ha muito se tinha como seguro que n'um gabinete Dias Ferreira seria ministro da fazenda o snr. Oliveira Mar-

tins, incontestavelmente o homem de maior talento da geração contemporanea. Historiador, economista e jornalista, d'uma fecundidade assombrosa, d'um vigor e d'uma vastidão de pensamento igual aos dos melhores espiritos d'esta época, o snr. Oliveira Martins em politica não é apenas uma esperança, como insidiosamente dizem os seus adversarios; pelo contrario, nunca houve quem entrasse no parlamento portuguez com maiores cabedaes. O seu projecto de lei do fomento rural, que apresentou logo que teve logar na camara, é, na opinião d'um dos nossos homens publicos mais intelligentes, a lei mais notavel que tem produzido o regimen constitucional entre nós depois dos decretos de Mousinho da Silveira e do codigo civil.

Percebendo claramente a sua situação, conhecendo as necessidades do paiz e sabendo quanto é desejada uma politica de franqueza, o novo ministerio mostrou conformar-se com as inspirações da opinião publica no programma com que se apresentou ás camaras. Disse o novo presidente do conselho que lhe parecia que as circumstancias do paiz e as manifestações da vontade popular iam apparecendo por fórma que se tornaria necessario um governo que, em logar de sahir directamente das maiorias parlamentares, fosse uma especie de concordia ou de conciliação com a situação do paiz. Queixando-se o paiz de que a nossa situação é grave, e attribuindo, com razão ou sem ella, á má administração as difficuldades em que temos vivido, parecia-lhe que o ministerio devia ser quanto possivel alheio á parte d'essas assembléas politicas que têm responsabilidades na marcha dos negocios publicos.

Neutralidade politica, economias, equilibrio orçamental como base da nossa regeneração e todos os demais artigos do programma, não são mais do que o corollario do pensamento que deixamos apontado. Desde o momento em que o governo quer inspirar-se na vontade popular, tem de trocar o nepotismo pela justiça, e o desregramento economico pelo equilibrio orçamental e pela sensatez no emprego dos dinheiros publicos.

Como inicio de cumprimento do programma ministerial, foi presente á camara dos deputados uma proposta de lei precedi-



da d'um relatorio do ministro da fazenda, que é o mais elucidativo documento ultimamente publicado sobre o estado das finanças nacionaes.

Começa o snr. Oliveira Martins por declarar que, quando as coisas chegam ao periodo angustiosamente agudo em que as vemos, seria mais do que um erro, seria um crime procurar esconder aos olhos do paiz toda a extensão das nossas amarguras. O *deficit* de 1890-1891 é calculado em 11.550:380\$893 reis, a despeza para 1891-1892 em 46.742:000\$000 reis e o *deficit* para essa mesma gerencia em 10.000:000\$000 reis, e isto em meio da crise geral, a braços com o desfalque enorme trazido á economia nacional pela baixa do cambio do Brazil, n'um momento em que a repetição de expedientes de thesouraria pode dizer-se que esgotou os meios de alcançar recursos immediatos, provada a impossibilidade absoluta de attender ás exigencias dos encargos externos, principalmente por meio de novos expedientes financeiros.

«E necessario penitenciar-mo-nos dos erros passados e emendarmo-nos para sempre, se com effeito queremos honrar a historia heroica de sete seculos que nos legaram os nossos maiores, para a deixarmos aos nossos descendentes engrandecida com uma pagina, sem duvida dolorosissima, mas por igual nobilitante. As argucias da politica, os artificios da habilidade, desaparecem agora perante a crueza de um perigo que só pode ser dominado pela absoluta franqueza e por uma compenetração e intimidade completas da corôa, das camaras, do povo e do governo, unidos todos no proposito da salvação da patria portugueza».

Procurando justificar a proposta que vai fazer, estabelece os seus precedentes historicos:

«Depois da dura guerra civil de 1846-1847, a lei de 26 de agosto de 1848 impoz aos vencimentos superiores a 300\$000 reis e inferiores a 600\$000 reis a deducção de 20 por cento; e a de 25 por cento a todos os vencimentos superiores a 600\$000 reis. Mais tarde, a lei de 26 de julho de 1852 aggravou ainda a situação do funccionalismo, incluindo todos os vencimentos,

desde os minimos, no regimen da deducção, que ficou assim estabelecido:

Até 300\$000 reis	5 por cento
Até 600\$000 reis	25 »
Mais de 600\$000 reis	30 »

«Como se verá, as percentagens então reclamadas excediam bastante as que hoje se pedem; e devemos lembrar-nos que á custa dos sacrificios a que se submetteram resignadamente os servidores do estado e os portadores da divida nacional, foi possivel repôr as finanças publicas n'uma situação de que infelizmente abusamos por modo excessivo e indiscreto.

«Abolidas as deducções da lei de 26 de julho de 1852, ainda em 1869, com o decreto de 26 de janeiro, se lançaram deducções novas, tambem progressivamente estabelecidas. Eis-aqui a tabella d'esse decreto:

Ordenados superiores a 600\$000 reis	15 por cento
Inferiores a 600\$000 reis até 400\$000 reis	10 »
Inferiores a 400\$000 reis até 200\$000 reis	5 »
Inferiores a 200\$000 reis	2 1/2 »

«Já se vê, portanto, que o sacrificio reclamado hoje encontra precedentes na propria historia da segunda metade do seculo, pois das épocas anteriores é inutil expôr n'este logar a série dolorosa das deducções e capitalisações de atrazados.

«E o mesmo que succede com relação ao funcionalismo, succede com respeito aos credores do estado.

«A lei de 26 de agosto de 1848 impoz com 25 por cento os juros de toda a divida, interna e externa; e o decreto de 26 de julho de 1852 manteve a mesma percentagem até á remodelação da divida publica dos typos hoje existentes. Do que



sucedera antes de 1848 não é necessario tambem recordar-nos, pois está no conhecimento geral a dolorosa historia das suspensões de pagamentos e das capitalisações que acompanharam a época agitada das nossas guerras civis».

Terminado o relatorio, que sentimos não poder transcrever, pois é documento que merece ser archivado pela verdade e nitidez com que expõe a situação do thesouro publico no momento presente, passa o ministro a apresentar a proposta de lei, actualmente pendente da discussão nas camaras e cujas disposições principaes são as seguintes:

«Os ordenados, soldos e outros vencimentos por serviço activo e inactivo, cuja somma annual fôr superior a 300\$000 reis, ficam sujeitos ás taxas seguintes:

De 300\$000 reis até 500\$000	
reis	5 por cento
De 300\$000 reis até 800\$000	
reis	10 »
De 800\$000 reis até 1:200\$000	
reis	15 »
Além de 1:200\$000 reis	20 »

«A taxa do imposto complementar de 6 por cento, creado pela lei de 30 de julho de 1890, é elevada sobre as contribuições predial, pessoal, sumptuaria, de renda de casas e industrial pela fórmula seguinte:

Para as collectas superiores a	
10\$000 reis	10 por cento
Idem a 100\$000 reis	12 »
Idem a 200\$000 reis	14 »
Idem a 300\$000 reis	16 »
Idem a 400\$000 reis	18 »
Idem a 500\$000 reis	20 »

«Fica o governo auctorisado a negociar com os portadores



de titulos de divida publica externa um convenio de conversão pelo qual, garantindo-lhes o pagamento do juro em ouro, e unificando os titulos n'um typo novo, ou mantendo os typos actuaes, os mesmos portadores transformem até ao maximo de metade do capital, ou aceitem pagamento de até metade dos seus juros, em cédulas do thesouro, com ou sem juro, amortisaveis com ou sem premios, pela verba annual que para esse effeito fôr destinada e pelo modo que fôr estabelecido.

«Para assegurar aos credores, nacionaes como estrangeiros, o pagamento integral e regular dos juros e amortisação, o governo poderá consignar a esse fim, dos rendimentos nacionaes, aquelles que entender necessarios e preferiveis, sem todavia alterar a fórma ordinaria de percepção dos mesmos rendimentos, mas sim restaurando, pelo modo conveniente, o antigo regimen de dotação da divida».

Programma ministerial e propostas de fazenda foram acolhidos por todo o paiz com certo jubilo. Estavamos cansados de ministros e de ministerios sempre suspeitos de ligações intimas com syndicatos e capitalistas, e invariavelmente aferrados ao favoritismo como unica arma politica. Os escandalos provados em negociações de empréstimos, subsidios a companhias e negocios congeneres, tinham sido taes, que em tudo e para todos, nas transacções mais simples e com os homens mais dignos, se sonhavam favores a syndicatos e interesses menos legitimos alcançados em prejuizo do estado; era uma epidemia, todo aquelle que fosse ministro havia de sujeitar-se a vêr mal-sinados os seus actos e publicamente lançada a suspeita de que os seus decretos eram imposições de capitalistas. E isto emquanto ninguem se fiava na justiça da sua causa e nos merecimentos da sua pessoa para conseguir o quer que fosse dos poderes do estado; *empenhos* e só empenhos era o que se procurava. Quem desejasse um emprego publico ou uma concessão para qualquer empresa, não tinha a provar em concurso o seu estudo, applicação e mais qualidades necessarias ou as vantagens e legalidade do que requeria; as leis e os interesses do estado eram letra morta, pedia-se um favor e mostrava-se quan-



tas dezenas de votos se punham á disposição do deputado governamental na primeira eleição, se o favor pedido e recebido não representava o premio de serviços eleitoraes já prestados. Revoltava-se contra tal systema o espirito popular, e acclamou o novo ministerio, na esperança de melhores dias para as suas justas reclamações de lealdade ao bem do paiz e de integridade na gerencia dos negocios publicos.

Applaudiu ainda o ministerio, porque simultaneamente viu n'elle tambem a esperança de terminar a incerteza economica que trazia sobressaltado o paiz. Com o orçamento desequilibrado e sem credito para novos emprestimos, viamos succederem-se os dias sem podermos dizer qual seria a situação de amanhã. — Reduzam-se os juros da divida publica, reduzam-se os ordenados dos empregados publicos, liquidem-se as contas da nossa ruina, mas digam-nos ao certo com que ficamos — era o que por toda a parte se ouvia n'um desejo e n'uma anciedade commum. Foi isso o que o ministerio prometeu, e é o que agora procura cumprir com as suas propostas de fazenda, louvadas em todo o paiz, vendo n'ellas o fim d'uma incerteza que o trazia n'uma permanente inquietação.

Perante o favor da opinião popular, que acolheu o ministerio, as camaras, os partidos e a gente da politica acharam que o melhor era deixarem-se levar com a corrente e começarem a fazer protestos de dedicação ao governo, muito promptos, dizem, a collaborar na salvação publica. Tanto quanto puderam, occultaram a inveja, o odio e o despeito com que viam o novo ministerio chamado a levar a effeito o que elles não puderam realisar por falta de capacidade propria; mas intimamente bem sabem que, se o ministerio fizer o que promete, os velhos partidos estão esphacelados e mortos, pois se demonstra praticamente que a sua politica nociva, depois de nos ter levado á ruina, não soube reanimar-nos. Com os partidos cahem os homens que os dirigiam, e por isso estes, conscientes do perigo que os ameaça, defendem-se quanto podem; lentamente, visto que a opinião popular lhes é contraria, vão procurando erros nas propostas da fazenda e descobrindo intenções de proxima

dictadura nos ministros. Não tardará uma larga opposição declarada, e esse é um dos perigos que ameaça o novo ministerio. Todos esses velhos organismos politicos, apesar de sorvados pela corrupção que lhes é inherente e que constitue a sua essencia, hão de empenhar todas as forças n'um derradeiro combate para aniquilar á nascença um adversario que ameaça esmagal-os. Resistir-lhes-ha? Tudo depende do caminho que o ministerio seguir. Se persistir n'uma politica de rectidão e franqueza, a victoria é segura. Não haverá intrigas que possam offuscar-lhe a grandeza nem prejudicar uma obra em que a nação reconhece a propria salvação.

Um outro perigo ameaça o ministerio — a gravidade da situação economica do paiz, a exiguidade da sua riqueza e a maneira por que está distribuida. Para abreviarmos, guardaremos para o proximo mez as ligeiras considerações que temos a fazer sobre este ponto, a nosso vêr o mais grave da situação presente.

*
* *
*

Não queremos fechar esta chronica sem deixar registado um dolorosissimo acontecimento occorrido em principios de janeiro findo — a morte do conselheiro Joaquim Antonio Gonçalves. Foi para a politica portugueza uma grande perda; a tenacidade com que defendeu o trabalho nacional, ainda n'uma época em que as suas aspirações eram julgadas uma utopia, a maneira por que o tempo veio a dar-lhe razão, o saber e a capacidade de trabalho que revelou na redacção da pauta das alfandegas agora discutida no parlamento, as suas qualidades de jornalista, a ironia cortante, a distincção subtil, a dialectica cerrada—tudo isso eram dotes que, alliados a uma incontestavel nobreza e rectidão de sentimentos, promettiam que a sua vida seria preciosa para ajudar-nos na restauração nacional. O vulgo via n'elle um sceptico, e illudia-se; era antes um mystico, um cavalleiro d'esse rareado exercito do Bem. Sõmente acontecia que, n'uma



alma tão complexa como a sua, não era facil perceber os fundamentos mais intimos; desprezava o que outros reputam a propria essencia da vida e punha-a n'um ideal tão alto, que é inaccessible ao vulgo. Mas comprehendiam-no bem os que com elle viveram intimamente, e esses sabiam, com entranhado affecto, quanto era puro o brilho da estrella que lhe illuminava a alma, quanto era singela, intemerata e dôce a bondade do seu coração.

5 de fevereiro de 1892.

Jayme de Magalhães Lima.



BIBLIOGRAPHIA

PUBLICAÇÕES NACIONAES

Allucinações e illusões. por JULIO DE MATTOS. — Teixeira & Irmão, editores;
S. Paulo, 1892.

Ora aqui está um livro duplamente notavel, prestante e opportuno, erudito e claro, lucido no fundo e na fórma. O dr. Julio de Mattos — já o sabem — é uma das mais evidentes individualidades medicas do paiz; desde a escola este homem creou uma assinalada reputação de espirito indagador e intelligente, certificada por um curso de triumphos, por uma publicação periodica que definiu a sua orientação phlosophica, duradoura e solida, por uma these que não foi, como quasi todas, um arrego ou um decalque, por outras publicações, emfim, que progressivamente iam revelando a natureza trabalhadora e estudiosa do illustre psychiatra. Como tantos outros, o dr. Julio de Mattos não fez dos seus trabalhos base para se crear uma situação; impellido, por assim dizer, a proseguir n'um compromisso mental, a sua obra clinica e litteraria não parou, ininterruptamente avido de saber, mas d'um saber que um egoismo brutal não reserva, d'um saber que uma aspiração grosseira não utiliza. O dr. Julio de Mattos não é pois e apenas um medico illustre e um investigador incansavel: é um benemerito.

Este livro, que elle sub-intitula de *Ensaio de psychologia medica*, é o terceiro das suas ultimas publicações medicas e destina-se particularmente aos alumnos de medicina. D'um modo geral o assumpto fóra já objecto da notabilissima these com que fechara a sua carreira distincta de estudante; mas agora mais fundamentada com as acquisições ulteriores e ainda com a observação permanente e directa no internato d'um hospital de alienados.

O volume está dividido em cinco capitulos, occupando-se o primeiro de definições, differenciação das allucinações na loucura e fóra d'ella, da sua classificação, da distincção entre ellas e as illusões e da sua facil confusão, das allucinações e illusões internas, da interpretação das allucinações psychicas e ainda das allucinações unilateraes e desdobradas. O segundo capitulo é consagrado á etiologia das duas especies de phenomenos, rematando com a classificação das quatro categorias de typos psychologicos: o auditivo, o visual, o motor e o indifferente. No terceiro, faz-se uma lucida exposição das theorias pathogenicas de varios alienistas, os phenomenos que ellas explicam e a sua critica. O quarto e o quinto occupam-se, um da frequencia e valor clinico, outro — que interessa especialmente á medicina legal — das categorias que os diversos actos praticados sob a influencia determinante das allucina-



coes e illusões dão logar a estabelecer e do problema forense e artigos do Código Penal em face da doutrina psychiátrica.

Esta pallida referencia, que nem sequer é um summario, está longe, de certo, de fazer avultar devidamente a importancia d'este magnifico trabalho. Registre-se, todavia, o apparecimento d'um livro que resiste pelo seu valor intrinseco e que captiva pela fórma elegante, tão rara, em que é escripto. Como o auctor, penso eu, pensam todos que devéras se está em face d'um *livro de utilidade*, o que traduz, para todos nós, um prazer e uma fortuna.

Os combustiveis fosséis em Portugal, por ALFREDO DE MORAES CARVALHO.

-- Porto, 1891.

Com este escripto vem o snr. Moraes Carvalho concorrer «com uma parcella, por insignificante que seja, para a elucidacão do momentoso problema que nos preoccupa, fomentando o nosso desenvolvimento interior e indicando as relações mutuas possiveis entre as diversas industrias». O trabalho é uma communicacão á Associação Industrial Portuense, e occupa-se, principalmente, em fazer avultar a real importancia dos carvões portuguezes. Insurge-se fundamentalmente contra a quasi geral convicção de que, no paiz, não existem materias combustiveis para uma industria florescente, prospera e seguramente remuneradora, e procura combater o erro, fazendo um inquerito das nossas riquezas carboníferas e comparando-as com as de outros paizes incontestavelmente mais pobres, mas com as explorações e lavras relativamente adiantadissimas. Antes, o snr. Moraes Carvalho passa em revista o actual estado da industria, preven-do-lhe, solidamente fundado, o seu futuro. Pelos factos que exara e pela crise, provavelmente irremediavel, que o paiz atravessa, o illustre mineiro julga mais que opportuno o ensejo de iniciar, em grande, a lavra dos nossos jazigos, e não só pela propria riqueza mas ainda pela correlacão com outras explorações metallurgicas, nomeadamente a do ferro. É bastante educativa a resenha descriptiva das quatro regiões carboníferas do paiz: a que se manifesta na zona do oolithico superior e cujos affloramentos se encontram desde Pombal a Penidense, a do Cabo Mondego, a do Bussaco e a do Douro. Como sensatamente affirmo o snr. Moraes Carvalho, a questão dos combustiveis portuguezes tem sido, — como afinal todas, não é verdade? — descurada entre nós, tornando devéras embaraçoso conhecer-lhes solidamente as propriedades e qualidades, as vantagens de lavra e o valor industrial, do mesmo passo absoluto e comparativo. Lamenta que as referencias feitas até hoje ao assumpto *sejam evidadas de preocupação scientifica*. Ora aqui não tem o auctor grandes razões, pois que, se é certo que o inquerito puramente mineiro ainda não foi mandado levantar, com todos os meios de efficacia, pelo poder central, os trabalhos de Wenceslau de Lima e de Paul Choffat, geologos que mais directamente têm realizado estudos nas regiões onde existem manchas e affloramentos carboníferos, precisamente pela natureza de trabalho de que foram incumbidos e do desideratum pretendido — o levantamento d'uma carta geologica — pouco ou mesmo nada têm que ver com as condições industriaes dos minerios e correlativas pesquisas para exploração extractiva e commercial. Se é aos dois distinctos naturalistas que o snr. Moraes Carvalho se reporta, erra, mas sem má vontade, quere-mos crê-lo. Isto, porém, é um incidente que pouco vale. O opusculo parece o resultado d'uma boa e elogiavel intencão, o que nos entristece; «não temos esperanca de que o seu trabalho produza a menor influencia benefica, porque, ou se engana muito, ou o assumpto é para a maior parte da gente insípido e para alguns mera utopia».



Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira, por ANTONIO DOS SANTOS ROCHA.
— Coimbra, 1891.

D'esta notavel monographia archeologica occupa-se, na secção scientifica do presente numero. um dos redactores effectivos da REVISTA.

O problema medico-legal no processo «Urbino de Freitas», documentos compilados pelo dr. AUGUSTO ROCHA e JOAQUIM DOS SANTOS E SILVA. — Coimbra, 1892.

Dizem os compiladores, n'um prefacio, que esta publicação circumstanciada dos documentos medico-legaes vem esclarecer as questões que o problema de medicina judiciaria suscita. O volume comporta quatro secções: a primeira abrange os relatorios do exame toxicologico nos cadaveres de Mario Sampaio, de José Sampaio e d'uma filha do indigitado criminoso, em portuguez e francez; a segunda comporta os pareceres provisorios de Brieger, Bischoff, Beckurts, Augusto Rocha e Santos e Silva; a terceira, os definitivos dos já citados chimicos estrangeiros; a quarta. o parecer de Hugo Mastbaum.

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O movimento bibliographico de tres grandes nações litterarias como a França, a Inglaterra e a Allemanha nunca pôde ser acompanhado por uma Revista mensal d'um modo desenvolvido e completo. Só a Inglaterra produz (sem contar livros de escolas, reimpressões de classicos, etc.) uma média de *quinze obras originaes por dia*. E a producção da Allemanha e da França não se afasta muito d'estes numeros quasi inquietadores. O homem contemporaneo escreve demasiadamente. O Livro está obstruindo o Mundo.

D'estas obras, decerto, a porção maior nem merece a menção do titulo. Raras, que se contam pelos dedos, valem a pena de serem longamente estudadas, como livros que poderão vencer os tempos e ficar. Mas um vasto numero de obras resta ainda que, valiosas relativamente pelo pensar ou pelo saber, devem ser indicadas á curiosidade do Publico culto, com alguma informação resumida da sua natureza e tendencias; e para estas, se as tentassemos comprehender todas ou pelo menos uma maioria sufficiente n'uma Bibliographia, não chegaria um volume compacto e inteiro da REVISTA. Apontar apenas algumas, ao acaso, sem methodo, nem plano, como fazem as Revistas Europeias. não nos parece que aproveite ao Leitor, na sua escolha forçosamente restricta de livros, nem que lhe dê uma idéa bastante suggestiva e util da extensão, variedade e complexidade dos movimentos litterarios das grandes nações pensantes. Resolvemos portanto, nas limitações que nos são impostas, mencionar somente aquelles livros estrangeiros que mais interessem o Leitor Portuguez, ou por fornecerem um elemento valioso para a sua educação geral, ou por tratarem de assumptos que actualmente mais o prendam, ou por serem, em definitiva, aquisições uteis para a sua Bibliotheca, já como trabalhos de Erudição, já como obras de pura Litteratura.

I) FRANÇEZAS

L'Avenir de l'Europe, por C. E. VIGOREUX. — Paris: Alcan, editor.

O sr. Vigoreux apresenta a Europa como um campo de batalha onde combatem dois principios supremos, o Bem e o Mal, havendo um terceiro principio que é neutro e que espreita. O principio do Bem é representado pelas raças latinas, incluindo (não sabemos porquê) a Grecia.

O principio do Mal é a raça Anglo-Saxonia, abrangendo a Austria, que em parte slava. O principio neutro, que espreita, é a Russia. O sr. Vigoreux estuda esta difficiil situação primeiramente pelo lado dos sentimentos, depois pelo lado dos interesses, e em nome de ambos conclue que deve ser extirpada da face da terra, a raça Anglo-Saxonia!

Mémoires du Prince de Talleyrand, publicadas pelo DUQUE DE BROGLIE.
Tomo IV. — Paris; Calman-Levy.

Temos aqui o quarto volume d'esta obra, que começou por causar tanta esperança, e terminou por dar tanto desapontamento.

Como documento subalterno para a historia continúa todavia sendo interessante. Comprados os primeiros volumes, — cumpre (por amor da colleção) comprar os restantes. Este é, como os anteriores, o mais insipido dos livros escripto pelo mais espirituoso dos homens.

Lohengrin, por MAURICE KUFFERATH. — Paris; Tischbacher, editor.

Um livro entusiasta, para os entusiastas de Wagner. É a parte d'uma obra mais vasta, *Le Théâtre de Richard Wagner*, que se tornou popular. Conta miudamente o libretto, e critica largamente a opera. Contém excellente e util informação para os que conhecem imperfeitamente as lendas dos Niebelungen, e do Cyclo de Arthur e da Tavola Redonda.

Entretiens sur l'Histoire du Moyen Age, por J. ZELLER. — Segunda parte.
Paris; Perrin, editor.

A segunda parte da consideravel obra do sr. Zeller comprehende cinco capítulos, todos do mais alto interesse. O primeiro trata das *Cidades e Comunas* na Meia-Idade. O segundo é intitulado *S. Bernardo e a Europa no século XII*. O terceiro é dedicado á *Monarchia Franceza*. Quarto e quinto occupam-se respectivamente de *Philippe Augusto* e de *S. Luiz*. O ultimo tem



por assumpto a lucta do *Papa Bonifacio e de Philippe o Bello*. O snr. Zeller lixa em Philippe o Bello o fim da Idade-Média. É talvez cedo de mais. O seculo xiv, mesmo em França, mas sobretudo em Inglaterra e na Alemanha, sem contar Hespanha e Portugal, é ainda característica e essencialmente medieval. A obra do snr. Zeller é talvez por um lado excessivamente diffusa e complexa para constituir um summario de vulgarisação historica — e por outro muito deficiente no estudo das fontes e documentos originaes para ser um trabalho de forte e segura erudição. Mas tem a agradável natureza *de entretiens*, de conversas feitas, n'uma fórmula de excellente clareza e distincção, por um espirito, em quem abunda o saber, a critica, e o justo sentimento do passado. Obra pois de todo o ponto valiosa para aquelles que desejem estudar genericamente o viver e o sentir da Idade-Média.

Germey, por FERDINAND FABRE. — Paris; Charpentier-Fasquelle, editores.

Ferdinand Fabre, um dos tres ou quatro romancistas francezes que, tendo-se afastado largamente do idealismo de Feuillel, não chegaram todavia ao naturalismo de Zola, junta a qualidades verdadeiramente fortes de observação uma certa maneira poetica de conceber a vida e de a contar, que o torna um dos mais queridos romancistas da França para aquelles espiritos delicados que só supportam a rude verdade através d'uma leve idealisação. Uma das suas primeiras obras, o *Abbé Tigrane*, é pela concepção, pela profundidade e verdade dos caracteres, e pela excellente arte de composição, um livro de mestre. Em *Germey*, Fabre volta á sua querida provincia de Cevennes, e áquelles seus typos de vida provincial, que elle tanto nos tem feito amar. Temos outra vez o hom Mr. Le Neveu, a sua resmungona mas bondosa governanta, e o delicioso gato preto, *Monsieur Cascarel*. *Germey*, a «heroína», é uma supposta feiticeira, e realmente uma velha peccadora, remida e restituída ao bem pela apostolica simplicidade e caridade do Abbade Tuleran. A historia é admiravelmente desenrolada; as figuras têm relevo e vida; e sente-se, através de cada pagina, com singular intensidade, a rude e original paizagem das Cevennes.

Du Niger au golfe de Guinée, pelo CAPITÃO BURGER. — Paris: Hachette, editor. 2 vol.

Uma viagem que pôde ser lida com interesse e proveito por todos os que se occupam das questões de Africa. Como todos os viajantes francezes, o Capitão Burger manifesta talvez em excesso, a sua impressão de que a Inglaterra está perpetuamente tramando a destruição da influencia franceza nas diferentes partes do mundo, e o seu desejo de ver, por seu turno, derrubada por toda a parte a dominação ingleza. Estes sentimentos dão parcialidade ao livro. O Capitão Burger no entanto é um explorador intelligente e audaz. Conta bem, e com sufficiente pittoresco. Os dois tomos são excellentemente illustrados — e têm no fim um admiravel mappa.



II) INGLEZAS

Introductory Studies in Greek Art, por JANE HARRISSON. — Londres; Tisher Vuwin, editores.

É um signal dos tempos que este livro sobre a Arte Grega, tão bem pensado e tão bem escripto, não seja d'um velho critico, encanecido nas Bibliothecas, mas d'uma elegante e mundana rapariga, Miss Jane Harrisson. Escrip-tora fina, graciosa, persuasiva, Miss Harrisson estuda no seu livro a causa intima da extraordinaria vitalidade da Arte Grega através dos tempos. Todas as artes que a ajudaram a formar, a Egyptica, a Phenicia, a Assyria, estão mortas, são reliquias archeologicas; o gosto tem fluctuado do Gothico ao «Renasceença», do «Seculo Dezoito» ao Romantico; todas as fórmas de belleza pas-sam e esquecem; — só as formas creadas pela Arte Grega permanecem, como educadoras constantes da Humanidade. É um livro digno de occupar todos aquelles que se interessam pelas idéas geraes em Arte.

Gossip in a Library, por EDMUNDO GOSSE. — Londres; Heinemann, editor.

Edmundo Gosse é, além de poeta e de erudito, um dos mais finos, e hoje mais auctorizados criticos de Inglaterra. Uma das suas grandes qualidades é de não ser *insular* — isto é, de comprehender, sentir bem e amar (o que nem sempre succede aos grandes criticos inglezes) o genio das nações estrangeiras. O seu penultimo livro foi um forte e profundo estudo sobre as *Litteraturas Scandinavias*. Esta ultima obra, que annunciamos, não é propriamente um li-vro de critica, mas uma *gossip*, uma cavaqueira intima sobre alguns raros, eu-riosos e esquecidos livros da antiga litteratura ingleza. As suas qualidades de amavel tolerancia, de suave sympathia por todos os feitos de espirito, de delicado humorismo e de pittoresca erudição reaparecem aqui com notavel relevo. É um livro para quem conheça já bem a historia e a litteratura de In-glaterra, e deseje explorar alguns dos seus recantos desconhecidos, descobrir antiquados modos de pensar e de sentir. Ha em o lér o mesmo singular prazer que se tem em percorrer um muito antigo jornal de modas.

The Convict King, por JAMES HOGAN. — Londres; Ward e Downey, editores.

Para quem goste de conhecer o que é uma carreira extraordinaria de ho-mem, não ha mais curioso livro do que este, que conta, em excellente fórma, e com *humour*, a vida e aventuras de Jorgen Jorgensen. Não existe nos tempos modernos mais phantastica personalidade do que a d'este prodigioso aventu-reiro. Jorgensen foi successivamente rei da Islandia, capitão de navio, agente diplomatico de Inglaterra, dramaturgo, prégador, olheiro d'uma casa de jogo, enfermeiro do hospital, guia de viajantes no continente, explorador, editor de jornaes, chefe de clubs revolucionarios, e policia na Australia!

Paganism and Christianity, por J. A. FARRER. — Londres; A. e C. Black, editores.

É uma bella defeza do Paganismo comparado com o Christianismo. Ha todavia n'ella uma parcialidade excessiva e quasi sectaria. O Paganismo é-nos apresentado só pelos seus nobres e puros lados, pelos lados de Marco Aurelio e de Seneca (dicando escondidos os lados de Marcial e de Petronio); e o Christianismo é methodicamente exposto pelos seus lados inferiores. É uma obra cheia de saber e de idéas.

Tycho Brae, por J. DREYER. — Londres; A. e C. Black, editores.

É a historia do grande astrónomo dinamarquez — erçador d'uma das grandes theorias cosmogonicas que outr'ora, por um tempo, dominaram na sciencia. O seu systema era em parte o de Copernico. Segundo elle, o sol com os planetas giram em torno da terra — mas os planetas giram em torno do sol. As suas theorias estão esquecidas — mas a sua personalidade e a sua vida (revelando quaes eram, na aurora da Renascença, as condições sociaes d'um grande sabio) são interessantes e admiravelmente contadas pelo snr. Dreyer.

Pleasant work for busy fingers, por MAGGRE BROWN. — Londres; Cassel e C.^a, editores.

O titulo (*traballo divertido para dedos trabalhadores*) explica o livro e a sua utilidade. Uma certa tia Polly emprehende a tarefa de ensinar aos sobrinhos a arte de fazer com papel, com alguns alfinetes e um bocado de algodão — toda a sorte de bonecos, de flôres, de coisas curiosas e ornamentaes. É um excellente livro, muito claro, e com illustrações. Suggere admiravel occupação para as noites de inverno — porque a materia prima, o papel, é facil de obter, e segundo se vê da obra, pôde com elle fazer-se tudo desde um carro até uma caixa, e d'um palacio a um amor-perfeito.

History of Commerce in Europe, por H. GIBBINS. — Londres; Macmillan, editor.

Excellent e utilissimo manual dando toda a historia do commercio na Europa e Asia, desde os Phenicios até aos nossos dias. Cheio de informação de factos, de datas e cifras precisas.



A CIRCULAÇÃO MONETARIA

E O

BANCO DE PORTUGAL

I

Transferido para nações melhor governadas do que a nossa, ou guardado como reserva, ou constituindo materia de commercio, — o ouro amoedado sahiu da circulação portugueza. A prata, se, por suas inferiores condições, não pôde seguir aquelle metal precioso nas viagens ao estrangeiro, firmemente se recusou quasi sempre a entrar em giro se a não recebessem por valor maior que o inscripto n'ella; e até o bronze, que em tempos proximos era exemplar em humildade, ganha premio na lucta com as presumpçosas notas dos bancos; se o antigo papaco ainda vivesse, vingar-se-ia exigindo agio de quantos o motejavam por feio e pesado.

Para o logar dos metaes ausentes veio o papel; o decreto de 10 de maio de 1891, se não deu curso forçado ás notas dos bancos, permittiu aos estabelecimentos emissores que as não pagassem durante sessenta dias; o decreto de 9 de julho, querendo usar de palavras suaves, ordenou que esses papeis tivessem curso *legal*; mas como tambem consentiu que não fossem convertiveis em moeda metallica, definitivamente impoz a todos os portuguezes a obrigação de os aceitarem em pagamento.

Pessoas de ingenuos escrupulos, e que tenham na memoria as



palavras d'esse decreto, dirão que empreguei mal a palavra *dejitivamente*. Confesso que ahí se marcou o termo do curso forçado: havia de ser o momento em que principiasse a vigorar o novo systema monetario; mas como os rudes factos quizeram que tanto mais tempo ia decorrendo sobre 9 de julho de 1891, mais se provava que o paiz não era digno de ser salvo pela revelação do segredo magico d'um ex-ministro; como o ruinoso aspecto do thesouro e o desmedro politico e moral impossibilitam sensatas esperanças de saudavel remodelação em breve espaço, é acertado ter como vivedouro o que o decreto parecia considerar de muito curta duração.

Eramos um dos paizes de melhor systema monetario; vigorava desde 29 de julho de 1854; viera extinguir os graves transtornos produzidos por varias leis; se algumas vezes, especialmente no ultimo decennio, foi censurado de fomentador de perturbações na circulação, é certo que jámais os censores mostraram conhecer bem o delicado objecto de que se occupavam. Porque passamos tão violentamente do emprego da moeda metallica ao uso quasi exclusivo do papel? No dizer de muitas pessoas, esta desgraça nacional originou-se na crescente falta de remessas do Brazil, e nas difficuldades experimentadas pelas praças estrangeiras. Aquella falta privou-nos de poderosos recursos para compras lá fóra, e para animação do trabalho nacional; estas difficuldades impediram-nos de continuar contrahindo empréstimos, tão necessarios sempre, conforme se affirmava, ao saldo de contas internacionaes.

É commodo para as más consciencias o descarregar sobre factos alheios a responsabilidade do erro proprio, ou attribuir-lhes influencia muito maior que a verdadeira; pôde ser util a muitos politicos de mau quilate, ou agradavel a um cego patriotismo, o encobrir cuidadosamente as causas do mal gravissimo que agora afflige todos, e que a tantos desorienta; mas nem a intelligencia dos estrangeiros seria obscurecida pela falsa critica indigena, pois que de sobra conhecem o que temos sido; nem classe alguma do povo portuguez ganharia com imposturas e ficções sobre a procedencia da infelicidade.



Em 1889 o cambio do Rio sobre Londres conservou-se muito alto. quasi sempre; desde janeiro até ao fim de novembro não baixou de $26\frac{3}{4}$ e muitas vezes excedeu 27; em dezembro o preço minimo foi $24\frac{1}{4}$; mas ainda se fizeram transacções a $27\frac{1}{2}$. A taxa do desconto em Londres, que alguns dias de janeiro esteve a 5, brevemente passou a 3, e só nos ultimos quatro mezes subiu a 5 e 6¹. Paris teve dinheiro a 3 desde março até dezembro; Amsterdam todo o anno cotou o desconto a $2\frac{1}{2}$; Bruxellas pagou-o a 3 e 4 nos ultimos nove mezes. Em annos immediatamente anteriores a 1889 as condições externas tinham sido notavelmente favoraveis a Portugal: desde 1886 o cambio do Rio foi subindo; a abundancia de capitaes nas grandes praças europeias permittira-nos contrahir empréstimos com modicos encargos. No interior a offerta de dinheiro conservou-se muito forte; nunca obtiveram tão pequeno lucro os mutuantes do thesouro, concorrendo para isto o systema de concurso nos empréstimos a curto praso. Que foi feito de tantas vantagens? Serviram em grande parte ao desperdicio e á devassidão. As despezas ordinarias do estado, que eram 33:960 contos em 1884-85, atreveram-se a ir até 39:165 contos em 1888-89. As extraordinarias, separando já os 5:263 contos pagos pela expropriação das fabricas de tabacos, etc. (este etc. tem uma historia caracteristica dos costumes politicos lusitanos), as extraordinarias foram 6:262 contos em 1888-89; quatro annos antes tinham sido 5:754 contos. Bem calculado o *deficit*, estava em 8:312 contos em 1884-85, e montou a 8:355 em 1888-89. Todas as boas condições de quatro annos foram insufficientes para melhorar a situação financeira de Portugal; pelo contrario, ao cabo d'elles estava peor que no principio, embora o recurso ao credito houvesse ministrado ao governo, durante o quadriennio, quasi 46:000 contos!

A má, a desordenada e peccaminosa gerencia dos negocios

¹ Só um dia esteve a 6; e se foi mantido a 5 durante cento e cinco dias, conservou-se cento e doze a $2\frac{1}{2}$, noventa e oito a 3, sete a $3\frac{1}{2}$ e quarenta e dois a 4.



publicos e tambem dos particulares, foi a principal causa dos desastres financeiros; se o cambio do Rio e os embarços bolsistas nos prejudicaram muito, supportariamos facilmente o prejuizo, e nem o credito nacional padeceria, se tivessesmos empregado intelligentemente e honestamente os valiosissimos bens que estiveram á nossa disposição.

Uma das manifestações dos maus costumes politicos é a decadencia parlamentar; as cortes inconstitucionalmente delegam no executivo os seus poderes aliás intransmissiveis; as dictaduras tornam-se regra; os decretos d'ellas multiplicam-se, multiplicando quasi sempre a confusão administrativa, augmentando inopportunamente os gastos, e ampliando o arbitrio ministerial de modo a facilitar maus favores a particulares á custa de bons dinheiros publicos. Os modernos processos dictatorios luxuosamente organisam a corrupção politica e desorganizam as forças uteis do paiz. Contam-se aos milhares os censores vigorosos d'este fomento do parasitismo; cada partido opposicionista brada contra elle e o denuncia ao povo; mas cada partido, apenas se torna poder publico, usa continuar e engrandecer as tradições que eloquentemente combatera.

Um dos mais impressivos exemplos de transmissão inconstitucional do poder legislativo ¹ occorreu em 1891; a lei de meios veio carregada com auctorisações parlamentares. Homens notaveis pela sciencia e pratica dos negocios não hesitaram em concedel-as, justificando-as com a necessidade imperiosa de habilitar o governo a cumprir o programma salvador. As côrtes, em vez de minuciosamente discutirem o problema financeiro, e tratarem de o resolver, quasi pediram encarecidamente aos minis-

¹ A carta constitucional portugueza diz que a divisão e harmonia dos poderes politicos é o principio conservador dos direitos dos cidadãos, e o mais seguro meio de fazer effectivas as garantias que a constituição confere; e, depois de estabelecer este principio fundamental, marca as attribuições dos diversos poderes; se qualquer d'elles tivesse a faculdade de os delegar n'outro, a divisão tão preconizada cessaria de facto; os legisladores, por exemplo, e os juizes passariam para o executivo o direito de legislar e julgar; as auctorisações parlamentares, quanto menos limitadas, mais atacam, portanto, o espirito e a letra da carta.



tros que para si tomassem toda a tarefa legislativa, e as mandassem embora, a ellas, como assembléas que mais os embarçariam do que auxiliariam! Nunca foi tão longe a desorientação politica. Jámais chegaram a tal extremo as consequencias dos constantes attentados contra o espirito e a letra do nosso direito publico.

Entre as auctorisações havia a de reformar o Banco de Portugal; n'ella se baseou o decreto de 3 de dezembro de 1891, de accordo com a administração d'esse estabelecimento de credito; e no relatorio de 3 de fevereiro de 1892, assignado pelo conselho geral d'elle, foram expostos aos accionistas os motivos da reforma.

As modificações decretadas são valiosas; o governo que as aceitou não poderá gloriar-se d'ellas; a administração do Banco, pelo contrario, tem direito a affirmar que obteve grandes vantagens para os seus mandantes; convém examinal-as, já pela sua gravidade, já para se conhecer como entre nós são tratados negocios transcendentos.

II

N'este exame auxiliar-me-hão os relatorios do proprio Banco de Portugal; comparando-se o de 1887, ácerca da lei de 27 de julho d'esse anno, com o de 1892, concernente ao novo accordo, as contradicções saem evidentes; doutrinas oppostas são ali advogadas sobre pontos essenciaes ao regimen de estabelecimentos emissores.

A lei mencionada concedeu o curso legal ás notas nas localidades onde o Banco tivesse agencia, e n'um raio de 5 kilometros a partir d'ellas; a concessão caducaria desde o momento em que, por qualquer motivo, se interrompesse a troca em ouro na delegação respectiva; quando muito, e acima de certa quantia, poderia o reembolso demorar-se quatro dias nas agencias ou filiaes.

A convertibilidade é, com effeito, indispensavel para que



seja simplesmente legal o curso, e não forçado como hoje. Um relatório do Banco dizia em 20 d'agosto de 1887:

«Esta disposição, destinada a garantir e assegurar o desenvolvimento da circulação fiduciaria, fica *absolutamente adstricta e dependente da convertibilidade immediata*. Cercando-se a instituição emissora de todas as garantias aconselhadas pela experiencia bancaria; regulando-se a emissão fiduciaria por fórma a não se poder duvidar da completa segurança do seu machinismo, o curso legal obedece na lei á exclusiva idéa de facilitar e desenvolver a circulação».

O garantir quanto possível a convertibilidade era uma das mais difficeis partes do trabalho legislativo. Determinou-se que a importancia total das notas estaria sempre representada por valores de realisação facil, n'um praso não superior a tres mezes, e pela reserva metallica; esta reserva nunca seria inferior a um terço do total das notas circulantes e de outras quaesquer responsabilidades á vista; só excepcionalmente poderia baixar d'esse limite, quando, «em vista de exposição motivada no conselho geral do Banco, o governo, por decisão tomada em conselho de ministros, assim o auctorisasse».

O relatório de 1887 commentou nos seguintes termos estas disposições:

«Adoptou-se geralmente como regra, baseada na analyse das fluctuações monetarias, a proporção de um terço dos compromissos á vista, como sufficiente para garantir a convertibilidade nas condições normaes da circulação.

«Com o fim de prevenir embaraços que eventualmente podessem advir da fixação de um limite sempre invariavel e absoluto, admittiu-se, por excepção, a possibilidade de descer a limites menores... A conveniencia d'esta faculdade é manifesta...

«*Não podendo esta faculdade utilizar-se sem resolução expressa do conselho de ministros*, não é de receiar que ella se exerça arbitrariamente com prejuizo da segurança da circulação e dos interesses publicos».

Em 1891 outras foram as idéas reinantes no Banco de

Portugal. O accordo entre elle e o estado estabelece que: 1.º a reserva poderá descer a um quinto das notas circulantes e depositos á vista; 2.º em casos extraordinarios de crise, ou de pânico, d'onde resulte corrida de portadores de notas, a convertibilidade pôde ser submettida a restricções, quando indispensaveis á manutenção dos limites minimos da reserva. Em ambos os casos é precisa auctorisação do governo.

O relatorio de 1892 acha tudo isto excellente. Já não é necessaria a resolução expressa do conselho de ministros; basta auctorisação governativa, isto é, um officio ou portaria do secretario dos negocios da fazenda para que a reserva desça a um quinto em vez de ficar, pelo menos, em um terço, ou para que as notas não sejam francamente convertidas em metal.

Em 1887 a administração do Banco, atacando largamente a liberdade emissora, accentuou que a convertibilidade é indispensavel á nota para funcionar como instrumento de credito identificado com a moeda. Agora agrada-lhe uma clausula que antecipadamente concede ao Banco a mais ou menos clara moratoria para as dividas por notas, sempre que a reserva tiver descido a certo nivel! Considera de interesse publico a manutenção de prefixa quantidade de metal precioso nas caixas do Banco; e tanto basta para que os portadores de notas sejam obrigados a aguardar o reembolso da respectiva importancia até que lhes chegue a vez, segundo o arbitrio bancario-governamental. Não será a completa e provada impossibilidade de pagar immediatamente a quem deve, que fundamentará a concessão de moratoria; não será no tribunal ou na assembléa dos credores que se hão de apreciar as circumstancias especiaes que tornaram difficil a situação do Banco; não será conforme o procedimento da gerencia que o favor da móra será feito ou negado; basta que os portadores de notas, correndo a buscar o seu dinheiro, extráiam tanto metal, que a reserva desça a um quinto da importancia da moeda fiduciaria em circulação e dos depositos á vista, ou baixe a 3:000 contos.

Porque se adoptaram estas *providencias*? O relatorio do Banco apresenta as seguintes razões:



1.^a RAZÃO. «A fixação dos limites mínimos ás reservas metálicas é o proprio reconhecimento legal da impossibilidade de se respeitar até o extremo a obrigação da convertibilidade das notas».

Não me parece que seja assim. Quando as leis marcam limites mínimos, unicamente pretendem estabelecer uma garantia contra o perigo de cessação de pagamento; bem sabem que não é uma garantia absoluta, eficaz em todos os casos; estabelecem meramente uma regra de prudencia, que os administradores dos respectivos bancos deverão reforçar segundo as indicações praticas; os legisladores que marcam limites mínimos, como o do terço em metal precioso, não podem ignorar que esta proporção é aconselhada por um grosseiro e até contradictorio empirismo; nenhum d'elles, cuido eu, quiz affirmar, ao torná-la obrigatoria, que reconhecia, *ipso facto*, a impossibilidade de manter o reembolso até ao fim. Uma coisa nada tem com a outra. Acaso o conselho geral do Banco desejava dizer que seria impossivel converter em metal as notas até á ultima, se os portadores corressem todos simultaneamente? A asserção nem ainda assim ficaria absolutamente exacta. E que ficasse, nada tem com isto a fixação legal do minimo.

Passo á

2.^a RAZÃO. «Reconhecida esta impossibilidade e admittido aquelle principio, é melhor consignar desde logo na lei organica a prevenção do facto e o meio regular de o prover de remedio, do que aguardar providencias extraordinarias de occasião, que são quasi sempre um motivo de descredito e origem de maior abalo que o occasionado ás vezes pela propria crise».

A prevenção do facto?! Mas o accordo não previne a corrida, nem a impossibilidade de pagamento; quanto á corrida até a põe por condição necessaria das restricções ou da moratoria; quanto á impossibilidade de conversão das notas, como a previne se não dá recursos ao Banco para as trocar? A nova clausula unicamente serve de chamar-se legal a restricção (?) do reembolso. E não me parece que da rhetorica dependa o credito ou descredito do instituto emissor. No dia em que o Ban-

co fôr auctorisado a tomar taes precauções, é quasi certo que o publico em geral e os portadores das notas em particular não farão juizo tão favoravel das faculdades monetarias d'elle..., como se o reembolso continuasse; o credito será, pois, abalado, embora se diga que os credores foram mandados sahir sem dinheiro para se manter certa reserva metallica em harmonia com o estatuto. Ainda que o legislador não tivesse permittido esta desculpa, nenhum proprietario de notas ignoraria que, se não cobrava a moeda que lhe deviam, era porque a não possuiam, ou porque preferiam ficar com ella...

Supponha-se que no accordo não estava a clausula de que trato, e que os portadores da moeda fiduciaria corriam a exigir o dinheiro solemnemente promettido; se fossem de tal importancia as exigencias que, antes de satisfeitas, a reserva attinxisse o minimo legal, — o Banco suspenderia talvez pagamentos para subordinar-se ao preceito estatutario, caso não preferisse pedir auctorisação para continuar pagando; a influencia d'este desaire sobre o seu credito variaria principalmente segundo as condições financeiras do Banco; se tivesse recursos para dentro em breve continuar pagamentos, se o balancete, commentado sinceramente pela administração, mostrasse que superabundavam meios de satisfazer em muito curto praso todas as responsabilidades á vista, o abalo seria passageiro, e até poderia dar ensejo a robustecer-se a confiança. Pelo contrario, se na vigencia do novo contrato se dér a suspensão ou restricção legal do reembolso para que se ha de manter certa reserva metallica, e o exame do inventario do Banco mostrar que são más as condições d'elle, não será a auctorisação governativa ou a mencionada clausula quem lhe ha de manter o credito. Em 1876, a 18 de agosto, o Banco de Portugal suspendeu pagamentos; no dia 16 a reserva em ouro importava sómente 471 contos, circulando em notas 2:232; apesar d'isto, como em breve conseguisse recomèçal-os, a sua moeda fiduciaria voltou a ser bem aceite; em 31 de março de 1876 a circulação foi de 2:949 contos; em 30 de junho, 3:274; em 30 de setembro, 3:239; em 30 de dezembro, 3:590; apenas uma leve depressão no fim do 3.º trimestre;



a crise, apesar de muito grande, só deixou passageiros vestígios no curso d'esta especie de moeda; por isso a direcção escreveu no relatorio concernente áquelle anno: «Revelam estas cifras a confiança que continúa a inspirar o papel fiduciario do Banco, excedendo a circulação no ultimo dia do anno findo a importancia maxima a que se elevára em 1875 e que fôra de 3.554:886\$000 reis».

Os estatutos d'esse tempo, que eram os approvados por decreto de 6 de maio de 1857, não marcavam o minimo da reserva; somente ordenavam que as emissões fossem feitas em proporção tal que nunca obrigasse o Banco a differir ou interromper pagamentos; apesar de tão desnecessario conselho, a interrupção realisou-se, mas não teve tão funestas consequencias como anno passado, embora a lei de 1887 marcasse o infimo nivel da existencia metallica. A diversidade das circumstancias economico-politicas determinaram a differença fundamental dos factos. Em 1891 a auctorisação governativa (se acaso existiu), para diminuir a reserva de ouro a menos do terço, não melhorou o credito do Banco; o decreto de 7 de maio, permitindo maior diminuição, concedendo pagar em prata as notas de ouro, e allegando que esse instituto precisava d'estas liberdades para *soccorrer os outros estabelecimentos*, não lhe pôde favorecer a fama; e a moratoria, dada pouco depois, tambem o não rehabilitou; o publico, desde algum tempo desconfiado, comprehendeu que a circulação fiduciaria se não proporcionára aos recursos disponiveis; as noticias de favores, inopportuna e indevidamente feitos a sociedades anonymas, confirmaram que o proprio Banco era dos que mais necessitavam soccorro, e que as suas desacertadas relações com o thesouro tinham prejudicado o credito das notas, muitissimas das quaes foram illegalissimamente lançadas na corrente circulatoria, depauperando-a com grave prejuizo nacional.

Sendo este o depoimento dos factos, que motivo ha para suppôr que o publico fique tranquillo sobre a sorte dos titulos ao portador e á vista, quando o governo ordena adiamento, ou restricções do reembolso d'elles?



Mas ainda outro argumento apparece no relatorio; é a 3.^a RAZÃO. «As reservas não deverão descer, em caso algum, abaixo de $\frac{1}{5}$ da importancia das notas em circulação e dos depositos exigiveis á vista; e porque se pôde dar a hypothese de que a circulação torne a descer a proporções relativamente pouco avultadas, entendeu-se que o *stock* metallico do Banco de Portugal, como natural depositario da maior reserva metallica do paiz, nunca deveria ser inferior a 3:000 contos de réis. Para isto se conseguiu, como conveniencia publica que é, forçoso se tornava prevenir os casos em que corridas incessantes para o troco de notas podessem affectar o limite minimo das reservas, esvasiando os cofres do banco».

A conveniencia publica principalmente exige que os estabelecimentos emissores procedam com o maximo cuidado, e não exagerem a circulação de notas, como desastadamente o Banco de Portugal teve de fazer, ainda antes do decreto de 7 de maio. Não ha motivo algum para affirmar que o paiz lucra mais em que esse instituto, dada uma corrida, mande embora os seus credores desde que a reserva desça a 3:000 contos, do que lucraria se lhes fosse pagando. E a poder-se provar o contrario, deveria legislar-se de modo analogo para todos os bancos ainda que não fossem emissores; tanta razão ha para marcar o minimo de reserva, que dá direito a suspender ou restringir a troca das notas, como para marcar o que dê faculdade identica em relação aos cheques dos depositantes. Se a existencia de 3:000 contos no Banco de Portugal é uma garantia de bom regimen economico, deve-o ser tambem a permanencia de 2:000, ou 1:000, ou outra quantia, nos bancos de menor porte. Porque não são todos elles auctorisados a suspender pagamentos quando assim desça o nivel dos metaes preciosos em seus cofres?

Maior razão, ou menor sem-razão haveria para o permitir a institutos independentes do thesouro, e não-emissores, do que ao Banco de Portugal; tornada bem publica essa clausula, não lhes confiasse dinheiro quem não a quizesse para si. Varios estabelecimentos já desde muito impozeram aos depositantes uma condição que até certo ponto garante os depositarios con-

tra os effeitos ordinarios das corridas; mas as notas do Banco de Portugal têm de ser aceites por força, ainda após o restabelecimento da circulação metallica, e em peiores condições do que no regimen decretado em 1887, como provarei; por isso mesmo devia o estado ser mais severo na exigencia de cuidados com a manutenção do credito das notas. Prescrever desde já que a baixa da reserva a 3:000 contos auctorisa restricções no pagamento das notas, é attribuir aos algarismos virtudes que não possuem, e deixar que legalmente dormite, ou repouse, quem devia estar sempre muito vigilante.

E porque hão de estacionar na caixa os 3:000 contos? Quem pôde assegurar desde já que em todas as circumstancias futuras será melhor guardal-os do que ir pagando? Não haverá casos em que a continuação do pagamento por mais algum tempo evite que uma crise incipiente se desenvolva formidavel? Quem pôde assegurar que a interrupção do reembolso das notas não actuará mais prejudicial na circulação e nos cambios do que actuará beneficemente para o publico o permanecerem inertes todos os 3:000 contos? Esta clausula não propaga desconfiança e pressa de trocar, ainda quando a reserva esteja sensivelmente superior ao minimo? O relatorio limitou-se á raza affirmação que transcrevi; e o ex-ministro da fazenda não fundamentou doutrinalmente o decreto de 3 de dezembro de 1891, embora procurasse resolver um dos mais delicados problemas economicos.

III

Ha pouco affirmei que, ainda depois de restabelecida a circulação metallica, ficará em peiores condições o curso legal das notas do que o estava segundo a lei de 1887. Já disse o que a respeito d'elle determinava esta lei. Resta-me transcrever o que ordena o decreto de 1891; dispõe o seguinte na base quinta:

«As notas do Banco de Portugal ficam tendo curso legal em todo o territorio do continente do reino indistinctamente.



Nas localidades onde não houver agencias, o banco facilitará o troco por intermedio das recebedorias de comarca, de accordo com o governo».

As differenças entre o passado e o futuro regimen são claras e grandes: outr'ora o curso era legal somente nas localidades onde houvesse agencias, e a cinco kilometros de distancia; agora estender-se-ha a todo o continente. Outr'ora as agencias eram obrigadas a trocar as notas em metal, com restricções bem delinidas; agora, onde não houver agencias, a troca somente é promettida no vago preceito de que o Banco a *facilitará* pelas recebedorias de comarca, de accordo com o governo! Que segurança de convertibilidade offerece esta clausula aos portadores de notas? Quando e como se fará o accordo? Que obrigações definidas poderá ou deverá o thesouro aceitar para promover a circulação fiduciaria, que é sobretudo vantajosa ao estabelecimento que as emitta?

Tambem por outras bases o Banco obteve melhora de condições. D'uma d'ellas diz o relatorio do conselho geral: «A rescisão do contrato sobre as classes inactivas é *um dos beneficios mais importantes que o novo contrato trouxe ao Banco*. Desde o principio que se avaliou e apreciou o inconveniente que o contrato de 1887 importava para o Banco. Era uma larga e longa immobilisação do capital, sem vantagens compensadoras debaixo do ponto de vista do lucro a auferir. Sacrificando o presente a um afastado futuro, o Banco teria de ver immobilizado todo o seu capital social no simples maneo d'esta operação, sem outro recurso que não fosse o da valorisação por meio dos titulos representativos que foi auctorizado a emittir... Adoptou-se quanto á liquidação e reembolso, o systema mais suave e menos oneroso para o estado, alargando-se a amortisação por todo o tempo que ainda resta do privilegio do Banco e com o modico juro de 5 por cento ao anno».

Convém saber que o conselho geral nem sempre considerou desvantajosa a operação sobre o pagamento ás classes inactivas. No relatorio de 6 de fevereiro de 1891 ha o seguinte trecho:

«Tendo o governo sido auctorizado pela carta de lei de 25



de junho ultimo, a contratar com o Banco de Portugal ou com outro estabelecimento de credito, o abono da differença do vencimento dos officiaes reformados de terra e mar da metropole, *nos mesmos termos* do contrato das classes inactivas, entendeu o conselho geral que devia aceitar esta ampliação áquelle contrato, *porque a operação não só é segura, mas de razoavel retribuição, etc.*»

Outra vantagem obtida para o Banco pelo novo accordo é não participar o estado em lucros resultantes do augmento da taxa do desconto: segundo a lei de 1887, eram divididos igualmente pelo Banco e pelo thesouro os provenientes da elevação da taxa entre 5 e 6 em descontos e emprestimos; pertenceriam integralmente ao estado os originados pelo excesso de taxa sobre 6; exceptuavam-se os accrescimos de 2 por cento ás taxas de Lisboa e Porto, nas outras filiaes e agencias. Outra vantagem obtida para o Banco pelo novo accordo, é o poder elevar a circulação das notas ao triplo do capital realiado. A lei de 1887 limitava-a ao duplo. Outra vantagem é o não ser permittido ao governo o exigir que o Banco augmente o capital senão quando a importancia das notas circulantes attingir 38:000 contos. Segundo a lei de 1887, a exigencia podia ser feita logo que o nominal da moeda fiduciaria montasse a 25:000 contos. Outras vantagens para o Banco são a maior facilidade no estabelecimento das agencias, o ser menor a percentagem dos lucros liquidos obrigatoriamente destinada á constituição do fundo de reserva variavel, o levar á conta de ganhos e perdas o rendimento dos titulos que constituem o fundo permanente, em vez de o lançar a credito do variavel; etc.

IV

Que obteve o thesouro em troca de tão importante conjunto de concessões? Só alcançou o que consta das seguintes clausulas:

«O limite maximo do debito do governo, pela conta cor-



rente, será o fixado cada anno economico por accordo entre o Banco e o governo, fixando-se tambem por essa occasião as taxas do juro applicaveis... e as cauções que... deverão ser prestadas. Este accordo será sancionado por decreto.

«Na falta de accordo... o limite maximo... será... de dois annos da importancia' da circulação fiduciaria existente á data do decreto, regulando a taxa do juro medio da divida fluctuante por essa occasião.

«O limite maximo do debito do governo pela conta corrente no actual anno economico é fixado em 6:000 contos, sendo o juro de 5 ou 4, conforme o Banco fôr credor ou devedor».

Pelo anterior contrato, os juros eram de 3 e 4 respectivamente; o maior debito do thesouro n'estas condições fixava-se em 2:000 contos. A nova clausula, relativa ao corrente anno economico, triplica o maximo, e, augmentando a taxa, é como se os 2:000 contos continuassem com o encargo de 4 por cento, e os restantes 4:000 rendessem 5,5 para o Banco. Tanto mais o desembolso effectivo se desviar do maximo, tanto mais subirá a differença entre o encargo novo e o antigo. É certo que durante todo o tempo que o thesouro fôr credor do Banco, lucrará pela maior taxa agora fixada; mas nas circumstancias financeiras em que o paiz tem vivido ultimamente, é provavel que o estado seja quasi sempre devedor até ao fim do anno.

Ainda que o encargo definitivo do emprestimo em 1891-92 attingisse agora 7 ou 8 por cento, não deveria considerar-se excessivo, caso o mutuante fosse um estabelecimento livre; mas tendo o estado feito ao Banco tantos favores, que vale o augmento do credito maximo a 5,5 pelo menos?

Quanto á clausula concernente aos annos futuros, se o juro tem de ser regulado pela média dos encargos da divida fluctuante, não parece que o Banco faça grande sacrificio empregando assim dois nonos, quando muito, da importancia da circulação fiduciaria. E os dois nonos serão o maximo, sempre que assim convenha ao Banco; mas quantas vezes descerá a sommas relativamente pequenas o debito do thesouro? E quantas outras não será a nação crêdora em vez de devedora? Nos ba-

lanços annuaes, posteriores ao contrato de 1887, a conta corrente é assim escripturada pelo Banco:

Annos	Activo	Passivo
1888.....	— \$ —	590:433\$106
1889.....	714:702\$623	— \$ —
1890.....	1:859:803\$178	— \$ —

Em nenhuma das datas o debito do thesouro attingiu 2:000 contos, sendo certo, porém, que pôde tel-os até ultrapassado no decurso de cada um dos annos, visto que o balanço mostra só o estado da conta em 31 de dezembro. Pelo contrario, ao encerrar-se o periodo commercial de 1888, a fazenda publica era crédora do Banco por mais de 590 contos. Em 1887 foi apreciada officialmente em 1:800 contos a média dos fundos que provavelmente o thesouro teria a seu credito no Banco. Em 1888 e 1889 o saldo dos juros foi a favor do estado.

A redacção das clausulas sahiu agora de tal modo, que não se estabeleceu regra para a contagem dos juros quando o saldo da conta fôr favoravel ao estado. No caso de desharmonia entre as duas partes contratantes, como ha de estabelecer-se o accordo? A falta de preceito legal pôde trazer damno ao thesouro.

Seja, porém, como fôr, e ainda posta de lado esta circumstancia, a conta corrente não excede muito as proporções d'uma operação ordinaria, principalmente desde que o Banco é o caixa do estado, e a contagem dos juros se determina pelo preço dos emprestimos a curto praso feitos ao thesouro no mercado livre. Quando as circumstancias financeiras forem más, é, decerto, conveniente ao estado o contar com que o debito ao Banco possa conservar-se alto; mas, além de que este caso não é ordinario, não só o curso legal de uma grande importancia em notas é favor valiosissimo, porém ainda n'essas occasiões de juro alto o Banco terá a vantagem de ficar com todo o lucro proveniente dos descontos e emprestimos a taxa superior a 5; ora em 1890 couberam ao thesouro, por este lucro, quasi 32 contos em harmo-



nia com a lei de 1887; se ainda, na vigencia do novo accordo, lhe tocar alguma parcella de tal ganho, será só indirectamente, como participante no que restar do dividendo de 7 por cento aos accionistas, e da constituição dos fundos de reserva; quando, como em 1890, o dividendo baixar de 7, nada terá a receber.

Allegar-se-ha como proveitosa ao estado a nova clausula que prohibe a elevação da taxa do desconto sem auctorisação previa do governo? A este respeito é instructiva a leitura do seguinte trecho do relatorio de 1887, em que o Banco defendeu que a liberdade da taxa é necessaria ao bom regimen bancario:

«*A liberdade na fixação da taxa normal do juro, dizia elle, não póde deixar de se considerar condição indispensavel para o funcionamento regular da emissão e do seu complexo mecanismo, não havendo fundamento para quaesquer objecções que contrariem este principio que é o mais poderoso elemento defensivo dos bancos emissores, e o nivelador natural de qualquer disequilibrio da circulação fiduciaria. A privação d'este valioso recurso, que decerto é o mais efficaz para regular os capitaes pelo manejo livre do preço, equivale quasi a libertar as instituições bancarias da responsabilidade dos seus actos de administração, por se lhes coarctar o livre arbitrio na parte mais essencial do seu organismo. A rejeição directa das operações é o unico elemento de defeza das instituições emissoras que não dispõem do livre exercicio do juro; mas esta providencia, de sua natureza violenta e arbitraria, dá tão prejudiciaes resultados na pratica, que os estabelecimentos de emissão, protegidos unicamente por este modo, devem-se considerar irregular e defeituosamente constituídos.*

«*Querer tornar o governo do estado arbitro do preço dos capitaes, é principio de economia bancaria que não resiste á mais ligeira critica, nem precisa grande cópia de argumentação para ser absolutamente vencido. A instituição a que se confiar o funcionamento da emissão fiduciaria deve ter plena liberdade de acção sobre o seu mais poderoso elemento defensivo para não poder declinar as responsabilidades do mecanismo bancario sob pretexto de errados e absurdos preceitos, repudiados*

pela sciencia economica e pelas lições da experiencia e dos factos».

Sendo assim em 1887, que sciencia nova e que novos factos vieram durante um quadriennio transformar tão radicalmente os conhecimentos humanos sobre este importantissimo ponto de organização bancaria? Porque se introduziu no contrato recente a clausula da necessidade de auctorisação governativa para a elevação da taxa do desconto, se ha menos de cinco annos se defendeu a liberdade da taxa como essencial á boa gerencia dos institutos emissores? O relatorio do Banco de 3 de fevereiro de 1892, só diz o seguinte, que é transcripto de observações apresentadas por elle ao governo ácerca do projecto que veio a converter-se no accordo novo:

«Actualmente o banco póde augmentar a taxa do desconto sem licença do governo. Para que o não faça com mira em lucros, entendeu a lei que o correctivo era attribuir esses lucros ao governo. Isto é injusto e tem inconvenientes. O augmento da taxa do desconto nunca foi meio de augmentar lucros, porque o seu fim é precisamente reduzir e difficultar os descontos para evitar o desfalque das reservas. O projecto teve em vista, portanto, attender ás eventualidades que podem aconselhar a elevação da taxa do desconto, e tornar impossivel qualquer abuso por parte do Banco, tornando dependente a elevação da licença do governo».

Principios evidenciados pela sciencia e pela experiencia, incompatibilidade entre a boa administração do privilegio emissor e as restricções da liberdade do juro, conhecidos resultados pessimos da ingerencia governativa na fixação do preço dos descontos e emprestimos, — tudo isto que era claro, evidente, ou que só podia soffrer objecções inconsistentes mesmo perante a mais leve critica, — tudo ficou sem valor, tudo morreu ao cabo de pouco mais de quatro annos, como se fôra producto de pura phantasia. Raro se terá visto tão rapida como infundada mudança de doutrinas, desde o ministerio da fazenda até ao Banco, do qual o estado confiou um dos maiores, um dos mais delicados privilegios. E passou-se de uma a outra doutrina sem a mais

leve justificação da mudança; admittiu-se agora, como garantia absoluta contra abusos na gerencia, o que ha poucos annos se condemnava como tão pernicioso e arriscado para ella, que até a impossibilitava de defender convenientemente as suas reservas, e lhe arrancava um elemento indispensavel á regular actividade do complicado mechanismo emissor!

Nas palavras acima transcriptas do relatorio de 1892 não ha, como o leitor viu, a refutação do que outr'ora se affirmára tão categoricamente; mas ha uma contradicção que condemna o que agora veio a ser decretado: se o augmento da taxa do desconto nunca foi meio de augmentar lucros, no dizer d'esse trecho do relatorio, e, pelo contrario, os diminue difficultando os descontos, que necessidade haverá da interferencia do governo para evitar abusos na elevação da taxa? Se o abuso é impossivel por causa do proprio interesse do instituto emissor, para que se introduziu como preventivo d'elle a auctorisação governativa? Prevenir o impossivel é demasiado luxo de previdencia, que fica mal sobretudo em quem tanto precisa de a empregar com toda a economia.

*
* *
*

Em resumo, o novo accordo entre o Banco e o thesouro parece-me fortemente caracterisado por uma série de concessões quasi de todo gratuitas, quando já a circulação de notas ascendia talvez a 28:000 contos, isto é, quando o monopolio emissor devia ser avaliado em muitissimo mais do que o fôra em 1887, e quando o thesouro devia procurar, como nunca, obter d'essas concessões o maximo proveito.

Porto, 24 de fevereiro de 1892.

Rodrigues de Freitas.

*



JOÃO DE DEUS

E A

RENOVAÇÃO DO MODERNO LYRISMO ¹

João de Deus achou a nota fundamental do seu lyrismo, o amor; o sentimento universal e eterno fez com que se encontrasse pela simplicidade da linguagem entre o povo e os grandes genios que synthetisam na sua palavra as emoções da humanidade. As poesias amorosas de Coimbra, as mais apaixonadas e repetidas em todos os pontos de Portugal, apparecem confundidas nas *Flôres do campo*, com outras já inspiradas por situações moraes angustiosas; pelos cadernos manuscriptos colligidos entre 1855 e 1865, conhece-se nitidamente o que pertence a esse periodo do mais puro lyrismo, desde a definição nitida das tonadilhas populares até á mais alta transfiguração da surpreendente elegia *A Vida*. O poeta tinha pulsado toda a lyra humana; o que soltára ao vento já bastava para caracterisalo conscienciosamente pelo maior conhecedor da poesia universal: «*il primo poeta d'amore non solo del Portogallo, ma di tutta Europa...*» ². Basta-nos indicar os titulos das principaes poesias de João de Deus para se fixar esta idealisação ascencional: *Dê, Amo-te muito, No leito conjugal, Ella e Deus, Amores, amores, Heresta, Lagrima celeste, Apparição, Rachel, Fo-*

¹ Continuado da pag. 278.

² Marco Antonio Canini, *Libro dell' Amore*, pag. xxxi.



lha cahida, Adeus, Maria, Adeus tranças côr de oiro, Beatriz, a Hermann, E a lua desce, Aos seus olhos, Mãe e filho, Meu doce lyrio, O ultimo adeus, A lua, O beijo (fragmento do episodio da Francesca di Rimini), *A Vida*.

Todas estas poesias vêm colligidas nas *Flores do campo* com titulos differentes, e como já observámos com alterações fundamentaes. Ha porém outras poesias d'este periodo que João de Deus deixou de colligir, talvez por ter perdido a memoria d'ellas; e são: *Amo-te, flôr, A A. Jenny, No tumulo, Fique em silencio eterno a minha Lyra, Saudade, Deixa, N'um album, E a lua desce*. O estudo d'estas variantes capitaes, com omisso e ampliação de estrophes, prestava-se a um valioso estudo sobre a arte de João de Deus; mas a arte é uma das manifestações da sua vida, e esta explica-nos o porquê d'essas modificações. O poeta vivia no descuido de si proprio, meio temperamento, meio desalento; elaborava mentalmente as suas poesias e recitava-as já perfeitas; o primeiro dos amigos que o cercavam escrevia, e outros que vinham pediam novo ditado, que se ia modificando segundo lhe occurriam as reminiscencias; d'ahi novos versos e novas estrophes. Se os editores das *Flores do campo* tivessem recorrido aos cadernos manuscriptos dos entusiastas, e não ao poeta no seu periodo de desalento, que se prolongou além de 1868, teriam fixado um texto mais expressivo. A poesia *Ella e Deus*, acha-se nas *Flores do campo* (pag. 53) com a fórmula estrophica deturpada, fazendo-se de cada quadra uma parrelha de endecasyllabos. Nos manuscriptos anda tal como foi composta:

Thuribulo suspenso
Inda fluctúo,
Emquanto a alma em incenso
Restituo.

Mas quando como fumo
Se esvái,
Minha alma, vai teu rumo,
Sobe e vai!

.....



Outras vezes o texto das *Flôres do campo* offerece a superioridade de uma feliz reelaboração, como na cançoneta *O beijo* (pag. 44); na época de Coimbra constava apenas de quatro estrophes, a que o poeta, no Alemtejo, accrescentou mais oito estancias desenvolvendo a situação idyllica. *No leito conjugal* (*Flores do campo*, pag. 90), que consta de dez estrophes, faltam-lhe as seguintes: Depois da 4.^a:

Cerca-te o leito aéreo
Delgado e raro véo,
E a estranhos... que mysterio
Eburnea flôr do céu!

E porém augmentada esta, depois da 5.^a:

Não segue acaso a sombra
Teu corpo sempre, flôr!
E pois, porque te assombra
Meu insensato amor?

E depois da 7.^a faltam estas duas:

Seu labio um dia aromas
No seio meu verteu,
E em sonho inda me assomas
Dóce visão do céu!

E quando a estrella treme,
E a aurora abrindo vem,
Inda em ti pensa e geme
Por ti no mundo alguem.

Fôra do texto das *Flores do campo*, e continuando a decima estrophe, vem estas quatro estancias não colligidas:

Em premio, intima gota
D'ambar do coração.
De Deus, se é digno, dou-t'a,
Em premio do perdão!



A mais não penso eu, triste.
 Nunca aspirar nem pude...
 Vergontea... que partiste
 As cordas do alaúde.

Mas se inda o mal que vasa
 Teu labio, flôr! me ungisse,
 Ou penna da tua aza
 Em minhas mãos cahisse;

A ave harmoniosa
 No hombro pousar-me-ia
 E assomar-se-ia a rosa
 Ao nome de Maria!

Na *Heresta (Flores do campo, pag. 121)* falta esta quadra final:

E agora se o desejo
 Te satisfiz em premio
 D'um canto, d'alma gemeo
 Um gemeo e dôce... beijo.

Não fazemos aqui um estudo critico exclusivo do texto poetico de João de Deus, mas simplesmente para observar como a elaboração *in mente* influiu na instabilidade das composições colligidas em ocasiões diferentes; na poesia *A Vida (Flores do campo, pag. 160)*, uma das mais bellas idealisações da litteratura portugueza, falta a pag. 162, logo depois da terceira estrophe, a seguinte:

Quando o annel da bocca luzidia
 Vermelha como a rosa cheia d'agua,
 Em beijos a saudade abrindo a mágua
 Mil rosas pela face me esparzia.

E a pag. 164, falta depois da primeira estrophe:



Que é d'essa franja comprida
 D'aquelle chaile mais leve
 Que a nuvem côr de neve,
 Margarida!

Depois da 3.^a estrophe da pag. 166:

Levou, sim, como a folha que desprende
 D'uma flôr delicada o vento sul,
 Como a estrella que esplende
 N'essa abobada azul.

Não consignamos aqui as poesias não colligidas da época de Coimbra, porque nos alterariam as proporções d'este estudo, e temos esperança de cooperar n'uma edição critica de toda a Lyrica de João de Deus. Para formar um juizo claro da influencia na geração moderna é preciso seguil-o nos accidentes da sua vida. Depois da sahida de Coimbra, em 1862, o poeta fixou a residencia em Beja durante alguns mezes; era sinceramente *un homme de rien*, um grande poeta incapaz de se submeter á advocacia provinciana; alli viveu com a rapaziada da terra que sustentava o jornal *O Bejense*, e para comprazer com esse acanhado meio entrou no pandemonium jornalístico sem queimar as azas. Nos differentes numeros do *Bejense* encontram-se versos seus, alguns dos quaes não foram colligidos; indicamos o que alli está espalhado: *Crasso e Eu* (n.º 50, 1861, assignado Charles Mackay, Sines); *A uma velhinha* (n.º 108); *Ella e Deus* (n.º 139); *Os Lusíadas e a Conversação preambular* (n.º 150, III anno, 1863); *A uma Senha* (n.º 185, 1864); *O Verbo divino* (n.º 187, 1864); *Patria*; *Uma carta sem assignatura* (n.º 195, 1864); *A Folhinha* (n.º 197); *Deixa* (n.º 197); *As que não engeitam os filhos* (n.º 209); *Jasmins e Rosas* (ib.); *Cantiga* (n.º 201); *Margarida* (n.º 311); *Innocencia* (n.º 317); *Margarida — A um amigo — Psalmo* (n.º 331); *Questões do tempo* (n.º 332); *No tumulo* (n.º 334); *A Amelia Jenny* (n.º 355); *Cançoneta* (n.º 353). O poeta achava-se na situação desesperada em que se viu Camões em Moçambique; elle bem sentia a



identidade moral, quando, precedendo a dissidencia de Coimbra, se insurgiu em 1863 contra Castilho, que na sua infallibilidade papal declarára, que nenhum poeta moderno portuguez assignaria sem vergonha uma oitava dos *Lusiadas*.

João de Deus regressou a Messines, onde o bom-senso paternal do activo proletario não se conformava com a indole contemplativa do bacharel. Sahiu para Portimão, onde andou na vida desenfadada da caça, absorto n'aquella natureza esplendida; e veio parar a Evora, onde continuou a entregar-se á poesia, collaborando em 1865 e 1866 na *Folha do Sul*, redigida pelo seu amigo Manoel Vianna, que em Coimbra o forçára a escrever na *Estreia litteraria*, e pelo dr. Augusto Filippe Simões, que veio a suicidar-se depois de entrar como lente para a faculdade de medicina. Na *Folha do Sul* (2.º anno, n.º 85, 1865) publicou essa sentidissima poesia *Marina*, que veio a continuar ainda em 1866 (n.º 176) acompanhada de um commentario em prosa de uma construcção vacillante lembrando por vezes o estylo da *Menina e Moça*. No mesmo jornal publicou a poesia *Luz da Fé* (n.º 89), á qual Anthero de Quental respondeu no seu periodo de insurreição mental com a *Luz do Sol* (n.º 93); *Satisfação* (n.º 101); *Carta a Alberto Telles sobre as Rimas* (n.º 104). Vê-se que o poeta se ajudava na lucta pela existencia com esta mesquinha collaboração jornalistica, onde a sua superior organização moral se não corrompeu. Elle porém ia ser submittido a uma prova mais terrivel: em 1868 achou-se involuntariamente eleito deputado por Silves! Assim o quizeram dois amigos influentes que acreditavam na saude moral, e no poder extraordinario da sua eloquencia natural revelada na conversação! Um d'esses amigos José Antonio Garcia Blanco, é que fez colligir as poesias aque deu publicidade em 1869 sob o titulo despretençioso *Flores do campo*. A entrada no parlamento e o successo do livro coincidiram; o poeta era admirado, e esperava-se uma estreia assombrosa nas pugnas politicas. É natural mesmo que os amigos de João de Deus empurrando-o para o parlamento julgassem abrir-lhe caminho na vida por essa fórma, para que elle sahisse da apathia e revelasse a sua



pujança. Se João de Deus fosse uma mediocridade intellectual, ou um d'esses degenerados a quem falta o senso moral, e com a audacia do desvergonhamento se apresentam ao encontro de todas as veniagas e se prestam ás mais degradantes torpezas, — o parlamento levaria João de Deus ás culminancias de ministro, transformal-o-ia em capitalista, embaixador, tudo quanto se pôde fazer do barro vil. João de Deus entrou no parlamento, na sua pureza de consciencia, e achou-se alli estranho, percebendo tanto da ordem do dia, das moções e propostas que se ventilavam, como em uma feira perceberia os signaes que entre si trocam os ciganos, quando por entre os actos licitos do commercio vão realisando os seus *inconfessaveis interesses*. João de Deus abandonou de vez a vida publica; o seu valor moral era negativo n'esse conflicto, onde os mais audaciosos se despem da dignidade exercendo uma arte, que Vieira não previu, a *Arte de ser ministro*.

Em uma carta, datada de 1714, escripta por Lady Montague a seu marido, acha-se indicado um processo seguro para no caminho aventureoso da politica chegar a ser ministro. Transcreveremos as palavras da espiritiosa dama, para comproval-as com os factos da historia contemporanea do parlamentarismo em Portugal, e assim concluir que mesmo nos actos de decomposição de uma nacionalidade existem leis sociologicas, que importa conhecer e pôr em relevo. Escrevia Lady Montague:

«Nunca o homem modesto fez nem fará fortuna. O vosso amigo lord Halifax, Robert Walpole, e todos os outros individuos notaveis pelo seu rapido engrandecimento, foram impudentes até ao extremo grau. O ministerio é como uma representação dramatica na côrte. Alli não ha senão uma porta estreita para entrar, e uma grande multidão da parte de fóra, onde cada qual afasta os outros para chegar primeiro. Aquelle que dá cotovelão nos que o acercam, e não faz caso do pontapé que o impelle para diante, esse avança sempre, seguro de alcançar um logar bom. Porém o homem modesto fica para traz; todos o atropellam; rasgam-lhe o fato, abafam-no, e elle vê passarem-lhe adiante mil tratantes que não valem uma unha das suas...»



Este phenomeno, que Lady Montague notava no parlamentarismo inglez, no começo do seculo passado, repete-se no fim do presente seculo, que se debate no esgotamento e esterilidade politica, porque os ideologos da Restauração tentaram implantar a pedantocracia ingleza. Quem mais fallar nos parlamentos e mais desenfreadamente escrever nos jornaes, converte-se em uma potencia, que os governos procuram comprar, e por fim torna-se tambem governo pela força da propria impudencia. Onde a realza deixou de ser uma instituição normal e se converteu em uma transacção com a soberania nacional, a constante sophismação das garantias publicas torna necessario o conluio e os accordos com as vigorosas opposições.

O meio politico era, pois, uma atmospherá asphyxiante para uma organização moral como a de João de Deus; esteve no pateo dos leões sem ser devorado, como se conta do propheta Daniel, e preferiu immergir-se na sombra, na nullidade, na indigencia em vez de ataviar-se com os guisos da infamia politica. De 1869 a 1877, em que começa o apostolado da *Cartilha maternal*, João de Deus soffreu as mais dolorosas privações com aquelle sorriso dôce que transparece nos retratos de Ariosto: a submissão á realidade modificada pela imaginação, sempre animado pelo sentimento da sociabilidade. Possuimos um epigramma inedito de João de Deus em que pinta a sua situação desolada, mas para rir-se:

Vendo-me um amigo um dia
A cama feita no chão,
Por um milagre que não
Lhe deu uma apoplexia.

E, (o que é estar acostumado
Aos regalos da riqueza)
Disse-me ele: — Com franqueza,
Tu és muito desleixado;

Um leito faz grande falta,
Eu vou-t'o já arranjar...
«Queres-me a cama mais alta
Morando n'um quinto andar?»



Effectivamente o poeta morava em um quinto andar da travessa da Palha, d'onde descia ao anoitecer para dar algumas voltas em redor do Rocio; durante o dia trabalhava á machina de costura para a loja de roupas brancas dos irmãos Declas, suissos, estabelecidos no Chiado; e para cumulo de soffrimento, compunha quadras e disticos para papeis de rebuçados de uma confeitaria! É a agonia de Gethsemâni. O poeta voltou novamente á satyra; nem podia deixar de ser. *Semper ego auditor tantum, nunquam ne reponam*, dizia Juvenal, *vexatus toties?* D'esta vez vibrava a satyra politica. Ha um soneto feito ás salvas funeraes da imperatriz, viuva de D. Pedro IV:

Ditosa d'uma augusta personagem!
Que em exhalando o ultimo suspiro,
De quarto em quarto d'hora ouve-se um tiro,
O que é de uma grandissima vantagem!

Nós cá temos no lucto outra linguagem,
Que é o pranto, o silencio e o retiro:
Elles, tiros de peça! Não admiro!
São pessoas de altissima linhagem.

São pessoas reaes; os mais, abortos,
Em que os cavallos do seu coche encaham;
E elles vão indo, extaticos, absortos...

Não se lhes dá das lastimas que espalham,
E ainda menos que, depois de mortos,
Quebrem o somno aos pobres que trabalham.

Um dos mais disvelados amigos de João de Deus, que o acompanhou n'este periodo de desolação, Fernando Leal, publicou no *Districto de Faro* (n.º 661, 10 de outubro de 1888) um folhetim com o titulo *Um Soneto de João de Deus*, em que descreve o modo como o poeta foi levado a empunhar o látego do sarcasmo. Transcrevemos as suas proprias palavras:

«Era por 1870 e tantos, em Lisboa. Fallecera a «augusta personagem» de quem se trata n'aquelle soneto. Em consequen-



cia d'esse passamento real, ou imperial, durante tres dias e tres noites o castello de S. Jorge, os fortes da barra e os navios surtos no Tejo atroavam os ares, de quarto em quarto de hora, com o estridor dos seus tiros. A cidade inteira estava sobressaltada, alvoroçada, com os frequentes estampidos da funebre artilheria; os predios tremiam, como se os abalasses successivas convulsões subterraneas; as creanças choravam de terror; os habitantes todos não socegavam; ninguem dormiu em Lisboa, n'essas longas e afflictivas setenta horas. Quem escreve estas linhas dormiu algumas vezes, em pleno sertão africano, embalado pelos roncões do leão ou pelas casquinadas estridentes e sarcásticas das hyenas; mas não foi capaz de adormecer durante essas tres noites e esses tres dias de supplicio neo-dantesco...

«Ora, na terceira d'aquellas noites de fragor, de insomnia e de pesadelos para a cidade do Tejo, eis o que se passava em um quinto andar da travessa da Palha, onde então morava, com sua familia, o segundo poeta lyrico de Portugal — porque o primeiro é Camões; primeiro como lyrico, pois, como épico, já se sabe que é unico. Um irmão de João de Deus, o estimabilissimo padre Antonio Ramos, que passou aquella noite no escriptorio do poeta, foi quem me contou isto. João tinha pessoas de familia doentes; a insomnia forçada e o sobresalto contínuo eram um desespero, cuja causa era soberanamente estúpida; pois outra coisa não se póde chamar ao facto de incommodar e affligir milhares de vivos por causa de vãs honrarias, prestadas a uma pessoa morta. Alta noite, padre Antonio sente no silencio da casa um lento arrastar de chinelos e uma voz de estremunhado aproximar-se, resmungando. Era o poeta, que do seu quarto de cama se encaminhava para o escriptorio, a fallar só. E o padre, na calada da hora, percebeu estas palavras:

« — Deixa estar, minha figurona, que já não vaes sem soneto ao rabo!

«E textual. E eu seria um franco imbecil, se por medo de terir conveniencias, adulterasse a phrase, para lhe attenuar a pittoresca energia.



«Padre Antonio, contendo a custo uma gargalhada, fingiu que dormia, para não perturbar a *vis* poetica do irmão. Entrou o poeta no escriptorio, abancou-se e escreveu o soneto que se lê a paginas 94 das *Folhas soltas*.

«É essa composição terrivel, em que perpassa não sei que sopro do *Magnificat* (*deposuit potentes de sede!*) quando, á ironia agudissima dos quartetos, succede a cólera, tanto mais explosiva quanto se vê que é represada, dos tercetos. O lyrico meiguissimo das *Flores do campo*, — *affetuosó e ténero*, — como lhe chamou um illustre escriptor italiano, transfigurára-se, como se transfigurou o manso Jesus, que se enternecia perante as mulheres e as creanças, para expulsar os vendilhões do templo, a golpes de azorrague. A indignação, como a Juvenal, ditava ao poeta aquelles versos, cujo tremendo remate mais parece bramido por um Isaias do seculo do Anarchismo e do Nihilismo. Com effeito, dir-se-ia que o poeta arrancou, essa noite, as cordas diamantinas da sua lyra, para as torcer em um latego de raios, com que fustigar os venerados lombos dos poderosos d'este mundo».

A phase da satyra politica não podia durar muito; João de Deus era suggerido pelas criticas acerbas dos que o cercavam. O soneto intitulado *A Monarchia*, é uma synthese:

Ha setecentos annos simplesmente
Que este systema nos governa, e vede
Commercio, industria, tudo florescente.

Os caminhos de ferro é uma rêde!
E quanto a instrucção, toda essa gente
Faz riscos de carvão n'uma parede!¹

A poesia *Theatro de Lisboa* é um quadro realista, em que o senso moral popular triumpho sobre o convencionalismo dos desnaturados costumes burguezes. A Aria da *Rainha Jacintha*, imitando a linguagem mascavada dos pretos, é a narrativa da

¹ *Folhas soltas*, pag. 93.



peripezia tão explorada pela imprensa monarchica sobre o heroismo da rainha Maria Pia salvar os filhos de um pretendido perigo no poço do Mixilhoeiro, em Cascaes, e da gran cruz concedida por D. Luiz á esposa *sobre todas muito amada*. A fórma poetica condiz com o fetichismo dos louvaminheiros; o poeta nunca pensou que essa carga fosse publicada em seu nome, mas a avidéz dos livreiros ou de quem formou o volume das *Folhas soltas* foi dirigida pelo criterio do interesse, a ponto de incluir n'esse livro *A Melopéa da Dorothea*, que lhe não pertence ¹. As poesias que estão comprehendidas das paginas 109 a 155 das *Folhas soltas*, formaram o volume intitulado *Ramo de Flores*, que os caixeiros do livreiro Chardron imprimiram para brinde das senhoras assignantes do *Journal des Dames et Demoiselles*, e que mais tarde, quando se estabeleceram, incorporaram no volume alludido. Na sua angustia economica, João de Deus era duramente explorado pelos livreiros, com prejuizo da vulgarisação dos seus versos. Na satyra *Theatro de Lisboa* vem a confissão ingenua:

Os versos não me dão bastantes meios
De me gozar das distracções que ha;
Por isso annuncios de theatros, leio-os,
Mas leio apenas, porque não vou lá...

Conhecida a pobreza do poeta forçavam-no a fazer versos que affrontavam a sua dignidade de artista; os festeiros de Al-

¹ No *Novo Almanach de Lembranças*, de 1882, pag. xxiii, ha uma noticia do juiz do supremo tribunal A. M. Couto Monteiro, explicando como escrevera esse amphiguri:

«*A Melopéa da Dorothea*, brinquedo metrico que eu não destinára á publicidade, teve a fortuna de agradar a um amigo nosso, que o mandou para o *Journal da Noite*, onde foi publicado em Folhetim na terça-feira de entrudo de 1873 sob a epigraphe: *Litteratura superior n'esta quadra*. Tres annos depois appareceu-me a Dorothea entre as *Folhas soltas* de João de Deus, toda soberba e dengosa, com a sua filiação adoptiva! Tive tambem um certo desvanecimento de a ver tão nobilitada, mas Teixeira de Vasconcellos, que a conhecia desde o berço humilde, notou no seu jornal a apparição, João de Deus explicou-a no dia seguinte, e a infeliz Dorothea teve de conformar-se com a obscuridade da sua origem».



margem alcançaram de João de Deus as *Loas à Virgem* que haviam de deitar no cirio ou romaria do Cabo. O genio do poeta pairou por sobre o ridiculo da festança do cirio, e fez as sublimes estrophes á Virgem, em que excede a elevação de S. Bernardo, de Dante, de Petrarcha e dos mais apaixonados mysticos! Algumas d'essas *Loas*, que se imprimiram em 1877 na Imprensa nacional, acham-se incorporadas nas *Folhas soltas*.

Tocamos o periodo, em que João de Deus entrou no apostolado da *Cartilha maternal* em 1877; nasceu esta nova revelação do seu genio suscitado por um alto sentimento de sociabilidade, quando a Casa Rolan e Semiond, então dirigida por Rovere, lhe encomendou uma Cartilha. Alludimos já a este facto por se prender á serie dos trabalhos a que se via forçado pela exploração dos livreiros, e que elle transformava em uma maravilha genial. O apostolado da *Cartilha* absorveu-lhe todo o seu sêr, deu-lhe uma actividade que não tinha; mas nem por isso deixou completamente a poesia. Muitos d'esses versos espalhados pelos jornaes começaram em 1880 a ser colligidos com o titulo *Despedidas de Verão*, que não passou da quinta folha e se reduziu a papel de embrulho. É natural que o poeta não possua cópia d'essas composições dispersas, que elle desejava reunir em um volume contendo todos os seus versos, com o titulo *Campo de Flôres*. Conhecemos a Lyrica completa de João de Deus, do periodo em que escapou ao pedantismo universitario, e do periodo em que passou incolume pela pedanteria parlamentar; é possivel já formar um juizo claro sobre o grande poeta, que como Camões tem o poder de produzir a *sympathia social*.

Como nos organismos superiores se repetem no seu periodo fetal as phases rudimentares da serie animal de que elles são o ápice, tambem nas manifestações psychologicas ha um instincto synthetico em que o genio resume os caracteres essenciaes do sentimento ou do pensamento de uma época historica. Ao estabelecer-se a evolução da poesia moderna, desde a elaboração dos trovadores e transmissão das tradições populares até á crise philosophica moderna que procura conciliar a razão e o senti-



mento, immediatamente se acham reflectidas no Lyrismo de João de Deus todas essas características, de que elle teve uma intuição genial. Como um trovador, no seu lyrismo exclusivamente amoroso, elle conserva essa emoção de timidez e segredo diante da mulher, essa adoração extatica e passiva que o eleva e fortifica. E pela identidade do sentimento d'onde emanou o lyrismo moderno, elle acha as mesmas fórmulas estrophicas com os seus primitivos e ingenuos retornellos:

Passavas como rainha;
E eu, que andava como morto,
Parece que me sustinha
No ar, em extase, absorto...
É ella, dizia eu;
A minha estrella do céu.

Passavas, lançando em torno,
Como a lua em noite amena,
Aquelle olhar dôce e mórno,
Que me dava gosto e pena...
Pena de não ser só meu
Esse reflexo do céu. Etc. ¹

As fórmulas estrophicas são uma invenção permanente, como acontecia nos complicados artificios da poesia provençalesca, mas com a mestria de sete seculos de cultura da expressão esthetica. E para definir de um modo completo o sentimento do amor em João de Deus, transcrevemos integralmente a *Adoração*, uma das odes mais bellas do lyrismo universal:

Vi o teu rosto lindo,
Esse rosto sem par!
Contemplei-o de longe mudo e quedo,
Como quem volta d'áspero degredo,
E vê, ao ar subindo,
O fumo do seu lar!

¹ *Folhas soltas*, pag. 9.



Vi esse olhar tocante,
 D'um fluido sem igual!
 Suave, como lampada sagrada,
 Bemvindo, como a luz da madrugada,
 Que rompe ao navegante
 Depois do temporal.

Vi esse corpo d'ave!
 Que parece que vai
 Levado, como o sol ou como a lua,
 Sem encontrar belleza igual á sua,
 Magestoso e suave
 Que surprehende e attrae!

Attrae, e não me atrevo
 A contemplal-o bem;
 Porque espalha o teu rosto uma luz santa,
 Uma luz que me prende e que me encanta,
 N'aquelle santo enlevo
 D'um filho em sua mãe.

Tremo, apenas presinto
 A tua apparição!
 E, se me aproximasse mais, bastava
 Pôr os olhos nos teus, ajoelhava!
 Não é amor que eu sinto!
 É uma adoração!

Que as azas previdentes
 Do anjo tutelar
 Te abriguem sempre á sua sombra pura!
 A mim basta-me só esta ventura
 De ver que me consentes
 Olhar de longe... olhar!

E n'esta idealisação ascendente, o poeta, como os lyricos italianos do seculo XIII e XIV, transforma a mulher no typo ineffavel da Virgem, e symbolisa n'ella a maternidade piedosa, a presidencia do sentimento ou a providencia affectiva na marcha da humanidade. Nem Dante, nem Petrarcha comprehendiram o ideal da Virgem de uma fórma mais bella, e o exprimiram com mais altura:



De luz se inundem os céos.
Franjem-se as nuvens de ouro,
Em honra da mãe de Deus.

Essa gloria, esse thesouro
Que o Senhor tem a seu lado,
E os anjos cantam em côro!

Aquella que o seu cuidado
É a pobre mãe afflicta,
O orphão desamparado!
Virgem Maria bemdita!

Curvai árvores frondosas
Até ao chão vossa rama!
Encha-se a estrada de rosas!

Esta é quem o céu proclama
Santa, pura, immaculada!
Que os seus filhos tanto ama!

Incansavel advogada
E protectora nos céos
De toda a alma accusada
Lá no tribunal de Deus.

Esta é quem o navegante
Debaixo da tempestade
Chama, invoca supplicante!

Que em toda a necessidade
Nos ampara, nos abriga
No manto da piedade!

Que uma palavra que diga
Ao Filho em nosso favor,
Já o Senhor não castiga,
Condóe-se do peccador.

Oh joia primorosa
Da corôa do Senhor!
Oh sempre fresca rosa
De puro e casto amor!

A quem a flôr envia
O seu primeiro aroma,
Logo ao romper do dia,
Mal a aurora assoma.

Oh immortal aurora
Que céu e terra encanta!
Por quem a rosa chora!
Por quem a ave canta!

A quem por toda a terra,
A quem por todo o mundo,
No pincaro da serra,
No valle o mais profundo,

Foi levantada egreja,
Foi levantado altar
Que ao longe nos alveja,
Como um baixel no mar!

Alli se abriga a esperança
Na grande desventura,
Alli auxilio alcança
O triste que o procura!

Alli se quebra o encanto
Do mal fundado amor!
Alli se enxuga o pranto
De irreparavel dôr.

Virgem Mãe do mesmo Deus!
Virgem filha do teu Filho!
Não ha estrella de mais brilho
N'esses céos!

D'olhar fito n'esse olhar,
 D'olhos fitos n'esses olhos,
 Não ha baixos, não ha escolhos
 N'esse mar!

Vem a onda, sobrevem
 Nova onda; e nada teme
 Quem te vê guiando o leme,
 Virgem-Mãe!

.....

Por feroz que esteja o mar
 De repente fórma um lago!
 Basta um só reflexo vago
 D'esse olhar!

Esse olhar é quem a mim
 Me encaminha e me soccorre!
 O meu norte, é só a *Torre*
De Marfim.

Meu pharol, refugio meu,
 Sol que dia e noite brilha!
 Mãe de Deus e de Deus Filha,
 Mãe do Céu¹.

O poeta reproduz intuitivamente os tercetos da hymnologia latina da igreja, e encontra-se com o Dante no verso: *Vergine Madre, figlia del tuo Figlio...* Naturalmente João de Deus achou-se attrahido para a leitura do maior iniciador da poesia moderna, e a impressão que recebeu acha-se na imitação ou traducção paraphrastica do episodio de Francesca de Rimini, da *Divina Comedia*.

João de Deus não quiz comprehender o Dante pelo lado revolucionario como Anthero de Quental; como lyrico apropriou-se do segredo da expressão ideal da primeira Renascença,

¹ Nem todas estas estrophes se acham colligidas nas *Folhas soltas*, pag. 59.



e poz em circulação a fórmula definitiva do terceto, com que desenha a realidade da vida contemporânea, como nas estrophes a *Maria*:

Vêr-te, Maria, á porta a fazer meia
Olhando para mim de quando em quando,
É o que n'esta vida me recreia.

E referindo-se á vida descuidada da mocidade, faz o mais bello retrato de mulher com a forte carnação dos pintores da Renascença do seculo XVI:

Já esse lindo pé que tens, Maria,
Esse quadril redondo e cinta estreita
Me não vinha á idéa noite e dia;

Esses encontros de mulher perfeita,
Esse peito redondo e arqueado
Como o de pomba farta e satisfeita...

Esse bello pescoço, não existe
Outro assim torneado: o rosto é lindo,
E a tão meiga expressão ninguem resiste.

A bocca é tão vermelha que, em te rindo,
Lembra-me uma romã aberta ao meio
Quando já de madura está cahindo.

Esses olhos azues... que olhar! Receio
E desejo estar sempre a contemplal-o;
Não ha mais dôce e mais custoso enleio:

.....

Oh que ditoso, alegre e satisfeito
Não viverá o homem que algum dia
Descançar a cabeça no teu peito¹.

¹ Na versão das *Flores do campo*, pag. 83, vem por esta fórmula attenuada:

Sentir pular-te o coração no peito.



João de Deus, por este naturalismo espontaneo, adivinhára a grande poesia da Renascença, de que o lyrismo de Camões é uma das expressões mais bellas. Não o seduziu tanto a oitava épica, como o Soneto idealista, que estava um pouco decahido depois dos improvisos elmanistas e dos continuadores das Arcadias. Apesar de toda a superioridade artistica, Soares de Passos não pôde restaurar o Soneto camoniano. Na extensa elegia *A Vida*, a mais bella criação do lyrismo moderno, João de Deus abre com um Soneto camoniano, que o proprio cantor da Nathercia poria ao lado da *Alma minha gentil*:

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degrãos do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céu (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem, bem pouco dura.

Não sei se me voou, se m'a levaram,
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram.

Anthero de Quental publicando em 1861 em Coimbra a sua primeira collecção de vinte e um Sonetos, estabelecia no prologo a continuidade artistica entre Camões e João de Deus, quebrada desde tres seculos. O soneto camoniano ainda floresceu brillantemente no seculo xvii em D. Francisco Manoel e Francisco Rodrigues Lobo; no emtanto Anthero mostra um entusiasmo por esta fórma lyrica ainda mal dominada por elle, e proclama: «Esta é a fórma superior do lyrismo do coração. N'ella tem vindo todos os grandes poetas vasar o que tinham de



mais puro na alma... Recebeu-lhes, então, o balsamo mais puro de suas almas esta fôrma generosa e profunda. Dante, Miguel Angelo, Shakespeare, Camões, admiram-se nas grandes, nas immensas manifestações de suas intelligencias, o *Inferno*, *S. Pedro*, *Othelo*, *Lusiadas*; mas conhecel-os, amal-os, só aonde esta fôrma bella e pura lhes prestou molde aonde vasassem os sentimentos mais intimos das suas almas. Alli admira-se o Artista, mas aqui ama-se o Poeta; alli arrebatam-nos o entusiasmo, mas aqui rebentam-nos as lagrimas». A obra de João de Deus começava a exercer a sua influencia, e Anthero em 1864, principiou a libertar-se do lyrismo ultra-romantico, modificando a expressão poetica gradativamente na *Beatrice*, até chegar á belleza suprema dos *Sonetos philosophicos*. A mesma influencia se estendeu á maioria dos poetas portuguezes; versejaram melhor e procuraram novos effeitos para a dicção poetica com as phrases da linguagem popular imaginosa e pittoresca. Muitas mediocridades chegaram a imitar bastante o estylo de João de Deus no verso endecasyllabo; mas não passaram d'isso.

(Continua).

Theophilo Braga.



CARTAS DA ULTIMA HORA

O THEATRO. — NEO-GARRETTISMO. — A INSPIRAÇÃO NACIONAL

Meu amigo. — Quero hoje divagar contigo sobre essa admiravel arte do Theatro, capaz como nenhuma outra de conter em syntheses ao mesmo tempo que divinas, humanas (como a dupla natureza de Jesus), os mais vertiginosos panoramas da Vida, e a que a impotente litteratura contemporanea quiz chamar, com desdem, um genero de arte inferior, todo de artificio e de convenção, interessando o publico por combinações scenographicas e finaes de effeito, e por isso piquenina demais para aos seus hombros pôr a apparatusa cavallaria do Naturalismo. Todas essas fertilidades absurdas que dão dois volumes ao anno, na impossibilidade de se multiplicarem tão presto em dramas capazes de exito, voltam as costas ao theatro e chamam-no officio alheio á arte, improprio de altos espiritos e só accessivel ás mediocridades sem escrupulos. E assim este tempo, que devia legar, ao menos, aos vindoiros, duas ou tres assombrosas tragedias, todo se vai desfazendo em livrinhos de informação exigente e indiscreta applicada a almas, miudezas de pscologia e de nevrose, exquisitices de traje e de pensamento, nada solido, nada intenso nem grande, nada que appeça reler nos dias em que se tem o nojo da Litteratura e a



amarga certeza de que a Vida não são anedotas. Não digas que exaggero. Certamente, de um ponto de vista tão alto, não posso enxergar cantos de valle bem vestidos de verde, ou curtas varzeas viçosas, onde é dôce o repouso: vou em busca, antes, de horisontes vastos, vastas cordilheiras por onde se sinta fumegar o cansaço das Almas que as vão subindo.

Senta-te, pois, aqui ao pé de mim, derrama na tua alma (como incenso de um thuribulo) as emoções d'este maravilhoso paiz onde nascemos, recorda a simplicidade em que fomos educados e a que de novo regressamos, esquece as tuas reminiscencias e preocupações livrescas, e tenta emfim remontar ao estado de espirito de um homem muito intelligente, que nunca houvesse lido ou visto senão obras-primas, e que tivesse a mesma comprehensão exigente e definitiva para julgar a formosura de uma floresta e a de um livro de versos. Esse homem entrava na nossa mesquinha bibliotheca de brochuras amarellas, onde no emtanto ha tudo quanto os cerebros contemporaneos produzem de melhor, dizia adeus com familiaridade de amigo velho a uma Biblia, a um Dante, a um Shakspeare, a um raro Cancioneiro e a uma chronica da Renascença, e em seguida punha-se a folhear, cheio de curiosidade, as brochuras miudinhas da nossa collecção. A sua intelligencia era agudissima, tão aguda como a sua simplicidade, tão vasta como a sua humanidade. E começava por esse irritante *Jornal* que acabo de deixar no meio, de um homem chamado Goncourt, que tem setenta annos, e cuja dominante obsessão é ainda hoje, pela manhã quando acorda, provocar allucinações de côr aos olhos ainda piscos, com os vitraes da claraboia da alcova. Que estranheza deviam causar ás barbas brancas do meu Asceta e aos seus olhos humidos e grandes, os perfumados bigodes d'este velho litterato, a sua pretensão, os seus olhitos penetrantes e requeimados! E veria, em seguida, que na obra de Goncourt não ha um largo sopro de humanidade: tudo alli é litterario e moveis velhos. Comprehendendo tudo, não conseguiu sentir nada como um homem. Em face de uma tragedia de lagrimas, a sua attitude foi, de monoculo, encher de notulas hystericas o seu memorial de escriptor. Daria um ami-



go por um prato do Japão, bem raro. Dos aspectos moraes da vida, da sede de infinito que devora as creaturas, dos simples sentimentos da Virtude, da dedicação, da ternura, como eram irreductiveis a phrases, inexplicaveis pelo som e pela côr, a sua singular cegueira nada comprehendeu. O espectaculo da Vida não lhe provocou um grito, uma brutalidade, um desespero: nervos, nervos, nervos, ter um lar com mulher e filhos foi idéa que não chegou a inquietal-o, não amou ninguem, nos amigos estimava unicamente o litterato, e afinal, quando morre Jules, a elegia que lhe faz Edmond é o insupportavel jornal de uma agonia dito com tanta ferocidade e pormenores, que se teria de admirar a singular presença de espirito de aquella dôr, se não vissemos logo, por cima d'ella, a volupia do litterato a espojar-se.

Nunca jantou na paz de uma familia, numa sala cheirando a arroz-doce, conversando de coisas simples e encantando-se a fazer tagarellar as creanças; nos seus jantares falava-se de litteratura sempre, e um dia que Hugo convidou os dois irmãos para jantar, ficaram espantados de que um tão grande espirito conversasse á mesa como a outra gente, e de que o seu sequito fossem excellentes e tranquillias mães de familia, em vez de decorativas fidalgas, bebendo preciosos licores e trajando sedas lindas de deslumbrar. No cerco de Paris, Edmond andava pelo meio das barricadas a procurar adjectivos, que não balas, com que fixar certas attitudes de revolucionarios. É deploravel. Ter cabellos brancos e nunca ter tido a impressão de que a Vida não é uma collecção de antiguidades, nem um adjectivo raro; nunca ter sentido o vazio da sua obra, e o tedio quasi anojado que ella viria a produzir em gente humana! Aos setenta annos, Edmond continua a colleccionar pratos, e o ultimo livro apparecido d'este Velho, que eu não desejaria ao meu maior inimigo para avô, é o estudo benedictino e tranquillo sobre um Pintor japonéz. Nunca teve alegria em frente de um bom sol, nunca se embriagou da frescura de um pinhal, ou de um trecho de mar largo. O sol só o cita por poder comparal-o a alguma preciosa lacca do seu museu, mais que o murmurio de uma floresta



o perturba o *ruge-ruge* de uma seda amarrotada nas mãos, e infinitamente preferível a dormir a sesta encostado a um tronco de arvore, respirando ar que cheira a flores e ouvindo cantar a agua de uma nascente, é para elle adormecer sob uma coberta de brocado, sonhando com o grande seculo e fumando cigarrilhas de sandalo. Estou convencido de que, á hora da morte, Edmond pedirá para a roda de si, não um crucifixo, ou as lagrimas de uma Irmã, ou as orações de um padre, mas os seus bronzes e as suas porcelanas. O seu ultimo suspiro oiçam-no bem; será, eu lh'o juro! um neologismo.

Ó meu amigo, diante de tanta complicação sinto nauseas! Já não é homem quem escreve assim este *Jornal*: ao pé d'elle, appetitece, tem-se o orgulho de ser trivial, de chorar e amar como toda a gente, só para não ser *isto*! E está certo de que a alma direita e branca do nosso Asceta, diria: Esta obra é uma obra sêcca, feita por almas tendo a aridez (sem terem o vago) das charneças. Mais me encanta e me enche de sonho que tal aravia, a palavra ingenua de um simples, dizendo a oração da manhã, antes de começar o trabalho.



Não te espantes d'estas opiniões extremas, que são proprias de quem procura num livro, menos as suas qualidades de execução, de invenção e de detalhe, as suas imagens e os seus adjectivos, que a raça de alma que por traz d'elle se occulta, e a maneira como ao cerebro do auctor se impõe o espectáculo da Vida. Dirás, e nisto discorres acertado, que com a minha alampada accesa (já atraz o accentuára) vou pelas ruas acotovellando toda a gente, para apenas fixar os meus olhos sobre o Homem de Genio. Assim é. Não venho a negar que haja muito talento disperso pelos milhares de paginas que diariamente apparecem. Pergunto apenas: quaes são os livros, ou o livro publicado neste meio seculo, que d'aqui a cem annos não terá



morrido e será capaz de impôr aos nossos vindouros o mesmo religioso respeito e emoção com que hoje folheamos o *Hamlet* ou a *Imitação de Christo*? Diante da mais singela chronica do seculo XVI, onde, num modo de dizer ingenuo e balbuciante, se descobre uma intensa emoção dramatica e mancheias de alma dando vida aos assumptos, é natural perguntar se os nossos netos acharão algum interesse, mais que o da curiosidade, e colherão alguma emoção, mais que a da extravagancia, na leitura dos livros carregados de estylo, mas tísicos de alma, que lhes legamos. E se te cito com insistencia os Goncourt, é porque eiles representam o maximo a que a obsessão da Litteratura pode conduzir um homem de talento; e como este maximô é desconsolador, o exemplo poderá talvez aproveitar aos que se deleitam com os seus epithetos raros, como com beijos de amarantinas boccas.

Não quero, porém, esquecer-me de outro escriptor que foi o antipoda dos Goncourt na sua esthetica, pois proclamou a Alma, a Vida, o Infinito, a Virtude, como os motivos dominantes da sua obra, e ficou na lenda como uma especie de propheta e de santo, cheio de allucinações em que adivinhava o Amanhã e via Deus. Falo de Victor Hugo, cuja obra não consegue entrar na minha alma e empolgal-a, porque é monstruosa. Toda de emphase e de antitheses, não me dá da Natureza e das coisas uma impressão humana e que eu seja capaz de partilhar. As emoções perdem sua frescura, carregadas de imagens, de complicadas visões (e cedendo ao peso d'ellas). Um riso de creança, um cantar de fonte, um cahir de sol, coisas simples, que em dois versos me seriam evocadas com intensidade, apparecem disfarçadas, perdidas, irreconheciveis, entre exuberantes metaphoras. Hugo descreve uma floresta: e em vez de me dar uma impressão da sua grandeza, de m'a pôr diante dos olhos cheia dos susurros do vento e do murmurio das aves, faz d'ella uma longa figura, deformatoria em grande, em extra-humano: de cada arvore brotam, não fructos ou flôres, mas reflexões philosophicas e imagens. As Coisas, as Aves, juntam as suas vozes á do Poeta, e falam, como elle, a mesma emphatica lingua forrada



de eloquencia e de prophesia. E, ao fim da descripção, póde o imprevisto da fórma e o brilho das imagens ter-me seduzido, mas a floresta, *não a vi*. Abundancia, assombrosa exuberancia, genio? Sem duvida: mas isto só não faz o Poeta, isto só não é a Arte. Tambem são abundantes Shakspeare e Shelley, mas a sua abundancia não os expulsa da alma humana. Hugo tinha qualquer coisa de aberração na sua dôr e na sua alegria: de dentro dos seus versos não escorrem lagrimas como as nossas.

O que sobretudo me fatiga nos seus livros, é a permanente attitude de Poeta profissional, como direi? encartado, que elle se impoz e de que nem se esquece nas posições pensativas dos seus retratos, braços cruzados e a cabeça inclinada ao pezo do genio. Vi uma photographia em que Hugo, com um manto enfunado ao vento, em cima de um rochedo (o rochedo do exilio), como que diz á Humanidade prophecias. E o episodio do esculptor que teve de lhe pôr em duvida o tamanho da testa (visto Hugo não querer poisar) para lhe surprehender certos detalhes de physionomia, no rapido momento de quietude que o Poeta teve, tal o seu pasmo pela espantosa blasphemia?

Como um alto funcionario, grave e ponderado, em frente de uma desgraça, se recorda subito da sua posição e trata de harmonisar a sua dôr com ella, de misturar ás suas lagrimas o mesmo perfume que usa na roupa, para as tornar accéitaveis em sociedade — Hugo nunca se esquece de que é um grande Poeta, de que tem atraz de sí uma dynastia de genios, cujo aspecto decorativo precisa de imitar. A sua missão social de Poeta, educar, prégar, ralhar aos Reis e aos Papas, obriga-o, nos instantes de mais simpleza e ternura, a profissões de fé da peor oportunidade. Este defeito é fundamental, pois se a dôr de um Poeta deve distinguir-se da do homem que passa, é em ser transcripta com genio, não em ser menos sentida, ou mais convencional. Ainda ha dias li o livro de Hugo sobre Shakspeare: a obsessão do seu papel e a admiração de si proprio têm neste livro um documento extraordinario. É realmente, a vaidade de Hugo, uma vaidade epica, genial, cuja audacia assombra.



A verdadeira Verdade, todavia, é que, se ha poesias de Hugo que são uma maravilha de imaginação e puras obras-primas, a sua dôr e a sua alegria não nos parecem authenticas, ou, pelo menos, não são humanas. Quereríamos vê-lo chorar, ter desespero e lagrimas como nós outros. Dirão que é a corrente, dizer mal de Hugo? Mas não: o certo é que Hugo não se lê, hoje, senão no seio das familias, onde os seus romances humanitários são devorados como os de Eugenio Sue. A sua alma nao está em relações com a nossa: e assim, aclamado pelo Mundo, enterrado com uma extraordinaria pompa, Hugo esqueceu. Não é a sua obra, nem a theoreticamente opposta dos Goncourt, que darão alento ás Almas fatigadas, para subir a ladeira. Todos, cansados de saber, e com remorsos de terem aniquilado a ingenuidade e a pureza de espirito pelo contacto com a Vida, perguntam de toda a parte quem será o estranho Genio, sabendo tudo mas sendo simples como se tudo ignorasse, falando de modo que o entendam pastores da serra e doutores da sciencia, e capaz de, levado ao alto da montanha por nós, poder falar com a mesma serenidade e justiça (como, outr'ora, Jesus ao Diabo) «de todos os Reinos do Mundo e da gloria d'elles?»

*
* *
*

Como me permitti eu, querendo fallar do Theatro, uma tão vadia tagarellice sobre os mais alheios assumptos? Comecei esta carta para te falar da idéa que me obsidia, e que vem a ser: que o Theatro é uma arte superior, muito menos accessivel ao bicho-litterato que o Romance, e que em Portugal tal especie de arte poderia desenvolver-se com pujança e vigor, visto este povo ser essencialmente dramatico e poetico, como tão bem o viu Garrett. Falando-se de litteratura, e com os olhos fitos n'alguns exemplares d'essa antipathica profissão, na nossa terra, veio a pello exprimir todo o meu desgosto de sensibilidade pela influencia do convencionalismo e do artificio sobre a obra, como sobre a vida, d'este ou de aquelle escriptor. Estas observações amargas



teriam de vestir uma feição, que eu lhes desejo evitar, se quizessem referir-se a Portugal. Eu diria aos que, neste paiz encantador e simples, tentam introduzir a mania das doenças litterarias e agasalhar em seu seio o rato da Nevrose, de que algumas almas de eleição se sentem roídas, o perigo de fazer cahir, pelo seu impulso, toda a nossa robusta Arte em insignificantes quadros de genero. Diria como, neste paiz, onde ha quatro Poetas admiraveis e humanos para ler e reler (Anthero, Junqueiro, Gomes Leal e João de Deus), mysticos e religiosos por natureza e raça antes dos mysticismos litterarios de ainda-agora, já repontam flores exóticas de arte querendo desnortear a Poesia portugueza, unica joia que ainda nos restava para padrão do que foi Portugal outr'ora. E isso me peza pela sorte d'esta terra incomparavel, cheia de paizagens por ver, de tradições e lendas por desempoeirar do esquecimento; d'esta terra que ainda ha vinte annos falava pela bocca dos seus homens de genio, uma lingua forte e cheia de encanto, com alma portugueza, com pictoresco portuguez, com saudade e melancolia que nos foram signal desde sempre. Os frades que Herculano creou em marmore, de um bloco, a Joanninha do valle de Santarem, figura divina de graça e frescura, os romances de costumes de Camillo, a minha namorada morgadinha dos Cannaviaes... Portugal possui neste seculo uma litteratura cheia de vigor e de caracter. Os seus Poetas, ardentes e cheios de febre, são quatro vezes superiores aos melhores Poetas francezes contemporaneos, com defeitos de execução faceis de eliminar por seguidores que comprehendessem, como elles, o orgulho da sua raça.

Ó rapazes meus camaradas, vamos pedir aos Francezes, se quizerdes, a sua sciencia de detalhe, os seus rythmos sabios, os seus processos de observação e critica, — mas desenrolemos os nossos pergaminhos poeticos, que os temos, vindos do Povo, de um quilate riquissimo. Das cantigas das espadelladeiras da nossa quinta, dos rimances rezados pela nossa Avó, não sentis vós subir o aroma de poesia, de religião, de doçura e graça que deve ungir as vossas balladas? Não comprehendeis a inferioridade mesquinha e *commis-voyageuse* de importar o catholicismo falso



dos outros, o seu diabolismo litterario, a sua allucinação leita de leituras e de um intenso viver cerebral num meio horrivel, onde ha frio, crime, a Miseria, e o Mundo inteiro que se não importa? Nós possuímos, contra elles, um authentico horisonte poetico, cheio do encanto dos oiros esmaiados e dos velludos gastos. Somos um povo mystico e supersticioso, atacado da febre das grandezas, e d'ella morrendo, como um Poeta doido, vestido de sedas velhas no meio de um presepio de cabras. Temos diabolicos e sadistas na nossa historia, e casos hystericos abundantes em pormenores: ha aldeias em Portugal, com familias inteiras de doidos typicos e ineditos. Temos a paizagem moribunda e aguacenta como esta de Coimbra, onde as alvas do dia são, seguramente, hemoptyses da Terra, tísica no ultimo grau. E como é ridicula e impotente a idéa parnasiana no meio de tantas opulencias por explorar, e afflige a mesquinha obra de Crespo cantando moveis e porcelanasinhas, nem ao menos os nossos contadores, nem ao menos a nossa India cheia de sonho, e a poesia bizarra, os allucinados tremolos de oiro e de seda que provocam na alma as chronicas das Descobertas, onde se parece ir por um mar de esmeraldas, galeões atraz de galeões, rondando as costas do Malabar, a cruz de Christo nas vélas, com especiarias, diamantes, oiro, ambar, marfim, como uma estranha, admiravel frota que voltasse do Sol, de cavar oiro! Como rasga na alma janellas immensas de céo, a visão d'essa India tão feerica, que até os nomes das suas terras têm timbres de oiro, e são macios como velludos de Meca ou como as sedas da Persia: paizes encantados, onde as grades para os presos são de oiro macisso, e os palacios dos Nayres têm, lá diz Damião de Goes, «varandas de oiro sobre o mar!»

Vá, Poetas, para aqui desviae os olhos attentos da vossa phantasia! Armemos tambem a nossa frota, como outr'ora, e dentro de embandeiradas fustas e caravellas vamos através das paginas amarellas das chronicas, das trovas graceis dos Cancioneiros, das illuminuras delidas dos livros de Horas. Fazei vossas odes d'esta visão intensa do que fomos, se o Passado vos tenta: dizei de vossos Avós as arrebatadas cavallarias, e buscai

sua coragem de animo nas feições esmaiadas dos paineis: mergulhae na Paizagem, e contae os encantos d'ella, parallellos aos da terra que a fecundou; ide ás cercas dos conventos extinctos evocar almas de hystericas e de Santas que alli amortalharam seus dias; e se é a Deus que quereis rezar, se é a simplicidade christã a da vossa alma, ó ermidas de Traz-os-Montes, piquenos campanarios que repicaes pela festa do orago, onde altar mais humano, mais florido, mais doce, para os nossos psalms, extasiadas ladainhas, ou piedosas romagens?

*
* * *

Tenho eu pensado na vaidosa satisfação dos poetas minimos dos ultimos cenaculos parisienses, ao verem certos meus compatriotas deslumbrados diante dos seus pobres ensaios, enchendo-lhes os nomes de lisonjas e apotheoses, e dando-lhes a illusão de que o seu talento corre a Europa, entre palmas verdes de victoria. E a França é pobre de poetas: das ultimas controversias litterarias liquida-se Paul Verlaine, um perpetuo enfermo de hospital, atacado de todas as loucuras da doença e do genio, e gritando pela vida fóra, em uivos de macho ou em gemidos de penitente, versos que são a gangrena mesma das suas chagas. É, certo, um Poeta admiravel: mas não tem um discipulo que o valha, e já na sua desamparada velhice o abandonam.

Em Portugal seria necessario que nós os poetas emigrassemos para as aldeias, habituando-nos a uma vida doce e monastica no fundo de bibliothecas tristes, cheias de velhos livros, em cujas capas nos viesse como insinuado, o tedio das brochuras francezas. E aprenderiamos historia portugueza no convivio do Beirão quasi primitivo ou do Transmontano rude como um tojo, dos pescadores da costa supersticiosos, quando vão nas estradas cantando o Bemdito, das romarias ao San-João, bizarras como festas japonezas, que em Braga são de um encanto unico. Veriamos, aos poentes, enterros na aldeia caminhando, ao tlim-tlim das cam-



painhas, pelo meio dos milhos; as queimadas das serras, de um tao sinistro effeito nas noites negras; as espadelladas ao luar, taesquaes rondas de fadas, com rythmos que sobem, por escadas de sonho, até ás freirinhas professoras da Via-Lactea... Talvez assim comprehendessemos o character do nosso paiz, e vissemos bem largo o caminho que nos podemos traçar de um momento para o outro, cheio de novo, no meio d'esta Litteratura fatigada.

Quero agora falar-te, em duas linhas salientes (já que divaguei tanto) das minhas idéas sobre o Theatro. Vês em França como as tentativas dos naturalistas e das outras escolas têm falhado. Esse fiasco, que elles attribuem á inferioridade da arte dramatica, para mim significa o contrario. Com preconceitos de escola nunca se fará em theatro uma obra duravel, porque o trabalho dramatico, para triumphar, tem de ser perfeito e de conseguir que a emoção cáia no espirito do publico, cristallina e intensa como um veio de agua. Procurarei fazer-me perceber melhor. Emquanto o Romance admite convenções e caprichos de these que só muito de leve prejudicam o seu valor (como nos livros de Zola), em theatro a acção está tão presa episodio a episodio, e tão tangente á acção a alma do escriptor e a emoção do Publico, que o mais leve desvio para fóra da humanidade, subverte subito todo o resto do trabalho, como num equilibrio perigoso. Um drama faz-se com meia duzia de scenas sobrias e simples, onde não ha logar para descripções e effeitos de pura belleza litteraria, como no romance: todo o interesse do publico se confina, porisso, na essencia mesma da obra, no seu valor como synthese, no que eu chamarei, pictorescamente, o seu *miolo* pycologico e humano. Assim, indo a attenção mais direita ao alvo, por terras de bom piso, sem piquenos encantos de detalhe, pelo caminho, onde se prenda ou divida, a prova real de um talento é mais segura e mais prompta.

Ha pouco tempo na Belgica, um Poeta novo, Maurice Maeterlinck, muito lido em Shakspeare, Edgar Poe, e quiçá no norueguez Ibsen, ensaiou piquenos episodios dramaticos, destinados a dar uma impressão intensa de terror por meios simples,



sem emphase, repetições de phrases como em echo, evocação de motivos humanos e universalmente sentidos. O seu ensaio foi, e está sendo ainda hoje, coberto de aclamações: houve quem lhe chamasse o novo Shakspeare. Em verdade, apesar do exagerado rigor com que quasi pastichou o tragico do *Hamlet*, Maeterlinck escreveu *Les Aveugles*, que é um trecho admiravel. Aquillo, porém, não é ainda theatro; taes peças dramaticas não têm caracteres, nem psychologia; são simples ensaios de composição muito perfeitos, aliás, mas já em trabalhos ultimos do mesmo Poeta repetidos com monotonia e pobreza de invenção. E se cito aqui Maeterlinck, é porque a sua theoria, recebida como nova e aclamada como um dogma, era ha meio-seculo adivinhada e posta em pratica, com um tino absolutamente genial, por Garrett, no *Frei Luiz de Sousa*.

Quem leu, na memoria ao Conservatorio com que abre o livro, palavras de theoria como estas: «...a difficuldade era extrema pela extrema simplicidade dos meios que adoptei. Nem amores, nem aventuras, nem paixões, nem caracteres violentos de nenhum genero. Com uma acção que se passa entre pae, mãe e filha, um frade, um escudeiro velho, um peregrino que apenas entra em duas ou tres scenas — tudo gente honesta e temente a Deus — sem um mau para contraste, sem um tyranno que se mate ou mate alguém, pelo menos no ultimo acto, como eram as tragedias d'antes — sem uma dança macabra de assassínios, de adulterios e de incestos, tripudiada ao som das blasphemias e das maldições como hoje se quer fazer o drama — *eu quiz vêr se era possivel excitar fortemente o terror e a piedade*, — ao cadaver das nossas plateias, gastas e cacheticas pelo uso contínuo de estimulantes violentos, galvanisal-o com sós estes dois metaes de lei... Não sei se o consegui; sei... que aquelle que o alcançar, esse achou a tragedia nova... tem creado o theatro da sua época... O drama é a expressão litteraria mais verdadeira do estado da sociedade...» quem leu estas palavras, para logo conclue que nenhum escriptor das ultimas camadas avançou mais em seus desejos de renovação artistica, e vê o poderoso theatro que os nossos artistas poderiam



ter creado só com seguirem as idéas de Garrett, tão absolutamente cumpridas no seu incomparavel drama.

Seria preciso fundar um *neo-garrettismo*, e fazer aos Novos decorar o *Frei Luiz*, interpretal-o e marginal-o de commentarios piedosos como fazem os Stendhalianos ao seu mestre. Garrett fóra sobretudo um grande e activo agitador de idéas, o chefe de uma escola que ainda não teve um discipulo. Elle sonhou, com olhos de genio, uma Litteratura portugueza nova, pujante, toda de regresso ás tradições, com a melancolia e o maravilhoso do povo, e logo procurou fornecer modelos para todos os generos de arte: assim renovou o Theatro, organisou o Romanceiro, escreveu romances nacionaes, exaltou a nossa Paizagem, emfim compoz esses divinos dois volumes das *Viagens na minha terra*. Garrett, mais que nenhum outro escriptor portuguez d'este seculo, pela sua variedade de aptidões, prompta emoção e senso artistico, pela sua aguda e vasta intelligencia critica, merece que inscrevamos o seu nome em nossos balsões de campanha, e de olhos fitos na sua obra, vamos seguindo os caminhos inexplorados que elle apenas indicou, sem ter tido o tempo de os percorrer.

O *Frei Luiz* é uma obra para estudar e meditar. Os que estimam, de preferencia, personagens estranhos e doentes, capazes de arranhar mais fundo a alma com suas garras de além, porque não estudam, com recolhimento, o modo simples, tenso, insubstituivel, como Garrett conduz através do drama a figura hysterica de Maria, mãos a arder, sempre rosetas de febre na face, sabendo tudo «com um saber cá de dentro», lendo nas estrellas, ouvindo, ao longe, a voz do Pae que chega no bergantim, crendo na vinda de D. Sebastião, sem medo da peste porque «se lhe não pega nada», e com suas adivinhações e prenuncios fatalistas, transcriptos em episodios de uma fulminante emoção, trazendo em permanente alarme o allucinado amor dos Paes?

E porque não estudam ainda a prosa d'este escriptor, originalissima, toda em rythmos languidos como os de um fado, de um garbo de phrases que lembra as maneiras de um pa-



ladino, doce, doce como beijos, palpitante de frescura, cheirando a flores, de uma piedade bem humorada e terna para a Desgraça, sobretudo nada hirta, toda mimada, gesticulada e nervosa, desenhando de alto a baixo a alma do homem que a compoz?

E porque não seguem no inexgotavel *Frei Luiz de Sousa*, o fino talento com que se evocam os nossos velhos mobiliarios, e luxos de côrte, como o pictoresco da nossa paizagem e da nossa antiga litteratura é aproveitado sem um emprestimo a estrangeiros, e como através de toda a obra garrettiana gira, tal em arterias, o sangue da nossa raça, o seu fatalismo, o seu sensualismo no amor, a sua paixão ingenua e espiritual da Aventura e da Cavallaria?

*

*

*

Garrett copiou Portugal para os seus livros, e mesmo os inferiores têm esse encanto e esse papel litterario: evocar, suggerir a terra onde foram nados. Sob tão sãs inspirações criticas, vê-se nitido como a nossa Poesia se pôde renovar, regressando á simplicidade e emmoldurando dentro dos primitivos rythmos e dos nacionaes modos de dizer os vãos de maior idealismo. Vê-se como é urgente fazer dramas no seguimento do *Frei Luiz de Sousa* e procurar no maravilhoso portuguez assumptos com que escrever magicas admiraveis, e de um bem maior encanto possivel (ao mênos nos episodios) que as feerias shakspeareanas como o *Sonho de uma noite de verão*. A França que é, no fundo, um paiz calmo e positivo, sem idealismo e sem vago, não nos fornece materia-prima poetica, como a que ha dispersa neste paiz de encantos, em agiologios cheios de extravagantes pormenores. Em Portugal, as bruxas, os milagres, as almas penadas, enchem a imaginação de todos nós e imprimem aos costumes provinciaes o mais bizarro character. Todas as meninas de amores consultam a mulher que deita as cartas; um boçal que vai pelas ruas lendo a *buena-dicha* é chamado ás portas.



e as suas sinas escutadas com emoção. Em cada aldeia ha uma Santa que se sustenta no ar sem que a segurem, e os seus milagres correm toada por freguezias afóra. Em nenhum outro paiz está mais derramado o agoiro tragico das terças-feiras. Pergunta nas livrarias se não se vendem por centenas, a gente aldeana sobretudo, o *Diccionario dos Sonhos* e o *Livro de S. Cypriano*. Todos nós fomos educados a crer em lobishomens, e qual de vós não ouviu em piqueno, num tom de reza, as endeixas de *Santa Iria*, o rimance da *Clara-Linda*, e as trovas da *Tricana de aldeia que vae para a guerra*, numa melodia tão prolongada, enroscando-se, em incoerciveis volutas, no coração! Ouvi uma vez, numa espadellada ao pé de Ovar, cantada por lindas raparigas morenas *do ar do mar*, uma musica de tal exquisitice, que mais parecia doce ballada wagneriana, não partindo em quadras mas subindo sempre, como um fumo de casal, tendo notas graves de *de-profundis* e gritos de hymno, e só rythmada de um modo embriagador pelas espadellas cahindo, tzuc, tzuc, tzuc, lentas sobre o linho...

E queres feiticerias de uma imaginação macabra? Para fazer calar um cão, que uiva lá fóra, basta que levantes um sapato com a sola para cima. Ainda ha dias vi chorar de raiva uma rapariga de vicio, por ninguem querer acreditar que ella houvesse visto o Diabo no hospital, em figura de coelho branco, guiando a mão do medico para a declarar limpa e lhe dar alta. Quando houver trovoada, chega-te para ao pé de uma creança de mama, que o raio não cahirá sobre vós.

Emfim, a nossa litteratura de cordel ainda não morreu. As lagrimas da emigração e do degredo chocam ainda muitos Poetas entre o povo. Hei de, um dia, escrever-te a respeito de alguns fados que ultimamente tenho ouvido, e poesias populares de messianismo politico a proposito do 31 de janeiro, o mais possivel caracteristicas. Está preso no Porto, por motivo d'essa revolta, um homem muito sympathico (Felizardo de Lima) cujo temperamento, vida errante, e producções litterarias merecem um estudo que eu talvez faça em tendo vagar. É um herdeiro legitimo do propheta Bandarra, e dos populares que iam, em



domingo de Ramos, cantar endeixas em volta da sepultura de Nun'Alvares.

Ora, num povo de uma tão sobreexcitada sensibilidade, para quem os mais simples episodios da vida logo se complicam de visões, milagres e vôos para o céu, crear o Theatro, a tragedia, o drama, ao mesmo tempo impressionando *pelo terror e pela piedade*, e guardando em syntheses claras o nosso passado e a nossa época, seria uma obra grande a fazer, digna de que por ella se interessasse toda a geração dos Novos, numa campanha que os escriptores merecidamente consagrados não deixariam, certo, de baptisar com o seu applauso.

Adeus, perdoa o tamanho d'esta carta, pois se as noites de inverno são tão grandes! — ALBERTO.

*
* *
*

P. S. Ainda encontro, ao fundo da pasta, uma duzia de linhas que têm oportunidade nesta carta que tanto se occupa de litteratos. E uma especie de dialogo, como os de Bourget, em que ambos os contendores têm uma parte de razão, e dos seus exageros mutuos avulta a Verdade mais saliente. Certos pormenores são authenticos, algures colhidos. Já agora ouve-o:

DIALOGO

— Nada agradável como discutir controversias de Arte. por um poente doce de verão, quando os oiros da Paizagem começam de empallidecer e nenhuma Côr dá gritos, através do moribundo silencio. Meu Amigo, veja como o infinito da Barra se prolonga, se prolonga, e a nossa Alma a seguil-o, como atraz de uma Illusão, um Poeta. Lá longe vai picar, de aqui a pouco, a esmeralda de um pharolim. Não se ouve chorar a Agua, que alli está estagnada, com barcos calados por cima, co-

mo o sonho de um brahmane. Tudo morto, tudo jaz... Olhe o brilho sêcco das estrellas, lembra-me o olhar de certos homens de agora. Ai! as searas do céu são desoladoras como plantas sem rega! As Coisas falam todas de morte, a sua voz casa-se para melodias funebres. Ha talvez, lá para o fundo da treva que começa, ataques hystericos de plantas. Quem surprehendera, numa obra confusa e estranha, toda esta orchestra das Coisas, quem annotára sobre um papel (como em notas de musica) a sonata que sinto ascender de todos os murmurios da Vida, entrelaçados!

O AMIGO (impaciente) — Que insupportavel e falso que V. e, com toda essa litteratura! E chamam a isso finura de analyse, subtileza, comprehensão da Nuança. No meu ponto de vista, tudo isso é litteratura, e da peor. Incoherente, postiço, construido sobre a areia movediça de uma suggestão que eu nego. Os senhores são muito intelligentes, não ha duvida. Até demais. Entre a sua faculdade creadora e o senso critico, nenhum equilibrio: este tem o poder absoluto. De ahí a sua impotencia. A sua analyse exige condições superiores, talvez extra-humanas, á obra de arte. Por isso o Hugo é um idiota, e lhe contrapõem o Verlaine, que cabe todo numa estrophe das *Orientales*. Tal esthetica é talvez verdadeira, mas prematura. Nem dentro de dois seculos apparecerá o Poeta enorme que a consagre. Entretanto, as tentativas dos senhores são pueris e irritantes. Não percebem o encanto de nenhuma immortal obra de arte, porque não são communicativos, são seccos. A sua emoção é feita de phrases, os seus sentimentos vêm nos livros. Amam os poentes e o cahir das folhas, porque é a moda recente. Cahiram em desuso as alvoradas e as bucolicas pagãs. Que interesse novo traz á Alma universal, isso?

— Ah, meu Amigo, que blasphemias esteve a dizer! O nosso «outomnismo» é o symptoma da crise por que a nossa alma passa. Carregada de civilisação, ella perdeu a limpidez, é como a agua de um rio carreando detrietos. Somos velhos, hoje, ainda em imberbes! E admira-se de que sejamos obscuros, de que sejamos confusos e incoherentes? É que a nossa lingua já



não serve, e vem ali outra — sabe? tenho a certeza d'isso — e vem ali outra que nós, por ora, soletramos. A Vida é uma ondulação, e as palavras velhas são duras como angulos. Ora, como adaptar uma moldura de ferro a um Sonho? Por isso caminhamos para a Musica, como para uma aspiração. A nova linguagem será talvez só feita de inflexões de voz e de gesto. A palavra é de uma symbolisação estreita, serviu só emquanto as idéas foram simples. Mas agora! Lá me vêm os senhores argumentar com a sua Italia, com as suas obras plasticas. Pois haverá alguma coisa menos esthetica, que as virgens-lavadeiras de Raphael? Nesse prodigioso problema de alma — a Virgem-Maria — suggestivo de todas as perguntas que desde o principio do Mundo nos vimos fazendo a nós mesmos, os senhores só viram o Amor materno animal, como o da cabra ao cabritinho... Para achar uma virgem assim, escusado era ir a Bethleem, buscal-a ao presepio onde Jesus nasceu. De resto, a Renascença é uma época inferior. Arte sã, quer dizer, profunda satisfação, ausencia de tortura, o periodo das vaccas gordas para a Alma humana. Comem bem, bebem quanto lhes presta, e têm a paciencia sem fim para dar clareza e sobriedade ao que criam. Que importa tudo isso? Só na desgraça é que os homens se lembram de cavar a mina do Infinito. Ha lá filões novos, filões virgens, que os senhores nem presentiram, porque passaram a vida a cultivar flores de estimação. Pois não valerá mais o oiro em bruto, decerto imperfeito, decerto incoherente, mas vivo e natural, da nossa mina, que toda a oirivesaria amaneirada dos senhores? Nós gaguejamos a nova Arte: somos os precursores de uma reacção artistica extraordinaria.

— É singular como V. acaba por attribuir-me qualidades que são apenas proprias das suas affeições litterarias. Amaneirados, nós que queremos a Arte plastica, sã (como V. mesmo disse), o harmonioso equilibrio da fórmula e da idéa, uma á outra servindo de espelho e de realce? V. queixa-se de que a lingua não chega. Então que fará o marmore, hein? No emtanto, permitto-me lembrar-lhe que a Venus de Milo, cujo sorriso V. com toda a sua comprehensão do subtil, ainda não interpretou.



e o marmore mais sereno, mais plastico, mais harmonioso e bello de toda a esculptura. Não, V. tem razão, mas apenas numa face do problema, porque o seu exclusivismo não quer abran-ger as outras. Por mais subtil e vaga que seja a criação de um artista, a obra de arte só será perfeita quando realisar de um modo plastico todo esse vago da idéa. Dizia Theo que a sua lingua era bastante ampla e submissa, para exprimir todas as nuanças de uma Idéa. Só o artista que pudér dizer isto, será grande! Agora ser sybillino a proposito de serem obscuras as idéas, querer fazer comprehender o vago pelo vago, é uma ma-neira inhabil de evitar o esforço, por uma banda, e pela outra revela um temperamento grosseiro de decifrador.

— Mas se a Vida é o desequilibrio, é a desharmonia, é a incoherencia, como quer V. que a Arte seja o contrario de tudo isso? Ficará falsa, postiça, amaneirada — repito...

— A Vida é a incoherencia, vista de perto, no seu aspecto episodico. De muito alto, a Vida é a coherencia na incoheren-cia, o equilibrio no desequilibrio, poisque leis necessarias e pe-riodicas presidem a tudo. E assim, justamente, deve ser a Arte. Os senhores não o alcançam. Os seus livros têm de resignar-se ao esquecimento dentro de alguns annos: serão os ensaios, as pontes provisorias que deixarão a Arte passar. E quanto á sua Excentricidade, ao seu Bizarro, á sua preocupação do Singu-lar, são como as cores de uma tarde que nunca mais se repe-tem. A Vida é um pouco mais que tudo isso.

— De maneira que os senhores querem o pautado, o me-thodo, a disciplina? Não admittem que uma obra de arte seja um ataque de nervos, seja um accesso de loucura? Dentro do artista precisará de estar um guarda-livros? Os senhores que-rem isto? (e riscou um quadrado no muro). Pois bem: nós que-remos a indisciplina, a Imagem desgrenhada, temos o odio á Regra, desprezamos o Contorno, queremos a Mancha, a Man-cha (e a sua mão nervosa roçou um momento pela parede, a dar a impressão de uma nodoa alastrada e irregular).

Então o Amigo, num relampago de olhar, apontando o in-dicador da sua mão fina, sobre o muro onde tão cabalisticos si-



gnaes haviam sido indicados com mão convulsa, respondeu triumphantemente:

— Não; eu não quero o Quadrado, nem quero a mancha; não quero o Estreito, nem o Irregular; quero a unidade, a plasticidade, a harmonia: — e á medida que falava, sublinhando os termos, ia desenhando uma espiral tranquilla e lenta, como o symbolo mesmo da sua Esthetica.

Então a palestra cahiu numa gargalhada que o imprevisito e vivo da replica provocára, e os dois Amigos (ambos com o appetite que sempre resulta das longas sabbatinas) foram ceiar juntos. Só o Plastico ainda ajuntou:

— E demais, ainda hoje não discutimos senão o ponto tecnico, propriamente *artístico*, da questão. Esqueceu-nos o lado humano, o lado moral. A vêr se V. tambem defende essa tortuosidade e vago, nas consciencias!

Colmbra, 1892.

Alberto d'Oliveira.



CARVÕES PORTUGUEZES

Corre o paiz de bocca em bocca que é chegado momento de nos lançarmos em pleno lavor industrial, ou de morrermos á mão dos agiotas. No espirito popular, que aceita sempre as fórmulas mais simples, radicou-se como verdade indiscutivel a necessidade d'uma pauta exaggeradamente proteccionista. Não nos parece que resolva o nosso problema economico: a vida excessivamente cara, a miseria de todos, não póde gerar a riqueza da nação. Em nosso entender o que importa é, conhecidas as causas do mal-estar economico, darmos balanço ás forças productivas, para entrarmos em acção decidida e serenamente. Aos leitores da REVISTA daremos breve idéa do que o paiz póde produzir de combustivel fossil — esse pão da industria, indispensavel á sua alimentação. É verdade assente, dita, redita e exaggerada, que Portugal é pobre de carvão mineral; e n'essa pobreza liliam muitos a nossa mingua de industrias. O codigo veda investigações de paternidade; mas para salvar a honra do carvão portuguez não duvido correr risco de me sentar no banco dos réos. Portugal é effectivamente pobre de carvão fossil. Mas peor do'que a sua pobreza é a nossa incuria, deixando inexplorado o que temos, para o importar do estrangeiro; peor do que a nossa incuria, são os tristes processos que entre nós se têm seguido, tolhendo, sempre que se procura alentar,



a expansão industrial, e sobretudo a industria mineira. D'isso têm tido culpa os governantes; tem culpa sobretudo o paiz, a opinião publica, que assim os obriga. Em Portugal receia-se muito que as empresas prosperem, que enriqueçam, que os industriaes façam fortuna. Os que governam, acobardam-se perante o vento de descredito que sopra de todos os lados. Cercam o auxilio a industriaes de tantas peias, asphyxiam-no em rêde de tão apertadas difficuldades, que a burocracia fabrica a primor, que póde uma empresa morrer á nascença, esganada pela mão descarroavel de qualquer ministro; raro correrá risco de envelhecer na abundancia. Mas a opinião publica regosija-se com vêr boiar no mar morto da nossa industria os destroços d'essas empresas fallidas, e glorifica o homem honrado, — o ministro que não deixou que se fizessem fortunas á sua sombra. Ah! mas se a empresa prospera, se enriquece, se lhe não tolhem o passo, — o ministro é um venal — recebeu luvas. Se alguma coisa censuramos a dirigentes, é a falta de coragem para desprezar os *ricanements* d'estes *lazzaroni* nacionais, que nada fazem, estiraçados ao bello sol peninsular, e que na sua invejosa e indolente pobreza querem nivelar tudo por baixo. Pobres sim, mas todos pobres. O paiz rico — entidade á parte — seria bom para vida mais folgada! E não se lembram os maledicentes *faineants*, que a riqueza do paiz é a riqueza das suas empresas, é a riqueza dos homens que trabalham.

Ha annos em Africa concederam-se a Paiva de Andrade terrenos para exploração agricola e industrial: o paiz levantou-se de voz em grita que a empresa ia ganhar rios de dinheiro. Paiva de Andrade tornar-se millionario; e o nome do ministro que assignou a concessão foi arrastado por todas as ignominias. Houve motim nas ruas, e o ministerio cahiu. São volvidos annos. A concessão era tão cheia de difficuldades que Paiva de Andrade continúa pobre, está doente dos longos estadios em Africa, e ainda não conseguiu organizar companhia para explorar a *escandalosa e lucrativa concessão*. Em Inglaterra, — como se entende de diferente modo a economia da nação —



fazem-se as mais amplas concessões, enchem-se de favores os concessionarios, o estado faculta-lhes as suas tropas, dá-lhes as mais largas regalias, promove-lhes o engrandecimento e a riqueza: — promove a riqueza e poderio da nação. E isto passa-se na grandiosa e industrial Inglaterra, no paiz do *self-help*, onde tudo já caminha de per si. Entre nós, onde tudo ha para crear, é de regra o procedimento havido com Paiva de Andrade ¹.

Pouco depois um grupo qualquer procurou valorisar os improductivos e insalubres salgados do Algarve, o apparelho littoral que vai de Faro a Cacella. Que celeuma se não ergueu, que riquezas se não descobriram! E a empresa nem chegou a constituir-se! No Algarve houve ainda quem pensasse em introduzir a cultura da canna sacharina, tão prospera na visinha Andaluzia, tão adequada ao nosso Algarve costeiro; fizeram-se experiencias culturaes, coroadas do melhor exito: faltaram as necessarias garantias das camaras e do governo.

Facto recentissimo, e triste exemplo. Ha poucos annos concluiu, na Polytechnica do Porto, curso brilhante um rapaz vigoroso, intelligente, bem temperado para todas as luctas da vida. Podia anichar-se em qualquer emprego publico; era collaborador desejado por um dos mais doutos homens de sciencia do paiz, e ainda hoje, acreditamos, apesar das leis draconianas que vedam ingresso nos quadros officiaes, o seu bello talento lhe faria aberta de excepção por onde entrasse ao serviço das obras publicas. Tinha ambições, iniciativa, crença no seu vigor, amor da

¹ Não podemos deixar de mencionar, como excepção ao que fica dito, a proposta de lei, que tanto poderia concorrer para chamar capitaes ao nosso paiz e fixal-os na industria, firmada pelo notavel estadista João Franco Castello Branco. Em todo o mundo o inventor encontra garantias e privilegios. Em Portugal introduzir uma industria é mais meritorio do que invental-a. Aos introductores deviam portanto, e pelo menos, tornar-se extensivas as regalias dos inventores. O snr. João Franco assim procedeu, e, pondo de parte a obcessão liberal do nosso meio, não se arreceiou de conceder privilegios e monopolios. Em face do nosso mal-estar economico, bem se podia exclamar, paraphraseando um dito celebre:

Oh! liberte que de *bêtises* on commet en ton nom!



sua independência; custava-lhe enfiar a manga de alpaca da sciencia official, ser mandarim d'este paiz do sol, e preferiu dar á industria o seu talento. Percorreu as costas portuguezas, foi á sua custa a Arcachon, á Belgica, á Hollanda, estudou a cultura das ostras e mexilhões, dos variados molluscos, tão acclimata-veis entre nós, e d'um tão lucrativo commercio, trouxe nota de quanto precisava para introduzir uma industria nova no paiz; — tinha capitaes á sua disposição. Requereu concessões nos pontos que lhe pareceram mais adequados para o seu empreendimento. O requerimento, acompanhado de memoria justificativa, andou de ministerio em ministerio; foi á veneravel procuradoria geral da corôa: o requerente seguiu-o durante dois longos annos através dos meandrosos corredores das secretarias — cançou-se de esperar pela resolução e emigrou. Foi para o Brazil dar plena expansão á sua actividade: nós ficamos sem um trabalhador de raça e sem uma industria. A estas horas é de crêr que ainda se ande em busca da legislação de todos os paizes, que é o «costume da terra», para descontinuar n'ella o meio de entorpecer a acção dos industriaes, e salvar a honra dos ministros. Quem sabe se não traremos pelas regiões que o nosso expatriado percorreu á sua custa, algum agente official, pago pelo estado, para estudar o assumpto! Se não trazemos, já trouxemos com certeza.

A estes «usos da terra», mais que á mingua de carvão, se deve a nossa pobreza economica. É pequeno o sólo continental: pois na sua maior área está por arrotear, por utilizar. Na linha da costa uma extensa faixa de areia vai mordendo dia a dia o sólo aravel. Os governos não dispõem de dinheiro para fixar as dunas, para se opporem á invasão das areias; mas cáia alguém em querer valorisar esses terrenos! Tudo se levantará em defeza do sólo sagrado da patria, que é patrimonio de todos, e o paiz, onde podia abastecer-se de madeira para construcção e combustivel, continuará a gozar uma extensa zona esteril.

De estes vicios de temperamento nacional padecemos mais do que de falta de carvão. O que temos ainda nos chegaria para muito, quando convenientemente explorado.



Desde as visinhanças de Fão, passando perto de Rates, em Ferreiro, S. Pedro da Cóva, e seguindo até junto do Gafanhão, estende-se, com estreitamentos e interrupções, a maior faixa de terreno permo-carbonico superior, que se conhece em Portugal. Essa faixa, pelo que observamos, pelas investigações paleontologicas a que procedemos, e contrariamente ao que se tem supposto, pertence ao mais recente andar do carbonico productivo. Na sua quasi totalidade corresponde ao nivel de Commeny, em França. Já foi considerada como siluriano, e Carlos Ribeiro teve-a ultimamente na conta de carbonico medio. Não é fecunda em toda a sua extensão; o carvão que encerra é anthracite, em geral de boa qualidade. As principaes concessões, que têm sido exploradas n'esta faixa, acham-se collocadas ao centro e são, correndo de noroeste a sudeste, Mont'Alto e Ervedosa, S. Pedro da Cóva e Passal de Baixo, na margem direita do Douro, Pejão, na margem esquerda do mesmo rio, e perto de Arouca.

A concessão de Mont'Alto e Ervedosa occupa uma área de perto de cem hectares. Bom carvão; lavra irregular, motivada ao que parece por falta de capitaes. Lavraram uma camada de tres metros de possança. A uns cem metros de profundidade suspenderam os trabalhos, segundo se diz, por ser necessario praticar galerias de esgoto indispensaveis, e para o que a empresa não dispunha de haveres. Iniciou-se a exploração n'outro ponto em camada de trinta centimetros de possança. O carvão extrahido é vendido no Porto ao preço de 4\$200 reis a tonelada. A producção tem sido muito pequena.

S. Pedro da Cóva é a mais importante das concessões mineiras d'esta bacia. A concessão assenta na sua parte mais larga e occupa uma vasta área, e é das mais antigas minas de carvão que se explora em Portugal: está em exploração contínua desde fins do seculo passado. Descoberta por um particular, a quem o governo, passado um anno, cassou a licença, foi a principio explorada pelo estado.

Durante o primeiro periodo de administração, que durou até 1804, foram os trabalhos muito irregulares, não só os de la-



vra, mas ainda os de administração. O carvão extrahido era vendido aos carreiros em *chômage*, que partiam da mina por aquellas redondezas, até ao Porto, mendigando pão e compradores.

Compreende-se que, com tal mercado, fosse pequena a producção. De 1804 até 1825, em que a mina passou por arrendamento para o conde de Farrobo, calcula-se em 68:000 toneladas a quantidade de carvão extrahido, com um valor aproximado de 307 contos, producto liquido de 102 contos, e rendimento annual de 4 contos proximamente. O conde de Farrobo obteve mais tarde concessão definitiva, que em pagamento de dividas passou para Manoel Joaquim Alves Pimenta, o qual nunca a explorou de conta propria.

Ha mais de vinte annos que é seu arrendatario o snr. Bento Rodrigues de Oliveira. Até 1852 a exploração foi muito irregular, pouco abundante, e nociva pelo muito combustivel que a má direcção de trabalhos inutilisou. De então para cá os processos de lavra e transporte não se têm aperfeiçoado muito, mas a administração regularisou-se.

A maxima profundidade a que descem os poços é de 140 metros, e a maxima extensão a que vão as galerias é de 320 metros. O poço Oliveira e o poço Constança são os dois principaes centros de ataque. Pelo poço Oliveira desmonta-se uma camada com 6 metros de possança, a que correspondem 9,6 toneladas de carvão por metro quadrado; no Constança o desmonte ataca a camada com 4 metros de possança a que correspondem 6,4 toneladas por metro quadrado. As galerias são amplas e a madeira empregada no escoramento (jugos, capas e escoras) é o pinho, abundante nas serras visinhas. É barata mas consume-se bastante pelas necessidades de rapida substituição. No desmonte empregam-se os talhes lateraes. A illuminação é feita com candis de azeite, porque quasi não ha grisú. A extracção pratica-se do seguinte modo. Uma longa fila de rapazes passa de mão em mão uns cubos de madeira com o carvão extrahido, que a uns 60 metros da bocca do poço é lançado em wagonetes, tirados até á superficie por quatro bois que vão fa-



zendo girar os malacates. Esgoto pela galeria de Santa Barbara. As aguas dos pisos inferiores é elevada á mão com bombas de madeira aspirantes, de columna não superior a 7 metros, movidas a braço. O esgoto dos pisos superiores faz-se naturalmente. De noite suspendem-se os trabalhos. Eis o triste quadro da exploração d'uma mina portugueza, rica, antiga e productiva. E ainda assim a producção média annual é de cerca de 11:000 toneladas, representando ao preço de 4\$200 a tonelada um valor de 46 contos, numeros redondos. O carvão continua a sahir em carros de bois, agora já por conta da empreza, e vai abastecer as cozinhas burguezas do Porto, frigir ovos e batatas. E o seu *debouché*.

Situação e riqueza determinavam para esta mina mais largo futuro. Nada se faz. Em 1889 a França offereceu aos seus visitantes uma exposição retrospectiva da habitação humana. No Campo de Marte podia vêr-se a habitação primitiva, a casa do Celta, do Romano, a habitação moderna. Nós podíamos ainda hoje na nossa terra mostrar em plena actividade uma exposição mineira... retrospectiva. Haverá nada de mais commoventemente singelo e archaico do que o transporte do carvão pela fiada dos rapazes dentro da mina, o boi scismador que vai dando volta ao malacate, a agua puxada a braço, de piso a piso, pela tosca bomba de madeira, e o carro de bois gemebundo, que vai entregar ás cozinheiras do Porto o producto d'esta poetica lavra? O sapatão tauxeado do mineiro romano, que por vezes se encontra nas minas abandonadas dos convisinhos serros do Raio e de Vallongo, não tem de corar perante o tamanco ferrado do mineiro portuguez. Dos pés á cabeça não vai grande differença.

O Passal de Baixo é proxima visinha de S. Pedro da Cova. Fica-lhe a S. E. e occupa uma área de 45 hectares. Os trabalhos attingiram em tempo uma profundidade de 105 metros e uma extensão horisontal de 180 metros. Hoje estão muito limitados. Os processos de extracção são os mesmos de S. Pedro da Cova. O carvão igualmente bom. Em tempo fez-lhe no Porto larga concorrência. S. Pedro da Cova moveu-lhe demandas,

*



sobretudo por causa da galeria de esgotos, e invasão da área de concessão, e paralyçou-lhe os trabalhos. O Passal de Baixo nunca extrahiu mais de 1:000 a 1:500 toneladas de carvão por anno com um valor de 45 contos pouco mais ou menos. Liquidadas em bons termos as questões com S. Pedro da Cova, o que será difficil, a mina do Passal poderá ter algum futuro.

O Pejão é explorado pela Companhia carbonifera e industrial do Pejão, que se organisou para utilizar a concessão que lhe foi cedida pelo antigo vogal da commissão geologica Frederico de Vasconcellos Pereira Cabral. Tem 130 e tantos hectares para campo de lavra, n'uma extensão de 2:750 metros da faxa carbonifera. O carvão extrahido é anthracite em geral friavel e terrosa, proveniente d'uma camada com 10 metros de possança. A exploração d'esta mina de modo regular póde dizer-se que data de 1884. A companhia tem dispendido avultadas quantias, não só na execução de pesquisas e trabalhos subterraneos definitivos, mas ainda em trabalhos superficiaes. Entre estes conta-se o caminho de ferro de via reduzida que põe a mina em communicação com o rio Douro, permittindo assim o transporte fluvial durante um largo precurso. O caminho de ferro tem uma extensão de 7 kilometros e vem dar a um plano inclinado automotor de grande utilidade economica para o carregamento do combustivel, que tem de ser conduzido ao Porto. A grande massa do carvão extrahido no Pejão, como já dissemos, é fragmentar e terrosa, e ainda que a industria tivesse as suas caldeiras preparadas para funcionarem com anthracite, não podia o Pejão exploral-a economicamente, sem o alvitre, que adoptou, de a lançar no mercado, utilizando-a na quasi totalidade pela transformação em *briquettes*. Antes da mina passar para a actual companhia, já o seu antigo possuidor o snr. Frederico de Vasconcellos Pereira Cabral tentára idêntica transformação. Ainda vimos no Porto, rua da Boa-Vista, a antiga machina, movida a braço com que o snr. Vasconcellos fabricou alguns milhares de agglomerados, que tiveram fraco consumo nas cozinhas d'esta cidade, e nenhuma outra applicação. O



actual director tecnico da empresa, o snr. Moraes Carvalho, com intelligente e tenaz persistencia, conseguiu fabricar *briquettes* de variados typos, já aceitaveis e aceites pela industria e consumo domestico, e que certamente irão conquistando dia a dia mais largo campo de collocação, como merecem. Os habitos inveterados, a adopção d'um combustivel de aspecto inteiramente novo, embora mais economico do que o carvão inglez, hão de ainda pôr á prova a sua intelligencia e boa vontade. A empresa deve ter, porém, prospero futuro. Basta attentar na facil adaptação das *briquettes*, não só aos usos domesticos, mas ainda ás mais variadas exigencias industriaes, desde a locomoção a vapor, quer terrestre quer maritima, até á possibilidade de sua utilisação na industria siderurgica, quando previamente transformadas em coke. A Europa consome annualmente milhões de toneladas de *briquettes*. Os caminhos de ferro italianos e francezes, e em França ha boa hulha, gastam-nas em enorme proporção. Metade talvez do combustivel dos caminhos de ferro da França entra nas grelhas sob a fórma de *briquettes*.

Com estes pequenos dados, que maiores os não permite a indole d'este artigo, comprehende-se quão largo desenvolvimento poderá ter a mina do Pejão. A companhia separou os trabalhos de lavra dos de agglomeração. Explora no Pejão e fabrica na Afurada, perto do Porto. No Pejão os trabalhos de lavra distribuem-se por quatro pisos, ligados entre si por meio de poços. A differença de nivel entre o primeiro e quarto piso e de 120 metros. A extracção do combustivel desde 1884 tem sido de cerca de 1:000 toneladas por anno. De noite não se trabalha. As *briquettes* vendidas e offerecidas para experiencia desde 1884 até 1891 subiram a 15:000 toneladas, com um valor de 91:000\$000 reis, e dando uma média annual de 1:800 toneladas. A lueta que a companhia teve de sustentar para fazer aceitar os seus productos, a baixa de preço que n'alguns annos se deu no carvão inglez, o imposto de 2\$000 reis por tonelada que veio incidir no breu, e outras causas ainda têm limitado a produccção d'esta companhia. Ultimamente as encommendas recebidas garantem-lhe consumo para o seu fabrico de dez horas



diarias, ou 80 toneladas, e resolveu por isso estabelecer trabalho continuo. Seria para desejar que o breu e a hulha miuda fossem alliviados de impostos, que pouco ou nada rendem, e difficultam a marcha da empreza. Que esta continue aperfeiçoando e adaptando o seu fabrico como póde (e é essa uma das altas vantagens das *briquettes*), a todas as exigencias do consumo, que o governo não entrave, antes auxilie a expansão d'esta empreza, e com isso lucrará o paiz.

As demais concessões d'esta faxa carbonosa, que nos districtos do Porto e Aveiro montam a 18, com uma superficie aproximada de 2:000 hectares, não estão em exploração. Muitas d'essas concessões encerram importantes massas de boa anthracite, outras nunca serão exploraveis. Quando todas as concessões trabalhassem e utilisassem os modernos meios de mineração, poderia obter-se importante contingente de carvão para o paiz, durante longuissimo periodo de tempo.

Ainda pertencente ao systema permo-carbonico existe perto do Bussaco um trato de terreno que afflora desde Boialvo até á Matta Maxial, n'uma extensão de 22 kilometros e com uma largura média de 700 metros. N'este terreno fizeram-se em tempo concessões, que hoje pertencem a uma mesma empreza, a qual não as explora. O terreno foi estudado por engenheiros nacionaes e estrangeiros, reputado como pertencente ao andar productivo do carbonico, ou hulhifero, e as maiores esperanças afagaram o inicio dos trabalhos n'estas minas. Os relatorios de dois engenheiros estrangeiros, com longa pratica d'estes serviços, eram de molde a dar-lhes alento. Começaram-se trabalhos de pesquisa com grande actividade; extrahiu-se carvão; um comboio foi do Porto a Coimbra, queimando verdadeira hulha portueza. O enthusiasmo era grande, mas a queda foi completa. Os affloramentos eram de pequena possança; os engenheiros affirmavam que as camadas se dilatariam, quando seguidas em profundidade. As suas previsões não foram, porém, até hoje coroadas de exito, e a exploração de pesquisa cessou. Não chegaram nunca a entrar em lavra activa e regular.

Os estudos que fizemos do terreno e o minucioso exame da



flora fossil levaram-nos a considerar os terrenos do Bussaco como pertencentes a um nivel superior, ao Rothliegende, e assimilal-o a certo andar da Corrèse, em França. Infelizmente o estudo geotectonico e paleontologico conduziu-nos a convicções pouco lisongieras ácerca da abundancia de carvão n'aquella região. O carvão que se extrahia era hulha verdadeira, com uma boa potencia calorifica, mas um tanto pyritosa.

Fóra d'estas duas regiões, Norte ou bacia do Douro, e Bussaco, nenhuns jazigos carbonosos de idade permo-carbonica se conhecem em Portugal. Terreno carbonico ainda existe, mas sem valor industrial.

Ha, porém, hulha moderna ou linhitosa e linhitos perfectos utilisaveis nos districtos de Coimbra, Leiria e Santarem.

N'estes tres districtos encontram-se as regiões mesozoicas e modernas portuguezas, productivas de hulha moderna e linhitos.

Podem grupar-se esses jazigos, segundo os trabalhos do snr. Carlos Ribeiro, rectificadas e accrescentadas pelo snr. Paul Choffat, que tão vastos serviços tem prestado á geologia portugueza, em quatro niveis ou idades differentes.

Os depositos mais antigos são os da base do Malm, e comprehendem as minas de Cabo Mondego, no districto de Coimbra, e os da faixa assás extensa, 4 kilometros proximamente, que vai da Mendiga, no districto de Leiria, até além de Valverde, no districto de Santarem. Os de idade immediatamente posterior pertencem a um horisonte inferior do Malm medio, e occupam uma pequena faixa que vai das proximidades de Leiria a Alvados. Os restantes depositos jurassicos productivos, d'esta região, são ainda do Malm medio, horisonte superior ao precedente, e constituem a faixa carbonosa que vai da Batalha a Porto de Móz.

Fóra d'estes horisontes não se encontram no centro do paiz faxas ou estratos carbonosos extensos e exploraveis.

Ha ainda simples bolsadas ou depositos terciarios, pliocenicos, comprehendendo linhitos de bom aspecto (carvão de Por-



to de Móz), e outros menos perfeitos, como os de Alencarce, no concelho de Soure, districto de Coimbra; e ainda páus fosseis, como os de Marrazes, no districto de Leiria.

Aqui e além apparecem tambem alguns indicios de carvão, o que é frequente em toda a serie jurassica e cretacia portugueza, mas com pouco ou nenhum valor industrial. Servem apenas para dar origem a uma multiplicidade sem fim de manifestos.

Pertencente ao primeiro nivel a que nos referimos, e no districto de Coimbra, existe a mina do Cabo Mondego, das mais antigas de Portugal. A sua primitiva concessão data dos fins do seculo passado. Em 1854 foi concedida ao conde de Farrobo. Actualmente é administrada pela Empreza exploradora das minas e industrias do Cabo Mondego, organizada pelo conde Duparchy, a qual não só cuida da lavra da mina, mas ainda das industrias annexas, fabrica de vidros, de cimento, de cal gorda, cal hydraulica, telha e tijolos.

A concessão abrange uma área de 341 hectares proxima-mente. O carvão que n'ella se extrae tem sido considerado ora como hulha, ora como linhito perfeito. Póde de facto ser considerado como uma hulha. É um pouco pyritoso. Afflora em seis camadas de possança crescente desde 0^m,1 a 1 metro. Só esta ultima tem sido explorada. A sua lavra está distribuida por diversos pisos. A maxima profundidade a que os trabalhos têm descido é de 124 metros abaixo do nivel das installações. Actualmente o desmonte faz-se n'um massiço superior á galeria de extracção, que é tambem a galeria de esgoto. (Galeria de Santa Barbara com 1:880 metros de extensão). Os methods empregados no desmonte são o dos pilares e o de degraus invertidos (na galeria de Santa Barbara). Dentro da mina o transporte do carvão faz-se rolando-o nos primeiros pendores e carregando-o em wagonetes puxados por muares ou cavallo. O carvão extrahido é classificado em tres categorias. Á primeira e terceira pouco pertence. A grande massa vai para a segunda. A producção total por anno póde computar-se em 4:500 a 5:000 toneladas com o valor aproximado de 10:600\$000. Os preços



habituaes do carvão á bocca da mina por tonelada são de 3\$700 para a primeira qualidade, 2\$500 para a segunda e 1\$500 para a terceira. Na Figueira, sobre os caes, ou na estação do caminho de ferro, carregado nos wagons, custa primeira qualidade grosso 4\$500 por tonelada, miudo lavado 4\$000. As outras qualidades são consumidas nas industrias annexas. A parte do jazigo mais abundante de carvão, e onde elle é de melhor qualidade tem estado inundada por falta de bombas de esgoto. Consta ter havido em tempos remotos duas ou tres explosões de grisú. Ultimamente nenhum accidente d'esta natureza se deu. A ventilação é boa e a illuminação faz-se com candeias ordinarias.

A companhia queixa-se do exaggero das tarifas do caminho de ferro, que lhe difficulta a exportação.

Na fabrica ceramica da Pampilhosa, que emprega com bom resultado o carvão do Cabo Mondego, foi-me dito que se viam obrigados a comprar carvão inglez por a empresa lhe não fornecer a quantidade de que careciam. A exploração é frouxa. Ao que parece nem satisfaz por completo as necessidades das industrias annexas, visto queimar-se tambem n'ellas madeira de pinho. Comquanto o carvão do Cabo Mondego não seja uma hulha de fina qualidade e de muito elevado poder calorifico, satisfaz em todo o caso aos requisitos de um bom carvão, que póde ter largo consumo na industria e permittir uma lavra remuneradora. O *stock* carbonoso da concessão deve ser importante: não póde calcular-se ao certo, por a região não estar ainda sufficientemente estudada, sob o ponto de vista industrial.

No districto de Leiria quasi toda a região util para mineração carbonosa, e ainda aquella na qual se não deparam se não insignificantes vestigios, foi açambarcada pelo snr. Croft, que obteve concessões n'uma área de 21:000 hectares! Essas concessões deviam ser exploradas por uma companhia organizada em Londres — a qual de facto nada explora, nem deixa explorar. As concessões nos termos das leis portuguezas estão caducas; o governador civil como taes as declarou. Os interes-

sados interpozeram recurso, e ha mais de vinte annos que essa questão se arrasta pelas estações officiaes portuguezas, continuando esterilizado e perdido para a industria nacional um tão vasto e util campo de mineração carbonosa. Das concessões Croft soube ha annos aproveitar-se, não um industrial, mas um cavalheiro de industria. Estabeleceu-se em plena concessão, chamou mineiros, abriu um poço, extrahiu e vendeu carvão. N'um bello dia terminou esta magnifica exploração, explorando tambem os pobres mineiros a quem não pagou — e fugiu.

Fóra dos principescos e inuteis dominios Croft, e pertencentes ao Malm, existem ainda no districto de Leiria, Cabeço de Veado e Sitio das Hortas, que não passaram de pesquizas, e no districto de Santarem a concessão de Val Verde, onde se tem pesquisado com mais alguma actividade. Sobre o Sitio das Hortas escreveu o snr. Roquette um relatorio industrial em que considera o carvão extrahido como hulha. Respeitando muito a opinião do sabio engenheiro de minas, somos comtudo de opinião que não só o carvão d'aquella região, mas ainda todo o carvão jurassico do districto de Leiria, é um linhito perfeito, bastante assimilavel nas boas qualidades, ao que se explora em Fuveau, perto de Marselha, e que tão boa aceitação tem tido na grande industria franceza, dando bons lucros á empresa exploradora.

Entre nós existe a preocupação, com a qual é necessario acabar, de que todo o carvão que não seja hulha não presta. D'ahi vem que por vezes os peritos, para não desvalorisarem o que de facto tem valor, se vêem compellidos a alguma transigencia com as suas opiniões.

Os depositos modernos estão igualmente inexplorados. Alencarce, no districto de Coimbra, começou a ser lavrado. Poucas localidades estariam tão fadadas para uma industria prospera, como este pequeno logar do concelho de Soure. Combustivel em abundancia, motor hydraulico resistindo ás estia-gens, areia propria para vidraria, cal, gesso para adubos e estuques, argillas para ceramica, e kaolinos para porcelana — tudo n'uma área de menos d'um kilometro quadrado. A galeria

de extracção do linhito vinha dar ás installações. Realisação practica de quanto theoreticamente podesse desejar-se. Installações e administrações sumptuosas — á moda dos ultimos tempos — esterilisaram este privilegiado campo industrial.

Em Portugal, regra geral, ou a industria segue acanhada rotina, receiosa de qualquer innovação, como em S. Pedro da Cova, e assim cerceia a sua producção e lucros, ou se faz da industria uma especulação de bolsa, entendendo que ella deve dar para tudo, e mata-se á nascença.

No estrangeiro ninguem pede á industria mais do que os lucros honestos que ella póde dar. Em Portugal não se falle em dinheiro para empresas industriaes e mineiras, a menos de promessa d'um juro fabuloso e irrealisavel. Herança cupida dos bons tempos das minas do Brazil. Vem de longe o mal. Povo habituado ás aventuras da India e do Brazil, seduz-nos mais a loteria e a bolsa, a possibilidade de fortuna n'uma hora, do que a certeza de riqueza no trabalho porfiado e honestamente remunerado de muitos annos. O homem de dinheiro joga em fundos, o proletario joga a vida na emigração, com mira de fortuna em poucos annos. Se quizermos ou podermos endireitar por melhor caminho, carecemos de mudar de rumo.

Este rapido passeio através das regiões carbonosas do paiz, e suas principaes concessões, deixa vêr que effectivamente Portugal possui pouquissima hulha. Tem, porém, uma importante faixa carbonosa a do Norte, ou bacia do Douro, abundante em boa anthracite. As industrias norte-americanas quasi exclusivamente se provêem d'este combustivel, incluindo a industria siderurgica, e todos sabem quanto as industrias da grande republica são ricas e florescentes.

As nossas anthracites não são inferiores ás americanas, mas a nossa industria não recorre a ellas, abandona-as por completo. E comtudo, apesar dos imperfeitos processos de exploração, que augmentam o preço de venda, ainda assim teria vantagem economica na sua preferencia.

Qual o motivo d'um tal abandono?

Os nossos machinismos têm sido importados da Inglaterra,



em grande parte; habituamo-nos ao gerador de typo inglez, com pequena área de aquecimento por cavallo vapor, um metro quadrado quando muito e 3 a 4 centimetros de grelha por metro quadrado de aquecimento. Carecia a nossa industria de adoptar o typo americano em que a superficie de aquecimento por cavallo vapor é dupla, e quasi dupla a superficie de grelha em relação á superficie de aquecimento; e ainda os geradores modernos, que permitem a utilização dos carvões ordinarios e até de schistos bituminosos. Com os machinismos que importamos de Inglaterra tornamo-nos feudatarios das minas inglezas, chegando ao desprezo das nossas boas anthracites para importar carvão inglez.

Da possibilidade de utilização em grande escala da anthracite para todos os usos industriaes attesta melhor que toda a demonstração technica ou scientifica, a enorme prosperidade da industria norte-americana.

As hulhas do Cabo Mondego e os bons linhitos de Santarem e Leiria, sem fallar dos combustiveis mais modernos, podiam trazer avultado contingente de carvão á industria nacional. As hulhas jurassicas utilisam-se em toda a parte como um combustivel apreciavel, os linhitos são aproveitados ainda mesmo nos paizes que têm boa hulha, como a França, onde a produção annual ascende a mais de meio milhão de toneladas, ou boa anthracite como os Estados-Unidos, que lavram e consomem por anno cerca de um milhão de toneladas de linhitos. A Italia applica-os na locomoção a vapor e na industria do ferro. A Austria extrae do seu sólo por anno para entregar á industria cerca de 13.000:000 de toneladas, e a Prussia só de per si aproxima-se d'uma produção de 15.000:000 de toneladas. Os nossos linhitos jazem inexplorados e vamos importando carvão inglez!

Na Inglaterra, no paiz classico da hulha, todo o combustivel fossil se utiliza, as proprias turfeiras estão em exploração activa, regular e remuneradora. Nós preferimos dizer mal dos nossos carvões e continuar a ser tributarios da Inglaterra. Fomentar a utilização dos nossos combustiveis seria d'uma alta



vantagem economica para o paiz: directa e indirecta. Directa pelo desenvolvimento da mineração carbonosa, que traria trabalho para muita gente e criação de riqueza publica; indirecta pelo fornecimento de combustivel em boas e variadas condições de preço, conforme o typo, ás differentes necessidades industriaes.

Avaliar do que temos e do que podemos produzir, e proteger e fomentar a utilização d'essas forças productivas, é util e sensato. Proteger, proteger tudo, mas proteger unicamente pela pauta, pelo tributo, febrilmente, n'um accesso de protecționismo, n'uma allucinação perante a qual o consumidor desapareceu, para vêmos em todo o portuguez um industrial, e o paiz habilitado com todas as industrias, — as que tem e as que não tem, — é correr risco de fugir á molestia para morrer da cura.

Mande, pois, o governo pelos seus engenheiros proceder a um cuidadoso arrolamento, a um cadastro de todos os jazigos carbonosos do paiz, estudo minucioso e consciencioso, que offereça como base de trabalhos a empresas que dêem garantias de bem utilisarem as concessões. Ainda ha pouco um dos mais intelligentes directores das carvoarias nacionaes queixava-se de que os relatorios dos engenheiros portuguezes eram ricos de dados geologicos, scientificos, mas absolutamente falhos de indicações technicas e uteis. Não nos parece que assim seja. Mas que futuros directores de carvoarias encontrem todos os dados de que carecem.

Entendemos, porém, que rara será a indicação technica util que se não baseie sobre dados d'um aprimorado conhecimento geologico mais que todos a exploração carbonosa. Da importancia que tenham os dados theoreticos para resolução dos problemas praticos diz o facto ainda não ha muito occorrido em França. Em uma das mais importantes bacias carbonosas de este paiz a lavra havia quasi exaurido o deposito; a fallencia por inanição abeirava-se. Sondagens dispendiosas e repetidas não indicavam a menor bolsada de carvão a explorar. Rebuscavam-se as indicações dos velhos e mais respeitados technicos; todas as complicadas regras sobre falhas e accidentes eram



meticulosamente observadas; e a sonda lá ia sumindo na terra o dinheiro e as esperanças dos accionistas. Nem um ar de carvão! Como para leito de moribundo chamaram-se as celebri- dades em conferencia. Foi o snr. Zeiller já então posto em evidencia pelos seus bellos estudos de paleontologia vegetal. Estudou o terreno, a vegetação dos tectos e muros das cama- das em lavra, e muito longe do campo de exploração, onde nenhuma regra d'arte descortinava coisa exploravel, entendeu o snr. Zeiller pelo estudo das floras de algumas camadas que ahi affloravam, que entre 600 a 700 metros de profundidade, n'esse local, se devia encontrar a camada productiva, que lon- ge d'alli se esgotava. A arte exigiu a sondagem para confir- mação dos dados scientificos, e d'essa feita o medico triumphou do curandeiro. A sciencia sobrepujou a arte. Entre 600 e 700 metros a sonda atravessou uma camada de carvão de 10 metros de possança. Estava salvo o doente.

Estes dados scientificos são por tal fórma importantes para a exploração pratica dos jazigos, que não raro se vêem no es- trangeiro méras sociedades industriaes fomentarem estudos, museus, e publicações que á primeira vista nada parecem ter de commum com coisas industriaes. Haja vista o luxuosissimo atlas e texto de paleontologia vegetal publicado a expensas da *Société d'industrie minérale de France*. Na Franche-Comte acaba de se organizar uma empreza para exploração de hulha baseada tão somente em estudos geologicos, e sem que nenhum affloramento indicasse n'aquella localidade a existencia de tão precioso combustivel.

O levantamento em grande escala da carta geologica da Belgica dotou este paiz com riquezas carbonosas, que nem se conheciam, nem se suspeitavam.

Entre nós é frequente vêr pesquisas de carvão em sitios, onde qualquer elementar estudo geologico daria falho a tal mi- neral. Em tempos, tendo-se estudado ao de leve as condições geologicas dos jazigos do Bussaco, pretendeu-se que se desse um furo de sonda nas planicies da Pampilhosa. Por largos annos esta pretensão andou perseguindo os governos. Se tal se fizesse,

lançar-se-ia dinheiro ao vento. Um estudo minucioso da bacia do Bussaco deixa vêr que os depositos do Rothliegende estão quasi todos a descoberto, e que a sonda depois de atravessar o infra-lias da Pampilhosa iria bater em siluriano ou archaico. Fem-se fallado da extensão até Peniche das faxas carbonosas de Leiria. Se qualquer empreza mais abastecida de capitaes do que de conhecimentos geologicos fosse tentar pesquisas n'essa região gastaria o seu dinheiro em pura perda. Os conhecimentos já hoje existentes ácerca da geologia d'aquella parte do paiz permittem affirmar que alli se não encontrará carvão exploravel.

Dos estudos meticulosos da geologia não vem mal á industria mineira. No fomento da industria de mineração de combustivel offereça o governo ás emprezas o subsidio de aprimorados estudos de sólo patrio, sirva de guia nos primeiros empreendimentos, concorra quanto possivel para evitar desastres que atemoristem os capitaes.

Ponto tambem de enorme importancia: torne de facto caducas essas concessões sediças, que segundo a lei o estão, mas que não sei por que incrivel tolerancia ainda vigoram, não servindo senão para tolher o passo de emprezas serias e importantes. Em 1890 meia duzia de portuguezes patriotas, reunidos em Paris, pensaram em introduzir entre nós uma das mais importantes industrias mineiras. Reuniram capitaes e vieram a Portugal para pôr em pratica o seu intento. Deram de frente com trinta e tantas concessões mais fosseis que os fosseis que n'ellas se encerravam, caducas perante a lei, mas de facto em pleno vigor. Se quizessem fazer alguma coisa tinham de se entender com os antigos concessionarios, como sempre uma horda de sofregos, que, sem trabalho nem risco, assaltariam os que vinham trabalhar e arriscar capitaes. Desistiram, e o paiz ficou sem uma industria d'onde podia auferir amplissimos beneficios.

Acabe-se com esse parasitismo, com esse bandoleirismo que tolhe toda a acção honesta e efficaz. Pedir concessões pouco custa. Mas que os governos, tão rigorosos quando se trabalha, o sejam sobretudo quando nada se faz. Appliquem-se impiedosamente as leis, para não permittir que os concessionarios, que



não trabalham, vivam de alcatêa, para sahir á estrada com o caduco arcabuz da velha concessão, quando appareça algum endinheirado e desprevenido. É necessario policiar o campo da mineração, e só assim poderão constituir-se empresas serias e uteis.

Não se consinta a constituição de companhias com capitães ridiculamente insufficientes. Não se permitta por exemplo que se formem empresas para a exploração de minas de carvão com um capital de 5:000\$000 reis. Empresas d'esta ordem só servem para tolher o passo a outras que sejam de real utilidade.

Emfim uma reforma de tarifas de caminho de ferro, que facilite a circulação do combustivel nacional, impõe-se de per si. Combustivel temos bastante, que póde utilizar-se com assignalado proveito. Explore-se, fomentese por todas as fôrmas a sua lavra, e poderemos ficar entre nós, senão com a totalidade, pelo menos com a maior parte dos tres mil e tantos contos, que em boas libras todos os annos mandamos para Inglaterra em troca do seu carvão.

Porto, 7 de março de 1891.

Wenceslau de Lima.



CLARITA

I

Tinha Clarita os olhos mais fallados
D'aquelles arredores,
— Olhos de sonho, que uma vez cravados
Se iam todas as dôres.

Quem a visse, julgára a vida breve
Para a adorar, de joelhos;
E nunca o amor roçára a aza leve
Nos seus labios vermelhos.

Amor! — uma palavra tentadora
Que ella ouvira dizer,
Como os cegos, que passam pela aurora
E nunca a podem vêr.

O Destino cravára-lhe de frente
As pupillas fataes...
— Como folha que passa na corrente,
Vivia... e nada mais.



Quando ella abria, dôce e scismadora,
O olhar sereno e mudo,
Fazia-se em redor como uma aurora,
Illuminando tudo.

Sem suspeitar o seu encanto ardente,
Inconsciente passava,
Como a rosa que passa, inconsciente
Do aroma que exhalava.

Era-lhe a vida um lago socegado,
De socegadas aguas,
Em que o seu coração fosse levado
Alheio á dôr e ás maguas.

Quando uns olhos de amor se lhe fitassem
No olhar tranquillo e serio,
Era como se n'ella se poisassem
Os olhos d'um mysterio.

Assim, cercando-a de alegria franca,
A vida lhe tornava
A alma branca, como era branca
A roupa que lavava.

II

Clarita dorme: a mão dos sonhos passa
No seu corpo gentil de mimo e graça.
Na frescura das roupas, ao de leve,
Arfa-lhe o seio tentador, de neve...
E os seus labios, de rosa e de bondade,
Abrem-se a procurar, n'uma anciedade,
O traço d'outro labio desejado...

.....



— Era na eira, por um luar prateado.

.....

Ao longe, d'entre as arvores da estrada,
Ouve Clarita uma canção doirada:

Ha no céu estrellas d'oiro
Beijando as aguas do mar...

A vida passa tão breve...
Tu tens um cabelo loiro,
Uns seios alvos de neve,
E um coração para amar.

Vão os doirados insectos
Beijar o seio das rosas...

Se a vida passa afinal,
Venham uns labios inquietos
Beijar-te as mãos setinosas
E esse teu collo real.

Anda um principe encantado
Correndo em busca d'amores...

Se a vida passa ligeira,
Cubra-te um véo de noivado,
Desfolha a c'rôa de flôres
Que tens na fronte trigueira.

Cahem lagrimas da aurora
Nas folhas que o sol abraza...

*



A vida passa tão leve...
Se tens de morrer... embora!
Chovam desejos em braza
Sobre o teu corpo de neve.

III

Ia já longe a voz. Clarita ouvia ainda,
Tremula, a palpitar n'uma alegria infinda,
Gemerem pelo ar, como uma tentação,
As notas sensuaes da morbida canção...
E n'um momento o ar cerrou-se em nevoa espessa,
Cobriu-se-lhe de noite a languida cabeça,
E tudo adormeceu n'um somno mysterioso.
Sentia-se rugir um mar tumultuoso
No silencio fatal que estrangulava os mundos:
Só rasgavam o céu, n'um esplendor de estrellas,
Abertos, sensuaes, errantes, vagabundos,
Dois labios de paixão a procurar os d'ella.

Quando a manhã rompeu, espaço em fóra,
N'um intenso fulgor,
Dentro em seu coração rompia a aurora
Esplendida do amor.

IV

E foi assim. N'um dia perfumado,
Ella colheu um inquieto beijo
Nos labios juvenis do seu amado.
Corriam azas pelo azul distante...
Gemeu baixinho um grito de desejo,
E cahiu-lhe nos braços soluçante.



Depois... toda uma vida deliciosa,
Em que o céu era sempre côr de rosa,
 Com grandes astros d'oiro,
E um anjo bom abria as claras azas,
Quando os sonhos poisavam, como brazas,
 No seu cabelo loiro.

Como um murmúrio casto de oração,
Agitavam-se os lábios da paixão
 Na sua bôca terna,
E, sobre um mar de funda suavidade,
O alegre sol da sua mocidade
 Tinha uma aurora eterna.

Amar! amar! uma illusão brilhante,
Que lhe andava no seio palpitante,
 Como um desejo mudo.
E, no seu fundo olhar avelludado,
Descerravam-se os olhos do peccado
 Iluminando tudo.

V

Assim passára o tempo. Uma manhã
Clarita acordou pallida. Sentia
Como que a bôca negra da agonia
A poisar-lhe nos lábios de romã.

É que o busto gentil do seu amado
Fugira-lhe dos braços,
E ella não via o seu olhar rasgado,
 A linha dos seus traços.



Via-o beijar um seio como o d'ella,
N'um extasis de amor;
Sentia-se morrer, como uma estrella
A mingoa de fulgor.

É que á noite, nos sonhos tumultuosos,
Ouvia a mesma voz,
Que lhe dissera encantos mysteriosos
E a banhára nas aguas da alegria,
Soltar, em brados fundos de ironia,
Esta canção atroz:

Ha loisas sob um cypreste
Á espera das virgens puras...

As penas passam ligeiras...
Tu choras, e já tiveste
Nas tuas faces impuras
O aroma das laranjeiras..

Vão as abelhas doiradas
Poisar no seio da flôr...

Se as penas passam — que importa? —
Nas tuas mãos desbotadas,
Na tua face de morta,
Poisem os labios da Dôr.

Corre um vento de desgraça
Na folha dos jasmineiros...

A vida foge apressada...
Quanto mimo e quanta graça
Tinham os beijos primeiros
Da tua bôca de fada!



Abriu o seio uma rosa
Aos raios quentes do sol...

As penas vão como as aguas...
A tua alma dolorosa
Que se abra ao frio lençol
Do desalento e das maguas.

VI

— O quarto é nú, a enxerga em que repousa
Arrefece-lhe os membros, como a lousa
 Que ha de cobril-a em breve...
Ah! como o dia é quente e perfumado...
E no seu coração alanceado
 Poisa uma mão de neve!

Que é dos labios amados de paixão
Que ella sentira arder no coração
 N'esse leito febril?
Agora o seu olhar é frio e baço,
E a Morte cinge, n'um gelado abraço,
 O seu corpo gentil.

«Rosas de junho, perfumadas rosas,
Que humedeceis as folhas setinosas
 No orvalho da manhã,
Rosas da minha face desbotada...
Quem me tornou assim triste e magoada
 A bôca de romã?



No mesmo céo, as mesmas madrugadas.
As abelhas occultam-se, doiradas,
 Nas folhas do jasmin...
Tudo era luz e brilho e suavidade...
E agora vive, em tragica anciedade,
 A morte ao pé de mim.

Abre-se alli, em frente, a sepultura,
Como eu abria a minha bôca impura
 Para abrigar o amor...
E ninguem me abre os labios, n'um desejo,
Para colher o derradeiro beijo
 Dos meus labios sem côr».

La descendo a tarde meigamente;
Para os lados do mar, o sol, no poente,
 Ensanguentava a luz,
E o moinho erguia as velas desarmadas,
Pondo nas nuvens d'oiro, ensanguentadas,
 A sombra d'uma cruz.

Por detraz do pinal ermo e parado,
Na brancura d'um manto de noivado,
 A lua se recorta...

Clarita ergueu-se a meio sobre o leito,
Anceada, levou as mãos ao peito,
 Cahiu... estava morta.

Coimbra — Janeiro de 92.

Alexandre Braga, filho.

IDÉAS E FACTOS

REVISTA DA IMPRENSA ESTRANGEIRA

Summario : *A paz na Europa*, por E. Tallichet.

A paz na Europa, por E. Tallichet

(*Bibliothèque universelle et revue suisse*)

O artigo, de que em seguida vamos transcrever as passagens principaes, foi publicado em janeiro, na excellente revista de Lausanne, cujo titulo acima mencionamos. Decorridos tres mezes da sua publicação, esse artigo é hoje mais interessante do que era no dia em que appareceu, pois tornou-se notavel pelo acolhimento que lhe foi feito na imprensa europeia; o *Journal des Débats* consagrou-lhe a sua primeira pagina quasi inteira, Magnard discutiu-o no *Figaro* por duas vezes, e não houve jornal importante que deixasse de se referir a elle. É portanto uma notabilidade consagrada.

De resto, está escripto com tal clareza e sensatez, encerra tão grande somma de pensamentos e em termos tão accessiveis á maior parte da gente, é d'uma tão palpitante actualidade que, independentemente do rumo que levantou, mereceria ser lido e guardado.

RAZÕES QUE PERMITTEM ESPERAR A CONSERVAÇÃO DA PAZ.—

Ha muito tempo já, quando a guerra parecia mais proxima e imminente do que hoje, sob o reino de Bismarek, tiramos agouros favoraveis do facto que a guerra arrastaria tão grandes calamidades para o proprio vencedor, que todos os governos interessados cuidariam zelosamente de evital-a. Esta idéa, então,



era nova; hoje tornou-se banal. Mais recentemente, voltando a este assumpto, diziamos que uma guerra travada agora não poderia deixar de ser longa, teimosa, e particularmente ruinosa para todos os que n'ella tomassem parte. Oppozeram-nos a opinião d'um militar muito competente, que pensava que uma guerra, se rebentasse, seria curta e decisiva. Muito pouco tempo depois, o conde de Moltke, seguramente o homem que era a maior auctoridade n'estas materias, pronunciava no Reichstag um discurso — um dos ultimos, senão o ultimo — em que, bem melhor do que nós o fizemos, sustentava a mesma these, a saber: que precisamos deixar-nos de illusões, que uma guerra como a de 1870 já não era possivel, e que agora devemos contar com uma lucta prolongada, teimosa, semeada de triumphos e de revezes, cujo fim e consequencias era impossivel prever.

O exame da situação actual confirma plenamente estas apreciações, a França recuperou as suas forças, é mais poderosa do que nunca, possuindo um exercito immenso, bem exercitado, excellentemente armado, provido, podemos crê-lo, d'um bom commando, e todo elle animado d'um ardor, d'um character moral muito notaveis. Além d'isso, apesar d'uma divida enorme, goza uma posição financeira e possui recursos de primeira ordem. Nem um só instante poderíamos duvidar de que ella esteja apta a sustentar uma guerra defensiva contra qualquer, mesmo se os seus adversarios lhe oppozerem exercitos mais numerosos. Quanto a uma guerra offensiva, seria questão differente. Não poderia pensar n'ella sem um alliado, e o unico que poderia juntar-se-lhe, a Russia, seria provavelmente logo ao principio uma decepção para ella e mais uma fraqueza que um apoio. Por agora, a Russia, além da repugnancia muito conhecida do czar pela guerra, tem dois fortes motivos para se abster d'ella, a fome que devasta muitas das suas provincias e que por toda a parte se faz sentir pouco ou muito, e a falta de preparação do exercito, que ainda não foi armado com uma espingarda de pequeno calibre e que sem duvida não poderá tel-a antes d'alguns annos. De mais, se a Russia possui uma grande força, é uma força que só com muito tempo se torna disponivel. O imperio é

immenso, não dispõe de meios de transporte sufficientes. Para trazer forças consideraveis á sua fronteira occidental, precisaria provavelmente de muitos mezes. Accumulou sem duvida um grande exercito na Polonia, mas que poderia ser cortado na sua base pelos exercitos da Austria e da Prussia manobrando para se juntarem na sua rectaguarda e que a forçaria a recuar, quer dizer, a tomar uma posição mais defensiva que offensiva. Ora, na guerra moderna, os primeiros golpes são em geral os mais decisivos; em todo o caso têm uma grande importancia, e, durante os primeiros mezes, a França teria de sustentar só toda a carga. Está em condições de fazel-o se se conservar no seu territorio, ao alcance de todos os seus recursos, mas a sua situação tornar-se-ia perigosa se se afastasse d'elles, mesmo para proseguir nos primeiros triumphos.

A triplice alliança tem razões igualmente poderosas para não atacar, e que de resto valem tambem para a França. Se algum dia rebenta uma guerra na Europa, terá um character muito differente de tudo o que até hoje se viu, mesmo da de 1870. Os exercitos postos em movimento serão immensos, de proporções que confundem a imaginação. Ha vinte annos, todos os esforços da sciencia têm sido para aperfeiçoal-os cada vez mais, a todos os respeitos, o que não se fez sem multiplicar os serviços accessorios. Só por si, as provisões de viveres e munições constituirão embaraços serios á marcha dos exercitos, desde que não poderem utilizar as vias ferreas para os transportes, o que acontecerá quasi com certeza, logo que penetrarem em territorio inimigo.

Ora, estes exercitos immensos não se tornarão possiveis se não pela adopção do serviço quasi universal, isto é, chamando ás armas a immensa maioria dos homens validos, da flôr, em cada paiz, da mocidade e da madureza. No dia em que a lucta começar serão todos chamados ás armas. Não só todas as familias terão entre elles um ou muitos representantes, entre os quaes grande numero serão necessarios á propria existencia dos seus, mas o commercio, a industria e a agricultura serão feridos na sua força productiva pela ausencia de tantos trabalhadores



de toda a especie, muitas emprezas arriscam-se a desorganisa-rem-se ou a aniquilarem-se, e, ás despezas colossaes do estado de guerra, será necessario accrescentar o empobrecimento semelhante d'uma producção diminuida ou mesmo abolida, que se tornará um elemento de fraqueza notavel para todos os belligerantes.

E as batalhas, o que serão? Parece evidente que com exercitos muito numerosos, occupando espaços de terreno d'uma grande extensão, toda a strategiã se tornará quasi impossivel pela força das coisas. Como combinar e fazer executar manobras decisivas que decidem a sorte d'um dia e moderam as perdas em homens de ambos os lados? Mesmo para a tactica, ninguém sabe ainda o que ella será. O largo alcance das armas novas e a falta de fumo transformaram as condições da lucta. E provavel que a pratica da guerra venha a descobrir a que melhor se apropria ás novas espingardas, e os que primeiro a descobrirem sem duvida tirarão d'isso grandes vantagens, mas, ao principio, devemos julgar que os exercitos se fusilarão de longe, sem poderem aproximar-se, e então podemos esperar de ambos os lados verdadeiras carnificinas, perdas tão espantosas que os combatentes serão obrigados a pararem para cuidar dos feridos, sepultar os mortos e restabelecerem-se um pouco do es-falfamento nervoso e moral que necessariamente ha de seguir taes massacres. Se ha um vencedor, não será capaz de proseguir no triumpho e vibrar um d'estes golpes decisivos que obrigam o vencido a capitular e a pedir a paz, mesmo em condições duras. As hostilidades promettem perpetuar-se até á aniquilação dos adversarios, quer dizer, até que tenham corrido ondas do sangue mais generoso, que todo o vigor dos povos em combate tenha desaparecido, que não haja senão mulheres, creanças, velhos e invalidos, no meio das ruinas e da miseria que acompanham toda a grande guerra, e que são tanto mais largas quanto esta foi mais prolongada. É n'isto que deve terminar a civilisação christã no seculo XIX?

Os chefes dos povos tiveram estas horriveis visões diante dos olhos, e é, nos ultimos annos, o que principalmente os im-



pediu de soltar o demonio, emprehendendo uma lucta em que elles mesmos poderiam naufragar com todas as instituições que fazem a Europa o que ella é. Só os poderes actuaes ficariam de pe no meio da ruina e do desabar de todas as coisas? Provavelmente seriam os primeiros levados pela tempestade. Chegado a certo gráu, o desespero não vê nem ouve coisa alguma. Que importam a anarchia e a desordem aos homens que perderam tudo e para os quaes o futuro não encerra nem um claro de esperança!

VANTAGENS DO ESTADO MILITAR PRESENTE. — Disse-se que o estado de paz, cada dia mais armada até aos dentes, que caracteriza o tempo presente, se tornava intoleravel, e que mais valia acabar d'uma vez para sempre por uma guerra que estabelecesse um melhor estado de coisas. As vozes que sustentavam esta idéa tornaram-se mais raras á medida que se comprehendeu melhor o que seria a guerra futura. Uma lucta só poderia levar a resultados favoraveis quando fosse curtá e decisiva. Ora, ha vinte annos, os paizes que entrariam na lucta, têm tratado de manter entre si um equilibrio de forças tal, que nenhum dos dois partidos póde estar certo de ter a preponderancia. Os exercitos augmentaram de ambos os lados. Não se introduziu o aperfeiçoamento das armas n'um paiz que não fosse quasi immediatamente imitado nos outros. É ainda não chegamos ao fim d'estas rivalidades, que arrastam para a Europa enormes encargos e promettem tomar proporções cada vez mais insustentaveis.

Sem duvida isto é muito duro, e a este respeito o futuro é carregado. É preciso todavia apontar que estes sacrificios não foram absolutamente destituídos de compensação. As perspectivas terriveis d'uma guerra eram necessarias para levar os povos a aceitarem os sacrificios enormes que lhes foram pedidos. Um pouco por toda a parte o serviço militar tornou-se ou tende a tornar-se quasi universal. Todo o homem valido deve hoje servir a sua patria pegando em armas, e, salvo raras excepções, este sacrificio, que ás vezes é muito grande, foi aceite, não só sem resistencia mas muitas vezes com avidez. O exercito tor-

nou-se uma grande escola de patriotismo, porque se ama a patria na proporção do que fazemos por ella. Sob as armas, aproximaram-se as diversas classes da sociedade; aprenderam a conhecer-se e a sympathisarem umas com as outras. Quando as tropas eram compostas d'uma só classe, a classe mais pobre e a menos cultivada, eram mais ou menos abandonadas pelos superiores e nem sempre muito bem tratadas. Agora que entram n'ellas os homens de todas as classes, e que o simples soldado pôde ser d'uma cultura, d'uma posição social e d'uma fortuna muito superiores á dos officiaes subalternos e mesmo dos officiaes mais graduados, deverá effectuar-se uma mudança profunda. Já começou. O escriptor distincto que redige a nossa chronica parisiense, já por duas vezes apontou uma brochura intitulada *Le rôle social de l'officier*, que trata esta questão para a França e que foi muito bem acolhida no exercito. Não ficará sem effeito, porque o movimento já começou; ha de desenvolver-se. Porque não hão de os exercitos europeus dar á sociedade cidadãos mais cultivados, melhores a todos os respeitos, mais bem armados para os combates da vida? Porque não haviam de ser substituidos os exercicios, que mais ou menos fazem dos soldados machinas privadas de iniciativa pessoal, pela educação que os tornaria seres conscientes e fortes? Nada perderiam, porque as mudanças que se effectuaram no armamento pedem esta transformação, e, com o novo regimen, quanto mais intelligentes são os soldados e capazes de se governarem por si, mais forte se torna o exercito a que pertencem, e mais possivel se torna encurtar o tempo de serviço e diminuir o sacrificio que a todos impõe o dever da defeza nacional.

Uma outra vantagem da universalidade do serviço militar, que se ha de manifestar cada vez mais, é interessar todo o mundo na conservação da paz. Quando os exercitos eram compostos de homens sem influencia politica, a guerra declarava-se com excessiva facilidade e ás vezes por motivos inteiramente fúteis. Agora tudo mudou a esse respeito. Não ha familias que não contem um ou muitos membros no exercito e para as quaes uma guerra deixe de abrir as mais sinistras perspectivas. Desde que



se trate da defeza e da salvação da patria, todos marcharão sem hesitar e sem se prenderem com os laços de sangue. Mas a opinião publica pronunciar-se-ia energicamente contra toda a guerra que não parecesse absolutamente necessaria, e o governo que passasse por cima d'ella incorreria em responsabilidades muito graves e poderia arriscar a propria existencia. Ha n'isto uma garantia de paz que sem duvida não é perfeita e completa, mas que nem por isso deixa de ter um grande valor, e hoje todos os poderes publicos a levam muito em conta, com razão.

Emfim, os enormes preparativos continuados ha vinte annos foram excellentes, trazendo a todos os povos da Europa um desenvolvimento extraordinario de vigor e força physica. O augmento sem precedentes do bem-estar, da riqueza e do luxo nas classes cultivadas da Europa não era favoravel á perpetuação da raça, de que fazemos parte. As influencias debilitantes actuavam e manifestavam-se de muitos modos; a anemia encontrava-se por toda a parte, assim como as nevroses. O serviço militar começou a este respeito uma reacção que agora continuará com tanto maior força quanto coincide com um reaparelhamento do gosto pelos exercicios corporaes ao ar livre. O bicyclismo nem sempre é muito agradavel aos que não usam d'elle, mas constitue um exercicio muito salutar para a mocidade e que deve ser animado. A gymnastica é ensinada em muitas escolas e encontra numerosos adeptos. As corridas a pé, nas montanhas, são cada vez mais usadas e estimadas. Sem duvida, é preciso não abusar dos exercicios musculares: passados certos limites, a força physica só augmenta á custa da intelligencia, como podemos verificá-lo nos dançarinos, nos atletas e nas outras profissões do mesmo genero. Fadigas corporaes violentas e prolongadas produzem o mesmo effeito. Mas, se não houver excessos, os exercicios musculares, voluntarios ou obrigados, taes como o serviço militar, promettem com o tempo dar á Europa homens mais vigorosos, mais vivos e de melhor tempera que os seus paes e de que talvez possamos esperar melhores coisas.



Assim o periodo perturbado e muitas vezes alarmante em que vivemos ha muitos annos, não foi esteril para a Europa; os sacrificios que elle exigiu offereceram preciosas compensações. Poderíamos citar ainda outras; sob o ponto de vista moral, por exemplo, exerceram uma influencia salutar disciplinando os espiritos e moderando-os. Devemos lembrar-nos d'isso quando achamos pesado o fardo que nos impõem, e dizermos que, mais pesado ainda, não seria para comparar com as espantosas misérias d'uma guerra tal qual hoje podemos prevê-la.

Não obstante as paginas optimistas que acabamos de lêr, o auctor reconhece os perigos da situação e confessa que existem causas de ruptura da paz na Europa. Entre outras, as continuas invenções de guerra, que podem tentar as nações a aproveitar as vantagens que porventura lhes dêem em dado momento, e a questão da Alsacia-Lorena annullam todas as garantias de paz; esta ultima principalmente. Mas por outro lado, sempre optimista, considerando o pesado encargo que a Alsacia representa para a Allemanha, encargo cuja grandeza tenta provar, não perde a esperança d'uma solução pacifica.

Não se poderia pretendêr que a Allemanha deixasse a Alsacia-Lorena sem compensações e sem garantias. A França pôde dar-lhe em troca uma das suas colonias, o Tonkin, por exemplo, que é d'um grande futuro, ou o seu protectorado sobre Madagascar. A Allemanha poderia tambem pôr como condição o desmantelamento das fortalezas e a promessa de não estabelecer outras novas. Nada impediria a França de aceitar esta condição, tendo transformado depois da guerra todo o seu systema de defeza do lado da Allemanha. A Alsacia-Lorena tornar-se-ia um paiz aberto, uma especie de *boulevard* entre os dois paizes, favoravel ás suas relações de todo o genero e tambem á conservação da paz entre elles. Emfim, um accordo que deveria comprehender a Europa poderia intervir para regular em commum diversas questões pendentes, e principalmente para chegar a reduzir muito os armamentos exaggerados, que já nao teriam razão de ser quando as principaes causas de animosidade e de guerra tivessem desaparecido. Estas ultimas disposições talvez nem mesmo fossem necessarias. Os desarmamentos effectuar-se-iam desde que tivesse desaparecido a sua causa.

Todavia o auctor termina reconhecendo que esta hypothese de solução pacifica da maior das questões internacionaes pendentes e presentemente nada provavel. E nem assim se confessa vencido nas suas generosas aspirações e no seu ardente amor de paz entre os povos.

Mais d'uma vez temos visto apresentarem-se idéas igualmente improvaveis e acabarem por realizar-se. Se esta é justa, seguirá o seu caminho. Que a situação actual se agrave de anno para anno, e a Allemanha acabará por admittir que a Alsacia-Lorena não é só um perigo incessante, mas o grande obstaculo ao seu desenvolvimento e á sua prosperidade. Então mostrar-se-ha disposta a procurar os meios de evitar esta fraqueza, e Deus queira que o faça a tempo. Que não se deixe prender então por um orgulho nacional mal entendido. Se, na plenitude do seu poder, faz por sua propria vontade o sacrificio da Alsacia-Lorena á paz da Europa, trabalhará pela sua propria gloria e pela sua força bem mais que ganhando batalhas, porque terá alcançado titulos inolvidaveis ao respeito e á affeição dos homens.

J. L.



REVISTA DE POLITICA EUROPEIA

1 de março.

O acontecimento mais consideravel no dominio da politica exterior terá sido no mez lindo a queda do ministerio francez presidido pelo snr. de Freycinet e conhecido pelo nome de gabinete Freycinet-Constans. O exame das causas que determinaram este facto e das circumstancias que o acompanharam no seio do parlamento francez é dos mais instructivos e augmenta o interesse que já de si mesmo se liga a um incidente tão grave como o que acaba de perturbar a vida constitucional da grande republica.

O ministerio francez cahiu em virtude d'uma colligação dos radicaes com a direita conservadora. A questão sobre que foi emittido o voto que derribou o gabinete foi a velha questão religiosa que desde a revolução dilacera a consciencia franceza e que entrou no seu periodo agudo desde a installação da Terceira Republica, nomeadamente com as leis Ferry sobre a secularisação do ensino. No caso actual esse antagonismo fundamental tomou corpo na discussão sobre a lei que deve reger a liberdade de associação e o regimen applicavel ás congregações religiosas. Após um debate tempestuoso, em que intervieram os chefes da direita conservadora, euphemismo designativo



dos elementos monarchicos, e em que o presidente do conselho usou da palavra por tres vezes, um discurso do temivel caudilho radical Clemenceau, discurso curto e frisante, falso na concepção fundamental a despeito das apparencias de rigor logico, mas proprio a mover uma assembléa sanguinea e inconsciente dos seus proprios designios, poz o governo entre a espada e a parede, e precipitou o pedido por parte d'este, d'um voto de confiança. Após uma votação equivocada em que o governo pôde pensar um instante que se sahiria com honra do incidente parlamentar, a camara rejeitou por 282 votos contra 210 a ordem do dia proposta pelo presidente do conselho. Em vista d'essa manifestação o ministerio abandonou os bancos do poder e foi offerer a sua demissão ao presidente da republica. E emquanto os ministros demissionarios submettiam á apreciação do chefe do estado os resultados do incidente que os derrubára, a camara, como se quizesse dar em toda a plenitude a medida da anarchia que n'ella reina, rejeitou seguidamente, em duas votações por maiorias de cem e cincoenta votos, primeiro a ordem do dia radical, cuja fogosa defeza por Clemenceau precipitára a crise, depois a proposta de urgencia simples impugnada pelo presidente do conselho e em torno da qual se travára toda a discussão. E assim no mesmo dia, sobre a mesma questão, os mesmos representantes da soberania popular abundaram no pensamento e ratificaram a vontade dos mesmos ministros, a quem acabavam de despedir d'um modo humilhante para estes e para a auctoridade suprema que os investira do encargo glorioso e arduo de conduzir os destinos da França.

Taes são os factos reduzidos á sua expressão mais simples. O que porém não se pôde descrever, e é preciso lêr no *comptendu* da sessão para se fazer uma ligeira idéa, é o character tempestuoso que os debates assumiram logo ás primeiras palavras dos oradores que n'elles tomaram parte, a frequencia e insolencia das interrupções, o desvario da paixão renitente á logica, a ausencia completa de argumentação seguida, e se devemos dizer tudo, a falta d'um thema nitido sobre que se accentuassem as discordancias e em torno da qual se travasse a dis-



cussão. Por esta ultima consideração a sessão de 18 de fevereiro, na qual sossobrou o ministerio republicano, foi mais deploravel para os creditos do parlamento francez do que a sessão de 19 de janeiro, na qual o ministro Constans esbofeteou o deputado Laur, determinando o conflicto que o presidente Floquet qualificou engenhosamente de incidente doloroso. Porque na sessão de 19 de janeiro a surpresa foi devida unicamente á impaciencia nervosa d'um ministro, homem de musculo, insultado face a face por um reproductor de phrases injuriosas; emquanto que na sessão de 18 de fevereiro o parlamento derrubou o ministerio e deu-lhe razão em seguida por maiorias consideraveis, manifestando assim a heterogeneidade de elementos de que se compõe, a falta de intuitos definidos, a impressionabilidade morbida ás excitações oratorias, e a perfeita ignorancia do que fará no dia seguinte! Derrubando o ministerio, não pela rejeição d'um projecto de lei, mas pela pesquisa tenaz das intenções secretas que presidiram á aceitação d'um pedido de urgencia feito por um deputado da opposição, a camara instaurou contra o governo um processo de tendencias. E derrubando-o por uma colligação das duas fracções inimigas, a radical e a conservadora, reunidas um instante sobre uma questão futil e separadas logo nas votações subseqüentes á queda do ministerio, a camara manifestou a sua resolução de opposição a todo o transe, e esse inorganismo constitucional que a torna impotente para crear, mas omnipotente para destruir. Considerada á luz d'estas observações, a sessão de 18 de fevereiro é extremamente instructiva, e n'ella apparece como n'um escorço toda a historia constitucional da Terceira Republica desde o mallogro das tentativas de restauração monarchica.

As duas figuras salientes d'esta deploravel sessão terão sido o ministro Freycinet e o caudilho Clemenceau. O discurso do primeiro, pronunciado através d'uma saraivada de ápartes e remoques, foi uma obra-prima de sangue-frio, de habilidade contida, de nitidez nas respostas. Mas esse frio engenheiro, geometra, protestante e velho, grande administrador deslocado nos debates tempestuosos d'uma camara nervosa e sanguinea até a

doença, é o menos proprio para dominar e arrastar a má vontade d'uma assembléa desordenada, determinada somente pelas paixões facciosas, mas accessivel ás surpresas da eloquencia. Em harmonia com este ponto de vista a fogosa oração do caudilho Clemenceau, pronunciada com a sua voz incisiva, e accentuada pela sua cabeça ossuda e militar, produz o effeito desejado. Deslocando a questão particular para o terreno da politica geral da republica em face da igreja, irritando a direita conservadora pelas suas ameaças e predicções sobre a sorte que reserva o poder civil á auctoridade ecclesiastica, acirrando as paixões anti-religiosas da esquerda pela denunciação das incompatibilidades e das traições, nas relações da igreja com a republica, usando e abusando de todas as vantagens que dá para a nitidez das palavras a posição nos bancos da opposição, longe das responsabilidades do poder e dos seus subentendidos, o caudilho radical procedeu por uma serie de apostrophes frisantes e vivas que lançaram dentro em pouco a confusão e o tumulto na assembléa. O dia, porém, não teria sido desastroso para o governo se não fôra a imprudencia do presidente do conselho, illusoriamente animado por uma votação equivocada, e propondo o voto de confiança sobre uma questão que não merecia tal honra. Esse passo falso, que annullou as vantagens obtidas á força de paciencia e sangue-frio, foi determinado por um desejo indiscreto de consolidar o ministerio por votações parlamentares. Se o presidente Freycinet percebesse mais claramente, que nos periodos de inconsciencia politica e agitação esteril, como o que atravessa a França, a inercia é uma força de resistencia, muitas vezes bastante para manter indefinidamente um governo no poder, não teria pedido um voto de confiança sobre essa miseravel questiuncula, e teria deixado arrefecer a effervescencia facticia que ella provocára. As palavras ôcas, orelhas moucas. Se o presidente do conselho attendesse a este rifão, é provavel que o ministerio francez ainda estivesse no poder.

Cahindo, fal-o depois d'uma existencia relativamente dilatada e não escassa em incidentes de interesse. Tinha subido ao poder em 1890. Os seus dois membros proeminentes vinham



mesmo de situações anteriores, o snr. Constans desde 1889, o snr. de Freycinet desde 1888. A sua folha de serviços não é das mais pobres. É ao snr. Constans que se deve a solução da aventura boulangista, que tão graves perturbações ia causando na França e na Europa. É ao snr. de Freycinet que é preciso attribuir os derradeiros grandes progressos militares manifestos nas manobras do outomno do anno passado. Sob o ponto de vista dos interesses da França estes dois ministros bem mereceram. No passivo do ministerio devem, porém, lançar-se duas pesadas responsabilidades: A theatrada de Cronstadt, que patenteando á Russia a anarchia de opiniões e sentimentos da nação franceza, lhe mostrou a possibilidade de exploral-a financeira e diplomaticamente. — As derradeiras leis aduaneiras que, destruindo a obra dos tratados de commercio anteriores, tendem a isolar sob o ponto de vista economico e mesmo politico o estado europeu que as adoptou. Se, porém, reflectirmos que esses dois passos foram dados em harmonia com as manifestações da vontade, senão do paiz inteiro ao menos d'uma parte d'elle bastante numerosa e energica para se impôr, podemos fazer participar o ministerio do beneficio das attenuantes, e declarar que dentro da mediocridade das instituições e dos homens da Terceira Republica a situação transacta foi um governo distincto.

O que será o ministerio que o vem substituir? Qualquer que seja o valor dos homens de que se componha, é certo que terá de arcar com difficuldades gravissimas. A era das situações transitorias e das surpresas politicas parece tornar a abrir-se para a França. A questão a proposito da qual foi derrubado o ministerio, isto é, a questão do antagonismo entre o espirito secular e o espirito religioso, não é das que tenham solução definida, mas das que só podem ser conduzidas a poder de moderação e concessões reciprocas. Esta politica de conciliação tem sido preconizada com insistencia e vigor pelo chefe da Egreja Romana. Comprehendendo que das quatro nações catholicas a Italia pela occupação de Roma, a Austria pela entrada na triplice alliança, a Hespanha pela debilidade relativa que a su-



balternisa nos conselhos europeus, não podem prestar á causa da igreja os serviços que haveria a esperar d'ellas, Leão XIII volta os olhos para essa França, que mais d'uma vez n'este seculo se apresentou como o campeão dos interesses do Papado. D'ahi essas affirmações reiteradas tocante á possibilidade d'um accordo entre a pratica religiosa e as instituições republicanas, essas insistentes recommendações para a leal aceitação de fórmulas políticas que já têm a seu favor a consagração de uma duração relativamente dilatada. Mas n'essa empreza ditada por uma razão superior, o grande politico esbarra de encontro ás difficuldades derivadas do character extremo e violento dos francezes. D'um lado o radicalismo, possuido d'um rancor incuravel contra o catholicismo e em geral contra toda religião natural ou revelada, e assustado, não sem motivo, pela organização formidavel e resolutivo espirito da corporação clerical, multiplica as ameaças e os ataques, e deixa entrever um programma que seguido á risca conduziria a nada menos que ás perseguições religiosas. D'outro lado, o clero francez irritado até á indignação com a idéa de viver n'um estado de coisas em que se sente tolerado e vigiado, e albergando sob as vestes do sacerdote e dentro da hierarchia ecclesiastica a exaltação sanguinea e o ponto de honra dos homens da sua raça, não escasseia em protestos e prepara-se para empenhar o combate no campo eleitoral. Entre estes dois elementos antagonistas, tem de se equilibrar situações que, pelas tendencias pessoais dos seus membros e pelos precedentes dos meios politicos em que ellas são recrutadas, podem ser consideradas como indifferentes e mesmo hostis a todo credo religioso, mas que pelas necessidades da politica interior e exterior são forçadas ás contemporisações e aos equívocos. E se ajuntarmos a estes factos a existencia d'um grande partido de nome dubio e programma pouco nitido que parece afastar-se cada vez mais da idéa d'uma restauração monarchica mas que se não decide a aceitar lealmente a nova ordem de coisas, d'um partido que não collabora na vida constitucional do seu paiz e só se manifesta perturbando-a com as suas colligações e conspirações, teremos completado o quadro das dissensões pro-



fundas que dilaceram a consciencia franceza e adduzido dados para augurar pouco favoravelmente do futuro politico da França.

A verdade é que a questão religiosa na sua phase aguda não é mais que um dos aspectos do vicio constitucional de que enferma aquelle corpo cheio de vitalidade e recursos, que é a nação franceza. Refiro-me á hypertrophia do centro que tem de estimular e regular toda a sua actividade collectiva, a grande capital d'onde deviam partir correntes poderosas mas calmas que fossem vitalisar a provincia, mas de onde só dardejам como relampagos as faiscas nervosas que vão convulsionar as cidades secundarias e as povoações ruraes. A França é uma hysterica, e Paris o seu utero. O influxo da grande capital cosmopolita e epicurista, com a sua litteratura corruptora, a sua plebe desvairada, o seu jornalismo sem disciplina, a dissipação dos seus costumes, a sua fome immoderada de impressões novas, a sua propaganda do descredito, e a sua apotheuse do espirito de irrisão. exerce uma acção desvairadora sobre o enervado organismo da França. Emquanto os trinta e cinco milhões de francezes da provincia forem governados pelos dois milhões de francezes e pelos quinhentos mil estrangeiros de Paris, a França não fará senão oscillar entre as revoluções e as reacções, condemnada á impotencia diplomatica e reduzida a tomar as bravatas pelas desforras. Sahirá ella d'esta situação? Muitas razões levam a crer que não, algumas a futurar que sim. Entre estas apontarei as modificações determinadas na consciencia franceza pelo inquerito instaurado por um grande historiador philosopho sobre as origens da França contemporanea, que denuncia a lesão resultante da centralisação successiva do moderno estado francez, e o recente projecto de criação das universidades regionaes, que tende a minorar os effeitos d'essa centralisação na ordem intellectual. Não é provavel, porém, que o estado-maior politico da França renuncie sem ardua resistencia aos beneficios e satisfações d'uma organização social, que pelos seus prefeitos e pelos seus homens de negocio e industria lhe permite governar e explorar um imperio.



Emquanto a França se debate nas malhas de questões irritantes e estereis, a Allemanha arca com as difficuldades provenientes do desenvolvimento enorme da sua vida economica desde a constituição do imperio. O resultado natural d'este accrescimento de actividade industrial que tornou a Allemanha uma das grandes nações productoras da Europa, foi o augmento consideravel da população, a concentração d'esta nas cidades, a criação d'uma grande capital, o desenvolvimento desmedido das operações de Bolsa com o seu criminoso abuso do credito, factos estes que se traduzem na ordem social pela apparição d'um proletariado formidavel pelo numero e pela resolução. Se accrescentarmos a estes traços os que consistem na penetração cada vez mais profunda da instrucção nas camadas inferiores, e na deformação inevitavel das idéas superiores cahindo em espiritos incapazes ou mal preparados, teremos explicado a existencia do socialismo allemão, organização utilitaria, materialista e athea das reivindicações d'uma maioria compacta e segura da victoria. Qual seja o programma do partido já o expozemos pelo miudo nas paginas d'esta mesma REVISTA por occasião do ultimo congresso socialista de Halle.

E contra este movimento invasor da Democracia social que provaram vãs a politica de repressão do principe de Bismarck e o seu programma de conservação a todo o transe. É contra esse movimento que se dirige com um sentimento mais profundo das necessidades do tempo, o moço monarcha a quem estão confiados os destinos do povo allemão.

Esse joven singular, dotado pela natureza d'um espirito superior, e possuidor d'uma cultura completa de homem de estado, traz os olhos da Europa suspensos dos seus movimentos e parece ser uma d'essas creaturas em que encarna o genio d'uma raça. Tendo no mais alto grau o sentimento da sua grandeza pessoal e da que resulta da alta posição que occupa no primeiro throno do continente, a maneira por que intreprta a sua missão torna o problema dos seus destinos d'um interesse capital para os que se preocupam com o futuro das sociedades contemporaneas. Nascido entre as aclamações das victo-

rias que fundaram a hegemonia prussiana, creado sobre os joelhos d'um avô soldado imbuido de pietismo guerreiro, elle mesmo impregnado do culto arrogante da Força e d'uma confiança mystica no character providencial da sua missão e dos destinos da sua patria, tendo entre as mãos o mais poderoso instrumento militar de que jámais dispozeram homens, esperava-se que a sua ascensão ao throno fosse o signal do desencadeamento d'uma grande guerra. Mas com uma continencia que demonstra a superioridade do seu genio e a solidez da organização politica dentro da qual está contido, os olhos surprehendidos do mundo viram-no voltar-se para as obras de paz e para a ardua tarefa de estabelecer a harmonia das classes e fundar a ordem moral na Allemanha. A demissão do principe de Bismarck, acto de coragem, quando se reflecte que perante elle recuaram dois imperadores. o primeiro que se sentia tyrannizado pela vontade do ministro omnipotente, o segundo que lhe votava a mais cordial aversão, foi o preludio de medidas que vieram provar que esse acto de força não era o mero capricho d'um rapaz vaidoso. A instauração do grande inquerito sobre as condições do trabalho na Allemanha, e as leis que assignalaram os seus resultados na ordem legislativa não esgotaram a actividade reformadora do joven soberano. Vendo fundo na questão, é sobre os espiritos que elle procura actuar. Para este monarcha illuminado d'uma nação de philosophos os factos sociaes não são mais que as manifestações d'um estado intimo dos espiritos. É em harmonia com este pensamento que são projectadas essas reformas escolares que constituem o facto saliente da vida politica da Allemanha no derradeiro mez.

Segundo essas reformas nenhuma creança allemã que passar pelas escolas de instrucção primaria poderá escapar á acção do ensino religioso. O character secular que a escola allemã tinha adquirido em harmonia com a campanha apprehendida pelo principe de Bismarck contra o ultramontanismo e com a tendencia essencialmente civil da sua concepção do Estado, vai ceder o logar a um regimen em que as differentes confissões religiosas serão representadas officialmente no ensino primario.



Nenhuma creança allemã, observa o governo, poderá de hoje em diante adquirir os primeiros elementos de instrucção sem ouvir fallar em Deus. É visivel o pensamento que preside a esta resolução. Impressionado o governo allemão pela progressão crescente do partido socialista, e conhecedor da ligação profunda que prende nas camadas inferiores do povo allemão a concepção materialista e darwinista do mundo e da historia com a reivindicação aspera dos gozos e com o programma do nivelamento social pela guerra, determina sahir ao encontro do inimigo atacando-o no proprio campo das opiniões. A maneira por que o faz, presta-se porém a criticas.

E estas não escassearam. As mais graves são as que estão contidas nos protestos assignados pelos professores do ensino superior. Estes documentos, que exprimem o pensamento da aristocracia intellectual allemã tocante ás relações do estado com a igreja em materia de instrucção publica, annunciam objecções fundadas sobre os perigos da ingerencia do clero no dominio da vida intellectual, e sobre a necessidade de conservar livre de toda a injuria o espirito secular da cultura germanica, tradição gloriosa da joven monarchia prussiana e cimento da cohesão nacional do imperio. Os mais illustres representantes da Allemanha scientifica, os Mommsen, os Curtius, os Helmholtz, cobrem com a auctoridade dos seus nomes este ponto de vista, onde se encontram pela identidade das suas origens e fins as tendencias universitarias e o partido nacional liberal.

Duas fracções, porém, e das mais importantes do Reichstag, o centro catholico e o partido feudal, apoiam esta politica, que lhes permite alargar a sua esphera de ingerencia e augmentar os seus instrumentos de acção. Vê-se que ainda n'este campo da vida parlamentar e da engenharia do suffragio, a nova politica allemã tem uma orientação inteiramente diversa da que presidia áquella que a precedeu. Para o principe de Bismarck o núcleo da sua diplomacia interior, e por assim dizer o fulcro da sua alavanca politica era esse partido das universidades que desejou e preparou a unidade allemã ao tempo em que os poli-



ticos de profissão a tratavam de chimera, e cujo espirito a um tempo elevado e moderado é a mais bella encarnação do genio germanico. Para a nova politica, inspirada na vontade d'um joven monarcha, que não póde ser taxado de curteza de vistas, mas em quem se manifestam tendencias mysticas, não é coisa que repugne apertar as mãos e firmar-se nos hombros de partidos, que abandonados a si proprios iriam, um ao ultramontanismo e ás superstições catholicas, outro ao pietismo e ás superstições protestantes.

É certo, porém, que a nova reforma escolar é susceptivel de ser atacada e defendida com argumentos igualmente ponderosos. Qualquer que seja o valor metaphysico da noção de Deus e da vida de além-tumulo, e qualquer que seja a sua importancia como postulados de deducção moral, é incontestavel que o facto psychologico da crença nos dogmas fundamentaes da philosophia espiritualista representa um elemento importante no systema de motivos, que levam os homens a abster-se de se despedaçarem uns aos outros, e que os conduzem a resignar-se com as contrariedades e limitações inherentes á existencia. E comprehende-se que para o governo, cujo primeiro interesse e a manutenção da ordem, sejam bemvindas todas as doutrinas que tendem a pôr um freio á expansão dos instinctos naturaes.

Mas por outro lado póde-se allegar que dada a diversidade de confissões do imperio allemão e o inevitavel motivo de debilidade politica que d'ahi resulta, o verdadeiro recurso consiste n'uma forte cultura secular, fundada sobre a noção da dignidade humana e cívica, e capaz de, fóra e acima dos crédos religiosos, crear uma communhão de opiniões e sentimentos na diversidade de tendencias que se combatem no seio do imperio. E se se reflecte que este ponto de vista está d'accordo com a tradição politica da monarchia prussiana e com o invencivel movimento que arrasta as sociedades modernas para uma organização puramente racional, é forçoso confessar que, se a balança dos motivos pende para algum lado, é para a banda dos professores.

Nem o discurso do imperador na dieta de Brandeburgo, nem os alvoroços abafados pela policia de Berlim merecem especial menção, apesar dos commentarios exaggerados e malevolos que a paixão nacional dictou a uma certa imprensa. O discurso do imperador não fez mais do que accentuar o caracter intrepido e sonhador de gloria d'esse mancebo que, posto sobre o primeiro throno do mundo, não desfallece perante a grandeza das responsabilidades e dos perigos inherentes á sua alta dignidade. O tom arrogante de certas passagens explica-se pela mesquinha campanha de epigrammas que o despeito lhe move no interior, e pelo silencioso acastellar de ameaças, que o rancor e a cubiça lhe armam no estrangeiro. Quanto aos disturbios de Berlim devem ser considerados apenas como motins e mesmo assuadas, provocados pela minoria turbulenta do partido socialista e a que porventura não é estranha a intervenção de ouro inimigo. A resolução da maioria do partido socialista, que repudia toda a solidariedade com essas manifestações ephemerias, constitue a mais cabal das criticas que esses factos podem inspirar.

Nem a Austria nem a Italia offerecem no mez passado factos que se assignalem na trama da sua vida politica. A Austria debate-se na interminavel lucta dos grupos ethnicos e dos partidos em que elles se subdividem, sem poder recorrer senão a uma solução que talvez envolva o desmembramento do imperio. A Italia procura minorar as condições difficeis do seu thesouro, resultantes das despezas militares e navaes, a que a tem forçado os cuidados da sua autonomia politica e a defeza da sua integridade nacional.

A politica hespanhola tem a attenção occupada pela ardua empreza de equilibrar as finanças, que erros administrativos accumulados e a relativa exiguidade dos recursos economicos da nação pozeram em condições um tanto criticas. A campanha da Bolsa movida no estrangeiro contra o credito hespanhol, e a denunciação do tratado de commercio provocado pelas novas lutas francezas, não podem contribuir para resolver essas difficuldades.

A campanha da Bolsa, como é sabido, perturbou durante um periodo não curto e d'um modo angustioso a vida financeira da nação visinha. Mas a constancia do patriotismo hespanhol conseguiu vencer essas ciladas, a que não foi porventura extranho um intuito de natureza politica. Quanto á denunciação do tratado com a França, as suas consequencias não se fazem sentir desde já, visto a vindima do anno passado ter sido exportada antes de expirado o praso que abrangia o convenio que findou.

Da rotura d'este tratado os proteccionistas francezes accusaram, como era de esperar, o governo hespanhol. É facil, porém, vêr que os negociadores francezes offereciam em troco das velhas vantagens de que gozavam os productos do seu paiz, as novas pautas d'um caracter por assim dizer prohibitivo. Era portanto uma questão não só de interesse, mas ainda de dignidade não aceitar as negociações n'este termo. Assim o comprehendeu a opinião hespanhola, que apoiou fortemente o governo. Algumas vozes discordantes que se fizeram ouvir n'este coro de applausos, são apenas a expressão de animosidades facciosas, que nada póde desarmar. Os que conhecem a superioridade de espirito do chefe do partido conservador hespanhol e os seus habitos de se guiar nas questões publicas exclusivamente pela razão d'estado, não duvidam um instante que elle teria envidado todos os esforços para chegar a um accordo n'uma questão tão vital, como é para Hespanha a collocação da sua produção vinicola.

Rotas as negociações, o governo hespanhol procura outros mercados. Um publicista francez aventa que, quando fôr chegado o tempo das vindimas, os hespanhoes procurarão vir a um accordo. Interpretando a justa susceptibilidade dos seus compatriotas, responde um publicista hespanhol, que um tal ponto de vista revela um conhecimento bem imperfeito do character peninsular. Os francezes têm comtudo na sua propria historia factos bastantes para aprecial-o devidamente.

Seja como fôr, é certo porém, que o futuro da nação hespanhola não depende do voto de assembléas subalternizadas.

influencias de campanario, como tem mostrado ser nos ultimos tempos o parlamento francez. Hespanha que durante este seculo soffreu os flagellos da guerra estrangeira e da guerra civil, e foi dilacerada pela mão de seus proprios filhos, entrou n'um periodo de tranquillidade politica e de actividade productora, cujos effeitos já se deixam sentir e cuja acção benefica não fará senão augmentar accumulando-se. Basta ter percorrido os numeros das estatisticas concernentes aos ultimos annos para vêr que a exploração das riquezas naturaes da peninsula e a sua desenfeudação da tutela dos capitaes estrangeiros vai em progressão continua. Por outro lado o espirito publico vai-se educando no regimen da liberdade dentro da legalidade, a disciplina militar vai-se consolidando, os partidos extremos, desarmados pelas circumstancias ou por nobres inspirações de patriotismo, deixam de ser um estorvo continuo e um perigo eminente, e o que é importante acima de tudo, uma pleiade de intelligencias penetradas do pensamento germanico, entre as quaes destaca o eminente Gonzalez Serrano, trabalha na educação philosophica da mocidade longamente desvairada por idéas incompletas e por chimeras malfazejas. Todos estes symptomas, se lhe juntarmos as considerações tiradas da pasmosa vitalidade do povo hespanhol, levam a crêr que em poucos annos de tranquillidade os nossos irmãos da peninsula terão reconstituído as suas finanças, completado a sua instrumentação industrial, entrado francamente na carreira do pensamento moderno, e pela ampliação das instituições militares e navaes lançado as bases da sua importancia proxima e da sua grandeza futura no concerto das potencias europeias.

Moniz Barreto.



REVISTA SCIENTIFICA

UM PROJECTO DE ACCORDO INTERNACIONAL PARA UM PROGRAMMA COMMUN DE INVESTIGAÇÕES ANTHROPOLOGICAS

O dr. R. Collignon, cirurgião-mór do exercito francez e anthropologista illustre, distribue actualmente por todas as sociedades sabias o seu *Projet d'entente internationale pour ar-
reter un programme commun de recherches anthropologiques
à faire aux conseils de révision*. É mais outra tentativa para a unificação do manual operatorio e um apêllo aos medicos dos conselhos de inspecção para o registro de ligeiras investigações anthropologicas nos recenseados do exercito. Comprehende-se que, para conhecer e destrinçar os elementos ethnogenicos a custa dos quaes se constituiu um povo, para lhes marcar o grau de combinação, de mistura e de assimilação, e, finalmente, explicar os phenomenos que presidiram á formação das actuaes agglomerações politicas — pois que nação e raça não têm o mesmo sentido — se carece d'um numero consideravel de observações; as quaes, nem nos paizes onde existem corporações espeziaes, se podem colligir satisfatoriamente sem o concurso de numerosos investigadores. Chamar para a resolução do *desideratum* a atenção dos medicos do exercito e da armada, os internos dos hospitaes e dos asylos, os membros das sociedades sabias, os professores, os empregados de certas categorias, os viajantes, os jornalistas, e subordinar todo este inquerito a um programma uniforme e acceite por todos os anthropologistas. é



tornar comparaveis os resultados em todos os paizes e contribuir assim para a solução appetecida.

A necessidade de assentar definitivamente n'uma methodologia universal vem já de longe. Broca, verificando a difficuldade na comparação dos trabalhos de varios anthropologistas do seu tempo, publicou, em 1864, a primeira edição das suas *Instrucções para as investigações anthropologicas no vivo*. A carencia d'uma norma deu o resultado de tornar excessivamente difficeis ou demorados os estudos comparativos dos trabalhos dos anthropologistas allemães com os dos francezes e ainda hoje, até certo ponto, com os dos italianos e belgas. Para apontar só um exemplo basta que lembremos o processo de determinação das cubagens, exclusivamente dependente da adopção da substancia conteúda; Virey e Treadwell adoptavam uma certa, Davis e Hamilton, outra, Tiedemann e Mantegazza, uma terceira, Phillips, uma differente, Welcker, ainda outra, Broca, outra diversa. Afim de demonstrar as causas de erro e consequentemente a impossibilidade de comparação, Wyman cubou o mesmo craneo com oito substancias distinctas e obteve oito resultados differentes. A publicação do manual operatorio de Broca, adoptado quasi inteiramente por Topinard nos seus excellentes *Elementos* e outros trabalhos subsequentes, prestaram pois um magnifico serviço aos anthropologistas de laboratorio e igualmente aos anthropologistas viajantes, estes ultimos, a maior parte das vezes, sem fim determinado, sem conhecimentos e sem iniciação, levantando registros que eram superficiaes, inexactos ou contradictorios. Mas ainda que o manual tivesse uma larga adhesão em toda a França e em outros paizes, como na Russia, onde obteve logo uma traducção de Bogdanow, na Hespanha e em Portugal (trabalhos de A. Serrano, Arruda Furtado, Nery Delgado, Oliveira Feijão, Paula Oliveira, Silva Amado) não logrou introduzir-se inteiramente em outros da Europa e da America, ou fosse por desejo de manutenção d'uma independencia individual de methodo, ou por dogma de escola ou ainda por preconceitos ridiculos e pueris de nacionalidade. O inglez Beddoe publicou em 1874 as suas instrucções; Virchow, na Alle-



manha, deu a publico outras, em 1875; o suiso Kaltbrunner escrevia ainda outras em 1879; Quatrefages e Topinard, sem alterarem profundamente a norma adoptada pelos anthropologistas francezes, modificaram-a posteriormente.

Ora é certo que o trabalho de Broca não era nem poderia ser definitivo; alterações subsequentes seriam inevitaveis depois que uma extensa observação accusasse a inutilidade de medidas inteiramente mudas e a importancia d'outras não iniciadas; todavia, e sabido como está que em varias nações europeias entraram as mesmas raças, embora em percentagens diversas, a necessidade da unificação do methodo impõe-se sobremodo e principalmente depois que os subsidios tendem a crescer desmesuradamente, uma vez que o estudo do conjuncto se simplifica pela facil comparação dos resultados.

As *Instrucções* de Topinard para o levantamento da carta da côr dos olhos e dos cabellos, incontroversamente de exito e de realisação mais simples e mais segura do que a baseada nas de Broca com a sua escala chromatica de vinte typos para os olhos e trinta e quatro para a pelle e systema pilloso, deveriam ter alcançado as adhesões de todos os anthropologistas europeus. Ignoro se já foram adoptadas em alguns paizes; em Portugal, Topinard pretendeu introduzil-as por intermedio d'um distincto engenheiro, Ricardo Severo, hoje expatriado. Chegaram mesmo, em Paris, a estabelecer as linhas geraes do trabalho a emprehender; mas cá, feita a proposta á *Sociedade Carlos Ribeiro*, que a recebeu com jubilo, recuou-se e desistiu-se perante o dispendio inicial de 90\$000 reis! Nunca houve tanto dinheiro em caixa!

Não se consegue tão cedo reunir estas instrucções parciaes e outras que se hão feito, de modo a constituirem base segura para um inquerito anthropologico completo; o que urge, porém, estabelecer, é um plano de conjuncto nas medidas indispensaveis. Com este intuito, procurando evitar questionarios complicados e alcançar, tão de prompto quanto possivel, resultados sufficientemente seguros, o snr. Adolpho Coelho, em nome da secção de sciencias ethnicas da *Sociedade de Geographia de*



Lisboa, publicou, em 1890, um *Esboço de um programma para o estudo anthropologico, pathologico e demographico do povo portuguez*, cuja cedula anthropologica é a seguinte:

Condições somáticas normaes...	Caracteres anthropometricos propriamente ditos	} Medidas geometricas.....	} Estatura.	} Diametros e perimetros thoracicos.	} Indice cephalico.				
						} Dynamometria....	} Força de pressão manual.	} Idem de tracção horisontal.	} Idem vertical (renal).
	Caracteres chromaticos.....	} Côr do cabelo.	} Côr dos olhos.	} Côr da cutis.					
					Caracteres morphologicos apreciados pela simples inspecção..	} Forma geral.	} Forma do nariz.	} Fôrma do rosto.	} Fôrma do cabelo.

Em nota o distincto ethnologo lembrava que ainda eram importantes outras medidas anthropometricas, taes como as dos membros e os indices facial e nasal, e bem assim a sensibilidade tactil, dado de valor nos caracteres esthesiometricos. Mas este plano, que é bem feito e sufficiente para o proposito, deixava ao arbitrio do observador a escolha dos pontos de reparo e os preceitos restantes de todo o manual operatorio, podendo pois ter acontecido, se no paiz alguma coisa houvessem feito, que trabalhos varios não fossem entre si comparaveis. O snr. Adolpho Coelho apenas para os caracteres chromaticos chamava a attenção especial das instrucções de Topinard e, para os

*



outros, indicava uma bibliographia vasta e escolhida em Charles Roberts, Quetelet, Kaltbrunner, Quatrefages, Beddoe, Virchow e Topinard; de sorte que o resultado seria deploravel para os principiantes e amadores, cuja superficialidade ou preferencia de methodo melhor ou peor fundada os levaria a adoptar processos de sua escolha. Preciso é affirmar comtudo e desde já que este receio mal tem fundamento, pois em Portugal nem d'uns nem d'outros apparecem.

Ora o opusculo recente do dr. Collignon tem em vista estabelecer um convenio internacional que systematise o quadro das observações de maior significação e o processo como devem ser executadas, procurando assim evitar o desaccordo que existe entre os questionarios subordinados a diversas escolas e até differentes, frequentemente, n'um mesmo paiz. Como calcula, porém, que a melhor occasião de as levantar é a das inspecções militares, visto ser esse o momento em que se encontra uma população masculina d'uma idade certa e nascida n'uma pequena circumscripção administrativa, como o cantão em França, o mandamento em Italia, o concelho em Portugal, etc., prevê o caso da deficiencia de tempo e capitula o projecto em tres partes: medidas a tomar no conjuncto do contingente; medidas a recolher em quarenta individuos pelo menos; medidas a levantar em vinte individuos ao minimo. O resumo é como segue:

I. ESTATURA. — Processo conhecido; levantal-a em todos os recrutados aptos, temporisados ou isentos, exceptuando unicamente as deformações vertebraes (gibbosidade, rachitismo), os encurtamentos por fracturas ou lesão pathologica dos membros inferiores. Todo o individuo bem conformado, ainda que tenha apenas 1^m,30, deve ser medido. Esta mensuração é naturalmente levantada para o fim puramente militar; não dá trabalho algum especial.

CÔR DOS OLHOS. — Divididos em tres categorias: 1.^a todos os que são *francamente azues* ou *muito claros*; 2.^a todos os



que são *manifestamente escuros* ou *castanhos*; 3.^a os restantes, classificados como intermediarios ou duvidosos.

CÔR DOS CABELLOS. — Repartidos por tres categorias principaes e duas secundarias, correspondendo ás cinco classes seguintes: ruivos, louros, intermediarios ou duvidosos, castanhos e negros. As duas primeiras categorias, ruivos e louros verdadeiros, isto é, louros *sem hesitação possível*, formam a classe dos cabellos *claros*; as duas ultimas, *castanhos sem hesitação* e *negros sem hesitação*, constituem a dos cabellos *escuros* (metodos Beddoe e Topinard).

FÓRMA DA CURVATURA DO NARIZ. — Distribuidos por tres categorias: convexos, rectos e concavos.

II. Os dois factores do indice nasal, medida de primeira ordem, mas de variações tão extensas que importa corrigil-as pelo numero. Ambas tomadas com a maxima delicadeza e cuidado.

ALTURA TOTAL DO NARIZ. — Vai desde o angulo do sob-septo do nariz, na parte mais proxima, sem deprimir muito, até ao ponto mais concavo da chanfradura situada na raiz nasal. Este ultimo reparo é extremamente delicado em achar; algumas vezes assignala-se á attenção por uma mudança nitida de curvatura, outras por uma pequena ruga transversal que se accentua se se abaixa a pelle da fronte com a mão livre. Para a descobrir o observador deve collocar-se á direita do individuo olhando-o de perfil; operando de frente a altura é inexacta nove vezes em dez.

LARGURA DO NARIZ. — Medida nas azas do nariz sem as deprimir e não atraz, na inserção das narinas.

III. DIAMETRO ANTERO-POSTERIOR MAXIMO. — Do ponto mais saliente da glabella ao maximo, onde quer que fique.

DIAMETRO TRANSVERSO MAXIMO. — Tomado ao maximo, onde cahir. Recommendado para estas duas medidas o compasso de



espessura, modelo Broca, ou melhor, de Bertillon. Rejeitar absolutamente o quadro de maxima que augmenta indevidamente a brachycephalia, em virtude da interposição das duas espessuras de cabellos no diametro transverso e d'uma só no antero-posterior.

DIAMETRO BI-ZYGOMATICO MAXIMO. — Sobre as duas arcadas zygomaticas, no ponto de afastamento maximo, onde quer que esteja (compasso de espessura).

ALTURA TOTAL DA CABEÇA. — Em projecção, do vertex ao mento. Esta medida deve ser tomada directamente com o auxilio do esquadro cephalometrico e não em dois tempos, deduzindo da estatura a altura do mento ao sólo. Por este ultimo processo, principalmente quando a estatura já foi tomada n'outra parte, pôde-se ter a certeza que a posição da cabeça do observado não será identica nas duas mensurações; o erro pôde exceder *cinco centimetros*.

Manual operatorio. Estando fixo o grande esquadro sobre o vertex em posição horisontal determinada pelo fio de prumo, o segundo esquadro, chamado explorador, applica-se sobre o mento e no ramo vertical lê-se a altura da cabeça. Ter cuidado em que o olhar do observado seja horisontal fazendo-o fixar n'um objecto situado á mesma altura ou no horisonte. N'esta occasião, se houvesse tempo, poder-se-iam juntar rapidamente, e por um simples movimento do esquadro explorador, outras medidas em projecção de pontos singulares da face, taes como o ophryon, o espaço interdentario, etc., etc.

Fazendo descrever ao grande esquadro um quarto de circulo, ter-se-ia a importante medida da *altura do craneo, vertex ao trago*; para este ultimo o reparo seria o proprio centro do trago, ponto facil de determinar. Como os anthropologistas allemães ligam bastante importancia a esta medida, o dr. Collignon está disposto a adoptal-a e mesmo a precedente (*vertex ao ophryon*, d'onde se deduziriam a altura real da face com relação ao craneo e o indice facial propriamente dito).

ESTATURA DO INDIVIDUO SENTADO. — Fazer sentar o individuo n'uma superficie plana, as pernas bem estendidas e a co-



lumna vertebral direita. Obtem-se, pela subtracção da estatura propriamente dita, o comprimento dos membros inferiores.

ALTURA DO TRONCO. — Tres methodos: 1.º do perineo á setima vertebra cervical (americanos, Zampa); 2.º da setima vertebra cervical ao assento (Ranke); 3.º da forquilha esternal ao assento (Topinard, Collignon). O snr. Collignon aponta resumidamente os inconvenientes dos dois primeiros e pronuncia-se pelo ultimo. O individuo deve estar naturalmente sentado e bem direito.

LARGURA SUPERIOR DO TRONCO. (*Diametro bi-acromial*). — Determinar os sulcos feitos pelos dois acromios e comprehendel-os entre os ramos do compasso de corrediça, sem apertar muito.

LARGURA INFERIOR DO TRONCO. (*Diametro bi-iliaco*). — Reconhecer os sulcos formados pelas cristas ou saliencias iliacas e comprehendel-os entre os ramos da corrediça conservada bem parallelamente ao eixo transversal do corpo.

COMPRIMENTO TOTAL DO MEMBRO SUPERIOR. — Do acromio á extremidade do medio, o braço pendente e bem estendido. O dr. Collignon prefere esta medida á grande envergadura (Broca) que leva realmente mais tempo a tomar e que além d'isso dá o comprimento do membro superior com algum erro. Quando o braço se eleva, a cabeça do humero mergulha, d'onde se segue um encurtamento notavel.

Em resumo, o programma abrange: tres caracteres descriptivos — côr dos olhos e dos cabellos e forma da curvatura do nariz —, seis medidas fundamentaes do craneo e da face — factores dos indices cephalico, facial e nasal — e seis medidas do corpo — estatura, estatura do individuo sentado, altura e largura superior e inferior do tronco, comprimento total do membro superior. Evidentemente o quadro é bastante limitado e desde logo se repara na falta de certos dados importantes, como os dynamometricos, e medidas do valor de certos diámetros faciaes; mas o dr. Collignon pensa sensatamente que nas



inspecções o tempo não sobeja e mesmo, quando se consiga fazer por completo o levantamento exarado nos tres paragraphos precedentes, se ha alcançado muito. O opusculo contém ainda paginas em branco onde os anthropologistas poderão pronunciar-se por uma ou outra das mensurações apontadas e respectivos processos operatorios. D'est'arte o programma será definitivo *après enquête*, isto é, logo que todas as questões duvidosas estejam decididas por uma especie de plebiscito.

A lembrança de aproveitar o momento da inspecção para proceder a investigações anthropologicas é excellente. Ha já exemplos: Guibert, um dos collaboradores de Broca, executou numerosas medidas nos conscriptos de varios cantões do norte da França; commissões anthropologicas seguem, ha tres annos, os conselhos de revisão do grand-ducado de Bade; desde o anno passado que na Baviera se faz o mesmo; o proprio dr. Collignon empreheudeu os mesmos trabalhos em varios departamentos francezes. Seria pois para desejar que entre nós esta iniciativa fosse imitada e tanto mais quanto é certo não termos ainda laboratorios, nem escolas, nem pessoal especialmente destinado para os serviços anthropometricos. É um trabalho facil, sem dispendio, rapido e de successo.

Queiram ou não, a noticia aqui fica. Ora — mas não façamos chimera! — de nada vale, afinal!

Rocha Peixoto.



POLITICA INTERNA

O GOVERNO E O PARLAMENTO. — A CRISE ECONOMICA.

A COMMISSÃO DE INFRACÇÕES

Extincção do ministerio da instrucção publica, projecto de lei sobre os reincidentes, interpeção no parlamento sobre a demissão do snr. visconde de Pindella, que foi nosso ministro na capital da Hollanda, lei de meios, e até mesmo as negociações com os portadores de titulos da divida publica externa, para a redução do juro ou qualquer contrato semelhante que minore os encargos do thesouro portuguez — todas estas questões, que têm sido discutidas recentemente e que em tempos normaes levantariam um vivo debate, são, na opinião geral, lançadas em certa obscuridade pela gravidade da crise economica que nos afflige. Quasi poderiamos dizer que, se os periodicos ainda imprimem noticias de genero differente, é por amor da arte ou dever profissional; no espirito publico uma só interpeção anda permanentemente na lembrança. Perguntase, e de nada mais se cuida a serio, onde iremos buscar o pão de amanhã, tão angustiosas são as circumstancias em que nos vemos.

Ha um conhecimento exacto da realidade n'este modo de julgar a situação presente; nem podia deixar de assim succeder, pois que o saber nos vem por experiencia, sempre boa conselheira. Como haviamos de nos illudir se tão de perto sentimos já os nossos males! Que valem todas essas medidas, mais ou menos largas e beneficas, perante a crise economica? A extincção do ministerio da instrucção publica não foi surpresa para



ninguem; tinha nascido semi-morto e em tão deploravel estado que nem sequer chegaram a deital-o no berço fôfo e dourado que o snr. conde de Thomar lhe alugava e onde o snr. Arroyo deveria embalar-o na primeira infancia. Desde que esse famigerado ministerio tinha vindo, não de uma necessidade imperiosamente reconhecida, mas d'um arranjo politico, da simples conveniencia partidaria de fabricar mais uma cadeira de ministro. desde que assim nascera, trazia no sangue os germens de morte; faltava-lhe a consagração suprema, a vontade nacional, e ao primeiro vento adverso não podia deixar de cair por terra. O projecto de lei sobre os reincidentes é bom, dá aos criminosos de profissão o unico remedio seguro de regeneração, um largo campo de trabalho com uma liberdade relativamente grande; mas, embora envolva beneficios incontestaveis e tenha uma alta significação moral, como interessa particularmente a uma classe que vale mais pela piedade que inspira do que felizmente pelo numero dos seus membros, não produz na opinião publica a aniedade que despertam os assumptos que directamente tocam a todo o paiz. Da demissão do snr. visconde de Pindella quasi nem vale a pena fallar: a muita sympathia que anda ligada ao nome de s. exc.^a, os seus merecimentos quasi unanimemente louvados na imprensa, o calor com que alguns jornalistas e deputados tomaram a peito a sua defeza, insistindo com perguntas ao ministro dos estrangeiros, que afinal terminaram n'uma interpellação formal generalisada a toda a camara, nada d'isso conseguiu abalar o animo popular que, realmente indifferente, ficou sempre na crença de que o ministro podia demittir livremente os embaixadores. Nem mesmo a presença dos representantes dos credores estrangeiros em Lisboa distrahiu sensivelmente a opinião; como não parece provavel n'este momento qualquer reclamação armada das nações estrangeiras, caso em que o sentimento de independencia nacional necessariamente havia de revelar-se com certa vivacidade, todos andam na persuasão de que, melhor ou peor, os nossos credores chegarão a qualquer proposta aceitavel. Temos fé em que a nossa pobreza ha de livrar-nos de maiores exigencias; ninguem pôde dar o



que não tem, nem seria assisado pedir o impossivel a quem se mostra disposto a todos os sacrificios possiveis. A crise economica e só a crise economica é quanto nos fica na memoria ao fim de todas as discussões politicas actuaes; atormenta-nos como um pesadelo em que vagueia tenebrosamente o espectro da fome.

*
* *

Os bancos do Porto e de Braga começam a suspender pagamentos; da Covilhã annunciam que as fabricas estão fechadas ou, pelo menos, reduziram os dias de trabalho, que os operarios andam a pedir esmola e, aqui e além, impellidos pela fome não duvidam recorrer ao roubo violento. Estas são as manifestações da crise economica mais recentes e de maior grandeza, as que mais avultam, e por detraz d'estas occultam-se, disseminadas mas representando grande somma de miseria, as pequeninas manifestações, as ruinas dos proprietarios, as despezas particulares reduzidas e as casas de penhores fartas de joias e de pratas.

Teme-se essa liquidação dos bancos do Porto, ha muito promettida, mas só agora a caminho de realisação. A sua ruina vem dos negocios do syndicato de Salamanca. Immobilisaram capitaes importantes, superiores ás suas forças, e, o que é mais grave, n'uma empresa que não foi lucrativa. D'ahi vinha a desconfiança, os depositos afrouxavam; e, ao mesmo tempo, sem capital disponivel, viam-se coagidos a não fazerem descontos, lançando sobre o commercio e a industria uma rêde de difficuldades que no seu ultimo termo traziam uma grande catastrophe. Foram vivendo emquanto poderam, sem levantar maior sobresalto na praça, mas um tal estado não podia durar indefinitivamente, chegou agora ao extremo, esgotados todos os palliativos, obrigado cada paiz a mostrar as suas forças no meio dos embaraços economicos geraes na Europa. Os bancos ainda mandaram uma commissão a Lisboa pedindo ao governo que os soccorresse. O governo prometteu vagamente dar-lhes apoio,



mas, como não podia dar-lhes dinheiro, a comissão voltou ao Porto e poucos dias depois tres dos bancos mais importantes d'aquella cidade suspendiam pagamentos. Parece pois que a praça do Porto terá de liquidar as perdas da louca aventura de Salamanca.

Uma tal liquidação não poderá fazer-se sem grande abalo, e o governo mostra-se inclinado a esperal-o, pois com surpresa nomeou governador civil do districto do Porto o snr. Neves Ferreira, um official da armada, muito respeitado e muito conhecido pela sua valentia, mandando simultaneamente para Leixões um navio de guerra com cem praças de marinha. Os jornaes quasi unanimemente applaudem as precauções do governo, cujo motivo todavia não está ainda inteiramente esclarecido: ha quem imagine que se temem novos movimentos revolucionarios de character republicano no norte; outros, porém, que julgamos mais proximos da verdade, explicam a resolução do governo sómente pelo receio das desordens que pôde trazer a questão economica. Seria mesmo uma indesculpavel cegueira o governo esperar que tudo deve passar-se em paz; nunca a fome deixou de ser aggressiva para todos os governos, a quem gratuitamente imputa as suas dôres, e muito menos deixaria de sel-o n'um paiz de providencialismo administrativo, que por temperamento e por tradição agradece todos os bens ao governo, seu deus tutelar, a quem apedreja em tempos adversos, tornando-o responsavel pelos erros proprios e alheios.

Convém, porém, não exaggerar a importancia da situação da praça do Porto. Representa um fleimão de character grave, porque as veias e arterias que o alimentam não podem trazer-lhe senão um sangue igualmente viciado da mesma molestia; se assim não fôra, se no resto do organismo circulasse uma seiva abundante e sã, a ferida havia de curar-se rapidamente. Mas não; a verdade, a triste verdade é que todo o paiz está igualmente arruinado e, se o Porto se distingue, é por mostrar com uma extrema agudeza um mal commum a todo o corpo. O paiz está pobre; e, além de pobre, affectado d'uma iniqua repartição da pouca riqueza que lhe resta.



Da pobreza ninguém duvida; as estatísticas das alfândegas dizem tudo. Importamos alguns milhares de contos a mais do que exportamos; pouco vendemos e tudo compramos, a lã, o linho, o pão e os metaes. Cabe aqui perguntar de que serviram esses rios de ouro que durante quarenta annos tivemos canalizados para Lisboa. Fizeram-se estradas e caminhos de ferro para levar ás provincias as mercadorias estrangeiras, os tecidos reles dos armazens de Paris, garrafas de bebidas insalubres, frascos de agua de colonia e toda a quinquilharia de mau gosto com que atulhamos as casas; e, no regresso, essas mesmas carruagens, que espalharam pelo paiz vicios de luxo e necessidades futeis, voltavam vasias de mercadorias e repletas de gente que, não contente com o que dissipára sem sahir da sua aldeia, vinha ás cidades dissipar o que lhe restava. Foi para isso que serviram os empréstimos e o dinheiro do Brazil, pois não vemos fabricas nem searas que elles tivessem produzido. Basta dizer que agora, como outr'ora, metade do paiz está inculto.

Da boa repartição da riqueza póde igualmente duvidar-se? Pela nossa parte, confessamos, julgamos ter tambem entre nós uma questão social, de character differente da das nações do norte europeu, menos agitada e menos ameaçadora para a ordem publica, mas igualmente importante para o bom governo da sociedade. Faltam-nos capitalistas e grandes proprietarios cuja riqueza affronte a cubiça popular e seja uma tamanha injustiça social, que demande reparação urgente. Carecemos d'esses dois elementos perturbadores, que entre estranhos são uma ameaça e um perigo; mas temos um exaggerado numero de empregados publicos e um commercio muito superior ás forças da riqueza nacional. Poderíamos, comparando o pessoal das nossas secretarias de estado com o de outras nações, chegar á conclusão de que ha mais quem tenha administradores igualmente numerosos relativamente ao total da população; nem assim invalidariamos as recriminações populares contra a burocracia. O numero considerado em absoluto ou relativamente á população pouco nos diz; o essencial — e d'isso todos têm co-

nhecimento exacto — é sabermos que esse numero é excessivo relativamente ao serviço que a classe nos presta, e que esta, por consequente, representa um onus sem compensação, um tributo sem vantagens sociaes correspondentes. Em cada repartição das secretarias de estado ha um ou dois empregados que trabalham; os outros nada fazem, e nem mesmo foram admittidos senão para satisfazer o pedido d'um deputado influente ou d'um amigo particular do ministro. Esta é a deploravel situação a que nos conduziu, não diremos a corrupção, mas a inepecia na administração publica, porque o nepotismo, que inventou serviços para collocar afilhados, em lugar de procurar gente capaz para servir estrictamente as necessidades publicas, nasceu tanto d'uma errada concepção politica como da miseria do paiz. A classe média não via collocação remuneradora fóra das secretarias e, como era ella quem fazia as eleições, os ministros accumulavam despachos sobre despachos, sem força para resistirem á onda que vinha de fóra. Assim chegámos ao estado presente em que o paiz se vê obrigado a sustentar um crescido numero de parasitas; porque entre conserval-os e demittil-os, isto é, entre o augmento das possibilidades da anarchia, pondo na rua alguns milhares de bôcas famintas, e o sacrificio d'uma larga despeza inutil, o paiz prefere a ultima hypothese. É menos cruel e menos perigosa.

O commercio está em condições identicas, com a aggravante de que, não tendo logar á mesa do orçamento, não tendo garantida uma parte da riqueza nacional tirada pelos impostos e repartida pelo estado, a sua situação é muito mais precaria. Havia muito quem se alegrasse com o crescer da circulação, quem visse com enthusiasmo o accrescimento do movimento nos caminhos de ferro, o Porto e Lisboa com um armazem commercial em cada porta, as mais pobres aldeias com a sua baiuca; não se reflectia em que o commerciante é apenas um intermediario e entre nós era em geral um importador, visto que compravamos muito mais do que vendiamos. Esgotou-se o nosso credito no estrangeiro, falta-nos o dinheiro do Brazil, e sobretudo isso entramos n'um regimen economico expressamente des-

tinado a dificultar a importação; ficam portanto dispensados os serviços d'esse antigo intermediario, que abatido e sem alento não sabe ainda como ha de ganhar o pão de amanhã. Por circumstancias de differente natureza, mas concorrendo todas para o mesmo fim, o commercio terá de ser no futuro muito mais limitado do que até agora, e por certo um dos problemas mais graves e dos deveres mais afflictivos da nação no momento presente, é saber como ha de operar sem crueldade esta transformação, como ha de trazer á lavoura e á industria os braços que o commercio dispensa.

Beati pauperes! Talvez que esta velha regra moral seja tambem no momento actual a melhor das condições economicas. Quando vemos os perigos que ameaçam presentemente os povos mais ricos, considerando imminente uma grande transformação social, de que o proteccionismo e as *grèves* que os jornaes diariamente nos annunciam são apenas o prenuncio, não podemos furtar-nos á esperanza de que as nossas dôres serão pequenas relativamente ás que os outros povos vão soffrer. Sendo um dos paizes mais atrasados, somos *ipso facto* um dos que menos têm a destruir para estabelecer a nova ordem de coisas; nem temos millonarios a esquartejar nem milhares de operarios a levantar barricadas. A prolongada miseria não pôde crear grandes empresas, mas deixa aos que foram educados n'essa dura escola um espirito de resignação e de passividade, que é o maior amparo nas horas de desgraça. Sirva-nos esta esperanza de consolo; abrande as nossas dôres a certeza de que não seremos talvez os mais cruelmente crucificados n'esta cruz, a que os desvarios da civilisação contemporanea nos prenderam os braços.

* * *

Falta-nos espaço para nos occuparmos d'um facto sobre que ha muito o paiz tem os olhos fitos — a accusação do ex-ministro da fazenda, snr. Marianno de Carvalho, proposta á ca-



mara dos deputados pelo deputado snr. Manoel d'Arriaga. E, a nosso vêr, uma das mais graves questões pendentes; o paiz, na sua grande maioria isenta de compromissos partidarios, liga-lhe uma importancia que os homens envelhecidos na politica não parecem muito dispostos a reconhecer.

O snr. Marianno de Carvalho escapou *legalmente* á responsabilidade das suas altas cavallarias financeiras.

Pessoalmente estimamos que assim fosse: achamos sempre de boa moral responder ao mal com o bem, e, no caso presente, repugnava-nos uma inutil crueldade. Goze em paz a existencia o homem que pelos seus desvarios levou a fome a tanto lar humilde e innocente. Mas politicamente não deveremos occultar que a impunidade do ex-ministro, accusado na opinião publica de tão graves culpas, redundando em descredito das instituições, para restaurar o prestigio das quaes seria necessario começar por um exemplo de justiça.

Esta questão, repetimos, é da maior importancia. Falta-nos o espaço para a discutir com a largueza necessaria, e por isso a reservamos para o proximo mez, se d'aqui até lá não se derem factos que lhe disputem a primazia.

20 de março de 1802.

Jayme de Magalhães Lima.



BIBLIOGRAPHIA

PUBLICAÇÕES NACIONAES

O reconhecimento analytico da cocaína e seus saes (*Notas e documentos*),
por A. J. FERREIRA DA SILVA. — Porto, 1891.

Ferreira da Silva é, como os senhores bem sabem, uma das mais poderosas organizações de trabalhador que entre nós contamos. Mas não só isso: a sua individualidade scientifica põe-se em relevo pela tripla qualidade de professor, de homem de laboratorio e de iniciador, ensinando com uma segurança profissional sem semelhante, trabalhando com uma precisão delicada e amorosa, levando ás instituições de que faz parte o melhor da sua actividade anciosa em desenvolvimentos progressivos de organização, de material e de methodos. Solida e potente envergadura, a d'este homem! Tambem, um feliz! Que diabo! Ser intelligente, ser erudito, ser forte e alcançar o merecido triumpho, uma consagração que é larga, porque elle não descança, e duradoura porque é justa, devemos convir que, na immobildade mais que parada d'este paiz, faz um destaque grato que avulta, tanto o reconhecem, tanto o avaliam!

D'entre as suas ultimas publicações poremos aqui a ligeira referencia que esta secção comporta, á segunda edição das suas notas e documentos ácerca d'uma reacção nova e caracteristica da cocaína, descoberta feliz e ainda actual do illustre chimico do Porto. O ensejo foi promovido pelo exame de varias substancias medicamentosas apprehendidas pela auctoridade a Urbino de Freitas, indigitado criminoso n'um processo destinado ainda a fazer seu ruido.

Não podemos, certamente, demorar-nos no transcripto do processo, nem sequer n'um singelo resumo, tanto isso se afastaria da indole d'esta REVISTA. Indicaremos todavia, que a nova reacção da cocaína se obtem tratando-a pelo acido azotico e pela potassa em solução alcoolica e que o principio odorifero formado na reacção tem já a sua natureza determinada por Béhal, embora suspeitada anteriormente pelo nosso illustre chimico e incluída até nas notas da sua carteira de laboratorio. A descoberta de Béhal é um triumpho para o chimico portuguez, como a descoberta da reacção caracteristica do alcaloide mencionado é um famoso serviço á chimica e á medicina.

O opusculo encerra toda a documentação relativa á notavel descoberta — artigos, extractos de sessões de academias e sociedades sabias, communicações e cartas — sendo, do mesmo passo, um relato descriptivo e historico do facto assignalado e um dos mais alevantados padrões de gloria do incansavel e distincto trabalhador.



Sur l'emploi du sulfo-sélenite d'ammoniaque pour caractériser les alcaloides,
par A. J. FERREIRA DA SILVA. — Lisboa, 1891.

Ha poucos annos Lafon assignalou um novo reagente para a morfina e a codeína: era o sulfo-selenito de ammoniaco. O snr. Ferreira da Silva procurou conhecer a acção do reagente sobre outros alcaloides vegetaes e encontrou factos novos que permittem juntar aos dois alcaloides citados mais seis, até aos quaes o emprego do sulfo-selenito referido se pôde estender com reconhecidas vantagens. É, como todas as investigações do illustre chimico, um trabalho habil e valioso.

Sur l'oxyde jauno de mercure, dans l'analyso des vins, par A. J. FERREIRA DA SILVA.
— Lisboa, 1891.

Exposição confirmativa acerca da deficiencia do processo de Cazeneuve para o reconhecimento dos vinhos falsificados, pois que, por tal methodo, alguns dos portuguezes seriam incluídos n'aquella categoria. Muito brilhante e convincente.

Pela capital, por JOSÉ FORBES COSTA. — Livraria Civilisação, editora; Porto, 1892.

Racolta de antigos ensaios de *chronica*, publicados ao tempo em que quem subscreve o livro frequentava, em Lisboa, a Escóla do Exercito. No verso do ante-rosto annuncia-se outra obra do mesmo auctor, intitulada a *Reforma do exercicio e os alumnos militares*. Deve ser devéras interessante, attenta a especialissima competencia do snr. Forbes Costa, que é um official muito distincto e muito illustrado.

Panegyrico do direito moderno, feito em 13 de novembro de 1889 na sessão solemne da reabertura da associação dos advogados de Lisboa, por ALFREDO ANSUR. — Lisboa, 1892.

Peça oratoria talhada orthodoxamente nos moldes classicos da arte. Dividida em cinco partes e trinta e tres paragraphos, a saber (quanto ás primeiras): I. *Exordio*; II. *Informação*; III. *Confirmação*; IV. *Refutação*; V. *Peroração*. Revolucionarismo azul e rosa. Final apothetico, como se vê dos seguintes paragraphos da *Peroração*: 27. *Retrato de Mirabeau e apostrophe a este tribuno*. 28-29. *As declarações dos direitos do homem. Recapitulação*. 30-32. *Invocação da Philosophia da Historia aos encyclopedistas do seculo XVIII e aos vultos principaes da Revolução. Amplificação em prosopopeias*. 33. *Epilogo*.

Primeiras palavras:

«I. O que vou dizer-vos, senhores, é o producto de um baixo e pobre engenho que com philauçia, não só desmedida e impertinente, mas até pueril, procurou guindar-se aonde, melhor avisado, não devêra sequer levantar os olhos.



Sabei pois, que este *Panegyrico* é uma especie de capa mendicante, sem intrinsicidade originalidade alguma, e para a qual, á mingua de cabedal proprio, respiguei por aqui e por além, especialmente, entre outros logares, n'essa mina facil e inesgotavel do Larousse e n'um certo livro do suiso Bluntschli, de quem sem escrupulo traduzi, fundi ou condensei paginas inteiras!

Por um daltonismo semelhante ao tradicional do celebre compositor Meyerbeer, que punha bastas vezes uma gravata vermelha julgando-a preta, eu tambem compuz um trabalho eminentemente paradoxal para os tempos que vão correndo, suppondo-o juridicamente orthodoxo.

Em presenca d'isto, se em vez d'um jurista anonymo tivesse a honra de chamar-me Bach, ou Mosart, ou Beethoven, ou Bellini, ao entoar a symphonia triumphal dos principios mais seguros da Democracia moderna, com quanta propriedade a não adereceria eu de córos abundantes em *fa menor!*

Derradeiras palavras:

•33. Disse; e sacudindo as azas candidas, d'onde chovem constellações de fulgidas gemmas, a Philosophia da Historia transcende brandamente para os astros. Sob os seus passos harmoniosos palpitam as estrellas de etherea emoção, e um rio de iris sem par, desprendendo-se-lhe dos cabellos opulentos, opéra com o sólo a communicação dos seus encantos por maneira perenne.

Pelo que me respeita, senhoras, é tempo de terminar tambem. Lisboa! Rio de Janeiro! França! Paris! Europa e America! Terra! Sol! Virtude! Luzes adquiridas e naturaes em fazer discernir o Bem do Mal! Etc. etc. etc.

Com taes chaves (aurcas, como se vê) abre e fecha o *Panegyrico* em questão.

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

1) FRANCEZAS

Feuilles detachées, por ERNEST RENAN. — Paris; Calman Levy, editores.

O livro eminente do mez, em França, é incontestavelmente esta simples collecção de reminiscencias e de impressões pessoas reunidas pelo snr. Renan por conselho do velho Calman Levy que (segundo confessa o snr. Renan, no delicioso prefacio) entendia que o publico preferia a quaesquer trabalhos de erudição, critica ou exegese, do auctor das *Origens do Christianismo*, algumas paginas intimas de recordações, em que elle fallasse muito da sua interessante pessoa e muito da sua amada Bretanha. Calman Levy tinha razão — e a individualidade do snr. Renan é talvez mais attractiva que a sua obra. Por isso a parte curiosa e que mais prende nas *Feuilles detachées* é o prefacio, em que o snr. Renan, com aquella risonha bonhomia, que é uma das fórmas do seu scepticismo, e n'um estylo de incomparavel limpidez e doçura, vai indolentemente desvelando uma ponta do seu pensamento sobre toda a sorte de problemas — a vida, a morte, o amor, a existencia futura, o Purgatorio, Deus, e a sua propria e encantadora personalidade. Ha no snr. Renan, por vezes, grande falta de unidade philosophica, de logica e até de gosto. Mas elle proprio confessa que *dans sa manière de sentir il est femme aux trois quarts*. Ora o proverbio indio ensina que se não deve bater n'uma mulher nem mesmo com uma flôr. É impossivel ser severo com o snr. Renan — e tudo se lhe per-

dôa, pela belleza, pureza, suave brilho e bondade moral d'aquella prosa, que não tem hoje outra igual em França, que é a classica e nobre patria da Prosa.

Souvenirs de la côte d'Afrique, pelo BARÃO DE MAUDAT-GRANCEY.

Este livro tem duas notas misturadas e alternadas. Uma jovial, toda de reminiscencias dos trinta annos de viagens do auctor, desde que foi pela primeira vez a Madagascar como guarda-marinha. Outra mais séria e severa, de protestos, expostos com muita auctoridade e experiencia, contra as incansaveis tentativas, feitas sobretudo pelos inglezes, para supprimir na Africa o trafico da escravatura. O snr. de Grancey sustenta, e com argumentos de aspecto grave e valioso, que estas tentativas contra a escravatura produzem mais damno e trazem mais soffrimentos ás raças negras — do que o proprio trafico: e que com esses esforços para a suppressão, e sobretudo com as praticas a que a suppressão serve de pretexto, a raça branca perde material e moralmente. Esta opinião merece estudo — e o livro merece ser percorrido, quando não seja senão pelas pittorescas anedotas em que abunda sobre os negreiros provençaes, as familias reinantes negras, os costumes de Madagascar e as rivalidades e as intrigas constantes entre as diversas divisões navaes estacionadas na Africa Oriental. O tom geral é ligeiro, facil e elegante.

Journal des Goncourt. Tomo vi. — Paris; Charpentier, editor.

E o ultimo volume (que será publicado por agora) das *Memorias dos Goncourt*, e vai de 1878 a 1884. Edmond de Goncourt, cansado talvez de que systematicamente o accusassem de só dizer as *verdades desagradaveis*, condescende, n'este tomo, em só publicar *verdades agradaveis*: — e o livro ganha na verdade como interesse e mesmo como obra de litteratura. O que o torna menos atrahente é o velho defeito dos outros, a immensa, excessiva, quasi ridicula importancia que o snr. de Goncourt attribue á sua pessoa, á sua obra, á sua influencia na litteratura e no seculo. Talvez o snr. Goncourt não o acredite — mas é incontestavel que, mesmo que não tivessem existido os irmãos Goncourt, a França seria uma grande nação, e a sua litteratura uma grande litteratura.

La France en Ethiopie, pelo VISCONDE DE CAIX DE SAINT-AMOUR.
— Paris; Faivre et Teillard, editores.

É a historia, escripta sobre documentos ineditos do Archivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, das relações da França com a Abyssinia sob os reinados de Luiz XIII e Luiz XIV. Livro especial e valioso para todos os que estudam a historia colonial no seculo xvii.



Le Paradis de Mahomet, traduzido do arabe por A. ALRIC.
— Paris; Flammarion, editor.

Este volume é o quarto d'uma excellente série publicada pela casa Flammarion, destinada a vulgarisar, por meio de traducções e reproducções, simples e despidas de todo o apparatus erudito, as lendas historicas, os mythos religiosos, as tradições cavalheirescas de todos os povos. O primeiro d'estes volumes foi *Le Roman du Renard*, uma das mais velhas e curiosas epopéas francezas, posta em verso, segundo os textos originaes, pelo snr. Charles Potvin. O segundo publicado foi *La Pucelle* de Jean Chapelain, vertida para francez moderno por E. de Molenes. O terceiro deu-nos o grande poema sanscrito, o *Ramayana*, traduzido admiravelmente por H. Fauche. Esta collecção, impressa em elzevir, com uma cartanagem artistica, e excepcionalmente barata, é a melhor que podem desejar aquelles que, sem tempo para investigações laboriosas, desejam ter uma noção das lendas, das tradições e das theogonias, que representam o mais bello producto da imaginação humana.

Le demi-monde sous le second empire, por ZED. — Paris; E. Kolb, editor.

Eis um livro que tem no titulo a sua melhor recommendação para aquelles sobretudo que conheceram Paris n'uma época em que elle foi excepcionalmente alegre e brilhante, e ainda para aquelles que se interessam pelas *Chroniques Historicas da Vida Social*. Escripito além d'isso por quem parece ter penetrado intimamente em todos os recantos, os mais reservados d'essa sociedade, este volume constitue um documento importante sobre a vida do segundo imperio.

Une cour d'Allemagne en 1892, por L. DE LA BRIÈRE. — Paris; De Soye, editor.

Weimar, capital do Gran-Ducado de Saxe, tem sido sempre, desde o seculo XVIII, um dos mais altos centros litterarios da Allemanha. O gran-duque actual, homem de cultura e da boa raça dos Mecenaz, continua as tradições de gosto, de estudo, de amor ás letras e ás artes, que tanto illustraram os seus avós, um dos quaes, e dos melhores, teve por primeiro ministro simplesmente Goethe. O livro do snr. de Brière, pinta com finura e grande conhecimento esta interessante córte, verdadeiro oasis das coisas do espirito, da litteratura e da elegancia, no meio da Allemanha arregimentada, assoldadescada e hirta na sua tardeta.

Souvenirs du Marechal Macdonald, Duc de Tarente. — Paris; Plon, editor.

Ganham incontestavelmente favor no publico os livros de Memorias dos Generaes do Primeiro Imperio. A França, depois de vinte annos de paz, gosta de recommear a ouvir os bellos echos de gloria e batalha, — quando não seja



senão nas chronicas dos seus generaes victoriosos. Depois das *Memorias do general Marbot*, que se tornaram vivamente populares, eis aqui as do general Macdonal, que apesar de não ter sido um dos mais altos heroes da Epopêa Napoleonica, merece (sobretudo pela sua magnifica conducta em Wagram) ficar grandemente na Historia. O livro põe n'uma bella luz, e com um sympathico relevo, esta franca e nobre figura de soldado — mostrando-o através das suas façanhas, dos seus soffrimentos em campanha, dos perigos de que tantas vezes escapou, e das grandes responsabilidades com que o sobrecarregava o imperador. As anedotas abundam. brilhantes e pittorescas.

II) INGLEZAS

Egyptian Science, por V. JOHNSON. — Londres; Griffith, Farran & C.º, editores.

Livro excellente, em que o auctor, continuando o seu plano (começado no seu outro volume *Chaldean Science*) de fazer uma Historia geral da Sciencia, accessivel á generalidade do publico, que não tem a especialidade e os vagares de Erudição, examina o estado das Sciencias, no antigo Egypto, antes da occupação romana. Os capitulos mais attrahentes versam sobre a Astronomia, a Mathematica, a Medicina, a Chimica, a Mechanica e Engenharia, dos tempus pharaonicos. Trabalho admiravelmente lucido e instructivo.

South Africa from Arab Domination to British Rule, colligido por R. W. MURRAY. — Londres; Stanford, editor.

É a tentativa, frouxa e muito incompleta, d'uma Historia geral d'África. Consiste n'uma collecção, um pouco desconnexa, de estudos e ensaios de diferentes auctores sobre épocas historicas do Continente Negro. O professor Keane fornece um capitulo sobre os *Portuguezes no sul d'África*, em que é pouco imparcial e pouco generoso para connosco, que todavia revelamos a Africa ao mundo moderno. O snr. Ellerton Fry conta e estuda a grande marcha dos inglezes através de Mashona, — que nós, mais imparciaes e generosos, reconheceremos ser um dos acontecimentos interessantes da moderna historia colonial. O snr. Deville Navis concorre com capitulos sobre a Beira, o Pungue e o baixo Zambeze. O livro está bem provido de mappas — e em summa contém um fundo muito aproveitavel de Informaçào.

Palms and Pearls, por ALAN WALTERS. — Londres; Bentley and Son, editores.

Palmas e perolas é um livro de viagens, em Ceylão, com finas e interessantes descripções, estudos, anedotas e lendas sobre os passaros, plantas e flôres da ilha privilegiada. Pertence ao typo geral dos livros inglezes de viagens, quasi sempre agradaveis, cheios de observação e de factos.



dando uma impressão muito justa das paizagens, resumindo com exactidão os costumes, e caracterizados invariavelmente por aquella sympathia pelas raças alheias e pelos seus modos de viver e de crêr, que é um dos bons lados do touriste inglez.

Juntamente com este, podemos mencionar outros livros de viagens, que neste mez, como sempre, abundaram, transbordaram:

A WINTER CRUIZE IN SUMMER SEAS, por C. C. Atchinson (Sampson Low, editores), é uma excursão indolente, através de mares de verão, desde Buenos-Ayres até ás republicas do Pacifico.

THROUGH ABYSSINIA, por Harrisson Smith (Fisher Unwin, editores), é a curiosa historia d'uma missão á Abyssinia para se concluir o tratado pelo qual a Inglaterra garantiu, em 1886, ao rei João a posse do territorio de Bogos e o livre commercio por Massouah.

IVORY, APES AND PEACOCKS, por Horace Walter (Stanford, editor), é um livro de excursões na Africa, que, sob o seu phantasista e rutilante titulo *Marfim, Macacos e Pavões*, contém muita informação séria e util sobre as raças, costumes, os recursos naturaes e o futuro da Africa Equatorial.

The Old and the New, English country Life, por KEBBEL. — Londres; William Blackwood, editor.

Uma admiravel pintura da vida rural na Inglaterra, no seculo XVIII e no presente tempo. O auctor francamente prefere os habitos e os sentimentos do antigo regimen, e desenha as suas feições desvanecidas, ou que se vão desvanecendo, com grande encanto e um fino introspecto politico. O seu quadro da Inglaterra rural no seculo XVIII é talvez idealisada; mas constitue, certamente, uma imagem de vida encantadora e que merece ficar como delicado e original trabalho d'arte.

Smuggling Days and Smuggling ways, por HENRY SHORE. — Londres; Cassel e C.^o, editores.

E a instructiva e divertida historia das grandes épocas do contrabando e dos costumes e aventuras dos contrabandistas. O livro trata sobretudo do contrabando nas costas de Cornual, no paiz de Galles, mas apresenta uma larga e boa pintura do contrabando, tal como elle se praticava por toda a parte, antes do aperfeiçoamento dos serviços de guarda-costas. O auctor não deixa de sympathisar com a esperteza e bravura dos aventureiros, de quem canta a epopêa, hoje meio esquecida: — e é ainda com sympathia, quasi com saudade, que dá ao seu volume o subtítulo de *Historia d'uma arte perdida!*

Nature in Books, por ANDERSON GRAHAM.—Londres; Methuen e C.^o, editores.

É uma tentativa para marcar a influencia que tem exercido a Natureza — o campo, a paisagem, os bosques, os montes, no espirito e na obra de alguns grandes escriptores classicos e modernos. Livro profundamente pensado, de paciencia e séria investigação, cheio de requinte litterario.

A year in Portugal, pelo dr. GEORGE LORING. — Londres; Putmans, filhos, editores.

Este *Anno em Portugal* parece que foi deliciosamente agradavel para o sr. Loring, diplomata americano, porque só lhe deixou da nossa terra, dos nossos costumes, da nossa sociedade e dos nossos monumentos, impressões felizes. O livro é interessante, amavel e exacto.



AS VILLAS

NO

NORTE DE PORTUGAL

Estudo sobre a propriedade no tempo dos romanos e povos germanicos

I

AS CITANIAS

O conhecimento de todos os factos, que constituiram a sociedade no norte da Hespanha, desde os tempos mais obscuros até á ruina do imperio wisigothico, tem ainda hoje para os seus habitantes um interesse superior. Em toda esta região, comprehendida d'uma maneira geral entre o oceano e o Douro (pois na parte relativa a Portugal, crêmos, póde estender-se sem erro até ao Vouga), não só a raça parece ter sido sempre homogenea, mas tambem uma vez civilisada pelos romanos, não mais deixou de desenvolver-se, segundo o impulso dado por elles.

A conquista romana e a occupação germanica são na verdade os dois grandes acontecimentos historicos que tiveram uma acção decisiva, quer pela diuturnidade, quer pelas alterações que provocaram. A redução total e definitiva d'esta parte da península ao dominio de Roma, datando de Augusto (26 a. C.), durou até 411; portanto perto de quatro seculos e meio. Seguiram-se os suevos e wisigodos, cujo governo persistiu por um pouco mais de tres seculos, até ao fim de 712, anno em que chegou aqui a entrada dos sarracenos, visto ter sido a batalha de Guadalete em 711. Mas os arabes pela curta duração do seu dominio não tiveram nenhuma influencia apreciavel, social ou

ethnica, n'esta região da península. Logo em 718 ou 719 Pelagio levantou heroicamente a bandeira da guerra contra os invasores, que Affonso I (739-757) expulsou além do Douro. Pela lista das trinta e uma cidades, que elle retomou, mencionadas no *Chronicon Sebastiani*, vê-se que a expulsão fôra até Vizeu-Salamanca-Segovia. N'essas campanhas de exterminio, nos primeiros annos activos do seu reinado, levando implacavelmente os inimigos a ferro e fogo — *omnes quoque arabes occupatores supradictarum civitatum interficiens* ¹, varreu os africanos de toda a região.

O grande rei, é certo, não conseguiu estabelecer de vez o dominio christão dentro da linha das suas conquistas, mas os invasores tambem não puderam jámais fixar-se pacificamente ao norte do Douro; não repartiram terras, não assentaram colonias, não denominaram logares, nem edificaram cidades. Mesmo entre Douro e Vouga, posto que no tempo de Al-manssor (985-1002) essa estreita cinta voltasse ao poder musulmano, os vestigios ali apagaram-se quasi totalmente ² pela reconquista, podendo considerar-se actualmente a continuação ethnographica da Galliza. Do sul pelo contrario fizeram uma nova patria; ali construíram monumentos, enraizaram a sua civilização, introduziram grandes massas de gentes orientaes, governaram e povoaram durante seculos successivos.

No norte do Douro deram-se, depois de Affonso I, invasões mortíferas, correu abundantemente o sangue dos christãos, muitas cidades e logares foram repetidas vezes assolados; mas elles, os invasores, nunca mais puderam demorar-se, senão os curtos momentos d'uma guerra, nem puderam modificar a população ou a sociedade.

Por isso a historia relativa aos periodos romano e suevo-wisigothico não tem para o sul um interesse fundamental, como aqui. Lá, todo esse mundo soffreu grandes modificações tanto na toponímia como nos costumes e na raça. Se as tradi-

¹ *Esp. Sagr.*, tom. XIII, app. VII, pag. 481.

² *Herc., Hist. de Port.*, tom. III, pag. 204, 419 e seg., 2.^a ed.



ções romano-germanicas se não obliteraram por completo, essa recordação ia-se esbatendo á medida que, pelo decurso do tempo, augmentava a convivencia mutua e se estabeleciam relações de parentesco, até que enfim a civilisação oriental se tornou decididamente predominante.

Não assim aqui. A sociedade astur-leoneza ou neo-goda não é mais que a continuação da germanica, que já a seu turno se moldára na romana. Passado esse curto instante da occupação militar sarracena, reaparece todo o modo de ser precedente, como se vê das vendas, doações e trocas de propriedades, dos *diplomata* e *chartæ* da nossa Idade-média, no mesmo tempo em que o sul estava e continuou a estar subjugado pelos africanos. As alterações apparentes, que se podem observar, não foram produzidas, por se quebrar a tradição ou por se modificarem os principios constitutivos, mas por causa dos acontecimentos politicos, no meio dos quaes ella se foi reorganizando.

A vida civil neo-goda não é pois mais que a sequencia, como se dissessemos, novos elos d'essa longa cadeia que vinha dos romanos, e que se tem continuado até hoje, desde os costumes até á mesma lingua, ou como diz Herculano, «o levantamento de Pelaio não chegou a ser uma revolução; foi uma resistencia»¹.

Para se comprehender pois a historia economica subsequente, quando se formam os novos estados n'esta mesma região, é indispensavel o estudo das condições em que se achavam os habitantes antes e durante os romanos. Os povos germanicos que vieram substituil-os no governo não modificaram nem as fôrmas sociaes, nem a vida agricola. Elles, os vencedores pelas armas, foram vencidos pela civilisação de Roma. A mudança governativa não affectou o fundo que ficou o mesmo, a não serem algumas gottas de sangue germanico que se diffundiram na população.

Pelo contrario os romanos estabelecendo-se no paiz, absorveram a sociedade que encontraram, e por meio das suas insti-

¹ *Opusc. III*, 1, pag. 247.



tuições que impuzeram aos vencidos, romanizaram-nos, como se costuma dizer.

Anteriormente á sua occupação não nos restam senão escassos e fugitivos vestigios d'esses povos barbaros, subjugados com tanta difficuldade. O norte da peninsula era o cabo do mundo; dos raros viajantes, que o visitaram, não ficaram descripções de que se possa extrahir um quadro completo. As informações dos escriptores antigos são vagas e obscuras. Não temos nada comparavel á Germania de Tacito, nem Augusto voltando da conquista deixou commentarios, como Cesar. a respeito das Galias. A narração de Strabo tambem pouco nos aproveita: exceptuada uma ou outra indicação, ella carece dos detalhes necessarios para se formar uma idéa completa da vida ordinaria d'essa gente. Os costumes são sempre referidos por elle tão vagamente, como se a descripção fosse formulada sobre informações genericas.

Felizmente hoje, graças aos trabalhos archeologicos do sr. Francisco Martins Sarmiento, sabemos que viviam nos cerros inhospitos em povoações fechadas por grossas paredes de pedra-ria, conhecidas tradicionalmente por *citancias*, *cividades* ou *castros*, os habitantes d'este tracto do Douro ao rio Minho. E não só n'este. A antiga cidade de Tuy fôra edificada primitivamente no alto d'um monte visinho, como se vê da doação feita por Affonso Henriques, quando se apoderou de parte da Galliza por morte d'Affonso VII — «*et venit ad castrum & ad montem Aloyæ, ubi fuit civitas antiquitus condita*»¹. No monte do Viso, perto das nascentes do Lima, ha uma planura, chamada *la ciudad*, onde foi a povoação dos Limicós; encontram-se ahi sepulchros, inscripções, pedras lavradas, tijolos...² A antiga Britonia era igualmente situada sobre uma ampla montanha, restando d'ella no seculo passado um logar de cento e vinte visinhos³. Perto de Vigo, n'um monte sobranceiro á enseada, onde hoje

¹ *Esp. Sagr.*, tom. xxii, pag. 93.

² *Ibid.*, tom. xvii, pag. 12.

³ *Ibid.*, tom. xviii, pag. 6-8.



existe um posto fiscal, vêm-se as ruínas d'uma citania, que pareceram ao sr. Sarmiento exactamente idênticas ás do sul do rio Minho. E Numancia, no extremo da região, era, segundo parece, situada n'um alto ¹. Este modo de viver pelos picos elevados é expresso por Avienus nos dois versos:

Cempsi atque Sæfes arduos colles habent
Ophiussæ in agro ².

Foi esta localização das povoações que mais dificultou a campanha de Augusto e dos legados Antistius e Firmius. A descrição de Orosio ³ deixa-nos a impressão que os exercitos se moviam por entre selvas e montes erriçados de fortificações. Ella porém não foi privativa dos nossos antepassados; já tinha sido adoptada também pelos italiotas, n'um periodo idêntico de civilização. Hyginus diz ⁴ «antiqui enim propter subita bellorum pericula non solum erant urbes contenti cingere muris, verum etiam loca aspera et confragosa saxis eligebant, ubi illis amplissimum propugnaculum esset».

Os romanos não estranhariam pois as condições de vida d'estes barbaros. Lembrando-se das antigas populações da sua península, d'esse mundo italo-greco a que pertenciam, deviam pelo contrario vêr n'elles gentes irmãs, apenas atrasadas muitos seculos da sua civilização ⁵. Isolados n'esta região montanhosa, continuaram a vida que traziam, quando se estabeleceram. Os povoados fortificados e casas contiguas indicavam sem duvida uma raça latina, visto viverem *more latino*. Estariam ainda immobilizados na chamada civilização de *bronze*: os laivos das pedras, os restos de cerâmica e outros objectos, extrahidos dos escombros das citanias, mostram que possuíam

¹ P. Orosio, liv. v, cap. vii.

² Ora Marit., vers. 195-196.

³ Liv. vi, cap. xxi.

⁴ Gromatici Veteres, 1, pag. 179, ed. Lachmann.

⁵ F. Martins Sarmiento, *Argonautas*, cap. xii e especialmente pag. 267 e seg.



noções artisticas, que o isolamento não deixou desenvolver, como entre os seus irmãos das duas peninsulas mediterraneas.

N'este estado comtudo a sua vida agricola seria com certeza muito restricta. A mesma localisação das habitações não era apropriada a um trabalho rural incessante, de todos os dias: e as casas, segundo demonstram as ruinas exploradas pelo snr. Sarmiento, não comportavam os depositos ou celleiros, necessarios a uma lavoira extensa. Pequenos compartimentos junto d'ellas, com argolas de pedra, indicam talvez que os animaes domesticos predominantes, ou pelo menos aquelles, sobre que recahia a propriedade individual, seriam de pequena estatura — porcos, ovelhas ou cabras. Os grandes poderiam recolher-se entre as duas ordens de muralhas, se é que de costume elles não estacionavam fóra, e no caso de guerra seriam collocados em algum sitio em baixo, cercado de fossos, como suspeita Orosio, a respeito dos numantinos ¹.

Em todo o caso essa gente possuiria apenas uma agricultura rudimentar. É de crêr que a maior extensão estivesse inculta. Orosio, referindo-se á campanha de Augusto, diz ²: «Præterea ultiores Galleciæ partes, quæ montibus silisque consistæ oceano terminantur, Antistius & Firmius legati, magnis grauibusque bellis perdomuerunt». As mattas seriam pois tão abundantes que occasionaram um embaraço, digno de nota. Os fructos silvestres d'ellas entrariam na alimentação; pelo menos as glandes carbonisadas que se descobriram em Briteiros permitem esta conjectura. A subsistencia seria pois tirada já d'esses fructos, e sobretudo dos productos e despojos dos animaes. No planalto de Barroso, a principal alimentação dos habitantes ainda hoje é o leite e os seus derivados, especialmente a manteiga ³. Com um pouco menos de cultura teremos talvez n'essa vida simples, que ahí se tem conservado, um simile do que se passava em toda a região. O clima humido e chuvoso, produzindo

¹ Liv. v, cap. vii.

² Liv. vi, cap. xxi.

³ *Recenseamento geral dos gados no cont. do r. de Port. em 1870.*



abundancia de pastos, permittia a sustentação de rebanhos numerosos. D'elles se nutririam principalmente os homens, cujas necessidades eram muito moderadas.

Conheceriam os cereaes panificaveis? Parece fóra de duvida. Strabo affirma que bebiam uma especie de cerveja, feita de *cevada*; Orosio ¹ conta que os numantinos se prepararam para um ataque contra os soldados de Scipião, ingerindo grande porção de *celia*, bebida habitual, pelo que se infere do seu dizer, preparada com *succo tritici*, malt de trigo, segundo consta da laconica descripção. O vinho era raro alli, e em toda a região, affirma o geographo grego. Acevada, o trigo e algum outro cereal seriam cultivados perto das povoações. Nos montes de Coura, junto dos gigantescos penedos, chamados o «Castello da Furna», vêem-se, no meio de terras que sempre foram soltas, paredes antigas, formando vedações continuas. Estes terrenos são conhecidos na localidade pelo nome tradicional de «Campos dos Mouros». A designação popular de «Mouros» indica sempre aqui uma proveniencia pre-romana, tão vaga ficou na memoria do povo a invasão d'elles, confundindo-os com os pagãos. Na vertente norte do monte, onde existem as ruinas da citania de S. Fins de Ferreira e de Capello-Vermeão, já a meia encosta, divisam-se, no meio de bouças, muros de suporte, destinados a formar taboleiros de cultura, hoje cobertos de matto e urze. A tradição perdeu-se a respeito d'estas construcções, mas o seu aspecto mostra uma remota antiguidade. Uns e outros foram provavelmente os campos cerealiferos das citanias proximas, e produziriam os poucos cereaes que exigiam os costumes dos nossos antepassados.

N'esta situação, é de crer, que a propriedade territorial, ou não existisse, ou seria constituída d'uma maneira diversa da que veio a formar-se posteriormente, por via do direito romano. E de crer que cada citania possuísse um termo, onde pastoreava o gado, com poucas e pequenas manchas de cultura, que seria feita talvez em qualquer regime communalista. A vedação

¹ Liv. v, cap. vii.



dos campos, perto do Castello da Furna, tanto podia servir para designar a propriedade individual, como para defender as culturas do gado. Esta ultima hypothese será talvez a mais verosimil; pois se entre a Hespanha e a Galia havia um proximo parentesco, a sociedade pre-romana seria parecida nos dois paizes.

«Na Galia — diz Fustel de Coulanges — a propriedade era d'uma natureza muito particular. Prendia-se ao regime da antiga familia gauleza, isto é, ao clan. Em principio a terra pertencia não aos individuos, mas a toda a familia. De facto era o dominio só do chefe, e todos os parentes, clientes e servidores tinham apenas o usufructo commum sob a auctoridade d'aquelle... A comunidade do usufructo transformára-se n'uma comunidade de oppressão; a massa de cultivadores, reduzida á condição de arrendatarios sem direitos precisos, formava a plebe de que falla Cesar, a qual, diz, estava muito perto da escravidão» ¹.

O estado, descripto pelo eminente historiador, relativamente ao seu paiz, seria aproximadamente o do norte da península, tomadas todavia as differenças, resultantes da civilização progressiva na Galia e da immobilização da nossa. Emquanto lá as culturas eram extensas, o contrario acontecia aqui. Em todo o caso seriam communs aos dois paizes os principios constitutivos das duas sociedades. Cada citania teria um chefe — Arg.¹ como o Arg Camal das inscrições de Briteiros que seria o chefe d'esta circumscrição?

Com a conquista romana mudou tudo, imergindo d'ella uma diversa economia rural. «Sabe-se — continua o illustre auctor citado — que o seu costume (dos romanos) depois de cada conquista, era especular em grande sobre as mesmas terras que deixavam aos vencidos... juridicamente todo o sólo provincial pertencia ao estado romano; e isto era o sufficiente para deitarem mão ao que desejassem e pelo preço que queriam. Não era todavia para ahí se estabelecerem; pois não ha conhecimento

¹ *Le Domaine Rural chez les Romains.*



d'uma unica familia italiana que viesse fixar a sua residencia em qualquer das tres Galias; mas não é duvidoso, dado o espirito das sociedades financeiras romanas, que não houvesse um grande movimento de negocios sobre os bens immoveis e que uma notavel parte do solo gaulez tomasse uma nova forma»¹.

Entre nós, como em toda a parte onde se implantou a jurisprudencia romana, essa mudança profunda foi determinada pela constituição da propriedade territorial, dividindo-se o sólo em predios, precisamente demarcados, sob a denominação mais commum de *villas*.

Os conquistadores, ou por especulação ou por principios, não consentiriam o archaismo das citanias, senão pelo tempo necessario á transformação, que comtudo havia de ser longa: revolucionando a economia dos vencidos, lançaram o movimento cultural que não mais devia cessar, até comprehender todas as extensões economicamente aproveitaveis.

A população, acastellada d'antes nos pincaros desabrigados, em povoações muradas com todo o cuidado, entre terras vagas e geralmente incultas, dispersou-se pelos valles e encostas, aprendendo dos conquistadores a arte da cultura systematica, o direito, a lingua e emfim toda a sua civilização.

II

AS UNIDADES CULTURAES E AS DEMARCAÇÕES

Chegando ao dominio romano continuam a defrontar-nos graves difficuldades. As informações obscuras dos escriptores latinos nada nos elucidam a respeito da vida rural; e se as estradas militares, os marcos milliaris, as *thermas*, as *columnas* de templos, as lapides funerarias e votivas, e tantos outros restos de monumentos que se encontram a cada passo, attestam d'um modo irrefragavel a completa generalidade por toda a su-

¹ *Obr. cit.*



perfície da nova civilisação, os factos communs e ordinarios, a vida intima da neo-sociedade, que se desenvolveu sobre a antiga, passa desaperecebida.

Faltando-nos documentos contemporaneos, possuímos comtudo por fortuna titulos de doação, troca e venda de propriedades rusticas, emanados da sociedade astur-leoneza, passo a passo que se vai reorganizando; como esta, não era mais que a continuação das anteriores — romana e germanico-romana, esses *Diplomata* e *Chartæ* retratam as duas épocas precedentes, uma vez que possamos por improbo trabalho penetrar através dos escombros barbaros, que formam a camada superior, até á ultima, onde jaz o antigo edificio.

Este methodo comtudo não daria nenhum resultado, sem uma comparação com o direito agrario romano e sobretudo com os usos e costumes ruraes. Mas se é grande a escuridade sobre a vida intima rural do norte da peninsula, o mesmo acontece tanto na Italia como nas provincias do imperio. Os escriptores agricolas, Columella, Cato e Varro, são em geral omissos a respeito do que mais nos interessa n'este ponto, e a legislação não é bastante. Não nos podemos pois contentar com este ou aquelle auctor, com um ou outro texto: é necessario comparal-os e critical-os todos — os historiadores e poetas, agronomos e agrimensores, as leis e inscrições. Este longo e penoso trabalho de concentração está quasi feito, quer nas explicações aos escriptos dos *Gromatici Veteres*, por Blume, Lachmann, Mommsen e Rudorff ¹, quer nos trabalhos de Jubainville, publicados na *Revue Celtique*, assim como por Fustel de Coulanges na sua obra *Le Domaine Rural chez les Romains*. As investigações d'estes dois illustres escriptores, referindo-se o primeiro só á Galia, e o segundo comprehendendo-a tambem, são duplamente interessantes para nós: pois como esta, do mesmo modo a Hespanha era romana.

Com estes auxilios e com as noticias que pudémos colher d'outros historiadores, da leitura diplomatica, investiga-

¹ *Die Schriften der Römischen Feldmesser*, ed. Lachmann-Rudorff.



ções archeologicas e d'outras fontes, entraremos no nosso estudo, que fica limitado a um pequeno tracto, destacado d'esta grande região peninsular do norte pelos acontecimentos politicos do seculo XII e hoje comprehendido em parte na denominação de «Portugal». Se os factos que desenterrarmos do ultimo jazigo dos documentos medievaes estiverem de accôrdo já com os occorridos nas duas grandes secções do imperio — a Italia e a Gallia, já com os costumes hodiernos, então talvez o exame, que nos propuzemos, adquirirá toda a probabilidade que se pôde exigir em questões tão obscuras.

Reduzidas as citanias ao jugo dos senhores do mundo, d'esses pontos culminantes, elles viram immediatamente o grande proveito que poderiam tirar da immensa riqueza abandonada. Grandes conhecedores na materia, podiam exercer á larga o seu negocio predilecto, por isso que se achavam entre gentes que o desconheciam; mas para o levarem a cabo, foi-lhes necessario retalhar o sólo em superficies culturaes, de rigorosa propriedade individual.

Na lingua latina eram estas designadas por quatro termos — *fundus*, *prædium*, *ager* com o seu diminutivo *agellus*, e *villa*.

O primeiro não devia ser muito usado, pois não ficou na linguagem popular, como os outros. Encontra-se todavia no D. ¹ 76 — *predia fundum et facultatum*, e no D. 138 — *moraria fundo*. Modernamente Herculano ² empregou *fundo*, no sentido de bens de raiz.

Prædium conserva em *predio* a significação latina; é empregado no mesmo sentido designando a propriedade plena, tanto d'uma terra, como d'uma casa; assim dizemos como os latinos «predios rusticos e urbanos» — *prædia rustica, urbana*. Ficou pois enunciando a propriedade ligada ao sólo, mas não

¹ Para evitar repetições a citação D. entender-se-ha sempre referida á collecção — *Diplomata et Charta*, dos *Portug. Mon. Historica*.

² *Opusc. IV*, III, pag. 44.



especialmente uma superfície cultural. O D. 76, além da fôrma já citada, refere o diminutivo — *prediolo*.

Ager designava, postas de lado outras significações que nos não interessam agora, ou a área total d'um predio rustico, ou o campo — a gleba cultivada. Da primeira significação não nos restam vestígios, mas na ultima apparece logo nos primeiros D. em *agro* e *agra* (D. 13, etc.). Depois passou com a mesma significação ao portuguez litterario, estando actualmente em desuso na linguagem culta; mas conserva-se actualmente na popular, na mesma fôrma *agro* e *agra* para designar certos terrenos planos, onde eram cultivadas as plantas cerealíferas da antiga lavoira, como adiante se exporá com mais extensão.

Agellus, diminutivo, exprimia tambem a totalidade d'um predio rustico, que aliás podia ser consideravel. D'elle se serve Horacio quando se refere ao seu fundo. Entre nós perdeu muito cedo o sentido appellativo, conservando-se só na toponimia em Agrello e Agrella (Guimarães e Santo Thyrsó).

Resta emfim a *villa*. Este termo começou por designar a casa do *dominus*, mas pouco depois, na Italia, na Galia e na Hespanha, exprimiu tudo quanto se continha dentro d'um predio rustico ¹ — a casa de habitação do proprietario, a dos trabalhadores, os estabulos e celleiros, os terrenos demarcados, cultos e incultos, constituindo tudo uma unidade rural. No mesmo sentido persistiu aqui a palavra emquanto durou o systema agricolo-economico romano. E de facto, em todos os documentos dos primeiros seculos neo-godos, este termo é exclusivamente empregado para designar as propriedades rusticas na sua totalidade, trocadas, vendidas ou doadas.

As *villas* mencionadas nos *Diplomata et Chartæ dos Portugaliæ Monumenta Historica*, desde o seculo ix por diante, e as referidas nos documentos mais antigos, publicados na *Espana Sagrada*, são os predios ruraes, pertencentes quer a particulares, a mosteiros ou á corôa. Ellas eram na maxima parte de proveniencia romana. Os titulos quasi nunca se esquecem de

¹ F. de Coulanges, *obr. cit.*; Rudorff, *id.*, pag. 235.



declarar que os seus limites são os antigos — *per suos terminos antiquos*. Doa-se, vende-se ou troca-se a villa no todo ou em parte, com as demarcações estabelecidas *ab antiquo* ou *ab antiquis*.

Ora os *antigos* para os homens dos seculos VIII, IX e X, eram a anterior sociedade germanico-romana, cujo desenvolvimento apenas fizera parar por um curto instante a invasão musulmana. Mas os suevos e wisigodos conquistando o paiz não destruíram os costumes, nem o regime e limites das propriedades. Sobre esta questão lança luz intensa o código wisigothico¹. O titulo III do liv. X principia com a seguinte disposição geral: «*Antiquos terminos et limites sic stare iubemus sicut antiquitus videntur esse constructi, nec aliqua patimur commotione divelli*». Depois na lei III do mesmo titulo considerando o caso de litigio a proposito dos limites, diz que convém investigar os marcos postos antigamente «*id est, aggeres terræ sive arcas, quos propter fines fundorum antiquitus apparuerint fuisse congestas atque constructas; lapides etiam, quos propter indicia terminorum notis evidentibus sculptos constiterit esse defixos*». E na lei V estatue que se antes do advento dos godos qualquer parte d'um fundo tivesse sido destacada para diverso, por venda, doação, divisão ou outro contrato — «*id in eius fundi, ad quem a romanis antiquitus probatur adiunctum, iure consistat*». De todas estas determinações vê-se que os povos germanicos conservaram cuidadosamente as limitações anteriores, o que estava no seu interesse, pois assim mais facilmente se effectuaria o lançamento dos tributos, em generos ou em dinheiro.

Que esses marcos se mantiveram e existiam ainda no periodo astur-leonez, não póde haver a menor duvida, visto serem mencionados vulgarmente nos D.

Um exemplo bastará.

Affonso III (866-910) doára ao bispo Sabaricus o mosteiro de Dume com o seu territorio — *per suos terminos antiquos*.

¹ Ed. dos *Portug. Mon. Hist.*



No tempo do filho, Ordonho II, foi necessario por qualquer motivo identificar a demarcação antiga (D. 17). Fez-se uma *congregatio magna*: o bispo apresentou o seu documento; nomearam-se peritos — *qui solent antiquitum compravare*; recompôr o passado era a preocupação d'essa sociedade. Os peritos em presença dos magnates seculares e ecclesiasticos determinaram a linha de demarcação com a maior facilidade. Ahi acharam repetidas vezes — *petras fictas, qui ab antico pro termino fuerunt constitutas, — archa petrinea ab antiquis constructa, — congesta petrinea, — agirem*; e outros marcos, como — *ad barca, qui sedet sculpta in petra — petra scripta, ubi dicet terminum — terra tumeda qui fuit manu facta*. São effectivamente signaes de demarcação romana as *arcas, congesta petrinea, a petra sculpta ou scripta*, assim como tambem as *petras fictas* e a *terra tumeda*.

Petras fictas ou *petras fixas* (como se lê no Ap. XII, tom. XL, da *Espana Sagrada*), pedras fincadas no chão, eram os *termini lapidei* dos agrimensores ¹ — marcos d'um só bloco. Encontram-se em muitos outros D. e talvez dessem o nome á *villa Petrafita* (D. 197, 303) hoje Perafitta. A *arca* era um marco especial formado de quatro paredes (na fôrma de guardas de poço) que os agrimensores collocavam nos quadrifinios, como a *arcella* no trifinio ². Era vulgar, por isso que é referida em muitos outros D. A *arca* collocava-se tambem junto das nascentes ³. D'esta palavra talvez venha a designação toponimica de *Arca* (na freguezia de Nespereira), *Arcella* (nas barreiras de Guimarães) e *Arca d'Agua* (Porto). *Congesta petrinea* era a *congeries petrarum* ⁴ ou *congestionones petrarum* ⁵, um acervo de pedras que servia para indicar as limitações. Os *aggeres terræ* mencionados no codigo wisigothico (*agirem* do D., *agge-*

¹ *Die Schriften der Röm. Feldm. Gromatici Veteres*, pag. 340, etc.

² *Die Schrif. der Röm. F.*; Rudorff, vol. II, pag. 264 e *Grom. Vet.*, loc. ahi cit.

³ *Ibid.*, pag. 263, 28.

⁴ *Ibid.*, pag. 401, 3.

⁵ *Ibid.*, pag. 255, 19.



rem) seriam talvez a mesma coisa, com a differença ou de forma ou dos materiaes predominantos no montão. As pedras esculpidas ou escriptas eram as *petræ notatæ* ¹ dos agrimensores, isto é, os penedos naturaes que se encontravam nos limites, e n'elles se esculpiam signaes ou palavras. A *terra tumeda* (tumulus, monticulus, mamula) era uma sepultura pre-romana; os agrimensores, quando a encontravam opportunamente, deixavam-na ficar, como signal de demarcação ².

Os limites antigos, isto é, romanos, ahi estavam claros e visiveis sobre o sólo. O mosteiro fôra fundado por S. Martinho no meado do seculo vi, e as demarcações do seu termo mostram que elle comprehendia uma ou mais villas, fundadas no regime romano, cujos marcos se conservaram quando o terreno se tornou propriedade do mosteiro. Sobre elles passaram duas invasões, guerras e terriveis convulsões sociaes, resistindo a todas as tempestades. No tempo dos romanos mostravam os limites de predios rusticos, no dos suevos ficaram servindo para a determinação do termo de Dume, e das villas visinhas, pelos lados confinantes. O D. 17, singularmente interessante n'este ponto, porque refere um exame minucioso ás linhas de demarcação, não é o unico em que se mencionam taes marcos: pelo contrario elles existiam em grande abundancia nos seculos x e xi, dispersos por toda a região, como se vê de muitos D. (81, 138, etc.). Até este tempo tinham-se pois mantido as demarcações primitivas; e assim a phrase *per suos terminos antiquos* indicava que a superficie cultural, contida dentro d'ellas, era a villa romanamente demarcada.

III

AS DENOMINAÇÕES DAS VILLAS

A palavra *villa* continuava pois a designar com justeza as unidades culturaes, cada uma formando um fundo sobre si.

¹ *Die Schrif. etc. Rudorff*, pag. 256; *Gr. Vet.*, log. ahi cit.

² *Ibid.*, pag. 264; *Gr. Vet.*, log. ahi cit.



Cumpre-nos procurar agora se a romanisação subsistia no tempo dos D. em todas as outras circunstancias, a vêr se poderemos fazer uma idéa do seu regime primitivo.

Uma das características notaveis dos predios romanos era a sua denominação por um nome de homem, quasi sempre o do seu fundador; — «costume que se conservára, diz Fustel de Coulanges, nos cinco seculos que durou o imperio». O nome do primeiro proprietario passava através de todos os contratos. «Estes nomes — continúa o mesmo auctor, fallando da Galia — cuja radical é quasi sempre latina, datam certamente da época imperial. Elles não significam porém que italianos viessem apoderar-se do sólo, mas testemunham que os proprietarios gaulezes tinham desde o principio adoptado para si mesmos nomes latinos e em seguida os ligaram ás suas terras. Na Galia, assim como na Italia, são os nomes dos proprietarios que denominam as propriedades e depois os povoados ruraes (*villages*). Vê-se a filiação. Os proprietarios chamavam-se Albinus, Solemnis, Florus, Bertinus... e por isso os povoados chamaram-se Aubigny, Solignac, Fleury, Bertignole...» ¹

Devemos suppôr que este mesmo costume passasse igualmente da Italia para aqui. Todavia a primeira leitura dos D. deixa-nos immediatamente enleados sobre este ponto; ao contrario das *chartæ* gaulezas, mal se divisa nas nossas um nome pessoal latino. Houve portanto grandes acontecimentos sociaes que expungiram as antigas denominações das villas, que deviam existir juntamente com os marcos e limites.

Em vista do cuidado extremo que os povos germanicos tiveram em guardar tudo nos termos anteriores, esses nomes latinos, ou a maior parte, existiriam até á queda do seu imperio, acontecendo a substituição nos primeiros tempos subsequentes — durante a desorganisação social que se seguiu ás primeiras campanhas de reconquista. Volvidos apenas uns vinte e cinco ou trinta annos, depois da invasão arabe, ainda no meio da desordem que este acontecimento provocára, Affonso I principia com

¹ *Obr. cit.*



a maior felicidade as suas guerras de extermínio: mas as terras, de que se apoderava se ficavam limpas de africanos, careciam também de auctoridades, que estabelecessem a ordem civil e a segurança publica. N'este estado permaneceram por muito tempo.

Fallando das expedições do grande rei, o chronista ¹ diz — passando os arabes á espada, levára comsigo os christãos — *christianos secum ad patriam duxit*. Esta ultima affirmção é na verdade espantosamente exaggerada. Concebe-se que os inimigos fossem todos trucidados, caso muitas vezes occorrido; não se póde admittir porém que toda a gente desde as alturas de Lugo até á linha Vizeu-Salamanca-Segovia acompanhasse o vencedor, cuja patria, pela sua estreiteza, nem sequer os poderia alojar. Iriam alguns: talvez as pessoas mais graduadas das cidades, e os proprietarios ruraes das bordas das estradas; mas essa leva forçada devia ser insignificante, comparada com a população. Todavia a falta de governo no paiz provocaria o retrahimento dos habitantes: amedrontados, sem defeza, fugiriam a cada passagem d'essas tropas indisciplinadas; esconder-se-iam momentaneamente, como é de costume, para reaparecerem, quando voltava uma curta bonança. Esta situação originou sem duvida a phrase emphatica do chronista, assim como as expressões contemporaneas — *ermo, deserto, terra deshabitada*. Mas que nunca houve um verdadeiro ermamento, é o que resulta da leitura dos documentos da época.

Consideremos em primeiro logar os relativos a Lugo. O bispo Odoario, foragido, recolheu-se a esta cidade, acompanhado d'um sequito de parentes, servos e outras pessoas, quando soube das victorias de Affonso I, que o incumbiu de proceder á restauração da cidade e provincia. Executada ella, passou a fazer o mesmo em Braga, fallecendo quando estava n'este trabalho. Mas a restauração e repovoação effectuou-se só com a gente que acompanhava o bispo?

O sequito não podia ser muito numeroso. Na propria expo-

¹ *Esp. Sagr.*, tom. XIII, ap. VII, pag. 481.



sição, por elle feita, diz — *cum nostris multis familiis, & cum cæteris populis tam nobiles quam inobiles* ¹. *Familias*, sabe-se, eram os homens de classe mais ou menos servil, *domesticos ou familiares*: o resto seriam visinhos, amigos, parentes, cada qual com a sua gente. Treze d'estes, fundando uma igreja em Villamarci, dizem que sahiram da sua terra com o bispo — *elles simul cum cæteris plurimis* ². Não era pois uma multidão: nem as palavras *cæteris populis* e *cæteris plurimis* a designam, nem tão pouco, a boa razão pôde admittir que tal numero podesse permanecer por desvios durante muito tempo — *fecimus moram per loca deserta multis temporibus* ³. Pois com um punhado de companheiros, Odoario, encontrando a cidade — *desertam & inhabitabilem*, restaurou-a *intus & foris* ⁴, *quam ex radice restauravi* ⁵. Simultaneamente e com a mesma facilidade reorganizou a vida agricola. Apoderando-se d'uma enorme quantidade de villas, fez renascer em todas a cultura, e attribuiu o senhorio d'algumas aos seus companheiros. Com esses predios distribuiu-lhes logo — *boves ad laborandum & jumenta ad serviendum eis* ⁶. Já se vê que não estava n'um paiz deserto; aliás com esses poucos companheiros, em tão curto praso, não só lhes era impossivel restaurar a cidade com a sua provincia, nem poderia obter os *boves & jumenta*, que menciona.

A verdade era outra. A população existia, mas escondida, sem ponto de apoio, justamente medrosa pelas violencias, a que estava sujeita n'uma terra, sem leis nem auctoridades. Desde que teve quem a protegesse e dirigisse, appareceu immediatamente para a vida social; por isso os trabalhos progrediram com rapidez; e tão diminutos seriam os estragos, que tudo se re-

¹ *Esp. Sagr.*, tom. XL, ap. XII, pag. 365.

² *Ibid.*, tom. XL, ap. IX, pag. 353.

³ *Ibid.*, tom. XL, ap. XII, pag. 365.

⁴ *Ibid.*

⁵ *Ibid.*, tom. XL, ap. X, pag. 357.

⁶ *Ibid.*, tom. XL, ap. XII, pag. 365.



compoz em poucos annos. Depois, passando a Braga, effectuava, quando falleceu, igual trabalho de reorganisação, o que mostra como as condições eram identicas. Durante esse tempo, Odoario beneficiou os seus companheiros com as villas, que talvez encontrasse sem proprietarios (não sem cultivadores) mediante certos reconhecimentos á Sé de Lugo.

Considerando os D. ao sul do rio Minho, temos a mesma impressão; isto é, que as villas tomadas de *presuria* não estavam ermas. Dos D. 5 e 6 vê-se que ella se fizera *cum cornu et cum aluende de rege*. Esta circumstancia deixa logo perceber que por essas insignias militares se impunha silencio aos direitos anteriores. Se não houvesse ahi habitantes, seria inutil lazer a occupação em acto de guerra; bastava apoderar-se do que estava abandonado: no caso contrario aquellas insignias sancionariam o direito do recém-chegado. Segundo o D. 5, os *presores* edificaram uma egreja, dotando-a com terras, casas, cubos, cubas — *omnia edificia cum intrinsecus suis*. A doação valiosa mostra que encontraram os moveis, as edificações, e que o predio estava em exploração regular: não é de crêr que dessem tudo, nem de presumir que com o trabalho de poucos annos podessem obter tantos objectos, nem valorisar d'esse modo um terreno ermo. Do D. 6 (anno 870) vê-se que a *presuria* se effectuára pelos *priores*, paes, ou avós quando muito, segundo a data. Esta villa estava cheia de cultivadores, gados e moveis, em tal abundancia que o *casale* referido era quasi uma reprodução da antiga vivenda do senhorio, trabalho superior ao de duas gerações, se tivessem de fazer tudo.

Na investigação dos limites de Dume, nas proximidades de Braga, a grande cidade regional, já vimos, com que facilidade se determinaram as antigas demarcações, o que mostra a sequencia de gerações, habitando ahi desde tempos anteriores á invasão arabe, aliás não se obteriam as informações precisas, constantes do respectivo D.

Dos factos adduzidos, resulta que não houve nunca um despovoamento — as *cinctas de desertos*, como entendia Herculano, opinião que já seguimos tambem. Pelo contrario a critica que o

*



illustre historiador faz a respeito da Beira no tempo d'Al-mansor ¹. é igualmente verdadeira para este periodo, relativamente ao norte.

Na invasão e reconquista, até se estabelecer um governo definitivo, a violencia reina infrene. Persistem os homens, os cultivadores, mas o dominio directo (não o util) é do mais forte, do chefe do primeiro momento — o *presor*. Citemos ainda um ultimo exemplo. No tempo de Affonso I, Odoario, apprehendendo o territorio de Braga como já vimos, e reorganizando ahi a vida civil, fizera d'elle senhora a Sé de Lugo. Succedem-se os annos, passam-se guerras e innumeradas convulsões, até que enfim vem a ordem e a segurança. Descobre-se então (reinado de Affonso V) que os condes se tinham apoderado á força d'esse territorio ². As camadas dos senhores faziam-se e desfaziam-se segundo a sorte da guerra com o estrangeiro e das luctas intestinas.

N'este estado, não admira que houvesse mudanças de proprietarios por violencias e que se expungissem os nomes antigos, substituindo-se pelos dos novos adquirentes. Era tambem possível que o mesmo facto se desse, por imitação, nas acquisições honestas; ou que alguns viessem já de traz, quando a população se chamou germanicamente. Como o nome da villa podia mudar-se, sem comtudo se alterar o regime, não havia um interesse fundamental em conserval-o. Não assim quanto aos limites; exprimindo o valor da propriedade, elles ficaram enraizados ao sólo juntamente com os trabalhadores, os usos e costumes antigos.

Fossem uma ou muitas as razões da mudança, a verdade é que na denominação das villas em vez dos primitivos encontram-se nos D., como regra geral, nomes germanicos ou neogodos; latinos, muito poucos. Mas o proprio facto de designar a propriedade com o nome do novo proprietario mostra, que a tradição romana se não tinha obliterado n'este tempo de espantosa confusão governativa.

¹ *Hist. de Port.*, vol. III, pag. 422 (2.^a ed.).

² Argote, *Mem. H. Ec. Ar. Br.*, III, doc. 7, pag. 420.



Apesar de tudo, podemos citar alguns exemplos typicos em que o nome gentilico do proprietario se adjectiva em *-anus* na designação do predio; taes são — a *Villam Cornelianam* (D. 18 e 19; de Cornelius, hoje a freguezia da Correlham); *Villa campaniana* (D. 409; de Campanius, Campanham, Porto); *Villa Palmatianas* ou *Palmacianus*, por *Villâ Palmatiana*? (D. 158, 382; de Palmatius, ¹ Palmazão, logar junto á Quinta do Paço — *palatium*?, freguezia d'Alvarelhos); *Villa Valeriani* por *Villa Valeriana*? (D. 112; de Valerius, Vairão). Em todos estes exemplos está *villa* por *fundus*, segundo o uso na Idade-média ²; como não possuímos documentos anteriores, não nos deve confundir a substituição, nem as incorrecções proprias do tempo; não obstante estas divergencias, a fórma romana é facil de recompôr.

Geralmente comtudo é um nome pessoal que apparece no genitivo, nominativo ou mesmo sem caso, quasi sempre de procedencia germanica ou neo-goda, não sendo possivel a destrinça entre estes ultimos por pertencerem á mesma familia. Qualquer que seja a sua radical, germanica ou latina, a maior parte d'elles estavam em pratica no tempo dos D., pois os encontramos aqui e alli, designando quer as partes contratantes, quer as testemunhas. Como já se tinha perdido o uso dos gentilicos e era corrente o d'um nome só, quando muito de dois, sendo o segundo um patronimico em — *is*, d'aqui provém a modificação da fórma antiga, subsistindo todavia ainda o costume de designar o predio por nomes de pessoas, que parecem ser, pela razão já dita, os dos ultimos proprietarios, do periodo astur-leonez. Foram estes os que chegaram em maior numero á actualidade.

Assim, pelos nomes de homens — Nanduin, Aldoard, Gemunde, Vimaranes, Recared, Athanagild, Creximirus, Athaulf ou Adaulfus, Sindin ou Sendino, Fromaricus, Romarigu,

¹ O presbitero Palmatius é o notario do D. 5. Mas como o fundo conserva a forma *-anus*, talvez este nome fosse de uso anterior na região.

² Jubainville, *Rev. Celtique*, tom. x, pag. 143, 154 e seg.



Gunzaluo ou Gunsalbo, Viliulfus, Gundiuado, Lucidus ou Lucidius, Vimaredus, Marecus — se explicam as denominações da *villa nandini* (D. 41, 162; antigamente Nandim, hoje Landim); *v. alduarii* (D. 156, 159; Aldoar); *v. gemundi* (D. 57; Gemunde); *v. vimaranes* (D. 76, 61; Guimarães); *v. rekaredi* (D. 192; Recarei, logar de Leça do Balio); *v. atanagildi* (D. 451; Tagilde); *v. crexemir* ou *cresimiri* ou *creysimir* (D. 31, 223, 326; Creixomil); *v. de ataulfu* (D. 76; Adaüfe); *v. sindini* (D. 195; Sendim, logar de Mattosinhos); *v. fromarici* (D. 67; Fromariz); *v. romarici* (D. 711; Romariz); *v. gunzalbi* (D. 731; logar de Gonsalves, Leça da Palmeira); *v. viliulfus* (D. 496; Guilhufe); *v. gundiuadi* ou *gundiuai* (D. 188, 213, 294; Gondivae, logar de Leça do Balio); *v. lusidii* (D. 76; Luzim); *v. vimaredi* ou *uimarei* (D. 595, 796; Guimarei); *v. marecus* (D. 324; Marecos).

D'esta lista vê-se que sem duvida nomes de homens designaram propriedades rusticas, convertidas actualmente, ora em parochias ruraes, ora em logares, e uma em cidade. Uns lêem-se nos D., outros em Förstemann ¹. Não só designaram as unidades culturaes (villas) mas tambem as sub-unidades — *casal de louegildo* (D. 6), *casa de trasmondo* (D. 6), *pomare teodorizi* (D. 13), etc.; montes — *mons gundemari* (D. 170; d'este nome hoje um concelho e duas freguezias); e até monumentos pre-historicos — *mamola de adaulfi* (D. 303).

Na restauração da provincia de Lugo, Odoario concedeu a seis dos seus companheiros o dominio directo das villas — Avezani, Guntini, Desteriz, Provecendi, Sendoni e Macedoni, assim chamados pelos nomes d'elles — Avezano, Guntino, Desterigo, Provecendo, Sendo e Macedonio ². No concelho de Guimarães encontram-se duas villas *avezani*; — *mandamento de tauoatello cum Avezani* (D. 223), *villa avezani* (D. 410). Estes dois predios são já designados nas inquirições de Affonso II sob a denominação de freguezias — «De parrochia S. Chris-

¹ *Altdeutsches Namenbuch.*

² *Esp. Sagr.*, tom. XL, ap. XII, pag. 365.



tofori e S. Thomé d'Avezani», hoje as duas hodiernas de S. Christ. e S. Thomé d'Abbação.

Com esta maneira de designar os predios rusticos, que chamaremos *peessoal*, apparecem nos D. as denominações derivadas, quer de nomes de santos, de arvores ou accidentes topographicos, por exemplo — de *Sancti Eulalia*, *Sancti Thomé*, *Nesperaria*, *Moraria*, *Plana*, etc. Em todo o caso aquella, derivada de nomes de homens, sobrenada como uma tradição antiga, balouçando-se n'esse mar de confusão e instabilidade no tempo asturiano-leonez. Sobrevivendo, ella demonstra que a romanisação, apesar das continuas oscillações d'essa sociedade, era ainda a vida moral da época, antecessora da nossa. Quando pela força dos acontecimentos desaparece a denominação primitiva, a que lhe succede, vasa-se muitas vezes no mesmo molde. A terra continuava a ser, como a extensão do eu, da personalidade do homem, que a tornava fecunda com o seu trabalho.

IV

A EXTENSÃO

Roma fôra no seu principio, como é sabido, uma nação de pequena propriedade. Os senadores viviam cada um no seu *herediolum*, sendo convocados para o senado pelo *viator*, que por tal motivo ia de casa em casa. Cincinnatus lavrava os seus famosos quatro *jugera*, quando lhe deram a noticia de estar investido na dictadura. C. Fabricio depois de expulsar Pyrrho e Curio Dentato, após as suas victorias sobre os sabinos, contentaram-se ambos com os sete *jugera* da partilha geral, cultivando-os com arte não menor que o valor dispendido na guerra.

Columella ¹. escrevendo no tempo de Augusto ou de Tiberio, lembrava estes exemplos com saudade, lamentando que no seu

¹ *De Re Rustica*, pr.



os proceres trocassem a vida forte dos campos pelo luxo effeminado das cidades.

Uma total e profunda mudança tinha-se de facto operado na vida nacional. Roma não se limitava agora a uma região da Italia ou á península italiana: o seu dominio estendia-se desde o mar britannico á Ethiopia, e desde o Euphrates ao oceano atlantico.

Essa expansão, que affectou todo o seu modo de ser, devia por força reflectir-se tambem na terra. No primeiro seculo do imperio começa a dar-se a accumulção de muitos predios pequenos e medios em poder d'um só proprietario; mas, se a tendencia era formar grandes propriedades, os antigos costumes ruraes da Italia oppunham-lhe um serio embaraço. Os fundos do tempo da republica subsistiam, cada um com os seus limites, os seus trabalhadores e regime tradicional. Fazer de muitos pequenos um grande era difficil, porque estes tinham, consagrada pela religião e pelas leis, uma individualidade privativa, que se não deixava absorver. N'estas circumstancias, os especuladores formavam na Italia grandes fortunas territoriaes, não com um, mas com muitos predios. Só lentamente se pôde ir operando a absorpção dos minusculos e medios.

Mas a fundação das nossas villas, datando da conquista, effectuou-se no tempo de Augusto, ou posteriormente a elle; por isso os costumes d'esta época deviam prevalecer, quanto á extensão que lhes deram os fundadores.

Ora a tendencia, como acabou de expôr-se, era a formação de grandes predios; estes prestavam-se melhor, quer á collocação de capitaes, quer á especulação; Horacio chama *agellus* ao seu fundo, que aliás estava dividido em duas secções — uma cultivada por oito escravos com um feitor, a outra por cinco arrendatarios livres; ao todo uns trinta hectares, fóra as matas, segundo calcula Fustel de Coulanges. O diminutivo, empregado pelo poeta para designar uma superficie d'estas, deixa inferir, como seriam grandes as unidades culturaes, a que tal palavra não quadrasse. O *agellus* de Horacio, sendo da época em que principiou aqui a cultura, as villas mais pequenas fundadas



sob a direcção dos seus compatriotas, não lhe seriam inferiores. E pelo contrario de prever que tomassem o maior typo commum, achando-se demais n'um paiz geralmente com pouca cultura, onde podiam talhar á vontade.

Todavia a leitura diplomatica faz-nos suppôr que nem sempre esta regra se seguiu aqui; não se póde duvidar que predios pequenos e talvez minusculos se misturassem com os grandes. Como a população era muito densa, pois será raro encontrar alto escarpado sem as ruinas d'uma citania maior ou menor, talvez os romanos para attrahirem essa gente para os valles e encostas ferteis tivessem de attender, na distribuição das terras, quer ao numero, á graduação das pessoas importantes, á qualidade do sólo ou ás condições topographicas. É de crer que a consideração d'estas duas circumstancias fosse a mais importante. Se o terreno, sobre o qual se fundava a villa, reunia boas condições de cultivo, naturalmente a extensão seria menor do que se a área recalisasse sobre montados de cultura difficil; talvez os agentes das sociedades financeiras reservassem para os especuladores as grandes villas e contentassem os indigenas com as pequenas.

Posto que hoje não possamos apurar as causas d'essa diversidade, parece comtudo que vinha na maior parte da primitiva essa infinidade de villas que cobriam o paiz, das quaes só d'algumas existe memoria nos poucos documentos que nos restam. Os wisigodos, segundo os textos e factos adduzidos, conservaram com o maior cuidado as demarcações anteriores; os suevos, que foram os povos germanicos conquistadores d'esta região, seguiram sem a menor duvida o mesmo costume, visto que posteriormente a elles, persistiam os *termini* romanos, consoante fica já demonstrado. Por isso, em geral, as villas mencionadas nos D. comprehendiam a superficie que lhe fôra attribuida na sua fundação. É certo que na época em que estes se redigiam, accentuando-se já a corrente do desmembramento, nem sempre apparecem as confrontações; a villa principiava a ser um termo generico de identificação d'uma gleba ou sub-unidade. Mas como existiam ainda villas intactas, outras perfeita-



mente limitadas pelas confinantes, todas estas bastam para podermos fazer uma idéa do termo médio das superficies culturaes, como foram demarcadas.

Temos exemplos numerosos de áreas extensas constituídas em predios. No anno 926 Ramiro III doa a Ermenegildo e Mumadona a *uilla nominata creximir que est secus fontano selio, territorio inter ambas aues... e dividet ipsa uilla cum uilla siluares uilla candanoso et colgeses* (D. 31). A identificação e confrontações não offerecem a menor difficuldade. *Creximir* é a freguezia de Creixomil (Guimarães) limitada pelas de Silvares, Candoso e Urgeses. Nem cause estranheza que Creixomil tivesse em 926 os limites romanos (do 1.º ao 4.º seculo da nossa éra), pois com um documento á vista, sabemos que os conservou desde 926 até hoje — n'um periodo de 965 annos. Era pois uma grande propriedade no sentido moderno da palavra, mas ainda assim muito longe dos *latifundia* que um cavalleiro não podia circuitar n'um dia. Como Creixomil, a *corneliana* (Correlham), a *uilla ualeriani... inter uilla mazanaria et jornellu* (Vairão entre Macieira e Fornêllo) e muitas mais, cuja relação é inutil, eram grandes predios, formando actualmente parochias ruraes.

Havia outras mais restrictas, como as de *Rekaredi, Gundibadi, Gunsalui* (Recarei, Gondivae, Gonsalves) anteriormente citadas, que originaram apenas logares dentro d'uma parochia. Abaixo d'estas estariam predios menores, correspondentes aos maiores hodiernos. Confinantes com o mosteiro de Dume (suburbios de Braga) havia algumas villas que não chegaram a formar nem logares; entre essas podemos indicar a *de Infidias* que será provavelmente representada hoje pela Quinta de Infias. Pôde tambem citar-se a designação de *villa medeana* (Villa-Meam) que se encontra a cada passo aqui e na Galliza, tanto nos documentos como na toponimia. É crível que predios denominados por este epitheto, fossem antes originariamente pequenos, que fracções destacadas dos grandes; não estava nos usos da lingua-gem chamar villas a simples retalhos d'ellas. Perdendo por qualquer motivo a sua designação primitiva, receberam depois essa.



quer por causa do seu mesmo tamanho, quer por qualquer outra razão que não é possível descobrir presentemente.

As villas pequenas são designadas nos D. pelo diminutivo de *villula*. Como sabemos que este termo era empregado pelos latinos na mesma significação, podemos suppôr que os predios com este epitheto viriam da época romana. No colmello de divisão dos bens entre Mummadona e seus filhos diz-se... «*extraiam duobus prenuncupatis villulis* (D. 61). Uma d'estas era a de Silvares, que já acabamos de vêr confrontada com a de Creixomil; mas como faltam as confrontações por outros lados, não se pôde saber se mais tarde recebeu alguns terrenos annexados. A villa Vimaranes (Guimarães) é considerada um *prediolo* no D. 76, e de facto seria uma propriedade, como qualquer grande quinta actual.

Resumindo, crêmos poder concluir que a área maxima das villas fôra a d'uma grande parochia actual; a minima a d'um espaçoso predio rustico regional dos nossos dias. No decurso do tempo aquellas subsistiram, convertendo-se em moleculas religioso-administrativas, em virtude das relações de parentesco e afinidade moral que se estabeleceram entre os cultivadores ahi residentes. As outras, que pela sua pequenez, não poderam sustentar uma individualidade collectiva, foram incluídas como simples predios nas maiores, quando a villa deixou de ser uma propriedade rustica, para se transformar em freguezia ou parochia. Estas circumscripções, baseadas sobre os predios demarcados no regime romano, são creações espontaneas populares; pelos seus limites remontam em geral aos primeiros tempos historicos, desde quando Roma ensinou aos pobres barbaros, que estacionavam pelas cumiadas dos montes, as suas leis e a sua civilisação.



JOÃO DE DEUS

E A

RENOVAÇÃO DO MODERNO LYRISMO ¹

O grande pôeta tocava impensadamente todas as cordas da lyra humana; além do idealismo neo-platonico do seculo XVI, havia uma corrente de emoção mystica, representada pelo genio hespanhol, Santa Thereza de Jesus, S. João da Cruz e Frei Luiz de Leão. A sua poesia amorosa era mais vehemente e apaixonada do que a dos mysticos italianos; João de Deus achou essa vibração calorosa quando poz em octonarios os versiculos latinos do *Cantico dos Canticos*.

É inevitavel a hesitação tendo de escolher um trecho da paraphrase do *Cantico dos Canticos*. Como o poeta se compenetrou do sentir da alma primitiva! Como elle adivinhou a psychologia da humanidade. A intuição genial do poeta encontra-se na mesma comprehensão da verdade desvendada pela erudição historica. Michelet, na *Biblia da Humanidade*, falla do *Cantico dos Canticos* como se o tivesse lido não através do latim de S. Jeronymo, mas dos versos de João de Deus: «É visivelmente uma collecção, desconnexa, de cantos de amor, porém collocados em uma ordem que dá ao conjuncto um certo gráo de unidade. — Este livro em grande parte, não é de modo algum judaico. É de uma exaltação e de um encanto, de uma liberda-

¹ Continuado da pag. 432.



de singular, que destôa e contrasta com a sombria Bíblia dos Hebreus, geralmente secca e hirta. Aqui ha, pelo contrario, uma effusão, um abandono (não digo do coração, não digo de amor, mas de paixão e de desejo) sem limites. É um cantico da Syria. — A Sulamite é syriaca. A Judia é mais recatada. O seu amante, com certeza, não a compararia «á egua arabe, indomavel, do Pharaó». — A Judia, tão encantadora e tocante de humildade, não existe em direito; ella não é contada nos recenseamentos do povo. — A Sulamite do *Cantico* é antes uma filha da Syria, armada com os sete Espiritos, para invadir, turbar, tentar, inebriar o homem, fazer d'elle uma criança fraca. Eis todo o sentido do *Cantico*, sentido que resalta fortemente desde que se afastem os retoques grosseiros com que o obscureceram. A historia não é obscura, como tratam de fazel-a. É muito clara em verdade. É na primavera, o momento em que na Syria (na Grecia, e em toda a banda) se faz uma festa ao abrir e provar os vinhos da ultima vindima. É o momento em que o sangue vermelho de Adonis corria em Biblos com as areias da torrente, torrente tambem de amor, de prazer desvairado, de prantos. Um formoso rapaz (filho de um emir, segundo julgo) muito joven, elle é ainda de marfim (*eburneus*) branco, delicado, veiu aos celleiros que estão cavados na montanha junto da cidade, para abrir e provar o vinho. Na sua passagem encontra uma bella moça, trigueira, ricamente dourada pelo sol do oriente, que perto d'alli guarda a sua vinha. Elle a convida para vir, entrar e provar. Ella é muito ignorante. O rapaz tem a voz tão dôce e parece-se com uma moça, uma joven irmã. Ella obedece e segue-o; eu não sei o que lhe faz beber, porém ella sae offegante. Ella diz: «Mais! e beija-me com um beijo da tua bôca!... Tocar-te, é mais dôce que o vinho que tu me fizeste beber... Que suave cheiro vem de ti. Eu te seguiria por esse perfume»¹.

Bem quizeramos transcrever todo o capitulo em que Michelet reduz ás condições naturaes as situações dramaticas do

¹ *Bible de l'Humanité*, pag. 387.



Cantico dos Canticos, explicadas pelos cultos orgiasticos dos Deuses-serpentes-peixes-pombas, nascidos do desejo e dominando pela fascinação morbida das mulheres da Syria e de Biblos, cujo amor é invencivel como a morte. Para avaliar a alta comprehensão esthetica de João de Deus desvendando a poesia do *Cantico dos Canticos*, sômente essas paginas de Michelet podem servir de commentario eloquente. João de Deus foi levado a essa intuição pelo profundo sentimento da poesia popular que transparece em toda a sua idealisação. É esse um dos aspectos mais bellos do seu lyrismo; em uma carta a um joven poeta, que lhe perguntava se os seus versos eram bons, respondia: em as raparigas lh'os cantando fique certo de que são bellos. E era verdade. É este aspecto do seu lyrismo que importa considerar depois da reflexão de todos os aspectos do lyrismo europeu. João de Deus achou tambem o typo da canção popular, a Ser-ranilha, a Villanella, o Tonilho, tal como vem desde os Cancioneiros provençaes até Gil Vicente, Camões, Gonzaga, os Lyricos brasileiros e ainda corrente nas aldeias, como em Rebordainhos.

A cançoneta intitulada *Sympathia*, colligida no *Ramo de flôres* e incorporada nas *Folhas soltas*, é uma d'essas melodias ineffaveis com que João de Deus unifica o genio do povo com o sentimento individual; iguala o fragmento da ode de Sapho:

Olhas-me tu
Constantemente'
D'ahi concludo
Que essa alma sente!...
Que ama, não zomba,
Como é vulgar;
Que é uma pomba
Que busca o pár!...

Pois ouve; eu gemo
De te não vêr!
E, em vendo, tremo,
Mas de prazer!...



Foge-me a vista...
Falta-me o ar...
Vê quanto dista
D'aqui a amar!

João de Deus concentrou na poesia todo o talento de expressão revelado na musica e no desenho; o *Remoinho* é o que ha de mais pittoresco como quadro descriptivo de um cyclone. A palavra pinta todos os effeitos do terrivel phenomeno meteorologico, com as mais audaciosas onomatopéas:

Vem de lá elle e topa
N'uma arvore, o que faz?
Enrola-se na cópa,
E tronco e tudo, zás!

.....

Aquelle enorme tronco
Quiz resistir, depois,
Ouviu-se um grande ronco,
Quando o eu vejo em dois.

Andava a rama toda,
Emilia! assim, vês tu?
Á roda, á roda, á roda
Eis senão quando, rhuh!

O poeta, embora absorto em uma contemplação completa, corrige o estado de subjectividade com um profundo sentimento de sociabilidade; por elle escapou, apesar das suas decepções, a esse estado de pessimismo que leva ao suicidio. Quando em 11 de janeiro de 1890 a alliada Inglaterra impoz a Portugal um *Ultimatum* brutal para lhe entregar a melhor parte da Africa, João de Deus sentiu o mesmo abalo da nação. E sob essa impressão do ultraje escreveu a fabula do *Leão moribundo*:



Achou-se um dia o Rei dos animaes,
Por velhice ou doença, moribundo:

E (ha casos n'este mundo
Incriveis, mas reaes!)

Quem d'antes mais solícito o servia,
É que ás portas da morte o injuria!

Veiu o cavallo, e deu-lhe uma patada;
Veiu o lobo, ferrou-lhe uma dentada;
Veiu o boi, arrumou-lhe uma marrada!
Elle, contudo, manso como um lago,
Apenas lhes lançou um olhar vago.

Mas, quando ouviu um zurro,
E, olhando então deveras,
Viu aos pinotes vir correndo o burro.
Ah! presentindo a injuria,
Com mais horror, que furia,
O forte de outras éras,
Rei dos bosques e féras,
Em summa, o grande, o generoso — o forte,
Arranca das entranhas
Um gemido, um rugido, um uivo, um urro,
Que retumbou por valles e montanhas:
«Antes a morte! a morte!... a morte!... a morte!»

Foi este sentimento da sociabilidade, que constitue uma das qualidades superiores do caracter de João de Deus, que o levou a emprehender o apostolado da educação popular com a *Cartilha maternal*, que appareceu em 1877. Em uma carta sua publicada em folhetim do *Diario da Manhã*, narra singelamente a historia do seu methodo de leitura: «fui convidado, ha uns sete annos, pelo snr. Rovere a compôr uma cartilha, Não era justo aproveitar-me de trabalhos alheios para lhes fazer concorrência; e por isso o meu proposito foi logo não tomar conhecimento de publicações analogas, limitando-me ao estudo do assumpto.



«O proprio methodo do snr. Antonio Feliciano de Castilho, que eu aliás tinha no conceito devido á obra mais fallada do auctor, esse mesmo não foi exceptuado da minha abstenção ou, antes, religioso respeito. Direi mais: não por descuido, mas desviado por outras obrigações, ainda hoje o conheço, como então, só por fama.

«Em nada, e o meu aproveitamento o attesta, me posso gabar de discipulo de tão insigne mestre. As suas obras, excepto *Ecco e Narciso*, que li na mocidade, e ultimamente *O medico á força*, são-me totalmente desconhecidas. Do *Methodo* apenas sei uma regra que um dia me recitou um fervoroso apostolo do celebre pedagogo:

A, e, i, o, u, vozeiam
Quando em cima o páo lhes vem;
Mas vão quasi caladinhas
Quando carapuça têm.

«Sem querer por esta particularidade, julgar da analyse que presidiu ao trabalho do snr. Antonio Feliciano de Castilho, é certo que *vozeando* as vogaes tanto com páo como sem páo em cima (sem páo, mais vezes incomparavelmente) e não indo quasi caladinhas quando têm carapuça; nem a fórma nem a idéa me convidavam a utilizar-me».

E definindo o seu methodo: «Assim reflectindo, achei que dos varios typos devia escolher o mais usual; que d'esse typo devia escolher o alphabeto minusculo que é, relativamente, muito mais usual; que d'esse alphabeto devia escolher as vogaes que são as letras mais usuaes e até indispensaveis, porque sem vogal não ha syllaba; que nos limites da linguagem usual, devia logo com essas vogaes formar palavras, para dar ao espirito do alumno idéas, assim como lhe dava á vista imagens; e depois de postas por ordem as invogaes, segundo a natureza e simplicidade dos seus valores, il-as apresentando de uma em uma incorporando-as com as vogaes e invogaes já conhecidas, sempre em palavras de preferencia usuaes; por fim apresentar e empre-



gar o alphabeto maiusculo, entremeando na marcha as regras prosodicas necessarias. — Este plano ainda hoje me parece ao alcance de todos; etc.» Nada mais racional e claro; porque a ordem alphabetica é arbitraria, e a soletração absurda. O conhecimento das vogaes presta-se a uma leitura ou applicação immediata de algumas palavras, por onde quem aprende penetra o systema da escripta. O conhecimento das consoantes faz-se segundo as relações de som e emprego na linguagem, tornando successivamente mais vasta a applicação dos signaes alphabeticos. João de Deus, com a doçura de um Fröbel e de um Pestalozzi, attrahiu a sympathia para o seu Methodo, que produziu effeitos surprehendentes na applicação. Na carta a que alludimos, o sincero pedagogista refuta os que procuravam no estrangeiro a origem do seu methodo: «quanto melhor fôra que alguns, em lugar de se occuparem do que vae lá tão longe, fossem por exemplo alli ao Limoeiro, ou alli ao curso nocturno do Largo de Santa Clara vêr como em vinte e tantas lições curtas e amenas se acaba de lêr a *Cartilha*, e se lêem outras coisas, sempre com analyse e synthese, por principios, com conhecimento de causa, com consciencia». Um dos criticos mais severos da *Cartilha maternal* diz: «vem demonstrar exuberantemente — que o poeta possui um talento privilegiado e uma propensão natural para o ensino, como raro se verá». E depois acrescenta sobre o effeito produzido em Portugal: «O snr. João de Deus tem feito um serviço inapreciavel. Com effeito a agitação causada pela *Cartilha maternal*, a venda espantosamente rapida da primeira e segunda edição, mostram como foi grande a impressão que o methodo exerceu no animo do publico»¹. O trabalho de João de Deus teve além de tudo o alto merito de interessar o governo, e todos os homens dirigentes para o problema da instrucção popular.

Em todos os actos da sua vida, João de Deus foi sempre dirigido por um alto sentimento de sociabilidade, que lhe serviu

¹ O *Positivismo*, vol. 1, pag. 462 e 463.



de apoio no meio da desorientação moral e da anarchia politica. De todos os lados o suscitavam os ruidos da agitação revolucionaria, que perturba a sociedade e a consciencia moderna; reconhecendo o conflicto das doutrinas e a falta de uma synthese definitiva, não se deixou arrastar ao estado de negação. As reformas politicas e sociaes não o allucinaram, entendendo com-tudo dever cooperar para ellas; procedeu serenamente. Por duas formas vêmos tentada a aspiração das reformas sociaes, no fim do seculo XVIII; primeiramente a revolução é iniciada pelos allos espiritos, como Turgot, Necker e Malesherbes, partindo da acção governativa para as massas proletarias. Foi inefficaz esta iniciativa, pelo grande principio que a sociedade não se transforma pelas leis, mas pelos costumes. E por isso que as utopias generosas do poder ministerial foram impotentes, a onda revolucionaria irrompeu de baixo para cima, como se viu no jacobinismo e no socialismo. Á facilidade das ruinas não correspondeu a obra da reconstrucção, porque as opiniões só por uma longa estabilidade é que se podem converter em costumes. E portanto a educação systematica e positiva, que tem de identificar a revolução com a evolução, isto é, fazer que o progresso derive como uma consequencia da ordem. João de Deus comprehendeu este novo aspecto do problema, consagrando-se ao apostolado da educação popular e infantil, em que a sua superioridade foi immediatamente reconhecida, pelo character affectivo da sua individualidade.

E quem mais do que eu poderá reconhecer a organização sympathica de João de Deus? Quando a morte me feriu no mais intimo do meu sêr levando-me os dois filhos que eram a razão da minha existencia, elle veiu dar-lhes a immortalidade subjectiva, vivificando-os pela poesia, nas emoções eternas da obra da Arte. Sob o titulo *A maior dôr humana*, reuniu um feixe de elegias que elle pediu a todos os poetas da geração actual, para entretecer a grinalda depositada sobre a sepultura das duas crianças.

O expressivo titulo do livro é tomado do inimitavel soneto consagrado por Camillo Castello Branco á terrivel calamidade

*



que o impressionou, a ponto de lhe apagar um antagonismo de vinte annos.

Outras composições de escriptores de longo tempo separados de mim por dissidencias litterarias e criticas, aqui apparecem como o signal de uma piedosa pacificação diante da desgraça que deixou em trevas a pequena familia.

É esta a nota dominante em todo esse côro de vozes amigas, vozes sentidas, eloquentes, que impressionam profundamente, e com palavras que se não podem lêr sem chorar.

É incomparavel o conjuncto do livro; das quarenta e uma composições lyricas que encerra, nenhuma é banal, nenhuma se acha eivada de um deismo de convenção que torna mesquinha a impressão diante da morte.

A elegia de Gomes Leal, *A morta*, é um assombro de emoção tragica; a *Parabola da angustia*, de Sousa Monteiro, é de uma melancholia indefinivel; e as quadras de Alvaro Castellões e de Moraes Pinto tocam o sublime pela ingenuidade.

Depois de lidas todas essas composições, que se acham commentadas com os formosos trechos de prosa descriptiva dos jornaes que deram conta do enterro das duas crianças, vê-se que *A maior dôr humana* é um livro que ficará na litteratura portugueza. O livro não será esquecido, pelo menos emquanto sobreviverem na memoria dos que fallam e amam a lingua portugueza os nomes gloriosos de Camillo Castello Branco, João de Deus, Bulhão Pato, e de todos aquelles que cooperaram n'este monumento de piedade.

João de Deus conseguiu o seu intento, que era dar áquellas pobres crianças, arrancadas á vida aos treze e aos dezeseis annos de idade, uma nova existencia subjectiva no espirito de todos os que sentem e amam.

Bastava uma estrophe do poeta para que essa immortalidade fosse effectiva; elle quiz mais, e foi pedir a todos os poetas uma nota de sentimento para compôr esta melopêa, que tanto commove. As composições estão significativamente dispostas, desde a descripção da agonia e paroxismo até á ultima pá de

terra, que fecha para sempre aquella sepultura que esconde duas crianças tão bem nascidas e tão amadas ¹.

Nenhum monumento seria mais expressivo e perduravel, do que esse livro. Falta apenas n'esse côro a voz de Anthero de Quental, que escrevera pouco antes para a sepultura de uma menina fallecida, como a Maria da Graça, com dezeseis annos, as inimitaveis estrophes:

Feliz de quem passou por entre a magoa
E as paixões da existencia tumultuosa,
Inconsciente como passa a rosa,
E leve como a sombra sobre a agua.

Era-te a vida um sonho indefinido
E tenue; mas suave e transparente.
Acordaste... sorriste... e vagamente
Continuaste o sonho interrompido.

Não se apagam os dezeseis annos definidos por uma emoção tão ideal e expressa por uma fórmula tão bella. João de Deus pedira tambem a Anthero para collaborar em *A maior dôr humana*; em carta a Fernando Leal, datada de Villa do Conde, respondia: «Peço-lhe que diga ao João de Deus que não se tinha esquecido de mim; pois, haverá anno e meio, estando na ilha de S. Miguel, ² o Henrique das Neves me convidou da parte d'elle. Mas eu é que já absolutamente

¹ E para que em tudo o livro seja um mimo de poesia e arte, acha-se impresso em caracteres aldinos na maxima perfeição, com cercadura vermelha em cada pagina, e com uma nitidez incomparavel.

Anselmo de Moraes, o antigo editor da *Historia da Litteratura portugueza*, quiz que esta consagração da dôr eterna do amigo recebesse a publicidade dos seus prelos, tornando-se generosamente solidario, como industrial, com as manifestações do sentimento da parte dos poetas. É *A maior dôr humana* um livro sob todos os aspectos sympathico; lê-se com lagrimas, e guarda-se como uma saudade que se ama.

² Em 1887.



não sei fazer versos, nem tenho que dizer em verso, de sorte que, sem me esquecer do convite do João, ainda não achei um d'aquelles momentos em que se é poeta. Vou morrendo aos bocados, meu caro amigo. De resto, a respeito dos que morrem moços, já a Grecia antiga tinha dito que são queridos dos Deuses, e eu acho que a Grecia antiga tinha razão. Mas isto não póde inspirar uma elegia ou nenia, e menos ainda consolar os tristes paes».

Para apreciar o effeito moral produzido pelo livro formado por João de Deus, transcrevemos aqui a carta do eminente positivista chileno Juan Enrique Lagarrigue: «Aunque tarde me asocio de corazón al duelo inmenso en que lo sumiera la perdida de sus amados hijos. No lo habia hecho antes por ignorar esa cruel desgracia suya, la que solo acabo de saber ahora que ha llegado a mis manos la *Corôa de Saudades* ofrecida a u^d y su digna esposa por el señor João de Deus y entretegida por un noble grupo de conciudadanos. Con íntima emocion he leído ese precioso libro dictado por los mas generosos y delicados sentimientos. No podian haberle puesto mejor epígrafe que el sublime trozo de Augusto Comte que lo encabeza y que se halla tan en consonancia con el doloroso estado del alma de u^d y con la afectuosa manera como sus amigos han tratado de aliviárselo. Me ha impresionado mucho sobre todo la participacion del señor Castello Branco en este acto público de condolencia. Su carta es mas bella y conmovedora que su admirable poesia. Aquello de que se le consulte a u^d sobre la aparicion en la *Corôa de Saudades* del soneto que le dedica, pues no fuera u^d a sentir-se disgustado, porque él, su inveterado adversario, interviene en el dolor de u^d, es el testimonio mas expresivo de un gran corazón, verdaderamente digno de asociarse por la alteza de sus afectos con todos los hombres de buena voluntad que se encuentren ya en la Religion de la Humanidad, ó que caminen hacia élla, ó que acampados aun en distintas doctrinas merezian, sin embargo, aposentar-se en élla. De alma tan levantada es tambien genuino reflejo ese inspirado pensamiento que cierra su hermosa poesia:



É coração que a dôr impedreniu,
Sepulchro vivo de dois filhos mortos.

«Paso por la serie de tiernas y doloridas flores en verso y prosa consagradas a sus hijos y que manifiestan cuanta era la simpatia que despertaban en los que podieran conocerlos y el amistoso respeto que se profesa a sus padres, y me detengo en la carta de u^d. Allí he visto todo lo que u^d sentia por su Theophilo y su Maria da Graça, lo que esperaba de ellos y la insondable pena que le ha causado su prematura desaparicion. Lo que dice u^d particularmente sobre su hija muestra junto con el angelical de esa creatura, la grandeza moral de u^d. Maria da Graça era para u^d la encarnacion del Provenir. Anhelaba u^d que su hija aprobara mas tarde los servicios que hubiera u^d prestado a la Humanidad. Esa habría sido para u^d su mejor recompensa. Por Maria da Graça y para ella esforzábese u^d en su labor social. Tremendo golpe ha recibido u^d con su muerte. Pero pasada la desgarradora amargura del primer tiempo, sin que u^d se consuele nunca, tomará, no obstante, su dolor un caracter mas sereno que angustioso, y entonces su hija vivirá subjetivamente a su lado por el mas dulce recuerdo. En el alma de u^d revestirá cada vez Maria da Graça un aspeto mas ideal y será su mas puro aliento en la alta empresa regeneradora a que u^d ha consagrado su existencia. Dejando hablar a su propio corazón ha dicho u^d en la carta a que aludo, esta profunda verdad: *a base de toda a concordia social assenta sobre os impulsos affectivos*. Por los que seguirá u^d recibiendo de su santo angel filial hade concluir de llenar u^d su mision humana con el mas benéfico esplendor y Maria da Graça será immortal en u^d y por u^d.

«Asociándome de nuevo a su gran duelo, me suscribo de u^a su amigo aff.^{mo} y servidor obsecuente *Juan Enrique Lagarrigue*: (30 marzo, 1890).»

O livro da *Maior dôr humana*, como expressão de sympathia é a sua obra mais bella, e ficará como um dos mais extraordinarios documentos da historia litteraria contemporanea, no



meio da discordancia geral dos espiritos, e dos antagonismos sem fundamento. Todos os contemporaneos e amigos de João de Deus, que n'este paiz exerceram uma parcella de poder, deixavam-no em lucta com as exigencias da vida, em completo isolamento. O poeta tambem nada lhes pedia, na sua concentrada dignidade. N'um impeto de protesto, clamei: «que nos livrem da vergonha que macula o seculo que deixou morrer Camões ao desamparo». Aquelle brado veiu a achar ecco em uma consciencia ¹, por cuja iniciativa o parlamento portuguez approvou a lei que nomeou João de Deus commissario geral do methodo de leitura — *Cartilha maternal* — com um subsidio que o põe a coberto da incerteza de cada dia ². E agora que a vida e a obra de João de Deus é conhecida, que occupe o seu lugar; — *onorate l'altissimo poeta.*

Theophilo Braga.

¹ O deputado Augusto Ribeiro, açoriano.

² Depois de escriptas estas palavras subiu ao poder um ministerio de salvação publica, que começou por extinguir o logar de commissario geral do methodo de leitura — *Cartilha maternal* — deixando João de Deus ás ordens do ministerio do reino!



UMA VISITA A BENARES

A CIDADE SANTA DOS HINDUS

Para o portuguez a impressão produzida ao avistar do mar, vindo do occidente, o relevo elevado dos Gates, é como a d'aquelle que, tendo ouvido em creança uma narração maravilhosa, cujos episodios capitaes se lhe não obliteraram da memoria, vê desdobrar ante si o esplendido scenario que tantas vezes phantasiara — o theatro real e verdadeiro dos feitos épicos da nossa historia no oriente.

E verdade que o periodo aureo do dominio portuguez n'aquellas paragens remotas, e o da sua supremacia maritima, foi, em parallelo com a historia dos grandes povos conquistadores, fugaz e transitorio, mas ainda assim, deixamos alli memoria perduravel, um vestigio, que no dizer mesmo d'um distincto indianista inglez, alguns crêem se não extinguirá tão cedo, como o que da nação d'elle ficaria se o imperio britannico alli cessasse em breve. E esta idéa compensadora das nossas tristezas, ao contemplarmos o que nos pertencera outr'ora, veio junto com a bafagem fresca do terral, dar-nos novos alentos, após os incommodos da viagem ao longo do Mar Vermelho e no Oceano Indico.



O porto de Bombaim, que de longe divisavamos, é dos mais bellos da Asia, e apparecia-nos como a entrada grandiosa d'uma região que não cuidamos tão cedo visitar.

A cidade, hoje opulentissima, cheia de edificios sumptuosos e de tudo quanto a civilisação europeia a par do luxo asiatico póde accumular, conta mais do dobro dos habitantes da nossa Lisboa, e está assente sobre um grupo de ilhas ligadas entre si e com a terra firme por meios artificiaes. Sem contestação, Bombaim é nos nossos dias o maior emporio commercial do imperio indiano, o ponto terminal das suas maiores linhas de communição accelerada e o logar obrigado de desembarque para tudo que a elle se destina vindo do occidente.

N'essa occasião demorámo-nos pouco na esplendida cidade, seguindo para Pangim, onde permanecemos alguns mezes em desempenho de serviço official, ás ordens de um velho amigo, de um dos nossos homens de mais prestimo, cuja perda a nação mais que nunca, n'estes tempos difficeis e angustiosos que vamos atravessando, tem de lastimar.

Não é nosso intento descrever agora o que vimos na grande capital indo-britannica, nem tão pouco narrar alguns episodios e descrever as paizagens formosissimas e pittorescas, que muitas foram as que tivemos a fortuna de disfructar, durante as rapidas excursões que fizemos nos nossos territorios das velhas e novas conquistas. Vamos pedir porém ao leitor que nos acompanhe na descripção da visita que fizemos á cidade de Benares, quando, depois de regressarmos a Bombaim, de lá encetamos uma jornada através da peninsula em direcção a Calcuttá, onde nos levavam ainda as obrigações da commissão a que pertenciamos.

Esta jornada em caminho de ferro tomava então tres dias incompletos, sendo a distancia a percorrer entre as duas metropoles indianas de 2:350 kilometros. A boa estação, posto durasse ainda, estava a findar, e o calor tropical que soffremos era verdadeiramente de aniquilar toda a energia e de amortecer a curiosidade mais vivaz. Lembra-nos que nas horas de maior calma, depois de baldados todos os meios de procurar refrigerio

debaixo d'aquelle céo de fogo, recorriamos ao expediente de introduzir as mãos n'uma pequena mala com roupa para aproveitar-nos assim da frescura que esta conservava.

Ao passarmos, porém, na estação de Mogul-ki-Sarai, vencidos já dois terços do caminho, como fosse facultativo o interromper a jornada para descançar ou visitar Benares, aproveitamos pressurosos esse ensejo, depois de quasi quarenta e oito horas de penoso constrangimento, alliviado apenas nos pontos onde sahiamos para as apressadas refeições. E assim foi que, sem o prever, nos achamos perto da cidade santa dos Hindus n'um dos primeiros dias de março de 1880.

Depois de gastarmos mais de uma hora de caminho e de atravessarmos uma ponte de barcas sobre o Ganges, chegamos ao hotel era quasi noite, e aguardámos anciosos a madrugada para gozar o espectáculo surprehendente que a cidade offerece vista do santo rio, illuminada pelo sol nascente.

* * *

Querem auctoridades conspicias que a origem da cidade de Benares date de tempos remotissimos, quando a raça arica primeiro se espalhou pelo norte do Hindostão; ignora-se, porém, qual fosse o principe ou patriarcha que a fundou, sendo certo que foi sempre considerada por todos os Hindus como coeva dos primordios da sua religião, o que, tanto a tradição como a antiga litteratura sanscrita attestam.

Por uma d'aquellas causas incognitas de impossivel explanação, Benares tem estado ligada e consubstanciada com as profundas crenças religiosas e a acrisolada fé d'aquelles povos; o proprio ar que se respira, o sólo que pisamos, o soberbo rio que a banha, as suas aguas de virtudes miraculosas, os seus templos e santuarios, tudo emfim que constitue o seu ambiente e assento, merece a veneração e tem a santidade que lhe attribuiram innumeradas gentilidades. Para o Hindu o visitar aquelle logar, á custa muitas vezes de inconcebiveis canceiras e privações,



aquelle logar de immaculada santidade e de celestial esplendor, onde os olhos da alma se comprazem em contemplação beatifica e o coração se purifica, tem sido sempre o mais férvido desejo durante successivas gerações, desejo e esperança iguaes, senão maiores, aos do sectario de Mafoma em visitar a famosa mesquita de Mecca, ou do piedoso christão em ajoelhar sobre o santo sepulchro de Jerusalem.

Referem os doutos e sabedores nas coisas indianas que Xaquia Muni, o ultimo e historicamente o verdadeiro Budda, ao attingir as mysteriosas condições da suprema perfeição, debaixo de uma arvore sagrada nas visinhanças de Gaiá, partira para Benares dirigindo-se a um mosteiro conhecido hoje pelo nome de Sarnate. Isto succedeu provavelmente no sexto seculo antes de Christo.

Aos hermitas ahi recolhidos, todos de grande nomeada nos primeiros tempos do Buddismo, annunciou Xaquia Muni a mudança por que passára, mudança, segundo elle, transcendental e sobrehumana, e estes abraçaram logo a nova doutrina, tornando-se discipulos fieis do reformador. Foi pois em Benares que elle começou «a fazer girar a roda da lei», ou por outras palavras, a propagar a famosa doutrina do Dharma (preceito) e do Nirvana (aniquilamento), destinada em tempos subsequentes a exercer uma tão extraordinaria influencia em grande parte da familia humana. É pois evidente, que já n'aquella época a cidade tinha muita preponderancia, visto ter sido escolhida como ponto de partida na carreira religiosa do reformador do Brahmanismo. E de facto, anteriormente a introdução da doutrina Buddista na India, Benares era já a cidade santa, o centro do Brahmanismo, a séde principal da sua auctoridade.

Este credo, que tem a sua base nos Vedas, cifra-se em duas palavras — Pantheismo espiritual, a saber: «que realmente nada ha a não ser o espirito uno, que por si mesmo existe»; chama-se-lhe Brahma, tudo o mais é illusão, phantasmagoria. A philosophia brahmanica tem a sua synthese n'este ponto de doutrina — a unidade de tudo que existe.

Ha, todavia, um abysmo profundo entre este pantheismo



puro e a fôrma vulgar da religião brahmanica, e que é praticamente um polytheismo, mas esse obstaculo tem para vencel-o a palavra — Emanação.

No credo philosophico tudo está identificado com Brahma; no credo popular tudo emana de Brahma. As pedras, as plantas, os animaes, os homens, os deuses inferiores e superiores, os démones bons ou malfazejos, e tudo quanto o espirito possa conceber procede de uma alma universal, como a gotta d'agua provém do mar, ou do fogo a centelha. Os homens emanaram em castas distinctas, não podem alterar o seu modo de ser social em cada uma das suas existencias. Nascidos Brahmanes, não de permanecer Brahmanes; se nasceram guerreiros, guerreiros hão de morrer; se cultivadores do sólo assim deverão continuar, e semelhantemente aquelles que pertencem á classe servil.

O espirito do homem pôde passar para os animaes, para as plantas ou para as pedras se o seu proceder o condemna a decahir, e por outro lado pôde attingir a categoria de um deus.

São as divindades emanações directas do Ente supremo, com a fôrma de divindades personificadas, e é de notar que estas personalidades estão geralmente agrupadas em triades ou grupos de tres. Nos Vedas ha por vezes tres deuses principaes. A trindade vedica consta de Indra, ou a personificação da atmospherá; Agni, do fogo, e Suriá do sol. A ultima triade, e a mais conhecida, é composta de Brahma, o creador. Vixnu o conservador, Rudra-Xiva o destruidor e reproductor do mundo.

Vixnu passa á condição humana para livrar o mundo do poder dos démones maleficos. Isto conduz naturalmente á doutrina da Encarnação. As suas encarnações mais conhecidas são de Crixna e de Rama. A historia de Rama acha-se contida no grande poema epico, o Ramaiana; os milagres feitos por Crixna, a outra encarnação principal do deus Vixnu, são tambem narrados no segundo grande poema epico, que se denomina o Mahabárata. Portanto os homens, os animaes, as plantas passam



por innumerables existencias e elevam-se até á dignidade de deuses, mas os deuses, os homens e todas as emanações concebíveis da alma suprema, visam a um ponto, e deverão findar pela reabsorção na propria origem — Brahma. Eis o que é o Brahmanismo, a fórmula religiosa que prevalece actualmente na India.

O Buddismo, como já se disse, emanou do grande reformador Budda, que era filho de reis e portanto de casta nobre. Este nome é meramente um appellido, um titulo significando o *Illuminado*, o *Inspirado*. Os seus outros nomes eram Gáutama. Xáquia, Siddarta, tendo sido contemporaneo de Pythagoras. Zoroastro e Confucio. Foi grande reformador, mas erram os que supõem que elle aspirava á abolição completa do Brahmanismo; o seu systema philosophico tinha mesmo muito de commum com esta religião. Foi perfeito asceta; a sua missão era a abolição das castas, a resistencia á tyrannia sacerdotal, o prégar a philantropia universal e o amor, o preceituar o soffrimento proprio e a abnegação durante milhares de existencias, como unico meio de fugir aos males da vida, á consciencia da propria existencia, por um aniquilamento de todo o sêr. Era, pois, um modo de estoicismo.

Nunca pretendeu inculcar-se como Deus, e tendo chegado ao completo aniquilamento, não pôde portanto ser adorado, o que se pôde é venerar-lhe a memoria. Levantaram-se templos sobre as suas reliquias, taes como um dente ou um cabelo. Semelhantemente o homem deverá passar como elle por innumerables existencias, descendo ou subindo na escala dos sêres, conforme as suas boas ou más acções, até que obtenha o nirvana e se extinga de todo.

No Buddismo portanto, como não pôde haver Deus, não ha prece, não ha sacerdotes. Mas se um Deus realmente não existe, as obras são uma especie de Deus. As obras são de suprema efficacia nos seus efeitos sobre o estado futuro dos entes. Uma má acção segue o homem por cem mil transmigrações, assim succede com o acto meritorio. Dizer-se que não ha a prece, significa que não ha verdadeira reza. No emtanto para os buddistas ha duas formulas — «Bem dita seja a joia contida no lódão», «Bem dito

seja o Budda incomparavel» — as quaes repetidas de viva voz ou inscriptas n'uma roda a que se dê movimento uma vez ou um milhão d'ellas, deverão inevitavelmente produzir resultados correspondentes nas existencias futuras, meramente pela lei mecanica de causa e effeito. Dizendo-se que não ha levitas, isto significa que não ha verdadeiro clero. Comtudo contam-se os monges e os ascetas aos milhares, nos paizes limitrophes da India e onde quer que este credo subsiste ainda, congregados em comunidades nos mosteiros, para mutuamente se ajudarem em vencer as paixões e conseguirem chegar ao estado de extincção ou completo aniquilamento.

O professor Monier Williams, sabio indianista, de quem colhemos estes dados que resumimos do seu ensaio sobre as religiões comparadas da India, pergunta: Não haverá pois moral no Buddismo? — Existe sim, n'um systema elevado de caridade e de benevolencia universal. E comtudo, o aniquilamento é o seu ultimo fito. N'este particular, accrescenta elle, não apresenta aperfeiçoamento sobre o Brahmanismo triumphante. Quanto mais se esquadrinham as profundezas d'estes dois systemas, tanto mais claramente elles se revelam na sua verdadeira luz, como sendo pouco mais do que uns planos tristes e sombrios, escogitados por philosophos visionarios na esperança fallaz de se emanciparem dos males da vida, da consciencia de si mesmos e da existencia personificada.

Julgamos dever transmittir estas indicações ao leitor que não seja versado em assumptos da India, afim de o esclarecer sobre a significação de alguns termos, denominações e allusões que no correr d'este escripto possam apparecer, embora a nossa competencia no assumpto seja apenas a do forasteiro que pouca permanencia teve no paiz, e que mesmo não pôde pela natureza do trabalho urgente que alli desempenhou, prestar attenção aos innumerous objectos de estudo e observação que a cada passo se lhe deparavam ¹.

¹ Para melhor conhecimento consultem-se os dois relatorios e a *Litteratura e a Religião dos Arias na India*, do lente do Curso superior de letras o snr. Guilherme de Vasconcellos Abreu.

A cidade santa de Benares, segundo referem os que se têm d'ella occupado, após o decorrer de tantos seculos mantem ainda hoje todo o esplendor dos seus tempos mais prosperos; é grandiosa e ao mesmo passo pittoresca, e não revela signaes de decadencia, antes pela sua riqueza, população fixa e fluctuante, e caracter de santidade, tem jus a que a considerem como uma das mais celebradas da Asia.

Os seus edificios sagrados e profanos, a multidão de peregrinos que frequentam os seus sitios mais publicos, as suas escolas, os seus bazares, as suas manufacturas e o seu importante commercio, tudo lhe dá um cunho de originalidade e de grandeza que impressiona devéras o forasteiro. Mas o que mais surprehende, é a extraordinaria accumulção de idolos em certos logares.

Não satisfeitos com depositar as imagens nos templos, os devotos ornam-lhes os porticos e as paredes com divindades monstruosas, ou dispõem-nas em fileiras nos adros ou recintos exteriores. Podem contar-se dezenas e até centenas de idolos n'um dado logar, e estes recebem talvez tanta offrenda e tantas homenagens como a divindade principal que preside no interior do santuario.

Segundo nos informaram, Benares tem cerca de mil e quinhentos templos gentilicos, e duzentas e setenta e tantas mesquitas. A sua feição capital é a d'uma cidade toda votada ao culto idolatra. O hindu é sinceramente religioso, a sua religiosidade toma porém este caracter:

Não pôde passar sem misturar ou associar a adoração dos seus deuses com todos os actos da vida. Não dá um passo sem elles. Leva-lhes pelas ruas ou viellas da cidade as suas offrendas quando visita o templo de manhã, e sobre a testa recebe, imposta pelo sacerdote officiante, a marca especial da sua divindade, como symbolo da adoração que lhe consagra, e a qual traz durante o resto do dia. Andando, vai resmuneando o nome d'ella ou palavras em seu louvor. Não se ergue da cama, não se assenta, não entra ou sae de casa, não boceja, espirra ou tosse, sem invocar a protecção divina. Nenhum brahmane abre

o seu livro de estudo, nenhum vaixiá o seu livro de deve e haver, nenhum artifice ou trabalhador empunha a ferramenta de trabalho, sem empregar a mesma fórmula.

Desde manhã até á noite é pois a existencia do hindu uma série continua de observancias cultuaes, mas a par de muita superstição e usança absurda e extravagante, ha sempre n'elle a fé profunda, a adoração fervorosa e a confiança illimitada na sua divindade tutelar.

Logo de madrugada, antegostando o prazer que nos ia proporcionar a excursão, embarcámos n'um pequeno vapor e percorremos á distancia de uns cem metros toda a linha da cidade, que se estende por cinco ou seis kilometros ao longo da margem esquerda do Ganges.

Contemplámos então absortos uma série ininterrupta de templos, de mesquitas, de almádenas, de palacios, de torreões e zimborios de bella cantaria e caprichosa esculptura. A linha das edificações, illuminada brandamente pelos reflexos aureos do sol nascente, estendia-se tanto quanto a vista podia alcançar, n'uma agradável combinação de estylos hindu e mourisco, coroadando uma escarpa alterosa, da qual desciam innumeros gates ou escadarias de grande vastidão até á beira do santo rio. Animava este quadro um enxamear de gente devota enchendo os caes, desembarcadouros e escadarias, em diversas attitudes, uns fazendo as suas abluções, outros cumprindo votos ou penitencias; aqui, uns oravam n'uma immobilidade de estatua ou pareciam absortos em profundo cogitar; acolá, outros immergiam o corpo na agua sagrada do Ganges. Um maharaja de sequito numeroso descia lenta e pomposamente para a sua barca de banho vistosamente ornada, ou o brahmane ajudava com aspecto grave um peregrino a prestar o derradeiro culto aos manes dos seus antepassados.

O espectaculo era d'um encanto e belleza difficeis de descrever, e hoje, volvidos quasi doze annos e apagadas da memoria muitas scenas, conservamos ainda vividos os lineamentos geraes e o conjuncto harmonioso e estranho d'aquelle surprehendente panorama.



Como fosse escasso o tempo de que dispunhamos, para vêr, ainda que de relance, tudo quanto curioso se offercia, pois deviamos proseguir para Calcuttá ás onze horas da manhã seguinte, depois de embarcados termos passado rapida revista á cidade, dirigimo-nos ao templo da deusa Durgá, no extremo meridional da povoação.

Annexa ao templo existe estabelecida uma colonia, ou hospicio, de macacos sagrados. Estes animalejos, tidos todos como divindades, pullulavam em volta do santuario e nas suas visinhanças. Ao chegarmos em frente do edificio fomos rodeados por esta singular população, e muito audazes pela impunidade — pois deve saber-se que na India ninguem molesta um animal quanto mais um deus — chegavam a segurar-nos as mãos diligenciando abril-as para procurarem os grãos de cereaes com que é de uso os devotos mimosearem-nos; e como o nosso obsequioso guia se não esquecera de mandar buscar ao bazar proximo a competente provisão, não se concebe a quantidade de macacos que de todos os lados surdiam disputando em grotesco tumulto a comida que lhe atiravamos.

É inconcebivel como os moradores do sitio se sujeitam a toda a especie de incommodos e malfetorias que a esta cohorte de endemoninhados quadrumanos apraz infligir-lhes. Nas arestas dos muros, nas cornijas e telhados dos edificios, na ramaria dos bellos tamarindos em torno do templo, por toda a parte emfim, elles vigiam com olho vivo e mão ligeira o momento opportuno para cizar os haveres do cidadão descuidoso e complacente. Em qualquer outro paiz isto seria considerado como verdadeira calamidade; alli porém, n'aquelle ninheiro de divindades, como este genero de animaes é tido em cheiro de santidade, o mal é incontrastavel.

Parece que alguns annos antes a auctoridade britannica mandára transportar para fóra um numero avultado d'aquelles bichos, mas não obstante a rusga policial, ainda lá existiam uns poucos de milheiros d'elles.

A proposito do nenhum temor com que toda a casta de animaes se mantem na India em intimo convivio com o ho-



mem, recorda-nos vêr a vasta sala de jantar do Esplanade Hotel de Bombaim invadida antes e depois das refeições, por bandos numerosos de avesinhas, que com a maior naturalidade colhiam as migalhas dispersas ou debicavam nas proprias iguarias, isto no meio do movimento constante da creadagem numerosa, occupada no serviço de dispor ou de levantar a mesa.

É sabido que na estação fria as serpentes se acolhem tambem ás habitações do gentio em busca de calor, e em vez de serem afugentadas, os moradores sujeitam-se a incomodos para não molestarem tão perigosos hospedes. As gralhas e seus congenes negrejam por toda a parte em volta das casas, no centro mesmo das povoações.

Ao despertar de madrugada, o recém-chegado desprevenido fica absorto sem saber a que attribuir o ruido estranho que lhe fere crüamente os ouvidos, produzido pelo grasnar unisono e incessante de legiões d'aquellas aves de mau agouro. De cima da minha mesa de trabalho em Pagim, me arrebatou uma d'ellas uma luneta de aro de ouro, entrando no quarto sem o minimo temor, attrahida pelo aspecto luzente do objecto que ella, empoleirada n'uma bananeira em frente da janella, d'alli cubiçou.

Do templo da deusa Durgá seguimos para o gate Dassasamede, um dos pontos mais celebrados de peregrinação em Benares, por ser crença que Brahma alli celebrou um sacrificio sangrento. Muito proximo está o observatorio astronomico de Man-Mandil, e ao pé da sua entrada vimos varios idolos antigos muito frustos pela acção do tempo e pelas continuas abluções dos devotos. Varias d'estas figuras são de macacos, representando a divindade Hanuman ou o macaco principal e seu cabo de guerra.

Na rua estreita que parte da escadaria ergue-se o templo de Dalbiexuara, cuja divindade se suppõe exercer grande influencia sobre as nuvens, para obter chuva. A imagem estava depositada dentro d'uma cisterna ao meio do templo. Ao pé vimos o Somexuara-Mandil ou templo da lua. Alli é fama que se curam as doenças de toda a especie, mas os doentes não dei-

*



xam por isso de concorrer aos hospitaes europeus ou de consultar os curandeiros da terra.

O observatorio de Man-Mandil eleva-se muito acima do gate ou escadaria mencionada, e foi levantado ha quasi dois seculos por um rajá illustradissimo e dado especialmente a estudos astronomicos. Todos os instrumentos são de cantaria ou de pedra e cal; ha quadrantes muraes, circulos equinocciaes, instrumentos gigantes para observar a distancia do meridiano ou declinação de qualquer estrella ou planeta, um quadrante mural duplo e varios outros appparelhos, alguns já deteriorados pela acção do tempo.

Fomos depois ao gate destinado ás cremações, onde vimos ainda restos fumegantes e outros vestigios do processo empregado para dispôr dos cadaveres. Muitos devotos são levados a Benares para lá exhalarem o derradeiro suspiro, ou os seus despojos são trazidos de bem longe, por vezes á custa de enorme dispendio, visto ser geral a crença que grande bem pertencerá na vida futura áquelle cujos restos passarem da cidade santa para o santo rio.

Observámos tambem uns pequenos monumentos consistindo em varios pares de pedras levantadas, a que chamam *satti*, dispostas em honra das mulheres que outr'ora alli se sacrificavam nas fogueiras após a morte dos maridos; havia-os tambem em grande numero n'outros gates e são objecto de muita veneração.

Descendo a escadaria, entrámos n'uma barca que nos conduziu ao gate de Manicarnicá. Não podiamos deixar de visitar o famoso tanque da mythologia hindu. É o logar que milhares de peregrinos procuram de preferencia ao chegarem á cidade. A agua fetida que n'elle se contém, é considerada como balsemo infallivel, que purificará a alma de todo o peccado. Não ha culpa, por mais abominavel, que segundo a crença dominante não seja promptamente alli expiada. Até o assassino, diz-se, n'aquelle logar encontrará remissão. Não é pois de maravilhar que os peccadores torturados pelo remorso acudam alli para, mediante o simples processo de lavagem n'aquelle tanque, ob-



terem em um minuto de penitencia a absolvição d'uma longa série de maldades ou de crimes.

A historia d'este logar santo, o mais efficaz em toda a India para dar a salvação, é narrada do seguinte modo: O deus Vixnu escavára este tanque com o seu disco, e em vez de agua encheu-o com o proprio suor. Veio depois Mahadeva, e olhando para dentro da cavidade viu lá milhões de soes rutilantes, e tão maravilhado ficou que prorompeu em altos louvores a Vixnu, e no seu jubilo declarou que fosse qual fosse o pedido que este lhe fizesse, gostosamente a elle annuiria. Grato pela offerta, Vixnu rogou então a Mahadeva que permanecesse sempre na sua companhia, e este tão arrebatado se sentiu que todo o corpo lhe estremeceu e com a violencia do abalo um brinco que tinha o nome de Manicarnicá, desprendendo-se-lhe da orelha, veio cahir no tanque, que devido a esta circumstancia conservou d'ahi em diante aquelle nome. Mahadeva determinou pois que esse logar — estancia da libertação e manancial perenne de felicidade — fosse no futuro o ponto principal de peregrinação. Vê-se junto d'elle uma imagem de Vixnu e tambem uma enfiada de pequenos altares, onde os peregrinos depõem oblatas em memoria dos seus defuntos.

A agua do tanque é pouco profunda, mas d'uma sujidade intoleravel, e o fetido que espalha impregna o ambiente. Os devotos, descendo alguns degraus, até onde está a agua, banham-se n'aquella immundicie, pronunciando certas palavras do ritual. Fronteiro ao recinto onde existe o tanque miraculoso, levanta-se o templo de Teraquexuara. Diz-se que quando um hindu fallece e que este deus é propiciado, elle segreda ao ouvido do defunto uma formula de tal efficacia que o resguarda de futuras desgraças, assegurando-lhe até as maiores venturas. Guarda-se o idolo n'uma especie de cisterna cheia de agua.

No gate de Manicarnicá mostraram-nos tambem uma lapide circular sobresahindo um pouco ao pavimento. No centro d'ella vêem-se dois pequenos signaes representando os pés de Vixnu. Reza a tradição que a divindade escolhera esta estancia para se dar a varios exercicios devotos, e portanto os gentios



concorreram alli em tempo determinado de todas as partes da India, afim de que a adoração dos pés de Vixnu lhes assegure entrada certa no caminho da bemaventurança.

Mais adiante topámos com outro templo com a invocação de Ganexa. Imagine o leitor uma figura pintada de vermelhão, com tres olhos, craneo de prato ornado de grinaldas e tromba de elephante, em parte occulta, por uma cortina. Aos pés via-se-lhe a figura d'um rato e uma fonte em miniatura.

Muitas outras escadarias ou gates verdadeiramente monumentaes existem na cidade. O gate de Sindiá torna-se notavel principalmente pelo facto de toda a edificação ter cedido, ainda antes de estar terminada. Havia um templo, da banda do sul, todo fendido de alto a baixo, e o edificio inteiro mostrava-se tão delapidado, principalmente visto do rio, que parecia ter soffrido os effeitos d'um terremoto. Os torreões apparentavam estar fóra da prumada e tinham um aspecto singular.

A famosa mesquita de Aurenguezebe, que já de madrugada attrahira a nossa attenção, é edificio de grande solidez e notavel sobretudo pelas suas almádenas, de belleza e gracilidade de que difficilmente se póde dar idéa. Cada uma d'aquellas elegantissimas torres tem mais de quarenta e cinco metros de altura e o seu diametro é relativamente pequeno na base, e diminue gradual e insensivelmente até aos topos; pendem tambem um pouco. Ora, quando se considerar que a escarpa do rio sobre o qual o edificio assenta, tem quasi altura igual, reconhecer-se-ha immediatamente que as almádenas occupam um lugar notabilissimo na vista panoramatica da cidade, e em razão da sua posição e fórma sobresaem tão nitidamente no espaço, que podem ser vistas á distancia de muitos kilometros. Primitivamente eram de muito maior altura, mas tornou-se necessario apeal-as em parte, visto darem indicios de pouca segurança. Do cimo d'estas torres goza-se uma vista soberba de Benares e arredores; mas a subida da escada em espiral fatiga bastante. É voz geral que de manhã, quando a atmospherá está limpida, se podem vêr d'aquelles bellos miradouros as montanhas do Himalaya.



Passámos pelo templo de Dandepan e pelo Cal-Cupe ou Poço da Fortuna. A cada um d'elles anda ligada uma lenda mais ou menos extravagante.

O templo de Baironate tem no seu santuario a imagem de uma divindade muito venerada por todos os cidadãos pacatos; é o santo catual ou commissario de policia de Benares. Preserva a cidade dos espiritos malfazejos e da gente mal intencionada. Pertence-lhe como insignia um grande bordão de pedra, mas é fama que, para gozar existencia tranquilla e passar para outrem os cuidados do officio, a divindade urbana ordenára a Dandepan, assim se chama o famoso cajado, que do seu motu-proprio castigasse exemplarmente os perturbadores da ordem, de sorte que a intelligente e incomparavel insignia da auctoridade é de facto considerada como supremo magistrado pela população. Para maior singularidade acontece, que não é em Baironate que ella se acha depositada, mas no outro templo acima mencionado.

A pedra que representa esta auctoridade terá seis palmos de altura, sendo especialmente visitada pelos seus devotos em determinados dias. Está posta verticalmente e ornada com grinaldas de flores. O brahmane que guarda a insignia, segura na mão uma vara, com a qual de vez em quando faz brandamente menção de castigar os devotos em nome de Dandepan, pelas malfeitorias de que possam ser culpados.

Seguimos d'alli para o santuario de Bicxexuara ou Templo de ouro, o mais venerado de todos. É consagrado a Bicxexuara ou Xiva, cuja imagem, o *linga* ou symbolo phalico, consiste em uma pedra singela, de fórma cylindro-conica posta verticalmente. Na opinião do povo tem este deus a supremacia sobre os demais da mythologia hindu.

A cupula e torre do edificio são cobertas de delgadas folhas de ouro, e a luz do sol reflectindo n'ellas dá-lhes um brilho deslumbrante. Por baixo da cupula ha um bello carrilhão de sinos e pela parte de fóra do recinto via-se n'uma plataforma um renque de idolos ou emblemas dos dois sexos. Chamam-lhe a côrte de Mahadeva.



A pouca distancia do Templo de ouro está o tambem famoso Jnan-Vapi ou Poço da Sapiencia, dentro do qual crêem os devotos que Xiva reside ordinariamente. Visitam-no portanto em grande multidão, deitando-lhe para dentro agua, flôres, arroz e outras offrendas. Ora, esta mistura em estado de fermentação permanente, exhala um cheiro nauseabundo e insupportavel.

O poço está rodeado d'uma formosa columnata, e o edificio é de modestas dimensões, mas de muito gosto artistico.

De um dos lados da columnata vê-se a figura d'um boi com mais de dois metros de altura. É de pedra e dedicada a Mahadeva; um pouco mais adiante ha um templo consagrado á mesma divindade. Pelo meio da referida columnata e nas proximidades passeiam á solta, com passo lento, muitas vaccas sagradas, e a ourina que vertem é sofregamente aparada nas mãos dos crentes, que immediatamente esfregam com ella a fronte e varias partes do corpo.

Todos sabem que na India a vacca é tida na maior veneração, e é mesmo objecto de culto, porque representa a fecundidade e a abundancia, e os seus excrementos são até aproveitados para bostear o pavimento d'alguns templos, e empregam-se tambem nas habitações para o mesmo fim.

N'aquellas visinhanças abundam os templos e santuarios, muitos d'elles de pedra, bem lavrados, sendo alguns de alto a baixo uma agglomeração de esculpturas curiosas e intrincadas, revelando no artifice grande destreza em manejar o escopro e o cinzel.

A deusa Ampurná tem fama em Benares de presidir á alimentação, e de cuidar em que ninguem soffra os horrores da fome. Em frente do templo da sua invocação, viam-se muitos mendigos sentados, alguns d'elles com escudellas na mão, para dentro das quaes a gente que entrava e sahia deitava punhados de arroz ou de outros cereaes. Os sacerdotes ao serviço da deusa recebem tambem donativos para os pobres conjunctamente com as offertas destinadas a elles proprios. A um canto do recinto exterior estava uma grande arca de pedra reservada á arrecadação em commum das mencionadas offertas.



Seria interminavel a nossa tarefa se fizéssemos a resenha dos templos, santuarios e monumentos religiosos que se offerecem á vista do visitante, e foi-nos impossivel por absoluta falta de tempo fazer uma excursão ás ruinas dos edificios santos e mosteiro buddista de Sarnate, que têm sido objecto de interessantes explorações, levadas a cabo com excellente exito por varios archeologos inglezes. Estas ruinas attestam a grande importancia e vigor que teve outr'ora o culto buddistico. Ha seis ou sete seculos porém, os sectarios do famoso reformador tiveram de ceder o passo ao brahmanismo triumphante.

Era quasi noite fechada quando recolhemos ao hotel depois de tantas horas de exercicio fadigoso, interrompido apenas para um almoço ligeiro. Os sentidos, embotados por tantas sensações e o cerebro como que cheio de imagens, reclamavam instantemente o repouso.

Na manhã immediata dedicámos as horas de que podiamos dispôr antes de recommençar a jornada para Calcuttá, em vêr rapidamente os principaes edificios publicos do governo e alguns logares de interesse historico, relacionados com o dominio inglez, não nos esquecendo tambem visitar a casa do rico mercador gentio, Babu Debi Parehad, afim de examinarmos os primorosos tecidos, as telas bordadas a ouro e prata, os chales magnificos e outros afamados productos da industria indigena, e de comprar n'um bazar, como recordação, varios pequenos exemplares das peças de cobre, algumas vimos que eram soberbas, curiosamente cinzeladas, como urnas, taças, gomis, salvas, etc., que os artifices de Benares têm merecida reputação de lavrarem com primor.

Lisboa — Março, 1892.

J. C. Berkeley Cotter.



PHARMACIA PIRES

Na Rua constou logo que o João se ia casar. Fallava-se n'isto como n'um grande acontecimento, e citavam-se as qualidades do homem, andava de bôca em bôca, adoçado de elogios, o nome do pharmaceutico.

A noiva, essa ninguem a conhecia, a não ser o procurador Meirelles. Fôra muito perguntado pela visinhança, que se servia em geral de rodeios, receiosa de ir direita ao assumpto, vista a rudeza barbara do procurador.

— Pão, pão; queijo, queijo. E p'ra quem não serve ha uma bengala — dizia elle.

Acrescia ainda a resposta que dera ao Anacleto, vestimenteiro, que abordára directamente o caso, e o tinha chamado da porta. A resposta foi esta:

— Não sei, nem me importa. Trate o senhor mas é de pagar o que me deve.

— É muito besta! — disse o Anacleto ao conego Zacharias, que ruminava o *Commercio do Porto*.

— É franco, é como Deus o fez: põe p'ra alli o que tem.

— Mas deixe estar, snr. conego, que m'as paga. Não me apanha uma de X tão cedo. Sápe, gato! Nem que fosse um grande segredo! — V. exc.^a sabe quem é a rapariga?

O conego tirou os olhos bogalhudos da folha:

— As Sousas, aqui, sabem-no. Acho que é filha d'aquelle Sequeira armador... Se é a que eu penso, é um bom bocado; mas fraquita... Já morreu uma irmã tysica... O pae, o sogro que ha de ser, foi já quem lhe deu a mão na botica... É cavalleiro.

O fim tinha-o dito mais confidencial, inclinando-se onzeneiramente.

— Então ha bago — fez o outro.

— Tambem me parece.

— Hum!...

E por alli parolava-se muito no enlace. Corriam versões extravagantes. Phantasiavam e calumniavam.

Abril ia no fim, sem as chuvas do estribilho popular, com dias mornos, céos d'uma transparencia de almas.

— *Antão* pelo visto a coisa está p'ra breve? — tornou o vestimenteiro.

— É por estes dias. Eu até desconfio que os tenho de abençoar. O João já me deu a entender... E faço-o com gosto. Coitado do João! — terminou com bonhomia.

E afundou-se outra vez nas locaes.

Seria em março quando o João se resolveu a casar. Pecegueiros rosavam-se de flôr. Tudo lhe tinha corrido bem, o negocio e a saude, a botica era das mais conceituadas, e elle era trazido nas palminhas, com o seu ar manso e amavel.

As tardes, no morrer do poente, vinha para a porta com um sorriso leve, onde havia um desdem e uma esperanza. A gente conhecida passava, complimentava-o, os amigos das outras lojas diziam-lhe adeus. E elle sempre affagante, quasi meigo, derretendo-se em cortezias.

Decididamente casava-se... E na tarde tepida e lactea passava uma fina aragem, dando tremulos ás folhas tenras das arvores. O céu aperolava-se, descoloria-se, no fundo da abobadada. Havia uma farinha muito diaphana, peneirada no occaso, uma pualha de ambar, — e as visinhas Sousas, n'aquella paz

de rua afastada, de toucas brancas, ouviam-se fallar p'ra de-
frente, costurando á varanda.

O pharmaceutico, n'aquella hora lyrica, com uma das
mãos mettida entre os botões do jaquetão, encostado á om-
breira, o olhar esparso, lembrava-se então d'ella, fresca e moça,
dos seus olhos ternos, d'aquelle inapagavel sorriso!...

Decididamente casava-se! E arranjava na diaphaneidade
do ar uma casa purificante, uma mulherzinha lavada e amiga
d'elle, talvez um filho... Mas á idéa do filho sentia um arripio,
cofiava o bigode preto. Ahi vinham os embaraços, as difficul-
dades do futuro, os desgostos, as despezas!... O seu tempera-
mento egoista, a sua vida de apparencia prejudicava-se, com-
promettia-se. Podia vir um regimento de filhos. Doenças, cui-
dados, educações. Embora ella trouxesse algum dinheiro, a que
chegava isso? Começavam depois as exigencias tolas, elle não
podia dizer que não... E o castello architectado no alto ia to-
cado, varrido, como uma nuvem que o vento esfarrapa.

Mas olhava p'ra dentro e via o praticante, lorpa e defi-
nhado, a escrever no livro dos assentos. O corredor estendia-se,
só. A pharmacia tinha um ar funebre, defumado, com o seu
cheiro a botica, suggerindo doenças, catres de hospitaes, tris-
tezas vagas de enterro. Que solidão, entre frascos, ouvindo ás
vezes a flauta do praticante, piando como os sapos nas claras
noites dos campos. Aturar a praga dos visinhos, ter de ser ami-
gavel e moral, muito cheio de moral, — ouvir-lhes as prédicas
políticas, o pequenino escandalo de fulano, sempre canalhas in-
dignados com a canalha, fulminando os herejes, a mancebia, o
roubo... Elle bem sabia o que lhes ia lá por casa, rua de cor-
ja, de farçantes, de intrujões!

Para os longes, a estrella da tarde appareceu magnifica,
como a dos Magos, n'um pedaço de céu vagamente roseo, lu-
zindo como um diamante raro n'um rico esmalte côr de mo-
rango. A Laura, filha do Anacleto, abriu a janella, raiou muito
fresca, com os seus vinte annos e os seus olhos marotos.

Comprimentaram-se, com intimidade.

Não era mau ter assim uma rapariga ao pé, com frescura

de roupas lavadas e carnes brancas, grazinando, acariciando e illuminando com os olhos a solidão do casarão cheio de pó!

E o seu pensamento fugiu insensivelmente para a *outra*, para Flora, sempre tão boa para elle — bondade de ovelha, que ás vezes lhe dava vontade de a beliscar! — sempre tão timida desde creança, amando-o, e respeitando-o quasi como ao snr. conselheiro Freitas, velho amigo do pae.

De novo viu Laura, que se debruçava no peitoril, os seios rijos arredondando-se sob o casabeque de percale azul, — e começou a appetecer o *ménage* como um petisco sempre prompto, em mangas de camisa, na meia tinta do quarto, poisando-lhe a cabeça no collo, olhos semi-cerrados, enquanto ella o catasse. Espreguiçava-se, abrindo muito os braços, inteiriçado; gemia, — e passando a mão na testa alta, ringia os dentes, e queria-a muito, amava-a quasi, perfeita e branca, com o seu inapagavel sorriso!

Convinha-lhe, tinha dinheiro, pensava mais a frio. Tinha dinheiro! Mas por outro lado receiava de si, sentia-se ás vezes crú, secco, irritavel. Assim, não tinha mais cuidados que os da sua pharmacia, — e sempre sentira a alma quasi morta de affectos!... Era talvez de ter vivido assim sempre... Sahira de casa pequeno, n'uma manhã de verão, quasi roto, com fome. Recordava-se ainda d'essa época, dos colmos da aldeia todos alvos, as poças geladas, a terra das rechãs com uma grande tunica de espuma... E elle lá veio por essa estrada, mendigando um caldo, sentindo o riso escarnica da sorte, e a verdasca do pae nas orelhas... Tinha frio, só em lembrar-se d'isso. Na sua memoria gravára-se aquella ultima manhã da sua terra n'uma crystallisação saudosa e branca. E comprára por isso, na rua de Santo Antonio, uma paizagem do Norte, muito suggestiva, onde havia planícies cobertas de neve, casalejos lacustres, fumegando, *chalets* em socalcos, bizarros, — e um rapazito de capuz, através da friagem enpoada, espelhada do lago, em cuja atmosphaera opalisante já escorria um veio de sol...

Os seus primeiros annos tinham sido tristes, vivera com gente biliosa e má. O padre onde servira era sovina e ruim; o

antecessor na pharmacia porco e impio. Tinha passado fome!... Agora estava bem... mas fôra o pae de Flora que o levantára, que o ajudára sempre. Coitado! ainda agora lhe queria dar a filha, que elle apenas estimava, e que o pae devêras amava. Que desgosto, se depois se não davam bem. Vinha decerto a maltratal-a. Sim, porque maltratára elle tambem sua mãe, sempre tão sua amiga, que soffrera tanto já com o pae (Deus lhe perdoasse!) mau como as cobras?!

E vinha-lhe, despertada por um vago amor de Flora, uma saudade bruxoleante da mãe, que se definhára de desgostos, n'aquella mesma casa para onde afinal viera, e morrera esqueletica, pergaminhada e abandonada! Poucas horas antes de expirar, ao provar o ultimo caldo mal feito, dissera resignada e arquejante:

— Olha que não duro muito...

E a resposta d'elle fôra:

— Saude e bichas! — E sahiu.

— Has de ser muito desgraçado, ciciou ella, com as lagrimas nos olhos baços, a vidrarem-se, — e cahiu no travesseiro.

Foram as suas ultimas palavras. Morrera só, no quarto escuro, com roupa suja na cama, um cheiro a febre e a bafio. O rapazito da loja, que de vez em quando ia acima espreitar, encontrou-a morta, com os cantos da bôca franzidos n'um sorriso indivisivel de resignação, de perdão e de saudade. Correu abaixo, cahindo na escada. Elle fallava com dois freguezes, feliz, quasi meigo... O rapaz chegou-se:

— A senhora mãesinha...

— Chamou?! perguntou elle, apparentando cuidado.

— Acho que... morreu, — e os olhos do rapaz razaram-se d'agua.

Elle levou a mão ao peito, melodramatico; cerrou os olhos, e dando uma forte palmada na testa:

— Ah! snr. Cruz, o que ha de ser de mim agora?!

— Pobre senhora! resmungou o outro. Em tudo que lhe fôr prestavel...



— Morreu santa, morreu santa! — E subiu as escadas, sem se despedir, seguido do rapaz.

As ultimas palavras tiveram alguma coisa de sincero, de extra-theatral. N'um relance viu quanto a fizera soffrer! Que estúpido! Mas elle era obrigado a torturar os outros, a alfine-tar friamente os que viviam comsigo! — E tudo se desvaneceu quando, subindo a escada, se lembrou do enterro, do luto, despezas, o abalo, embora rapido, do seu bem-estar. Logo sentiu um allivio, como d'algum que estava a occupar um lugar inutilmente, honorariamente, sem servir de nada e massando. Afinal lucrava; até não tinha sido mau!... Chegou-se ao pé da velha: estava morta, gelada, hirta. Á porta o rapaz lagrimejava, soluçava, passava a manga da jaqueta nos olhos.

— Estava alli dentro, um homem, — já havia tantos annos!

Como tudo isto accentuado e actual lhe rolava na memoria! E elle tinha ficado na mesma, não deitára uma lagrima, berrou ao rapaz:

— Anda, burro, vai chamar o armador!

Agora vinham-lhe saudades leves, esfuminhadas na alma, e um pequenino affecto pareceu crepitar por Flora. De novo pensou nas responsabilidades conjugaes, no seu genio «um pouco commodista» dizia. Mas, reflectindo, ella tinha alguns mil cruzados e vinte e cinco annos florescentes. Precisava d'uma mulher, d'uma *sua mulher* á vista do mundo, — mundo que sobre si era tudo, porque precisava de o domar com cobardia e molleza. Corja de canalha!

A vida assim fruste não lhe servia, de castidade postiça, sem poder dar um beijo que não fosse pago e desenxabido como um fructo temporão. Era preciso dar o exemplo, ser correcto e grave, na rua, em casa, no inferno! Um boticario queria-se sério. Que vida torpe de falsa! Entrar, de fugida, em ruellas vesgas, meio embuçado, á pressa, — e ter de pagar no fim! Que elle não era de lamurias, de festinhas, lamecha, era claro. O céu para si era insignificativo e vazio. Nunca tivera enternecimentos christãos, o extasi das coisas bellas. Fazia festas ás crianças para a vizinhança vêr. Ia á missa e fazia ir o

praticante, — mas que torrente de hostilidade bravia, que pequeninos odios, que raivas ás vezes o remoiam!

Nunca amára. Agora mesmo, que diabo! era apenas uma tendencia, cogitava.

Da esquina, o Anacleto vinha arrastando os chinelos; vinha massal-o, o estafermo!

A tarde extinguia-se, já o céu fulgurava.

Com a caixa de rapé entre as mãos papudas, molanqueirão e obeso, o vestimenteiro trazia grossa novidade, a adivinhar pelo sorriso podre e patife.

Mas começou por parolar do tempo.

Quando disseram que o casamento estava para breve, não se enganavam, pois que se realisou, de feito, no ultimo domingo d'esse abril, quasi de chofre.

Fôra em Santo Ildefonso, de manhã, com seis trens, — e toda a gente na Rua tinha vindo ás varandas, ávida, para ver os noivos, quem tinha acompanhado, quem eram os padrinhos, a figura que o João fazia.

Vinham todos no luxo, aprumados, os peitilhos lustrosos.

A manhã estava d'um azul de esmalte, fino, e levemente ensaboado. Havia aquelle ar pacato do domingo nas ruas afastadas, as lojas ainda abertas, alguma gente, toda apessoada, para as missas.

Com a chegada dos carros, a Rua ganhou um aspecto de procissão que chega, as janellas encheram-se, e á portinhola dos noivos apinhava-se uma mescla de poviléu, de creadinhas que rentavam, de caixeiros que se aproximavam com risotas disfarçadas de maroteira, na caniçalha dos garotos com dichotes canalhas, em carne viva.

Todos esperavam a sahida dos noivos do seu *landeau* de cavallos brancos, com arreios polidos, todo n'um resplendor de sol.

O João vinha pallido, com um riso sereno. E quando Flora saltou, n'um fulgor de sêda branca, esguia e como alada, —



machucaram-se, deram-se acotovelões, os pescoços estendiam-se, os olhos bebiam aquella mulher de magica... Mas logo desapareceu com a graça elançada e virgem d'um vôo de garça.

Todos espreitavam, debruçados, dos andares.

— De estalo, de estalo! — dizia o Anacleto, em bicos de pés, á porta da loja, com as calças arregaçadas. E como a creada do visinho entrasse a dar novas, fauno pelintra, a querer passar-lhe a mão pela cara:

— Quando fazes o mesmo, minha lambisgoia?...

Nunca a pharmacia, a casa toda, foi tão animada, tão cheia de gente. Depois da morte da mãe, habitada só por elle, pelo praticante e por uma creada velha, arrastada e beata, respirava-se alli um ar triste, fazia frio e saudades tudo aquillo, aquelles moveis cobertos de pó, os quartos que davam uma sensação de vazio e morto, como cellas d'um velho convento, arruinado. Agora tinha entrado por alli dentro uma lufada de alegria sã e cheia de sol! A grande sala de jantar brilhava, toda fresca: o oiro quente dos junquinhos esguios e heraldicos, candura de açucenas, cachos de lilazes, pequenos balaios de outras flôres: decorações simples, *étagères* de gesso, com bonecos enlaçados de heras, brilhos de louça com ramalhoças azues, fios dourados.

Corria, alastrava-se um rumor festeiro, de ventura simples, como o tagarellar das educandas n'uma cêrca, — e a luz entrava ás levadas, ás enxurradas pelas janellas abertas, n'esse dia de abril, chalrado dos pardaes.

No grande jantar do noivado, farto e lento, vieram travesas enormes de arroz açafreado, com tufos de salsa no curúto; veio uma perna de vitella d'um tostado de fogo, appetitosa; um lombo de porco coberto de rodellas de limão. Foi um banquete de abundancia grega. O vinho jorrava, rôxo e espumante, das bojudas canecas vidradas. E toda a comitiva comia, n'um ruido de mastigação primitiva. Alguns mastigavam sem abrir a bôca, fazendo folles, para maior delicadeza. O vinho ia animando os olhos de fagulhas, manchando as faces de rosetas.

Flora estava um pouco commovida, com ternura quasi; a

mãe, á cabeceira da mesa tinha uma uneção mysteriosa de doçura nos olhos, um brilho santo a doirava: ás vezes vinham-lhe lagrimas... E os brindes começaram a tinir, entusiasticos, espumando nos corações, como vinho verde nos copos.

— A tua, Flora, e que deites cá p'ra fóra dois d'uma asentada!

O procurador começára assim o rosario das suas pilherias. O conego Zacharias achou-lhe pilhas de graça. Abanou o ventre, entornou o calix n'um tufão de riso, descompôz-se todo, engasgou-se:

— Este Meirelles, este Meirelles! Que typo!

Mas tinha-se feito um silencio reservado. Nos olhos do noivo passou uma nuvem... E a mãe á cabeceira, toda velhinha, cheia de graça, tinha lagrimas indefiniveis de ventura e receio!

O jantar prolongou-se. Havia em todos um certo gosto da vida, um bem-estar de bons estomagos fartos. Os rapazes evocavam as namoradas, nostalgicos, espriando os olhos quebrados, chispantes da pinga. E tinham olhadellas romanticas, acotovelavam-se á socapa, cochichavam dôces, escarlates coisas. Os outros riam-se, na dupla expansão do vinho do Porto e do dia de nupcias. Todos eram palreiros, á vontade, de pança cheia: os homens fumavam charutos de vinte e cinco, com um desdem homerico da Desgraça: a noiva tinha abandonada uma das mãos ás caricias vagarosas do noivo: — e o cacho de flôres de laranjeira oscillava á aragem que vinha da janella, d'onde se via o azul ir morrendo.

Depois do café, o Meirelles declarou «que estava gravido. Nunca tinha comido vitella assim, poço!» E desabotoava os primeiros botões do collete. Fez-se uma atmosphera alvadia, de fumo, picada de scintillas. Alguns foram *estender as pernas* — andavam pela casa investigando. As Sousas espreitavam a alcova nupcial, achavam bonitinha, boliram em todas as prendas, viram a qualidade dos lençoes... E chegavam ás janellas da rua, gárrulas, d'um roseo de camoeza.

Eram appetitosas, com os seus trinta e tantos, refeitas



pudicas, tendo do Homem uma noção vaga. Tinham sempre vivido sob a vigilância da mãe, depois da tia, que sabia, historicando *casos assuccionados*, abalar-as todas com reticências. Sem embargo austera, com um velho e florido amor enterrado na clausura do Carmo, n'um pascacio que só lhe dera um beijo na testa.

E assim viviam, sabiam de vidas alheias, mexericavam e bordavam p'ra fóra.

Os noivos lá iam fallando de coisas vagas, ternamente. De vez em quando vinha um granizo de confeitos, que rufavam nos vidros, cahiam na rua, — e elles sorriam-se áquella saudação popular e provincial, aureolados, emquanto a garotada se empurrava a apañal-os, aos reboões e murros, no passeio.

A vizinhança olhava para aquillo, dos peitoris, como d'uma galeria de theatro. As raparigas invejavam aquella antecâmara do amor. Tinham quebreiras, coegas nervosas no corpo, como aranhões de electricidade no sangue. — E quando o par apparecia na regia gala dos corações batentes, corriam cochichos nas janellas, inclinavam-se nas varandas do lado, cacarejavam piadas, perguntavam de que era o vestido... Elles iam entretanto fallando de coisas simples, da tarde bonita, Flora olhando para o céu lavado e quente como a sua alma, onde a chaga do poente cicatrizava, ás vezes tremula d'um receio vago, ás vezes com vontade de chorar.

Tinha o pae, a mãe, a irmã mais nova, a Ritinha, amigas do collegio, senhoras e homens das relações da casa. Alguma coisa a prendia, a chamava. Que pena tinha de os deixar a todos, tão seus amigos! Que tolice! Então ella ia para o Brazil? Não os podia vêr todos os dias, trazel-os mesmo para casa?... Sem saber porquê teve de repente uma saudade viva do jardim, do banco redondo, dos cravos brancos. Correu á irmã:

— Olha, manda-me amanhã um ramo dos meus cravos, sim?...

— Sim, filha, mando-te um cesto com muitas flores.

— Não te esqueces?!...

*



E ambas se abraçaram, se beijaram, soluçando na penumbra que ia descendo, como um véo de gaze parda.

A noite chegou. Dançaram até ás onze horas. Havia um piano velho, de mesa, que o João tinha mandado afinar, onde um rapaz tocava valsas saudosas, — a *Sofia*, a *Lembra-te sempre!*, a mazurka *Amor!*

No fim o Meirelles quiz uma quadrilha:

— Ande, zimbreme ahi uma quadrilha. Toca a variar.

O rapaz pallido olhou-o, admirado, com um sorriso exquisito. O João correu:

— Desculpa, tem aquelle modo com todos, foi sempre assim... Não viste no jantar?

Mas já o Meirelles, com a Marianninha Sousa pelo braço dizia do meio da sala, com o collete desabotoado, a mão esquerda no bolso das calças:

— Então o senhor zimbra ou não zimbra? — É p'ra socéga. E trauteava para a Marianninha, com tregeitos:

Marianna diz que tem,

Ó se tem,

Sete saias de velludo...

— Dize a essa besta, respondeu o rapaz ao João, que lhe vou dar com uma quadrilha na cara.

E começou alheado, os olhos vagos, batendo as teclas comidas e amarelladas.

Acabada a quadrilha — «eram horas» — começaram-se a preparar para sahir. Era o momento temido, nervoso para Flora. O João tambem afagava o bigode, distrahido. Embrulhavam-se as senhoras, os homens vestiram os sobretudos. Flora tinha um nó na garganta, um quebranto enervado, — e ao abraçar-se na mãe e na irmã, chorou as suas ultimas lagrimas de virgem.

Marianna diz que tem,

Ó se tem,

Sete saias de velludo...



Era o Meirelles piscando o olho, significativo.

O seu cabelo basto, de Flora, castanho russo, tinha um reflexo nimbante, de aureola: nos olhos escuros, nevoados, havia um quê dos olhos espirituaes das Madonas de Vinci, — dôces como um aroma de feno, no cahir d'uma tarde cá-lida.

Foi até á porta, presa na mãe. Prolongavam-se os abraços, os adeuses.

— Ora bolas! Nem que fosse p'r'ó convento!

Era a philosophia do Meirelles, embrulhado n'um chale.

— Vamos, filha, vamos — disse o pae para a outra irmã, enlaçada.

— Estou-lhe a achar *rezão*, coitada da pequena! Ás vezes antes nos levasse o diabo! — fez o procurador, já fóra.

Flora ouviu ainda estas palavras crúas, no calado da rua, onde a patrulha cocava, somnolenta e sorna. Enxergou o céu limpo, salpicado de estrellas, — e ouviu fechar a porta, com um tremor medroso e sensual de nervos, os olhos baixos, mordiscando o beijo n'um soluço, que era quasi um suspiro...

Com o bater d'aquella porta, que a fechava na *sua casa*, sentiu bem que lhe levavam a mocidade, a sua alegria fresca de virgem: talvez o receio de apagar n'um relampago o unico sonho auroral que tivera! Mas como a nuvem parda que toca o nordeste, tudo foi levado na corrente dos affectos novos, tudo se perdeu no rumor fôfo dos affagos, rolando no cerebro como a onda surda d'um quente e calmo oceano.

Dias passaram, mezes passaram. Flora ia enchendo a casa de vida, tintinando as suas alegrias, tudo inundando da luz dos seus olhos.

O pharmaceutico, a carne satisfeita e o bolso cheio, não se dava mal n'aquelle estado de tranquillidade e de conchego.

Vieram os dias ardentes de junho, de julho. A vida domestica ia tendo um certo encanto para elles, no repouso dos



dias suados e labutados. O jardim estava todo estrellado de cravos; a casa era toda estrellada de beijos.

Flora era terna, impressionavel e sensual. Tinha os nervos carregados de electricidade, e vivia feliz, entregando-se-lhe e amando-o, achando-lhe ás vezes um certo modo frio, que logo desfazia, como o sol derrete um floco branco de neve.

Visitava os paes de vez em quando, já sem saudades. Elles vinham vê-la de dois em dois dias, entravam pela pharmacia com saude e alegrias, o Sequeira era expansivo, jogava graçejos ao praticante, punha-lhe a mão na cara:

— Adeus, Lombriguinha, como vaes, Lombriguinha?

— A Flora está lá em cima? — fazia a irmã.

— Acho que está a brunir. Subam.

E á resposta do João, lá iam os tres, batendo as palmas pelas escadas, corações felizes, o Sequeira deitando chalaças.

Iam encontral-a em chambre branco, arregaçada, em cima do ferro, com camarinhas de suor na testa. Corava toda — «ora vivam! ora vivam!» — e eram tudo festas, risos, recordações d'uma coisa engraçada da ultima vez que se tinham visto, ás vezes ficavam e jantavam todos.

Á uma hora o João subia, embrulhando um cigarro, de guarda-pó. E era amavel com todos, lembrava que não era mau se jantassem, chamava á sogra «a sua menina».

A casa estava um brinco. Flora era cuidadosa e trabalhadeira, era ella mesma que lavava ás vezes a roupa no quintal, que a punha a côrar, que regava o quintal. Ajudava a cozinhar, quando tinha mais gente em casa, se a creada não tinha tempo, — a Rosa. Ella mesma fazia, de surpresa, um guizado novo, um dôce fino d'ovos. — Tudo andava limpo, sacudido, florido.

Com setembro os dias tinham perdido aquelle calor de forno, as tardes estavam mais suaves, d'um azul esbranquiçado e fundo.

Ás vezes, de noite, sahiam, a vêr as *vitrines*, as ourivesarias da rua das Flores, as lojas dos Clerigos, da rua de Santo Antonio.



Às vezes n'uma pastelaria ella parava:

— Ó filho, e se nós comessemos um pastel?

— Ora, ainda agora ceiamos... Mas se queres.

— Não, não, era se tu quizessees... — E seguiam.

Nas ruas pouca gente. As praias, o campo, as thermas, tinham arrebanhado muita, é claro que para a vida airada, para a batota facil, a patuscada dos namoricos. Quando a quando uma ou outra senhora passava, algum peralta, flanando, de charuto, olhando as estrellas. A cidade tinha um aspecto de férias, menos suja de janotas, mais livre. As lojas estavam vazias, quasi. Às portas dos cafés cavaqueava-se pouco: — um ou outro homem de melenas.

Ao dobrar uma esquina deram de cara com uma mulher vestida de claro, que destacou feerica, n'um fulgor de oiro e azul. Ia só, andava depressa, atirada.

— Viste? Que mulheraça! — fez o João.

— Parece que vai a commandar um regimento, respondeu Flora.

— Qual regimento, aquillo sim, é que é!

— Ella que tem mais que as outras?

— Tem muita coisa. Aquillo é que é mulher!

— Ora...

E foram um largo espaço n'um silencio incommodo.

Não lhe tinha amor! pensava Flora. Ella tambem tinha sido tola em estar a retrucar. Mas que diabo tinha aquelle camapheu, esgrouviada, com passo de porta-machado? — Teve ciu-me, vontade de chorar, de ralhar. Elle encontrava mulher melhor, mais arranjada, mais poupada? — E tinha um vago desvanecimento.

— Aquillo ha de ser ingleza, — voltou o homem perfidiosamente.

— Ha-de, ha-de... respondeu, quasi amuada, Flora.

Ora p'ra que haviam de encontrar aquelle estafermo? Já era enguiço! Iam tão contentes... — Achava-a bonita, estava no seu direito, mas escusava de vir com aquillo. E Flora tinha a noção de que o amor d'elle arrefecia, que se ia a extinguir,



igual á luz d'uma vela que o morrão quasi apaga, tudo por causa d'aquella mulher detestavel!

Amar, já não a amava, — senão não achava as outras mulheres bonitas, não o dizia com aquella vontade de amesquinhar... Embirrava com ella!

E inconscientemente foram dobrando a Rua.

Ao entrar na botica, o João olhou p'ra fóra, e apontando o céo, n'uma vontade de reconciliação:

— Aquillo é a *Via-lactea*, vês? aquillo esbranquiçado, parece farinha... Não é bonito?

— Não é feio, respondeu Flora.

— Que noite, que linda noite! — tornou elle, suspirando.

O brio e orgulho de Flora irritou-se devéras com aquelle elogio á *outra*, e então feito por quem ella pensava ser amada. Abespinhára-se com aquillo, vinha frenetica, subiu as escadas adiante, sem dizer palavra.

Elle começára de se irritar tambem, de achar aquelles modos grosseiros e piégas, — e uma vez no quarto começou a despir-se lentamente, sem fazer caso d'ella, trombudo.

A lamparina ardia defronte do santuario. A luz era pouca, bruxoleante: havia um silencio de capella de cemiterio.

— Ai, ai!... fez elle, suspirando, abrindo os braços e a bôca, nervoso.

E mettendo-se na cama fez o signal da cruz.

Correu um silencio nervoso. Ouvia-se o grande pendulo do alto relógio de escada. No tecto cortava-se a sombra d'uma jarra, como uma cara de velha, alcoviteira e sarcastica. Tinha um rir cynico, escaveirado, um nariz rapinamente adunco. O João tinha-a fixado, parecia estudar a sombra...

Flora vestiu um chambre, foi dar ordens á creada, demorou-se. Quando veio começou a andar d'um lado para outro, a encher tempo, fazendo alguma coisa vaga.

— Não te deitas? — perguntou o João da cama.

— Não tenho somno — respondeu ella.

— Hum!... fez elle, abanando a cabeça lento. E pegando



d'um cigarro de cima do escadorio, começou a embrulhal-o devagar.

Flora, sentada n'um escabello, com as costas voltadas para o leito, revolvía um cesto de roupa lavada, separava, examinava se precisava de *passagens*. Mas as mãos tremiam quando levantavam á luz frouxa da lampada as ceroulas do João, marcadas d'um grande J. P. escarlata. Depois parava: ás vezes suspirava.

O marido estudava-lhe os movimentos, franzindo os sobrolhos:

— Então não te deitas hoje? — tornou elle.

— Não tenho somno, ainda tenho de rezar...

— Então vê se te resolves!

— Que tens tu com isso? Deixa-me cá! — E continuou a mexer na roupa.

O João arredou a cortina do leito e accendeu o cigarro. Tinha os olhos vivos, com purpurina a arder. Acabou o cigarro em quatro fumaças.

Ella, entretanto, tinha-se ido ajoelhar defronte da commoda: começára a desfiar as contas, a rezar baixo.

Jarras, com flôres inodoras, constellavam em cima o santuario. (O João não queria flôres de perfumes no quarto). E a luz amaciava as chagas d'um Christo crucificado, com uma grande c'rôa de espinhos. Aos pés, a Mãe, com os peitos furados de espadas, dir-se-hia amassada de lagrimas...

As chagas do Christo, rainunculares, escorriam na magreza lunerea do corpo apedrejado e pallido. No polido do marfim antigo, côr de velha tecla, a luz punha unctuosidades morbidas, de tysico. De cima olhava para a Mãe que chorava a perenne fonte das suas mágoas. Era uma tocante scena muda, heroica e humana, tocada agora da luz melancolica, da somnolenta luz que lambe as eças...

Flora rezava, sentia-se perder e mergulhar n'aquelle martyrio longinquo e sempre palpitando e vivo, n'esses latejos do Poema do Senhor! Em leque, as espadas de prata tinham ás vezes scintillas loiras — e a Virgem chorava, e cada lagrima era



como uma grande e fresca arvore, que abrigasse do sol, no deserto em braza, as irmãs de Agar, sequiosas de agua e de justiça, atirando os braços magros no azul!

A vista d'aquella dôr oceanica, lingua de incendio bufando e lavrando, a sua dôr perdia-se como uma faula que vâa d'uma forja resfolegante, — e se apaga logo... Como Nossa Senhora padecera, resignada, e dôce como um lyrio!

«Fazei com que elle seja muito meu amigo, que elle goste muito de mim!» — dizia, os olhos nevoados n'uma espontaneidade de sentimento feminino, n'uma espiritualisação mystica.

Lento, o seu soffrimento refugiára-se n'aquelle soffrimento. Sentia-se agora enternecer, levar como uma folha por um vento brando, á tona d'uma lagôa. Iam-se abrandando os despeitos e as máguas, toda ella ia tendendo para o leito...

— Com mil diabos! Arre! Vens ou não te vens deitar?

— Lá vou, nem me deixas rezar hoje!...

— Vá rezar p'ra o meio do inferno, já é de mais!

Ella persignou-se, fez o signal da cruz. Depois foi vêr se a porta estava fechada, começou a despir-se.

O João assistia-lhe aos movimentos, examinava-a. Sentiu-se tremer, quando, tirando o corpete, a camisa deixou vêr as mããs dos seios, a arredondarem-se, a espreitarem p'ra baixo. Aos pés da cama era uma penumbra que a nuançava, a empallidecia: e como no angulo do quarto o santuario fazia uma sombra cabalistica, de mitra bizarra, a figura de Flora destacava na quasi sombra, tocada da graça e do pallido de Visão, os castanhos com fulgencias apagadiças de amethista — luzilumes da luz pallida — cahindo sobre os hombros plasticos, d'uma brancura fria de nymphêa.

A saia desceu — e logo, com uma graça de ave tremula, escorregando n'um lubrico de reptil, deslisou no leito... Ao primeiro contacto houve um tremor, um choque electrico de nervos; — mas sem uma palavra, galvanizados, n'um impulso de animal que espera a preza, de molosso que estilhaça a cadeia, prenderam-se, enclavinharam-se n'um mugido, o docel tremet

áquelle triumpho dos nervos, n'aquella transfusão de sensações e sentimentos, que se hatiam, cachoando.

E os dias seguiram-se facéis e alegres. O João, ás vezes, tinha momentos bruscos, toldados de tristeza e de aborrecimento: ás vezes zangava-o o riso espanejante de Flora, a sua azou-gante alegria.

Mas não tinha por que ralhar, tudo estava limpo, asseiado, harmonico. Havia abundancia e frescura, os ultimos dias de agosto eram tepidos e mansos, o quintal estava pintalgado de flôres. Flora cantarolava no arranjo da sua casa, n'esses dias felizes, como uma alveloa sobre uma eira farta.

Lembrou-se então o Sequeira uma tarde:

— Porque não vamos nós dar um passeio ao domingo ?

Era verdade! Uma boa idéa. E davam opiniões, discutiam a hora, era necessario localisar. A irmã de Flora queria a *Serra do Pilar*, aquelles pinhaes onde tinham comido ha um anno melancia...

— Nada, o melhor é rio acima, jantar lá p'ra Avintes.

Foi unanimemente approvada esta idéa do Sequeira. Iriam no domingo seguinte, cedo, embarcar á Ribeira. O jantar era a meias. Haviam de escolher um barco seguro, com toldo, o Se-queira mandaria o rapaz p'ra o carreto, todos ajudariam.

— Eu cá levo o garrafão — fez o João, piscando o olho.

— Não, o garrafão é p'ra mim, olha o marau!... respon-
deu o Sequeira.

Riram-se muito, planearam. Que espiga, se chovia!

— O diacho é o barco, se ás vezes acontece alguma, disse
Flora.

— Vai-te d'ahi, vai-te d'ahi — fez o pae.

Flora foi arranjando, cuidando de tudo. No domingo le-
vantou-se ainda ante-manhã, ao lusco-fusco, para terminar ar-
ranjos. O João não dizia nada, fugia do assumpto, se ella o in-
terpellava:

— Sim, sim, arranja tu lá isso — e descia á botica. Outras
vezes suspirava com tédio.



Foi uma festança. O Sequeira chegou cedo, feliz, cheio de embrulhos com o rapaz, para levar o cesto de casa do pharmaceutico. D'ahi a pouco sahiram todos, na frescura da manhã muito branca. Foi uma alegria todo o caminho, até o João ia bem, de chapeirão de palha, escanhoado, na frescura do guarda-pó enorme. Uma torre ao longe recortava-se n'um relevo duro no azul translucido e leitoso. O sino dos Clerigos repicava, alegrando o ar religioso do domingo, a serenidade.

E ahí foram todos, no bem-estar das manhãs tépidas e placidas, antes do calor rijo do sol. Desceram a rua de S. João, chegaram á Ribeira. O aspecto era outro alli, tumultuoso, berado das regateiras, cantado da voz dos barqueiros, dos arraís. Muitos barcos á espera, pintalgados, com toldos, com flammulas — e mais para lá navios ancorados, hiates ligeiros, costados acarvoados de vapores inglezes, fumegando. Uma fragata, pintada de fresco, resplandecia: resplandeciam tambem os marujos ao sol do tombadilho — e ella emergia fina, recortada na luz fresquissima, elançada e esbelta, como a fazer o vôo para o mar... O rio azulava-se, ainda d'uma côr longinqua de café com leite. Do outro lado Gaya sorria com as suas casas amontoadas, o seu ar fabril, repousado no domingo.

O barco que escolheram era largo, de toldo, pintado de azul e branco, remado por duas mulheres — mãe e filha. Ao passarem sob a ponte pensil, Flora disse:

— E se a ponte cae?...

— Levanta-se, respondeu o João, mal humorado já. •

Do lado direito era a Serra do Pilar, do esquerdo os Guindaes, em declives ingremes, pedregosos, que ameaçavam esboar-se, rolar, esmigalhar tudo! Na crista da collina, o convento, visto assim debaixo, com as janellinhas das cellas pequenas e alinhadas, espreitava na grimpa, nimbado de azul, lavado no ar. E a igreja tinha o seu ar de compota redonda, com o botão em cima. O palacio episcopal olhava no alto, hieratico e sobre o formigueiro dos bairros famintos e rotos — e para lá as Fontainhas brilhavam de casas caiadas, o velho Seminario

erguia a ruina dos seus ossos de granito escuro, como um remorso, nos longes do ar enfarinhado de prata.

— Isto aqui não é bonito, lá p'r'ó diante. Não é assim, Lombriguinha? — disse o Sequeira para o praticante, que ia inclinado, molhando a mão na corrente.

Elle sorriu-se. O João respondeu por elle:

— Do Areíinho p'ra diante, sim, senhor!

E todos tagarellavam anecdoticos, loquazes. Então levantou-se uma questão: — E se fossem á vela?

As barqueiras eram favoraveis: sempre era uma ajudinha.

O João, que foi quem lembrou, esperava opiniões. A sogra tinha medo, credo!

— Podemos ir todos ao fundo — fez Flora, receiosa. As remeiras diziam que não tinha mal, havia pouco vento.

— Eu acho que vamos assim muito bem, tornou Flora.

— Cala-te p'ra ahí! Ha de metter o nariz em tudo esta mulher! — disse o João, brusco.

O barco foi seguindo, na revessa, ao chapinhar dos remos.

P'ra a Ribeira desciam dois rabellos, carregados de carqueja, como tribus fluctuando, noctambulas, d'um paiz primitivo e distante. E de lá cantarolavam, ao lento descer do rio, cozinhando á prôa n'um lumareu crepitante, a figura tostada do arrais grego em pé, na pôpa, paijando a espadella. Aquelles barcos, negros como cetaceos, dir-se-hiam levados para outra civilização, para um paiz rudimentar e lacustre, passando por entre tumulos de montes, atravessando clareiras e cidades, como phantasmas negros d'um cyclo apagado, n'um grande desprezo de homens e civilizações.

O sol ia cahindo, faiscando o rio, os vidros das casinholas das collinas. A vassoira do norte limpára as ultimas fulgens do céu. Ao longe, sobre o dorso das serranias, o horisonte cahia d'um cobalto esbranquiçado, azulando os concavos.

Vieram os povoados nos morros das margens, caiados, frescos, d'uma felicidade e simplicidade de ecloga: — as caseolas de Valbom, descendo o outeiro, com redes de pescadores seccando ao sol; Avintes, Sant'Anna, na sua paz de aldeia ao

domingo, com namoros no adro — e pelas margens um ou outro casarão arruinado, melancolico e musguento, de fidalgo pobre...

— Foi o diabo não termos descido no Areinho, disse o Sequeira.

— Isso hoje enche-se de gente, nada, antes um sitio socegado, respondeu o João, que ia a remar, na ré.

E o barco foi seguindo na alleluia quente do sol.

Para lá d'Avintes, na margem opposta, opinaram que era bom descer, procurar sitio. Sahiram apenas os homens, que voltaram logo chamando.

Era um bello lugar, cheio de fresco, com pinheiros, carvalhos tufados, todo um docel de sombra.

— Que lindo sitio, diziam. E todos foram vêr, passear n'aquelle pedaço de margem. Corriam, sentavam-se no chão, colhiam flôres. Já outros barcos passavam no rio, n'uma algazarra, n'uma gritaria de festa, embandeirados. Em alguns uma voz cantava o fado, tiniam guitarras. Lá iam seguindo uns, outros abordavam, e uma colmeia de rapazes, raparigas de vestidos claros, saltava na areia, grazinando.

Pela uma hora foi a grande toalha estendida no chão, tirou-se a caçoila de arroz, a pingadeira com o Perú recheiado, a terrina com bolinhos de bacalhau. O Sequeira, o garrafão em punho, deitava vinho nos copos: — «elle bebia por uma tijela, oupa!» E uns sentados, outros deitados, começaram a comer á vontade.

— Come, Lombriguinha, arruma-lhe — dizia o Sequeira.

N'um pico do matto grasnava um chasco. Por cima, nos ramos, piavam, gorgeliavam passaros. Nas touças ouvia-se ás vezes um raspar de reptil, que punha medo aos nervosos. Barcos iam passando, sob a fornalha do sol no rio, que era agora como uma lamina fulva, d'um polido de espelho.

D'um cahique acenavam com um lenço. De cá o Sequeira mostrava-lhe metade da melancia côr de coral:

— Olha quem elle é, o Garrido! Adeus, Garrido! És servido... Anda cá, malandro!



O de lá respondia com uma garrafa na mão — muito obrigado!

Todos os do barco olhavam: os de cá olhavam também, risonhos. O Sequeira, rubro, com os olhos vivos, azulados, dizia adeus, de guarda-pó.

— É o Garrido, e eu não o conhecia! Aquillo é que é um pandego.

No fim ficaram alegres, a irmã de Flora enterneceu-se, atirava bolinhas de miolo de pão ao praticante. Depois afastou-se um pouco, reclinou-se na relva, colhia florinhas. E reclinaram-se todos, o Sequeira e o João tinham-se deitado de barriga p'ra o ar, fumando. Ao longe, nas margens, havia manchas de outras merendolas, branquejantes na sombra.

O João achava aquillo bonito. Elles tão frescos, tão bem debaixo das arvores, verem, a dois passos, aquelle calor de forno, calcinante, e os remeiros herculeos ao sol, ás vezes cantando, e deixando cahir dos remos uma chuva de rubis incendiados!

— Caramba! aquillo é que havia de ser um sol, — e esfregava as mãos, cerrava os olhos. D'ahi a pouco, quando Flora lhe perguntava as horas, resonava beatificamente.

Mais tarde foram de opinião que guardassem tudo nos cestos, que se bebesse uma pinga, e que fossem rio acima, para voltarem ao Porto ao cahir da noite.

Já o ardor do sol diminuia um pouco. Vinha p'ra baixo um vapor pequeno, com gente ingleza. Uma ou outra guiga sin-grava, esguia e branca.

Foram seguindo, vendo o pittoresco das margens. Em mirantes de quintas que davam p'ra o rio, já havia senhoras em cabelo, tomando o fresco, uma vozeria dentro. Para os lados dos montes o rio ia tomando um brilho mais leve, o espelho das aguas de tela, ainda fulgido.

Pouco e pouco foi cahindo a tarde, esfuminhavam-se os longes, as grimpas dos cerros, n'uma gaza como fumo azulado de charutos. — Tinham-se afastado, já iam muito além de Avintes.

— Adeus, ó Sequeira!

— O Garrido, olé, já vaes embora?

Os barcos afrouxaram. Todos se abaixaram as cabeças, sorrindo. No barco do Garrido iam mais dois rapazes, — e uma mulher alta, de olhos lubricos e vivos, nariz a pique.

— Fomos fazer uma comezaina. Tempo de truz! Até depois, Sequeira. — Meus senhores...

O João seguiu com os olhos o barco, com a sua bandeirinha escarlate. A mulher tambem o fixára com um vago sorriso... Que mulher, que mulher, pensava elle. E como o barco voltava, ainda estendeu os olhos para o cahique que fugia na corrente, e ainda viu a mulher alta, já indistincta, mas que elle sabia que o procurava com os olhos.

— E se nós voltassemos, já vão sendo horas... — fez o João.

Voltaram. A estrella da tarde palpitava. No fundo do céu, para a barra, corria uma lingua de incendio, veios de oiro quente. O ar fresco bolia as folhas, erriçava o rio de leve. No Areiinho o Sequeira achou que ainda era cedo.—Então não haviam de vêr o Areiinho?!

O João quiz protestar, mas calou-se. Olhou — e pareceu-lhe vêr ainda o cahique, com a sua bandeirinha vermelha, muito negro, funereo como um esquife que boiasse para o fundo, para o forno de minerio a apagar-se do poente. Tornou a olhar, e o cahique perdeu-se.

No Areiinho demoraram-se. Muita gente nas tascas, nos retiros, emborcando canecas de vinho, comendo peixe frito. Nas cozinhas as certãs estrugiam. Alguns rapazes jogavam a bola em mangas de camisa, outros dançavam, ao zinir das banzas, com mulheres reles, de chapéo de palha p'ra traz, dando baques rijos de barriga. E ao compasso, os pés batiám no chão, os olhos quebravam-se.

— Vamos embora, vamos embora — dizia Flora.

O João olhava-a, lampejava. Era andar, eram tão boas como ella! E tinha vontades canalhas.

O Sequeira queria vêr, achava-lhes chalaça. Achava pilhe-

ria ás mesas de pinho trasbordantes de vinho e pandega — e acenava co'a cabeça á mulher. Foram seguindo. Para lá, perto da estrada, n'uma grande mesa sob parras, uma mulher vesga, desbragada, atirava improperios a um homem bem vestido, que passava com uma rapariguinha magra. O vinho esquentava-a, — e eram obscenidades, detalhes de vida pelintra, acenos desenfreados ao homem alto que seguia sem olhar p'ra traz, roendo o charuto, nervoso, inclinando-se para a rapariguinha triste.

Depois seguiram pela estrada, ladearam os campos, — o Sequeira foi d'essa opinião. A tarde morria de todo. A irmã de Flora colhia papoulas, chamava o praticante a ajudal-a. Elle corria, todo enfezado.

— Anda, Lombriguinha, faz-te delicado p'ras damas — dizia o Sequeira.

E os dois perdiam-se entre as sebes, ficavam atraz, rindo, colhendo papoulas...

O João não dava palavra. Flora ia pelo braço da mãe, triste, sem bem saber por quê, cançada. E' assim passaram o resto do dia, entre dichotes de bebedos, e n'aquella bucolica violada, onde se encontravam ligas perdidas, entre sitios bati-dos, todos frescos da flôr dos feijoeiros.

Era já noite quando voltaram. A abobada estrellára-se, fulva, como um grande aquario cheio de peixes de oiro. O barco ia descendo na corrente. Das margens vinha uma pacificação de aldeia, ás vezes um cannival rumorejava — alma do outro mundo que se acolhesse n'elle... — e no alto as casas brancas, entre o verde-negro dos pinhaes tinham calamentos de mausoleus historicos.

O João ia nostalgico, á prôa, fitando as aguas...

— Que diabo tens, Lombriguinha? Em que vaes a magicar, Lombriguinha? — Dizia o Sequeira, batendo-lhe no hombro.

O Lombriguinha ia triste porque podia ter havido coisa na botica, o rapaz estava lá de novo...

O João levantou os olhos da agua, e cravou-os em Flora, rispido. Tinha sido ella a da lembrança de vir o praticante.

Mas passavam a ponte, e já o Porto apparecia todo picado de lampeões. As luzes das margens pespontavam o rio, desciam em columnatas serpenteantes. Era uma feeria — e muitos barcos passavam, com balões venezianos, na linda noite de luar.

Flora começava a andar triste com as exigencias, os maus modos do marido. Comia pouco — parecia que elle reparava no que ella comia — era a sua tortura. Poupava, trabalhava, suava, lavando e varrendo, e nunca elle tinha uma palavra amiga. Pelo contrario, fallava em economias, nos esbanjos de certas donas de casa, de mau humor, casmurro como nunca.

— Olha lá, disse-lhe elle um dia — p'ra que queremos nós estes dois andares? Um chega muito bem. Trata de arranjar o segundo, que eu vou-lhe pôr escriptos.

E como Flora ficasse um pouco suspensa:

— Ouviste ou não ouviste?! Não sabes fallar?

— Está lá tanta coisa arrumada, a sala de brunir... Objectou mansamente Flora.

— Já disse, arrume-o! — E parando no meio das escadas:

— Quando eu vier p'ra cima ha de estar arrumado. Muito bem! — E desceu.

Queria muito dinheiro, pensava elle. Muito dinheiro! Depois sim, é que era poder gozar um bocado... E sonhava grandes viagens, a paizes «de outra especie», longe d'aquella canalha, sem o estafermo da mulher á perna.

Uma tarde o Cruz dissera-lhe na botica que ia alugar os baixos da casa. Sempre era lucro. E isto suggeriu-lhe o alugar do segundo andar.

Elle sentia uma forte necessidade de dinheiro, nunca fôra tão egoista como agora. Rogava pragas a quem lhe não tinha pago as receitas, odiava os visinhos ricos, blasphemava. Sentia-se preso, queria-se livre, sem ter bem a noção da necessidade d'isso, esmoía cóleras ao vêr a felicidade dos outros, o luxo dos outros — uns pulhas! Tinha desesperos indomitos, o praticante nunca o vira assim. Despedaçava frascos, ás vezes de drogas



caras, e ficava depois com os olhos chispantes, crispado, olhando para o chão onde o vidro se estilhaçára. Teve dias insupportaveis, atirava co'as portas, nada estava bem feito, não comia, quebrava os pratos que Flora tinha trazido de casa... E foi n'uma d'estas tardes, que elle mesmo, assobiando, subiu a pôr os escriptos no segundo andar.

A vizinhança continuava a vê-lo dôce e affavel. Como estas grandes ondas que parecem alagar as praias, e que se quebram longe, o seu odio tumultuoso, os seus nervos que tremiam, acalmavam-se n'um sorriso placido. E o *João da botica* continuava a ter as boas graças dos visinhos, a ser cumprimentado com galanteria.

Flora, ao contrario, era mordida, enxovalhada nos conclaves. Attribuiam-lhe toda aquella mesquinhez que ultimamente se lhe notava em casa, e as Sousas, a quem ella tivera de dar de mão por causa do marido, sublinhavam phrases cruas a respeito d'ella.

— Ai, isso é muito limpa... Lavou os pés no dia do casamento. Cheira que tresanda. — E cuspinhavam.

Quando o segundo andar appareceu com escriptos, todos fallavam, murmuravam insistentemente, apodavam-na de beata falsa, de pêga ladra, de unhas de fome.

Só um homem a defendia — o Meirelles.

Flora mortificava-se, chorava. Emmagrecia a olhos vistos — e tinha saudades do tempo de solteira, da casa farta e amovavel do pae. Quem lh'a dêra!

Cada dia o João lhe dava menos dinheiro para as despesas. Não chegava a nada, e atirava-lhe com elle, furioso. D'uma vez, que ella disse que não chegava, atirou-lhe da porta um pataco, que lhe fez uma pisadura no seio. E ella ficava suffocada, cheia de lagrimas, ia cahir de joelhos diante do santuario, gritando de medo que elle subisse. E fazia pequenas promessas a Nossa Senhora, sentia-se bem assim, afagada por uma idéa longinqua do céo, desabafava, tinha curtas venturas de extasi, encostada á commoda, os olhos postos nos olhos de Maria.

Tinha ás vezes repentes de fugir para casa; mas as linguas .



do mundo, o desgosto que causava, amedrontavam-na, prendiam-na sempre. E se contasse ao pae o que se passava? — Mas tudo isto ia dar causa a questões, sabia como o pae era seu amigo, talvez a uma separação... — E ia soffrendo.

O João, pelo seu lado, parecia agora melhor, já fallava á mesa, andava mais sereno, uma vez mesmo tinha sido meigo... Era decerto milagre da Virgem! — E rezava-lhe c'roas infundáveis, levantava-se tonta do santuario, os joelhos a quebrar.

O Meirelles, certo dia, parou na pharmacia. Tinha ido ao *Reino de Satan*. Porque não levava elle a mulher, e não ia vêr aquillo? Aquillo é que era peça!

Era verdade, não tinha ido ha muito ao theatro. Estava com vontade de gozar, pensou o João. Quando veio jantar, disse:

— Olha que á noite havemos de ir ao theatro.

— Então vamos todos, manda-se dizer lá a casa — fez Flora de chofre. E vendo-o friar trombudo:

— Porque é mesmo melhor, fica mais barato...

Que diabo ia lá fazer a tropa, pensou elle. Não se fazia nada a que não fosse a canalha toda. Via-se peor, apertados. A mãe era uma babada, uma pandorca.

— Pois sim, manda lá dizer... É hoje, havemos de ir hoje!

Entretanto Flora percebia todo o odio que elle tinha á familia d'ella. Ouvira-o mesmo dizer:

— Embirro com isto d'armadores, cheiram-me sempre a cêra.

Mas foram todos, n'essa noite. A vizinhança vira-os sahir, indagava aonde iriam todos tão no luxo. As Sousas troçaram o vestido de Flora. «Que serapilheira, havia de leval-os para a cova, a sovina!»

O Anacleto elucidou-os todos. O João tinha-lh'o dito: — iam ao theatro. Era preciso esparecer a Flora, que andava um pouco adoentada... E o elogio de João corria.

— Gasta bem o seu tempo! disse a Ritinha Sousa, p'ra de frente, fazendo um biquinho com os beiços, batendo com o dedal no ferro da varanda,

E a snr.^a D. Genoveva, do major, sorria, e abaixava a cabeça, significativamente.

Todos se riram no theatro, a bandeiras despregadas. Era no Baquet, n'um camarote de frente, na segunda ordem. O Sequeira achava «de arreentar» com as chalaças desavergonhadas dos comicos. A irmã de Flora tinha ternuras pelo «príncipe exilado». Era a peça uma salsada futil, cheia de clarões de magnesium, frades curvados e escuros, que logo ficavam sem capuz e sem habito, diabos escarlates, cantando e batendo em bigornas do inferno. Flora achava tudo aquillo triste, parecia-lhe que era peccado... Nos intervallos comiam covilhetes, o Sequeira obrigou-os a beberem um calix, chuchurreava o d'elle, explicava de quem eram os nomes celebres, que decoravam os camarotes com letras doiradas.

— Tinham sido sujeitos de muito talento! — dizia mastigando o covilhete.

O theatro estava cheio. Um rapaz fixava a irmã de Flora, encostado á grade da orchestra, audaz e pretencioso. Era de balde: n'essa noite só amava o «príncipe exilado». E languida, punha os olhos no lustre do tecto.

Mas vinha o ultimo acto. Ahi uma fada, de verde-claro, toda um arco iris de joalheria falsa, dando um gritinho, agitava um talisman-batuta, e os diabos sumiam-se em alçapões, entre labaredas, a um trovão de folheta, com o martello nas unhas. Do fundo d'uma caverna, sahia á sua voz o principe lymphatico, de cabelleira loira, poisando a mão nos copos do espadim. E gingando, vinham á frente, ebrios de esperança, gargantear uma ballada de amor engasgada, e partiam correndo nos sapatinhos de tacão doirado.

E logo, subitamente, as cavernas sumiam-se, todo aquelle scenario de barathro desaparecia, e um paiz oriental relampejava no berro estridente das côres vivas. O fundo era pintado com palmeiras excelsas, pavilhões, quietos dromedarios. Dir-se-hia um acampamento ao sol. Raparigas, dando-se as mãos, cantavam, passavam com tregeitos lassos de corpo, toucadas de rosas, espumantes de gazes, — e vindo á frente no fim da cho-

rêa, alinhadas e sempre cantando, erguiam a perna pela ponta do sapatinho, e n'um apparente fulgor de nudez, inclinavam o rosto a espreitar... — Era o *côro das sylphides*, que acabava n'um fino de rebecas.

O João achava divino, binoculisava sempre, — e o seu binoculo corria frenetico uma *sylphide* da extremidade, uma mulher alta que o impressionára, de grossas pernas, contornadas rijamente na malha côr de carne. O gaz da ribalta batia-lhe no rosto, um rosto de virago, protervo, de nariz a pique. A orchestra era um temporal que avança, com rufos seccos de tambor, cornetins e pratos. Pouco e pouco a musica subia, hilariante, n'um compasso de marcha festiva, — o exercito entrava, lampejante de morriões, tinindo as lanças... — E o principe exilado chegava, n'um palanquim, radioso e feliz, com a fada de verdeclaro ao lado.

— Vem muito lindo. Agora casam, já se vê! — perguntou a irmã de Flora, nostalgica.

— Pois é — respondeu a mãe, com os olhos esboghados, n'um sorriso babado.

Ficaram todos encantados com a peça, fallaram n'ella muitos dias: tinham-lhes ido os olhos no scenario rutilante, nos diabinhos vermelhos, escornando-se. Gostaram muito da magica, scenas atadas sem nexo, com transfigurações e infernos a cada passo, o diabo calcado, troçado e vencido, e a fada de verde, abençoante e loira, deusa theatral da Bondade e do Amor.

N'aquelle scenario phantastico, de paizes feericos, que o scenographo inventava n'uma larga riqueza de brocha, havia uma scena que lhes fizera medo: a da floresta. Que linda! — N'uma terra cheia de sol e de abetos, povoada de noivos, cançados, a fada e o principe tinham parado ao pé d'uma floresta, sob a copa d'um lindo aloendro com flôres. O reino do principe com as suas palmeiras, a sua bahia serena, ficava d'ahi a muitas leguas ainda! Tinham passado rios e valles, tinham bebido, a arder, agua das fontes do caminho; no tope d'um monte uma velhinha encantada, espiando a rosa, abrira a porta á fada, sorrindo — e elles dormiram, enlaçados, n'um celleiro...



Entretanto, atraz, Satan corria esbofado, ora feito peregrino, tremendo de velho n'uma capa rota, ora galgando de cavalleiro fulvo as largas estradas, n'um cavallo arabe. N'uma encruzilhada appareceu-lhes de frade capuchinho, pedindo esmola. — E elles seguiam para o seu reino, para a sua patria, para o seu amor. O príncipe, vendo as estrellas, sentia a nostalgia das estrellas do céo onde cantara *lieds*, — tão brilhantes como os dentes da sua amada! Não achava gosto na fructa dos pomares, não sentia brilho nos olhos das mulheres.

Tinham parado n'um palacio d'um rei, com tres leões á porta. Ahi estiveram quasi seguros pelo Diabo; mas o talisman da fada fez cahir muito nevoeiro no caminho, e Belzebuth teve de quedar, raivando e espumando pragas, sem vêr dois dedos adiante do nariz. Quando chegaram áquellas paragens amorosas e se deitaram junto da floresta, a noite ia-se estrellando como um lausperenne, quente como a exhalação das almas que têm ciume. Os noivos merendavam beijos no fresco das sombras. Fechavam-se os grandes cactus de sangue plebeu!...

Logo que adormeceram, o Diabo chegou pé ante pé, feito amoroso e languido, tentando d'amores uma mulheraça que o João binoculisava sempre: os olhos luziam-lhe como adagas, e tendo a certeza de que tinham adormecido, lá se foi a pegar fogo á floresta, n'um riso feito de castanholas do inferno.

— Quem os fosse acordar! — tinha dito Flora.

E toda a plateia sentia assim, receiosa do desenlace, com vontade de abanar a fada, de lhe dizer ao ouvido: — Olha que o Diabo vai pegar fogo á floresta! — Que ferro, se o Porco-sujo triumphava, o eterno sicario odiado, que tocava a guitarra de D. Juan debaixo das adufas!

Mas em cinco minutos — já a noite fechâra — a matta começou a arder, a crepitar no fundo, n'uma aurora boreal. Era um grande quadro dos incendios biblicos. O theatro impressionára-se, alguns olhavam as bambinellas, com medo...

— Carágo! é bem arranjado — dizia o Sequeira.

Ao fundo via-se toda a floresta chammejante, como que se sentiam estalar os troncos torcidos como serpes, os troncos da



velha fidalguia vegetal. A rama espessa das arvores selvaticas ardia, em relevos serpentis de braza, como os cabellos incendiados da Terra. Via-se o Diabo, de longe, rindo até ás orelhas, em cima d'um penhasco, carmezim, com qualquer coisa de metallico igneesciente, e o fogo bofava um resfolgo de folles do inferno, — o lavar voraginoso do incendio, como rufos de tambores cobertos de crepes.

Os animaes deviam fugir das cavernas uivando, mugindo, como reis expulsos. O Diabo ria em cima do penhasco. As noivas fugiam do fôfo thalamo das grutas, verdes de musgo, frescas de agua, para o meio d'aquelle ardor febril, desgrehadas, pisadas nos olhos, com a tristeza das aves novas que arrancam do ninho. Todos pediam auxilio ao seu deus, ao seu rei! Cantavam hymnos á arvore sagrada da floresta, que tinha visto o ruir dos annos, as festas das religiões, dos reis e dos amores! Ia arder, ella que tinha dado sombra ao deus dos noivos, quando elle passára alli, fresco como um fructo da Sicilia, na idade de oiro, ao abrir dos seculos...

E não havia uma gota d'agua nas fontes, já as tres princezas sahiam do palacio, e erguidas dos leitos de oiro, erravam quasi núas, as filhas do rei!...

Mas o Diabo cessára de rir: é que a fada tinha despertado, e traçando no ar fulvo o signal cabalístico, pediu o socego, a frescura, o amor e a paz, illuminada no carmim do incendio. Na feliz mutação do scenario em braza, logo o fogo se apagou, via-se parte da floresta queimada, as grutas encheram-se de agua viva, jorrando e refrescando, — e enquanto todos foram, em côro, beber agua nas fontes e saudar a velha arvore sagrada, os dois partiram por montes e valles, como os amantes de ballada romantica, á procura da terra promettida.

(Continúa).

Julio Brandão.



CANCIONEIRO DA «REVISTA»

RELIQUIA

Conservo, dadiva dilecta,
Um ramilhete que me deu
Alguem, que, se eu fosse Julieta,
Seria para mim Romeu.

Quero-lhe como a um bem celeste,
Offerta de anjo ou cherubim,
Ao ramilhete que me deste,
De violetas e alecrim.

Durante dias continuados,
Para lhe dar viço e frescor,
O resguardei com mil cuidados,
O aureolei com meu amor.

De noite, em jarra primorosa
O reclinava, a repousar,
E, mal me erguia, pressurosa,
O ia vêr e contemplar.



Se o desfolhasse! Que receio!
E estremecia da emoção
De o collocar sobre o meu seio,
De o proteger... no coração!

Mas, afinal, o ramo santo,
Do seu affecto o almo penhor,
Já não possui o mesmo encanto,
E vai perdendo o aroma e a côr.

Quem quer que o visse, indifferente,
Olhal-o-ia com desdem;
Mas, para mim, é a mais luzente
Das joias que o meu cofre tem.

Encontro n'elle uma linguagem,
E conversamos muito, a sós,
E então — phantastica miragem! —
Julgo escutar a tua voz.

Na sua côr já desbotada,
(Ah! como é louco o meu sonhar!)
Vejo sorrir a madrugada,
Que esplende ardente em teu olhar.

E, no perfume enfraquecido
Que inda lhe aspiro, diviniso
O odor subtil, nunca esquecido,
Que exhala a flôr do teu sorriso!

Ponta Delgada, 30 de janeiro de 1892.

Alice Moderno.



ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA

Senhora da Esperança, eu te saúdo, ó doce!
 A treva, que crescia ao meu olhar, rasgou-se,
 E um raio de luar suavissimo a illumina.
 O mineiro viu luz a entrar na sua mina...
 E em extasi cahiu de joelhos balbuciando:
 — Bemdita sejas tu, Senhora! Ias tardando!

Ha muito que no céu da minha curta vida
 Espero a tua luz! A ultima estrella é ida;
 O temporal desfaz meu barco sobre as ondas!
 Senhora da Esperança, ó Meiga, não te escondas,
 Salva o fragil barquinho e guia-o, luz do norte,
 Á terra occidental dos tumulos: — a morte!

Senhora! A mocidade, á luz do sol que brilha,
 Sulca o profundo mar n'uma alegre flotilha!
 O Prazer vai ao leme a sorrir e a cantar;
 E o céu azul é um pallio aberto sobre o mar!
 E a vela é cheia, o mar é calmo, a quilha foge
 E a mocidade em côro entôa a canção de Hoje.

Quando declina o sol nas brumas do Occidente
 O Prazer abandona o leme, tristemente,
 E o côro da alegria extingue-se n'um ai...
 Uma figura negra ergue-se á pôpa, e vai
 Em pé, muda, a guiar o barco silencioso...
 Cobre-se o largo céu d'um crepe tenebroso,
 E, cabeça espectral entre as nuvens espessas,
 Vem a lua branquear as pallidas cabeças!

Senhora da Esperança! O meu barquinho leva
 A Saudade a chorar ao leme pela treva...



Guia-me ao porto santo onde fundeia a vida!
 E que a minh'alma possa abrir-se enternecida
 E ficar-te nas mãos, Senhora da Esperança,
 Como um lirio a sorrir nas mãos d'uma creança!

M E M E N T O

Uma estatua de bronze ergue-se além na praça.
 Contempla-a envaidecida a multidão que passa;
 Mas a estatua do heroe n'um pedestal de gloria
 Fixa no espaço azul a pupilla illusoria
 E affronta a multidão no seu gesto immortal.
 — Bronze, que dizes tu? — Firme no pedestal,
 A estatua diz: — «Ajoelha! Amei a Liberdade;
 O homem só é Deus! Ajoelha, Humanidade!»

Dobra um sino na torre... (A Igreja commemora
 Um santo que viveu n'uma perpetua aurora).
 — Bronze, que dizes tu? — «Ajoelha, homem que passa!
 Um homem como tu foi santo... —

E então, na praça,
 D'essa estatua sublime a illusoria pupilla
 Parece que, fitando o sino, ainda fuzila!
 — Homem, que dizes tu? Vaidades loucas só!...
 A estatua é bronze, o sino é bronze e tu és pó!

O U T U B R O

O outono chega. O céu torna-se agora frio.
 O sol não tem calor e o bosque é mais sombrio.
 Uma funda tristeza absorve a luz da tarde...
 E embora o poente, ao longe, as suas tintas guarde



E no pallido azul se escoem lentamente
Nuvens de fogo e neve e rama d'oiro ardente,
A alma que vê chegar o outono desfallece...
Crenças, folhas, — adeus! já tudo amarellece!

Partes. Prouvera a Deus que nunca me olvidasses!
Elle que fez de rosa e neve as tuas faces,
E pôz no teu olhar o brilho immaculado
D'uma estrella tirada a um céu todo estrellado,
Doando ao teu cabelo uma essencia nocturna
De lua a dissolver as sombras d'uma furna,
Fez do teu peito calmo um relicario! E enfim
Para o teu peito, — flôr! deu-me este amor a mim!...

As noites outomnaes têm languidos segredos...
Não vás! A escuridão dos altos arvoredos,
Quando, vermelha e grande, a lua se levanta,
Prateia-se abrigando um rouxinol que canta!
Fica e deixa-me vêr com estes olhos baços
A lua, entre os choupaes, e tu, entre os meus braços!

Depois quando a Manhã no horisonte nevoento
Com seu manto de rosa a fluctuar ao vento
Despontar, apagando as estrellas do céu,
Tu, despregando o olhar da luz febril do meu,
Purpurea, soltar-te-has dos meus braços lethaes
Como a lua triumphal da rama dos choupaes!

João Saraiva.



ESQUISSE
DE LA
MARCHE DE L'ÉTUDE GÉOLOGIQUE
DU PORTUGAL

La géologie est toute récente comme science; pendant bien des siècles, elle rentrait en partie dans la physique, l'astronomie, la chimie, l'étude des mines, la géographie et même l'histoire, car cette dernière donne parfois de précieux renseignements au géologue. On pourrait aussi ajouter la philosophie et la mythologie, quoique ces sciences lui aient incontestablement été plus nuisibles qu'utiles.

Pour écrire une histoire approfondie des *connaissances géologiques du Portugal*, il faudra donc examiner tous les écrits portugais concernant les sciences énumérées ci-dessus, parus depuis les temps les plus reculés jusque vers le milieu de notre siècle.

Celui qui entreprendra ce travail de bénédictin y trouvera certainement beaucoup de satisfaction, mais aussi beaucoup de déceptions! Combien de mémoires n'aura-t-il pas à parcourir sans y trouver de données géologiques, quoique le sujet dont ils traitent les rendent obligatoires!

Les écrits des géographes latins et arabes contiennent beaucoup de faits intéressants sur la géographie physique et sur

l'exploitation des métaux et des pierres précieuses dans la péninsule ibérique. Leur réunion nous renseignerait entre autres sur certains changements dans la forme des côtes et des cours d'eau, surtout sur celle des lagunes, dont les dimensions ont si notablement changé, même depuis le moyen âge. Et ce ne sont pas seulement les écrits des arabes pendant leur domination qui seraient à consulter, car ils continuèrent à porter un vif intérêt aux choses de la péninsule après qu'ils en eurent été expulsés.

La même étude serait à faire pour les chroniques des couvents, qui remplacèrent les écrivains arabes, et pour quantité d'autres écrits concernant l'agriculture, les mines et les travaux publics.

Mais je le répète, les passages utilisables pour la géologie sont bien rares, c'est même le cas pour la plupart des ouvrages parlant du tremblement de terre de 1755, c'est le cas pour les mémoires du grand industriel Jacome Raton, et même pour plusieurs des mémoires économiques publiés au commencement du siècle par l'Académie des sciences de Lisbonne. Nous y voyons des descriptions physiques et agricoles de certaines contrées, dont les auteurs se bornent à dire que le sol est compact ou meuble, sec ou humide.

J'ai souvent regretté que mes occupations ne me permettent que bien rarement de consulter les anciens écrits ne parlant qu'accessoirement de faits géologiques, ou n'en parlant que sous le point de vue des mines ou des eaux minérales; je le regrette en particulier en ce moment car je me vois forcé à me borner à l'histoire de la géologie scientifique.

Au moyen-âge, la géologie se limite à des considérations philosophiques sur la création du monde en sept jours et le déluge biblique, et sur la théorie d'Aristote qui considérait les fossiles comme des «jeux de la nature».

Cette dernière tendance était encore celle de la majorité des naturalistes du xvi^e siècle: les uns considérant les fossiles



comme des pierres figurées, dues à un simple hasard, les autres les considérant comme les produits avortés d'efforts que la nature aurait faits pour produire des êtres organisés, ou encore comme provenant d'œufs d'animaux marins apportés dans l'intérieur des terres par les oiseaux.

A la fin du xvii^e et au commencement du xviii^e siècle, la majeure partie des naturalistes admettaient que les fossiles sont les restes d'animaux amenés au milieu des terres par le déluge et ils cherchaient à établir la distinction entre les fossiles animaux et certaines pierres: minéraux, stalactites, etc., ayant des formes particulières, et n'étant pourtant pas d'origine animale.

Un des champions les plus passionnés de la théorie diluvienne, Bourguet de Neuchatel, publia en 1742 un traité des pétrifications¹, et pour prouver l'universalité du déluge, il y introduisit une liste de localités des quatre parties du monde où ont été trouvés des fossiles. Dans cette liste figure le Portugal avec une localité: Almada.

Comme tous les savants neuchatelois, Bourguet avait beaucoup voyagé, mais il ne paraît pas qu'il ait touché à Lisbonne. Sa connaissance des fossiles d'Almada provient-elle d'un autre ouvrage qui alors serait le premier à mentionner des fossiles portugais, ou bien ces fossiles lui auraient-ils été envoyés par son concitoyen, Daniel de Pury, qui à cette époque habitait Lisbonne et dont le nom a passé à la postérité par suite de sa grande générosité pour tout ce qui touchait au bien public?

Quoiqu'il en soit, je ne connais pas d'ouvrage citant des fossiles portugais antérieurement à Bourguet.

En 1754, le franciscain espagnol Torrubia publia un ouvrage bien analogue à celui de Bourguet, dans lequel il reproduisit la liste des contrées fossilifères de ce dernier, sans ajouter de commentaires. Cet ouvrage fut traduit en allemand et

¹ Cet ouvrage est tantôt cité sous le titre de *Mémoires pour servir à l'histoire naturelle des pétrifications dans les quatre parties du monde*, La Haye, 1742, tantôt sous celui de *Traité des pétrifications*, Paris, 1742. Les noms des auteurs, Bourguet et Cartier ne figurent que par leurs initiales.



publié en 1773, comme étant le seul donnant des renseignements sur la géologie de la Péninsule. Il existait pourtant des ouvrages antérieurs relatifs à l'Espagne.

L'auteur de la traduction, C. G. von Murr, remania et augmenta la table des localités fossilifères de Bourguet. Il est difficile de se rendre compte des dix-huit localités portugaises qu'il cite. Il en est qui, selon toutes probabilités, n'ont pas fourni de fossiles animaux, mais des minéraux qui à cette époque portaient aussi le nom de fossiles. D'autres localités paraissent bien avoir fourni de véritables fossiles, tels sont Marão, dans la province de Entre Douro e Minho; Alcoba (Alcobaça ?), dans la Beira¹; Alcantara, Almada, Ourem et Martinel (Martinnella, à l'Est de Leiria) dans l'Estramadure, Arrabida dans l'Alemtejo. En Algarve, il cite Monchique et Caldeirão où il est fort peu probable que l'on ait rencontré de véritables fossiles.

Dans un appendice, von Murr fait connaître la bibliographie portugaise de l'époque sur toute espèce de sujets, et cite un passage d'une lettre que Linné lui écrivait en 1772, se lamentant sur le peu de connaissance que l'on avait de l'histoire naturelle du Portugal. Sur ce chapitre, von Murr ne cite que l'*Historia natural dos Terremotos*, et dit que l'on découvrirait certainement des choses intéressantes dans le règne minéral, à en juger par les différentes espèces de marbres citées par Luiz Mendes de Vasconcellos, dans ses dialogues intitulés: *Do sitio de Lisboa* (1608).

Cet auteur se borne à dire que l'on fabrique de la chaux à Lisbonne, et que des marbres de différentes couleurs se trouvent dans les environs et à Estremoz.

Pourtant Antonio de Vasconcellos, qu'écrivait en 1821, avait donné plus de renseignements. En outre trois mémoires botaniques de Vandelli portent pourtant une date antérieure à 1772. Comment se fait-il que von Murr n'en ait pas eu connaissance, lui qui était en correspondance avec Linné, et ce

¹ Il va sans dire qu'il s'agit des anciennes provinces.



dernier avec Vandelli? Ces mémoires auraient-ils été antédats, fait qui se présente parfois de nos jours?

Les fables du moyen-âge n'étaient pourtant pas encore mortes, preuve en est un mémoire du P. João de Loureiro, publié vers 1784 par l'Académie des sciences de Lisbonne. Ce missionnaire, qui était un bon observateur en botanique, exposa une théorie fort curieuse sur la pétrification des crabes en Cochinchine, qui aurait eu lieu par des «exhalações metallicas de certos sitios, reinando principalmente na occasião em que os carangueijos mudam de casca. Esta acção se faz tambem sentir nos homens que trabalham nas minas d'ouro d'aquelle paiz e aos quaes endurece o ventre, de tal fórma, que parece um principio de petrificação».

A la fin du siècle dernier, il y eut un réveil de l'esprit d'observation, bien visible, dans les mémoires de l'académie de Lisbonne. Ce sont des communications en général de peu d'étendue, mais nombreuses, ce qui prouve qu'il y avait un public y trouvant de l'intérêt. Ce mouvement fut de courte durée, car de 1817 à 1850 les mémoires de l'académie ne nous montrent en fait de géologie que le mémoire de Mousinho d'Albuquerque sur Madère et les mémoires d'Eschwege.

Les sciences naturelles y sont mieux représentées en botanique, en zoologie et en chimie qu'en géologie, qui pourtant peut tirer quelque profit des articles économiques de Manoel Ferreira da Camara, de Estevão Cabral et de Domingos Vandelli.

Ce dernier, docteur de l'université de Padoue, était venu en Portugal vers 1765 sur l'invitation du marquis de Pombal, probablement comme professeur du Collegio dos Nobres. En 1772, il passa à l'université de Coïmbra.

Vandelli était surtout botaniste; ses travaux se rattachant à la géologie ne consistent qu'en petits mémoires se référant à l'utilisation de quelques produits du sol. Un seul a une tendance scientifique, ce sont quelques pages intitulées *De Vulcano Olisiponensi et Montis Erminii*, dans lequel il indique la présence du granit et du basalte dans différentes régions du



pays. Il en conclut à l'existence de volcans remarquables, dont l'histoire n'a pas gardé le souvenir.

Pendant cette même période, Manoel José Barjona publiait deux mémoires sur la métallurgie et la minéralogie, travaux fort érudits assurément, mais qui ne parlent pas du sol portugais. Deux autres docteurs de Coimbra ont une bonne réputation comme minéralogistes, ce sont João Antonio Monteiro et José Bonifacio de Andrada e Silva. Le premier fit d'importantes études à Paris et en Allemagne et ne revint pas en Portugal; le deuxième publia par contre des observations sur les mines et la métallurgie en Portugal.

C'est en 1801 que parut le premier travail pouvant réellement compter comme ouvrage géologique. Il est dû à un professeur de l'université de Göttingen, H. T. Link, qui étudia le Portugal de 1797 à 1799 et nous dit qu'il n'y a pas une montagne importante qu'il n'ait vue et étudiée.

A cette époque, la géologie était à son berceau; la grande préoccupation était la lutte entre les neptunistes et les plutonistes, les uns attribuant tout à l'eau et les autres voyant partout l'effet du feu souterrain.

L'application des fossiles à la connaissance de l'âge des strates avait déjà été émise, mais elle était restée lettre morte et ce n'est qu'en 1799 qu'elle fut bien démontrée par le tableau des terrains que dressèrent W. Smith et Richardson, tableau qui se répandit rapidement dans le monde savant, quoiqu'il fut à l'état de manuscrit.

Link examine le Portugal du Nord au Sud, province par province, en citant les faits les plus remarquables de chacune d'elles, parlant non seulement de ce qu'il a vu, mais utilisant les données contenues dans les mémoires de l'académie de Lisbonne et divers renseignements.

Malgré des erreurs manifestes, comme l'admission du mercure à Coïna, l'ouvrage de Link est fort important pour l'époque à laquelle il a été écrit.

Il classe les montagnes d'après leur nature pétrographique, classification qu'il nomme «géologie minéralogique ou géogno-



sie», et distingue quatre membres successifs dans la composition de la croûte terrestre:

- a) Une assise de granite;
- b) Une assise de grès comprenant des schistes, des conglomérats et quelques couches de calcaire;
- c) Une assise moyenne dans laquelle il range les argiles, les ardoises, le gypse, le sel, le charbon, le porphyre, le trapp, le basalte, etc.;
- d) Une assise de calcaire comprenant toutes les strates supérieures, aussi bien calcaires que gréseuses, dans lesquelles de nombreux animaux marins, pétrifiés, montrent que ces strates ont été formées par la mer.

Cette dernière division lui donnait à penser, car au cap d'Espichel il avait vu «du calcaire fossilifère reposant sous le grès, tandis que c'est le contraire qui a généralement lieu».

Le basalte lui donne aussi des préoccupations; il se déclare partisan de son origine neptunique, mais admet la possibilité que certains basaltes ont été modifiés par l'action volcanique. Contrairement à Humbolt, il ne croit pas que le basalte repose sur le calcaire, il suppose que c'est le contraire qui a lieu, mais il ne trouve pas de preuves probantes en Portugal. Humbolt avait émis cette opinion par rapport aux basaltes de Ténériffe, qu'il considère comme le prolongement des montagnes basaltiques portugaises.

Cette mention de Humbolt se rapporte probablement à une lettre, car les publications de l'illustre voyageur sont postérieures à celles de Link. Humbolt a quitté la Corogne le 5 juin 1799, sans toucher aux côtes portugaises à cause des croiseurs anglais. Il dit dans la relation de son voyage: «Nous passâmes le cap St Vincent, qui est de formation basaltique, à plus de quatre-vingt lieues».

Vandelli ne parlant pas du cap St Vincent, on doit supposer que Humbolt avait eu communication d'un échantillon de basalte de ses environs et qu'il aura généralisé sans voir, car personne ayant été au cap n'a pu confondre le calcaire qui le forme avec du basalte.

Link parle aussi de la description de la caverne d'Alcantara par Rosenmuller et Tilesius, ouvrage que je ne connais pas.

— Un voyageur anglais passant à Lisbonne en 1823, consacra une journée à l'examen des environs de l'aqueduc d'Alcantara et d'Almada. Ses observations sont consignées en tête de son ouvrage: *Excursions dans les isles de Madère et de Porto-Santo, etc.* publié en 1826. Malgré leur breveté, elles contiennent un fait important: la preuve que les falaises d'Almada appartiennent au TERTIAIRE.

— Le baron d'Eschwege, qui fut lieutenant général des mines, intendant général des mines et métaux du royaume de Portugal et Algarve, et directeur général des mines d'or de la capitanie de Minas Geraes au Brésil, publia de 1820 à 1837 diverses notices sur les mines et la géologie du Portugal, parues pour la plupart dans les mémoires de l'académie de Lisbonne.

Ses essais de synchronisme des terrains des environs de Lisbonne avec ceux de l'Europe centrale, basés sur l'aspect pétrographique, ont entièrement échoué. C'était pourtant un grand pas de fait en comparaison des travaux de Link, aussi une édition allemande de ces mémoires fut-elle publiée dans les Archives de Karsten.

Il publia des dessins des Rudistes d'Alcantara, qu'il considérait comme des hippurites tout en admettant un âge jurassique pour les couches qui les contiennent. L'éditeur des archives mit en note au bas de la page que les dits fossiles doivent être crétaciques, et non pas jurassiques. L'édition portugaise est suivie d'une note d'Alexandre Antonio Vandelli, rectifiant la classification de ces fossiles et en faisant connaître d'autres.

— Nous trouvons aussi quelques fossiles portugais mentionnés par Hœninghaus, négociant à Kriefeld en Allemagne, qui publia en 1830 le catalogue de sa collection; ce sont les premiers fossiles dont la détermination soit assez exacte pour que l'on puisse en conclure à l'existence du Jurassique. Ces fossiles furent en partie décrits et figurés par Goldfuss dans son *Petrefacta Germaniæ*.



— C'est encore d'un négociant que nous avons à nous occuper, mais celui-ci visita le Portugal à plusieurs reprises, et ses travaux paléontologiques ont une telle valeur scientifique qu'il fut élu président de la Société géologique de Londres.

Daniel Sharpe publia une série de travaux sur le Portugal, de 1832 à 1853. Il avait compris que la sédimentation s'est effectuée en Portugal d'une façon différente que dans le reste de l'Europe, que par conséquent le démembrement des systèmes en étages et sous-étages ne peut pas être calqué sur celui de l'Europe centrale. Actuellement, ses descriptions stratigraphiques n'ont plus guère qu'une valeur historique, mais il reste ses descriptions de fossiles, qui forment la base de la paléontologie portugaise et qui ont d'autant plus de valeur qu'il partagea la besogne avec d'autres paléontologistes pour tous les groupes de fossiles ne rentrant pas dans ses études spéciales.

Le cadre de la REVISTA ne me permet pas d'entrer dans des détails sur les travaux de Sharpe, qui pendant bien des années ont servi de base à toutes les considérations géologiques faites sur le Portugal.

Les deux petites cartes régionales qui accompagnent les mémoires de Sharpe et la carte du district vinicole du Alto-Douro, par José Pinto Rebello de Carvalho (1848), sont les premiers essais de représentation de la nature du sol.

Bientôt après, 1853, le botaniste Willkomm se servit de ces cartes ainsi que des descriptions de Link et de ses propres observations pour composer la partie portugaise d'une carte de la Péninsule, donnant les rapports entre la constitution géologique du sol et la distribution de la végétation actuelle. C'est cette carte de Willkomm qui paraît avoir été copiée par Dumont dans sa carte géologique de l'Europe.

Il en est de l'histoire de la géologie comme de l'histoire des peuples; ses périodes empiètent généralement les unes sur les autres, certains faits continuent tandis que d'autres tendances se font jour. Ce que nous avons vu jusqu'ici constitue deux



périodes bien distinctes: l'une est celle des anciens auteurs hébreux, latins et arabes et des philosophes qui les commentaient au moyen-âge; l'autre commence avec la renaissance de l'esprit d'observation, vers la fin du siècle dernier. Elle continue jusqu'au-milieu de notre siècle par des travaux locaux de géologues amateurs, et par des géologues étrangers.

Le manque de relations géologiques de ces auteurs et le manque de moyens d'instruction se font sentir dans tous ces travaux, et ce sentiment fait comprendre de différents côtés la nécessité de la création d'un établissement permettant la collectivité et la continuité des études, conditions aussi indispensables dans la science que dans l'industrie, le dit établissement garantissant en outre la conservation des matériaux et des documents qui, avant d'être livrés au public, ont besoin d'être complétés par d'autres découvertes. Celles-ci ne peuvent souvent se réaliser que plusieurs années plus tard, de sorte que ce n'est pas toujours celui qui a commencé ces études qui peut les continuer.

Dans cette troisième période de l'histoire géologique du Portugal, on n'en est plus réduit à des efforts isolés, dûs pour la plupart à des voyageurs en passage; c'est la géologie du pays, étudiée sous la protection de l'état par des géologues ne se bornant pas à l'étude d'un sujet limité, mais pouvant amasser des matériaux pour l'étude générale du pays, parce qu'ils ont la certitude que le temps qu'ils y consacrent ne sera pas perdu, car leurs observations serviront à d'autres, s'ils ne peuvent pas les terminer eux-mêmes. En outre, ces géologues *de profession* acquièrent forcément une somme de connaissances beaucoup plus grande que celle des géologues amateurs; non seulement au point de vue de la géologie purement scientifique, mais aussi dans la direction utilitaire, branche de la géologie inséparable de la première. Ces connaissances sont mises à profit tant pour les services publics que pour des entreprises particulières.

Jusqu'ici les travaux géologiques étaient tellement rares et si peu étendus que je pouvais en mentionner le contenu. Pen-



dant la période qui suit, ces travaux sont trop vastes pour les analyser, ils sont même trop nombreux pour que j'en indique les titres.

La première tentative de fondation d'un établissement géologique paraît avoir été faite par Charles Bonnet. Ses premières études en Algarve semblent être dues à l'instigation d'une entreprise minière, mais dans l'avant-propos de son mémoire sur cette province, publié en 1850 par l'Académie royale, il annonce qu'un décret passé aux Cortes le charge de faire une étude analogue pour les autres provinces du royaume, et dans le frontispice de ce mémoire, il porte le titre de président de la Commission géologique du Portugal. Le *Diario do Governo* parle en effet de sommes votées pour explorations géologiques, mais il ne dit pas mot de cette commission géologique qui n'a, en tous cas, existé que sur le papier et sur laquelle j'ai en vain demandé des renseignements. Un peu plus tard, Izidorio Emilio Baptista revenait de France où il avait pu constater l'obscurité régnant sur tout ce qui concerne l'étude du sol portugais et la nécessité d'en sortir par l'entremise d'un établissement public. Ses efforts pour sa création furent simultanés de ceux de Carlos Ribeiro, alors chef du bureau des mines, et qui réussit à fonder la commission géologique en 1857.

Les premiers travaux de Carlos Ribeiro sont antérieurs à cette date; ils consistent dans l'étude des mines de charbon et de fer des districts de Coimbra et de Leiria et dans l'étude des conditions géologiques des environs de Lisbonne, en vue de l'approvisionnement d'eau de cette capitale. Ces sujets utilitaires sont essentiellement du ressort de la géologie, aussi Carlos Ribeiro chercha-t-il à leur donner tout le cachet scientifique en rapport aux moyens d'étude dont il disposait.

A cette époque, on se ressentait encore des exagérations plutonistes qui avaient succédées aux exagérations neptunistes. Le soulèvement des montagnes par les agents volcaniques était encore généralement admis, tendance erronée, dont les travaux de C. Ribeiro sont malheureusement trop empreints.

Une des études de C. Ribeiro qui le fit le plus connaître à



l'étranger est sa description des charbons de S. Pedro da Co-va. Sharpe les avait considérés comme inférieurs au Silurique et cette explication avait été admise dans les traités élémentaires de géologie qui citaient cette localité comme exceptionnelle. Carlos Ribeiro montra qu'il y avait simplement un renversement des strates, et son mémoire traduit dans le *Neues Jahrbuch* mit fin à cette erreur¹.

La commission géologique eut des débuts laborieux; il s'agissait de créer une bibliothèque, des collections de comparaison et de pousser activement l'étude du sol portugais. Les résultats obtenus montrèrent que ses membres ne faillirent pas à cette tâche; les collections s'amassèrent rapidement et des mémoires importants furent publiés par MM. Ribeiro, Pereira da Costa et J. F. N. Delgado.

La tâche était beaucoup trop vaste pour un personnel restreint, aussi eut-il recours à des paléontologistes du dehors, nationaux ou étrangers, pour l'étude de certaines spécialités, conformément à ce que font aujourd'hui les instituts géologiques des pays les plus avancés dans la science.

La lumière se faisait au-milieu du chaos, les directeurs de la commission crurent pouvoir commencer la publication de quelques feuilles de la carte géologique à l'échelle de 1:100000, levées par C. Ribeiro. Ce dernier reconnut plus tard que cette publication avait été prématurée et qu'elle aurait dû attendre une étude plus détaillée des divisions stratigraphiques à y introduire.

Malgré l'immensité du travail à accomplir, malgré la facilité de la division de ce travail entre les divers opérateurs de la commission, il se produisit une mésintelligence entre ses deux directeurs, et cet établissement fut dissout en 1868.

Les matériaux amassés ne devaient pourtant pas rester sans utilisation. En décembre 1869, l'établissement renaissait,

¹ Il existe pourtant encore des traités de géologie qui citent du charbon silurique en Portugal.



comme section de la direction générale des travaux géodésiques, et MM. Ribeiro et Delgado pouvaient continuer leurs études.

Cette interruption avait pourtant causé un retard beaucoup plus grand que le temps auquel elle correspond. Les collections de comparaison, le laboratoire de chimie et une notable partie des collections du pays avaient passés au musée de l'École polytechnique, il fallait donc créer à nouveau!

Faire et défaire est travailler! assurément, mais c'est un travail improductif, décourageant. Une partie des collections transportées à l'École polytechnique était indispensable pour la continuation de mémoires commencés; l'animosité qui régnait entre les deux directeurs en rendait la communication impossible. Une autre partie, mise en caisse pour le transfert avait perdu les indications de provenance et devenait un balast inutile.

Pour Carlos Ribeiro, ces tracas et ces pertes de temps eurent pour conséquence qu'il ne publia jamais la description générale du Portugal, travail qu'il avait depuis longtemps en vue.

Les travaux du Dr. Pereira da Costa furent encore plus frappés. Il avait commencé la publication d'un travail monumental, la description de tous les fossiles tertiaires du Portugal; deux fascicules avaient déjà parus, et les planches d'un troisième étaient en partie terminées. Ce travail ne fut pas continué quoique toutes les collections le concernant aient été incorporées à l'École polytechnique, et que son auteur ait eu une subvention spéciale dans ce but.

La Section des travaux géologiques suivit les traces de la Commission. La carte géologique du pays, à l'échelle de 1:500000, dressée par MM. Ribeiro et Delgado fut publiée en 1876, et des mémoires importants provenant des membres de l'établissement, ou provoqués par leurs recherches, vinrent bientôt se joindre à ceux de l'ancienne commission.

En 1886 eut lieu un nouveau changement, mais celui-ci se fit sans entraîner de perturbations dans les études. L'établisse-

ment fut séparé de la direction des travaux géologiques et réuni au bureau des mines, sous le nom de Commission des travaux géologiques du royaume; cette nouvelle position est conforme à celle de la plupart des établissements de ce genre existant en Europe.

— Le cadre de cet article ne me permet pas de parler des divers travaux géologiques entrepris par le bureau des mines, je ne puis pourtant pas le terminer sans dire quelques mots sur les plus puissants moyens de diffusion des sciences géologiques: l'enseignement et les collections.

Au siècle dernier, la géologie faisait une triste figure dans les musées. Des minéraux et des fossiles, recueillis par les «curieux de la nature» étaient généralement placés au-milieu des objets les plus divers. Le plus souvent, on les réunissait suivant leurs couleurs ou leurs formes, soit dans des boîtes vitrées, divisées et ornementées comme les reliquaires des églises, ou bien on incrustait les échantillons de taille moyenne dans des pyramides de bois dont la surface était ornementée par les petits échantillons et par des minéraux à éclat métallique, réduits en menus débris.

Les anciennes collections de Lisbonne suivaient naturellement la mode de l'époque; j'ai retrouvé de ces reliquaires et de ces pyramides dans les réduits de l'Académie des sciences.

La collection d'histoire naturelle la plus ancienne est celle qui existait dans les dépendances du palais d'Ajuda, et qui d'après M. le Dr. Barbosa du Bocage était un simple cabinet de curiosités, créé pour l'usage et le plaisir des rois, et complètement inutile à la science.

La majeure partie des objets qu'elle contenait provenait des possessions d'outre-mer; ce n'était naturellement que des objets de choix que l'on avait envoyés au souverain, mais les produits du pays y étaient par contre fort mal représentés. Link s'exprime fort durement à leur sujet et au sujet du conservateur des collections, Domingos Vandelli, en tant que géologue. Pourtant il est juste de dire que Vandelli a rendu



de grands services à la science et à l'industrie en Portugal¹.

En 1836, les collections d'Ajuda furent réunies à celles de l'Académie des sciences, mais le tableau qu'en fait M. le Dr. Barbosa du Bocage nous montre qu'elles n'y furent pas plus utilisées qu'à Ajuda. Enfin en 1858, elles furent incorporées à l'École polytechnique et ce n'est que de cette époque qu'elles peuvent réellement être considérées comme collections géologiques.

Les collections de l'École polytechnique contiennent, en plus des anciennes collections d'Ajuda et de l'Académie, les collections étrangères achetées par la commission géologique, et elles se sont annuellement augmentées par des achats. La partie minéralogique est incontestablement fort riche, ce qui provient en grand partie des anciennes collections d'Ajuda; malheureusement l'abandon dans lequel elles ont été pendant si longtemps a eu pour résultat la perte des provenances de beaucoup d'échantillons.

Parmi les collections stratigraphiques étrangères se trouvent quelques collections partielles de grande valeur, pourtant l'ensemble n'est pas uniformément représenté et les collections du sol portugais laissent surtout à désirer.

La bibliothèque jointe aux collections est bonne; elle est pourtant moins riche que celle de la commission géologique, que je qualifierai de très bonne. Grâce à des achats faits par l'ancienne commission, elle contient différents ouvrages anciens qu'il est fort difficile de se procurer actuellement; par les échanges de ses publications avec celles de la presque totalité des services géologiques des cinq parties du monde, et avec divers instituts et sociétés savantes, elle a acquis des collections de mémoires dont quelques-uns remontent à la fondation de ces établissements.

Les collections de la commission sont formées uniquement

¹ Voyez: Joaquim Augusto Simões de Carvalho, *Memoria historica da faculdade de philosophia*. Coimbra, 1872.



en vue de l'étude du sol portugais, et non pas avec la tendance d'un musée à l'usage du public. Une partie est pourtant disposée dans des vitrines mais le manque de place oblige à en tenir caché la plus grande partie. Le personnel est du reste trop restreint pour procéder aux arrangements nécessaires pour rendre ces récoltes utilisables par le public, car il ne suffit pas de mettre sous ses yeux des échantillons, il faut les disposer de façon à ce qu'il puisse au premier coup d'œil saisir tout ce qu'il y a d'instructif dans le spécimen qu'on lui soumet. Il faut qu'une pareille collection soit, suivant l'expression du directeur du Musée de Washington: «Une collection d'étiquettes explicatives, illustrées par des échantillons».

Que dire des collections de Coïmbra? Actuellement les réparations qui se font dans l'établissement ont obligé à mettre en caisses, la presque totalité, mais je les ai vues il y a une 12^e d'années, et je dois avouer qu'elles ne m'ont pas laissé une bonne impression. La minéralogie y était suffisamment représentée, au delà peut-être des besoins de l'enseignement, mais c'était loin d'être le cas pour la stratigraphie et la paléontologie, et la géologie du Portugal y faisait complètement défaut, car les quelques fossiles sans détermination de niveau ni de localités qui s'y trouvaient, ne peuvent nullement constituer une collection scientifique.

Ce délaissement de la géologie, surtout de la géologie du pays, s'est du reste fait sentir jusqu'à ces dernières années dans toutes les chaires de géologie du pays; la raison en est fort simple; la cristallographie et la minéralogie peuvent s'étudier en cabinet. Pourtant en 1779, la faculté de philosophie de Coïmbra avait déjà reconnu la nécessité de faire faire des voyages d'observation aux élèves.

En Portugal, la séparation des chaires de minéralogie, de géologie et de paléontologie n'a pas encore eu lieu. Par les réformes de 1772, le marquis de Pombal transforma l'ancienne *Faculdade de Artes*, (fondée à Lisbonne en 1288) en une faculté de *Philosophia natural* comprenant une chaire d'histoire naturelle pour l'étude des trois règnes de la nature.



La réforme de 1836 sépara les diverses branches et créa une chaire de *mineralogia, geologia e arte de minas*, mais les lignes stupéfiantes qui ont été écrites en 1878 sur les collections et l'enseignement géologique à l'Université¹ font voir qu'à cette époque l'Alma Mater ne pouvait pas avoir une influence favorable sur la diffusion de cette science en Portugal.

La chaire de *minéralogie et géologie* de l'École polytechnique de Lisbonne date de la fondation de cet établissement, en 1837; celle de l'Académie polytechnique de Porto, en 1883. L'Institut industriel de Lisbonne, fondé en 1852, a aussi une chaire de minéralogie et géologie; ses collections sont des collections d'enseignement qui, d'après ce que j'ai entendu dire, sont bien proportionnées à leur but, du moins pour la minéralogie.

Les collections de Porto ont été jusqu'à ces dernières années dans l'état des collections des siècles derniers², mais elles ont été réorganisées et deviendront sans aucun doute de véritables collections scientifiques. Mentionnons enfin une collection de Portugal et des Colonies, en voie de formation à la Société Géographie de Lisbonne, et nous aurons énuméré toutes les grandes collections du pays. Il existe certainement quelques petites collections géologiques destinées à l'enseignement; la Commission géologique a déjà eu plusieurs fois l'occasion d'en fournir, mais elles ne peuvent pas compter parmi les collections scientifiques.

Il est une catégorie de collections géologiques qui manque encore complètement, du moins pour le public; ce sont les collections de géologie appliquée.

Il est vrai que depuis peu, on a à l'École polytechnique, réuni dans une vitrine les échantillons de roches et de minéraux travaillés, mais ce n'est qu'une faible partie d'une collection de

¹ Organização e estado actual da Universidade de Coimbra.

² Voyez Rocha Peixoto, *O Museu Municipal do Porto et Catalogo do Gabinete de mineralogia, geologia e palcontologia da Academia Polytechnica do Porto*. Porto, 1891.



géologie appliquée. Cette dernière met sous les yeux du visiteur des exemples de toute la série des produits provenant du sol, aussi bien dans leur état naturel qu'après leurs transformations. Elle lui fait connaître non seulement les produits utilisés dans le pays, mais elle lui fait aussi voir ceux qui sont utilisables, en lui montrant le profit qu'on en tire dans les autres pays.

Les collections de produits miniers des expositions de Lisbonne et de Porto ne remplissaient qu'une partie du programme d'un pareil Musée et pourtant l'intérêt qu'elles provoquèrent montre incontestablement leur utilité et l'accueil favorable que le public leur réserve¹.

Avril — 1892.

Paul Choffat.

¹ *Catalogo descriptivo da secção de minas da exposição nacional das indústrias fabris*, por J. A. C. das Neves Cabral, Severiano Monteiro e J. A. Barata. Lisboa, 1889.



A QUESTÃO COLONIAL

O problema da povoação, exploração agrícola e desenvolvimento commercial, ou, n'uma palavra, do aproveitamento dos vastos territorios que constituem o nosso dominio colonial ultramarino, é de natureza bastante complexa para ser estudado no seu conjuncto, porquanto se relaciona com outros de naturezas differentes, cuja resolução se impõe parallelamente.

Algumas das possessões portuguezas (Angola e Moçambique) estendem os seus territorios por varios graus de latitude e longitude, e umas e outras differem entre si de distancias computadas tambem em muitos grãos.

Comportam portanto no seu gremio raças indigenas muito differentes, isto tanto de uma colonia para a outra como dentro da mesma colonia; e da mesma fórma possuem differenças muito notaveis de climas.

Entre essas raças algumas ha que nos podem ser auxiliares importantes de colonisação agrícola e de exploração commercial, outras com quem apenas poderemos permutar as mercadorias da Europa pelos generos e productos indigenas, sem encontrar n'ellas os auxiliares indispensaveis de trabalho para as obras publicas, explorações mineiras e arroteamentos agrícolas, e outras ainda, infelizmente não em pequeno numero, intei-



ramente hostis a qualquer tentativa de colonisação ou de commercio.

Encaradas agora sob o ponto de vista do seu clima, em que entram como factores importantes a temperatura, a altitude e a salubridade, essas possessões, na sua totalidade ou por regiões, podem prestar-se á colonisação fixa, propriamente dita, do europeu, indefinidamente ou por algumas gerações, ou serem inteiramente improprias.

Evidentemente d'essas possessões só as que se poderem prestar a uma colonisação indefinida estão destinadas a transformar-se, n'um periodo mais ou menos largo, em florescentes colonias e a virem a ser além dos mares um prolongamento da alma patria e uma solida e segura continuação da sua nacionalidade e do seu estado; e se entre ellas houver, como ha, differenças tamanhas de climas que se traduzam em efeitos tão extraordinarios e importantes sobre a sua população, muito conveniente e necessario se torna extremar umas das outras e fundar sobre as primeiras as bases solidas do nosso edificio colonial futuro.

E este um principio do mais vulgar criterio que leva o lavrador a plantar a horta na terra funda e regada, e a semear o matto entre os rochedos das encostas pedregosas das montanhas.

No caso de uma colonisação temporaria estão algumas regiões da India, onde parece estar provado que o europeu não pôde existir sem mistura além da quarta ou quinta geração, no entanto o espaço de tempo sufficiente para assegurar em beneficio do seu paiz a perpetuidade dos seus esforços e para colher largamente, em seu proveito proprio e dos seus descendentes, os resultados da sua iniciativa.

E no entanto ahi mesmo o governo inglez extremamente pratico, tem-se limitado a explorar commercialmente o paiz sem promover a sua colonisação, dizendo um dos seus melhores escriptores contemporaneos a respeito d'essa possessão: «a Inglaterra está separada da India por uma das mais poderosas barreiras que a natureza pôde levantar entre dois paizes. A natureza tornou impossivel a colonisação da India pelos inglezes



dando-lhe um clima onde, em geral, as creanças inglezas não podem viver».

No caso ultimo, considerado, estão a maior parte das nossas colonias africanas.

Estes pontos de vista, raças indigenas e climas, são sem duvida dos mais importantes senão os principaes a estudar, porquanto do seu conhecimento completo depende a escolha do systema de exploração colonial mais adequado.

Mas a existencia da colonia funda-se na emigração, e para que esta se dê é necessario que de um lado haja excesso de população e do outro deficiencia; e para que a colonia subsista e prospere é evidente ainda a necessidade de que o emigrante n'ella encontre condições mais favoraveis de existencia do que no ponto de onde emigrou.

Uma colonia, segundo a idéa moderna, é uma sociedade formada pelo excesso dos habitantes de uma outra sociedade.

A pobreza e o excesso de população n'um paiz tem por consequencia a emigração para um paiz menos povoado e mais rico ¹.

Esta emigração não se pôde, porém, fazer para as colonias fazendas, em que o europeu se não pôde fixar e onde o clima lhe não permite a pratica dos trabalhos agricolas que são feitos com braços indigenas, com uma população apenas de proletarios, pois que o desbravamento dos terrenos e as plantações de especies proprias dos climas tropicaes, como a canna de assucar, o café, o cacau, as quinas e as palmeiras, demandam um certo capital que o colono precisa ter á sua disposição e sem o qual de nada lhe pôde servir a posse da mais vasta propriedade territorial.

A emigração constitue, pois, uma questão parallela a estudar por quem se proponha resolver o importante problema colonial.

Porém o colono para desbravar e agriculturar o terreno, o mineiro para descobrir e desentranhar da terra o filão promet-

¹ Seeley.



tedor de riquezas, seja ferro ou ouro, seja carvão ou diamante, e os commerciantes para dilatarem e desenvolverem os seus mercados, carecem da protecção effectiva do estado; aquelles não arriscarão os seus esforços, nem estes as suas fazendas, e uns e outros as suas vidas, sem que a protecção de bandeira, pelo menos, lhe prometta as necessarias condições de segurança.

Mesmo quando os negociantes e os mineiros, na ambição desmedida de grandes lucros, se aventurem aos riscos da vida em contacto com tribus não avassalladas e policiadas, a colonisação propriamente dita é que não poderia ter logar. A existencia d'esta funda-se na propriedade territorial e essa propriedade não pôde existir sem a garantia do estado.

O colono precisa pois, que o estado avance na posse do terreno sempre a seu lado, sem o que, a todo o momento, correrá risco de ser assassinado pelos indigenas que cubiçam os seus haveres, ou atacado pelos colonos rivaes de outras nacionalidades.

Todos os dias nós vemos como as colonias do interior de Angola se queixam dos regulos indigenas que lhes roubam os gados e os productos das suas culturas¹, e quem isto escreve teve o desgosto de, por motivo de rivalidade de colonos de outra nacionalidade, vêr perdido bastante trabalho e muitas canceiras e cuidados, que julgou proficuos e duradouros.

Evidentemente todo o trabalho feito n'estas condições enlerma na sua origem de pouca estabilidade e segurança, e não pôde ser um trabalho fecundo e progressivo.

O proprio commercio feito nas condições acima e mesmo quando coroado de exito feliz, é evidentemente util apenas para o individuo que o pratica, mas de pouco ou nada serve á comunidade de que esse individuo faz parte.

O paiz o que tem a vêr é com a corrente de commercio estabelecida e continua. Tudo o que tenha o character de façanha ou empreza aventureira e isolada, de pouco lhe deve importar. Uma fortuna millionaria feita nas mais extraordinarias cir-

¹ Refiro-me ás colonias do planalto de Chella.



cumstancias por um dos seus commerciantes no interior de qualquer colonia deve importar-lhe infinitamente menos que uma dezena de fortunas mediocres feitas por outros de seus filhos nas mais normaes condições de commercio estabelecido.

A nós só nos interessa, sob o ponto de vista do fomento colonial, tudo o que é duradouro, tudo o que uma vez conseguido se obtenha todas as vezes que se repitam as mesmas condições de agente e de local.

O estado necessita, portanto, de policiar essas regiões á medida que a colonisação n'ellas se vai fixando e que as relações commerciaes se vão estabelecendo; muitas vezes mesmo antecipando-se ao esforço particular no desbravar do caminho da civilisação.

Poder-me-hão objectar não ser inteiramente necessaria esta protecção, apontando-me entre muitos outros exemplos o de Silva Porto, que no sertão precedeu de tantos annos a acção do governo e mesmo, ao inverso do que deveria suppôr-se, foi o protector e não o protegido da bandeira nacional.

É esse um facto real mas isolado, manifestação de uma enorme energia individual, sem um resultado pratico correspondente, e para a questão do nosso dominio o que nos importa é «a continuidade de esforços, é a accumulção do trabalho, é o aproveitamento local das heranças, é a tradição da familia, é a sobreposição dos esforços dos filhos aos dos paes»¹.

E, sem duvida alguma, essa continuidade só é garantida pela protecção do estado.

A policiação pelo estado é portanto como affirmção de uma auctoridade *una* e ininterrupta perante o indigena, e como ligação e garantia dos differentes esforços particulares, extremamente necessaria.

Mas o estado que policia, administra ao mesmo tempo.

As relações que prendem uma colonia á metropole, quer de ordem moral quer de ordem material, não podem ser com-

¹ *Caminho de ferro de Mossamedes ao Bihé*, pelo engenheiro J. Machado,



paradas ás relações de affecto que ligam o pae a um filho, e muito menos devem ser abrangidas na definição de Turgot, a que a independencia prevista por elle dos Estados-Unidos, veio dar foros de principio geral, que «a colonia é um fructo que apenas depende da arvore até á sua maturação».

Se assim fosse, era licito primeiro que tudo perguntar se esse filho valia o sacrificio de vidas e de dinheiro que custa a sua educação; era licito discutir se o estado tinha o direito de sacrificar o bem-estar da maior parte ao beneficio de alguns.

Essas relações, porém, fundam-se n'uma mutua troca de serviços e n'uma correspondencia reciproca de sacrificios e de utilidades. N'um interesse de união commum.

Se no começo da sua existencia as colonias não podem subsistir pelo *self-sustaining principle* dos inglezes, é necessario, porém, que uma apropriada, sobria e zelosa administração regularise o Deve e Haver entre a metropole e a colonia, de fórma a reduzir com o passivo d'esta o sacrificio d'aquella ao minimo possivel.

Uma colonia não pôde ser uma propriedade de rendimento que a metropole explore em beneficio exclusivo, mas não nos parece tão pouco dever ser uma estancia de prazer e recreio, ou velho solar de tradições historicas, pela conservação dos quaes a metropole se endivide e arruine.

A conferencia de Berlim veio-nos acordar do largo torpôr em que jaziamos mergulhados, accusando-nos do condemnavel desmazelo com que durante seculos tinhamos descurado da boa utilização das largas regiões do ultramar que estavam sob o nosso dominio, e depois d'ella, n'este pequeno lapso de tempo decorrido até hoje, levados pelo louvavel desejo de compensar pela actividade presente o grande desleixo do passado, temos talvez gasto improductivamente e sem resultados immediatos ou provaveis, uma grande somma das nossas energias e dos nossos haveres.

Tem-se por vezes feito a comparação de Portugal a um morgado negligente da administração dos seus haveres, que acordou um dia arruinado pela má fé dos feitores que embolsa-



ram o melhor das rendas e deixaram, ainda em cima, que estranhos o espoliassem da mais valiosa parte da herança herdada.

Arruinado e pobre se pede á justiça a restituição do que lhe foi tirado fraudulentamente, n'este tristissimo momento historico que atravessamos em que ella para não sujar a fimbria das vestes na lama das ruas montou pesada carroça tirada por bezerros de oiro, acontece-lhe perder a acção e ter de pagar as custas do processo.

A nós foi o que nos succedeu com o tratado de 20 de agosto: a acção perdeu-se por occasião do *ultimatum*, e as custas pagaram-se d'essa vez.

Portugal acordou tarde do seu lethargo de seculos, tarde abandonou o seu desleixo fidalgo, quando já aquelles visinhos que elle conhecera pobres e humildes medravam n'uma insolente opulencia feita das suas espoliações.

A herança era porém magnifica, e embora o melhor nos fosse arrebatado, o que nos resta é ainda assim um largo patrimonio que nas mãos d'outros seria uma riqueza, e que é necessario que para nós não seja apenas um encargo.

Naturalmente, como um homem que acorda em sobresalto ao sentir os ladrões em casa e no primeiro momento, colhido do temor e da surpresa, hesita em salvar a vida ou os haveres, os seus movimentos são desencontrados e irreflexivos; assim tambem assombrados pelo descaro das espoliações, cujo tenebroso cyclo a Deus praza que tenha fechado com o convenio de junho, os nossos movimentos e resoluções não foram sufficientemente reflectidos para que os nossos esforços tivessem uma *somma addictiva*.

Esse sobresalto parece porém passado, e embora o céo pareça não querer dilucidar-se de todo sobre as nossas cabeças, nem por isso devemos de deixar de colligar-nos, almas temperadas na adversidade, para a grande lucta de trabalho e progresso na conquista da civilisação.

Mesmo das grandes desgraças o homem sabio deve tirar proveito, e a nacionalidade portugueza, d'este grande abalo por

que passou, deve lucrar, além do conhecimento do valor enorme dos seus domínios, desvendado pela cubiça dos estranhos, o valioso facto da concentração de toda a sua alma na communhão do mesmo grande ideal.

A sociedade portugueza atravessa actualmente uma das crises mais angustiosas por que póde passar uma nacionalidade: a da falta absoluta de um ideal.

Pequenos ao principio em força e limitados em territorio, mas grandes na ambição e na coragem naturaes em povo cuja energia e civilisação não tinha gasto ainda, o nosso ideal commum foi o da expansão do dominio territorial e o da constituição da nossa nacionalidade, pela expulsão do inimigo proximo, desde a conquista das successivas linhas de fronteiras do Douro, Mondego e Tejo até á tomada do Algarve.

A completa realisação d'esse ideal seguiu-se um periodo indispensavel de descanso e de organisação interna, interrompido por vezes por accidentes de ordem secundaria, cuja influencia apenas se fez sentir levemente na marcha geral dos acontecimentos.

Realisada a aspiração que fôra primeiro o seu ideal, e organisaada definitivamente a sua nacionalidade, esse povo encontrou nas descobertas e nas conquistas de novos mundos a nova missão a cumprir, o grande e glorioso destino por que nortear a sua existencia.

O organismo social, como o pequeno organismo individual, precisa de empregar nobremente a sua actividade para conservar a sua energia vital, e portanto prolongar a sua vida.

As nações, como os individuos, carecem de um ideal a que votar a sua existencia, de uma grande missão a cumprir, e essa deve ser hoje para nós, sem duvida alguma, a formação do grande imperio africano, não como o tinhamos sonhado — n'esse enganador sonho côr de rosa — estendendo-se de um oceano a outro, mas embora menor em territorio ainda assim tão realmente vasto, que alguns seculos de trabalho constante e tenaz, nos serão precisos para inventariar as suas riquezas.



D'esse enorme imperio de que Camões dizia

Que o sol logo em nascendo vê primeiro
Vê-o tambem no meio do hemispherio
E quando o desce o deixa derradeiro.

Sem nos demorarmos na recordação do que successivamente temos perdido, pois que, como diz Boecio, «in omni adversitate fortuna infelicissimum genus infortunii est fuisse felicem». restam-nos ainda hoje vastissimos territorios.

Convém porém, antes de os enumerar, proceder a uma distincção entre o que nós entendemos ser uma dependencia, uma possessão e uma colonia.

Dissemos atraz que uma colonia é uma sociedade formada pelo excesso dos habitantes de uma outra sociedade, e sendo assim deve por sua natureza e essencia ser considerada, como tambem já o fizemos prever, não como uma dependencia ou possessão da sociedade d'onde dimana, mas como uma extensão d'essa mesma sociedade.

Realmente, como diz Seeley, «em que sentido se póde dizer que uma população é possuida por outra? A expressão parece implicar quasi uma escravidão, e, em todos os casos, é absolutamente impropria, se se quer significar simplesmente que uma população está sujeita ao mesmo governo que outra».

Portanto, para considerar como constituindo uma colonia certa porção do dominio ultramarino, precisamos ter em vista o *quantum* de população europeia portugueza que ella possui.

Um dos caracteres, pois, da colonia é por um lado a fixação em si da população emigrante, e por outro lado a tendencia progressiva para um estado igual ao da metropole, para uma confusão com ella. Assim os Açores e a Madeira foram colonias portuguezas, e hoje são consideradas politicamente como fazendo parte do continente.

Um outro caracter das colonias é, porém, a possibilidade da sua exploração agricola, sendo comtudo este caracter um resultado da possibilidade da fixação europeia.

Assim consideraremos apenas como colônias portuguesas:

o arquipélago de Cabo Verde
as ilhas de S. Thomé e Príncipe
a província de Angola

e como possessões ou territórios sob o domínio de Portugal mais ou menos faceis de uma exploração agrícola e de uma fixação de população, que actualmente não possuem,

a Guiné portugueza
a antiga província de Moçambique
a Índia portugueza (Gôa)
a meia ilha de Timor.

As dependências são:

o forte de Ajudá na costa da Mina
Damão e Diu no golpho de Kambay
Macau.

Macau e Timor, que politicamente constituem um districto cuja capital é Macau, acham-se muito afastadas da metropole e as nossas relações com ellas, servindo-nos da pittoresca phrase de Lafargue na camara franceza por occasião da ultima discussão do orçamento das colônias, cifram-se na permutação de alguns funcionarios que se prestam a deixar-se exportar.

De resto, pondo de parte o pequeno mundo do funcionalismo que n'ellas mantem bem hypotheticamente a nossa soberania, e em si resume e sustenta com a nacionalidade portugueza o estado portuguez, não mantêm com a metropole nenhuma das relações caracteristicas, que são a razão de ser de uma colônia:

Comunidade de raça, comunidade de religião, comunidade de interesses.

É pois para mim ponto de fé que o governo, que sollicitas-



se do parlamento auctorisação para a sua alienação e a levasse a cabo, prestaria ao seu paiz um relevante serviço.

E no mesmo caso estão os districtos de Bissau e Cacheu na costa da Guiné.

Estes poderiam ser negociados em boas condições com a França, Macau com a Inglaterra, e Timor com a Hollanda, possuidora da outra metade da ilha.

Para justificação d'este modo de pensar vejamos qual foi o commercio da metropole com cada um d'esses pontos em 1890, e vejamos se nas suas relações comosco ha alguma coisa de progressivo.

O commercio com a Guiné, que em 1886 foi de 112:000\$000, em 1890 foi apenas de 78:000\$000, o de Macau já insignificante em 1886, 5:000\$000, em 1890 foi apenas de 4:000\$000, e o de Timor em 1891 foi de 2:636\$087 reis.

Estes numeros, sem commentario que desnecessitam, dão uma demonstração da inutilidade para Portugal da conservação de taes dominios.

(Continúa).

Alvaro de Castellões.



IDÉAS E FACTOS

REVISTA DA IMPRENSA ESTRANGEIRA

Summario: *O progresso na humanidade*, por Alfredo Russel Wallace.

O progresso na humanidade, por Alfredo Russel Wallace

The Arena imprime um artigo de Alfredo Wallace, o naturalista afamado que concorreu com Darwin na determinação das leis da selecção natural. O artigo propõe-se discutir se o genero humano tem progredido como sêr intellectual e moral, e, no caso affirmativo, por que forças e sob que leis progrediu no passado, e quaes são as condições sob que esse progresso pôde continuar no futuro. Toda a discussão é admiravel e refere-se a um livro moderno, *Hereditary Genius*, de Francis Galton, obra importante que foi muito apreciada no estrangeiro. Na impossibilidade de resumirmos o artigo de A. Wallace, que é d'uma extrema concisão, vamos limitar-nos ao ponto que nos parece de maior interesse, por se occupar d'uma questão recente em que andam envolvidos os mais altos problemas scientificos e sociaes. Wallace conclue que os dois principios que habilitam o genero humano a accelerar o seu progresso são a eliminação dos menos aptos pela selecção natural e a maior liberdade dada á mulher na escolha do marido. Para chegar a isso, analysa as varias causas que tendem á degradação e as que favorecem o desenvolvimento do genero humano, considerando os effeitos da hereditariedade segundo a theoria de Weissmann, de que é um dos mais illustres partidarios.

É d'este ultimo ponto que unicamente nos occuparemos. Não é nova essa discussão nas paginas da REVISTA DE PORTUGAL; já tivemos occasião de nos referirmos a ella ¹ e por certo não será esta a derradeira vez que voltamos ao assumpto, que ainda agora começa a agitar os homens de sciencia e que tem diante de si largos horisontes.

¹ Vol. III. pag. 293.



Mas antes, duas palavras sobre a revista que temos presente e que supomos pouco conhecida entre nós. *The Arena* publica-se em Boston, appareceu ha pouco, está apenas no 5.º volume, e é já uma das melhores revistas do mundo. O seu character principal, o que particularmente a distingue, é ter um criterio e um fim de propaganda e de educação, representar um apostolado, quando as revistas em geral deram em pregoeiros, lançando aos quatro ventos com igual indifferença todas as idéas e todas as opiniões indistinctamente. Não é assim *The Arena*: afêre o presente e o passado pelos seus merecimentos moraes e religiosos, e cré firmemente n'um futuro de felicidade, baseado no amor, na verdade e na justiça. Por esse ideal combate, com ardor; e d'ahi tira a originalidade que lhe dá um character unico entre as grandes publicações periodicas do nosso tempo.

As theorias de Galton e de Weissmann sobre a hereditariedade implicam que, excepto para os animaes inferiores d'uma só cellula ou em certos casos excepcionaes dos animaes superiores, nenhuma alteração produzida no individuo durante a vida pelo exercicio ou por outras condições externas é transmissivel á sua descendencia. O que se transmite é a capacidade de desenvolver-se n'uma fórma assemelhando-se mais ou menos estreitamente á dos paes ou seus directos ascendentes, as characteristics d'estes apparecendo na descendencia em gráus variados e compostos de varias formas, conduzindo a uma maravilhosa variedade de detalhes emquanto preserva uma semelhança de familia que não engana. Assim se explicam não só os caracteres physicos e mentaes, mesmo certos traços particulares de movimento ou habitos que muitas vezes se adduzem como provas da transmissão d'um character adquirido, mas que na realidade são apenas a transmissão de singularidades minimas de estructura physica e coordenação nervosa ou cerebral, que levam ao habito em questão, sendo adquirido pelo pae ou antepassado, e, em condições semelhantes, pelo seu descendente.

Achando que esta theoria, sendo verdadeira, não permitia a transmissão hereditaria da maioria dos caracteres adquiridos individualmente, Weissmann foi levado a examinar as provas d'essa transmissão e descobriu que difficilmente se encontrará qualquer prova, e que, na maior parte dos casos que pareciam demonstral-a, ou os factos não tinham sido apresentados com cuidado ou podiamos dar-lhes uma outra interpretação. Admitti-



ra-se a transmissão, porque parecia natural e provavel; mas na sciencia precisamos como fundamento do nosso raciocinio não só a probabilidade mas a prova; ou, se não podemos ter uma prova directa, então a probabilidade que se tira de *todos* os phenomenos, sendo taes quaes aconteceriam se a theoria em questão fosse verdadeira, e isto tão completamente que nos dê o poder de prever o que acontecerá em novas e inexperimentadas condições. Assim é a probabilidade em favor da existencia d'um medium ethereo, cujas ondulações produzem a luz e o calor, dos atomos que se combinam para formarem as moleculas dos varios elementos, e da theoria molecular dos gazes. Os biologistas da Europa, posto que usualmente pouco inclinados a aceitar novas theorias em logar das velhas, deram ás theorias de Galton e de Weissmann um acolhimento que nunca concederam a theoria da Pangenesis de Darwin, não obstante o peso da sua grande reputação; e agora procuram ardentemente factos que sirvam de provas cruciaes das theorias rivaes, assim como os phenomenos da interferencia servem de prova das theorias rivaes da luz.

Aqui só temos a occupar-nos da theoria da não transmissão dos caracteres adquiridos emquanto affecta as qualidades mentaes e moraes; e n'este ponto parece encontrar grande opposição, porque embaraça o caminho para melhorar a raça por meio da educação. Se a theoria é verdadeira, prova decerto que não é pelo caminho directo da educação, como usualmente se comprehende, que a humanidade progrediu e póde progredir, posto que a educação possa ser, d'um modo indirecto, um factor importante do progresso. Examinemos entretanto o problema, como nos é apresentado pelas theorias rivaes, e vejamos a luz que sobre elle lança a historia dos grandes homens, que mais contribuíram para o progresso da civilisação, e que servem bem para esclarecer os niveis successivos que o genio humano attingiu.

Se o progresso está dependente n'um gráu importante da transmissão hereditaria dos efeitos da cultura, distinctos da transmissão do genio innato ou dos varios talentos e aptidões



com que os homens e as mulheres nasceram, então devemos esperar vêr indicações d'essa transmissão no augmento contínuo do poder mental onde quer que uma familia ou grupo de familias foram sujeitos durante differentes gerações á cultura ou ao exercicio de qualquer genero particular. Pretende-se, de facto, que assim succede, pois que no discurso da presidencia da Sociedade biologica de Washington, em janeiro de 1891, Lester F. Ward sustenta que não só a grande habilidade do professor Weissmann é um resultado dos severos methodos de ensino das universidades allemãs, mas que «estes mesmos methodos de ensino foram o producto d'uma serie de gerações educadas d'esse modo, transmittidos com pequeno augmento e diffundidos com effeitos crescentes por todo o povo allemão... E o facto de que das hordas barbaras da Allemanha medieval se desenvolveu a grande raça moderna dos especialistas allemães, é uma das provas mais convincentes da transmissão dos caracteres adquiridos, assim como do valor e do largo alcance, para o futuro desenvolvimento da raça, d'um systema educativo como o que a Allemanha tem tido nos ultimos dois ou tres seculos».

Penso que se admittirá que, se esta é «uma das provas mais convincentes das transmissões dos effeitos da cultura», a theoria da sua transmissibilidade tem apenas um fraco fundamento; porque não só os factos se podem explicar por outro modo, mas ha um outro conjuncto de factos que nos levam n'uma direcção exactamente opposta. Póde dizer-se, por exemplo, que a eminencia dos especialistas allemães na sciencia é primeiramente devida a especiaes qualidades mentaes, que foram sempre characteristics da raça allemã, e ás facilidades prestadas pela cultura a essas faculdades no correr da vida, pelos numerosissimos professores nas suas numerosas universidades, e pela relativa simplicidade dos habitos allemães, que torna a posição de professor attrahente para as maiores intelligencias. Quando nos voltamos para os outros paizes, encontramos factos que tendem para uma direcção opposta. Na Inglaterra, por exemplo, durante muitos seculos, as universidades de Oxford e de Cambridge estiveram fechadas para os não-conformistas. e



as suas honras e recompensas eram reservadas para os membros da igreja estabelecida, e muito largamente para as familias da aristocracia territorial. Todavia, no breve periodo que decorreu desde que foram abertas aos dissidentes, estes ultimos mostraram-se inteiramente iguaes aos mais cultivados hereditariamente, e ganharam as maiores honras em tão grande, e talvez mesmo em maior proporção, que o seu numero comparativo nas universidades.

É ainda um facto notavel que quasi todos os nossos maiores inventores e descobridores da sciencia, os homens cuja originalidade e poder mental assignalou a historia do progresso humano, aprenderam por si, e decerto nada tiraram da educação dos seus antepassados nos seus diversos ramos de saber. Brindley, um dos primeiros dos nossos engenheiros modernos, era filho d'um pequeno arrendatario dissipador; Telford, o nosso maior constructor de pontes e estradas, era filho d'um pastor e aprendiz d'um grosseiro pedreiro do campo; George Stephenson, o inventor da locomotiva, era um carvoeiro que aprendeu sósinho; Bramah, o inventor da prensa hydraulica, era filho d'um lavrador, e aos dezeseite annos aprendiz de carpinteiro; Harrison, o inventor do chronometro, era marceneiro e filho de marceneiro; o mais velho dos Brunel era filho d'um lavrador francez, foi educado para padre, e todavia tornou-se um grande engenheiro, desenhou e executou o primeiro tunnel do Tamisa, e no principio d'este seculo desenhou os machinismos de fazer roldanas nas dokas de Portsmouth, tão completos no plano e na execução, que ainda hoje estão em uso.

Passando agora a ramos superiores da sciencia, da arte e da industria, vemos que Dollond, o inventor do telescopio achromatico, era um tecelão de seda e um oculista que aprendeu inteiramente só; Faraday era filho d'um ferreiro e aprendeu a encadernador na idade de treze annos; Christopher Wren, o filho d'um clerigo e educado em Oxford, era um architecto que aprendeu por si, e todavia desenhou e executou a cathedral de S. Paulo, que póde decerto classificar-se entre os melhores edificios do mundo: John Hunter, o grande anatomista, era filho



d'um pequeno proprietario escosse; William Herschel era filho d'um musico allemão; Rembrant filho d'um moleiro; os grandes linguistas e orientalistas, Alexandre Murray e o Dr. Leyden, eram ambos filhos de pobres pastores escossez; enquanto Shelley, cujo genio poetico raras vezes foi excedido, era filho d'um senhor rural, nada poetico nem sympathico.

Estes poucos exemplos, que facilmente poderiam accrescentar-se até encherem um volume, servem para mostrar o que raras vezes se nega, que o genio ou a superioridade em qualquer ramo das faculdades humanas tende a ser esporadico, isto é, apparece repentinamente sem desenvolvimento proporcional, nos paes ou nos ascendentes immediatos, dos dotes individuaes. Sem duvida, usualmente ou quasi sempre ha uma somma consideravel das mesmas qualidades mentaes dispersa pelas linhas divergentes dos antepassados de todos estes homens de genio, e o seu apparecimento parece justificar-se bem por uma feliz mistura dos germo-plasmas dos differentes antepassados de forma a produzir ou dar maior intensidade ás varias particularidades mentaes de que dependem em faculdades excepcionaes. Isto torna-se provavel tambem pelo facto de que, embora o genio seja muitas vezes herdado, raras vezes ou nunca augmenta de intensidade depois do seu primeiro apparecimento, o que certamente deveria acontecer, se não só o genio mas o augmento de capacidade mental devido ao seu exercicio fossem igualmente herdados. Brunel, Stephenson, Dollond e Herschel, todos tiveram filhos que seguiram os passos dos paes, mas deve admittir-se que em caso algum os filhos excederam ou igualaram os paes na originalidade e na capacidade mental. Assim, se olharmos para uma larga lista de nomes de poetas, pintores, esculptores, architectos, engenheiros ou descobridores scientificos, difficilmente encontraremos dois do mesmo nome e profissão, e nunca tres ou quatro, elevando-se progressivamente ás maiores alturas do genio e da fama. Todavia era isso que deveriamos encontrar, se não só as faculdades innatas, mas tambem o accrescimento de desenvolvimento dado a essas facul-



dades pelo exercicio continuado, tendesse a tornar-se hereditario.

Se julgarmos que esta não transmissibilidade por herança dos resultados da educação e do exercicio é prejudicial ao progresso humano, devemos lembrar-nos que, por outro lado, também evita a contínua degradação da humanidade pela herança dos usos viciosos e habitos deprimentes, que as deploraveis condições do nosso moderno systema social indubitavelmente alimentam na massa do genero humano. Por toda a parte a mentira e a velhacaria abundam por tal fórma nas transacções e no commercio, que chegaram a ser consideradas essenciaes para bom resultado. Nenhum vendedor nos diz a inteira verdade sobre as mercadorias que aconselha ou offerece á venda, e a falsa apresentação grosseiramente absurda das materias e da qualidade que por toda a parte encontramos, por muito commum, deixou de nos produzir aversão. Ora é decerto um grande bem poder-mos crer que este systema de fraude e de falsidade largamente espalhado não produzirá nenhuma deterioração herdada na proxima geração. E é igualmente satisfatorio crer que a deterioração physica, produzida sobre os milhares que annualmente deixam a vida dos campos pela vida das cidades, não terá effeito algum permanente na sua descendencia se alguma vez voltarem a condições mais sadias. E temos a demonstração directa de que isto assim é no facto de que os arabes das ruas das nossas grandes cidades, postos nas colonias em sãs e melhoradoras condições, usualmente melhoram physica, intellectual e moralmente, de fórma a igualarem a média dos seus conterraneos.

Temos, pois, que a não-transmissão hereditaria dos effeitos do exercicio, dos habitos e das circumstancias geraes, ou boas ou más, não é de modo algum um obstaculo ao progresso humano, se, como não parece improvavel, os resultados sobre o individuo da nossa constituição social presente são, em geral, máos. Póde com justiça sustentar-se que o rico, intellectual e moralmente, soffre tanto com essas condições como o pobre; e que a vida de ociosidade, de prazer, de excitação ou de debo-



che, que tantos dos ricos levam, como degradação e insensibilidade da alma é nos seus efeitos igual á sordida lucta pela vida a que a massa dos trabalhadores está condemnada. É por conseguinte um allivio sentir que todo este mal e degradação não deixará efeitos alguns permanentes, onde fôr estabelecido um systema de organização social mais racional e mais adequado a elevar o coração.

J. L.



REVISTA DE POLITICA EUROPEIA

Abril de 1892.

Duas classes de factos terão assignalado no ultimo mez a vida politica da França: as arremettidas criminosas do anarchismo e a recrudescencia do movimento anti-religioso.

Os attentados contra a propriedade e a vida de cidadãos inoffensivos perpetrados em Paris não devem surprehender o observador acostumado a ligar os factos diuturnos aos seus precedentes historicos, e o emprego da dynamite não constitue um monopolio dos revolucionarios francezes a ponto de justificar a nimia importancia ligada a esses deploraveis successos. O significado social e politico d'estes é em si pequeno. Que havia associações organisadas para destruir pela violencia a ordem de coisas existente era conhecido. Que entre os membros d'essas sociedades se encontrassem individuos bastante resolutos e isentos de escrupulos para passar da propaganda verbal á propaganda pelos actos, não é de estranhar. O proprio facto do protagonista d'esse ignobil melodrama ser um criminoso de direito commum, réo de tres homicidios commettidos com o fito no roubo, diminue a importancia politica das explosões, deslocando do fanatismo doutrinal para a perversidade moral a mo-

*



tivação assignalavel a estes delictos. A commoção da opinião franceza explica-se, mas não a sua surpresa.

O que, porém, se não surprehende o observador philosopho, interessa mais vivamente a sua attenção, são as circumstancias que acompanharam o facto e constituem symptomas da situação moral e politica da França.

Ha em primeiro logar a registrar, e isto em honra da sociedade franceza, a reprovação unanime e energica, que a opinião, pelos seus orgãos da imprensa periodica, pronunciou sobre o attentado em si mesmo. Este facto demonstra que, apesar da acção desvairadora do facciosismo partidario e da influencia deleteria d'uma litteratura corruptora, a consciencia nacional da França mantém a distincção do bem e do mal, e nas suas massas profundas a sociedade franceza se conserva alheia a esse scepticismo filho da debilidade philosophica e da insolencia do amor proprio, de que enferma o seu estado-maior intellectual. Se accrescentarmos a este facto o da intervenção de particulares collaborando com os representantes da força publica na apprehensão dos criminosos, veremos robustecer-se esta convicção. Estes actos de coragem civica, comquanto prejudicados um pouco no seu valor moral pela consideração das distincções honorificas e das recompensas pecuniarias, mostram que existem ainda na alma franceza, pouco inclinada á grande abnegação e ao individualismo heroico, aquellas virtudes de solidariedade moral e de dedicação na camaradagem, que tambem a seu modo contribuem para a prosperidade e vigor das sociedades.

Ao lado porém d'estes symptomas que revelam saude no corpo social ha outros em desabono do seu senso politico. A opinião de certa imprensa, que ao mesmo tempo que reprovava os attentados anarchistas, via n'elles tramas do partido reaccionario, indica até onde póde chegar a aberração do facciosismo e como as paixões politicas podem perverter o senso commum. Mas melhor que esses desvarios d'uma imprensa facciosa, os factos que precederam e acompanharam a apprehensão do criminoso, manifestam a confusão em que lançam e a impotencia a que reduzem os orgãos da defeza social os ataques systemati-

cos d'uma opposição turbulenta e inimiga de toda a auctoridade. Quando se conhece a sagacidade e actividade da policia franceza, é para causar surpresa que attentados como os derradeiros se tenham praticado de dia no centro d'uma grande cidade europeia, e que o seu protagonista tenha manifestado uma tão singular indifferença pelas pesquisas da repressão, a ponto de ser apprehendido sómente, graças ás suspeitas levantadas pela sua propaganda oral em pleno logar publico. Este factio accrescentado á attitude do conselho municipal de Paris em frente do prefeito de policia, n'uma sessão em que o representante da auctoridade era tratado como se fosse o verdadeiro responsavel dos attentados, indica que nos ultimos tempos os anarchistas francezes sentiam o terreno particularmente desimpedido para as suas empresas, graças á cumplicidade inconsciente mas positiva das fracções radicaes na imprensa e no parlamento. Levadas pelo appetite de levantar obstaculos a todo o governo constituido e de dar largas ao seu odio contra os detenedores d'um poder que elles consideram como coisa sua, os jornalistas e oradores da extrema esquerda intimidavam toda a tentativa de repressão, e faziam participar a propaganda do crime dos beneficios d'uma liberdade creada para garantir a vida e os progressos do pensamento. E é forçoso convir que d'esses tristes resultados é cumplice a opinião franceza pela sua nimia indulgencia com os representantes d'uma opposição insolente, pelo seu pueril receio de cahir nos excessos d'um pedantismo moralista, e ainda por esse sentimento injusto de desdem pelos agentes da paz publica, que privando-os do estimulo da consideração publica, diminue os moveis efficazes capazes de garantir a segurança geral contra as arremettidas dos scelerados. Despertada rudemente pelas consequencias da sua falta de senso, a opinião franceza lança-se na extremidade opposta, e é provavel que na multidão de apprehensões que tem sido effectuadas, a liberdade de individuos innocentes tenha soffrido as consequencias d'um arrependimento tardio.

Emquanto uma indulgencia censuravel dava de si os tristes resultados a que nos vimos referindo, por um contraste



odioso eram desacatados templos catholicos e insultados sacerdotes, cujo unico delicto consistia em tentar discutir pacificamente as questões actuaes mais interessantes na ordem pratica. Isto significa que, ao mesmo passo que inimigos de toda a organização social têm o direito de pregar o homicidio e o roubo, os representantes d'uma grande organização reconhecida pelo Estado, não podem tomar como thema das suas exposições ou controversias aquelles problemas cuja discussão está na tradição da sua historia e cuja resolução constitue o objecto da sua missão apostolica. O character d'essas escandalosas rixas, premeditadas com um intuito conhecido e postas em pratica com tenacidade obstinada, faz luz sobre a natureza profundamente iliberal d'essa facção cuja impotencia para crear, detesta todas as construcções existentes. Intelligencias desnorteadas por uma cultura superficial, corações cauterisados por sentimentos de odio, igualmente estranhos á disciplina moral das corporações religiosas como á superior fecundidade da comprehensão philosophica, elles sabem que o regimen de liberdade completa representa para elles a derrota irremediavel após uma breve lucta. Porque para conquistar os corações dos homens e governar as vontades humanas é preciso um corpo de doutrinas positivas e uma capacidade de abnegação pessoal na renuncia e na obediencia de que esses tristes espiritos, cuja esterilidade está á altura da enfatuação, são totalmente incapazes ou a que são constitucionalmente adversos. É este o motivo por que as turbas radicaes invadem egrejas, e membros de corporações administrativas e politicas descem ao papel de agentes provocadores. E quando se esperava que o poder central puzesse termo a esses vergonhosos incidentes, o governo intervem para declarar que fará fechar os templos em que se derem os conflictos que a sua parcialidade pusillanime não quiz impedir.

Reduzido assim pela coacção material a abster-se de questões de character moral e social, e forçado pelos seus adversarios a encerrar-se nos limites de discussões dogmaticas que a estes só provocam escarneo, o clero francez cuida nos interesses da sua defeza, e parece disposto a lançar-se no caminho

d'uma acção eleitoral d'onde podem resultar sérios trabalhos ao governo, que não assegura a todos os cidadãos os beneficios d'uma liberdade a que todos têm igualmente direito.

Emquanto a agitação religiosa se faz sentir d'um modo palpavel em França, questões d'um caracter analogo determinaram alterações politicas dignas de menção no imperio germanico. A reforma escolar, que com tanta satisfação foi acolhida pelo centro catholico e pela direita protestante, provocou como é sabido um protesto energico da parte do elemento nacional-liberal, corroborado por petições assignadas pelos maiores nomes scientificos da Allemanha. O resultado foi que o joven imperador resolveu mandar retirar o projecto em questão e adiar sem praso definido a discussão d'elle. Em vista d'isso os ministros comprometidos na defeza da medida e entre elles o chanceller Caprivi entenderam dever pedir as suas demissões. Após uma crise prolongada ficou constituido o novo ministerio, motivando um desdobramento das funcções exercidas pelo general Caprivi, mediante a distincção entre o chanceller do imperio e o presidente de conselho da Prussia.

Assim terminou esse incidente que o caracter das instituições germanicas impediu que se transformasse n'uma crise perigosa. Duas lições resultaram d'esse facto. A primeira, é que no imperio allemão, illustre pelos sentimentos de lealdade e obediencia que animam as suas classes dirigentes, e accusado pelos seus inimigos de ser um fóco de despotismo e subserviencia politica, o poder da opinião foi bastante forte para fazer recuar o imperador do caminho que encetára e provocar por esse motivo a queda do alto dignatario que se tornára o orgao da sua vontade. É a segunda lição, que a confiança gera a confiança, e que o chefe d'Estado pôde retroceder n'uma resolução que fizera advogar com calor, sem que por este acto julgasse comprometter a sua auctoridade e dignidade. O moço imperador, em cujo caracter se combinam d'um modo salutar, um vigoroso sentimento da sua missão pessoal de monarcha, com uma curiosidade intelligente das grandes correntes da opinião publica, attendeu aos inconvenientes que ia produzir uma lei, a



qual tinha contra si uma forte minoria, composta dos elementos mais cultos do paiz. Isto foi bastante para o dissuadir de dar um passo que a situação moral da Allemanha tornava aos seus olhos necessario e urgente.

Para todos aquelles a quem o imperio allemão apparece como o ponderador do equilibrio europeu e o genio allemão como o orgão eminente da civilisação moderna, os derradeiros factos que se deram além-Rheno não podem deixar de provocar interesse e ser motivo de satisfação. Que o povo allemão sem romper bruscamente com o seu passado religioso e politico possa elaborar livremente nas suas escolas, desde aquellas em que a creança acorda para a vida da intelligencia, até áquellas em que o homem se corôa com o diadema das idéas, os elementos d'uma disciplina racional da vontade e d'uma concepção civil do Estado, é a grande aspiração de todos os que se preoccupam com os destinos das sociedades continentaes. As consequencias d'um tal facto serão d'um alcance incalculavel, e a propaganda do exemplo permanente, mais irresistivel que a das armas victoriosas, fará entrar esta Europa dilacerada pelas guerras de povos e pelas luctas das classes, desvairada pela diffusão de chimeras malfazejas, oscillante entre o pesadelo d'um pessimismo lobrego e o millenio d'uma felicidade rasteira, n'um periodo de paz viril, de saude social, e de equilibrio moral e politico, fundado na comprehensão racional da natureza humana e das leis do mundo em que ella se desenvolve e expande.

A crise ministerial allemã teve o seu equivalente na Italia. A questão financeira que domina todas as outras, no joven rei-nô precipitou a queda de representantes d'uma politica que nas questões fundamentaes não pôde ser diversa d'aquella que a precedeu. Mais d'uma vez temos indicado as condições permanentes do problema proposto á habilitade dos estadistas italianos. Ellas não se alteraram nos ultimos tempos, mas como uma certa imprensa tende a solicitar os factos no sentido de tirar d'elles illações favoraveis ás suas conveniencias nacionaes, não será inutil accentuar os motivos persistentes que, através de



difficuldades arduas, mantem a politica exterior e interior da Italia no systema da alliança germanica e dos avultados orçamentos militares.

A observação fundamental que illumina e explica a historia d'esse povo nos ultimos dez annos, é que a Italia precisa de ser uma grande nação para ser uma nação independente. Aquillo a que uma certa imprensa chama d'um modo indiscreto e descortez mania das grandezas, não é mais que instincto de conservação. As lições de toda a historia moderna mostram que por sua posição geographica a Italia está aberta aos golpes de mão de todos os povos civilizados ou barbaros que estancaem sobre as suas fronteiras ou em torno das aguas que a banham. Allemães, francezes, hespanhoes, sarracenos e turcos entravam pelos seus plainos como por um palacio que em vez d'um portão trancado por dentro tivesse um cento de janellas abertas ao rez-do-chão. A historia da Italia antiga é a contraprova d'esta verdade. A expansão militar da republica romana só pôde considerar-se terminada quando encontrou como linhas de defeza as duas grandes correntes septentrionaes do Rheno e do Danubio, e os dois grandes desertos meridionaes da Arabia e do Sahará. E Momsen pôde avançar com fundamento que a conquista das Gallias, por Julio Cesar, tinha retardado quatro seculos a destruição do Estado romano.

Na constituição da Europa moderna, a Italia vê-se rodeada de grandes nações militares, que antecedentes historicos mantêm n'um estado de hostilidade mal disfarçada e de vigilancia armada. Bastante intelligente para perceber que a neutralidade é uma palavra vã quando a força a não garante, e incapaz de se defender sósinha contra a pressão dos seus poderosos vizinhos, a diplomacia italiana virou-se para o systema das grandes allianças a largo praso. A instabilidade dos governos francezes, os precedentes do partido catholico na questão romana e a sua influencia n'um paiz governado pelo suffragio universal, as rivalidades commerciaes e navaes mantidas n'um estado agudo pela occupação de Tunis, a confessada tenção de alterar a ordem de coisas creada pelo tratado de Francfort, a velha anti-



pathia do povo italiano contra o povo francez, e a natural desconfiança d'uma côrte monarchica por um governo republicano e porventura radical, afastavam a Italia da alliança franceza. A ausencia de rivalidades de interesses ou de amor-proprio, a supremacia militar e provadas intenções pacificas, os laços intellectuaes que ligam ao mestre o alumno, e as relações pessoais das duas familias reinantes conduziram a Italia á alliança germanica.

Para obter n'essa alliança uma importancia proporcional aos seus interesses, o povo italiano teve de fazer sacrificios porventura superiores ás suas forças. Crear uma grande marinha militar e organizar um exercito digno d'uma nação de primeira ordem foi o supremo cuidado do governo italiano, através das mutações do pessoal governativo. Esta empreza não se levou a cabo sem pesados encargos. E naturalmente a potencia lesada nos seus intuitos pelo novo agrupamento de forças na Europa contemporanea não se tem poupado a esforços para augmentar as difficuldades internas do reino italiano. Denunção de tratados commerciaes, campanha de depreciação de valores na bolsa, propaganda de descredito na imprensa contra homens e coisas, ameaças veladas de intervenção nas questões internas, tudo tem sido posto em pratica para forçar a Italia a vir metter-se a reboque da aventureza politica franceza. E quando se pensa na relativa desproporção que existe entre as dimensões da Italia e o numero dos seus habitantes, quando se reflecte que a peninsula italiana, que tem metade da superficie da França, mantém uma população muito superior a dois terços da d'aquelle paiz, é forçoso convir que só á força de vitalidade o joven reino tem conseguido prover aos encargos da sua installação politica.

Na Inglaterra, que o regimen da liberdade cabalmente comprehendido e praticado tem posto a coberto das violencias revolucionarias, multiplicam-se os symptomas demonstrativos da progressão irresistivel da democracia. Dois factos terão assignalado a vida interior d'aquelle povo durante as ultimas semanas. D'um lado a enorme *grève* de mineiros que pôz na inacção

quasi todos os districtos carboniferos da Grã-Bretanha. D'outro lado as eleições municipaes de Londres que determinaram a derrota dos conservadores.

A *grève* de mineiros, em que entraram centenas de milhares de operarios, não foi uma represalia da miseria desesperada e militante, mas o resultado d'um plano concebido com intelligencia e executado com firmeza. Tratava-se nada menos que de deixar esgotar as reservas de combustivel existentes nos armazens dos exploradores, afim de lhes poder impôr condições mais favoraveis aos interesses do proletario. Este plano e a sua execução mostram que o socialismo britannico procede nas suas reivindicações com uma solidez e uma segurança que é igualada no continente só pelo socialismo germanico. Vê-se que até nas suas camadas mais baixas a sociedade ingleza está impregnada d'aquelle espirito de resistencia dentro da legalidade e de progresso pelo exercicio da liberdade que torna possiveis todos os melhoramentos e que é o unico capaz de lhes assegurar uma solidez definitiva.

As eleições municipaes, que deviam decidir a quem havia a confiar a administração d'esse verdadeiro estado, que é a cidade de Londres, tinham além da sua importancia intrinseca a de poderem servir de pronostico á significação das futuras eleições parlamentares. Os resultados foram decisivos. Os conservadores soffreram uma derrota completa apesar das mascaras com que cobriram o rosto aos seus candidatos, tentando desnortear os eleitores quanto á significação do suffragio. E é provavel que, apesar das concessões feitas pelo partido conservador ás tendencias mais avançadas, como na recente reforma administrativa, a opinião ingleza, salvo alguma contingencia imprevista, se pronuncie na futura consulta pelos candidatos liberaes. E comtudo, é certo que o partido conservador, vigiado e reprimido pelos seus adversarios e apoiado na opinião, é o mais capaz de comprehender os interesses tradicionaes da Inglaterra e de os servir através das difficuldades que assoberbam esse immenso imperio.

No parlamento hespanhol a questão dominante e que quasi



exclusivamente tem fixado as atenções é a questão financeira. E para applaudir a attitude do partido liberal que consentiu em pôr de parte questões doutrinaes ou pessoas para se consagrar de todo á discussão do orçamento. Comquanto n'essa discussão, uma exacta e corajosa comprehensão das necessidades mais urgentes do paiz tenha talvez minguido na minoria dynastica, merece porém louvor a attitude patriotica com que os caudilhos liberaes se têm abtido de levantar uma opposição acintosa, limitando-se a propôr uma solução contra outra.

Dois grandes discursos foram pronunciados durante os debates: o do snr. Moret em nome da minoria liberal e, o do presidente do conselho enunciando o pensamento do governo.

O discurso do snr. Moret advogou a necessidade de fazer economias sérias, se dentro em dezoito mezes se não quizer vêr a nação a braços com as despesas indispensaveis sommadas com as obrigações contrahidas. O orador liberal interpretando a opinião do grupo a que pertence, faz depender o equilibrio orçamental d'uma reducção nos gastos no valor de trinta e dois milhões de pesetas. No decurso da discussão o illustre tribuno avançou que o contribuinte não devia ser castigado pelos desmandos da administração publica. Concepção geral dos problemas politicos e character das soluções propostas, tudo foi em harmonia com as tendencias d'esse liberalismo que não vê no conceito da nação mais que a addição das vontades particulares e na arte de governar mais que o talento de se manter, condescendendo com as exigencias dos interesses e preconceitos dos individuos.

O discurso do presidente de conselho foi um trecho d'essa eloquencia viril pela franqueza, nutrida de razão, e illuminada por uma philosophia a um tempo elevada e pratica que denuncia que o orador que a maneja é ao mesmo tempo um homem de acção é um homem de idéas.

Contra o orador que o precedeu manteve a boa doutrina que as responsabilidades de factos que modificaram profundamente a vida d'um povo durante um dilatado periodo, não podem ser lançados á conta de ninguem mais que esse mesmo povo to-

mado na sua totalidade actual e na sua continuidade historica. E no caso particular que se discute, os *deficits* accumulados sob que verga a fazenda hespanhola, não são mais que a obra do povo hespanhol, que fez as revoluções ou guerras civis com as suas inevitaveis destruições de capital, e que creando ou consentindo os successivos governos, se tornou solidario nos erros por estes commettidos.

No que toca á solução pratica do problema financeiro, o caudilho conservador não rechaçou o pensamento de economias, mas contestou a possibilidade de só pelo recurso a ellas se obter o equilibrio no orçamento. Entre desorganisar os serviços e comprometter a segurança nacional no meio d'uma Europa armada até aos dentes d'um lado, e inquietar o natural egoismo do contribuinte avesso a sacrificios d'outro lado, o corajoso estadista não hesita. É preciso lêr as proprias palavras taes como foram pronunciadas no parlamento hespanhol, para admirar o vigor viril do homem que as proferiu e tambem a grandeza de alma do povo que o mantém á frente dos seus destinos, e quanto contrariado em algumas das suas aspirações pela vontade imperiosa d'esse eminente politico, sabe fazer justiça á superioridade da sua intelligencia, á energia do seu caracter e á constancia do seu patriotismo.

Moniz Barreto.



REVISTA SCIENTIFICA

PORTUGAL E A COMMEMORAÇÃO DO QUARTO CENTENARIO DA DESCOBERTA DA AMERICA

Na celebração do quarto centenario da descoberta da America que, em outubro proximo, se vai realizar em Madrid, Portugal deve ter e terá uma representação á altura do seu passado maritimo e do seu papel na Historia da Humanidade. O certamen projectado, comprehendendo principalmente uma exposição e um congresso, é, do mesmo passo, uma homenagem dos actuaes povos luso-hispano-americanos ao famoso navegador e uma solemnidade scientifica de alto alcance para a comunidade dos interesses intellectivos, moraes e praticos das nações que a realisam. Abrangendo a exposição toda a sorte de objectos demonstrativos das civilizações do Novo Mundo anteriores e contemporaneos da época da descoberta e da conquista e, implicitamente, a documentação tão variada e ampla dos primeiros descobrimentos, o nosso paiz, pelas suas iniciativas na navegação, pelas aquisições nos dominios da hydrographia, cartographia e nautica e pelas suas viagens, tem certamente um logar proeminente na commemoração. Convém pois. dando a maxima publicidade aos programmas e trabalhos já encetados, chamar a passiva attenção do publico para a importancia e significação d'esta notavel solemnidade e sobretudo á hora em que o futuro da nacionalidade é por demais entenebrecido e nevoento, e porventura o seu desastre uma verdade



angustiosa e um lacto já irreparavel. Este regresso do espirito a uma vida portugueza anterior, cuja caracteristica se forma com audacia, força, iniciativa e lucta, será consolador para muitas almas que reparem como foram eminentes os famosos aventureiros e piratas d'outr'ora e que cruel não é vêr a sua degenerescencia na mesquinha estatura dos actuaes contrabandistas. Concedendo que o publico devéras se importa, momentaneamente, com uma festividade que relembra, afinal, muito triumpho e muita gloria, embora, depois dos precedentes conhecidos, nem a fibra se lhe ponha tensa nem se evite o suicidio colectivo para que resignadamente caminha, deve a REVISTA exarar a noticia do apprehendimento e o plano official da nossa representação.

O governo portuguez, que ainda ha pouco votou 10:000\$000 reis para os dispendios necessarios, incumbiu a Academia Real das Sciencias da reunião e coordenação dos elementos, e, consequentemente, centralizou n'esta instituição toda a ordem de trabalhos que digam respeito ao centenario. A segunda classe da Academia, por intermedio d'uma commissão composta dos snrs. Conde de Ficalho, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Rodrigues d'Azevedo e Theophilo Braga, fez publicar um programma datado de 15 de novembro de 1891, do qual parece ter sido relator o eminente publicista, snr. Oliveira Martins. Esse programma, que exprime o desejo de que se enviem á exposição todos os monumentos possiveis que atestem o papel dos portuguezes como povo de navegadores, reparte o catalogo inicial por seis secções, apresentando-as e explicando-as do modo seguinte:

1.^a Collecção tão completa quanto possivel de modelos, restaurando os typos de navios usados pelos navegadores portuguezes no xiv e xv seculos.

Esta collecção pode obter-se encarregando-se da sua construcção um dos nossos engenheiros constructores navaes; utilizando os elementos que existam nos museus da escola naval e



astronomico da marinha; aproveitando os subsidios compendia-dos no excellente catalogo da exposiçãõ official de marinha em 1886, elaborado pelo snr. José Candido Corrêa; e finalmente usando dos varios meios que as circumstancias indicarem. A collecçãõ, depois de ter servido á exposiçãõ centenaria, ficará constituindo um precioso documento para a historia da architectura naval, em qualquer dos nossos museus.

2.^a Collecçãõ de modelos dos principaes typos de barcos de cabotagem e pesca das costas portuguezas, especialmente ao sul do Tejo.

Esta collecçãõ actual servirá de varios modos: primeiro mostrará os elementos primordiaes d'onde sahiu a navegaçãõ portugueza do mar alto, pois pôde dizer-se que barcos e material de pesca são os mesmos com a distancia de quatro ou cinco seculos; segundo, mostrará as modificações realisadas para transformar os barcos de cabotagem de outros tempos em navios de grande navegaçãõ; terceiro, finalmente, constituirá uma parte ornamental da exposiçãõ portugueza de Madrid.

Os modelos d'esta divisãõ serão facilmente obtidos conjuntamente com os da primeira, e as redes e apparatus de pesca mais facilmente se obtêm por compra, ou por emprestimo dos museus nacionaes.

3.^a Exemplares authenticos de objectos ethnographicos ultramarinos relacionados com as primeiras navegações.

Haverá que reunir ás collecções proprias da Academia os objectos que forem considerados dignos de figurar na exposiçãõ e que terão para esse fim de ser requisitados do museu colonial principalmente e de qualquer das mais collecções do estado.

Esta divisãõ da exposiçãõ, além do seu valor scientifico, possui tambem um valor ornamental, que nunca deve ser esquecido em assumptos d'esta natureza.

4.^a Exemplares archeologicos relativos ás primeiras viagens portuguezas, incluindo a da descoberta do caminho da India.



Esta divisão será constituída com os subsidios prestados pelos diversos museus e collecções do estado e com aquelles que da sua casa S. M. El-Rei tiver por bem dispensar. Nenhum monumento historico figuraria mais propriamente n'esta exposição do que a Custodia dos Jeronymos, feita com as primeiras páreas de Quiloa. Dignamente figuraria, ao lado d'esta joia, o astrolabio existente no gabinete astronomico da Universidade de Coimbra e que uma tradição fidedigna diz ser o proprio de que se serviu Vasco da Gama na sua viagem. O retrato do grande navegador e porventura outros, do museu de bellas-artes enriqueceriam a collecção destinada, com a exposição inteira, a dar-nos n'esta solemnidade o logar primacial que a historia nos confere no movimento das descobertas; pois um acaso apenas fez com que todo o mundo incognito deixasse de ser patenteado por varios portuguezes.

E impossivel formular o quadro d'esta divisão da exposição, cuja riqueza maior ou menor, dependerá dos esforços de quem fôr encarregado de a colligir e da boa vontade dos que houverem de prestar os subsidios.

5.^a Exemplares bibliographicos e cartographicos.

Esta divisão comprehenderá uma selecção dos monumentos existentes nas bibliothecas e archivos publicos, e d'aquelles que S. M. houver por bem dispensar, por fórma a apresentar resumidamente uma amostra dos thesouros portuguezes referentes á pristina historia da geographia. E não seria fóra de proposito completar esta divisão com a reproducção photographica de outros monumentos que não fossem enviados á exposição; bem como a reproducção do *fac-simile* do famoso globo de Nuremberg, de Martinho da Bohemia, monumento dos mais consideraveis para consignar os fastos das primeiras viagens dos portuguezes. Tão pouco seria inoportuno fazer tirar nos archivos de Munich uma cópia dos manuscriptos de Valentim Fernandes ahí existentes e cuja falta nas bibliothecas nacionais é sentida ha muito pelos estudiosos.

6.^a Collecção cartographica actual.

Esta divisão, a mais facil de colligir, seria constituída com



a collecção de trabalhos modernos da commissão de cartographia e hydrographia a cargo do ministerio da marinha e ultramar.

Esta parte do programma remata pela proposta de que na installação da exposição portugueza sejam reproduzidos motivos de architectura manuelina e ainda que, para o serviço de guardas, se escolham pescadores de Olhão, Ilhavo e Povoia de Varzim, com os vestuarios caracteristicos.

Uma serie de publicações seria, por fim, o complemento d'este certamen, constituindo simultaneamente o seu commentario e a sua historia. As que urge emprehender e as que já estão compostas para acompanharem a exposição cabem nas seguintes divisões:

1.^a A reproducção *fac-simile* de certos monumentos historicos directamente relacionados com as navegações portuguezas.

A este respeito consta á commissão ter já sido ordenada pelo governo, pela direcção dos museus e bibliothecas, a impressão do celebre livro de Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De situ orbis*. E com a impressão a fazer se reuniria outra já feita pela Imprensa Nacional, que é a *Viagem do Preste João*, do Padre Francisco Alvares.

2.^a O catalogo impresso dos manuscriptos e memorias existentes nos archivos e bibliothecas, relativos ás primeiras navegações.

Tambem consta á commissão que já pelas mesmas vias foi ordenado este trabalho e que se está executando; sendo da maxima necessidade que se ultime. Embora forçosamente incompleto, pois a catalogação não póde abranger, nem todas as bibliothecas publicas, nem os archivos escolares e municipaes, será todavia um subsidio precioso, não só para o centenario colombiano, como depois d'elle para a erudição em geral.



3.^a A collecção das obras impressas pela Academia relativas á historia das navegações e conquistas: *Collecção de noticias*, etc.; *Documentos ineditos para a historia da Asia*; *Roteiros*, etc.

4.^a Finalmente, uma Memoria ou Memorias, incumbidas a socios da Academia e por ella impressas, com o fim especial do centenario, tratando em geral das origens das navegações portuguezas e dos seus primeiros fastos até á viagem de Vasco da Gama; e particularmente compendiando as noticias da estada de Colombo em Portugal, das suas viagens em navios portuguezes, das suas relações de familia e sociedade em Portugal, das suas propostas a el-rei D. João II e da historia d'esses preliminares da descoberta da America; bem como das noções que poderia haver entre nós acerca da existencia da America austral e do character exacto que teve a expedição de Pedro Alvares Cabral.

Este relatorio, que foi aceite sem discussão, é, como se viu, excellentemente elaborado, e alcança, nas linhas geraes, tudo o que ha de importante a colligir para que a representação de Portugal seja devéras equivalente á sua tradição maritima. Pouco depois da publicação do programma, a 30 de janeiro do presente, o *Diario do Governo* apresentava o decreto organisador da comissão official, a qual ficou composta dos snrs. José Dias Ferreira, presidenté; Conde de Ficalho, vice-presidente; Pinheiro Chagas, 1.^o secretario; Joaquim de Araujo, 2.^o secretario; Prospero Peragallo, Ramos Coelho, Martins Sarmiento, Carlos Relvas, Raphael Bastos, Lino da Assumpção, Theophilo Braga, Teixeira de Aragão, Rodrigues de Azevedo, Agostinho de Ornellas, Ramalho Ortigão, Ernesto do Canto, Baldaque da Silva e Thomaz de Carvalho, vogaes. Esta comissão dividiu-se em tres sub-commissões: a) *Bibliographia*: Lino da Assumpção, Peragallo, Raphael Bastos, Ramos Coelho e Theophilo Braga; b) *Maritima*: Baldaque e Ramalho; c) *Archeologia e artistica* (objectos de ourivesa-



ria, quadros, tapeçarias, etc.. do seculo XVI): Ficalho, Ramalho e Teixeira de Aragão, reunindo-se-lhes depois o pintor Casanova.

E incontestavel que a selecção não podia ser mais acertada tanta especial competencia foi chamada a collaborar nos trabalhos definitivos de escolha, aquisição e coordenação dos documentos. Dos primeiros passos darão já idéa as seguintes propostas presentes e approvadas:

1.^a Que em harmonia com a 1.^a divisão da 1.^a secção do programma apresentado em 15 de novembro de 1891, pela commissão nomeada pela 2.^a classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa, seja solicitada auctorisação do governo para que a *secção maritima* d'esta commissão possa escolher na Escola Naval e no Museu Colonial Maritimo os exemplares e modêlos que julgar convenientes para figurarem na exposição colombiana de Madrid.

2.^a Que esta commissão auctoris e abone as despesas necessarias para que a *secção maritima* mande copiar uma collecção de desenhos dos typos originaes das embarcações usadas pelos navegadores portuguezes até ao fim do seculo XVII, organisando um album ou quadros d'estas embarcações.

3.^a Que, em harmonia com a 2.^a divisão da 1.^a secção do referido programma, seja por esta commissão auctorisada e abonada, com as quantias precisas, a *secção maritima*, para escolher no Museu maritimo da escola industrial *Pedro Nunes*, de Faro, os modêlos que entender, procedendo desde já ao transporte para Lisboa da collecção respectiva, e, em seguida, ao seu melhoramento para ficar em condições de poder figurar na exposição.

4.^a Que a commissão solicite ordem do governo para que a *secção maritima* escolha na commissão de cartographia do ultramar, nos archivos do ministerio da marinha e ultramar, na direcção geral dos trabalhos geodesicos do reino, na Torre do Tombo, na Imprensa Nacional, na Bibliotheca da Universidade de Coimbra, nas Bibliothecas publicas, no Museu das Janellas Verdes e no Museu Industrial de Lisboa, os exemplares e mo-

dêlos que julgar convenientes para a exposição colombiana de Madrid.

5.^a Que a commissão solicite da Sociedade de Geographia de Lisboa os modelos, exemplares, mappas e documentos escolhidos pela *secção marítima* para o mesmo fim.

6.^a Que a commissão auctoris e abone a *secção marítima* a comprar nos differentes portos do continente do reino as rêdes e apparatus de pesca que tenham de servir para a ornamentação do edificio da exposição, começando desde já a reunir tudo em Lisboa.

7.^a Que a commissão peça ao governo auctorisação para reunir na sala do risco do Arsenal da Marinha todas as collecções que fôr adquirindo.

8.^a Que a commissão approve e auctoris a publicação de um catalogo annotado e precedido de uma memoria, onde figurem todos os objectos da *secção marítima* da exposição colombiana.

9.^a Que a commissão habilite desde já a *secção marítima* com a quantia de 500\$000 reis, para fazer face ás despezas com os trabalhos d'esta secção, que constam das propostas anteriores.

Ainda por exclusiva iniciativa individual ha igualmente a registrar notaveis serviços, já posteriores. O snr. Joaquim de Araujo, distincto homem de letras e socio correspondente da Academia, tem sido ineançavel nas visitas a varios estabelecimentos publicos de Lisboa, indagando a existencia de objectos e documentos que devam figurar na *secção portugueza* da exposição. E a elle que se deve a proposta de verificação da existencia d'um curiosissimo livro do infante D. Henrique, *Secreto de los secretos de astrologia*, propriedade que foi de Christovão Colombo e que o filho d'este descreveu ao deante nos indices de sua letra, descriptivos da famosa Columbina de Sevilha. Gallardo publicou este catalogo na sua *Bibliotheca* e d'elle deu uma nota ao snr. Ernesto do Canto, nota que o illustre secretario da commissão portugueza citou, instando para que se empregassem todos os esforços afim de se obter um traslado



d'esse desconhecido livro do infante portuguez. Foi ainda este illustre escriptor quem lembrou que se armasse na exposição o padrão das descobertas de Diogo Cão, monumento que o governo portuguez mandára, em tempo, recolher á metropole.

O snr. Ernesto do Canto propôz a publicação das *Saudades da Terra*, de Gaspar Fructuoso, na integra, procurando-se d'est'arte salvar d'um extravio provavel o autographo que o marquez da Praia e Monforte possui. Por sua conta já o illustre publicista açoriano mandára imprimir um capitulo inedito d'esse livro, relativo á descoberta da America por Colombo e ainda daria novamente á publicidade a carta do dr. Jeronymo Montario a D. João II, documento esse em que se recommenda como de resultado infallivel a empreza da descoberta do Oriente navegando para o Occidente. Varios exemplares da segunda edição do *Tratado das Ilhas Novas* e da memoria ácerca das Côrtes Reaes foram endereçados á commissão por offerta d'aquelle illustre investigador.

Os snrs. Barbosa du Bocage, Baldaque da Silva, Peragalho, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga têm, por seu turno, apresentado propostas que denunciam um elogiavel desejo de corresponder brilhantemente á iniciativa da Hespanha e coroar de successo a famosa e justa homenagem á memoria de Colombo; e, dos membros restantes da commissão, devem-se esperar os mesmos esforços logo que surja o ensejo de cada um evidenciar a competencia da sua especialidade. Pelo que já se tem feito é de presumir que na solemnidade a realisar no Parque de Madrid e no Palacio da Bibliotheca e Museus Nacionaes, o nosso paiz occupará um logar de assignalada evidencia, tendo conseguintemente um maximo exito os votos exarados no primitivo programma da segunda classe da Academia, e, naturalmente, os de todos os portuguezes.

O outro facto importante da commemoração é o congresso geographico hispano-portuguez-americano convocado pela Sociedade Geographica de Madrid. Esta reunião tem em vista apro-



ximar delegados de Portugal e Hespanha, e bem assim das nações de origem portugueza e hespanhola, representando, conforme as palavras do programma, as forças vitaes de cada paiz, isto é, a sciencia, a industria e o commercio. Os problemas da geographia politica e economica, e nomeadamente os relativos á colonisação, á emigração, aos tratados de commercio, ás ligas aduaneiras, ás linhas de navegação e outros, constituirão o principal objecto d'esta solemnidade, no que toca exclusivamente á península, ás suas colonias e provincias ultramarinas, e aos paizes americanos de lingua portugueza e hespanhola.

O programma das sessões do congresso, que se inaugurará a 16 de outubro, é assim formulado:

SESSÃO PREPARATORIA. *Sabbado, 15 de outubro.* Apresentação de poderes e credenciaes dos representantes dos centros officiaes, corporações, etc. Leitura da lista dos socios. Nomeação da mesa do congresso.

SESSÃO INAUGURAL. *Domingo, 16.* Memoria lida pelo secretario geral do congresso. Discurso inaugural.

PRIMEIRA SESSÃO. *Segunda-feira, 17.* Os hespanhoes e os portuguezes na America. Suas condições ethnicas e aptidões colonisadoras. Estado actual e futuro dos respectivos idiomas na America. Influencia do christianismo na civilisação dos povos americanos de origem hespanhola e portugueza.

SEGUNDA SESSÃO. *Terça-feira, 18.* Modernas explorações e estudos geologicos e geographicos no Mexico e na America central e meridional. Estado actual e futuro das raças indigenas da America.

TERCEIRA SESSÃO. *Quarta-feira, 19.* Os emigrantes europeus no Brazil e nos estados hispano-americanos. Os negros africanos e os chinezes na America.



QUARTA SESSÃO. *Quinta-feira, 20.* Commercio de Hespanha e Portugal com os estados americanos de lingua hespanhola e portugueza, e relações commerciaes entre os ultimos: tratados commerciaes, ligas aduaneiras, subvenções, etc.; linhas internacionaes de navegação. Canaes do Panamá, Nicaragua e outros. Via ferrea no isthmo de Tehuantepec. Portos francos.

QUINTA SESSÃO. *Sexta-feira, 21.* Colonisação e relações internacionaes. Reformas administrativas nas provincias hespanholas da America, nas Filipinas e na Micronesia hespanhola. Interesses coloniaes e commerciaes que a Hespanha, Portugal e os estados americanos de origem hespanhola e portugueza têm ou podem ter na Asia, na Africa e na Oceania. A arbitragem para resolver conflictos entre os estados americanos de origem hespanhola e portugueza. As uniões professional, litteraria, telegrapho-postal e monetaria.

SEXTA SESSÃO. *Sabbado, 22.* Formas praticas de aproximação entre Hespanha, Portugal e as nações americanas de origem hespanhola e portugueza, sem que nenhuma menoscabe, na mais pequena parte, os seus direitos como Estado soberano, e conveniencia de reunir outro congresso, no qual tenham representantes todos os povos da raça latina e seus affins, com o fim de preparar convenios internacionaes e manter, mediante o equilibrio politico e economico, a paz geral.

SESSÃO DE ENCERRAMENTO. *Domingo, 23.* Apresentação e aprovação das conclusões do ultimo thema. Discurso de encerramento.

A vastidão d'este programma dá ampla margem para correrem ao congresso homens de todas as especialidades e a discutirem-se portanto, com toda a latitude, os problemas e questões que mais directamente interessam os paizes latinos da Europa e da America. Nunca houve mesmo ensejo de reunir os



representantes de interesses tão vastos e multiplos; os congressos até agora effectuados, limitados a assumptos restrictos embora importantes n'um dado quadro, têm, naturalmente, um valor, por assim dizer, especificado. Mas o de Madrid abrange de tal modo uma área tão larga de propositos e estes são, na quasi generalidade, de significação tão pratica e opportuna, que a attenção do publico estudioso e geralmente a de todos os que pertencem ás nações directamente interessadas, deve ser advertida pelo menos, quando não convidada a cooperar. É claro que se não póde presumir quaes serão os trabalhos de actualidade apresentados por portuguezes, bem como a attitude dos representantes officiaes e quaesquer outros collaboradores perante as questões expostas no programma anterior e as suas naturaes derivadas. Mas, ainda que haja motivos para crer na solitudine e na iniciativa particular, bom seria que as commissões officialmente destinadas á nossa representação delegassem em homens competentes o estudo e a preparação de memorias relativas aos enunciados do programma que mais proximamente nos importam, e, ao mesmo tempo, a defeza dos nossos interesses moraes, industriaes e mercantis. Afinal, e a despeito do brilhantismo da nossa exposição, não vá um descuido, uma falta de precaução e de tempo ou outro motivo imprevisto, dar logar a que não se esteja preparado com um plano de trabalhos nem sequer para a controversia. Mostrar o que fomos é já bastante; mas o que ainda muitos querem que isto seja, é que compete apregoar, ao menos n'esta hora derradeira.

Rocha Peixoto.



REVISTA DE CRITICA LITTERARIA

OS LIVROS DOS NOVOS

GOUACHES, por João Barreira — Lugan & Genelioux, Editores.
Porto, 1892

Para um espirito simplista como é o meu, entrar na prosa de João Barreira, representa um esforço difficil. Custou-me a enfrear a attenção para a encaminhar vagorosamente entre esses periodos onde tudo é compacto e trashedante, primeiro a côr e os adjectivos, em seguida a propria trama das ideias. Prosa diffusa e complicada, com infinitos estados intellectuaes comprimidos dentro de cada palavra, e cheia de entrelinhas psicologicas que só uma leitura concentrada vem a descobrir. Barreira compraz-se em ir cada vez tornando maior a inclinação da ladeira, e enrodilhando-nos os passos com successivas difficuldades, de modo que, em chegando ao alto, a esbofante fadiga como que verga a emoção.

Tive o mesmo sentimento de cansaço um dia em que, desejoso de conhecer toda a obra de Eça de Queiroz, fui á Bibliotheca do Porto folhear os folhetins pelo auctor dos MAIAS publicados na *Gazeta de Portugal*. Essa prosa era tambem



emmaranhada e atropellada, e trasbordava (não de analyse, como nos GOUACHES) mas de phantasia e de imaginação. No espirito de Eça havia por força uma immensa fusão de sonhos, girando e ardendo em volta uns dos outros, lembrando o estado da Terra no seu principio. Acotovellavam-se os assumptos, e ninguém sabia que voz mysteriosa os chamava, e que mão impaciente os desordenava atravez da prosa. Lá dentro, ao lume da forja, devia haver um combate de ferreiros diabolicos. A luz era crua, o impeto da phantasia incoherente e selvagem, e da leitura ficava-se extenuado e doente como depois dos solavancos de um carro, sobre estradas rasgadas de boqueirões.

Pois d'essa allucinada explosão de sonhos que era então a alma de Eça de Queiroz, nasceu a eurythmica e luminosa phantasia de Poeta e de Ironista que hoje sabemos. Fazendo uma previsão parallela, do espirito exacerbado de João Barreira deve sahir um Psychologo.

Então a prosa será outra inteiramente. Escripta com mais espontaneidade, mais ampla e ao mesmo tempo menos empastada. Deixar as ideias de posse da sua elasticidade, alargarem-se pelas paginas afóra. Deixar a gesticulação, retomar a sua natural eloquencia, fazendo a narração mais viva e humana. Os adjectivos sahirão directamente da intelligencia para o papel, sem o tom de artificio que lhes dá o filtral-os por leituras recentes e preconceitos doentios de litteratura. A analyse, em vez de errar, vaga e aerea, sobre tudo, assentará tenda de campanha em assumptos certos, em typos de alma determinados. Este vago da prosa dos GOUACHES é tambem uma fórmula de preguiça. Barreira deita-se a scismar, e vagamente passa pela Nevrose, pelo Mysticismo, pelo Naturalismo, tendo meia duzia de pontos de vista seus, sobre cada um d'estes estados de alma ou de Arte. Assim o *Dialogo Outomnal*, a melhor e mais acabada peça do livro, é uma *réverie* para um romance a fazer.

Vindo, pois, a época de intensidade intellectual e maior paz de nervos, o analysta não scismará na Nevrose, mas estu-



dará um certo nevrosado; não errará pelo Mysticismo, mas re-fará pela observação penetrante e atravez de uma fórmula cheia de luz, um caso de mysticismo, ou mesmo o typo synthetico do Mystico. A sua prosa terá pormenores da vida social, e bastará isso para lhe dar voz e figura humana; e em vez de uma serie de sonhos em geral tristes e enervados, teremos o desenho poderoso e renascente de um Romance.

A intensidade da prosa dos GOUACHES não corresponde, parece-me, a uma parallela intensidade de temperamento, e é porisso que a julgo transitoria. É uma intensidade obtida por empastamento de ideias, por accumulção de assumptos, pois Barreira é sobretudo um Intellectual agudissimo e o seu espirito e mais proprio para exercer de um modo claro e affeito o officio de romancista de analyse.

Os GOUACHES são o documento de um estado de espirito passageiro, de uma alma na *crise da idade*. Barreira não ficará (e ainda bem) só um revoltado, e o seu temperamento ha de romper as peias da Vida, talvez já n'essa *Historia de uma conversão* que vai escrever agora. Isso virá quando os cuidados do Amanhã forem menores, e quando Barreira abusar menos do absintho de Baudelaire e dos Goncourt. Parecerá mal a um poeta receitar a um Medico, mas eu mandava-lhe tirar de ao pé da cama essas *Flores do Mal* e esses *Jornaes*, de uma melancolia tão passiva e má. Não se deve dormir com flores no quarto, diz um preceito familiar. E igualmente não se deve escrever com taes excitâtes. Se Barreira encontra em tão seccos livros cura para as suas doenças, creia que o allivio é passageiro, e lembre-se que a unica cura em termos é a reacção.

Veio atravez de um criterio pessoal, egoista quem sabe? e que eu não tenho nenhuma certeza de ser verdadeiro. Assim, venho tendo d'este livro uma impressão quasi negativa, mas acho ser afinal a que convém ao livro, que é negativo tambem. Os GOUACHES são como a preparação de espirito para uma obra futura; tirando algumas phantasias deliciosas como a *Rosacea da capella gothica*, no livro cruzam-se perguntas



que ficam para responder, apontamentos que um dia hão de ter explanação, resoluções que ainda se não tomaram. Tenho esta imagem: o caminheiro tira o alforge e senta-se a scismar no cruzamento de tres estradas. Por qual ha de ir, onde irão ellas dar? E, uma por uma, começa a vê-las, a estudar-lhes os longes, a adivinhar-lhes o piso. N'aquella, á esquerda, para alli o ceu é tão negro, quem sabe se não haverá abysmos? Mas olhae aquella agora, toda cor de rosa, desenrolada entre relvas verdes e aguas de ribeirinho, com burros de moleiro, carros de bois abençoados, espadelladeiras de vinte annos por ella adiante, a andar! Por qual seguir, que caminho tomar? Talvez aquella triste, soitos de castanheiros para um lado, muros altos de cêrca, e cinzenta ao sol e á chuva? Ir para lá rezar, ensinar ás crianças o Padre-Nosso, enterrar vélhinhas que vão direitas para o ceu? Mas é tão comprida, e sobe tanto!

Que Barreira se decida pela estrada mais direita, que é a sua, e teremos então (entendo eu) bellos romances. O seu odio da banalidade e da imitação é já um pedaço de caminho ganho. As suas qualidades litterarias são as melhores, nenhuma nota lhe escapa, e só lhe falta talvez dar aos seus estudos um mais assiduo ponto de vista de arte nacional. Esse me parece ser o papel litterario proprio da nascente geração dos Novos, cujo valor não posso deixar de assignalar n'esta REVISTA, pois não é ella tão pobre que não tenha já em Antonio Nobre o seu grande Poeta, e toda uma piquena legião de temperamentos independentes e caracteristicos (entre os quaes João Barreira tem um logar na vanguarda) trabalhando em prol de nobilissimas aspirações.

A resistencia do publico a aceitar a obra dos Novos é apenas passageira, e não representa mais que o estado de anarchia, de desconfiança e loucura a que chegou o Portugal contemporaneo. Só assim se explica que um livro portuguez e notavel como o Só não colhesse logo o unanime e empolgante successo a que tinha direito, e que outros livros de alto valor e sobretudo documentando uma independencia e febre de noyo em que ninguem já punha fé, fossem ineptamente desrespei-



tados pelos ignorantes, sem a intervenção de protestos senão muito raros.

Coimbra, 1892.

Alberto d'Oliveira.

SÓ, por Antonio Nobre — Léon Vanier, Editor.
Paris, 1892

Fallando d'este livro, tentarei fazer duas coisas. Dizer primeiro o que elle é; depois o que penso d'elle.

Só, é uma collecção de versos, entremeados de prosas, impressas como versos, e ao longe da qual desabafa e se manifesta a alma d'um verdadeiro poeta, cuja retina congestionada pela febre reveste a realidade de lineamentos espectraes e cuja sensibilidade polarizada para a desgraça, só parece capaz de impressões pungentes e funebres.

Dos infinitos aspectos da natureza e do tropel de paixões que tumultuam no peito humano, o snr. Antonio Nobre só utiliza para o seu trabalho artistico aquellas impressões e sentimentos que a Psychologia moderna classifica de deprimentes, e que Espinoza condemnava na sua *Ethica* como destruidoras da energia e da integridade da alma.

As suas paizagens são de preferencia nocturnas, untadas d'um luar de ballada, attingindo ao sobrenatural pelo espectral, povoadas por'uma mythologia primitiva em que o Vento mia e dá de mamar ás nuvens, e a Morte passa vagarosamente embrulhada n'um sudario estrellado por dentro. Poentes vermelhos como um chão de homicidio, charnecas assustadoras onde as figueiras malditas choram as negras lagrimas dos seus fructos, arraiaes em que entre refrescos apregoados mendigos mostram as gangrenas, oceanos convulsos ou estagnados em que degredados passam em levas ou os afogados acabam n'um gri-

to entremeiam de aspectos d'um realismo brutal ou pungente as aparições geradas pelo pesadelo puro. Mas realistas ou phantasticas todas as suas evocações são essencialmente fragmentarias, entrevistas á claridade brusca d'um relampago e seguidas d'outras que não compõem juntas um quadro, mas se juxtapõem na continuidade do automatismo cerebral como a successão d'imagens allucinatorias provocada pela ingestão de certos toxicos.

Como os aspectos da realidade que a sua retina estampa, os sentimentos que o poeta nutre no seu peito e que inspiram o seu lyrismo, manifestam a mesma parcialidade que poderemos chamar morbida. O quente frenesim da Vida não susurra ao longo d'essas paginas. Nem a bôca do Desejo alonga através d'elles o seu grito militar e a imploração ardente dos labios ávidos. Essa universal conspiração dos instinctos que das raizes aos mais altos ramos rola a seiva genitrix com um clamor de torrente, e veste a alma dos grandes poetas d'uma folhagem virente e florea, onde o vento passa desfeito em musica, permanece gelada n'este moço como nas veias d'um velho tronco serrado ao rez da terra. Nos seus cantos a Paixão não põe a estridencia dos clarins nem a visão da Justiça entrevista desenrola a solemnidade augusta dos motetos. O seu estado d'alma é o d'um enfermeiro em quem o espectáculo do soffrimento fosse aguçando a sensibilidade e que acabasse por encarar a vida como um poema de gemidos epilogado pelo coveiro.

O coveiro é o protagonista d'este livro e a Morte a sua inspiração soberana. Porém o sentimento da morte que persegue o snr. Antonio Nobre não é esse horror physico do fim que anima algumas das mais bellas composições de Ilugo, e que é a violenta affirmação da vontade de viver n'esse poeta ebrio da vida e dos seus bens. Nem tão pouco aquella sublime devoção pela extincção do individuo encarada como a libertação completa da alma e um estímulo de perfeição moral, que na obra de Anthero de Quental constitue a ultima e mais formosa pñase do seu lyrismo. Para o auctor de *Só* a morte constitue uma especie de vida assustadora que se vai viver para as ter-



ras que se estendem por baixo do chão, e d'onde se volta ás vezes a horas velhas no horror das aparições e das encantações. Dir-se-hia que aos seus olhos de allucinado cada creatura humana apparece reflectida na cova invisivel que se lhe abre aos pés como n'uma agua tenebrosa e magica.

As aberrações da candura e da loucura, uma compaixão cruciante dos soffrimentos phisicos, um ideal feminino espiritualizado pela magreza mortuaria das formas e pelo fulgor sobrehumano dos olhos, effeitos tirados dos aspectos da meninice e da velhice, um catholicismo rudimentar sem dogma nem disciplina reduzido a ritos entremeados de superstições caracterizam ainda este lyrismo. Um outro traço distingue-o e como que o atravessa d'uma ponta a outra: a Passividade completa d'uma alma que se resigna ás desgraças proprias e alheias sem um gesto de lucta nem um grito de colera.

Alma doente, o snr. Antonio Nobre soube extrahir da sua doença effeitos de Arte singulares e ás vezes intensos. Outros attingiram o mesmo objectivo pela descripção das emoções naturaes e pelo appello aos instinctos são do coração humano. Acabo de reler o livro d'um escriptor tambem novo: *Os meus amores* de Trindade Coelho. Com casos da vida corrente e com sentimentos que podem ser comprehendidos por qualquer dos seus leitores, uma despedida, e affeição de dois pastorinhos perdidos na solidão do campo, os remorsos d'um homicida junto á cruz da sua victima, o amor materno d'uma cabra que se deixa morrer sobre o cadaver do filho recém-nascido, consegue o narrador interessar e commover vivamente o espirito de quem o acompanha através d'essas duzentas paginas impregnadas dos succos da terra e do suor dos lavradores. Demonstração cabal de que a Arte é vasta e a capacidade pessoal decisiva para a belleza das obras.

Isto conduz-me a dizer o que penso do livro que resumidamente tentei caracterisar.

Em primeiro lugar devo declarar uma coisa que nunca é indifferente a um escriptor, mesmo pessimista e possuido da nostalgia do nada. O livro do snr. Antonio Nobre é uma con-

sideravel manifestação de talento e um dos mais notaveis que se tem publicado ultimamente. O seu auctor tem lembranças de grande poeta. Algumas das peças que o constituem, como a *Vida, Os cavalleiros*, são joias lyricas.

Mas se o seu talento não póde ser contestado, a sua concepção da Arte presta-se a reparos. Abster-me-hei de discutir miudamente as questões que o novo livro implica quanto ás obrigações da Arte considerada como uma fórma da actividade humana, e quanto ao valor dos meios de expressão empregados pelo artista. Farei apenas umas breves reflexões sobre o futuro d'uma corrente litteraria em que alguns espiritos podem vêr um principio de renovação para a poesia moderna.

Parece-me primeiro que a fonte d'onde essa corrente jorra é pouco abundante. A variedade dos themas explorados não é grande. Uma certa pobreza d'invenção se fará sentir depressa. N'este livro de versos que não tem as dimensões do *Mahabharata* esse effeito é visivel. As repetições não escasseiam, e seria injusto lançal-as á conta do poeta. E que a expressão do desespero é de sua natureza monotona, e o cadaver é susceptivel de poucas attitudes.

Uma consequencia natural d'este facto é que o ponto de vista em que se collocam os novos poetas nunca poderá inspirar uma poderosa escola. Os primeiros que vierem deixarão pouco que fazer aos continuadores. Os discipulos terão de abjurar para viver. N'estes mesmos que em França julgam inventar uma esthetica inteiramente nova não seria difficil mostrar a influencia preponderante do poeta estranho e grande que nas *Flôres do Mal* fundou a liturgia do Peccado e balançou ante o seu idolo um thuribulo cheio com o incenso e o enxofre da sua poesia mortuaria e diabolica.

Uma ultima observação é que a influencia social da nova concepção da Arte, será muito limitada. Expressão dos pontos de vista d'uma minoria, faltar-lhe-ha aquillo que é a demonstração e a recompensa da Força: a Gloria. Para obter a audiencia dos homens é preciso fallar dos grandes interesses humanos. Todas as grandes reputações litterarias são condicionadas



por uma vasta capacidade de comprehensão e sympathia. Um poeta de primeira ordem é um agitador de idéas e um conductor de almas. Ora, não é pintando a côr das gangrenas ou succumbindo sob a influencia das terças-feiras que se pôde dominar e arrastar um povo. Arte de minoria, nunca poderá ser grande arte. O que ha de maior no dominio da criação poetica, os movimentos da consciencia religiosa, é de natureza essencialmente collectiva.

Escrevendo a palavra *Só* no frontispicio do seu livro, o snr. Antonio Nobre resumiu d'um modo feliz o caracter da sua obra, e forneceu elementos para se formular o juizo sobre ella. O seu auctor é um homem solitario. Ora um homem solitario pôde ter visões singulares, pôde mesmo pretender que n'ellas reside a suprema belleza, mas não pôde esperar a influencia que mede a força das obras nem reclamar a gloria que as consagra.

Moniz Barreto.



A QUESTÃO COLONIAL ¹

Restos do nosso antigo sonhado imperio do Oriente e mais proximo da metropole do que Macau ou Timor, acha-se o Estado da India Portugueza, que comprehende Gôa com o territorio annexo e os presidios de Diu e Damão no golpho de Kambay ao norte.

D'este dominio diz o snr. Oliveira Martins no seu livro *O Brazil e as Colonias Portuguezas*:

«A India, que em Gôa fórma um breve territorio encravado no imperio britannico, não fallando nos pequenos presidios de Kambay (Damão e a ilha de Diu), é densamente povoada por indigenas (110 hab. por kilometro quadrado). Essa população outr'ora fabril, tinha em Moçambique o mercado consumidor dos seus tecidos, e ia vivendo. A producção melhor e mais barata das manufacturas inglezas arruinou a industria canari. O fabrico do sal para consumo da peninsula hindustanica, mantem uma fonte de rendimento (383 salinas com 2:000 pessoas); e o dizimo e outras contribuições directas formam uma receita fiscal absorvida pelas despesas. Nem como estabelecimento portuguez, porque a população portugueza é minima

¹ Continuado da pag. 650.



(1:856 habitantes), nem como fonte de um commercio importante, porque a exiguidade do territorio e a concorrência ingleza o impedem, nem como destino de uma emigração, porque é densamente povoada, a India offerece perspectivas de um futuro brilhante. O tratado de 1879 com a Inglaterra valerá decerto muito para a prosperidade de um trato de terreno onde habita quasi meio milhão de homens, por isso mesmo que augmentará a intimidade de relações com a India Ingleza, destacando cada vez mais de Portugal esse alfoz da Gôa historica. Para a economia da nação portugueza e para o futuro colonial, a India, e todas as mais possessões orientaes, importam coisa nenhuma».

Desde que isto foi escripto as condições em que se acha a India Portugueza têm variado bastante, não se podendo, infelizmente, dizer que tenha sido para melhor, nem no desenvolvimento das suas fontes de riqueza, nem no augmento das suas relações com a metropole, com a qual, como com as outras possessões do oriente, não mantem communicações maritimas directas. Pelo tratado do abkari o sal passou a ser monopolio do governo inglez, que tomou de arrendamento as marinhas de Gôa suspendendo a sua exploração. A convenção aduaneira tendo porém expirado ha pouco, o governo inglez mandou abandonar as marinhas, sem porém as repôr em estado de poderem continuar a ser exploradas, apesar de ser a isso obrigado pela letra do tratado.

N'uma correspondencia de Gôa para as *Colonias Portuguezas* lê-se a este respeito:

«Os nossos amigos, logo que findou o tratado abandonaram as marinhas e o sal n'ellas em deposito, e têm-se negado a cumprir a clausula do tratado que os obriga a deixar as salinas em estado de serem exploradas pelos proprietarios, sem prejuizo da producção, causado por terem estado de pouzio durante a vigencia do tratado».

Sob este ponto de vista não melhoramos pois. Uma das fontes de receita mais importante da provincia estancou-se, sendo necessario para continuar a utilisal-a dispender-se um novo capital de installação.

Como estabelecimento portuguez a sua população diminuiu extraordinariamente nos ultimos annos, pois segundo uma ultima estatistica a população europeia, incluidos os estrangeiros era de 200 habitantes ¹.

População que em alguns pontos se reduz apenas aos funcionarios publicos; sendo em todos os outros pontos preponderante este elemento.

Acode pois perguntar: se nada ha de progressivo n'essa colonia, poder-nos-ha ser util a sua posse? ou como diz o snr. Oliveira Martins, para a economia da nação portugueza e para o futuro colonial, a India e todas as mais possessões orientaes importam coisa nenhuma?

Respondemos: Apenas como séde de uma população densa, que poderemos fazer emigrar para a Africa, nos póde ser de utilidade. A vantagem da sua conservação depende pois para nós do futuro reservado a Moçambique.

Voltaremos a fallar d'este assumpto.

Para absorver todas as nossas atenções, todos os nossos esforços e todos os nossos capitaes, remuneradora e productivamente talvez nos fosse bastante a colonia de Angola, mas sem trazer agora para aqui a discussão das vantagens ou desvantagens da venda de Moçambique e da India Portugueza, possuidas por nós n'uma propriedade imperfeita, enfeudadas como estão actualmente pela letra dos tratados ao commercio inglez ², contaremos com a sua posse tal como a estamos usufruindo e com a posse total e completa de Angola inteiramente livre e nossa, graças ao movimento de reacção da opinião do paiz contra o tratado de 20 de agosto.

A antiga provincia de Moçambique (hoje dividida em pro-

¹ Segundo uma estatistica ultimamente publicada, residem no Estado da India 200 europeus entre os quaes 32 inglezes. Os europeus estão distribuidos pelos seguintes concelhos: Ilhas, 113; Salcete, 31; Bardez, 21; Pondá, 8; Sanquelim, 5; Quepem, 2; Damão, 11, e Diu, 6. (*Novidades*, 16 de fevereiro de 1892).

² O tratado da India acabou já, não se conhecendo ainda na metropole as providencias que o governo tomará sobre o assumpto.



vincia de Moçambique e Lourenço Marques) estende-se por cerca de 2:000 kilometros de costa entre latitudes ao sul do equador, comportando uma differença de 16°. A sua superficie, como actualmente nol-a delimitou o convenio de junho, tem cerca de 1.800:000 kilometros quadrados.

O aspecto geral da provincia não é desagradavel e a sua vegetação brilha como em todos os paizes tropicaes. As praias são em grande parte alagadiças e cobertas de um emmaranhado arvoredado a que chamam *mangue*, que se dá bem nas aguas salgadas, o interior sendo em largos tratos constituido de terrenos tambem alagados.

De Cabo Delgado até Moçambique e de Cabo Correntes até Lourenço Marques a terra é alta no interior, e entre Moçambique e Cabo Correntes tão raza, que em muitos pontos da costa se avistam destacadas uma ou outra arvore por que os navios se guiam e vêm indicadas nos roteiros, as quaes parecem sahir do mar.

Este é o aspecto geral que se offerece ao viajante que chega e d'esta conformação territorial alagada e cheia de deltas enormes dos quaes o mais importante é o do Zambeze, resulta a pouca salubridade das costas e das bacias hydrographicas dos seus rios mais importantes.

E essa falta de salubridade junta muitas vezes á hostilidade dos indigenas, tem sido a causa principal da perda de enormes esforços empregados ha seculos pela metropole em gente e dinheiro para povoar a provincia e desenvolver o seu commercio.

Sem duvida que se o clima se prestasse, nós deveriamos alli ter obtido o mesmo successo de colonisação que obtivemos com a Madeira, Açores, Cabo Verde e Brazil, pois os nossos esforços não foram menores em Moçambique.

Prova-o o prestigio que o nome portuguez ainda conserva entre os indigenas, provam-no as ruinas de fortalezas e egrejas que ainda hoje se encontram em Sena, Tete, Zumbo, Manica e Tungue, provam-no o vestigio de trabalhos mineiros que se têm encontrado nas regiões suppostas de recente descoberta.

provam-no as amplas e soberbas fortalezas ainda de pé no Ibo, em Sofala e em Moçambique ¹.

E a extensão enorme do territorio onde os nossos esforços simultaneos não têm a cohesão desejavel, são as grandes difficuldades locais impossibilitando as communicacões, é a resistencia dos indigenas e sobretudo a influencia morbida e deleteria do clima exercendo-se sobre o europeu — embotando-lhe as faculdades intellectuaes, quebrantando-lhe a energia pelo definhamento da saude — e extinguindo ao cabo de alguns annos a força reproductora n'aquelles cuja organisação privilegiada venceu as influencias morbidas da terra e do clima.

Este poderoso e constante agente de eliminacão da já de si diminuta emigração do reino, tem sido o factor mais importante da despovoacão actual da provincia.

Do excellento relatorio sobre o caminho de ferro de Mossamedes, a que já nos temos referido, publicado pelo distincto engenheiro snr. Joaquim Machado, nome de uma incontestavel auctoridade pelos conhecimentos praticos que tem das provincias africanas que s. exc.^a conhece de perto, pois n'ellas tem passado a maior parte da sua vida de engenheiro, destacamos a respeito da populaçãõ d'esta provincia e da de Angola os seguintes periodos:

« Não existem estatisticas de confiança sobre a populaçãõ das provincias de Moçambique e Angola; no emtanto é facil, a quem n'ellas tenha permanecido algum tempo fixar *maximus* que dêem idéa do numero de pessoas brancas n'ellas existentes.

« Assim póde-se affirmar que a populaçãõ de raça caucasica em toda a provincia de Angola, incluindo os degredados, é inferior a 4:000 almas, e na provincia de Moçambique a 800, numeros verdadeiramente insignificantes quando se tem em vista a extensão dos territorios occupados, o numero de annos que dura essa occupaçãõ, os esforços feitos pela metropole a favor d'essas provincias e sobretudo quando se estabeleça a compa-

¹ *Caminho de ferro de Mossamedes ao Bihé*, pelo engenheiro J. Machado.



ração, ou seja com outras possessões nacionaes, por nós colonizadas, ou com algumas colonias estrangeiras embora de origem modernissima ».

O snr. Oliveira Martins no livro já citado avalia a população europeia de Angola como não excedendo 3:000 almas, acrescentando porém: este numero fórma-se quasi exclusivamente com os funcionarios e com os degredados: isto é, com uma emigração não espontanea.

O quadro é, portanto, desolador e muito mais quando affirmarmos que a maior parte d'esta população branca não é portugueza — é ingleza, franceza, allemã e hollandeza — achando-se em Moçambique o nosso commercio inteiramente desnacionalizado, fazendo-se ao presente com Marselha, Amsterdam, Hamburgo, Londres e Manchester, e com Bombaim para onde os mouros, os batiahs e banianes em cujas mãos está todo o pequeno commercio e quasi todo o commercio directo com os pretos, enviam o marfim de elephante, os dentes de hippopotamo, as pontas de rhinocero, que são outras tantas letras com que elles pagam as mercadorias importadas d'aquelle ponto.

Quaes foram as causas que contribuíram para este resultado, que consequencias podem advir d'este estado de coisas e porque meios poderá a provincia sahir da difficil situação actual, são perguntas que naturalmente acodem a todos.

Varias foram as causas que contribuíram para o estado de abandono em que se acha a provincia: a extincção das ordens religiosas, a carencia de braços para a agricultura depois da declaração do trabalho negro livre, a falta de uma legislação de trabalho indigena, a ausencia de uma emigração espontanea do reino, as remessas dos degredados, os erros de muitas administrações pessimas, a decadencia da nossa marinha mercante, a falta de uma marinha de guerra em proporção com a extensão dos nossos dominios coloniaes, são as mais importantes d'essas causas.

As consequencias a reccar d'este estado de coisas é um golpe de mão de uma potencia estrangeira. Se o exemplo não estivesse fresco na memoria de todos, poderíamos pedir á histo-

ria que nos ensinasse como e porque a França perdeu as suas colonias na America e restringiu o seu dominio na India; como e porque os hollandezes foram facilmente desapossados da maior parte dos dominios que nos roubaram e aos hespanhoes; porque é que estes deixaram cahir as suas colonias nas mãos de estranhos; e como e porque nós mesmos, sendo os primeiros que occupamos a India, nos reservamos na sua partilha tão minima porção de territorio.

A resposta dar-nol'a-ha um historiador moderno: «Em todos os estabelecimentos hespanhoes, os europeus estavam perdidos n'um oceano de população indigena. Nas colonias hollandezas faltava naturalmente população, porque a mãe patria era excessivamente pequena;... as colonias francezas eram fracas tambem sob esse ponto de vista»¹.

Na minha opinião a Inglaterra, apesar do reconhecimento das fronteiras pelo ultimo tratado, não perdeu nem perde as tenções de nos esbulhar do nosso dominio ao sul do Zambeze, e parece que só quem teimosamente queira conservar os olhos fechados, não vê claramente as coisas como ellas são.

Esses terrenos convem-lhe por muitos motivos. Lourenço Marques é o porto commercial do Transwall, o Limpopo é uma via navegavel em meio de regiões mineiras importantes, o Pungue o unico caminho de acesso praticavel para a Manica e Machona, o Zambeze uma estrada de primeira ordem para as suas futuras possessões da região dorsal do interior d'Africa, e a chave do Nyassa pelo Chire. As suas pretensões hão de estender-se ainda além do Zambeze, a Quelimãne no rio dos Bons Signaes, emporio intransferivel do commercio dos lagos pelo Chire e do interior pelo Zambeze, provado como está que as bôcas d'este rio nunca poderão offerecer um porto seguro á navegação.

Eu bem sei que ao nosso patriotismo custa ouvir isto, como a mim me custa reconhecê-lo. Mas se eu estiver em erro nada ha

¹ Secley.



perdido por o ter dito, e se estou no caminho da verdade o paiz que se precavenha e evite o mal se póde.

Se a Inglaterra não tivesse mais pretensões a esses terrenos para que havia de enviar os seus missionarios a Lourenço Marques, onde elles ensinam o inglez aos pretos e talvez com a lingua ingleza a odiar o dominio portuguez?

Se elles não pretendem nenhuns dos territorios áquem da fronteira marcada no ultimo convenio, porque é que não abandonam o Gungunhama, e para que é que com este celebram tratados? Porque e para que incitam os negros do Barué a revoltar-se contra a auctoridade de Manoel Antonio?

Os inglezes encontraram uma grande resistencia no Transwall, que não poderam annexar pelas armas, e no emtanto não desistiram ainda do seu intento. A população ingleza fixando-se no paiz tem feito uma concorrência enorme aos boers, a cujo exodo estamos assistindo.

Dentro em pouco a propriedade e o commercio transwaliano estarão todos na posse dos inglezes, e, ao primeiro conflicto com as auctoridades do paiz, a Inglaterra intervirá para proteger os interesses ameaçados dos seus subditos. O resultado d'essa intervenção é facil de prever.

Porque não será tambem este o procedimento dos inglezes ao sul de Quelimane, com a differença apenas a favor d'elles que ahi não têm de compellir, por uma lucta economica, a população portugueza a abandonal-os, tão vazia está a região da nossa colonisação?

Teremos meio de evitar que isto se dê? Não sei. O que sei é que devemos luctar por o fazer e para isso urge proteger o commercio nacional e facilitar as communicações com a metropole e das colonias entre si; nacionalisar a moeda que actualmente é ingleza em Moçambique, unificando-a com a da metropole; reformar a organização do Banco Ultramarino de modo a tornal-o mais util aos interesses da provincia ou estabelecer outra organização bancaria; crear um serviço regular de vales do correio ha tanto tempo e tão instantemente reclamado já entre os differentes pontos da provincia, como entre a provincia

e a metropole, e das colonias entre si; estabelecer um serviço serio de correio; applicar uma legislação civil e criminal simples, apropriada ao indigena, abolir a troça do suffragio universal estendido até aos pretos boçaes do interior; regularisar o trabalho indigena sem o qual não pôde haver agricultura; crear as colonias-fazendas como o typo que mais realmente se presta a ser implantado na nossa Africa oriental; acabar com a remessa de degredados e vadios incorrigiveis, que de nada alli servem estabelecendo para elles as colonias penaes; e dirigir prudente e vagarosamente a emigração portugueza para lá.

O europeu, subtrahindo-se á influencia mortal do clima que o não deixa empregar-se nos trabalhos agricolas ou de obras publicas, deve preservar-se de todos os rudes trabalhos manuaes com que não pôde sob a acção do sol ardente dos tropicos, reservando-se o logar de pessoal dirigente; a provincia não importando mais da metropole uma emigração que de nada lhe pôde servir e que até lhe é prejudicial como está sendo feita, indo buscar os braços para os trabalhos agricolas e de exploração mineira á India Portugueza, que tem um excesso de população (mais de 200 habitantes por kilometro quadrado), que todos os annos procura na emigração um esgoto compensador da sua enorme reproducção.

Só assim poderemos utilizar em beneficio da economia da nação a posse da India Portugueza.

Essa população, que em Bombaim constitue uma colonia portugueza de 30:000 habitantes que os inglezes levam para o Natal, Port Elisabeth e Cabo, e que nós temos desprezado, é que e forçoso que se derive para a Africa Portugueza.

Os francezes, que têm estabelecidas sociedades de emigração, ás quaes os inglezes consentem o engajamento dos indios em territorio inglez, transportam-nos para a Reunião, Nossi-bè, Maiorca e Madagascar, e até para o Senegal na costa occidental africana, desenvolvendo as plantações nas suas colonias á custa d'essa importação constante de trabalhadores.

O indio, filho de um clima torrido e palustre, possui superiores condições de adaptação ao europeu, provem de uma civi-



lisação muito superior á da raça indigena africana e leva para lá consigo uma idéa mais ou menos nitida da nacionalidade portugueza que falta ao preto boçal; é submisso, é sobrio, é trabalhador.

Um carpinteiro, um pedreiro, um serralheiro que o governo portuguez tem levado para as obras publicas pelos onerosos salarios de 2\$000 reis e mais diarios, pôde vindo da India receber apenas a jorna de 300 ou 400 reis, pois que na sua terra os salarios são de 160 reis um homem, 120 reis uma mulher e 60 ou 80 reis um rapaz, a secco.

A alimentação do indio é constituída principalmente por arroz que elles misturam a algum peixe secco, e essa alimentação extremamente sobria e insufficiente para um europeu, não custará mais em Africa do que na India, o que lhes dará margem a economisar diariamente alguma coisa dos seus salarios.

Actualmente uma grande porção, senão a maior parte do nosso funcionalismo e da officialidade n'aquella colonia, é india, mas os indios que eu quereria vêr importar e que cumpre trazer para a Africa são os colonos, são os trabalhadores, ferreiros, carpinteiros, calafates, etc., que alli faltam tanto; são enfim aquelles que se dedicam a todos os rudes misteres com que nós não podemos arcar, e que a todas as qualidades notaveis da sua raça reúnem a da fixação e reproducção no clima africano que o europeu não pôde conseguir.

Ultimamente o governo, reconhecendo a improficuidade da iniciativa official para o desenvolvimento da colonia e a impossibilidade de estender dentro dos acanhados recursos do orçamento a protecção official e a policiação a todos os pontos das provincias da Africa Oriental, dividiu-as em quatro grandes regiões que concedeu ou pretende conceder a outras tantas companhias a que mais ou menos transferiu certos direitos de soberania e garantiu o privilegio de commercio.

As companhias já organisadas são: a de Cabo Delgado, Inhambane e Moçambique, intentando-se organizar uma outra que explore os terrenos ao norte do Zambeze entre este rio e os lagos. Não nos detemos no exame da organização d'essas compa-

nhas a cuja criação presidiu sem duvida um pensamento politico, cujos resultados nos parecem vir a ser beneficos para o paiz, porquanto tal estudo não cabe nos limites d'este pequeno artigo.

A vantagem da introduccão da emigração indiana que discutiamos subsiste da mesma fórma como fonte de colonisação geral, a emigração portugueza devendo ser feita a pouco e pouco conforme a forem reclamando as necessidades da provincia e de preferencia para os pontos mais salubres, como Lourenço Marques, Garongosa, Tete, Zumbo, Macanga.

A raça ingleza emigra em grande quantidade, porque na metropole além das condições precarias de existencia, determinadas por uma intensa lucta pela vida, a quantidade de população é de 112 habitantes por kilometro quadrado.

Populações tão densas como as da Belgica, Hollanda e Inglaterra são um phenomeno inteiramente novo na historia da Europa.

Mas Portugal não está n'essas condições, não sente metade do aperto da população ingleza, nem falta territorio na metropole á sua população agricola.

Apenas alguns districtos do norte, Porto, Braga, Vianna e Aveiro, têm respectivamente 164, 114, 85 e 76 habitantes por kilometro quadrado, o que attentas as condições locaes está longe de representar um excesso de população.

O Porto com as suas fabricas e a sua industria maritima occupa muitos braços e sustenta muitas bôcas, e o mesmo em menores proporções succede a Braga e a Vianna.

A razão da emigração que principalmente se faz d'esses districtos não reside de fórma alguma nas precarias condições de vida e só em pequena parte é devida ao horror da vida militar. O segredo do exodo consiste d'um lado na ambição da riqueza que as promessas do engajador embalam na imaginação do proletariado pobre, e por outro na indolencia atavica das raças meridionaes ¹.

¹ Thomaz Ribeiro, *Questões sobre a emigração*. Sousa Fernandes, *Pequenos estudos*.



«Conquistar um thesouro é fadigoso e tardo; é preciso achal-o. Acha-se no Brazil! Emigra-se. Esta é a propaganda do alliciador, que infelizmente se casa com o sentimento do alliciado»¹.

A população porém já decresce nos districtos de Vizeu, Villa Real, Coimbra, Leiria e Lisboa, 75 a 46 habitantes por kilometro quadrado. Bragança, Guarda, Castello Branco, Santarem e Faro contam de 36 a 23 habitantes, e no Alemtejo os districtos de Portalegre, Evora e Beja apenas têm 15, 13 e 12 habitantes por kilometro quadrado.

Evidentemente n'um organismo bem proporcionado a cabeça e o tronco devem desenvolver-se em relação com o desenvolvimento dos membros, e no corpo politico-social de uma nacionalidade a metropole representa sem duvida essa cabeça e esse tronco.

Fazer um grande imperio colonial conservando-nos fracos e poucos na metropole, é repetir o erro que já nos foi nefasto.

O primeiro dever, já que a emigração se faz dos districtos do norte auxiliada pela especulação dos engajadores, era estabelecer-a de preferencia no continente pela expropriação por utilidade publica das grandes herdades incultas do Alemtejo.

O excesso da população emigrante que ahi se não estabelecesse, ou se quizessem uma derivação simultanea d'essa população, poderia ir para a Africa; mas essa parte que fosse a mais culta e a mais robusta, e de preferencia enviada para os pontos mais salubres d'onde ella depois irradiaria como de outros tantos nucleos, ligando-se através dos sertões que iria adaptando ás condições da sua existencia.

Alvaro de Castellões.

¹ Thomaz Ribeiro, *Idem*.



PHARMACIA PIRES ¹

(APONTOADOS PARA LIVRO)

Passados dias, foi mesmo o João tirar os escriptos que tinha posto no segundo andar. Ia alegre, cantando uma cantarola da voga. Esfregava as mãos com lentidão, mamava satisfeito o cigarro. Ao chegar á varanda alongou a vista no horizonte pesado, acarvoado, — e ficou assim algum tempo, somnambulo, inconscientemente absorto no céo, que presagiava desgraça...

Flora via-o contente e isso lhe bastava. Perguntára-lhe quem era aquella mulher que tinha alugado o andar, se o menino que trazia era filho d'ella. Respondeu que não sabia, havia de indagar. Que lhe parecera séria, e como não regateara a renda, deixára-lhe ir a casa... Sempre era melhor que estar ás moscas.

E Flora concordava. Tambem lhe tinha parecido boa rapariga. Lembrava-se de que, se a caseira fosse honesta, até lhe convinha muito. Tinha com quem conversar, sem aturar a visinhança reparadeira e mexeriqueira.

— Mas olha lá, sempre é bom saber quem é, assim de portas a dentro...

— Não te afflijas, não te afflijas, respondeu o João.

Mas quando a creada ia para fóra, entrou pelo quarto de Flora, com o cantaro á cabeça:

¹ Continuado da pag. 616.



— O senhora, a caseira é uma comica!

— Uma quê?!

— Uma comica, lá das do *theatro*. Foi o que disse o Anacleto.

E como Flora não respondesse, a pontear uma camisa, a creada terminou:

— É má raça... Deixa-me lá ir á fonte!... E desceu.

Não agradou esta noticia a Flora. A gente do *theatro* fôra sempre para ella perniciososa, cheia de vicios, descarada e cynica. N'um pequeno salto passava das *entre-scenas* dos palcos para as *entre-scenas* das viellas. Tinha receio de conviver com gente d'aquella ordem, um receio de velha data, que era *physiologico* e moral.

O João era de opinião que voltassem ao *theatro*, vèr aquella peça. Fallava d'ella com palavras de enthusiasmo, os olhos vivos:

— Muito *chic* e muito bem representado!

Andava melancolico, com muitos desejos romanticos. Lembra-se de novellas, queria ir pelo mar fóra, para onde ninguém o conhecesse, com uma mulher que elle amasse, mal delineada no seu espirito, mas que elle tinha visto algures... E mais e mais aborrecia Flora. Começou a ter-lhe asco: uma ou duas palavras á mesa sem a olhar. Ás vezes mesmo não comia nada, torcia o nariz a tudo, achava tudo «uma indecencia».

Flora mortificava-se, mas tinha medo de o abordar; todo o coração se lhe enchia de sol quando elle descia á *pharmacia* — e chorava e rezava. O Meirelles foi lá um dia, dizer-lhe não sei quê do pae; viu-a com os olhos debruados de lagrimas...

— Tu que tens, rapariga?!

— Não tenho nada, nervoso... Respondeu ella, furtando-se.

— Qual nervoso nem qual cabaça, elle trata-te mal, anda, diz, elle trata-te mal, rapariga?!

Ella desatou a chorar, suffocada, cheia de nervos. Aquelle homem, com a sua rudeza, tinha-a trazido ao collo, a carrachucho. Aquelle aspecto milicial, quasi tostado, o bigode branco com amarellidões do cigarro, a pera grisalha, com que elle lhe



fazia festas na cara, em pequena... — Tudo isto a encheu de respeito por elle, d'uma ternura viva por elle, como se tivesse diante de si, fraca e timida, um peito de protector a que encostar a cabeça, ao chorar.

— Anda, conta, conta, tudo tem remedio, rapariga!

Mas o João berrou do patamar:

— Ó Meirelles, estão aqui a procural-o em baixo!

— Vá, vá, disse Flora com receio que o marido subisse, a encontrasse assim. Se elle entrasse desatava n'um choro, não podia ter mão em si, ia comprometter-se, enfurecel-o.

— Vá, vá por amor de Deus, que eu depois digo-lhe!... E empurrava brandamente o procurador.

— Bem, bem, eu hei de cá voltar. Agora vou lá vêr o que é... E desceu, tossindo.

Quando o procurador voltou dois dias depois saber o que se passava, encontrou Flora cantarolando, varrendo a sala de jantar. O João andava outra vez amigavel, sem arroubos, mas comendo, bebendo e conversando ás vezes.

O procurador quiz saber o que tinha havido. Flora, já sonhando em que tudo se acalmaria, correria feliz, contou-lhe por alto a mesquinhez do marido, a casmurrice de dias seguidos, a rispidez com que a tratava.

— Mas agora, anda bom outra vez. Foi milagre de Nossa Senhora, eu pedi-lhe tanto!

O Meirelles ouvia, puxando a pera, os olhos no chão.

— Pois bem, rapariga, se houver alguma coisa, avisa. São dois passos. Eu hei de cá magicar umas coisas... Eu appareço.

— Mas olhe — tornou Flora — não diga nada lá em casa, não?

— Está descansada! Que tola!

Não havia duvida para o procurador: o João trazia mulher na costa. Era o motivo d'aquelles phrenesis, d'aquelles modos. Era o aborrecimento d'uma mulher que se possuia, nascido do amor a outra mulher, a algum estafermo que elle queria possuir. E como conhecia o genio do João, como sabia muito bem



«quem era aquelle cavalheiro», não admirava nada que elle fizesse tudo aquillo, e muito mais ainda!... Conhecia-o perfeitamente! — E ia descendo as escadas, devagar, fazendo caretas, magicando. Com toda a sua vida de experiencia, com mezes e mezes de antiga miseria, o seu tempo de militar na Patuleia, tudo o que tinha passado até chegar a ter uma vida serena, deram-lhe o conhecimento dos homens. Inteligente, elle via os factos, estudava-lhes as causas — e d'ahi, as consequencias tiradas por elle raro falhavam. Era pessimista, azedo e rude — por fóra. Dentro era quasi candido, d'uma ternura facil até nas lagrimas. Para mergulhar nas almas e nas consciencias — oceano profundo e turgido — elle tinha o escaphandro de cincoenta annos de privações através d'ellas... Ora, demais, havia n'elle por Flora uma affeição intensa. Vira-a crescer, sempre meiga e simples — e como tivera uma filha que lhe morrera, fructo dos seus amores alegres de soldado — votára a esta um amor quasi paternal, tocado da saudade de outro amor extinto... Não podia consentir que o João fosse cruel para ella — tão boa, tao innocente e tão affeçoavel! Irra, se aquillo continuava assim apartava-os, não podia ser, não podia! — maltratar a pessoa que elle tanto estimava, filha do seu velho amigo e do maior protector que o João tivera!

Flora achava todas aquellas mulheres capazes de a espancarem, de a insultarem. Do marido, porém, não desconfiava. Estava á janella quando viu certa mulherança passar, fallando a um rapazelho, olhando os andares. De repente parou defronte, atravessou e entrou na pharmacia, — até que subiu a vêr os commodos, toda falladeira e espevitada.

Logo que o João subiu, disse-lhe:

— Olha que a mulher é uma comica.

— Já m'o disse o Anacleto, respondeu elle.

— Olha que o melhor é não lhe ceder o andar. Diz-se que já estava meio apalavrado...

— Porquê? retorqui o João, já a azedar-se. E depois, com auctoridade, sereno:

— Se não se portar bem, ponho-a no meio da rua. E me-

lhor estar o andar a encher-se de caruncho? — Deixa-a por minha conta. O que é preciso é não lhe dar muita confiança.

Flora sabia que qualquer coisa o irritava. Se o constrangia, ali vinham quinze dias de birras, de pequenas injurias, de maus modos. Resignou-se. Confiava no marido, na sua seriedade, na auctoridade que lhe dava a illustração e a pharmacia. Era tratada de cima da burra, independente — pensava. E como o tempo ia de economias, sempre era dinheiro que vinha.

E o tempo continuou a correr como até alli. A *Caleça* (o seu nome de guerra no theatro) pouco se demorava em casa, entrava tarde, com o pequeno.

Flora tinha mesmo dias em que a não via. A sua vida em casa parecia honesta. Recolhia-se ás vezes a deshoras, levantava-se pelo meio dia e apparecia com olheiras, desalinhados os cabellos, os olhos com uma nuvem prateada, um pouco metallicos e somnambulos. Ella mesma fazia um almoço ligeiro, e sahia depois com o pequeno. E como raras vezes vinha jantar, só lhe ouviam na escada o ringir das botinas, muitas vezes quando já havia uma indecisão de luz aurorescente.

Os ensaios, as noites de scena, as ceias de brodio até deshoras, repenicadas de risotas, de dichotes em braza, era onde ella ia esgotando a vida, n'um completo não se importar do mundo. O filho acompanhava-a, assistia, de luzio quente, ás brincadeiras finaes das patuscadas, apalpadellas entre risadas abertas, denguiques de corpo quebrado da vinhaça, obscenidades irrompendo em cachão. Só não acompanhava a mãe raras vezes — quando ella tinha de ir visitar uma amiga... Então ficava em casa de qualquer conhecido, flanava na rua de cigarro, com laivos pallidos de estroina, atirando gracejos sordidos ás raparigas que lhe faziam troça ao desplante.

O João fazia-lhe festa, offerencia-lhe assucar candi, conversava com elle sempre que o podia agarrar na botica. Perguntava-lhe pelas peças, em que era que a mãe entrava agora, se elle tambem queria ser actor. O garoto dizia que não. Achava detestavel aquella vida, apesar de ser um bocado reinadia, de se poderem arranjar boas *pitadas*...

O João admirava o desbragamento do rapaz, o que elle contava da vida dos camarins, recheiada de escandalos, prenhe de mancebias. Era um livro aberto de immoralidade. — Perguntava-lhe se queria estudar. Qual estudar, respondia sorrindo com os dentes sujos. Tinha aprendido até demais, tinha chegado a requerer p'ra exame de instrucção primaria. Agora o que elle queria era dinheiro, p'ra cigarros e p'r'á borgia... A mãe dava-lhe algum, elle ás vezes tambem entrava nos coros... Mas não chegava a meia missa.

O João sorria embevecido na graça do infante. Esmiuçava-o, catava-lhe os pequeninos vicios germinantes, achava os seus sentimentos por vezes analogos aos do rapazelho. Começava a entrar nos pormenores, a escarafunchar-lhe a sensibilidade, e offerecia-lhe cigarros, assucar candi, de quando a quando uma moeda de prata...

O rapaz pulava de contente, não cabia em si — e ia contar á mãe o que o João conversava com elle, o dinheirão que lhe dava, como era seu amigo, os elogios que ás vezes fazia ao talento scenico da mãe... A *Caleça* começou a desconfiar. Via o João ser todo unha e carne com o filho, via-o sorrir-lhe sempre muito meigo. Começou a olhar p'ra traz ao dobrar a esquina, e via-o á porta com os olhos n'ella. D'uma vez abaixou-lhe de lá a cabeça, e elle ficou todo compromettido, corara.

Era preciso não perder o arranjo, pensava. O boticario gostava d'ella, e ella achava-o sympathico, gostava-lhe dos olhos... Era arranjar aquella mina, casa de graça depois e botica ás ordens, — pensava ella n'um sorriso indizivel.

O João, pelo seu lado, andava tonto. Era ella, a mesma que elle vira no palco, cheia de gazas! Estava cada vez mais bonita, com os olhos papudos e garços, reçumantes de lascivia, de mysteriosos e luxuriantes segredos. Que mulher! que mulher! — Elle farejava n'aquelle corpo masculino insondaveis delicias de carne, desfeitas e nuançadas n'outra forte attracção que idealmente o arrastava. Em casa andava sorumbatico, rude e azedo, demorando-se pouco. Na botica é que elle ficava ho-

ras e horas, na esperança de que ella entrasse, vendo se o rapazelho apparecia.

Até que uma quinta-feira viu-os chegar, á tarde, a uma hora em que nunca vinham. O dia brumoso, melancolizava, asobiado do vento, com pesados crepes de nuvens. O coração avisou-o rijo, elle sentiu os nervos convulsos, o bater das fontes — e ficou n'um quebranto, como enervado, depois.

A *Caleça* entrou na pharmacia. O rapaz ia adiante.

Ella vinha áquella hora, porque não tinha theatro. Além d'isso doente, mal elle imaginava. Uma dôr de cabeça, principio de enxaqueca, que a mortificava... E aproveitava a occasião para lhe agradecer o modo como tratava o «seu garoto». O João estava humilhado, cobarde. «Que não tinha nada que agradecer, ora essa!» E correu a buscar ammoniaco, «fazia-lhe decerto bem á cabeça». Elle mesmo lhe quiz molhar as fontes. Esfregou-lhe com carinho a mão na testa. — Ella sentára-se, tinha cerrado os olhos, abria um pouco a bôca... O João sentia-lhe a respiração branda e lenta — e via o grande seio arfando, como amoroso. A rua estava sem ninguem: chovia muito, e sentia-se rolar uma trovoada longinqua.

Á noite, depois de cear, o João disse a Flora:

— Não ha remedio senão eu ir lá acima. A mulher está doente, pediu-me remedios, parece mal...

— Pois vai, respondeu Flora, que tinha por norma não o contrariar agora em nada.

Elle subiu, com o coração aos pulos. Bateu — e foi ella mesma quem veio abrir a porta, toda ligeira e feliz. Quando o viu, ficou como suspensa, fez-se triste:

— Cuidei que era o meu garoto, que foi' ao Baquet...

— Vinha vêr se precisava d'alguma coisa... Como está da cabeça?

— Melhorzinha, mas muito tonta. Então porque não entrava, não queria descançar, a casa era sua...

O João entrou, sem dizer nada, instinctivamente. Foi para a sala da frente.

— Isto é o meu quarto e sala de visitas e tudo. Desculpe

esta semcerimonia, mas bem vê... casa de rapariga só, bohemia...

— Ora essa! Está tudo muito bem.

— Sente-se, então não se senta — e apontou-lhe uma cadeira.

O João teve um sorriso, sentou-se. Sentia-se mal, nervoso, tímido. Tinha calor nas faces, as mãos frias.

A *Caleça* sentou-se também, quasi defronte. Começou a fallar das vistas d'aquelle andar, achava a casa muito boa, — só um bocadinho puxada, — e ria-se, agitando os seios.

— Não, não diga isso, não é cara — fazia elle.

— Acho um bocadinho... — e fixou-o com os olhos cheios de riso, de balsamos, vertendo indecisões de promessas.

O João estava embatucado, excessivamente *gauche*. Nunca lhe succedera aquillo, que infelicidade! Passava a mão no bigode. E ouvia-se a chuva nos vidros da claraboia, rufando.

— Pôz-se uma noite assejada! — disse o João depois d'um curto intervallo nervoso.

— E o meu garoto lá por fóra!

— Coitado, vai-se molhar todo...

— E eu custa-me tanto estar sem elle, ficar só!... E a *Caleça* cruzou a perna — que tanto abalára o João, comprimida na malha — agitou-a brandamente mostrando o pé, um pouco esguio, calçado n'um chinelo de feltro vermelhusco, e ás vezes, esquecidamente, um principio da meia preta...

O João olhava, via aquelle sapato demoniaco, a meia, que lhe acordava sensualidades amodorradas. De quando em quando ella corria-o com os olhos — e elle sentia-se dominado, fulminado, rastejante... Depois de o fixar, de o mirar com um cuidado observador e acarinhante, disse a *Caleça*:

— Eu já o conhecia não sei de d'onde... Parece-me que foi o senhor que eu vi d'uma vez no rio, n'uma tarde em que eu vinha com o Soares Garrido...

O João alvoroçou-se:

— Era eu, era! Lembro-me muito bem! Eu bem dizia comigo quando a vi no theatro que a conhecia, mas d'onde...

Mas aqui o João sentiu que lhe escapára uma confissão... Claramente lhe déra a entender que a tinha notado, que a fixára...

A isto a *Caleça* remocou:

— Então tínhamos reparado um no outro, é o que se segue...

O ar com que dissera isto, abriu uma porta que o João pensava fechada; atreveu-se, acanhado, d'uma galanteria canhestra:

— Os homens em geral reparam; que as mulheres, quando são bonitas, importam-se lá!...

E fixou apaixonado e vago a vela que ardia.

— Não diga isso — fez a *Caleça* levantando-se — nós também gostamos do que é bom...

Os lábios encarquilhados de sorrir, enorme, foi vêr se chovia. Abriu a portada, espreitou. O João contemplava-a submisso, como um cão, babado de ternura. Nunca tivera assim uma torrente de affecto, que lhe inutilisava a actividade; ella manietava-o como uma domadora refulgente de circo! Era cobarde como uma creança, tremia diante d'aquelle magnetismo: sentia-se ás vezes como hypnotizado...

— Já não chove, vê? — disse ella, abrindo-lhe a portada toda.

As nuvens passavam, feitas de fuligem de chaminés, faticas e grossas. A noite tinha agora, quando a quando, claridades fugidiças de lua, nimbada na aureola fumarenta das nuvens menos densas, — como um rosto amarellado de bruxa, enrodi-lhado na mantilha.

— Parece que alliviou — fez o João. — E eu aqui a incomodal-a! Não deve tardar ahí o seu pequeno...

— Não me incomoda nada, muito pelo contrario.

Mas o João erguera-se: se ella precisasse de alguma coisa era chamar p'ra baixo. A sua vontade é que ella nunca tivesse doença, mas, se a tivesse, a botica, elle, estavam ás ordens para tudo. — Dizendo isto tinha chegado á porta da escada. Ella vinha com o castiçal, docemente, alumiar.

— Não se incommode, não é preciso, muito obrigado, boa noite!

A *Caleça*, não obstante, ficou, alumiando. Do patamar elle olhou — que vontade que tinha de ficar! — Deu de novo as boas noites:

— Com toda a franqueza, se quizer alguma coisa...

Ella não fallou: cobriu-o todo no lençol de luz dos olhos zarcos, com leves fios verdes. Abaixou a cabeça, com certa intimidade no sorriso — e ficou, um pouco curva no corrimão, segurando a luz, esperando que elle descesse.

Ao chegar ao seu andar é que elle pensou no que se demorára. Flora, toda séria, disse-lhe quando o viu entrar no quarto, com as *pommettes* roseas:

— Julguei que passavas lá a noite.

— Pois enganaste-te, respondeu elle. Demorei-me a vêr o que a mulher tinha, por causa dos remedios, e depois a fallar da renda da casa, a vêr o tecto... Acho que tenho de mandar compôr o telhado, co'o diabo das chuvas...

— E que diabo é que ella tem?

— Dôres de cabeça. Umás complicações de estomago... Cá no meu entender aquillo não presta p'ra nada...

— Eu estava a vêr que me não deitava hoje, — tornou Flora.

— Pois tivesses-te deitado, que historia! — respondeu o João, já custando-lhe a reprimir o azedume.

Todo o tempo em que se despiram, se metteram na cama, não deram palavra. Flora estava amuada e triste. Alguma coisa indecifrável e pesada como um luto lhe passava na alma...

Não podia preadivinhar, não sabia o que fosse, mas achava-se oppressa. Depois que se deitára, cahiu n'um entorpecimento, na modorra d'um pesadelo passageiro — e adormeceu, gemendo syllabas soltas, dando ás vezes curtos guinchos de medo. E chegava-se para o homem.

O João afastava-se, com tédio. Não podia dormir, accendia um cigarro: bufava o fumo, suspirando. Em cima, ás vezes, um rumor passava, o arrastar d'uma cadeira, passos... Elle re-



compunha a scena toda, via o seu chinelo escarlate, a attracção dos seus olhos de cobra, o ultimo riso da escada. Mas porque se acobardára, que receio idiota de lhe confessar o amor que nutrira, os mezes e mezes que sonhára com ella. Ah! se elle estivesse lá em cima agora, dizia-lhe tudo, não tinha receio — receio de quê?! — de lhe confessar tudo!... E ella tinha reparado n'elle! tinha-a visto no rio, sorrira-se-lhe do cahique... Gostava tambem d'elle, decerto, quem sabia até se gostava d'elle como elle gostava d'ella!... Era preciso fallar-lhe, ser discreto, mas ser franco. — E n'isto ella surgia-lhe, grandiosa como Juno, alumando-lhe as escadas. Os olhos tinham brilhos de facetas preciosas. Tudo n'ella era immensamente casto, dogmaticamente puro. A bôca de medronho, os dentes da brancura jaspea de camelias. Era como a estatua divina, marmorea, d'um templo. E ficava-se em rêverias indecisas, deixando-se ás vezes cerrar os olhos, de costas, enrolando as guias do bigode — e dentro da sua alma erguia-se o fumo d'um incenso enervante e delicioso e tépido.

Mas Flora, n'um murmuro incomprehensivel, n'um ruido de palavras truncadas e funebres, arripiada, como se fugisse d'um bicho que estendesse para ella a pata, chegára-se outra vez para elle. O João afastou-se com asco. Depois abanou-a rudemente, com força, deu-lhe um beliscão.

♦ — Acordas ou não acordas? — E como ella não acordasse logo:

— Acordas ou não, que historia?!

— Anh?... perguntou Flora, tonta.

— Que diabo estavas tu a sonhar, a gemer p'ra ahi?!

Tinha estado a sonhar muitas coisas. Só se lembrava da ultima, que era uma centopêa, muito repellente, cheia de peçonha, que vinha do tecto a descer para ella, com dois olhos muito arregalados e vidrentos. Que susto! — E Flora ainda olhava para o tecto, a vêr, receiosa. Ao dar com os olhos na sombra bizarra do santuario, fixou-se n'ella, parecia-lhe que a centopêa tinha alguma coisa d'aquella sombra... Mas cerrou os olhos fatigada, como se esmoesse uma digestão pesada.



— Vê lá se me deixas dormir! — fez o João, quando ella lhe voltou as costas, n'um espreguiçamento, com um longo gemido de doloroso cansaço.

A chuva batia, rufava marchas guerreiras nos vidros — um trovão estoirou, imminente, como uma descarga de Krups. E o vento ouvia-se assobiar; a lamparina começava a oscillar.

O João lembrou-se então da *Caleça*, quando o chuveiro zimbrou na clara-boia, do que ella tinha dito pouco antes «que achava a casa puxadinha...» Porque diabo não lhe tinha elle dito que lh'a dava de graça? Mas estava de todo, d'um acanhamento pueril. — Tinha sido talvez melhor assim. Ia lá outra vez, tinha ensejo de fallar na casa, na renda, e acabaria por lhe offerecer o andar de graça, de lhe dizer como gostava d'ella!... Mas era exquisito, parecia que queria comprar-lhe os affectos, as ternuras. Nem todas as mulheres do theatro eram tolas; esta decerto não o era! Que não fosse fazer asneira, melindral-a, dar ás vezes um escandalo... Era preciso pensar na maneira de dizer as coisas... E como o receberia ella, como o trataria? Bem, decerto! — Accendeu outro cigarro, e ficou-se a phantasiar dialogos, promessas, e vêl-a perto do leito de cobertura azul, deixando vêr o principio da meia preta, e elle já á vontade, e ella fallando, fixando nos d'elle os seus olhos, — dôces como caricias de luar n'um velho esmalte.

Oh! se fosse dia! Estava resolvido a ir lá, sentia-se disposto, com audacia.

Afinal pegou no somno, tarde. Quando acordou de manha já Flora se tinha erguido, e andava pé ante pé, para o não acordar. Elle sentia-se molle, — e toda a resolução se lhe tinha perdido, achava-se agora cobarde. Custou-lhe a levantar-se, não respondeu a duas perguntas de Flora, de prostrado e quebrado, immensamente morbido. O dia estava cinzento: o vento assobiava, gania desgraças. Ao chegar-se á janella Flora viu uma preta.

— Credo! Em jejum! Grande gallinha — rosanou. E benzeu-se; era um velho habito.

Ao almoço o João comeu pouco, fallou ainda menos e des-

ceu á botica. O praticante lá estava, com cara de enterro, lendo o jornal. As armações da pharmacia escuras, o cheiro a remedios, o corredor fundo, entristeciam. Os passeios reğumavam humidade e o ar pesava de catastrophe e tedio. Pelo meio dia a *Caleça* desceu com o filho, entrou na pharmacia, ia ao Baquet. O João sentiu-se córar, perguntou-lhe como tinha passado. — Pois era o que elle estimava, que ella tivesse dormido bem. Elle não tinha podido dormir...

Ella sorriu-lhe, fixou-o docemente, e quando se despedia o João disse:

— Eu hei de lá voltar. Temos que fallar sobre o arrendamento... Talvez logo...

— Com muito gosto, com muito gosto! — E despedindo-se, a *Caleça* nunca ficou tão linda, apertando-lhe a mão demoradamente, baixando os olhos toda pudica, com ar de monja virgem, a quem o diabo atiqou um pensamento no claustro.

Era séria, pensava o João, olhando-a já na rua. Como lhe ficava bem a capa que levava! Sentiu por ella uma quebreira d'amor, a que se misturavam zunidos de carne, electrismos doentios.

E ella descia a Rua, batida do vento, victoriosa como uma cobra que vem de hypnotisar uma ave, levando o filho atraz como quem levava um cãosinho.

Foi um dia de lagrimas, aquelle, para Flora. Ao jantar veio a creada da mãe, esbaforida, com um lenço preto e os olhos vermelhos.

— Que é?! Que foi?!

A mulher soluçava... O snr. Sequeira tinha-se encostado, com dôres de cabeça, e appareceu d'ahi a bocado morto na cama. Tinha sido como um santinho!...

Foi uma desordem. Flora cahiu p'ra o lado, suffocada, n'uma afflicção suprema. O João não chorava, passava a mão na testa:

— Não remedeias nada com isso! — E cofiava o bigode.

Mas cada vez Flora chorava mais, soluçava arquejante,

com a cabeça entre as mãos. A creada em pé, encostada ao guarda-louça, chorava tambem: — «Era um santinho, era um santinho!»

E a Rosa, que vinha da cozinha com uma travessa, embasbacou, e na communicacão d'aquella dôr pungente, abafava os soluços, chorava tambem.

Com o cotovello fincado na meza, a cabeça na mão, o João ficara alheado, absorto, divagando. Não chorava, empallidecera um pouco. Cahira o silencio, triste infinitamente, das grandes dôres que vão lavrando... As creadas limpavam os olhos, e os seios arfavam-lhes com soluços cortados, sacudidos. Flora, com duas rosetas nas faces, vira aluir-se o castello do seu refugio, — alma que o vento leva, como arrasta uma folha por ahí fóra, ou como despedaça uma torre de pedra! — E de quando a quando, as lagrimas derivavam-lhe como a seiva das vinhas, e como se luzisse uma recordação, gemia, enrolando o lenço n'uma crispacão: — Quero vêr o meu paesinho!... Quero vêl-o! — E de novo rompia n'um chôro convulso.

Mas n'isto teve uma idéa, ergueu o rosto, disse para a creada:

— Viram bem, que não vá estar desmaiado, coitadinho!?...

— Não estava, não, antes estivesse!...

As duas mulheres fitaram-se, fixaram um espaço os olhos vermelhos e doridos... Flora tinha a respiracão suspensa, a bôca um pouco aberta. As lagrimas rolavam-lhe nas faces, lentas, como na Virgem que eu vi não sei onde... A dôr espiritalisava-a, magoava-a de lenda. E levantando-se:

— Vamos lá, João, vamos?!

O João disse que sim com a cabeça, preso n'um pensamento obsedante. E depois para a creada:

— Vá indo, que pôde lá ser precisa. Nós vamos já.

Flora chorava sempre, vestia-se atabalhoadamente, tartamudeava phrases, que os soluços lhe estrangulavam. De repente ficava suspensa, meditando, enquanto as lagrimas desciam. Fixou o marido, disse-lhe cheia de lagrimas, as palavras quasi inintelligiveis do chôro: — E era tão meu amigo!... Coitadi-

nho, ainda no domingo... — Ia relatar qualquer lembrança affectuosa, mas a voz cortou-se-lhe. Ajoelhou defronte do santuario e começou a rezar — e na cinzenta claridade do dia melancolico, os labios cheios de preces, os olhos rasos de agua, era d'uma unica e tocante belleza!

O João sentára-se na beira da cama, com a cabeça entre as mãos.

— Vamos, Flora? — perguntou docemente.

Ella benzeu-se. E ao levantar-se:

— O que ha de ser agora da mãe?!

E d'ahi a pouco, depois de meditar, soluçando:

— Aquillo não resiste!...

— Uma assim. Realmente! — fez o João, abotoando a sobrecasaca preta.

Na Rua, vendo-os sahir de luto, vieram á botica saber o que havia; tinham notado o andar precipitado de Flora, o rosto opado de chorar. Foi uma admiração quando souberam da morte do Sequeira — alguns tinham-no visto na vespera — e o Meirelles, que partiu quasi a correr p'ra lá, com os olhos humedecidos, deu um encontrão no padre Cypriano, que perguntou «se elle dava agora n'aquella, todas as tardes».

Em casa do armador ia uma desolação profunda e negra. A sua alegria deixára de correr na casa, desaparecera aquelle homem contente, de meridional expansão bondosa. Á chegada de Flora, foram abraços apertados e demorados, com soluços afflictos, como grandes ondas de magua quebrando nos peitos!

A mãe, coitada, andava n'um desespero, sem saber por onde; esquecia-se do que ia fazer, n'um choro abafado. Ás pessoas amigas que chegavam desatava a contar como se dera o caso, «ainda de manhã bom. tão alegre, tão alegre! e agora morto...»

— Ai o meu homem! Que ha de ser de mim, que ha de ser de mim?!

Quando Flora chegou, abraçaram-se longamente, e no compartilhar d'aquella dôr profunda, houve para ellas um allivio,



quasi uma felicidade. Os soluços rebentaram, rebentavam as lagrimas; beijavam-se, arquejando.

A irmã de Flora contava ao João, soluçante, como o pae sahira de manhã «tão contente, até a assobiar, coitadinho!» Aquellas queixas, o João animava-a, sem dôr nem saudade, um pouco vago, todo nervoso. Arredondava a phrase:

— Emfim... eram decretos da Providencia! Deus lá estava!

Foram todos vêr o morto. No leito conjugal, alto e querido, elle lá estava hirto, com a bôca ao lado, um ar de soffrimento cavado em rugas... Então foi uma torrente de lagrimas, de gritos, de supplicas: trasbordava um rio de afflicções, accendiam-se as saudades dolorosas.

No escuro as luzes bruxoleavam, côr de laranja. Os caixeiros, as creadas, aproximavam-se devagarinho. Algumas pessoas, amigas da casa, que tinham accorrido, soltavam suspiros profundos. E sobre a esteira do quarto, deslisavam os passos lentos do João, como absorto em pensamentos negros, passando, quando a quando, a mão no cabello.

Foi uma fonte de beijos no rosto do morto: as duas filhas beijavam-no, a mulher beijava-o, enchiam-lhe de lagrimas a arder as faces frias.

— Ai o meu rico pae! Ai o meu rico pae!

Houve uma commoção que vibrou os nervos, os olhos todos humedeceram-se, rasaram-se d'agua... Visitas chegavam, pe ante pé, fazendo cortezias magoadas. E ficavam diante d'aquelle quadro transido, d'aquella agua-forte goyesca, onde tres mulheres ajoelhavam ao lado d'um cadaver amado, frio como a estatua da Duvida, — como se acordassem d'um pesadelo, n'uma scena emovente de ballada, toda fremente de paixão.

N'aquelle caudal de sensibilidade, o João, sentado com a cabeça entre as mãos, pensava no que faria áquella hora a *Caleta*, alheio á dôr que se alastrava em arrancos, no egoismo criminoso d'aquelle amor obsedante.

Talvez ella já tivesse voltado, pensava, e elle alli preso, a ouvir aquella gente gemer! Que tinha elle com tudo aquillo, im-

portava-se lá!... E scismava na alegria de estar livre, ao sol d'um paiz alegre, longe d'aquella escuridão e longe d'aquella gente — n'uns braços que o estorcegassem de volupia.

N'uma impassibilidade absoluta, absorvido n'aquelle amor egoista, o João, na manhã seguinte ao enterro, lembrou que fossem todos p'ra casa d'elle, que era muito melhor. Todos foram da mesma opinião, excepto a sogra, que disse que só quando morresse sahiria d'alli, d'onde expirára o seu homem!... E como elle expozesse que não podia ficar, que tinha a pharmacia, os seus negocios, a sogra pediu-lhe que deixasse ficar Flora com ella, a fazer-lhe companhia, alguns dias.

— Pois sim, que fique, que fique. E o João partiu para a sua casa, pallido e grave no seu luto, o coração aos pulos como um doido.

Alguns vizinhos vieram dar-lhe os pezames. O João mostrava-se mortificado, dizia suspirando «que perdêra o seu melhor amigo».

Entretanto quem elle esperava ancioso era a *Caleça*. — Quando chegou não estava em casa, não devia tardar — e logo que os seus passos rangeram na escada, sentiu-se quebrado, com choques electricos, timido como uma creança na escôla.

Mas foi ella quem o chamou. Sabia de tudo, sentia muito! E como entrassem para a sala de visitas, o rapazelho bolia á tôa, como se estivesse em sua casa, passeiando, assobiando uma arieta.

Elle então confessava-lhe que já tinha saudades d'ella... Se soubesse como tinha passado fóra de casa, sem a vêr!... E os olhos iam-se-lhe quebrando. Ella ia gostando, sorria-lhe, via-o aproximar-se mais abertamente, sem aquelles rodeios timidos de amoroso. O momento convinha-lhe. E confessou-lhe, n'um sorriso infinito, que não fóra só elle quem tivera saudades...

Mas não se podia demorar mais. Sentia immenso o que tinha acontecido! E mudando de tom, para o filho, toda affagante:

— Tu já tens vontade de comer, não tens?

Combinaram então encontrar-se em cima, á hora do outro



dia, para fallarem da casa, d'umas pequenas obras, — porque chovia no quarto escuro. E a *Caleça* subiu, atirando-lhe da escada um sorriso que o fez tremer de felicidade.

Ficou a pensar n'isso toda a santa tarde. Ás mesmas pessoas que o procuravam fallava abstracto, não respondia mesmo: — e longe da rua, dos vizinhos amáveis, do mundo inteiro, elle deixava-se divagar n'aquelle céo aberto, só pensava n'ella, no seu amor, no seu futuro, n'aquelles dentes brancos! — Á noite foi mais cedo do que promettera. Encontrou-a só — «o *garoto* tinha ido ao Baquet» — e achou-a linda como nunca, radiosa como uma deusa hellenica, fresca como um morango. A *Caleça* incendiava-o! O tempo estava d'uma funda melancolia, o vento gania nos becos, batia a chuva nos vidros. O céo estava todo em crepes, a Creação chorava, — dir-se-hia o prestito fúnebre de Deus... Mas alli dentro tudo era tepido e manso, cahia um maná de chimeras, muito dôce, havia azas translucidas e ardentes de desejos. Que lhe importava o que ia lá por fóra! — Ella tinha vestido um roupão, que lhe cahia como n'uma grande estatua: no cabello meio solto uma pedra falsa punha um vagalume, scintillos de topazio: no peito farto bocejavam camelias. Nunca a vira tão simples, tão linda! Ao sentar-se, cruzando a perna, ella deixou vêr o mesmo pé escarlate, a mesma meia preta, silenciosa... E ao lado, o leito tinha a mesma colcha; só aos pés se estendia um *couvre-pieds*, do envez.

O João sentia-se melhor agora. Não estava bem ainda, baixava ás vezes os olhos, timido, mas fallava mais. Ella aquecia-o como uma fornalha d'onde vem um bafo esbrazeante.

— Pois quanto ao aluguel, esteja descançada... Não se mexe no arrendamento, mas isso não tem duvida nenhuma. Bem sabe, sou eu que recebo...

A *Caleça* sorriu-lhe, já n'uma grande intimidade. Quebrou um pouco os olhos... — E o *abat-jour* do candieiro dava-lhe ao rosto uma sombra verde e luminosa, de visão.

O João estava louco:

— E tudo que quizer de mim... tudo lhe pertence! — concluiu.

Os seios d'ella arquejavam, levantando docemente as flôres... Fixou-o irresistivelmente, sorriu-lhe n'um quebranto:

— Eu não valho nada, pobre de mim!...

— Vale tudo... E como ella não tirasse os olhos d'elle, o João, magneticamente, ergueu-se, ella ergueu-se tambem, e collaram os labios n'um forte beijo, aos sorvos.

Tudo... tudo! — suspirava o João.

Ao vir p'ra baixo o João encontrou o gavroche que subia. Deu-lhe dinheiro p'ra cigarros. O rapazelho prometeu contar-lhe uma scena de escandalo, e dava estalos com a lingua.

— Aparece na botica, amanhã.

Pois sim, apparecia na botica; mesmo talvez precisasse d'uns remedios...

— Seu patuscão, fez o pharmaceutico, dando-lhe um piparote na barriga.

— Apanha-me uma *cacholeta*, fez o outro, atirando o chapéo para a nuca, gingando.

O João deitou-se fatigado. Nem tinha voltado a casa da sogra!... Esta idéa trouxe-lhe mil idéas funebres. A *Caleça* em cima, coitada! a aturar aquelle mariola do filho!

Mas elle tinha graça, pensava, era espertote. O amor por ella modificára-se: era agora como um mar sem vagas... Vinha lasso, e adormeceu facilmente. E nos sonhos, incoherentes e macabros, havia um cemiterio, onde elle beijava doidamente uma mulher nua, alvissima, que tinha como a lua um rosto glabro e uns dentes muito brancos. Mas acordou transido, porque d'uma campa sahiu-lhe o sogro, epicamente grandioso, com um punhal na mão!

Acordou mais tarde, muito quebrado. Ao abrir as janellas o dia entrou n'um bocejo de luz pelo quarto, melancolico e baço, d'um cinzento doentio.

De novo se avivava a imagem da *Caleça* dentro em si. Vestiu-se, lavou-se inconscientemente, por habito, fazendo gestos, desabotoando sorrisos. Almoçou pouco e veio para baixo.

Quando ella sahiu com o rapazote, fallaram, um tudo-nada pudicos, fulminaram o tempo, o bojo das nuvens. E elle viu-a

descer a Rua, magoado, como se lhe tirassem tudo que tivesse. Ao jantar ouviu alguém que subia as escadas, escutou... Era ella! Teve phrenesis de a seguir, de a beijar muito!... Mas a creada estava alli, estúpida e má, em baixo o praticante podia chamal-o!... Que vida idiota! Nem era senhor, pensava, de fallar á vontade com aquella mulher que elle amava, sem as murmurações da canalha.

Não comeu quasi nada. Andava n'um periodo das rêverias, de allucinações e de odio ao mundo — áquelle mundo ignobil que o cercava, que o não deixava ser canalha de todo. Que vontade de fugir com ella na barca *Silencio*, que ia partir...

Todo o dia passou casmurro, na pharmacia, embrulhando cigarros, a cabeça entre as mãos. Tinha os olhos cerrados, assobiava as fumaças. O praticante perguntou-lhe duas coisas; não lhe respondeu. Á noite foi cedo para cima, não quiz cear, mandou deitar a creada logo que o praticante desceu — e pé ante pé, subiu ao segundo andar.

Par em par, abria-se-lhe a porta do Eden. Era um jorro de beijos sorvidos, de extasis. A carne desfraldava a bandeira de purpura. Eram levadas de caricias fortes, rythmos magoados de quebrantos. Mas podia vir o rapaz — descia, e ella ainda lhe atirava, do alto, um beijo...

Então, quando pensava a serio na vida, é que elle tinha odios, freneticas raivas que espumavam. Depois ficava quebrado. Que lhe importava tudo, dizia, se a tinha a ella, se a possuia, tão sua amiga e tão fresca! Que lhe importavam as bôcas do mundo, se elle tinha a bôca escarlate da *Caleça*, cheiinha de beijos! E ficava terno, egoista, molle.

Só na mulher não tinha pensado muito. Nasciam-lhe idéas de rebellião que partiam da vida, do casamento, de tudo isso, mas raro e de fugida se lembrava d'ella.

Era um brazeiro acceso, mas coberto de cinzas. A mulher era uma coisa vaga, que se ás vezes lhe dava um rebate, logo se evanescia. Nunca mais fôra ou mandára saber da sogra: e assim mergulhado n'aquelle amor febril, romanticamente architectando torrecões no azul, se passaram tres dias.

Foi n'este meio tempo que Flora chegou. Lá todos estavam afflictos, dizia, não sabiam se tinha succedido alguma coisa. Tinha lá sido tão preciso, e nem sequer á noite, um bocadinho... Elle desculpava-se: «um pouco doente, muito exquisito, e muito que aviar na pharmacia».

— Ora, mas sempre tinhas tempo, se quizesse... Ella até tinha vindo áquella hora da noite, para não ser reparado. Coitadinha da mãe, estava tão acabadinha!

O João pulava, fez-se escarlate, depois pallido. Precisamente á hora em que elle ia fechar para ir ter com a outra!... Irra, que infelicidade, que sorte! E teve á mulher o asco que se tem vendo uma lesma, sentiu vontade de a aniquilar... Subiam por elle phrenesis diabolicos, silvavam-lhe serpentes no peito — e quando Flora, um pouco pallida e cançada, subia devagar as escadas, deu um murro feroz na banca, soltando um grito obsceno; pegou n'uma garrafa de remedio, despedaçou-a no chão, rangendo os dentes, soltando um arranco epileptico. O praticante correu atordoado: tremia como varas verdes. Flora ainda ouviu o ruido de coisa que se quebrou, mas não desceu.

Ao chegar a cima, a Rosa, a creada, correu muito contente. Estava morta pela senhora, dizia-lhe, tinha ido o diabo em casa.

Flora ficou suspensa, passou-lhe uma nuvem negra:

— Então que foi?!

— Ai, a senhora não se afflija, nem me comprometta...

Não compromettia, que dissesse. E Flora sentia que suava.

— É essa mulher, essa comica do inferno, eu bem dizia!

Flora sentiu-se quebrar, empallideceu, sentou-se. Sentia-se enervada, fraca como um vime. Desgraças atraz de desgraças!

— Mas então elles fallam-se, que tem havido...

— Vai lá elle todas as noites, senhora, uma pouca vergonha! Deus nos livre que se soubesse, que haviam de dizer! Ai, eu nem sei como se elle confessa!

Quando o João subiu, Flora, sentada n'uma cadeira, chorava toda sacudida de soluços.

—Foi p'ra isso que vieste? Põe-te na perna amanhã, anda! Era o que me faltava! Vai-te, vai-te...

— Isso era o que tu querias, murmurou ella, entre soluços.

O João percebeu logo que havia desconfiança. Exasperou-se:

— O que eu queria?! Porquê, porquê, pata-choca do inferno?!

— Ainda o perguntas! Por causa *d'ella*... o estafermo!

O João perdeu-se:

— Grande calumnia! Nem pio! É demais!

— Vai p'ra lá hoje também, anda! Vai lá dormir!...

Então o João não se susteve. Deu-lhe uma bofetada. Flora nem se defendeu, continuava a chorar, cheia de ancias.

— Ó meu Deus, que desgraça a minha. Ó alma do meu paesinho!...

Mas como fallasse alto, o João tapou-lhe a bôca.

— Cala-te, diabo! Olha que te mato! — E deu-lhe um murro nos dentes.

Flora sentia-se fraca, apenas com força para soffrer. Chorava, gemia.

Foi uma noite de tempestade surda n'aquella alcova, cheia de pensamentos pavorosos, de coisas negras. O João deitou-se, a apparentar serenidade, mas apenas teve pequenas madornas. Não tirava os olhos de Flora, receiava-se *d'ella*, tinha medo de que ella fugisse. Mas não; Flora não dormiu em toda a noite, chorou muito, depois ficou-se soluçando tímida e mansa como uma cadella.

E as manhãs continuavam chuvosas e lobregas. O João ergueu-se cedo, mal humorado, e disse:

— Essa creada, já no meio da rua! Coscovilheira, grande mentirosa! Quando vier jantar, não a quero vêr ahí! — E depois, ageitando a gravata ao espelho: — A santarrona do inferno!

Flora não respondeu. Sentada ainda na cadeira da vespera, a cabeça encostada á mão, tinha os olhos inchados e rosetas



de febre. Toda a noite meditára, houve n'aquelle coração tempestades, raivas mansas que se apagavam n'um soluço. Refugiára-se na reza, mas o Senhor não lhe acudia: sonhára na paz d'um convento, ao pé d'um monte, na doçura lavada d'uma cella — e a noite passára em orações ao Christo do santuario, em promessas á Senhora dos Afflictos, ciciadas sem o João ouvir. O céu resplandecia-lhe cheio de luzes, de bens, ao pé do pae que a beijasse...

Ao meio-dia foi a velha Rosa despedida pelo João, e veio uma rapariga da adeleira, rija e provincial, de grandes seios.

Flora affligiu-se, chorou, deu uma lembrança á Rosa... Esta, ao sahir, disse-lhe, lacrimando:

— Veja se põe longe d'aqui essa comica. É uma desavergonhada! — Eu vou p'ra Celorico, p'ra a minha sobrinha...

Flora chorava. Quando a Rosa sahiu foi vèl-a da janella. Era tão sua amiga, tão fiel! Levavam-lhe tudo, que havia de ser d'ella?! No estado de nervos em que estava tudo a abalava immenso, — como uma folha tenra que um vento leve agita, e que as outras folhas nem sentem.

Dois dias se passaram de torturas, de afflicções, modos do João que feriam como alfinetes enterrados na carne. Uma tarde Flora ao abrir uma porta deu de cara com a *Caleça*, que subia. Custou-lhe a suster-se, teve uma convulsão nervosa, ficou pallida, ainda deu um passo... Entretanto a *Caleça*, alta, passou tranquilla, abaixou a cabeça polidamente. O filho, atraz, fazia caretas a Flora, deitava-lhe a lingua de fóra, troçando. Quando se retirou para dentro, Flora teve uma tontura, e cahiu redonda no chão.

No dia seguinte havia a missa do setimo dia, por alma do Sequeira. Os dois sahiram. O João cortejou a vizinhança, disse á mulher qualquer coisa frivola. Ella ia triste, o rosto a cavar-se, olhos vagos de doente. Em Santo Ildefonso encontraram o resto da familia.

— Credo! disse a mãe, vocès em se pilhando em casa, nunca mais dão satisfações. Pois tambem não é a filha de meu pae que lá manda.



O Meirelles, que já lá estava, aproximou-se. Adiara uma viagem a Amarante, para assistir á missa, — pobre Sequeira! E os olhos encheram-se-lhe de lagrimas.

— Mas vou amanhã sem falta. Ossos d'officio!

— E demora-se? — perguntou brandamente Flora.

— Conforme, rapariga, conforme... Tu queres alguma coisa? Se houvesse pecegos, trazia-te um cesto d'elles.

E reparando em Flora, vendo-a doente, dia a dia a delinhar-se, pondo-lhe a mão na cara:

— Olha que é preciso arrijar, pequena! tristezas não pagam dividas. Emfim, quem lá está, lá está... Que peça por nós todos!...

Mas o padre veio, todo grave na sua casula preta. Tinham chegado varias pessoas amigas. A missa foi lenta, d'um silencio longo e frio, de claustro — e Flora rezava pelo pae, que a livrasse de vergonhas do mundo, que pedisse ao Senhor que lhe valesse!

Pela egreja, mulheres de capa rojavam-se, batiam nos peitos: o sacristão resplandecia como uma papoula: os sinos repicavam com um accento triste, no ar triste. N'aquelle socego suggestivo e dôce, Flora antegostava a doçura da paz, longe do odio, mais perto das portas de ouro do céu! E pedia á Virgem que lhe desse allivio, que lhe cobrisse o coração de bençãos, com os olhos rasos de agua — quando a hostia subiu nos dedos finos do padre, como a alma branca d'uma noviça tysica...

Ao descer a egreja fizeram-se alas de pobres, estendendo as mãos sujas, cheias de unhas negras. O Meirelles começou a dar esmolas; o João seguiu-o, compenetrado e pallido. Todos deram,—menos Flora. Ao sahirem um ar chuvisquento entristecia, os degraus reçumavam humidades de poço, a Batalha estava quasi deserta. Alli separaram-se, abraçaram-se:

— Então vejam se vão por lá, seus bichos do buraco, — fez a mãe.

O Meirelles acompanhou os dois até á pharmacia. Não subiu, tinha pressa. Recommendou a Flora cuidado, fez-lhe uma festa, e despediu-se até á volta de Amarante. E lá foi pensando

na magreza de Flora, no seu olhar pisado e tímido, n'aquella rapariga tão alegre d'antes. «Eram saudades do pae, coitada, e desgostos d'aquelle marmello do snr. João. Quando voltasse havia de pôr tudo direito, ou os diabos o levassem!»

Flora, pelo seu lado, tinha pena de que o Meirelles partis-se. Talvez lhe podesse valer, fazer com que aquella mulher sabbisse d'alli, com que o marido se portasse bem! E elle lá ia, e ella ficava só, para alli, sem ninguem a quem fosse encostar a cabeça afflicta! Á mãe não podia levar mais desgostos, coitada, estava tão magrinha! Era soffrer, era soffrer!

E os dias foram correndo monotonos, enfadonhos, cheios de chuviscos. Á desolação da sua casa, do seu coração ferido, pintava-se a invernía frígida, a lama, as nuvens de catastrophe. Que saudades ella tinha dos dias antigos, sempre cheios de sol, embora chovesse a cantaros!

O seu quintal, muito tufado de verde, fresco nas tardes quentes, com manchas escarlates de malvas... Os vasos que ella regava, a madresilva-sardão da sua janella: e a agua da bica, onde ella molhava os braços!... Depois a paz, a alegria da casa do pae, a sua fartura... O João agora não dava dinheiro, nem pão ás vezes havia em casa... Que vergonha, que vergonha! A creada nova, a assistir áquella miseria toda — e ella maltratada quando pedia dinheiro, que era d'ella afinal... Muitas vezes atirava-lhe com elle, tinha pisaduras. Da ultima vez, se não se abaixasse, um vintem, zunindo, tinha-lhe dado n'uma fonte... E encostada á janella (já a noite cahira) Flora chorava, pedia a Nossa Senhora que a levasse para si. Nunca havia para ella um laivo d'alegria — e só tristezas e só feras rudezas! Estava infinitamente feia a noite, humida, com agua e remoinhos de vento fatidico. Lento e lento um piano começou de ouvir-se, em casa do major; alguém tocava uma valsa, arrastada como cadeia de suspiros, lamartineana e vaga. Deviam ser adeuses de namorados. De vez em quando apagava-se a musica ás lufadas do vento, aos rufos da chuva; mas passado o ruido, de novo se perdia pela Rua deserta, á maneira d'um lenço que se perde entre as ondas, para de novo se tornar a vêr... Que



mezes tinham passado sem ella abrir o piano, pensava Flora. Já nem sabia tocar, apostava. Bem se importava ella! Em casa de seu pae, sim! Era elle mesmo quem lhe pedia, todo contente, e vinha ouvil-a para a sala... Depois deitava-a no collo, fazia-lhe festas, annelava-lhe o cabello, e perguntava-lhe n'um beijo de quem ella era amiga... Pobre pae! A mãe sempre fôra mais affeiçãoada á outra irmã...

E tinha recordações, saudades, das mais pequenas coisas da casa, do seu quarto sobre o quintal, dos seus velhos sonhos, esfarrapados! Lembrava-se das grandes salas cheias de tochas alinhadas pelas paredes, mulheres trabalhando, enfeitando caixões... Havia-os negros, grandes, para levar grandes tristes! Havia-os pequeninos, brancos e côr de rosa, para os anjinhos, que eram assim como flôres de cêra... Se ella tivesse ido n'um d'aquelles! Que feliz! Parecia-lhe que estavam a pregar caixões: ouvia as pancadas — e nasceu-lhe uma vontade immensa de ir a enterrar, n'um caixão da sua casa, já livre das vergonhas do mundo, a entrar no alvor da Gloria!... Ouvia os padres a rezar, roufenhos; haviam de ir os meninos orphãos... De cima da eça ella escutava, toda pallida, de negro como as viúvas, os que ficaram, sem saudade e sem preces, dizer coisas banaes da sua vida: e logo que o abbade hyssopasse o seu corpo magro (que fôra tão refeito e tão branco!) a alma fugiria para o céo, — todo florido, todo dourado, todo cheio de graça! — Mas vinha-lhe a idéa de que o João ficava batendo as palmas com a *Caleça*, gozando com a *Caleça*, enchendo-a das caricias que lhe negara. O que elle queria era que ella morresse, pensava. E desatava a chorar como uma creança!

Tinha ainda saudades da vida, e mais do que isso, tinha ainda vontade de ser amada por elle, e todo o seu pequeno orgulho renascia. Como se illudira com elle, que parecia tão seu affeiçãoado, que lhe chamava Flórinha, — e que uma tarde, ao pé dos morangos, lhe prendera os pulsos, a beijára, todo pallido... Sentia ainda o abalo d'aquelle beijo. Como ella fugira pelo quintal, toda corada, cheia de nervos. E agora!...

Mas o João subia, devagar. Ai, Jesus! como já era tarde.

Esquecera-se alli, elle vinha surprehendel-a, vinha ralhar-lhe. Tinha-lhe tanto medo, agora quando o ouvia! O João viu a porta aberta, espreitou — e continuou a subir as escadas, assobiando baixo.

Flora fechou a portada, seguiu-o. A ceia ainda não estava prompta, a creada descuidára-se, e o João começou a resmungar, a atirar com as portas, de vez a vez a assobiar, abanando a cabeça. Era prenuncio de tempestade. Flora foi para a cozinha.

— Ande, mulher, ande, valha-nos Deus. Já podia estar tudo prompto!

N'isto o João voltou:

— Visto não haver ceia, vou-me deitar.

— Vai já, é um prompto — respondeu Flora.

— Já devia estar prompta, é o que é! A culpa não é da creada, a culpa é sua. Vai de boca aberta p'ra a janella, a figurona! Era o que me faltava, era ter a desgraça de casar com uma mulher d'estas.

Flora não respondeu. Aquellas palavras azedas e ambiguas, diante da creada, eram-lhe um supplicio. Com as lagrimas nos olhos ajudava a tirar o caldo. O João continuava a assobiar.

Durante metade da ceia não fallaram. Ella queria fazer que comia, mas era-lhe impossivel engulir, sentia um nó na garganta oppressa.

E os dias seguiram-se horriveis, Flora sem dinheiro, com necessidade de pôr as coisas na mesa, a sentir-se doente, sempre maltratada, desfeiteada por elle. O seu refugio continuava a ser o santuario, a sua crença toda florida. Ás vezes perdia a noção do que a cercava, tinha largos esquecimentos, trocava o nome ás coisas. Cahia nos extasis, como as santas martyres, e tinha vontade de se confessar, para expirar em graça. A sua unica aspiração, a principio indistincta, tornou-se clara e cheia de luzes, como lausperenne: era um céu, onde viveria sem medo, entre fartura e frescura, na companhia do pae, e da irmãinha que morrera tysica. Como havia de ser tudo resplandecente,

emballante de musicas nunca ouvidas, na somnambula alleluia da Paz! — Pouco a pouco foi-se desleixando, já não era limpa como d'antes. O soffrimento era tambem menor para ella, esquecida do mundo e das suas magoas, mettida dentro da propria alma, os olhos fitos n'um luar de Via-lactea... O João começou a ter-lhe nojo, a pegar com ella todos os instantes:

— Lava-te, porcalhona, deu-lhe agora para a beatice, o estafermo.

E dava-lhe belliscões, empurrava-a, ria-se para ella d'uma maneira crua, horriavelmente cynica e torpe:

— Ó tolinha, olha o que te cahiu.

Ella olhava, depois seguia. Elle dava-lhe uma gargalhada, embrulhava um cigarro.

Uma vez convidou para jantar com elle o filho da *Caleça*. Flora irritou-se quando viu o garoto entrar com elle para a mesa. Mas as impressões desvaneciam-se-lhe logo. A mesa foi uma troça. O João chamou-lhe nomes, descompôl-a, chasqueou-a.

O rapaz comeu por um regimento. No fim o João offereceu-lhe um cigarro, que elle fumou, atirando bolinhas de pão a Flora, que arrumava a mesa, distrahida. O João alegre, mais colorido, pedia-lhe que contasse historias *das d'elle*, dava-lhe palmadas amigas nas coxas. O rapaz descrevia ceias hilares, patuscadas pelintras, a vida reles dos camarins e das actrizes. Havia-as com tres amantes, no galarim — e contava ao João o que elle fazia com uma corista gorda, a *Rabaça*, muito loquaz do vinho tinto de Basto.

— Que ratão, que grande ratão! — dizia o João, babado de lascivia.

— Ai, pae, que rapioca! respondia o outro.

Flora achava que aquelle rapaz era perigoso e odioso. Sentia-o vagamente, mas como que lhe tinha medo. Duas vezes que o fitou, elle deitou-lhe a lingua de fóra, com chascos de ralé. A propria creada lhe perguntou quem era o fedelho:

— Pois a senhora não sabe? Veio á cozinha ter commigo, nunca vi preparo assim! — E o patrão ria-se como um perdi-

do, ao pé da janella. Ai, que me fez de fel e vinagre! Malcreação!

Flora ouvia, sentia-se vexada, tratada como um objecto torpe, mas raro pensava n'isso. Nunca mais, durante quinze dias fôra a casa da mãe: andava secca, os olhos embaciados e sem fixidez. Dentro de si havia uma aspiração indecifrável, que desabrochava em visualidades magicas do céo, em reverias dôces, a que se seguiam terços e rosarios. Outras vezes andava pela casa, olhando receiosa para os lados, toda encolhida, a fugir do diabo... E quando lhe vinham momentos lucidos, em que ella via toda a crapula da Vida com seus encantos de ouropel, os seus olhos quasi baços resplendiam de lagrimas, e via-se escarneçada, sem dinheiro e sem nada!

Foi n'uma noite d'estas que o João lhe disse, á noite:

— Vou sahir, levo a gazua, não é preciso esperar.

Ella não respondeu. Ao vê-lo dobrar a esquina, com o guarda-chuva aberto, debaixo d'agua, ficou a pensar aonde elle iria. Mas pouco depois a *Caleça* sahia com o filho, e ella teve uma noção clara de tudo.

Ficou então magicando na sua vida, que não comprehendia, de cheia de nevoa, de enfumarada e lutuosa. Que havia de ser d'ella?! O João não lhe dava dinheiro, já não podia pedir mais emprestado á creada, santo Deus! Mas de repente aclarou-se-lhe uma idéa: se ella fosse empenhar alguma coisa... Para lá do Aljube, ella sabia que a Brigida, que tinha sido sua creada, montára uma casa de penhores. O João decerto vinha muito tarde!... Ia lá n'um instante!...

Foi a uma gaveta, embrulhou umas pratas. Sem dizer nada á creada desceu e disse ao praticante que esperasse por ella, que ia alli a uma visinha. O Lombriguinha chupado, todo dobrado, murmurou:

— Chove muito, se a senhora quer alguma coisa?... É melhor eu ir... É melhor eu ir, a senhora vai-se molhar toda...

— Eu venho já, respondeu Flora — e sahiu.

Chuviscava. A rua tinha um ar funebre, as casas fechadas, uma ou outra loja ainda com luz. O vento bufava, uivan-

te, açoutava rijamente Flora, erguia-lhe as saias velhas em remoinhos. Ella seguia afflicta, como cadella escorraçada d'um portal, com o embrulho apertado na mão, e o guarda-chuva roto que a ventania virava. Foi andando, perguntando pela snr.^a Brigida. Não conhecia os sitios, tremia de medo, toda se confrangia quando um bebado passava, de chapeirão cahido, obscenando em regougos. Ia atravessando becos escuros, descendo ruellas zarolhas, com rufos de chuva nas costas. O chale pingava-lhe; levava os pés n'uma sopa. E na noite agoureira, de cataclismo, um trovão rolou alto, no negrume, como um passar pesado e longo de carruagem. Afinal chegou a Sant'Anna. Aquella hora e n'aquelle dia a rua, de casas lezardentas e pó-dres, tinha curiosidades macabras, lambugens de luz peçonhenta, escorrendo das tascas cheias de trabalhadores e marujada ceando. Mulheres enchiam de caldo as tigellas alinhadas nas mesas compridas, ao pé do fogareu crepitando ao fundo, e candeias pendiam dos caibros, reçumando fogachos de caverna. Sempre o vento gania. E eram interiores piolhosos, como capellas de enterro, com tambos esfarrapados e sujos, montões de sanie, onde a flôr d'um berço fazia pena!... Parecia que erravam espectros áquella luz sinistra, luz de lampada n'um subterraneo, onde luzissem olhos de bandidos, a cocar. E pelas taliscas das portas velhas, fechadas, vinha uma luz morta, cemiterial, aziaga, que escorria nos lageados frios, como a luz das balladas tragicas, festins do Barba-Azul, com lindos corpos das amantes em postas, cabeças degoladas e atadas aos cabellos louros e finos, empoçados em sangue! De todas aquellas casas não sahia um bafo de alegria. Era uma hecatombe de almas goyesca, acarvoada, eriminosa. Nos mesmos dias de sol não havia purezas, frescuras: nas varandas de pau, em caixões negros, as flôres pendiam. Viam-se todas as creanças com rugas; creaturas com olhar de ictericia...

Flora foi seguindo, encharcada. A chuva cessára um pouco. No forno apagado do céu parecia querer espreitar, entre crepes, a cara assassina da lua. E o vento uivava. Então uma rameira vesga, que Flora abordou, apontou um primeiro andar



carunchoso e funereo, onde afinal foi encontrar a snr.^a Brigida, encarquilhada, com os olhos pequeninos, luzentes no fundo da carinha cynica.

Entretanto o João encontrava-se com a *Caleça*, e áquella hora ceava n'um restaurante pobre, que ella lhe indicára como barateiro e discreto... O João tinha vontades de passeiar, mas nem convinha á sua posição respeitada, nem a noite invernal consentia. Se a noite fosse linda iam até ao jardim de S. Lazaro, iam ás Fontainhas sentar-se um pouco... Ah! deixasse ella vir o verão, as noites mornas de luar! Então sim! Ainda haviam de dar muitos passeios... Iam de braço dado. A *Caleça* apertou-o contra si, carinhosamente, n'um affecto, sob o guarda-chuva. O João sentiu-se fraco, subornado pela promessa de carícias, sentiu vontade de a morder de beijos. Atravessavam a Batalha, quasi solitaria, com uma ou outra tipoia parada, outras passando para o theatro de S. João. Cantava-se o *Nabuco*: a *Caleça* ainda se lembrou d'uma theatrada, mas pensando bem, resolveu pela ceia mais demorada, com mais intimidade, «mais ratices». E de theatro estava ella tão cheia!... Seguiram então para o restaurante Mindello. E ao rez-do-chão, n'uma sala antiga, de tecto baixo e janellinha conventual, o João pediu uma ceia abundante, e vinho em barda. Nunca estivera tão bem na sua vida — e emquanto não vinha o *seu garoto*, e ao rufar da chuva mais forte nos vidros, n'um velho canapé respeitavel e talvez historico, o Impudor hasteou a bandeira de guerra.

E Flora entretanto, chorava em casa; a mulher dera-lhe 3\$000 reis; a que lhe chegavam! Constipára-se toda, a roupa podia-se torcer. Quando entrou, o praticante esperava-a á porta, a espreitar, afflicto, chupando um cigarro. Ao vê-la chegar, toda molhada, com os olhos ennevoados, offereceu-se, quasi confidencial:

— Se a senhora precisar de alguma coisa, bem sabe... O que quizer, tomára eu poder servir a senhora... Nome de Jesus! foi-se molhar toda!... Valha-me Deus, eu podia ter ido!...

— Muito obrigada, vou-me já deitar. O snr. João já veio?

Á resposta negativa do praticante, Flora subiu, muito cansada. E já tarde acordou d'uma modorra aos passos do João no quarto, a que se seguiram passos em cima, que a fizeram estremecer como nunca!...

Dia e dia foi crescendo a sua tristeza, como herva ruim n'um pardieiro a cahir. O João desprezava-a, maltratava-a. Dinheiro para as despesas não dava, e ralhava, atirava com pratos se o jantar não fosse como d'antes. A sós, no quarto dizia-lhe coisas ignobeis, cuspi-a de troças de fadista bebado. Ella tomára-lhe medo. O espirito cobrira-se-lhe de nevoeiro, e o corpo de fraqueza, dia a dia quebrando, enchendo-se de ossos! Rezava á tôa, cahindo em extasis; chorava, e na dôce visão e aspiração do céo, todo o seu sêr se adormentava em deliquios... Cahira n'uma vida quasi inconsciente, e lembrava agora, atravessando a casa, uma pobresinha de estrada, meio louca, com a saia rota e um galho d'arvore na mão, que os rapazes troçam e a quem chamam bruxa. Era a encarnação da ti'Zefa, uma pobresinha que eu conheci outr'ora, atravessando alheiada as quelhas d'uma aldeia, andrajosa e arqueada, não fallando á gente, apenas estendendo a mão para a esmola, resequida mão de pergaminho e ossos. Eu fui vê-la á cabana, quando morreu. Era longe esse casebre da ti'Zefa, perto d'uma bouça. Ao fundo passava o rio, aonde ella ia lavar os trapos, a um sitio ermo, cantarolando baixo umas lóas a Deus. Foi lá a aldeia em peso, a vê-la. Diziam que era santa — e eu lembro-me d'ella muito magrinha, muito pallida e sumida no catre de pinho a um canto... O seu enterro foi pobre, mas cheio de compunção e tristeza. Era em agosto, á noitinha, quando o campo é infinito de sonho. Alguem lhe mandou o caixão, que aquella gente acompanhava em lagrimas — e já a lua tremia nas oliveiras... Os lavradores foram vê-la, as mulheres formavam prestito, rapazitos acompanhavam tristes e admirados, e sobre a paz dos campos dobrava o sino!... E como toda a gente rezava por ella, eu tambem rezava. Estava áquella hora no céo, como era feliz! E já se contava um milagre que ella fizera, sal-

vando as vaccas d'um lavrador de perto... Nunca se viu tanto povo na igreja: alguns olhos choravam: e pouco depois lá ficou no adro, em campá rasa, cheia de rosas de todo anno, que o luar parecia desfolhar, somnambulo...

Pois assim Flora emmagrecia: uma aldeia crente santificá-a-hia decerto, choraria a sua morte. A mãe não voltára lá mais, depois da missa, resentira-se da ausencia de Flora. Esta não se lembrava — não se importava — e começava a ter a volúpia da dôr. Tudo que o marido lhe fazia, ella soffria agora resignadamente. Só d'uma vez o ouviu subir á *Caleça*, e d'essa vez chorou...

O João agora andava insupportavel, e perdido. A amante enredava-o em voluptuosidade. Perdera o appetite, quasi, andava cheio de ancia, desenfreára-se-lhe um amor tonto, que asobiava como as cobras, contrafeito e represo. Lembrou-se de fugir com ella, mas para onde? Era um escandalo, a Rua sabia-o... E lembrava-se de estrangular Flora, passava as mãos febris no cabello, rompia n'um diabolismo, resmungando e atirando com portas e com tudo. Mas passado o phrenesim, acalmado o cyclone dos nervos, o João um dia teve uma idéa. E se a matasse, elle tinha meios tão simples... Mas não, podia-se saber, — e tudo lhe apparecia cheio de pavores, de pesadelos. Dentro de si apenas existia um obstaculo: descobrir-se tudo. De que lhe servia a mulher? E depois? Que esplendorosa vida, a transbordar de gozos, como um rio cheio, alagando as margens!

A carne ás vezes, saciada e lassa, dava-lhe tedios, prostrações, canções passageiros. Mas em breve renascia, se erguia o desejo, á semelhança d'um reptil viscoso, erguendo a cabeça á tona d'um lago. Quedava-se em planos, cada vez com mais odio a Flora, morto por se vêr longe d'ella, plenamente entregue aos braços da *Caleça*. Tinha aviado uma injeção de morphina, quando a actriz o chamou da loja. Ia sahir á pressa. O João correu, com certa gravidade de exterior, por causa do praticante, de algum visinho espreitador. E cada dia a achava mais linda, elegante, mysteriosa...



Parecia que a companhia ia a Braga, ella tinha de ir por força. O João tremeu. Que inferno! E elle ficava só, e elle não podia ir!... Que inferno!

— São dois ou tres dias... tem paciencia, filho! — fez ella.

— Que raio de vida! — E pondo-se a pensar, triste, o João terminou: — E foi p'ra isto que me casei!...

— Descasa-te, respondeu-lhe baixo a *Caleça*, fazendo biquinho com os beiços, n'um beijo...

— Se eu pudesse! ai, se eu pudesse!

— Podes, fuge commigo p'ra o Brazil... Tenho muita vontade de fugir contigo. Lá, depois... Ai, filho!...

Ao apertar-lhe a mão, o João tremia. Sentia uma volupia invadil-o, em espiraes de gozo. E ella apertou-lhe um pouco a mão, cerrando os olhos...

— Bem, adeus, até á volta.

— Adeus, respondeu o João.

Então o pequeno entrou com a mala de mão.

— Tu tambem vaes? disse-lhe o João.

— Não, só á estação.

Sahiram. O João ficou preso nas ondulações d'aquelle corpo, que elle sabia de cór, — a sua reliquia.

Cahiu então n'um mal-estar frenetico. Julgava-se amado, sentia-se preso. Teve então um accesso de nervos, rangia os dentes, tinha um receio indefinido... Mas não, que tolo, a *Caleça* era séria, amava-o, elle bem sabia! Não levava o filho, por commodidade... Ia só, coitada! E aquelle estafermo lá em cima, estúpida, já nem se lavava! Não (e suava copiosamente) era preciso decidir-se. Quem desconfiava? Era uma morte tão natural, tão mansa... E vendo que o praticante tinha ido ao quintal, de novo pegou, tremulo, receioso, na morphina.

Ao jantar, deitou vinho nos copos, como de costume, e mexeu muito o de Flora. Deixava a comida no prato, provava apenas. Quando Flora bebeu, empallideceu profundamente, teve duas gotas de suor:

— Deixa!... Disse ainda, estendendo um braço, mas reteve-se. Flora tinha bebido mais de meio copo.

— O quê? perguntou Flora.

— Dá-me esse guardanapo. E limpou os beiços seccos, brancos.

— Estás doente? perguntou a medo Flora, vendo-o assim livido, com os cantos da testa suados.

— Não, respondeu elle contrafeito. Cala-te!

A creada entrava com uma travessa.

E não houve entre elles mais uma palavra.

Ora eis a causa da morte de Flora. Deitára-se cheia de somno e apparecera morta. A mãe e a irmã correram, mal lhes chegou a noticia inesperada. Quasi que não a conheciam de acabadinha e magra, em tão pouco tempo! A gente da Rua veio cumprir os seus deveres. O João estava encovado e ex-quisito. Coitado! sentiu — dizia-se.

As pessoas mais ternas choravam.

— Para elle o sentimento não estava nas lagrimas. Antes podesse chorar!... Era o seu argumento.

Os visinhos que desconfiavam de desavenças, que tinham notado certos modos da *Caleça*, certo luto que pesava sobre aquella casa havia mezes, acreditaram na bondade e na amizade do João.

— Nem parece o mesmo, como elle se acabou em dois dias! Quem havia de pensar! — disseram as Sousas.

Na noite do enterro, todo esbofado viêra o Meirelles. Tinha chegado de Amarante, soube da morte de Flora, só teve tempo de se vestir de preto. O João teve medo, quando o viu. Não se lembrára d'aquelle homem, diante de quem tremia... O Meirelles quiz vêr Flora, foi ao pé do esquite, desatou a chorar.

— Coitadinha, coitadinha, como ella está! E ajoelhado encheu-lhe uma face de beijos. Perguntou ao João a morte, o que fôra.

— Foi morte natural, disse explicativo o Anacleto, com uma sobrecasaca digna de museu.

— Ora adeus, meu amigo! respondeu o Meirelles.



O João explicou, com perturbações: Tinha adormecido, acordára, teve uma ligeira afflicção, elle levantou-se para ir buscar qualquer coisa, porém ella abraçára-o, nem o deixára sahir... e morrera-lhe nos braços. Foi um passarinho!... E na quasi escuridão da sala passou o lenço nos olhos, na testa.

· O Meirelles chorava como uma creança.

— E eu que até trazia uma coisa p'ra ella, d'Amarante.

Calaram-se. Ao canto ouviu-se um soluço: era o Lombriquinha, limpando os olhos.

As pessoas de familia estavam pezarosas, a mãe e irmã andavam pelos corredores em murmurios, soluçantes.

Toda a gente tinha um ar de ave de agoiro.

O Meirelles foi para o pé do esquife, olhava para a morta, quasi diaphana. Mas olhava, como investigando, como perguntando um segredo áquelles labios, sobre que pairava um sorriso de perdão que se apagasse... E de vez em quando as lagrimas saltavam-lhe dos olhos. O João seguia com a vista o procurador: pesava já um calamento de mausoleu.

A luz das velas tremia, dava reflexos lividos aos debruns dos crepes. Á cabeça da morta lá estava o Christo do santuario, que ella tanto amava. Havia um silencio nervoso, que facilmente se desataria em soluços... O Anacleto então assoou-se com estrondo, tossiu. O Meirelles preparou-se para sahir. Ia indo para a egreja, sentia-se incommodado, queria ar. O João apertou-lhe a mão commovido, mas sentiu-a dura e fria...

Pouco atraz do procurador seguiu o coche. Toda aquella gente veio ás janellas espreitar, a Rua estava plena de visinhança fazendo commentarios á morte de Flora, ladainhando phrases adocicadas, de elogio funebre. O João tinha cahido atordoado n'uma cadeira de braços. Ás mil correntes sentimentaes que o abalavam, juntava-se agora este pavor intenso, mal sabia porquê, do velho procurador sagaz. Ás pessoas que lhe faziam companhia, que lhe offereciam os seus prestimos, que lhe faziam perguntas, não respondia. Sentia-se n'um largo deserto escuro, batido d'um vento de peste...

Em Santo Ildefonso os officios prolongaram-se, a voz rouca dos padres fazia somno. A igreja coberta de crepes: aos lados da eça rica, duas figuras desgrenhadas, symbolicas, seguravam tocheiros, cheias de lagrimas. Vieram os meninos orphãos (tinha-o adivinhado Flora) e as alas graves de amigos, segurando tochas, estavam derreadas de tristeza. Alguns bocejavam — e ao cimo via-se a figura marcial do Meirelles com duas lagrimas nas faces. No seu cerebro cruzavam-se idéas sinistras, nevoentas, desfazendo-se em bruma... Elle conhecia o pharmaceutico, vira como ultimamente se davam mal, desconfiava da *caseira*... E ella estava alli, a sua Flora, magrinha como palhas, com cara de martyr, no absoluto silencio! (E a cantilena dos padres subia, enchia o templo, fanhosa e lenta). Tinha sido elle, oh! se tinha sido elle!... Lembrou-se d'uma autopsia; mas se eram falsas as suspeitas... (E a voz dos padres subia, em côro). — Embora, ia fazer a autopsia, caramba! Coitadinha, coitadinha; — e os olhos razavam-se-lhe de agua... Então um sacerdote, em capa de asperges, hyssopou tres vezes o cadaver: eram as ultimas lagrimas do mundo!... E foi o Meirelles quem recebeu, com os olhos humidos, a chave do caixão.

— Mau signal, disse, guardando-a no bolso.

E as velas foram-se apagando, e o sino dobrava na noite fria e negra. E vendo o feretro descer para o coche na larga escadaria, o Meirelles só, afastado dos grupos, lembrou-se de Flora, nitidamente, fresca e rosea, em casa do Sequeira, e lembrou-se da filha, que morrera tão nova, e se enterrára n'uma noite assim, ventosa e humida. Como a terra havia de estar fria, sem uma flôr! Ainda na primavera, enterrar-se a gente na alleluia do sol, entre os hymnos da seiva! — E desatou a chorar por Flora e pela filha, suffocado.

Quando voltou, o João estava ainda na cadeira de braços. Tinha posto um barrete, tinha a cabeça mal. Minuto a minuto o Meirelles apparecia-lhe mais horrivel, com a cara de juiz severo, que conhece os réos. Vendo-o entrar, sentiu-se vergar outra vez. Abraçaram-se, o procurador tirou uma cadeira para junto do João.



— Sente-se.

— Então não se cobre, cubra-se, Meirelles, disse o João, sentando-se.

— Estou muito bem.

— E faz-me tirar o meu barrete...

— Pois tire, respondeu o procurador, aborrecido.

Sempre que o Meirelles o fixava o João dizia-se perdido. Se elle se fosse embora! Quasi tinha a certeza que o procurador desconfiava, adivinhava... E o João sentia a esphinge eterna de aquelle homem, pesando de chumbo, sobre a sua vida. A humanidade tirar-lhe-hia o chapéo, o seu crime dormiria sob umas poucas de pás de terra! Mas ainda que a consciencia adormecesse e arrefecesse, espectral e tragico, como um carrasco heroico, aquelle homem existia perto ou longe, vivo e fallando, ou sob a fórma d'um pesadelo obscuro...

— Que ella peça por nós!... murmurou, a medo, o João.

E o Meirelles, mordendo o beiço, abanou a cabeça lentamente e sublinhou esta palavra secca:

— *Amen!*

Julio Brandão.



AS VILLAS

NO

NORTE DE PORTUGAL ¹

Estudo sobre a propriedade no tempo dos romanos e povos germanicos

V

AS CONSTRUÇÕES E AS SUB-UNIDADES

Na exploração das villas os romanos seguiam simultaneamente diversos systemas. Em geral no periodo em que se fundaram as nossas, o proprietario mandava cultivar por sua conta apenas uma parte, maior ou menor, consoante a sua conveniencia; o resto era agricultado ou por arrendatarios livres, ou por homens da classe serva, uns e outros em secções isoladas, que formavam sub-unidades. Mas fosse grande ou pequena a cultivada directamente pelo proprietario, o predio possuia quasi sempre uma habitação em que elle residia temporaria ou usualmente — a *villa urbana*; como accessorios obrigados — a *rustica*, onde se alojavam os *servi* que trabalhavam em commum e os animaes, — a *fructuaria*, onde se guardavam os generos recolhidos.

Na Italia e na Galia a residencia do *dominus* adquiriu um luxo e uma grandeza principesca, que provavelmente nunca teve n'este canto do mundo. Em todo o caso, apesar da obscu-

¹ Continuado da pag. 555.



ridade dos D. n'este ponto, não se pôde duvidar que houvesse aqui no maior numero das villas uma residencia senhorial, e como pertenças indispensaveis as outras duas partes — a *rustica* e a *fructuaria*.

No momento em que se redigem os D., as villas estavam já no periodo da desorganisação; poucas existiam ainda intactas, possuidas por um só individuo, versando a generalidade dos contratos sobre fracções. Todavia os notarios escrevem varias vezes uma palavra que nos deve prender a attenção. Na doação da Correlham lê-se — *domos vel edificiiis* (D. 19); na da igreja de S. Miguel — *cellarios domos* (D. 29); na de Creixomil — *cum domis edificiiis* (D. 31); na de Moreira — *domis edificiiis* (D. 99). A palavra *domus* n'estas quatro citações parece não indicar construcções referentes á cultura, as quaes estariam incluídas nas outras. No D. 152 Flamula Ansurici, referindo-se ao convento de Guimarães, diz — *ad ipsius domus dei*. As mesmas phrases repetem-se nos documentos da Galliza — *ædificamus domum Dei*¹, *Domus orutionis*². *Domus* n'este estylo indicaria uma construcção superior ás communs, a qual dentro das villas não podia ser outra, senão a residencia do proprietario — *domus habitacionis*, escreve o D. 28. Não quer isto dizer que subsistissem ainda as mesmas villas urbanas da primitiva, mas mais ou menos modificadas a *domus* representava-as certamente.

Esta palavra comtudo nunca foi popular, pois na nova linguagem não deu um substantivo com a mesma significação. A palavra com que o povo designava a villa urbana foi outra; evidentemente *palatium*, que se encontra toponicamente em *villa palatiolo* (D. 25, anno 922; D. 29, anno 924) e em *ad palatiolo... palatio* (D. 81, anno 960). Os notarios talvez a não escrevessem por conter uma idéa de soberania, e por esse mesmo motivo, é de crêr, o povo a adoptou, vendo um soberano no seu proprietario, pela mesma razão que na Galia essa residencia se chamava *prætorium*. Que *palatium* era aqui de

^{1 2} *Esp. Sag.*, t. xi, ap., pag. 362 e 365.



emprego commum e muito antigo, estão a dizel-o as denominações toponimicas que se não podiam formar sem um longo uso. Os monges de Cella-nova, referindo-se á vivenda rural dos paes de S. Rudesindo na villa Sallas, dizem — *in qua comites palatium suum habebant* ¹. A villa Sallas (freguezia de S. Miguel do Couto, Santo Thyrsó) tinha uma residencia nobre que ainda se denominava assim no seculo XII, época da redacção do Chronicon. *Palatium* e *palatiolum* — paço e paçô, eram os termos com que se designavam aqui as villas urbanas dos proprietarios no regime romano. *Paço*, como designação toponimica, encontra-se vulgarmente, em quasi todas as parochias: e que não foi no principio o solar da nobreza neo-goda, demonstra-o não só o seu uso, anterior ao seculo X, mas tambem a descoberta d'uma hypocaustis romana, verificada pelo snr. Sarmiento, na casa do Paço (Oleiros, Guimarães). Onde hoje existe uma habitação de lavradores, esteve uma villa urbana luxuosa, na qual o proprietario passava os invernos com o conforto d'um calorifero.

Se o *paço* era a villa urbana, a residencia do Senhor, a *casa* foi primitivamente a habitação rustica do cultivador de secções isoladas ou sobre si: d'ella a cada instante fazem menção os D.; — *kasa tractemiri* (D. 13); *cum casas* (D. 38); *casa una murea teliata... alia casa murea coperta a genesta* (D. 149), etc.

A *casa* era uma construcção romana. Principiou por significar a cabana, habitada por quaesquer trabalhadores da classe serva (*casarii*). Depois de Constantino veiu a designar a mesma superficie que o trabalhador cultivava, e *casales* ou *casalia* eram os marcos que a limitavam (*termini, signa*) ².

A casa não era pois a *villa rustica*, onde se alojavam os escravos e animaes, para fazerem a cultura por ordem e conta do proprietario: eram pequenas construcções, dispersas pelo perimetro do predio, habitadas por homens de classe serva ou

¹ *S. Rudesindi Vita et M.*; ed. Port. Mon. Hist.

² Rudorff, *obr. cit.*, II, pag. 235.



não, cultivando secções determinadas. N'ella vivia uma familia, agricultando uma pequena superficie, mediante o pagamento d'uma renda, com ou sem prestação de serviços pessoaes, segundo a classe a que pertenciam ou os termos do arrendamento.

Esta economia, adoptada na Italia e na Galia, introduziu-se aqui tambem muito cedo, como prova a infinidade de pequenas sub-unidades que enchiam as villas, de que rezam os documentos. As suas denominações estão dizendo claramente que ellas vinham dos romanos e que não tinham nascido na vespera. Nem tão pouco esse desenvolvimento cultural tão extenso podia ter-se effectuado, senão durante seculos de trabalho perseverante. Aos fundadores este systema pareceria logo o melhor, em vista da topographia montanhosa, que não permittia grandes extensões culturaes. Adoptada a dispersão dos cultivadores, a *villa rustica* iria pouco a pouco perdendo a sua importancia até se reduzir ao serviço pessoal do proprietario.

Assim se multiplicaram as *casas*, com as glebas culturaes adjuntas; e se aquellas deram entre os romanos o seu nome á terra que dependia d'ellas, foi entre nós um derivado d'onde proveiu a denominação: *casales*, os marcos da *casa*, passaram a designar a pequena secção cultural.

Os *casales*. *casale* — casaes, casal, que se mencionam constantemente nos D., eram de facto, como se vê das descrições que a cada passo os acompanham, as sub-unidades, formadas desde o principio dentro das villas e que na desmembração d'estas se transformaram em verdadeiros predios rusticos independentes, persistindo e sobrevivendo através de todas as convulsões sociaes até hoje. De *casarii* se derivou a palavra *caseiro* com que primitivamente se designaram os cultivadores de secções da villa, e na actualidade ainda os seus successores — os arrendatarios de bens rusticos.

Além dos agricultores propriamente ditos, na *casa* moravam tambem os jornaleiros e os artifices d'estes officios que se prendem á lavoira, carpinteiros, pedreiros, ferreiros... que en-

contramos ainda hoje nas freguezias ruraes, fabricando ou reparando as habitações, a mobilia e a apeiria primitiva dos lavradores.

Além dos *casales* apontam-se nos D. outras denominações de sub-unidades — *uillare*, *uarzena*, *quinta* ou *quintana*. Todas tres são de formação recente. *Villar* (de *villaris*, pertencente á villa) só se encontra hoje na toponimia: nos D. tanto designa uma sub-unidade — *uillare spasandi* (D. 13), como um grupo d'ellas. *Uarzena*, as margens de rios (D. 49, 101, 193) — *uarzena de telleli usque in sua sepe in omnique circuito* (D. 13) conserva-se só toponimicamente em *Varzea*, *Varge* ou *Barge*. Ambas foram absorvidas pela primitiva de *casal*, o que mostra como os antigos costumes locais se ligavam a este nome — o crepusculo d'uma revolução. A *Quinta* ou *Quintana* formava-se no mesmo momento da redacção dos D.; posto que não pertença ao periodo de que nos occupamos, nem esta nem as outras duas, comtudo entendemos que deviamos nomeal-as, e especialmente a ultima, que veiu a ser o predio nobre da nobreza neo-goda, até que tambem se democratizou nos nossos dias.

Os casaes, misturados com as habitações dos jornaleiros e artifices, diffundiam-se por todo o perimetro das villas; mas estariam destacados uns dos outros, ou agrupados? e n'este caso de que maneira seria o agrupamento? A este respeito os D. repetem constantemente dois termos — *vicus* e *locus*, e algumas vezes *villar*: — *uigus nel uilares* (D. 64), *llocis et vigus* (D. 112), *uicos et locis* (D. 159), *in uigo que dicent minudal* (D. 43). Seriam formados de casas unidas ou separadas por parcelas? Consideremos as palavras.

Villar, como se vê da divisão da villa de Santa Eulalia (D. 13) não era mais que uma sub-unidade, um casal. Quando os textos dizem *villares* devemos entender um grupo de casaes, tendo a distribuição dos *logares*, talvez com a differença que seriam exclusivamente de cultivadores e não tambem de artifices, como estes ultimos. Em todo o caso as habitações não constituíam arruamentos, por isso que os sitios assim chamados hoje não affectam esta disposição.



Vicus, pelo contrario, segundo Fustel de Coulanges, exprime habitações contiguas; podia ter seis significações bem diversas; — grupo de cabanas de servos ou colonos da villa, rua, confluencia de ruas, bairro d'uma cidade, grandes burgos transformados subseqüentemente em cidades, e enfim povoados de proprietarios, cujas residencias eram contiguas, associados ás vezes para varios trabalhos, sob a denominação de *vicani*. N'este ultimo caso haveria uma povoação perto de Amarante, como deixa inferir a inscripção ¹ahi descoberta *VICANI ATUCAVSE (nses?)*, da penultima temos um exemplo em *VIGO (Vicus Spacorum)*. Não é evidentemente a nenhuma d'estas especies a que se referem os D., cuja existencia seria de todo o ponto impossivel em tal quantidade dentro das villas; mas sim á primeira — aos grupos de casas dos cultivadores de secções; a palavra popular então usada devia ser *vigo*, consoante nos permite induzir a fórmula diplomatica *vigo*, que se encontra em *Vigo*, na actual cidade maritima da Galliza. A palavra perdeu-se talvez, porque taes agglomerações contiguas eram raras: os notarios escrevel-a-hiam quer por formula de tabellionato, quer por hesitação de linguagem, e não porque o facto fosse vulgar, aliás o termo teria subsistido, como *logar*.

As raras e poucas agglomerações contiguas, hoje existentes e antigamente chamadas *vigos*, são designadas agora por *aldeia*, que se não lê nos D.: esta omissão e a sua origem arabe, com o sentido de *bourgade* ², estão a dizer que foi importada posteriormente do sul, onde é vulgar esta fórmula de povoados ruraes. Apesar de ser estrangeira, tornou-se popular, visto encontrar-se na toponimia, dizendo-se quando não ha presentemente agglomeração — *logar d'aldeia*, ahi onde, é de crer, houve um *vigo* em tempos remotos ³.

A maneira usual e commum de agrupar as habitações dos

¹ Ined. No museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.

² Dozy, *Gloss*.

³ É claro que ficam de lado outras significações derivadas e litterarias, como a *corte n'aldeia*, *estar n'aldeia*, *aldeia predio rural*, etc.



lavradores e industriaes, e que já enchiam as villas no tempo dos primeiros D., devia ser em *locis*. Este termo contraposto a *vigo*, designaria com justeza o geral da distribuição das casas, do que é prova o costume hodierno. Se são raras, rarissimas as *aldeias* — os logares constituem a generalidade, a fórmula typica que se reproduz por toda a parte, até onde as construcções são recentes. Um *locus* ou *localis* era então, como hoje, uma pequena superficie preocupada de vivendas rusticas, não contiguas, mas separadas por parcelas, comprehendendo a gleba ou glebas, o todo cultural de cada um, uma parte d'essa superficie — do *locus* ¹.

Esta distribuição por *logares*, feita logo pelos fundadores das villas, segundo a palavra está a demonstrar, foi a que se radicou e ficou persistente. E assim se dispersou pelo perimetro d'ellas a população rustica. O casal, que começou talvez com uma cabana de madeira, coberta de giestas (*coperta a genesta*) com poucas e pequenas glebas, foi augmentando posteriormente até obter o limite maximo da sua expansão: fez-se pouco a pouco, pelo decurso de seculos, por um movimento espontaneo, pelo sentimento profundo que prende o homem á terra que cultiva.

Cada uma das casas dos casaes tornou-se uma miniatura da *villa rustica e fructuaria*. Alojando os homens, os animaes e os generos produzidos, devia ter tudo quanto pertencia ás duas, confusamente sim, porque lhe faltavam os capitaes do proprietario. Na mesma *loja*, onde fabricava o vinho, poria as cubas, e ahí mesmo ou no proprio compartimento em que dormia, os cubos com os cereaes. O gado guardar-se-hia no principio sob quaesquer ligeiros abrigos e depois teria côrtes mais estreitas. Tudo seria reduzido: mas bem ou mal alojado, o cultivador estava em sua casa. Teimoso e pertinaz, cada vez se enraizava mais ao sólo. Passaram sobre elle calamidades sem numero, mas não o desalojaram. O *palatium* cahiu em ruinas, a *casa* ficou; a palavra, que entre os latinós significava a *caba-*

¹ Rudorff, *obr. cit.*, pag. 235.



na, perdendo o sentido servil, nobilitou-se no novo dialecto; — *casa de sancto Christofo*ro, dizia já a linguagem popular em 1038 (D. 304).

Os fundadores da rigorosa propriedade individual, implantando a sua jurisprudencia e agricultura, introduziram tambem a sua religião. No paço estaria o *sacrarium* pagão, assim como por toda a superficie se diffundiram os templos e templosinhos, que se ligavam tão intimamente á vida rural e cujos vestigios se encontram aqui e alli, nos valles e montes. Todos esses templos possuíam terras de cultura, e mattas sagradas quer para o uso dos sacerdotes quer para o exercicio das festas. Em volta d'elles estavam os *finis templares* e *sepulturarii* ¹, que depois da pregação do christianismo reapparecerão sob outro nome. As egrejas, capellas e ermidas christãs, substituindo os antigos templos, não poucas vezes occuparam os mesmos sitios, segundo attestam os restos ahi descobertos. Das terras destinadas ao velho culto, se todas ou a maior parte foram secularisadas, as instituições christãs accumularam bem depressa grandes haveres territoriaes, mediante a piedade dos fieis. As novas edificações religiosas, ou as antigas christianisadas, estendem-se e disseminam-se constantemente. As doações succedem-se, tornando-se tão valiosas que a igreja veiu a representar um papel culminante na aggreiação dos homens que viviam no perimetro das villas. Nos seculos ix e x havia-as já em grande quantidade dentro d'estas; não poucas vezes o nome do santo padroeiro substitue a sua denominação anterior; e quando ellas se desmembrarem juridicamente, convém notar desde já, em volta do edificio religioso se reatarão as tradições da demarcação primitiva.

¹ Rudorff, *obr. cit.*, pag. 262-264.



VI

AS GLEBAS E CULTURAS

Quasi todos os documentos mencionam terras *irruptas* ou *barbaras*, *bustelos* ou *bauzas* e *saltus*. Estas palavras designam em geral a privação de cultura. Pelas duas primeiras entendem-se terrenos não desbravados; pela terceira e quarta, parcelas destinadas á produção de matto para a cama dos animaes e fabrico de adubos; pela quinta, arvoredos silvestres que cobriam a região na conquista romana, segundo a passagem d'Orosio. N'este sentido *saltus* perdeu-se na nova linguagem, mas conservou-se em *Souto*, matta de castanheiros ou de carvalhos, que além da plantação não exigem nenhum outro cultivo.

Os primeiros proprietarios começaram por aproveitar as melhores secções. As outras de qualidade inferior, foram provavelmente desde logo destinadas ao logradouro commum dos *caseiros*. As plantas indigenas, herbaceas ou arbustivas, proprias para a pastagem do gado, eram um recurso natural a que se recorreria então, como acontece ainda agora. Os arvoredos, que vestiam os montes, davam a madeira e a lenha, necessarias ás construcções e usos domesticos. Que elles nunca foram cultivados, senão em manchas muito pequenas, parece fóra de duvida, visto não haver em geral vestigios de cultura: e como, quando se extinguiram as villas, a maior parte dos montados d'uma parochia, de duas ou de mais, sendo limitrophes, estavam no uso communal dos habitantes — comunidade que chegou até ao tempo presente — este facto deixa-nos inferir que tinham sido sempre destinados para tal fim desde o principio. Esta deve ser a origem dos logradouros communs e não uma sobrevivência de qualquer regime communal, anterior á demarcação das villas ¹.

¹ «Chaque communal ne fut, à l'origine, que la partie du domaine que le propriétaire laissait à la jouissance commune de ses paysans». Fustel de Coulanges, *obr. cit.*



Descendo dos altos, encontram-se nas chans das encostas, nas planuras dos outeiros ou ramificações secundarias, superficies enxutas, planas ou quasi planas, com boa camada de terra aravel, onde se podiam cultivar as plantas cerealiferas, então unicamente usadas. Vedados exteriormente por uma parede contínua, dentro divididos em bandas ou fitas parallelas (*leiras*), com uma ou mais entradas, abertas ou fechadas, segundo ha ou não culturas pendentes — estes campos são denominados ainda com o nome appellativo de *agros* ou *agras*; assim se diz: «agra do Salvador», «agra de Lustosa», etc.; outras vezes a palavra torna-se toponimica, como em AGRÁ (S. Torquato, Guimarães; Palmeira, Santo Thyrsó, etc.).

Estas chans foram com toda a probabilidade as primeiras cultivadas; os romanos chamaram-lhes *ager*, *agri*, no sentido restricto de *agro* e *agreló* do século x, por serem destinadas á produção cerealifera, conforme já expuzemos.

Os cereaes dividiam-se em duas classes — de inverno e de verão. Pertenciam á primeira o trigo, centeio, cevada e aveia. Todos estes nomes são de origem latina, perdendo-se infelizmente os indigenas, pois algumas d'estas especies eram cultivadas no tempo das citanias. Das tres primeiras rezam os D.; quanto á ultima, não me recordo de a vêr mencionada. Os de verão eram o painço (*panicium*) de que tambem se não falla, talvez por ser cultivado principalmente por causa da palha, e o milho alvo, ou milho (*milium*)¹.

Citemos algumas passagens: — *ciuaría* (D. 140, 142, etc.), *ciuada* (D. 153); *inter milio et centenum* (D. 91); *milio... tritico* (D. 212). Modernamente *milho* ou *milhão* veiu a designar o *maiz* que invadiu tudo. Todavia em muitas localidades quando se diz *milho* entende-se ainda o *milio* antigo.

Estes *agros*, *agras*, *agrelós* e *agrelas* eram apenas glebas que faziam parte das villas, sendo raro o D. que as não menciona. Estavam então divididos em *leiras*, como hoje, servindo primitivamente essa divisão ou para marcar os afolhamentos,

¹ ... *milium et panieum*. Columella, l. xi.



ou as parcelas de cada *caseiro*. A palavra *leira* lê-se sob varias fórmulas — *larea* e *lariolla* (D. 91, 141, 153, etc.), *leira* (D. 142), *laira* (D. 401) e *laria* (D. 404) ¹.

As agras pertencem hoje a muitos proprietarios, não assim antigamente; quando se effectuou a divisão das villas, n'estes campos a partilha fez-se naturalmente pelas leiras, que constituíam sub-glebas culturaes definidas.

Relaciona-se tambem com os cereaes o *restibo* — segunda cultura no mesmo anno, significação um pouco alterada de *restibilis*, que se dizia d'uma terra cultivada annualmente.

Na lavoura em grande apparece uma leguminosa, o chicharo (*cicera*) que se menciona no D. 91 — *XXXX et V quinaldes de cicera*. Como esta, é de presumir que fossem introduzidas pelos romanos, segundo os nomes deixam suppôr, outras especies — a ervilha (*ervilia*), a fava (*faba*), etc.

Junto das casas dos caseiros e da *villa urbana* estavam as *cortinhas*, que ainda hoje se encontram vulgarmente na mesma situação: — *illa cortina integra comodo iace conclusa con suas cidrieiras et con suas mazanarias et con suas... arias iusta nostram domum* (D. 151). A cortinha, vedada e circuitada com fructeiras, estava n'este caso perto da *domum*, podendo tambem fazer parte d'um casal — *siue de omne casale quomodo iacet cum suas cortinas* (D. 206), ou — *de illa alia cortina qui iacet tras casa* (D. 419). D'estes tres textos vê-se que a *cortinha* era uma gleba vedada perto das habitações, o que confere com alguns exemplos, referidos por Ducange; e hoje apparece com o mesmo nome em quasi todos os casaes, assim como o *cortelho*, seu derivado. Filiam-se ambas em *cohors cortis*, o recinto fechado em volta do qual estavam os estabulos, aos quaes agora a linguagem popular chama — *cór-*

¹ Posto que a etymologia apresente difficuldades, a melhor opinião comtudo parece referir-se a *la area* ou *glarea*. Korting, Lat. — rom. W.: cf. Carolina Michaelis.



tes de que *cortelho* é também um diminutivo no mesmo sentido.

Nos valles lundos e terrenos abundantes d'agua eram cultivadas as hervagens. Ahi estavam os *pratis pascuis padulibus* (D. 56, etc.) os prados ou lameiros, pastagens, paues, que alimentavam o gado, sobretudo na força do estio, quando aservas amadurecem e seccam nos montes; não só os prados naturais, mas também os preparados artificialmente pela sementeira de ervas e distribuição das aguas por conductos — *ductibus aquarum* (D. 56), como indica a attenção que a ellas se dá sempre nos D. N'esse tempo as terras d'esta natureza não serviam para outra producção, exigindo os cereaes usados terrenos enxutos. Esta, porém, não era de pequena monta. Por isso as fontes e todos os cursos d'agua foram desde logo cuidadosamente aproveitados. Expressões, como *aquas cursiles uel incur-siles* (D. 58), *fontes aquis aquarum* (D. 64) repetem-se sempre e constantemente; percebe-se que o conhecimento d'esta riqueza era tradicional. Sobre ellas exercia-se, conforme a jurisprudencia romana, um direito de propriedade, analogo ao da terra — *illo (agro) concedo cum sua aqua de aqua leuita que ipso agro inrigat* (D. 291).

O linho (de *linum*) e talvez o canhamo (de *canabis* ou *canabus*) deviam ter uma cultura muito extensa, que se perpetuou até hoje. É raro o D. que se não refira a *linarelios* e *linares* (D. 13, 166, etc.). Como a planta exige agua de rega, era cultivada perto de nascentes, ou como diz o D. 755 — *ad fontes uno linar*. A especificação d'estas glebas perdeu-se, por isso que os *linhaes* passaram para as terras fundas, entrando em rotação com o maiz.

A pomicultura, que tanto cuidado merecia aos agricultores romanos, foi aqui introduzida por elles, em parcelas especiaes, chamadas «pomares» (*pomaria*). Os fructos constituiam uma parte da alimentação; eram por isso uma coisa importante; as primeiras plantações far-se-hiam junto da residencia do proprietario; mas de tal modo prosperaram, que rapidamente se estenderam por toda a área das villas: tamanha era a sua

importancia que os pomares nunca deixavam de ser mencionados. Examinando diversos D. ¹ vê-se que eram constituídos pelas seguintes espécies — figueiras (*figarias, figares...*), cerejeiras (*ceresales, cersales*), avelleiras (*avellanales*), macieiras (*mazanarias, mazaneiras... de malum matianum*), pecegueiros (*pesecales, pesequarios...*), nogueiras (*nogales*), pereiras (*perarias, perares...*), e ameixeira (*ameixenarias, amexenales... de al-mech-mach*) ². Todas as espécies, excepto esta, foram, segundo dizem os nomes, introduzidas ou pelo menos cultivadas pelos romanos. A ultima de origem arabe foi com certeza uma variedade superior importada do sul, que, estendendo-se, absorveu o nome latino, o qual se conserva ainda em *abrunho, abrunheiro* (de *prunus*, it. *brugno*). Na linguagem popular ora se designa com este ultimo nome qualidades inferiores, ora toda a mesma especie.

Os castanheiros (*castinarias, castineiras...*) eram cultivados em soutos — *terras pumares et sautos* (D. 76), costume e designação que chegou até á actualidade: não exigindo uma terra constantemente em cultura, na antiguidade como até antes da sua quasi destruição, occuparam estas parcelas em sitios que se não prestavam a outra produção.

Mas de todas as fructeiras, nenhuma tinha talvez tanto valor, como a macieira. Além de virem sempre nomeadas com as outras, havia glebas exclusivamente plantadas com esta especie — *larea cum XV mazanarias* (D. 359); no D. 382 vendem-se — *II.ªs mazanarias cum suo terreno*; e no D. 477 declara-se — *stant in ipsa larea XV mazanarias*. Tal importancia resultaria do maior agrado do fructo, ou seria tambem applicado ao fabrico do vinho de maçãs? Que os romanos o conheciam, não ha duvida; Plinio ³ diz — «*vinum fit... et e piris, malorumque omnibus generibus*». Ainda hoje em alguns

¹ Especialmente os n.ºs 67, 79, 80, 90, 91, 134, 175, 286, 329, 334, 358, 359, 364, 365, 377, 382 e 410.

² Dozy, *Gloss.*

³ *Nat., Hist.*, liv. XIV, XIX, 3; ed. Littré.



sítios se prepara esta bebida, que, comtudo não tem nome especial. Em todo o caso, a maçã é sem duvida actualmente a fructa mais popular.

A oliveira, se já era conhecida aqui no periodo romano, o que até certo ponto confirma a etymologia da palavra e do seu derivado — olival, devia ser comtudo em muito pequena escala, talvez como mero ensaio. Os D. não fallam d'ella, nem se conservou latino o nome do fructo, do oleo e do vaso destinado a recebê-lo: *azeitona*, *azeite* e *almotolia* ou *almotaria*, são de origem arabe. O facto pôde explicar-se. A arvore era pouco cultivada e não representava nenhum papel na economia agricola. As palavras, que existiam nos neo-dialectos formados no norte, foram absorvidas pelas do sul, quando se effectuou a conquista das terras, onde o fructo da oliveira era uma das principaes produções.

Não só então, mas ainda hoje, a arvore é quasi desconhecida em muitos sítios da nossa região. Na Galliza, em 1130, Gelmirez, arcebispo de Compostella, obteve de Affonso VII de Leon a doação d'uma propriedade em Talavera, afim de ter azeite — dizia elle, para *alumi*ar o *apostolo no inverno*; n'esta quadra iam alli poucos romeiros, e não chegava a cera que levavam ¹. Na provincia do Minho, consta que o maior numero de oliveiras existentes data do principio d'este seculo, sendo plantadas por iniciativa d'um arcebispo de Braga que dava um premio por cada estaca que enraizasse ².

Ao contrario da oliveira, a vide occupa em todos os D. um logar proeminente. Quando se trata d'um predio de certa extensão, mencionam-se sempre as *vineas*, parecendo haver muitas em cada um. É de crêr que o precioso arbusto fosse já conhecido no tempo das citanias, mas sem duvida os romanos estenderam-no com os aperfeiçoamentos da sua cultura e fabrico. Todos os nomes que se relacionam com o vinho, trazem-nos a memoria os antigos costumes italiotas: n'elles estamos vendo os

¹ *Esp. Sagr.*, t. XIX, pag. 308.

² Soares Franco, *Dic. de Agr.*, t. I, pag. 145.



apparelhos e utensilios d'essa agricultura. De facto, todos elles são de origem latina: — o lagar, *lacar* (D. 6), *lagar petrinio* (D. 38), *lacare* (D. 172), provinha, quaesquer que fossem as modificações, do *lacus*; — as cubas, *cubas cum bibere* (D. 114), *cupas* (D. 102), não eram mais que a *cupa*, feita de madeira; o *cantharo* é evidentemente uma recordação do *cantharus*, com o sentido um pouco desviado: e a *adega* formára-se de *apotheca*. Todavia, como este ultimo termo quasi se não tornou popular, tal compartimento provavelmente apenas existiu em algumas villas na *parte fructuaria*, emquanto que os caseiros guardariam as cubas, segundo o costume corrente, na *loja* do lagar ou na proxima. Em vez de *adega*, o povo serve-se com mais justeza de *loja*, palavra de origem germanica: ahi se fazia e se faz essa bebida simples, ligeiramente estimulante, prestando-se ao uso immoderado, tradicional nos liquidos fermentados, sem os refinamentos da *apotheca*.

Não é possível distinguir por qualquer dizer preciso, qual seria a fórmula adoptada nas *vineas* ou *vineales*. Que ainda no tempo dos D., a viticultura estava consignada em glebas especiaes, parece fóra de duvida — *uinea integra*, diz o D. 13. Mas uma vinha tanto podia ser formada de vides rentes ao chão, como de trepadeiras encostadas a arvores; em Basto vêem-se ainda muitas d'estas. Será possível que as houvesse d'ambas; em todo o caso as baixas seriam raras, porque se não conservaram nos costumes ruraes, excepto no tracto transmontano, onde predominariam, desenvolvendo-se sobretudo nos seculos xvii e xviii. Infelizmente são muito poucos os D. relativos a esta parte.

A consignação de parcelas especiaes para a viticultura arbustiva não nos deve causar estranheza, pois sabemos quanto os viticultores romanos eram meticulosos na escolha dos sitios para a plantação de vides. Por um texto anteriormente citado temos noticia d'uma cortinha, cercada de cidreiras, macieiras e d'uma outra arvore, cuja leitura é incompleta, mas parece não ser de vides ou arvores com ellas. Este texto, confrontado com a especialisação das glebas vitícolas, deixa-nos concluir



que, nem no principio da constituição das villas nem no seculo x, os campos estavam cercados de *uveiras*, que pelo contrario se dispunham em grupos, aqui ou alli. Só mais tarde, quando a experiencia foi lentamente ensinando que a vide se prestava a todos os terrenos, desde as encostas soalheiras até aos fundos, então é que as *vineas* se diffundiram em volta das glebas culturaes, substituindo as macieiras e as outras arvores fructiferas.

A fórma em ramadas altas horisontaes existia no tempo dos suevos. Reinando Miro, diz-se, havia em frente da cathedral de Orense, uma galeria coberta de vides, cujas uvas eram consagradas a S. Martinho. Era a *pergula* (*pergola*, it.) muito usada para adorno dos jardins. Mas o chronista que conta o milagre do santo, na occasião em que um jogral do rei pegou n'um cacho, ficando-lhe a mão adherente á ramada com o braço immovel, serve-se d'um termo generico — *dextra ejus adhærens camæræ* ¹, e não do technico. A palavra tinha-se já perdido; a fórma não era popular, por isso o povo a não fixou. E agora que esta maneira se vai generalizando, empregam-se duas novas — *ramada* ou *latada*.

Em todo o caso a vide trepadeira, como a vemos, subindo ás mais altas arvores, devia constituir a generalidade da viticultura romana aqui, vistos os usos e costumes: tal a descrição de Columella, tal a viticultura hodierna ².

Podemos fazer agora uma idéa muito aproximada como foi primitivamente disposta a cultura das villas. Os montes com a sua vegetação espontanea, deixados em logradouro commum, eram uma riqueza natural que o proprietario cedia gratuitamente aos seus caseiros para a satisfação d'uma multiplicidade de necessidades. Cobriam-nos grandes florestas, compostas já das essencias existentes, quer de muitas que se extinguiram e se conservam nas montanhas do Gerez. No meio d'essas terras

¹ *Esp. Sagr.*, t. xvii, pag. 34, 35-241.

² No *Boletim de Ampelographia e Enologia*, vol. 1, n.º 3, desenvolvei mais extensamente este assumpto.



d'uso commum, ou em baixo nos sitios menos fertéis, segundo a topographia, estavam as bouças e devezas, vedadas e attribuidas a este ou áquelle casal: nas chans das encostas ou nas planuras dos outeiros as parcellas cerealíferas — de inverno o centeio, trigo e cevada, no verão o milho alvo e o painço; perto das nascentes, os linhaes que produziam o bragal; nos locais abrigados do norte os tufos de vinhas trepadeiras, encostadas a arvores; intermeados com ellas os pomares; e aqui ou alli, os soutos de castanheiros, que ha uns cincoenta annos, alimentavam a população uma terça parte do anno; as glebas lavradas, em vez de uveiras, cercadas de arvores fructíferas e especialmente de macieiras; nas terras fundas, humidas e encharcados os prados ou lameiros para a pastagem e sustento do gado no estio. Agrupadas em logares ver-se-hiam as casas dos cultivadores, jornaleiros e industriaes, dominadas pelo paço que representava o governo d'este pequeno mundo. Se supprirmos o maiz, cuja introdução é moderna, e a orla das arvores de vinho que substituiram as fructíferas, seria tudo quasi como hoje, com menos população sim, manchas sem culturas annuaes um pouco mais extensas, mas em todo o caso o aspecto geral seria o mesmo.

VII

AS CLASSES

No tempo das citanias o paiz era já densamente povoado, conforme indicamos no primeiro capitulo. No cimo das elevações orographicas, principaes e secundarias, levantavam-se a cada passo as povoações fortificadas, compactas de habitantes — rudes colmeias humanas, couraçadas de muralhas, emergindo d'entre selvas. Ellas não deixaram comtudo de receber o influxo de Roma, segundo demonstram os objectos d'esta procedencia, descobertos nas ruinas de muitas, emquanto que n'outras faltam totalmente. Não quer isto dizer que os conquistadores residissem longamente ahi, pois essas habitações pri-

mitivas, sem o menor conforto, não podiam adaptar-se ao seu theor de vida: mas significa, que depois da chegada d'elles esses povoados continuaram a subsistir. Os objectos desenterrados e as inscrições em latim mostram simplesmente que uma transformação se operára mesmo dentro das citanias.

Se os romanos se alojaram ahi, é de suppôr que fosse apenas provisoriamente e em pequeno numero: poucos soldados bastariam para conter a população, uma vez desarmada. Elles teriam grande repugnancia em viver n'essas estreitas cabanas, cuja estructura remontava á aurora da sua civilisação, como nós hoje não podemos permanecer, senão de passagem, nas cubatas dos africanos. Mas por outro lado os citanienses, presos por um longo habito e antigas tradições aos seus povoados, não se resolveriam logo a abandonal-os: e a prova está em muitos objectos de procedencia romana, descobertos nas ruinas, pertencentes sem duvida aos indigenas, que ós comprariam aos mercadores de Roma que costumavam apparecer immediatamente depois d'uma conquista: nas inscrições, em latim, de Briteiros, os nomes pessoases não são latinos. E todavia esta citania existiu pelo menos até Constantino, segundo prova uma medalha ahi encontrada.

É de suppôr, portanto, que o abandono d'essas antigas povoações se fosse operando lentamente, passo a passo, quando a oportunidade se apresentava, e se fortalecia a segurança publica com um governo firme, sendo as primeiras abandonadas as que não contêm vestigios da civilisação romana, como a de Sabroso. Estas por qualquer motivo, talvez por terem offerecido mais resistencia, seriam logo arrazadas, e a sua população seria obrigada a construir novas edificações e a estabelecer-se n'ellas.

No animo dos conquistadores, é de crér, estaria logo a mudança total das condições de vida do povo conquistado, afim de se aproveitar systematicamente a riqueza agricola, que constituia a base de toda a economia d'aquelles. Este plano, porém, continha em si uma revolução de todo o modo de ser social e economico anterior; não bastava só uma nova ordem ci-



vil e administrativa que garantissem a propriedade e a paz; era necessario tambem transferir as habitações d'esses sitios escarpados e de difficil tracção para as encostas e valles. Uma vez collocadas junto das superficies culturaes, só então podiam estas receber todos os cuidados, e a gente transformar-se em povo de lavradores.

A fundação das villas, com a rigorosa propriedade individual, constitue um dos factos culminantes da romanisação; foi o ponto de apoio d'esse movimento civilizador que veiu a comprehender todo o paiz. Á medida que se dispersavam os habitantes, aqui e alli, por toda a parte, onde havia uma nesga de sólo productivo, nas citanias iria escasseando a população, até que terminaram por ficar totalmente desertas.

Mas quem foram os fundadores d'esses novos predios rusticos? A resposta só pôde ser uma. Elles haviam de ser os homens que formavam o estado maior dos empregados superiores que vieram logo no principio de Roma exercer o governo do paiz. Não os fundaram certamente com o sentido de assentarem n'elles a sua residencia, e fazerem-se proprietarios gallaicos. Esses homens, acostumados aos requintes da vida romana, a um meio social superior, vinham e voltavam, pelo dever do seu officio, exercendo um cargo publico. Fundaram-nos quer para negociar com elles, quer como exemplo ou incentivo aos naturaes, se é que muitos não foram uma questão bolista das sociedades financeiras de Roma.

Se os fundadores não podiam ser senão os romanos, os proprietarios e agricultores foram por força os habitantes das citanias, que desprendendo-se dos seus recintos fortificados se romanisaram, espraçando-se por toda a superficie. Talvez a maior parte da terra fosse considerada *ager vectigalis*, e as villas se constituissem ahí por arrendamento perpetuo ¹, pagando os naturaes com o *canon* o seu imposto de guerra. Será essa a origem do direito emphyteutico, vulgarizado muito anteriormente á reintrodução do direito romano? Podia tambem ser

¹ Rudorff, *obr. cit.*, pag. 315 e seg.



que um pesado tributo, lançado sobre outra fórma, obrigasse os habitantes a aproveitar todos os recursos do seu paiz. Se não podemos penetrar como as coisas se passaram, senão por probabilidades, é certo que os proprietarios, quaesquer que fossem as condições impostas, haviam de ser as pessoas graduadas d'essas povoações antigas. O que aconteceu na Galia depois da campanha de Cesar, pôde servir-nos de exemplo ¹. Assim como os chefes gaulezes se tornaram proprietarios do sólo communal, do mesmo modo procederiam os proceres de cá. Seria até de todo o ponto impossivel que alguns estrangeiros podessem por si sós estender, diffundir e multiplicar as unidades culturaes, de modo a abrangerem toda a superficie cultivavel. Os restos de edificações e construcções, as lapides votivas, as inscripções, os vestigios em summa da vida civilisada da época, encontrando-se a cada passo, onde menos se esperam, são uma prova irrefragavel da expansão cultural que se não podia effectuar senão pelos braços e actividade d'essa população compacta, que d'antes se apinhava no cimo dos montes, e agora veiu encher as villas. Suppôr o desaparecimento d'essas multidões e a sua substituição por estrangeiros seria cair n'um espantoso absurdo, que aliás nenhum facto nos não permite admittir nem sequer a possibilidade; pelo contrario, se não ha conhecimento, como affirma Fustel de Coulanges, de se estabelecer nenhuma familia italiana em qualquer das tres Galias, immensamente menor é a probabilidade do seu estabelecimento aqui.

A unica população, pois, a apreciar é a das citanias; n'ellas, como em todas as sociedades, haveria ricos e pobres; d'estes, uns seriam mais remediados ou menos dependentes, emquanto que outros estariam mujto perto da servidão. Estas tres classes, vivendo juxtapostas nos povoados fortificados, deviam ser rigorosamente differenciados pelo genio jurista dos romanos, e cada uma d'ellas, entrando na nova vida, occuparia diferentes graus na hierarchia social.

É bem sabido que os senhores do mundo, se confiscavam

¹ Jubainville, *Revue Celtique*, t. VIII, pag. 219-220.



em grosso a terra que ficava juridicamente pertencendo ao estado ou ao príncipe, não costumavam comtudo escravisar as populações vencidas. Ora apparecendo durante o seu governo estas tres classes distinctas, que continuam a existir até ao fim do dominio dos povos germanicos, como é expresso no codigo wisigothico, é justa a supposição que ellas provinham das citanias: os conquistadores não teriam mais que accentuar as differenças, segundo a sua legislação, usos e costumes.

Os chefes e os individuos graduados, dispondo de meios sufficientes para sustentarem uma clientela e emprehenderem as obras que demandava a fundação d'uma villa, transformaram-se em proprietarios e vieram a constituir a aristocracia no regime romano — os *possessores*. Aprendendo a lingua e recebendo as idéas dos seus mestres, romanisaram-se, imitando a norma de vida d'elles. Perdendo até os seus nomes indigenas, adoptaram os dos invasores; desalojando-se dos estreitos recintos das citanias vieram habitar a *villa urbana*, á qual depois o povo chamou *paço*.

Cada um d'elles trouxe a sua clientela, já dos miseraveis que estavam perto da escravidão, já dos menos pobres e não tanto dependentes. D'ella sahiram os cultivadores e operarios agricolas, divididos em — *servi* e *ingenui*. Os proprietarios, os trabalhadores livres e servos, atravessam os differentes periodos historicos e chegam assim designados até ao tempo dos D., ainda que os ultimos já tivessem soffrido uma alteração, questão que não pertence a esta época. O que nos importa saber agora é se existiram todos no dominio romano e se se conservaram no germanico. D'essa existencia fornece-nos prova cabal o codigo wisigothico, onde encontramos mencionadas as tres classes entre os hispanos — *curiaes* ou *privados* (possessores) ¹, *ingenui* e *servi*.

Cada uma representou um papel diverso na obra immensa, com que iam defrontar-se. Ao proprietario pertencia a direcção, a responsabilidade da empresa, e colher-lhe-hia por fim o resul-

¹ Herc., *Hist. de Port.* t. III, pag. 243, 2.^a ed.



tado, se fosse bem succedida. Os miseraveis, transformados em verdadeiros *servi*, no homem que se compra e vende, ficaram á descripção do proprietario. Os *ingenui* foram os braços livres que se arrendavam para um ou outro trabalho. A condição d'estes seria muitas vezes precaria, e não poucos, pelo rigor das novas leis, cahiriam no estado dos anteriores. De taes elementos humanos dispozeram os conquistadores: e sob a sua direcção, talvez mediante a especulação, começou-se a cultura regular e systematica.

Para fazermos uma idéa aproximada como se desenvolveu a nova lavoura, devemos recorrer aos costumes da época: faltando-nos aqui monumentos escriptos a esse respeito, temol-os da Italia e Galia; o que se passava nas duas grandes regiões do imperio servir-nos-ha de guia: e se os factos posteriores confirmarem as supposições, teremos como verdadeira a comparação.

A exploração das villas, no tempo de que se trata, não se fazia d'um modo uniforme, como já dissemos. Em geral o *dominus* cultivava uma secção pelos *servi* que trabalhavam em commum ás ordens do *villicus* e viviam na *villa rustica*. O resto dividia-se em parcellas, constituindo sub-unidades culturais, cultivadas quer por arrendatarios livres quer por *servi*, aos quaes o senhor por qualquer motivo concedia glebas independentes, mediante uma renda com ou sem prestação de serviços. Os primeiros podiam vêr-se presos á terra, se não pagavam a renda, os ultimos podiam tornar-se *liberti*, se tal fosse a vontade do senhor. D'uns e outros sahiram os *colonos* (*plebeis* do codigo wisigothico) e os *servos adscriptos*; mas em todo o caso conservaram-se sempre os cultivadores ingenuos, classé unica em que ao cabo de muitos seculos todos vieram a fundir-se ¹.

No principio porém, como é obvio, só existiam *servi* e *homens livres*; mais tarde pelas circumstancias supervenientes é

¹ A respeito das classes dos cultivadores, veja-se a longa e sabia exposição de Fustel de Coulanges na *obr. cit.*



que appareceram os colonos e os adscriptos á gleba. Então podiam existir na mesma villa homens n'essas quatro differentes situações, como effectivamente aconteceu, cultivando cada um a sua sub-unidade, com as condições proprias do seu estado. Além dos cultivadores, a villa possuia operarios empregados em todos estes misteres, mais intimamente ligados á vida; ella estava organizada de maneira a satisfazer pelos proprios recursos as principaes necessidades dos seus habitantes.

Quando os proceres das citanias foram descendo, levou cada um a sua clientela — os miseraveis, que pelo influxo das idéas romanas se converteram em *servi*, e os menos pobres ou dependentes que trabalharam mediante um salario — os *ingenuos* populares. Levantadas as construcções, segundo o estylo da época, as primeiras secções, é de crér, foram cultivadas por *servi*, mas bem cedo se estabeleceu o systema parcellar. Já vimos anteriormente como os nomes das construcções, sub-unidades e glebas se derivavam da lingua latina e costumes romanos. Bastava só esta consideração para termos a certeza que tal systema se fundou no seu governo, e foi introduzido por elles.

O advento das hostes da Germania, primeiro dos suevos e depois dos wisigodos, não alterou o regime social e muito menos o agricola. Houve repartição de terras? Não parece crível ¹. Houve sim violencias, mas estas não podiam affectar a economia rural; se as houve, ellas exerceram-se sobre os proprietarios — os *possessores*, que representavam a nobreza do paiz; decahindo da antiga supremacia, tiveram de sujeitar-se ás imposições d'esses soldados aguerridos, para os quaes passou a soberania. As propriedades dos hispano-romanizados talvez fossem desigual e rudemente tributadas; é provavel que no lançamento dos impostos se commettessem os vexames, de que se queixa Idacio, sem comtudo os nomear. Mas, quanto ao methodo por que estava agricultada uma villa, era indifferente que o pro-

¹ G. Barros, *Hist. da Adm. P. em Port.*, pag. 389 e seg. Herc., *Op.*, t. v, pag. 303, e cf. os aut. cit.

prietario se chamasse *possessor* ou *curial*. A situação dos cultivadores ficava sempre a mesma; nem aos invasores convinha fazer alterações, nem elles sabiam na sua rudeza substituir esse regime por outro qualquer.

A exploração agricola teve pois de continuar nos termos anteriores, desenvolvendo-se segundo o impulso adquirido. Se aqui ou alli um proprietario foi violentamente arrancado da sua habitação pelo batalhador suevo, este, em vez de ensinar, teria de aprender dos cultivadores a pratica da lavoura.

Na chegada dos suevos, a cultura estendia-se já por todo o paiz. Nas citanias não ha vestigios d'elles: e do *Chronicon* de Idacio entrevê-se como eram diferentes as condições, se comparadas com as do tempo de Augusto, quando os seus legados manobravam por entre montes e selvas. As populações, vivendo agora no meio dos campos, acolhem-se aos castellos e castros, na occasião em que os invasores eram excessivamente duros. Nos quatro seculos e meio de governo romano a civilisação estendera-se e a riqueza multiplicára-se, de modo a tornar possiveis as *degradationes*, de que se lamenta o chronista com tanta insistencia.

Dado este estado moral dos recém-chegados, é claro que elles se limitaram unicamente a viver dos recursos existentes, sem poderem fazer qualquer alteração. Por isso as denominações latinas das sub-unidades e glebas se conservaram e nos subministram a melhor prova da origem e continuação do systema parcellar.

Elle tinha-se diffundido de tal modo, que constituia a regra geral das villas, de que rezam os documentos. Do anno de 906 possuimos um (D. 13) que descreve a traços largos o escorço da cultura da villa de Silva Escura (hoje freguezia do mesmo nome da Maia). A superficie estava retalhada em varzeas, caes, villares, agros ou agras, pomares, vinhas, linhaes, soutos, bouças e finalmente possuía um moinho. A maior parte d'estes retalhos estavam vedados e circuitados; e eram todos agricultados por cultivadores sobre si, por isso que os nomes d'elles os denominam. Além d'estes viviam ahí tambem jornaleiros e in-



dustriaes, como deixa entrever a designação onomastica de algumas casas. Esta cultura parcellar vinha de muito longe; não podia ter-se operado durante a reconquista, nem os seus homens abandonaram a villa no tempo de Affonso I; pois que tendo este fallecido em 757, a recolonisação, se tivesse havido o armamento, só podia ter principiado, no fim ou depois do seu reinado e teria de existencia, quando muito, tres gerações, tempo insufficiente para cultura tão diffundida. Emigrou certamente o proprietario, mas não os trabalhadores. Quando voltou a segurança no principio do seculo x, qualquer dos reis asturianos, tomou-a de *presuria* por essa falta: depois doou-a aos dois bispos que tiveram de a partilhar para obstar ás desintelligencias dos feitores, que praticavam violencias nos homens, uns dos outros. Os nomes d'estes adicionados ás parcellas, exceptuando dois (Salomon e David) são godos. Não poderam ser captivos recentes (*mosarabes*) vindos do sul, pela razão já dita: nem tão pouco esses nomes indicam que fossem de sangue suevo ou wisogodo: eram os representantes dos pobres das citanias, que se chamaram com nomes latinos quando se romanisaram e depois com germanicos no governo d'estes.

O systema parcellar não só continuou no segundo periodo, mas tambem chegou até aos nossos dias. O codigo wisigothico ¹, annullando as alienações feitas por *servi da domum*, *agrum* ou *vineam*, pertencentes a seus senhores, refere-se sem duvida a cultivadores parcellares d'esta classe. Em grau mais inferior estavam os designados pelo epitheto de *rusticus* ou *rusticanus* ², os que trabalhavam em commum na cultura e podiam ser propriedade d'outros. Nas villas havia, pois, *servos* de *servos*; estes que tinham já adquirido uma melhoria de posição, aquelles que continuavam ainda nas condições dos antigos miseraveis. Depois, pelo decurso do tempo, todos esses homens da classe serva se fundiram nos *adscripti glebæ*, e serão tal-

¹ *Cod. wisig.*, liv. v, t. iv, l. 13. Ed. *Port. M. Hist.*

² *Ibid.*, liv. iii, t. iii, l. 9, e liv. vi, t. iv, l. 3.



vez esses os referidos nos D. sob a denominação de *servi* e *liberti*, como entendia Herculano.

Os homens livres não nobres são especificados em varias passagens ¹ do codigo wisigothico sob a designação de *ingenuæ personæ*. Os ingenuos, mantendo-se através de todas as transformações sociaes, no campo eram os arrendatarios livres que se encontravam nas villas de Italia, como vimos no *agellus* de Horacio. Nos D. muitos d'estes possuíam já certos direitos de propriedade sobre a secção que cultivavam, mas como a insolvencia podia levar á escravidão ², muitos d'esses arrendatarios pobres, não podendo pagar a renda, vêr-se-hiam presos, pela força das circumstancias, á terra alheia, continuando assim a engrossar, ainda depois de terminado o periodo romano, a classe dos não livres — colonos ou servos.

Na doação da Correlhan (D. 18 e 19) mencionam-se — *servi, liberti, homines ingenuos*. Se póde haver duvida sobre a significação n'esta época das duas primeiras denominações, se seriam realmente *servi* ou *adscripti*, questão que não pertence ao periodo estudado, é certo que gente de tres graduações diferentes vivia n'aquella villa, facto que se repete commumente nos D. Se os confrontarmos, resulta da comparação que no periodo astur-leonez homens de diversas condições ainda habitavam as villas, cultivando cada um a sua fracção, e tendo já sobre ella uma tal ou qual propriedade. Eram todos de familias antigas, pois os D. indicam-nos, como partes componentes dos predios, constituindo as suas *prestationes* ou *census* parte dos rendimentos. A sua situação não podia melhorar-se de golpe; só lentamente as graduações se foram esbatendo, até que todas as classes se fundiram n'uma unica — a dos ingenuos. Á medida que se operava a igualisação, o dominio util foi-se transferindo para os cultivadores, de modo que as sub-unidades vieram a converter-se em verdadeiros predios agricolas.

Todas estas classes operarias, mais ou menos misturadas,

¹ *Cod. wis.*, liv. II, t. III, l. 4; liv. VI, t. I, l. 2; liv. II, t. IV, l. 2.

² *Ibid.*, liv. V, t. VI, l. 5.



povoaram as villas desde a fundação. Agarrando-se ao solo tenazmente, com ellas radicou-se o systema parcellar que era a norma constante no tempo dos D. Por tal motivo não foi possível fixar-se aqui a grande cultura, o que aliás talvez tivesse acontecido, se todã a superficie das villas fosse cultivada por esquadras de *servi*; em tal caso as unidades teriam grande difficuldade de se fraccionarem; a cada divisão seria mister fazer novas construcções, vedações e demarcações; aos trabalhadores faltaria a aprendizagem da pequena cultura. Mas dado o systema parcellar, o dominio util, por uma lenta obscura evolução, foi passando para os cultivadores, ficando o proprietario com as prestações do dominio directo, até que emfim nos nossos dias este foi quasi absorvido igualmente. Com esta economia agricola, a villa foi pouco a pouco deixando de ser uma superficie cultural, sobretudo quando, delida a tradição da antiga unidade do fundo, a divisão se tornou effectiva por effeito das partilhas entre coherdeiros.

VIII

A DESMEMBRAÇÃO DAS VILLAS

No decurso do presente estudo, que temos seguido com a maior brevidade possível, ter-se-ha notado, como as villas, de proveniencia romana, conservavam ainda nos seculos x e xi a sua individualidade juridica. Ellas tinham tido, pois, uma longa existencia, sobrevivendo a um sem numero de catastrophes sociaes. Esta duração, porém, não era privativa da localidade; por toda a parte o predio romano, uma vez constituido e rigorosamente demarcado, persistia na sua integridade, quaesquer que fossem as vicissitudes do proprietario. Não era a lei que impedia a fragmentação, nem nas successões obrigava os coherdeiros á indivisão. Os costumes eram todavia mais fortes: elles oppunham-se tenazmente á divisibilidade por qualquer titulo, nem tão pouco permittiam a absorpção d'um por outro predio, quando o proprietario se tornava o adquirente de dois contiguos.



«Na maioria dos casos, diz Fustel de Coulanges ¹, o *fundus* retinha o seu nome e a sua unidade, pertencendo a muitos com-proprietários. Formavam-se assim, não prédios novos, mas o que se chamava partes, *portiones*. A denominação de «parte» ficava ligada á pequena propriedade, formada na grande. Era-se proprietário para sempre d'uma «parte». Cada um legava, vendia ou arrendava a sua «parte». Estas expressões, que se encontram em algumas inscrições da época imperial, tornaram-se sobretudo frequentes nos chartas dos séculos VI e VII».

Este facto tão característico, realmente fundamental da economia agrícola romana, que se observa na Italia e na Gallia, não admira que se reproduzisse também aqui, visto ter sido a Hespanha uma provincia do imperio. Se nos faltam documentos anteriores á nossa Idade-média, os d'esta são sufficientes para demonstrar que as superficies culturaes tinham resistido á desmembração durante séculos.

Apesar de serem escriptos n'uma época em que já se accentuava a fragmentação, conhece-se comtudo que o velho costume ainda existia em parte, luctando contra a corrente que irá em breve subvertel-o; pois temos exemplos de villas integras, com as demarcações primitivas, possuidas quer por um só proprietário ou por muitos, subsistindo sempre a unidade primitiva.

Em 915 a villa Cornelianana (Correlhan), propriedade da corôa, foi doada n'este anno por Ordonho II á diocese de Compostella na sua totalidade — *per omnes suos terminos in omni circuitu*, e n'essa integridade se conservou até á fundação da monarchia portugueza, sendo ampliada, segundo parece, em 1061 pelo bispo Cresconio, que obteve de Fernando Magno um privilegio para os seus cultivadores. Em 953 as villas de Comite (Villa do Conde) e Quintanella eram possuidas por Flamula que as vendeu ao mosteiro de Guimarães. No titulo declara que sa aliena *ab intecro, per suos terminos antiquos*, e especifica

¹ *Obr. cit.*, cap. I, sec. I



as confrontações. Em 968 Gundisalbus, filho da Mummadona dôa ao mosteiro de sua mãe a villa Moraria (Moreira de Conegos) *per suis terminis et locis antiquis*. Em 1043 o duque Menendus faz doação ao mosteiro de Guimarães da «*villa nostra propria quod uocitant siluares integro*» (Silvares). E emfim ainda no ultimo quartel do seculo XI havia villas inteiras, como se vê do D. 557 (an. 1078) — *ipsa uilla que iam diximus riu siccu integra*.

Tinham chegado, pois, ao periodo astur-leonez villas inteiras, possuidas por um unico proprietario. Ellas tinham conservado através de muitas gerações, tanto a sua unidade territorial, como o dominio d'uma só pessoa; do de duas familias convém lembrar um exemplo: em 870, Flomarico e Gundila, Scelemondo e Astragundia, com-proprietarios da villa Negrellus (D. 5), fundaram ahi uma igreja; no titulo da fundação declaram que tinham adquirido a villa por *presuria*. Não obstante a occupação ser exercida por ambas, todavia o predio persiste na sua unidade — *in nostrâ villa que presimus*. Apoderando-se d'ella violentamente, ou na falta dos anteriores proprietarios, em vez de a dividirem, conservaram-na na sua integridade anterior.

Juntamente com estas, apparece o maior numero, possuidas por muitos com-proprietarios. Os contratos versam então sobre fracções, chamadas, como na Galia, *portiones* e tambem *raciones*. Em 991, Ariufo dôa ao mosteiro de Landim — *quanta portione et omnia mea ereditate quanta abeo de parentela et de omni ganantia in uilla nandini* (D. 162). Em 964 Flaminulina vende a Frola quanto possuia na villa de S. Martinho — *uindo uobis in ipsa uilla omnia mea racione quantum me ibidem compodet inter meos eredes, pumares, sautus casas cum intrisegus domorum terras ruras uel inructas aquas cursiles uel incurstile, quidquid in ipsa uilla inuenire podueridis in mea racione* (D. 86). Como no tempo dos D. já se tinham formado sub-unidades independentes, as *portiones* exercem-se igualmente sobre estas. Em 984 Aloitto vende uma — *tertia de casal que fuit de hazemon... de ipsa menus inde IIII portionem, et uenit nobis illo de nostra iermana... abet iacen-*



tiam ipso kasal in uilla cerseto... concedimus ipsa rationem iam dictam cum suas casas et suas aruores uel omnem suo plantato (D. 140). D'este casal vende-se uma terça menos *IIIIª portionem*: a esta fracção de fracção chama o D. *rationem*, a qual comprehendia, como no exemplo anterior, casas, arvores, etc. Os vendedores já tinham herdado a *rationem* e agora transferiam-na a outros.

As *portiones* comprehendiam não só glebas, construcções e mobilia, mas até tambem a propria habitação do proprietario — *VIIIª porcione integra in domum in pumares...* lê-se no D. 93. Não poucas vezes eram extraordinariamente complicadas: em 968 Vermudo, mulher e filhos vendem — *ereditate... in uilla... muraria suptus montis petras rubaas... facent se de ipsa ereditate de meditate VIIIªs demus tiui de ipsas octauas I octaua integra minus VI media et de alia octaua IIIª integra et de alia octaua IIªs setimas* (D. 98).

As *hereditates*, mencionadas constantemente dentro das villas, tiveram sem duvida por origem as *portiones* successorias; e continuaram a dividir-se pelo mesmo methodo, depois de fixadas e confrontadas. No D. 159 trata-se da transferencia d'uma — *exceptis racione de uimara ermiaziz*. E assim o solo ia-se dividindo e subdividindo; apesar porém d'essas subdivisões successivas a villa continuava a lutar pela conservação da sua individualidade.

E inutil acrescentar mais exemplos, sobretudo agora que não temos a descrever como se operou a fragmentação das villas, estudo que pertence ao periodo posterior. O que havia a demonstrar no presente era a persistencia d'ellas durante seculos, effectuando-se as partilhas por *portiones* e *raciones*. Uma vez estabelecidas estas partes, tornavam-se objecto de contratos, mas não fragmentavam a unidade fundamental, nem produziam predios minusculos. O uso das *portiones* e *raciones*, a sua persistencia e a designação pelo nome da pessoa, a quem foram originariamente deferidas, mostram que as partilhas se não effectuavam por uma divisão real, conforme aconteceu posteriormente.



Como se calculavam as *portiones*, se sobre os rendimentos ou sobre a superficie, é circumstancia obscura. Parece todavia que ellas se computavam antes sobre os primeiros; não só tinham um caracter geral, abrangendo uma parcella de quanto havia na villa, mas tambem os novos predios sahiram sobretudo dos casaes. É do mesmo modo obscuro, se o possuidor da *portione* administrava por si, ou se recebia só os rendimentos correspondentes á sua parte. Temos, é verdade, um texto que refere uma posse em commum: — *iacet ipsa medieta-te in pomare eldequine et pomare ariani que uobiscum comuniter auuimus siue et in II^{as} mazanarias racione de notario* (D. 57). É provavel que fosse vulgar a possessão indivisa de muitos com-proprietarios, que se chamavam *consortes* ¹, e a propriedade n'este regime — *consortium*. A palavra *consorte*, se desapareceu em relação á terra, ficou contudo e existe ainda para indicar, no caso d'uma nascente que se não póde dividir senão por dias e horas, o com-proprietario d'ella: e *sorte* designa nos montes altos a parcella não vedada, entre as de outros proprietarios nas mesmas condições.

O *consortium* no regime das villas explica facilmente, como apesar da multiplicidade de proprietarios, ellas persistiam sempre com seus primeiros limites. As gerações passavam, os proprietarios succediam-se, mas a unidade romana subsistia através de todas as mudanças.

Assim se mantiveram as villas até ao tempo da redacção dos D.; n'esta época, porém, começa a accentuar-se a tendencia para uma desmembração real, para a fragmentação effectiva. O seculo x e os immediatos constituem um verdadeiro periodo de transição; o mundo romano-germanico tende a diluir-se na nova sociedade que vai despertando lentamente.

As *portiones* e *raciones* constituem o jazigo mais antigo dos contratos que revelam os diplomas. D'essa maneira recebia o co-herdeiro o seu quinhão que ou possuia ou contratava sobre elle. Mas juntamente com esta fórmula successoria apparece outra,

¹ F. de Coulanges, *obr. cit.* Rudorff, *obr. cit.*, pag. 357, nota 364.



evidentemente nova, cujo resultado será a divisão real e efectiva das villas. Os casaes, dispersos pelo perimetro d'ellas, quer isolados quer em grupos por logares, foram suggerindo a divisão, desde que se reconheceu que elles podiam viver sobre si. Bastava perder-se a preocupação dos costumes antigos. Então cada coherdeiro, vindo a ser senhor d'uma ou mais d'essas sub-unidades, podia consideral-os como fundos independentes; esta transformação, porém, que nos parece tão facil, levou muitos seculos a operar-se; ella constitue um dos factos mais culminantes da sociedade neo-goda. A desmembração, que já vinha de longe n'um pequeno filete, tornou-se emfim a regra geral.

Posto que não tenhamos a estudar aqui desenvolvidamente, como ella se operou, não devemos todavia deixar de referir alguns exemplos.

Os contratos sobre superficies definidas, destacadas da villa, glebas ou sub-unidades, encontram-se a cada passo: são a camada mais recente das transacções diplomaticas. Em 991 Ausendo e mulher doam na villa de Macieira uns — *agros comodo sunt demarcatos et conclus in omique giro... per ubi uobis illos dilimitauimus* (D. 160). Teodilo (D. 110) vende em 973 varias glebas na villa Zelsoni, confrontadas em todas as linhas de demarcação. Em 960 Eddegas vende — *mediatatem de meos domus ubi modo auito de ipso casalem in omique giro comodo est conculsu, medietatem uobis concedimus de cassas de mazarias amaxianias...* (D. 79). N'estes tres exemplos, que aliás podiam accrescentar-se á vontade, trata-se de parcelas independentes. As *partes* ou *portiones* tinham ido vagarosamente affectando a terra e produzido assim verdadeiros predios minusculos.

Esta transição não poucas vezes é manifesta. Em 870, Cartemiro e Astrilli possuiam na villa Sonosello (D. 6) um casal — *nostro casale proprio*, a sexta parte d'ella, que lhes tinha tocado em partilha, *que habuimus per particione*. A villa, segundo ahi se diz, havia sido apprehendida pelos antepassados — *preserunt nostros priores*. O casal, como indica a mesma pala-



vra, era uma d'essas sub-unidades de cultivadores, que já descrevemos. N'este caso a partilha fez-se, não por *portione*, mas por uma secção determinada. Os novos proprietarios augmentaram sem duvida as construcções, pois as guarneceram de mobilia — *cubus et cupas lectos et cathedras mensas*, e edificaram ali uma igreja, á qual doaram o casal. Este facto mostra como elle adquirira uma individualidade propria. Não viviam alli só os lavradores, mas tambem os proprietarios, cujos filhos se ordenaram em monges. As doações ecclesiasticas serão mais um factor da desmembração, porque os padres ali estabelecidos mandarão cultivar essas terras independentemente das outras. No caso presente estamos vendo destacar-se um retalho da antiga unidade para se converter em verdadeiro predio. Como este exemplo podem citar-se milhares. Novas divisões iam-se formando aqui e alli, até que em alguns D. a palavra villa serve apenas para identificação da localidade, em outros é substituida por *loco*.

No meio d'esta decomposição dos predios romanos, uma entidade vai-se erguendo sobranceira e reunindo sob o seu dominio grande porção d'essas glebas que se tornam agora movediças: perdendo o seu antigo ponto de apoio ellas vão agrupar-se em volta das igrejas que adquirem por doações constantes grandes massas de bens. Os *passus, pasales*, que no principio eram modestamente obtidos no contorno do edificio religioso — *pro corpora ad tumodanda et propter gubernacionem fratrum* (D. 54, 63, etc.), estendem-se cada vez mais e successivamente sob a designação de *passal*, até abrangerem uma parte da área da antiga villa: elles são como os *fines templares e sepulturarii* dos velhos tempos. Essas doações tornam-se tão importantes e tão ricas as igrejas e os pequenos mosteiros, que umas e outras são objectos de contratos (D. 53, 71, etc.), incidindo ali tambem as *portiones* (D. 200, 465, 478, 518), como sobre quaesquer propriedades, pois os fundadores reservavam para si certa porção dos rendimentos, que se transmittia por herança ou successão — *una pariter cum heredibus et filiis ecclesie* (D. 514).

*



Os monges do cenobio ou do convento rural, o padre da egreja, ou *abbade*, como já escreve o D. 110, quer pelo caracter sacerdotal, quer pela riqueza dos bens de raiz da sua corporação ou instituição religiosa, herdarão todos a supremacia do *dominus*, dando cohesão aos cultivadores que viviam no perimetro do antigo predio romano, e entre os quaes se tinham formado fundas relações de intimidade e parentesco. Para os presbyteros, que os dirigem espiritualmente, estes serão parochianos ou freguezes (*filigreses*, diz o D. 440), assim como a villa se chamará *freguezia* ou *parochia* ¹, formando-se d'este modo um organismo colectivo religioso, que será mais tarde a primeira circumscripção no fundo da escala hierarchica administrativa. Por isso a villa foi perdendo lentamente a sua pristina significação juridica; no seculo x e nos seguintes pouco mais servia do que para identificação dos predios minusculos desconjunctados do tronco principal. Inutilmente o solar da nova nobreza tentará substituir-se á *villa urbana*: n'essa longa lueta secular tinham-se quebrado os laços da dependencia; a terra fragmentada, dividida em pequenas glebas, não podia voltar á unidade juridica dos primeiros tempos. As classes servis transformaram-se em cultivadores livres, defendendo com as armas na mão os seus campos e as suas familias. Só uma entidade que representasse um sentimento moral profundo os poderia aggremiar de novo. Então o campanario, que se levantava por entre as pobres habitações rusticas, servirá como de pharol para todos esses homens que se tinham enraizado ao solo, com a pertinacia das plantas indigenas. Uma nova sociedade de lavradores, unida e compacta, emergirá nos limites das villas, algumas das quaes segundo vimos anteriormente, os conservaram até hoje, emquanto que outras, as mais pequenas, tiveram de se fundir nas limitrophes.

Quando porém a villa estacionava perto da foz d'um rio, como as de *Comite*, *Fano* (Villa do Conde, Fan), n'um sitio es-

¹ Se anteriormente a Wamba, houve uma divisão parochial, ella é muito diversa d'esta, que subsistiu, formada pelo impulso popular.



trategico ou confluencia d'estradas, como a villa de Vimaranes (Guimarães), começou então a apparecer uma agglomeração de construcções não exclusivamente ruraes, *burgos*, que se designavam tambem pela palavra *locus*; — *prope loci vimaranis* (D. 99). Em torno do mosteiro ou do castello, nasceram os grupos urbanos, actualmente disseminados aqui e alli, os quaes tomaram o nome de villas, perdendo-se a significação rural romana de superficie cultivada, para indicar exclusivamente as *casarias* unidas.

A occupação romana, demarcando e constituindo as propriedades particulares, deu origem a uma instituição que ficou. Das villas sahiram as parochias: o povo aggreiado em volta do campanario, reatando as antigas tradições, lenta e obscuramente, durante seculos, sem uma lei, mas por um movimento espontaneo, formou a primeira unidade do concelho, justamente como a reunião das villas ruraes formava no mundo romano o termo da *civitas* ou *urbs*.

Guimarães, março de 1892.

Alberto Sampaio.



UM SONHO

Vi-me n'um bosque sentado sobre uma pedra que o musgo viçoso amaciava. Altas arvores copadas e esguias occultavam-me o céu, que se adivinhava azul inundado de sol. A relva verde, beijada d'orvalho, brilhava como uma chuva de esmeraldas preciosas, matizada por pequeninas flôres de coloridos ardentes. A agua crystallina d'um regato serpenteava, cantando sobre os seixos uma murmurosa canção d'amor que os passaritos repetiam chilreando no ar, voando de ramo para ramo. Da terra, das flôres, das arvores e da agua evolava-se um perfume quente, inebriante, humido e vivo como o halito que se aspira ao beijarmos pela vez primeira os dôces labios da dôce mulher amada. Pequeninos insectos iriados, zumbindo, esvoaçavam no ar parado e calmo.

Nos longes da floresta, na curva do caminho, o sol, n'uma aberta, penetrava intensamente, cahindo n'um lençol de luz, dando ao verde do fundo de emmaranhadas trepadeiras o macio de pregas d'um fofo tecido de sédas.

Embriagada a vista no vinho capitoso d'esse quadro surprehendente; a memoria alhejada, perdida, esquecida da bella fórma humana, pensei — ó blasphemia! — só tu, ó natureza, me podes dar a sensação da mais perfeita formusura!

Mas logo, como n'uma apparição, nos longes da floresta,



na curva do caminho onde o sol, n'uma aberta, penetrava intensamente cahindo n'um lençol de luz, appareceu, destacando-se sobre o verde do fundo de emmaranhadas trepadeiras, a figura ideal d'uma ideal mulher!

Allucinado, doido, attrahido por essa fascinação irresistivel, corri pelo caminho fóra. E o caminho parecia que não findava. Via-a como se estivesse a dois passos de mim, cego pela sua belleza, e não lograva alcançal-a. E corria sempre. E ella, sempre immovel, fitava-me com um tão acariciador olhar, que eu percebia o coração fugir-me dentro do peito para se aninhar no seu, que sentia já pertencer-me! Cançado, offegante, ao chegar junto d'ella cahi de rojo a seus pés.

Curvando ao de leve o busto erecto sobre a cinta, tão fina que parecia prestes a partir-se, estendeu-me os braços e amparando-me com as mãos brancas, d'arminho, onde apenas as unhas dos seus dedos afusados punham a coloração delicada das petalas d'uma rosa, disse-me n'uma voz musical, d'uma harmonia divina, deixando entrever a neve dos seus dentes:

— Levanta-te, eu sou a tua amada!

E nos seus olhos profundos, como um céu sem nuvens, li todo o nosso immenso e apaixonado amor. Quiz beijar-lhe as mãos, mas a sorrir desviou-se vagarosa deixando-me preso ao logar onde me levantára, e por largo espaço alli fiquei vendo-a afastar-se, deixando as flôres que pisára, a soluçar um choro dolorido por já não sentirem os affagos dos seus pés mimosos; levando no ouro dos seus cabellos todo o sol, que já então não cahia, como um lençol de luz, pela aberta onde apenas agora luzia o claro céu de turqueza. E desapareceu cortando-me o somno este sonho estonteador...

*

* * *

O sonho recomeçou e eu vi diante de mim a fachada monumental d'um palacio sumptuoso. Guiado por uma invisivel mão, entrei pela larga porta guarneçada de bronzes trabalhados



como filigranas d'ouro. No vestibulo circular, bellos marmores polychromos entoavam no mosaico do chão, nas columnatas dos lados e na cupula do tecto uma alegre symphonia de côres. Pela vasta escadaria, opulenta de douraduras, um tapete da Persia abafava o som das minhas passadas. Em cima corria uma galeria, povoada de esplendidas estatuas, abrindo para uma successão de salas onde não sabia o que mais admirar se as tapeçarias, se os quadros, se os bronzes, ou mesmo as pedras preciosas, rubis, esmeraldas e saphiras, engastadas nos ornatos das sancas e rodapés de rico jadeleitoso. Deslumbrado por tanta maravilha, deixei-me cahir n'um divan coberto por um rico brocado d'ouro fino. Ninguem, nem viva alma, por todos esses salões silenciosos. D'alli, d'onde estava, descobria apenas lá ao fundo acariciada por um suavissimo banho de sol, que mais parecia um banho de luar, uma Venus encantadora, d'uma correccão impecavel na brancura impecavel do seu marmore. Tambem quem poderia habitar palacio tão encantado, digno só d'essas divinaes estatuas, divinas creações de divinaes artistas! Ninguem, pensei, ninguem! Mas logo, como n'uma apparição, vi, offuscando-a, ao lado da Venus encantadora — deusa da belleza, mãe do amor, rainha das nymphas e das graças — a figura ideal d'uma ideal mulher! Toda vestida de branco caminhava para mim tendo no andar ondulações compassadas d'uma graça perturbante. A cada passo que dava, o vestido, ligeiramente curto, deixava entrevêr o delicadissimo pé idealmente preso ao artêlho fino — feito de molde a ser cingido por um bracelete de beijos! Ao fogo intenso do seu azul olhar profundo desmaivam, apagando-se, as pedras preciosas; foscava o ouro dos seus cabellos as douraduras dos bronzes; a Venus, já sem luz, mal se divisava envolvida em sombras de tristeza! Tentei correr para essa visão encantadora; mas subjugado, fascinado, quedei-me immovel n'uma catalepsia d'extasi. Só quando se abeirou de mim e eu sentia já o estonteante perfume do seu respirar sereno, é que — acordando á vida — me lancei de rastos a seus pés.

Curvando ao de leve o busto erecto sobre a cinta tão fina



que parecia prestes a partir-se, estendeu-me os braços e amparando-me com as mãos, brancas d'arminho, onde apenas as unhas dos seus dedos afusados punham a coloração delicada das pétalas d'uma rosa, disse-me n'uma voz musical, d'uma harmonia divina, deixando entrevêr a neve dos seus dentes:

— Levanta-te, eu sou a tua amada!

Lembrado da scena do bosque, suppliquei-lhe:

— Não fujas, meu amor!

Ella, porém, concentrando no olhar, com que me endoudecia, todo um mundo de promessas, afastou-se lentamente, desaparecendo por detraz d'um farto reposteiro. Como uma fera ferida no flanco rugiu uma imprecação, e, desesperado, na furia de a seguir, arranquei d'um impeto o reposteiro, arrojando-o com força para o lado.

Triste desillusão, ó amargura! Encontrei-me n'um descampado enorme, illimitado, sem fim, longe de tudo, mais longe da minha amada!

E o somno veio outra vez cortar-me este sonho estonteador...



Quando o sonho recomeçou, estava ainda no mesmo descampado, chorando convulsamente todas as lagrimas da minha alma. E esse chôro não tinha fim, e tanto chorei que cheio pelas minhas lagrimas vi surgir diante de mim um lago profundo e enorme que me attrahia como um abysmo. Tentei desviar-me d'essas aguas, negras como a noite escura da minha alma; mas uma força estranha, por mais que eu luctava, fazia-me seguir com a irresistivel fatalidade do destino a sinuosa linha das suas margens. Caminhei por largo tempo, e, cançado, sentia-me já prestes a desfallecer, quando uma miragem, n'uma apothese de luz, illuminou o lago, e as aguas se tornaram claras como um espelho, banhando ao longe uma pequenina ilha verde e risonha, empolada de collinas tratadas como um jardim. Perto d'onde eu estava, preso á margem por um cabo de seda, balouçava-se



brandamente, com os remos esquecidos nos toletes de marfim, um escalear de sandalo, amantado por um rico panno de velludo franjado d'ouro fino, tendo na prôa deliciosamente esculpida a enigmatica figura d'uma esphinge. D'um pulo saltei para o barco, e desprendendo-o e tomando os remos, metti a prôa para a ilha mysteriosa a largas remadas dos meus braços. Remei horas esquecidas, e a ilha que eu via distinctamente, com o caes descendo n'uma escadaria de marmore beijada pelas aguas, cada vez parecia afastar-se mais! Sem forças já, não despegando os olhos da escadaria, deixava-me pairar ao ligeiro sabor da brisa que das collinas descia impregnada d'aromas, quando de repente appareceu encostada á balaustrada do caes, com o busto erecto sobre a cinta tão fina que parecia prestes a partir-se, a figura ideal da minha dôce amada! Tomei de novo os remos remando ininterruptamente a fortes remadas dos musculos tornados mais rijos que o aço; mas a ilha cada vez mais e mais se afastava e das pás dos remos cahiam agora, a cada remada que eu dava, as amargas lagrimas que chorára!

Desesperado, levantei-me no barco atirando os remos para longe, e, fitando uma derradeira vez a figura ideal da minha amada, deixei-me cahir de chofre na corrente, bebendo a largos tragos o fel das proprias lagrimas que vertera. Sem lutar, meio asphyxiado, voltei um instante ao de cima d'agua e pude, vê-la ainda uma vez, tendo na face a rolar, a cahir, uma lagrima sentida. Ao mergulhar de novo e para sempre no pelago profundo, essa lagrima transmudou o acre travor que me matava n'um nectar divino. e eu senti-me morrer afogado n'um oceano de gozo!

Acordei então.

Bernardo Pinheiro de Pindella.



O EXERCITO NACIONAL

A DEFEZA DO PAIZ. — NECESSIDADE D'UM EXERCITO REGULAR.
BASES DA SUA ORGANISAÇÃO

Um dos mais tristes symptomas da depressão moral do povo portuguez é a sua indiferença pelas instituições militares.

Longe de nós a idéa de que os povos devam viver n'um regimen chronico de prussianismo, esmagando sob o peso dos seus armamentos a natural expansão das proprias actividades. O estado de guerra de que soffre a Europa, não póde deixar de ser transitorio. Filho d'este seculo de *struggle-for-lifismo* feroz que devora tudo, consequencia d'uma falsa interpretação do evolucionismo que leva á victoria dos fortes e pretende chegar á perfeição da especie substituindo a lucta moral por um conflicto zoologico, o militarismo attrae sobre si o odio de todos os espiritos elevados e nobres, e ha de consumir-se a si proprio, antes de justificar o seu emprego.

Mas se não queremos a sociedade portugueza transformada n'uma caserna, tambem não podemos deixar de lamentar a indifferença popular pela defeza do paiz, e a imprevidencia que preside á organisação e aproveitamento dos nossos recursos militares.

Um paiz em que se discute se o exercito serve ou não serve para alguma coisa e que perdeu a tal ponto a mais ru-



dimentar compreensão do sentimento de sua existencia, é moralmente um paiz sem razão de ser. Mas o que mais surprehende, é o vermos que o sentimento da nacionalidade não está tão apagado como poderíamos julgar da indiferença a que nos vimos referindo e que até, sob um reagente energico, desperta com o impeto e a incoherencia, que são filhos do sentimentalismo doentio que constitue o traço fundamental do nosso character.

Sentimentalismo e imprevidencia — são talvez a herança ethnica de que soffremos, e que provavelmente nos vem da fusão de raças de que proveiu o typo nacional.

Sem querermos entrar agora n'um capitulo de psychologia collectiva, basta-nos chamar a attenção para a tendencia irresistivel do povo para a beneficencia, tendencia manifestada a cada momento nas calamidades publicas e explorada pelas altas classes até ao ponto de se transformar n'um instrumento politico.

A caridade organizada, quer em instituições religiosas, quer civis, ao mesmo tempo que retrata e lisongeia um dos aspectos da alma portugueza, contrasta singularmente com a ausencia de instituições preventivas que difficilmente se desenvolverão n'um povo que procede em tudo por impulsos de momento.

A quem lêr a nossa historia militar, mesmo ao de leve, realta com evidencia este traço do character portuguez. Ao primeiro rebate das hostilidades, lançamo-nos desordenadamente nos braços d'uma alliança e desenvolvemos nos preparativos de guerra um ardor e actividade só comparaveis em grandeza á inercia anterior. Tudo se cria então. É na frente do inimigo que improvisamos as nossas organizações militares, transfundindo-lhes sangue estrangeiro, contratando um Schomberg, um Gallo-way, um Frisheim, um Lippe, um Beresford.

Aos primeiros recontros tudo é desordenado. A fuga, a deserção e a indisciplina são a praga d'estes exercitos improvisados. E se compulsamos os archivos de diplomacia, vamos lá encontrar as mesmas hesitações e as mesmas vergonhas: por tal



fôrma que, mesmo quando vencemos, não tiramos vantagem alguma da victoria.

Nunca tivemos por isso um exercito verdadeiramente nacional. De sólido e nacional tivemos sempre o soldado — materia prima excellente, assim o confirma o testemunho insuspeito de todos os generaes estrangeiros que têm vindo como amigos e organisadores, ou como adversarios.

O soldado é sobrio, paciente e corajoso.

«Leval-o-heis onde quizerdes, sem que solte um queixume, alimentando-se de pão e agua, levando por condimento um dente de alho, *a bead of garlick* ». É Costigan que o affirma.

Os escriptores estrangeiros não regateiam os seus elogios ao soldado peninsular. Diz d'elle um escriptor francez (referindo-se ao soldado hespanhol):

«A materia prima é excellente: pela sua constituição, a sua frugalidade, o seu desprezo pelas fadigas, o habitante das provincias é um incomparavel soldado (*fantassin tout à fait hors pair*). Poucas tropas no mundo têm faculdades de resistencia tão extraordinarias.

.....

«Com uma espingarda, sessenta cartuchos, uma camisa, umas calças, uma coberta, uma boina e um par de alpercatas, o soldado carlista supportava fadigas esmagadoras; o seu inimigo, o soldado regular, não era mais exigente. A sua sobriedade só é comparavel á do arabe».

Tal é o retrato do soldado peninsular. O soldado portuguez, inferior ao hespanhol na resistencia ás marchas, é melhor soldado de combate. Wellington assim o reconheceu e só contou com elle na guerra peninsular, depois de Talavera.

O que nos tem faltado, com tão excellente materia prima? O que nos falta sempre e em tudo — organização e chefes. Organizações feitas com o inimigo á vista, chefes importados. Como póde o organismo militar ter vida propria e *élan* guerreiro, com elementos mercenarios a destruir-lhe e cohesão moral indispensavel á defeza?

É ainda a historia que nos vem trazer os seus tristes com-



mentarios. As deploraveis collisões e rivalidades suscitadas entre Schomberg e os generaes portuguezes durante as campanhas da Restauração, a odiosissima tyrannia de Beresford fallam mais alto do que qualquer motivo que apresentassemos contra um costume nacional que adquiriu fóros de tradição.

A incompetencia dos nossos chefes militares foi sempre tão manifesta, que a achamos consignada em antigos escriptores portuguezes.

Referindo-se a este lado fraco das nossas constituições militares, diz o snr. Latino Coelho no excellente esboço historico que abre o 3.º volume da sua *Historia militar e politica de Portugal, desde os fins do seculo XVIII até 1814*:

«E na verdade não pequeno deslustre das patrias glorias militares que o brio e valor nativo dos nossos naturaes e as suas virtudes guerreiras de tão sabido grau, não hajam podido ser aproveitadas sem que nas fileiras portuguezas se transfundisse mais uma vez, evocada de estranhas gentes (refere-se a Lippe) a alma dos exercitos, que é o commando nas suas diversas gradações. E não á mingua de engenho e vocação em nossos homens de guerra, senão pelo habito vicioso e deleterio, em que vivemos longamente, de esquecer na paz os serviços da guerra, de não fazer dos quietos ocios que nos deixa o inimigo, a escola onde instruir e educar para a campanha os generaes, os officiaes e os soldados. É principalmente da carencia de generaes que mais teem padecido sempre as instituições militares de Portugal. E mais do que em tempo algum se experimentou este desdouro na época a que nos vamos referindo. Ao romper o conflicto com a França e a Hespanha em 1762, eram numerosos os militares que nos mais eminentes postos da milicia pompeavam os seus brilhantes uniformes nas festividades cortezãs. Não havia, porém, talvez um unico general a quem seguramente se podessem confiar dez ou doze mil homens com a esperança de que levasse a termo decoroso sequer uma operação secundaria da guerra. Esta falta completa de organisadores e estrategicos, ainda mesmo de mediocre opinião, era tão geralmente reconhecida, que o ministerio portuguez se não corria de

a divulgar e encarecer aos proprios estrangeiros, com quem estava diplomaticamente negociando nas vespervas da guerra».

E com effeito o ministro dos negocios estrangeiros e da guerra, um dos oraculos do marquez de Pombal, o celebre D. Luiz da Cunha a uma nota collectiva de Hespanha e França, os dois paizes com os quaes iamos romper, respondia assim:

«Sabendo todo o mundo que em Portugal não havia generaes, nem officiaes, que tivessem experiencia das campanhas, mandou convidar para o seu serviço a lord Tyrawley, *assim como se praticou sempre n'este reino*, e se praticou agora a respeito de outros differentes officiaes, não só inglezes, mas de todas as outras nações da Europa, *para disciplinarem as tropas portuguezas*».

Era isto o que dizia um homem 'intelligente aos representantes dos dois paizes com os quaes nos iamos bater para defender os interesses da Inglaterra na guerra dos sete annos.

A tal ponto é innata a imprevidencia nacional no tocante á defeza do paiz, que chega a roçar por uma inconsciencia limitrophe da inepecia em espirito tão esclarecido como o do celebre collaborador do marquez de Pombal.

O proprio marquez que revolveu com mão de ferro toda a engrenagem civil e administrativa, só tratou do exercito quando as tropas do marquez de Sarria se preparavam para invadir o paiz.

O estado do nosso exercito era tal, que não se pagavam os soldos e as sentinellas estendiam a mão á caridade, segundo affirmam Baretti e testemunhas coevas do reinado de D. José.

O recrutamento da officialidade era feito na classe nobre e entre os sequazes das familias fidalgas, que formavam as côrtes parasitarias da aristocracia.

Era o sangue e não a competencia quem decidia da escolha. Quando a guerra nos batia á porta, achavamo-nos sem officiaes, mas o ouro das colonias chegava bem para pagar ao conde de Lippe quatorze contos mensaes, somma fabulosa para a época, e para attrahir a Portugal uma turba multa de aventureiros sem merito, ineptos, incapazes e indignos, segundo as



proprias palavras de Dumouriez, e sem outro estimulo que não fosse um sordido interesse.

As colonias, graças a Deus, chegavam para tudo; chegavam até para comprarmos a peso d'ouro um simulacro de independencia, envolvendo-nos n'uma alliança que tem feito da nossa historia uma demorada agonia e uma longa capitulação.

II

Provado como nos parece estar que a imprevidencia fatal do nosso character tem sido a principal causa do abandono das instituições militares, falta-nos ainda encarar uma nova causa d'esta incuria e a fórma perniciosa como tem collaborado na depressão do sentimento da nacionalidade.

Em muitos espiritos, na maior parte d'elles, o desdem pelas instituições militares baseia-se na supposição de que a nossa situação geographica e as condições e modo de vêr da nação nos põem ao abrigo de qualquer eventualidade ou conflicto. N'este modo de vêr aceita-se como axioma que não só teremos de ser neutraes por natureza, mas até que ninguem tem interesse em nos violar a neutralidade.

Ora nada ha de mais falso. A decantada neutralidade portugueza é quanto possivel precaria. A Inglaterra, com o pretexto de nos auxiliar, entrou no nosso paiz para se oppôr ás duas grandes tentativas da Europa continental contra o accrescimento do seu poder colonial — a guerra dos sete annos e o bloqueio continental.

Na guerra dos sete annos a França e a Hespanha exigiram que as auxiliassemos contra os inglezes. Tentamos ficar neutraes, mas não pudémos. Tivemos que aceitar a guerra e o auxilio britannico. Mas o exemplo que mais frisantemente demonstra que o estado neutral é uma phantasmagoria que a historia evidencia e muito mais quando se trata d'uma nação pequena e desarmada, é o das invasões napoleonicas na Peninsula. Melhor que nenhum outro este exemplo prova que não é

neutral quem quer, mas quem póde. Ora a fórma de tornar possível a neutralidade e sustental-a é a resistencia armada. E foi o que nos faltou em 1806, como sempre.

Quando Napoleão nos intimou a entrarmos no bloqueio contra a Inglaterra e a confiscarmos os bens dos inglezes, residentes em Portugal, o primeiro acto do governo de D. João VI foi uma annuencia apparente ás ordens do grande general francez. Adhesão á causa do continente, confiscação dos bens dos inglezes, os portos fechados á Inglaterra, prisão dos inglezes residentes em Portugal — e ao mesmo tempo a evasão facilitada aos nossos fieis alliados, e indemnizados secretamente, tudo se fez com a mais cobarde das duplicidades. E assim para conservarmos dois amigos, creamos dois inimigos.

A Inglaterra que se subentendia connosco na guerra que lhe faziamos, não condescendeu até ao fim e exerceu as suas represalias tomando-nos a ilha da Madeira.

A França, que nos não perdoou termos sophismado a annuencia ás suas intimações, sequestrava nos seus portos os nossos navios. Para remate das aventuras e episodios por que passou a nossa mallograda neutralidade, veio o tratado de Fontainebleau, a marcha de Junot sobre Portugal e a fuga da côrte, aterrada, para o Brazil.

A neutralidade não é uma situação inactiva no viver dos paizes. Essa noção de neutralidade que para ahí apregoam os nossos indifferentistas, equivale a uma confissão de morte. A neutralidade é antes uma condição activa. Assim o entendem todos os estadistas, desde Canovas até Bismarck.

O estadista hespanhol ainda não ha muito definiu com precisão e energia o que seria a neutralidade da Hespanha no futuro conflicto europeu.

«Se os mares se coalham de navios, e os campos se transformam em acampamentos, quem póde affirmar o que será das neutralidades passivas da Suissa, da Belgica, da Hespanha, e dos demais povos que a pretendam guardar?

«Sim, a Hespanha quer a neutralidade, mas não uma neutralidade passiva, que a encontre fraca como uma mulher, debil

como uma creança; a nossa attitude ha de ser de neutralidade defensiva, e já se sabe o que é esta situação; muitas vezes para defender é necessario atacar, ou, pelo menos, estar disposto para isso, e embora, repito, a Hespanha não pense em atacar ninguem nem tomar nada a ninguem, é preciso que a sua situação seja de attitude defensiva, afim de, se as circumstancias nos obrigassem a atacar, conservarmos essa mesma neutralidade».

É assim que se pensa na Hespanha, n'essa nação em que o patriotismo e o espirito de defeza nada perderam do seu vigor tradicional.

Dado, pois, que a nossa condição na Europa nos permite a neutralidade, é ainda necessario defendel-a — e isto sem entrar ainda com a consideração de que a existencia d'um exercito regularmente organizado e vivendo da sympathia popular é um valor moral que se impõe sempre, mesmo na crise de força que a Europa atravessa, e constitue o apoio indispensavel da diplomacia, uma escola de virilidade e disciplina para o paiz, e uma garantia contra o enxovalho e o desprezo das nações fortes.

Pois não teriamos nós evitado a pressão exercida dentro do paiz pelos agentes estrangeiros, a odiosa prepotencia de Lannes, a entrada de Rabaudy e Roussin no Tejo, o incidente *Charles et George* seguido das ameaças de Lavaud, as represalias dos Estados-Unidos em 1864 e 1865, já defendendo os interesses do dentista Poter, já no caso da fragata federal «Niagara», e todo esse estendal de miserias que o snr. Carlos Testa enumera nos seus *Incidentes da politica externa de Portugal*, se ao menos tivéssemos tratado da nossa defeza costeira?

Porque a lição que resalta d'estes vexames é que elles nos têm sido infligidos na supposição d'uma resistencia nulla da nossa parte, tendo por esse motivo revestido sempre uma fórmula insolente, solta das formalidades diplomaticas, e com o caracter do escarneo e ironia mais deprimentes.

Seria um erro suppôr que uma ligeira resistencia não nos salvaria de muitas vergonhas. Dado o caracter pratico e utili-

tario das relações internacionaes d'hoje, as ameaças de que temos sido victimas não se teriam realisado, se da nossa parte se contasse com uma opposição que custasse um cartucho ao estrangeiro. A impunidade e a falta de risco com que todos contam, tem justificado os numerosos incidentes que são a tortura dos nossos diplomatas e o pretexto para as ridiculas explosões de cólera com que a especulação partidaria tem enfraquecido o paiz.

O exercito é, pois, uma garantia de neutralidade, entendendo esta palavra no seu sentido elevado.

Mas a historia, ainda a mais recente, aponta-nos causas permanentes de perigo contra que devemos estar prevenidos.

A Hespanha que nos não aggreirá, achando-nos preparados, fal-o-ha na hypothese d'uma resistencia insignificante, de uma inercia que garanta o equilibrio peninsular resultante da conquista.

N'um tempo em que a monarchia hespanhola era omnipotente, e Portugal se encontrava na situação mais angustiosa e anarchica, o filho de Carlos V preferiu aos males e azares da conquista o suborno de que Christovam de Moura e o duque de Ossuna lançaram mão na mais ampla escala.

É que a Hespanha, apesar da sua superioridade a nosso respeito, sabe muito bem que a conquista, quando lhe offereça todas as facilidades, não passa de conquista e que o difficil é conservar.

A annexação violenta do paiz não a defendem os seus homens de estado, nem os seus publicistas. Desde o iberismo monarchico-absolutista do snr. Snibaldo Mas até ao federalismo do snr. Pi y Margall, todos são concordes em admittir que a fusão ou união encontrará na violencia uma causa de fraqueza.

O snr. Margall ainda vai mais longe, e, insuspeito fallando dos seus conterraneos, attribue-lhes em grande parte o mallogro da união dos dois povos.

Mas a Hespanha que não empregará contra nós a violencia, pois seria contraproducente e inocularia no seu organismo um germen de fraqueza que lhe não permittiria dige-

*



rir, mas apenas deglutir este ambicionado complemento da sua expansão continental, não desiste da prosequção dos seus ideaes e das aspirações do paiz que o general Lopez Dominguez resumiu não ha muito n'estas palavras:

«Teremos que renunciar a todos os nossos ideaes? Deixaremos de aspirar á união com Portugal, *por uma ou por outra fórma?* Havemos de nos condemnar eternamente a soffrer a vergonha de ser inglez uma parte do nosso territorio? Temos de desistir para sempre das nossas aspirações ao imperio marroquino?»

Portugal, Gibraltar, Marrocos — são os fins que a visinha prosegue inalteravelmente.

Nas combinações a que o chamado equilibrio europeu tem dado lugar, o premio da adhesão hespanhola é a cessão de Portugal.

O governo da defeza nacional, em 1870, enviou á Hespanha o conde de Kératry encarregado de obter um auxilio de 80:000 homens em troco da promettida annexação de Portugal.

Ora este perigo deixa de existir desde que a organização militar seja no nosso paiz uma preocupação nacional e desde que se imprima uma nova orientação á nossa politica com a Hespanha.

Com uma nação visinha não póde haver senão uma de duas especies de politica — uma politica de hostilidade, de separação, ou uma politica amiga, de cooperação.

Ora se nos oppomos rasgadamente a qualquer tentativa de fusão, e detestamos o iberismo sob qualquer fórma, não repudiamos e antes aceitamos, com a plausibilidade que merece, uma politica de cooperação franca e leal, sem a duplicidade e desconfiança mal encoberta que sempre tem caracterisado as nossas relações com a Hespanha.

É evidente que uma alliança em bases *strictamente defensivas*, acompanhada d'um accrescimo de relações entre os dois povos, traria á península uma força e um prestigio de que ambas carecem para o éxito das aspirações communs, sem detrimento e até com vantagem para a prosequção dos seus fins

particulares, garantidos pela mais rigorosa autonomia politica e administrativa.

É a politica que nos convém e que os melhores espiritos têm defendido como util aos interesses dos dois paizes, para os quaes a separação tem sido uma causa permanente de fraqueza e decadencia.

Não é uma politica anti-patriotica, nem está ligada a um determinado systema politico. Se a união e a alliança com a Hespanha formam uma parte integrante do programma republicano dos dois paizes, a mesma união foi o sonho dos reis portuguezes desde Affonso V até D. Manoel, sem contar com tentativas mais modernas de iberismo monarchico e casamenteiro.

A nossa alliança com a Hespanha, significando apenas a união dos elementos militares e navaes, seria uma liga de defeza independente de regimen politico; homens accentuadamente conservadores, como o snr. Casal Ribeiro e Oliveira Martins, enalteceraam as vantagens d'uma politica de concordia peninsular.

Seria até conveniente que a nova liga servisse de sólida garantia aos direitos de soberania dos dois paizes. Qualquer das duas nações ficaria inhibida de influir nos destinos politicos da outra, compromettendo-se a salvaguardar rigorosamente o principio da não-intervenção.

Este principio e o seu provavel abandono por parte da Hespanha em relação á crise interna portugueza foi motivo para baixas especulações partidarias que estão ainda na memoria de todos para que os relembremos.

A intervenção foi uma das ameaças com que as facções se intimidaram. A cobardia dos partidos foi posta a concurso e ignobilmente explorada para os fins diversos que proseguiam. Capitulo bem triste e que fecharemos por aqui, como fôra do nosso proposito.

Não completariamos a serie de considerações que temos em vista expôr, se nos não referissemos ao ultimo incidente da nossa politica externa e ás consequencias lastimosas que arras-tou comsigo.



Veiu este incidente demonstrar mais uma vez o que nós somos, e fecundo em lições como poucos, merece um estudo que não cabe nos limites nem no proposito d'este artigo. A nossa politica na Africa, proseguida com uma imprudencia e levianidade para espantar da parte do honrado e consciencioso estadista cujos erros nos levaram ao *ultimatum*, devia levar-nos fatalmente a uma interferencia das espheras d'acção de Portugal e Inglaterra. Provou-o muito lucidamente o snr. Torres Campos, no magnifico artigo que consagrou ao incidente anglo-luso nas columnas do *Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid*.

Dos planos utopicos, *côr de rosa*, d'um imperio ficticio, passamos ás dissertações historicas, d'estas ás bravatas, reatando as tradições do barão da Ribeira de Sabrosa, das bravatas á acção militar, da acção militar ao *ultimatum*, do *ultimatum* á capitulação.

Depois da capitulação a arruaça d'um povo desnorteado por uma prepotencia sem precedentes, e aproveitada pelos nossos politicos com um anti-patriotismo que os collocou abaixo dos insultadores da nossa bandeira, a desaggregação partidaria, uma revolução militar, o descredito, a crise bancaria e monetaria, um emprestimo esmagador, uma expedição dispendiosissima e inutil, a subscrição nacional e as vergonhas que patenteou, e finalmente mais um simulacro de defeza que serviu para fundamentar uma dictadura inspirada em interesses politicos.

O *ultimatum* veio abanar o velho pardieiro nacional e pôr a descoberto a podridão dos materiaes e a inepecia dos constructores.

Não relembremos as negociações dos snrs. Hintze, Barjona, Bocage e Valbom. Ellas foram a consequencia forçada da situação creada pelo ministro que nos arrastou ao *ultimatum* e que pela sua precipitação não deixou aos seus successores a possibilidade de recorrerem á mediação ou á arbitragem.

O que queremos lembrar é essa torrente de decretos que o governo, parodiando os organisadores da defeza de 1870, na França, lançou sobre o paiz chamando-o novamente ao senti-

mento da defeza, que só desperta na presença do inimigo para lhe offerecermos o espectáculo das nossas cóleras infantis, da nossa desordem e do nosso incuravel desleixo. Nunca se verificou tão litteralmente a verdade d'aquella maxima do duque de Lévis:

«Lorsque la resistance est inutile, la sagesse se soumet, la folie s'agite, la faiblesse se plaint, la bassesse flatte, la fierté supporte et se tait».

Não tivemos a submissão dos prudentes, agitamo-nos como loucos, queixamo-nos como fracos, e sem a altivez silenciosa e resignada que a dignidade offendida nos aconselhava, lisongeámos com servilismo as deferencias rudimentares da diplomacia ingleza e festejamos como acontecimentos os jantares offerecidos aos nossos embaixadores.

Mas o espectáculo mais deploravel foi o descalabro e abandono em que encontramos os nossos meios de defeza. Para a defeza maritima apenas podiamos contar com o valor nunca desmentido dos nossos marinheiros. Como meios de defeza, fixa ou movel, Lisboa não estava, nem está ao abrigo do primeiro golpe de mão. O paiz ficou surprehendido com este abandono. O governo mandou estudar o littoral e as suas condições de defeza por brigadas constituídas pela mais escolhida officialidade. Mas como sempre acontece, desaparecido o perigo, ao menos o apparente, as brigadas foram dissolvidas e a defeza maritima mais uma vez preterida até á nova ameaça que surja de qualquer ponto.

A necessidade de sangue novo nos commandos determinou a celebre *razzia* de generaes, que não teve consequencias para o progresso do exercito e não passou de mais um expediente a accrescentar á nossa politica de expedientes, de actos de sensação e de impetos irreflectidos.

O ultimo incidente da nossa politica externa, portanto, longe de actuar favoravelmente no levantamento do espirito nacional ou no aperfeiçoamento do mecanismo militar, veio mais pôr a descoberto a nossa incuravel negligencia e cavar mais fundo a apathia e indifferenças nacionaes.

III

E comtudo a organização d'um exercito verdadeiramente nacional e popular, inspirada nas velhas organizações historicas do paiz, seria uma nobre tentativa para levantar o espirito da nação, para lhe infundir a virilidade adormecida, dobral-a á disciplina do character, eleva-la á comprehensão d'um ideal collectivo e garantir ao paiz o justo desenvolvimento da sua actividade, metropolitana ou colonial.

Vejamos quaes as bases sobre que deve assentar a formação d'um exercito nacional.

A) Uma lei de recrutamento que faça passar pelo serviço activo, reduzido a dois annos, o maior numero de homens, augmentando os contingentes annuaes e conservando nas fileiras forças pouco numerosas, graças a um systema de licenciamento que torne compativel a vida do paiz com as exigencias da instrucção militar.

A militarisação completa dos serviços de recrutamento está actualmente indicada por todos os motivos como uma condição indispensavel para o exito de qualquer reforma militar que se emprehenda.

No calculo do contingente annual deve attender-se á proporção em que devem entrar as differentes armas, segundo as modernas theorias do combate e attenta a configuração orographica do paiz e condições naturaes de defeza.

Na maior parte das nossas organizações militares têm sido desattendidas estas considerações inilludiveis da sciencia e sacrificadas ás exigencias de promoção, em que a rivalidade das differentes armas e a collisão dos interesses pessoaes têm desempenhado um triste papel.

O desprezo dos interesses supremos da defeza e o apego egoista ás conveniencias individuaes ou de classe têm sido a chaga corrosiva das reformas politicas, administrativas e mili-

tares portuguezas, e um dos muitos signaes da nossa decadencia.

O processo de recrutamento dos nossos officiaes tem até certo ponto influido n'estes resultados.

Dividem-n'os grandes differenças (grandes e injustificaveis) na preparação theorica por que tem de passar, e o caracter excessivamente especulativo dado aos cursos das armas especiaes, e que as têm transformado n'uma especie de casta ou aristocracia militar.

Com grande vantagem para a instrucção professional podiam apagar-se ou ao menos diminuir-se sensivelmente as distincções nascidas d'uma differenciação scientifica exaggerada, creando escolas praticas para as diversas armas, em que as applicações prevalescessem sobre inuteis apparatus theoricos, e uma academia de guerra destinada a preparar officiaes aptos para o serviço de estado-maior.

B) Remodelação das circumscripções militares.

Sob o ponto de vista orographico, estrategico e historico, o exercito nacional deverá ser naturalmente constituido em tres divisões territoriaes, contendo na organização das reservas e mecanismo da sua mobilisação o nucleo de tres corpos de exercito.

A constituição de brigadas territoriaes, nucleos de divisões de campanha, obedeceria aos mesmos principios, ás necessidades de hierarchia dos commandos superiores, e de aproximar tanto quanto possivel a constituição do exercito territorial da do exercito de campanha.

A distribuição geographica das unidades militares, que entre nós tem sido quasi exclusivamente feita em obediencia ás imposições do campanario e ás exigencias do deputado da localidade que faz questão do seu regimento e da sua banda de musica, deveria tambem emancipar-se d'esta nefasta influencia que tão poderosamente tem collaborado com a acção dissolvente dos governos na obra da desmoralisação e da anarchia nacionaes.

Essa distribuição deve obedecer principalmente ás condi-



ções estrategicas da defeza, isto é, ás da configuração dos theatros parciaes de operações, ao aproveitamento das linhas de defeza e ser feito em harmonia com os recursos imprescindiveis que a rede ferroviaria representa — e baseando-se n'uma perfeita hierarchisação das circumscripções regionaes de recrutamento e reserva.

A actual primeira reserva, destinada á mobilisação regimental e á formação do exercito de campanha, ficaria a cargo dos regimentos, em cujas attribuições mal se comprehende que não seja a principal a de zelar e fiscalisar tudo quanto interesse o seu pé de guerra.

C) A organização das reservas, que entre nós tem sido objecto da actividade febril e inconstante dos nossos reformadores, mercê da interferencia e mistura de disposições que se têm accumulado, chegou a tal cahos e confusão que a sua reconstituição sobre principios claros e bem definidos se tornou n'uma das mais impreteriveis exigencias do nosso mecanismo militar.

Posta de parte a primeira reserva, que, no nosso entender, está dependente dos commandos regimentaes, importaria agrupar a segunda reserva em unidades independentes, de composição analoga ás da landwehr prussiana e formando um exercito de segunda linha, e bem assim constituir uma terceira reserva, destinada a servir de nucleo a batalhões de deposito que formariam o esqueleto das forças de terceira linha, e das tropas sedentarias.

Mas onde a organização tem de effectuar-se por completo, pois que a lei mal a esboça entre nós e pouco mais faz do que dar-lhe uma designação, é no que diz respeito ás reservas não instruidas. isto é, ás constituidas pelos sorteados, cujos numeros de sorteio excederam o mais alto do contingente parcial que foram destinados a preencher segundo a repartição do contingente total feita proporcionalmente á população das circumscripções administrativas (concelho, parochia).

Com effeito, ao lado dos differentes escalões que consideramos na sua passagem pelo effectivo e successivamente pela pri-



meira, segunda e terceira reservas, teriamos que considerar as tropas complementares ou reserva de recrutamento para nos apropriarmos da designação prussiana, e que são entre nós constituídos pela segunda reserva não instruída, isto é, pela segunda porção dos contingentes annuaes, cujo numero de sorteio é superior ao mais alto dos chamados á fileira, e que são obrigados a preencher as vagas do effectivo até ao sorteio do anno seguinte.

Estas tropas são-no apenas de nome entre nós, pois que não possuem a mais leve noção dos seus deveres militares. Chamar-se-lhe segunda reserva *não instruída* ou negar-lhe uma sombra de organização, são coisas perfeitamente identicas.

Ora esta segunda porção dos contingentes annuaes mereceu do principe de Bismarck uma sólida organização pela lei de 11 de fevereiro de 1888, que veio augmentar as forças disponiveis em caso de guerra, completando o pensamento da lei de 9 de março de 1887, sobre o septenato militar, que augmentára os effectivos de paz, elevando de 40:000 homens o contingente annual.

Esta reserva de recrutamento é obrigada a uma série de periodos d'instrução militar, de dez, seis e quatro semanas, e além de preencher as vagas dos effectivos de paz, são destinados no acto da mobilisação a completar os effectivos de guerra e os batalhões de deposito.

É uma organização completa, cujo estudo se deve recomendar á attenção dos nossos organisadores, porque n'ella reside a base essencial que deve presidir á formação dos exercitos modernos, verdadeiras milicias que um movimento de re-ajoaria basta para transformar em formidavel machina de guerra.

É n'uma boa organização de reservas e n'um estado minucioso dos planos de mobilisação feitos de harmonia com as hypotheses de guerra, que reside a economia dos exercitos d'hoje.

Facilitar e diffundir a instrução militar, obter a maxima perfeição na montagem e desmontagem d'este complexo orga-



nismo por fórma tal que a actividade nacional não seja esmagada pelo peso dos seus armamentos, nem surpreendida pelo ataque dos seus inimigos, eis o que devemos proseguir.

D) A esta organização prende-se d'um modo intimo a constituição do serviço de estado-maior, questão importantissima e palpitante e que em Portugal tem atravessado uma verdadeira crise.

Se em algum ponto a organização prussiana merece a admiração mais incondicional, é com certeza ao corpo de estado-maior que ella cabe.

O movimento de imitação de que elle foi alvo e que se produziu em toda a Europa logo em seguida ás excepçoes victorias alcançadas pelas armas prussianas, é o mais claro indicio da superioridade da sua constituição.

Em Portugal mesmo, e não se póde dizer que madrugue-
mos para as innovações, já ha muito tempo que alguns dos
nossos mais distinctos escriptores militares, os snrs. D. Luiz da
Camara Leme, Cunha Vianna e Sousa Telles, preconisaram a
excellencia do systema prussiano e propuzeram a sua adapta-
ção ao nosso exercito.

O snr. Sousa Telles, o mais incansavel propagandista das
modernas idéas que sobre este ponto têm sido apresentadas nas
principaes potencias militares, apresentou mesmo um projecto
de reorganização do corpo de estado-maior, em 1878, que ainda
hoje, com pequenas variantes introduzidas pelo progresso das
sciencias militares, como o proprio auctor reconhece necessario,
seria de vantagens consideraveis para o exercito.

Não sendo intenção nossa, nem proprio do character d'esta
revista, entrar em minudencias technicas de organização, vamos
comtudo passar rapidamente sobre o que n'este campo nos
resta fazer.

A necessidade de constituir um pessoal apto para as ele-
vadas funcções, que são inherentes ao serviço de estado-maior,
inspirou aos ministros que ultimamente têm sobraçado a pasta
da guerra, a idéa de reformar este serviço.

A principal innovação, e é fundamental, está no recruta-



mento dos novos officiaes de estado-maior. Deixa de ser um corpo fechado, para o qual o ingresso era apenas permittido sob uma base falsa — a classificação ou merito mathematico dos alumnos militares comprovado no curso theorico da Universidade e polytechnicas.

As condições de entrada são outras. Os officiaes de todas as armas concorrem ao novo curso de guerra, dadas certas qualidades de superioridade militar e professional comprovadas em serviço. É o merito militar que se substitue, e com razão, ao merito mathematico, como criterio para apreciar a idoneidade dos novos candidatos.

A academia de guerra transforma-se por esta fôrma n'um verdadeiro centro de diffusão da alta sciencia militar. Todos são chamados a completar a sua educação militar.

O nivel scientifico do exercito eleva-se e a selecção para os altos commandos apura-se; torna-se mais solida a garantia offerecida pela competencia dos novos chefes, e obvia-se a esta velha crise do commando com que sempre luctámos, e de que nunca sahimos senão pela importação de chefes estrangeiros.

A isto allude o snr. Sousa Telles na sua *Organisação do estado-maior do exercito*, quando diz:

«Em conformidade com os principios em vigor nas organisações modernas do estado-maior, esta instituição não tem unicamente em vista crear um pessoal habilitado para o serviço do estado-maior, tem tambem outra missão mais elevada, a de formar officiaes habilitados para os commandos superiores. Da mesma maneira que o curso superior de guerra é considerado como a preparação para o serviço do estado-maior, assim este serviço é a preparação para o generalato».

Sem entrarmos na apreciação do organismo interno do estado-maior general destinado a auxiliar o commando em chefe ou do estado-maior das tropas destinado a prestar o mesmo serviço junto dos commandos subalternos (divisões, inspecções geraes, commandos das armas, etc.), vamos apenas referir uma distincção fundamental e importantissima, aceite como um prin-



cipio reconhecido em todos os exercitos e a que o snr. Sousa Telles se refere no trabalho já citado, a pag. 24 e 25.

Essa distincção e as relações que a ligam ao exposto na terceira parte do nosso artigo, fornecer-nos-hão as considerações finaes e que são como a synthese das affirmações anteriores.

Diz o snr. Sousa Telles:

«No momento da decisão d'uma guerra, o commando em chefe, que durante a paz era unico, subdivide-se em dois: o commando em chefe do exercito activo, que marcha para o theatro das operações, e o commando em chefe do interior, que exerce a sua acção sobre o resto do exercito em pé de paz ou em mobilisação, e sobre todos os outros elementos e recursos militares de toda a especie, sendo gèralmente designado pelo nome de *commando militar superior do interior*.

«D'esta subdivisão dos commandos resulta necessariamente igual subdivisão nos estados-maiores e o estado-maior general dividir-se-ha em estado-maior do commando militar superior do interior e em estado-maior do «commando em chefe do exercito activo, o qual se exerce junto das tropas em operações, sendo por isso comprehendido no grupo geral que designamos com o nome de estado-maior das forças mobilisadas».

«Da mesma maneira, o commando de uma divisão territorial, subdivide-se em tempo de guerra, em commando da divisão activa e em commando militar da divisão, e analogamente os respectivos estados-maiores ».

Esta distincção, que é essencial para a constituição e attribuições dos commandos superiores e subalternos, deve existir já em tempo de paz, ainda que menos accentuada, pela separação das funcções inherentes ás duas grandes categorias de elementos combatentes — o exercito de campanha (exercito activo e primeira reserva), cujas operações serão centralisadas desde o tempo de paz pelos estados-maiores do commando em chefe do exercito activo e dos commandos das divisões activas — e as tropas de reserva (segunda e terceira linha) centralisadas pelos estados-maiores do commando militar superior do interior e dos commandos militares das divisões.



Ahi deixamos esboçados os principios e as bases da organização do nosso exercito como o entendemos, as idéas-mães que devem inspirar uma remodelação completa e radical dos serviços militares.

Ha muitos serviços por organizar, outros por completar, outros que esperam a hora da sua remodelação. Alguns existem de nome, e outros nem essa consagração da sua existencia têm nas nossas leis. De character mais minucioso, tecnico e professional, a sua analyse, posto que interessante, tem o seu logar nas revistas especiaes e destoaria dos intuitos d'este artigo.

Mosar.



REVISTA SCIENTIFICA

A REMODELAÇÃO DO ENSINO TECHNICO E O PROJECTO BENSAUDE

Mais uma vez o nosso ensino technologico superior vai passar por uma remodelação destinada não só a uma outra alteração gradativa no seu modo de ser funcional e organico, mas principalmente para acudir com uma percentagem, decerto diminuta e mesquinha, ao justo e natural appello dos governos que reclamam economias em toda a sorte dos serviços publicos.

Serão dois os projectos de reforma, correspondentes aos institutos de Lisboa e do Porto, e respectivamente incumbidos a commissões escolhidas no pessoal docente de cada um dos estabelecimentos. Á hora em que isto se escreve, são apenas conhecidos do publico os trabalhos do Instituto de Lisboa; e como a REVISTA vai analysar o assumpto de alto, ou seja apreciar o parecer de Alfredo Bensaude, o melhor, o mais seguro, o mais lucido, o mais opportuno e o mais efficaz que porventura se possa actualmente conceber, é-nos inteiramente dispensavel o conhecimento das reformas definitivas que o governo irá referendar. Se, nos traços fundamentaes, os projectos se aproximam do parecer Bensaude, as referencias que aqui se exarem cabem-lhes naturalmente; n'outro caso é mais uma tentativa infructuosa a registrar.



É necessario, porém, que, antes de estudarmos o Parecer, saibamos quem é o homem; isto é, no paiz, d'uma significação e importancia incontestaveis, tão habituado se está a ver no trabalho intellectual, aparentemente isento ou valido, o reflexo d'um egoismo ou o espelho d'uma incompetencia. Primeiro que tudo Alfredo Bensaude é um dos mais eminentes mineralogistas de agora, com uma bibliographia scientifica restricta, por certo, mas superior na qualidade, preparando uma larga obra que aos seus intimos permite suppôr seja, de futuro, duradoira e classica, convidado por uma universidade allemã para a regencia da materia e citado já nos pequenos compendios que andam na mão de todo o mundo como uma auctoridade reconhecida pelo prestigio que alcançaram as suas monographias. Repare-se que a Allemanha não vem frequentemente pedir a collaboração, nas suas escolas, da sabedoria portugueza, que a sciencia nacional raramente logra uma referencia que não seja apenas uma gentileza amavel, e que os seus trabalhos originaes, de valor e ruido, são aquelles que os senhores estão vendo.

Depois, os que conviveram com Alfredo Bensaude, sabem como, áparte a especialidade que o lançou no mundo scientifico, a sua capacidade intellectual é ampla, as suas curiosidades de espirito inestancaveis, a sua ancia de saber sempre progressiva, interessando-se pelo problema social, anthropologico e historico do momento, como pela torturada complexidade das actuaes evolução e revolução estheticas, fazendo um interior adoravel de recato e doçura, em que se nos revela simultaneamente homem de letras, musico e antiquario, — comsigo e com os seus escolhidos, bem se entende — algum *sport*, sua pontinha de mundanismo até. Contrasta esta bella physionomia, intelligente e forte, polida e rara, com a de tantos homens que por ahi se topam, frivolos como mulheres, grosseiros como soldados, e indo assim na vida sempre em triumpho, a vacca e o riso do publicista alcançados, o respeito da opinião publica, «dont on dit tout bas que c'est presque la même chose que l'opinion du marchand de vin», na phrase de Huxley, sem o entusiasmo e o fanatismo da verdade, alheios senão hostis ao



espírito elementar de bem commum e de nação, utilizando do paiz só o que elle lhes póde dar de conforto e regalo.

Por ultimo — o que tambem importa conhecer — Alfredo Bensaude é um homem rico. Isto, que tem certo valor na vida, significa que não ha para elle conveniencias que o emmudeçam, pressões que o calem ou vinganças que o amedrontem. Vai a direito; e como vê justo e vê lucido, o seu trabalho é necessariamente, para o momento, completo e perfeito.

Mas, assim dotado, este projecto denuncia, por outro lado e infelizmente, uma ingenuidade pueril, um desvio da sua regra de viver e de pensar em pura perda, um desaforo talvez que o isolamento que se creou explica, em todo o caso, porém, uma obra inutil que nos entristece e dóe. É ponto averiguado que entre nós jámais terão successo trabalhos como esse, principalmente se a base fundamental está na deslocação ou alteração dos processos de recrutamento do pessoal, tão accessivel conforme a legislação de hoje, tão moroso, fatigante e contingente se adoptassem os preceitos exarados. Já agora parece verificado que só excepcionalmente surgem no paiz homens com uma tal capacidade de trabalho intellectual que possam corresponder ás exigencias d'um programma como o dos allemães ou o dos francezes. Na quasi totalidade os homens do ensino em Portugal, precisamente pelas vantagens e facilidades regulamentares do concurso, não são nem serão o que Alfredo Bensaude deseja: homens de merito scientifico provado por descobertas no dominio das suas especialidades, por monographias originaes, por livros didacticos de primeira ordem, sequer. As causas, além da apontada, estão ainda na escassez relativa da remuneração, na carencia de estimulo, na facilidade com que um publico estranhamente ignorante cria reputações de valor infimo, e, mais do que tudo, no mal geral de que enferma o paiz e que certamente não deixaria de tocar e reflectir-se n'essa camada. Ora se o professorado, pelas multiplices circumstancias que concorrem para impedir que elle satisfaça as ne-



cessidades do ensino, não corresponde ás exigencias da educação especulativa e, nomeadamente, technica, não ha projectos, nem legislação, nem governos que com bons intentos, um decreto e um programma alcancem a remodelação appetecida.

Objectar-se-ha que estas coisas vão de vagar e a prova está em que, de ha vinte annos para cá, se tem progredido muito. Decerto. Um illustre professor suiso dizia-me ha tempos que Portugal era, na Europa, um dos paizes que, relativamente, dispendia mais dinheiro com a instrucção. E documentou. Mas investiguemos separadamente em cada escola do reino, qual é a somma de materiaes novos para a sciencia, para a technica, para a methodologia do ensino até, e comparemol-a com a que nos fornecem os annaes de tanta escola subalterna de fóra: o paralelo é fundamente doloroso. Alfredo Bensaude, em todos os paizes que tem percorrido, viu que, insignificantes escolas communaes e cantonaes, têm representadas em armarios a fauna, a flora, os minerios e os productos industriaes mais evidentes da sua região. Aqui mesmo tenho á mão listas de molluscos, de aves, de reptis, de fosseis, relatorios de ostreicultura, de carcinicultura, de apicultura, de sericultura, innumerás notas agrológicas, faunulas e florulas locaes, subscriptas por professores de escolas primarias de Italia e França.

E no Porto, onde escrevo, ha um inedito quintal botanico, na sua escola polytechnica começam-se a enfrascar — ha dois annos! — as primeiras sardoniscas, na sua escola normal existem amontoadas as collecções elementares Deyrolle — caracoes e fosseis, algas e celenterados, macacos e esqueletos de peixes, — n'uma escola primaria (Cedofeita) as paredes são decoradas com caixas de coleopteros e cabazes oleographados annunciando a emulsão de Scott!

É licito perguntar, pois, se, com as consequencias que d'estes factos derivam, do povo portuguez ha a esperar gerações d'onde se possam recolhar homens capazes de contemporanisarem a educação scientifica e technica, não pela esclusiva adopção dos livros recentes, mas pelo processo pedagogico, pela or-



ganisação do material, pelo ensino das applicações, pelas proprias applicações mesmo.

Ignoro como explicam o facto bem patente dos pequenos paizes, tão pobres em recursos como este, se não menos, darem o avultado contingente de homens de pensamento e de trabalho que todos conhecem, ao menos, dos catalogos. Não direi, com uma fé cornea, que conviria á nação portugueza o igual e exactissimo regimen politico e administrativo da Suissa, como frequentemente affirmam aquelles que levanamente pensam adaptar, nas melhores intenções, o que na organização d'um povo determinam factos de ordem ethnica, geographica e historica; mas pasmo ao vêr as vastas memorias que annualmente surgem d'esse paiz — a paleontologia, a petrographia, a paleo-ethnologia, a zoologia, a botanica — paiz verdadeiramente saqueado por uma pesquisa e indagação sempre intensivas, sustentando mais de trinta museus, dotando outros novos, representando-se com destaque nas solemnidades scientificas, possuindo para cima d'uma centena de sociedades sabias e collecções tão bem providas e melhor ainda administradas, que lhes sobeja material para, quasi dia a dia, darem, venderem e trocarem.

Portugal, desde sempre, esteve afastado d'este movimento. E porque? Por ignorarem nas escolas esses factos, por se não viajar, por não chegarem cá as noticias dos congressos, das installações dos museus, da montagem dos laboratorios, das descobertas, dos livros, das controversias? Não, certamente. O motivo está na falta de iniciativa e da já referida capacidade de trabalho. Esse argumento facil da carencia da protecção official nada justifica agora, quando é geralmente sabido que em aguas-furtadas e barracões tiveram numerosas instituições de fóra o seu inicio; mais tarde, impostas pelo valor que accusavam, conseguiram as dotações que aqui sem duvida não seriam negadas.

Portanto, antes de conceber um programma de ensino conviria averiguar se seria exequivel. O passado, o mal actual e o seu aggravamento, no qual o professorado portuguez participa, e ainda factores de varias ordens cuja explanação



não vem para aqui, demonstram que o paiz não attingirá, por um periodo que não é licito demarcar, o movimento scientifico de fóra de sorte a acompanhá-lo e ainda menos a intervir n'elle com peso e com respeito. Isoladamente uma ou outra aptidão rebelde ao platonismo do saber, denuncia-se e com exito; mas relativamente á marcha geral da Sciencia, e a despeito das contribuições individuaes de varios, Portugal foi, de todos os tempos, um paiz menos que subalterno, para não dizer fóra da historia.

Logo na primeira pagina do seu relatorio Alfredo Bensaude diz que a rejeição dos pontos essenciaes da sua proposta, por parte da maioria da commissão incumbida de estudar a reforma, se baseia em dois pontos um dos quaes consiste em «o projecto não estar de harmonia com a opinião geral, porque n'elle se preconizam principios em desaccordo com as tradições das nossas escolas».

Isto se diz, isto se pensa!

Ora é de elementar comprehensão que, se o tradicionalismo academico, quando mau, carece de ser alterado, o abalo que supporta o habito e a opinião é em puro lucro. Nem darei exemplos: seria reeditar a historia da pedagogia. No caso que nos occupa, a proposta Bensaude relativa ao recrutamento dos professores é que esbarra d'um modo insolito contra a praxe immutavel. Averiguou como eu, como todos os que estão lendo, que a quasi totalidade do pessoal docente das escolas portuguezas provinha directa e immediatamente das mesmas, sem que previamente passasse por um tirocinio documentado em investigações originaes, em trabalhos publicos, em aprendizado na industria.

Os defeitos de origem, sempre accusados, certo, mas nunca remediados, vão reproduzir-se quando de alumno, a lei e o costume guinda a mestre. E como a remuneração é insufficiente, a vida com haveres é boa, e este rico solo e este rico clima são para desfructo, a incumbencia do ensino é apenas e simplesmen-



te um *logar* e um inicio para outros emprehendimentos estranhos á profissão.

A fórma de concurso entre nós adoptada deu o resultado de possuirmos professores incompletos e theses deploraveis. Quando em Portugal se alcança uma cadeira, a idade do candidato oscilla entre vinte e cinco e trinta e cinco annos, ao passo que lá fóra raro é encontrar um professor effectivo com menos de quarenta ou de quarenta e cinco annos. Não tenhamos o ingenuo optimismo de suppôr uma precocidade que ao estrangeiro não attinge! A explicação está, muito simplesmente para elles, muito duramente para nós, em que o candidato passou uma boa parte da sua vida dirigindo estabelecimentos fabris e obras publicas, compondo trabalhos originaes ou creando-se uma solida reputação como preparador, como assistente, como professor adjuncto. D'esta sorte perante um candidato defronta-se frequentemente com uma auctoridade respeitavel pelas contribuições pessoaes que trouxe ao desenvolvimento das sciencias que pretende ensinar. Entre nós o candidato, ao contrario, vem armado com os vicios herdados, com uma erudição necessariamente superficial, sem pratica de laboratorio, de minas, de estradas ou de fabricas, um diploma, um folheto e não raramente essa faculdade inherente á raça e requintada pelo clima — a exposição — que faz dizer á galeria — *fallou bem!* Como contraste observemos que os candidatos ao doutoramento em sciencias naturaes nas escolas de fóra têm que apresentar uma these sobre assumpto novo para a sciencia. Às vezes é um volume de seiscentas paginas ácerca d'um delicado assumpto de histologia zoologica, por exemplo; pois todas as escolas do reino, n'aquelle ramo, ainda não forneceram á sciencia cinquenta! Passado o acto destacam frequentemente esse homem para um museu a trabalhar dez, quinze e até vinte annos, afim de alcançar uma cadeira!

Alfredo Bensaude quer, pois, que este processo seja o adoptado, isto é, que para attingir a cathedra se faça antecipadamente a aprendizagem sem larga consideração pela fluencia, mas muita pelos trabalhos praticos. Isso consegue-se organi-



sando devidamente o pessoal auxiliar, isto é, provendo nos lugares de preparadores, naturalistas e assistentes, os individuos que até aqui estavam aptos para assumirem a regencia d'uma cadeira ao sahirem da escola. O trabalho continuado e intensivo é a unica e efficaz preparação para o ensino, a não ser o caso particular de apparecerem especialistas, que então concorreriam ao modo antigo, mas sempre sob a dependencia dos seus trabalhos ou das suas memorias.

Demais, porque é que se não adopta o principio da accumulção de cadeiras scientificamente relacionadas e cujo conhecimento simultaneo é mais ou menos necessario para quem conhece a materia d'uma d'ellas? Os professores são mal pagos, acontecendo que muitos não podem subsistir com a remuneração que lhes destina a lei; por outro lado a sua posição financeira fica inalteravel; como é pois que se deseja uma exclusiva dedicção ao ensino se a um trabalho intenso e productivo o mestre não vê corresponder um augmento de bem-estar na razão directa d'esse esforço? Levar apenas a vidinha ou ter escrúpulos trabalhando denodadamente é a mesma coisa quanto á situação economica do professor; não paga a pena muitas vezes tal dedicção, principalmente attendendo ainda a que, quer se trate d'um assumpto só conhecido ao cabo de longo estudo e larga immobilisação de capital, quer de materia corrente, a norma de pagamento é sempre a mesma.

Verifica-se todavia que as escolas ficam tão caras ao paiz como as de fóra. Porque? Pela preferencia de muitos professores mal remunerados por poucos bem pagos; pelo luxo até de professores substitutos! Só a accumulção póde satisfazer, do mesmo passo, as instantes necessidades do ensino e o correlativo desafoço da situação economica do pessoal docente. Isto concorrerá um pouco para se obterem excellentes professores e, porventura, homens de sciencia de primeira ordem, embora haja um perigo manifesto na applicação de tal medida, tanto nos habitos portuguezes está o vicio do favoritismo e consequentemente a quasi impraticabilidade de sua adopção.

Em tal consiste, sobretudo, o projecto Bensaude: levantar



o ensino á devida altura por via d'um pessoal sabedor, intelligente, bem pago e com muitos deveres. D'est'arte, embora sejam pequenas as verbas e deficientes as installações, lá está a boa vontade e o interesse d'um verdadeiro apostolado, o que afinal é precisamente o que sempre tem acontecido lá fóra. Desenvolver seguidamente os trabalhos praticos, ampliando os exercicios chimicos e metallurgicos, executando ensaios de argamassas e cimentos, de resistencia de materiaes e de resistencia de cabos, effeitos de trepidação sobre a resistencia do ferro e do aço, conducção de motores, trabalhos em madeira e metal, etc. etc., seria o natural complemento do ensino technico. O que urgia é que o estabelecimento dos cursos fosse apenas ditado pelas necessidades da nossa industria e nunca por espirito de uniformisação ou symetria.

Outros pontos, porém, são tocados no projecto e a sua importancia carece d'uma ligeira referencia. Para exemplo temos o defeituoso processo do ponto de vinte e quatro horas que favorece os espiritos rapidos e brilhantes, frequentemente superficiaes, em detrimento dos mais vagarosos, mas d'ordinario mais profundos; alguns minutos para a coordenação das idéas do examinando bastariam desde que o exame versa sobre os principios geraes d'uma sciencia, que a frequencia e admissão julga conhecida. O chamado exame de madureza deveria igualmente introduzir-se, afim de que o candidato fosse submettido a uma prova demonstrativa de que *sabia fazer uso* dos conhecimentos adquiridos. Ainda a especialisação dos cursos seria de necessidade instante para que, em vez de eruditos com uma instrucção geral e igualmente desenvolvida, se obtivessem verdadeiros technicos. E mais ainda, excellentemente justificados como inutilmente expendidos.

Por ultimo a organisação de sete cursos — construcções civis, machinas, electrotechnia, chimica industrial, minas, secundario de commercio e superior de commercio — com a respectiva legislação fecham o opusculo, accusando uma remodelação



inteiramente proficua, e ainda um pouco mais economica que a proposta pela maioria da commissão.

Não direi, para em tudo procurar ser justo, que o parecer Bensaude está isento de defeitos. Desnecessario seria, por exemplo, fazer entrar no quadro professores de linguas desde que era naturalmente facil obrigar os alumnos a frequental-as nos lycuus. Igualmente se nos afigura demasiado duro o § 2.º do artigo 20.º que determina, de tal modo, a diminuição dos vencimentos no caso d'uma doença progressiva. Mas estes defeitos e outros com que uma analyse meticulosa depare, em nada invalidam o merito fundamental do trabalho.

Ora seguidamente a este apontamento ácerca do projecto do dissidente era natural explanar, com vagar e detalhe, a legislação exarada no opusculo e o seu commentario em notas. Mas viu-se que a base está no modo da aquisição do pessoal, primeiro competente para alargar e levantar o ensino, depois e derivativamente imposto ás necessidades publicas e portanto ao poder central. Isto posto, a obtenção do material e das indispensaveis installações, até agora desculpa e fuga das responsabilidades não cumpridas, alcançar-se-hia naturalmente como tem acontecido para quem quer déveras trabalhar. Foi sempre assim; e os exemplos, se os quizerem procurar, temol-os de portas a dentro. O que não se consegue, e muito justamente, são opulencias de installação para problematicas locubrações e pesquisas que precedente algum garante ou justifica. Crie-se a tradição que o resto virá depois.

Por isso dizia eu a Alfredo Bensaude que o seu projecto, lucido, opportuno e efficaz, não era certamente exequivel. Não é com decretos e boas intenções que o ensino melhora; além de todos os obstaculos que impõem os habitos adquiridos, as conveniencias e as commodidades, é necessario repetir sempre que não temos homens. Individualmente todos affirmam e certificam a nossa inferioridade no ensino; corresponde por seu turno a esta certeza um esforço de iniciativa em cada um? Perante o



mal geral que todos accusam, mas a que raros se subtraem, eu julgo, meu querido Alfredo, que, exactamente como para o paiz, a refundir o ensino, dever-se-hia começar por refundir os seus homens. E possivel? Suas duvidas! Isto proseguirá assim a despeito das boas vontades isoladas, de letras e palavras, de leis e projectos.

Tristeza? Resignação? Não. O papel d'este povo está de ha muito cumprido; assim na sua agonia lenta houvesse sequer a noção da irreparavel ruina, um fado já corrido, para se acabar como impotentes, mas não como tolos!

Rocha Peixoto.



REVISTA DE CRITICA LITTERARIA

O LIVRO DE AGLAIS, por Julio Brandão

Ha uma paisagem que traduz este estado d'alma que os modernos têm a miudo, fino tedio, que os dolore: — pantanos, agua quieta até a um crepusculo livido, muito arredado, morto... Aguçados, a sua vida é uma emoção contínua, quasi dolorosa, que a Analyse exaspera: e moços, elles têm o cansaço de quem tudo tem vivido. São estes espiritos já afinados por excepção, que annunciam a morte da Humanidade pela nevrose? O que é certo é que este estado dolorido se traduz nos litteratos em livros pervertidos e nos desgraçados em crimes. Doença mysteriosa, manifestada já por ignominias, por perversidades diabolicas, por crimes de pensamento, que não se realisam ainda, — mas que em breve lançarão a Humanidade, por este fim de civilisação, n'um terrivel delirio. Então os assassinos d'um exotismo artistico, os livros raros e excessivos, phantasticos sonhos, complicadas e quasi diabolicas theses, florescerão, e n'um uivo, com vontade de torcer, toda esta gente se aniquilará — e a Perversidade ha de triumphar, unica. Não assassinamos nós, os modernos, em horas malditas, pessoas queridas, com um delicioso arripio; não fizemos do peccado e do remorso um prazer; e não andamos avidos á procura de sensação até no crime? E este desdobramento de personalidade, esta discussão, esta aguda analyse da nossa alma, que nos é tão propria — não é doentia? Não póde ser falso, todo este christianismo e livros que são uma tortura e theorias d'uma originalidade



perdida em brumas. Isto deve representar uma irrealisavel aspiração, um estado de espirito que se não define — esta nevrose que n'uns se traduz n'um estado de saudade, e que aproxima outros do Passado. A propria caridade é um feilho de nevrose. Ellas ahi vão as pallidas mulheres, pallidas como martyrios, curar feridas nos humildes, por nevrose. Anarchistas, meus irmãos, vós sentis, theoristas, terroristas, que é necessario destruir. Não é uma formula que vós quereis realisar: sem o comprehender, vos vêdes que ha necessidade de aniquilar. O Peste, ó Fome!... E necessario que a Humanidade repouse n'um forte banho de rusticidade... Chimeras irrealisaveis nos que, macecados, se prostram aos pés do Crucificado, n'um arripio de dôr!... Vós sois diabolicos, eu vol-o digo, e vós medios, que, n'um delicioso medo, quereis fixar por formulas incompletas os espiritos: e vós, mulheres, que n'um delirio chamaes por Jesus e nos hospitaes, Irmãs de Caridade, banhaes de lagrimas, senhoras! as feridas e a lepra dos pobres — vós sois nevroticas á procura de emoção. Andam agora, á hora a que escrevo, mortiço o olhar, retalhada a alma, pallidos homens, a seguir uma Visão, a architectar um Sonho ou um Crime; encharecados na lama, os nihilistas, constroem minas, mordidos de terror... Minai! minai, delineai crimes, architectai chimeras, que o grande crime está tambem para breve!

Esta litteratura nova, sem saude, tão magoada, é uma primeira manifestação. Hão de seguir-se os livros perversos, os livros d'um exotismo terrivel. E que esta aspiração para o passado, o desalento, o estado de saudade, a procura ávida de Ideal, que se lê nos livros modernos, não exprime o que digo? Odio á complexidade, á modalidade, que n'uma furia é todos os dias aguçada pela Analyse, e que é amada como as mulheres perversas o são. Os modernos que se interroguem; no socego d'uma cella, na austeridade d'um grande inverno, tão propicio á vida interior e de meditação, que revolvam a lama das suas almas...

Leiam-nos. O que logo se nota nos livros novos é a falta



da mulher e do amor. Julio Brandão, o unico que o estado de doença simplifica, é o unico tambem que a canta. Mas aquillo é uma saudade, é o chorar d'uma vida que elle quereria viver, é o seu sonho, que elle põe no seu livro. Elle tem pena de não ser assim. E depois é sempre o amor d'uma Morta, muito vaga, que elle evoca, para exprimir estados de alma.

E como são doentias as suas mulheres! Todas ellas têm um pouco d'essa Dona mystica, symbolo de graça e de amor que no céo vai pedindo por nós; todas ellas se parecem um pouco com Maria — a graça, a devoção, o amor. E não é doentio este Ideal feminino, Ideal em que repousa o culto de Nossa Mãe? Que douto mestre de espirito disse que Ella tinha ganho mais almas para o céo, do que toda a Trindade catholica? É a attracção irresistivel do eterno feminino que o faz cantar, não a mulher, mas quasi a Virgem, adornada de graças.

Apenas na sua nova feição o poeta canta, como nos *Versos á Joanninha*, as simples raparigas, singelas e candidas. Mas isto não representa uma aspiração, o Supremo Feminino: é a graça tocante d'essas raparigas que o prende.

Este *Livro de Aglais*, na sua ultima parte revela um poeta de primeira ordem, talvez com menos phantasia do que outros novos, mas muito mais completo e muito mais emocionante. Simples? simples, emquanto não se encontrar palavra definitiva que exprima melhor esse raro dom de traduzir a idéa nas palavras unicas. Vejam essa suggestiva composição, numerada xxiv, para mim a mais bella do livro, toda em *nuance*, admiravel. É n'essa composição que Julio Brandão me parece mais sincero. As poesias campestres, com um festivo cheiro a camoeza e a alfazema, representam n'elle esse amor, que em determinados estados de alma, os modernos sentem pelo campo. Mais nada. E não me parece mesmo que se possa fazer d'isso um Ideal: convenho que seja excellente escrever um livro de bucolica sobre a vida rustica portugueza, inexplorada ou falseada pelos velhos poetas — e deve ser um bello livro assim, feito por Julio Brandão, que os espinheiros em flôr, as fructas e os costumes d'aldeia, commovem — mas mais nada...

Como comprehender que um moderno possa sentir com simplicidade? Simplicidade? Mas isto não é simplicidade: é a expressão aguçada, é a expressão quasi alma. E essa vida simples não póde representar a nossa aspiração, na verdade tão diversa; não, ella é apenas demonstrativa de um curto estado psychologico. A simplicidade é nos novos antes uma maneira de se darem uma sensação.

O *Livro de Aglais* prende-nos pelo encanto, pela graça tocante de doente com que o poeta se exprime. Nem um arranco mais alto: tudo se harmonisa, tudo corre n'uma feição de mágoa limpida, luarisada. E tudo é commovido n'este livro. Na segunda maneira, mais pessoal, o poeta canta as ingenuas raparigas, de olhos garços, que esperam os noivos do Brazil, as dobadeiras que fidalgos vêm buscar em casamento, quando as avósinhas tremulas ficam n'um espanto, os peregrinos, que de bordão e sacola, poentós, vão batendo de porta em porta — e modernizando velhos moldes poeticos, xacaras e soláos, a que elle dá um tom novo, diz aventuras de cavalleiros e de donas... E toda esta poesia rescende um cheiro a lenda e a contos de avósinhas queridas, dobando as suas miadas, n'um interior solheiro, com santos sob redomas e murta, e a lamparina a arder entre jarras com cravos. É que os velhos tempos têm ainda para nós um limpido encanto. Quasi todos conhecemos ainda alguma d'essas velhinhas portuguezas, ralhando com os santos, festeira e quasi menina; guardamos o sabor de encantadores costumes, de tantas coisas para sempre perdidas...

É assim que o *Livro de Aglais* me parece d'entre os livros dos novos, o mais completo. Todos os outros são pessoas, bellos sem duvida, mas nenhum como este tem a emoção e o sentimento e a harmonia, que Julio Brandão, com o seu temperamento de doente e de impressionavel, conseguiu fixar em quasi todas as poesias.

Raul Brandão.

FIM DO QUARTO VOLUME.



INDICE

	Pag.
Anthero de Quental	v
Arte (A), a critica e os artistas portuguezes no salão parisiense de 1891, por <i>Jayme Batalha Reis</i>	142
Bibliographia 115, 252, 386,	521
Cancioneiro da «Revista», por <i>Alice Moderno e João Saraiva</i>	617
Cartas de Fradique Mendes, por <i>Eça de Queiroz</i>	45
Cartas da ultima hora, por <i>Alberto d'Oliveira</i>	433
Carvões portuguezes, por <i>Wenceslau de Lima</i>	453
Circulação (A) monetaria e o banco de Portugal, por <i>Rodrigues de Freitas</i> .	393
Clarita, por <i>Alexandre Braga, filho</i>	473
Curso de lingua portuguesa archaica, por <i>J. Leite de Vasconcellos</i>	314
Esquisse de la marche de l'étude géologique du Portugal, por <i>Paul Choffat</i> .	622
Evolução (A) das idéas no seculo XIX, por <i>Affonso Vargas</i>	279
Exercito (O) nacional, por <i>Mosar</i>	781
Hontem e hoje, por <i>Alberto Sampaio</i>	127
Idéas e factos, por <i>J. L.</i> 203, 327, 481,	651
Idyllio triste, por <i>Antonio Feijó</i>	49
João de Deus e a renovação do moderno lyrismo, por <i>Theophilo Bra-</i> <i>ga</i> 257, 412,	556
Massi-kesse, por <i>Caldas Xavier</i>	61
Ora Maritima, por <i>F. Martins Sarmiento</i>	481
Pharmacia Pires, por <i>Julio Brandão</i> 586,	703
Poesias de H. Heine, por <i>Isabel Leite</i>	224



	Pag.
Politica interna, por <i>Jayme de Magalhães Lima</i>	105, 233, 371, 513
Questão (A) colonial, por <i>Alvaro de Castellões</i>	640, 691
Revista de critica litteraria, por <i>Alberto d'Oliveira e Moniz Barreto</i>	682
Revista de critica litteraria, por <i>Raul Brandão</i>	813
Revista de critica litteraria, por <i>Theophilo Braga</i>	244
Revista de politica europeia, por <i>Moniz Barreto</i>	490, 659
Revista scientifica, por <i>Rocha Peixoto</i>	350, 504, 670, 802
Situação (A) geral da Europa e a politica exterior de Portugal, por <i>Moniz Barreto</i>	81
Sonho (Um), por <i>Bernardo Pinheiro de Pindella</i>	776
Vida (A) de Nun'Alvares, por <i>Oliveira Martins</i>	1
Villas (As) no norte de Portugal, por <i>Alberto Sampaio</i>	29, 741
Visita (Uma) a Benares, por <i>J. C. Berkeley Cotter</i>	569
Xanó-Poy, por <i>Antonio Joaquim</i>	166

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Fros. Pradense	
BIBLIOTECA	
Adquirido de	<u>Cobral</u>
Oferta de	<u>—</u>
<u>21 / 11 / 74</u>	<u>cr\$ 175.00</u>



